

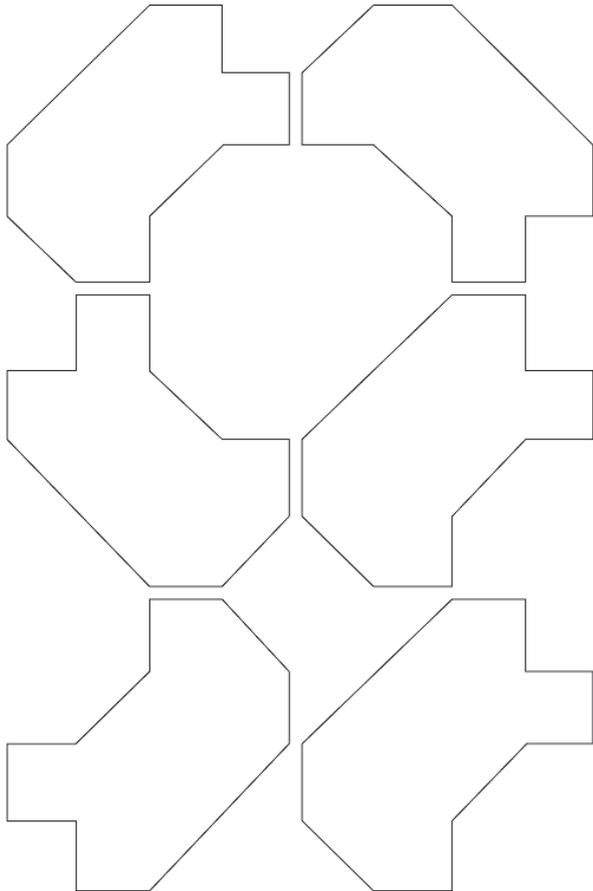


ALCÍLIA AFONSO DE
ALBUQUERQUE E MELO | ORG

CAMPINA
GRANDE
moderna



 EDUFCCG



ALCÍLIA AFONSO DE
ALBUQUERQUE E MELO
ORG.

CAMPINA
GRANDE
moderna

ORGANIZAÇÃO:

Alcília Afonso Albuquerque e Melo

CORPO EDITORIAL:

Alcília Afonso A e Melo (PPGH-UFCG)
Aline Carla de Medeiros (PPGSA-UFCEG)
Ivanilson Santos Pereira (Mestrando FAU - USP)
José Otávio Aguiar (PPGH-UFCEG)
Kainara Lira dos Anjos (PPG-MDU/ UFPE)
Keila Queiroz e Silva (PPGH - UFCEG)
Lizia A Villarim | Doutoranda (PPG-MDU/ UFPE)
Mauro Normando M Barros Filho (PPGAU-UFPB)

CONSELHO EDITORIAL DA EDUFCEG:

Anubes Pereira de Castro (CFP)
Benedito Antônio Luciano (CEEI)
Eivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro da Costa Rego (CTRN)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Valéria Andrade (CDSA)

criação da capa:

Ivanilson Santos Pereira

Diagramação-Projeto Gráfico:

Ivanilson Santos Pereira

Revisão:

Milena Carneiro Reis

COLABORADORES:

Camilla Thais de Meneses Landim
Diego Claudino de Sousa Diniz
Ingrid Mikaella de Oliveira Lima
Ivanilson Santos Pereira
Julia Ribeiro Maranhão Leite
Roberta Cordeiro Rodrigues
Vitória Catarine Soares Pereira

Rua Aprígio Veloso, 882, Bairro
Universitário 58.429-900, Campina
Grande, PB.

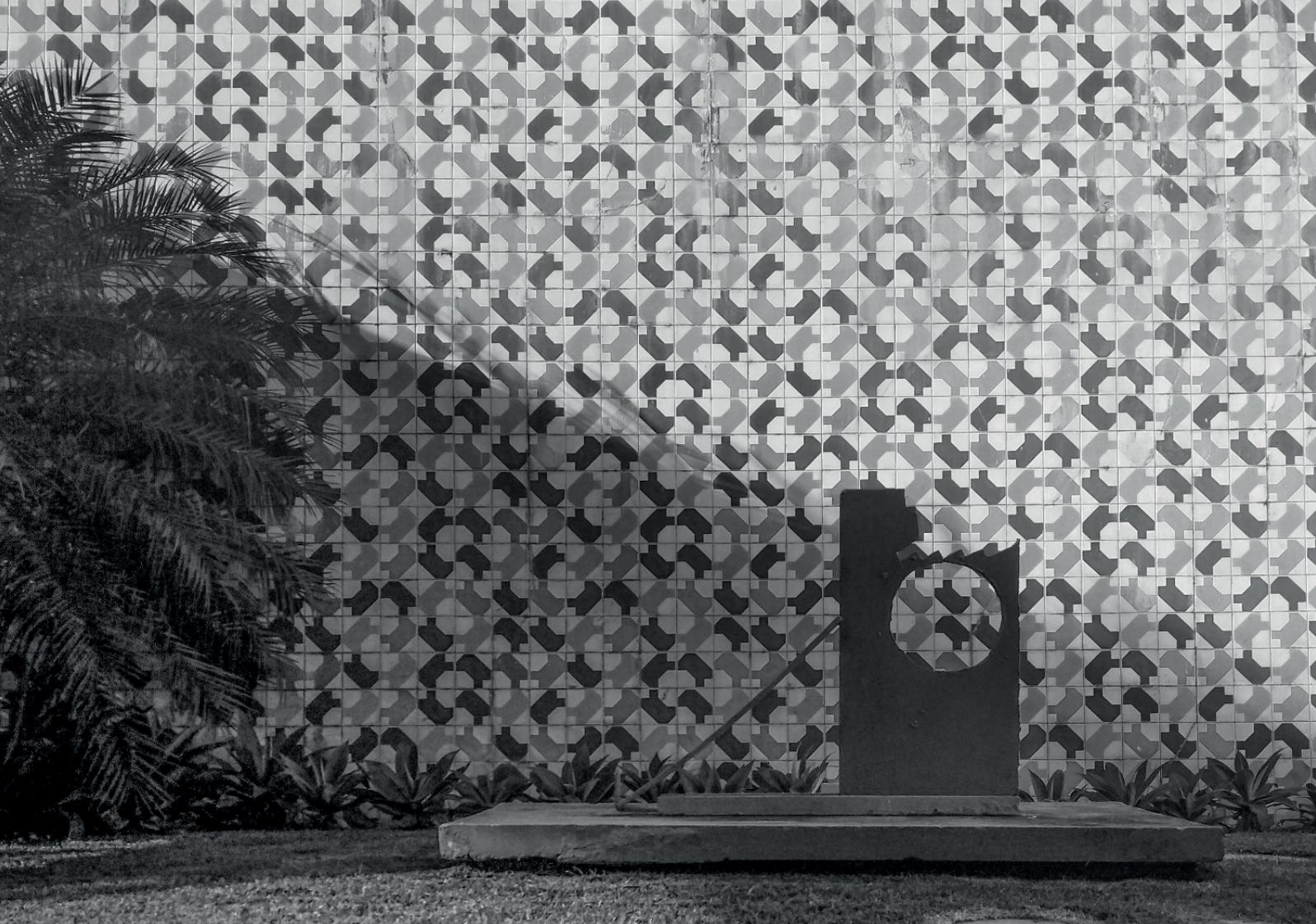
©2022, Grupal UFCEG

C196 Campina Grande moderna [recurso eletrônico] / Alcília Afonso de Albuquerque e Melo organizadora. – Campina Grande: EDUFCEG, 2022. 600 p.

E-book (PDF)
ISBN 978-65-86302-63-9

1. Arquitetura. 2. Patrimônio Moderno. 3. Lugar. 4. Arquitetura Moderna – Campina Grande-PB. I. Melo, Alcília Afonso de Albuquerque e. II. Título.

CDU 72



APRESENTAÇÃO

O trabalho que aqui apresenta-se, possui como objetivo, produzir uma documentação sobre a arquitetura produzida na cidade de Campina Grande, durante o recorte da modernidade, abrangendo o período dos anos 50 a 80 do século XX.

Fundamental é retomar o conceito de documentar e de documentação, trabalhado pelo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1988) para entender-se o ponto ao qual se pretende chegar com esse trabalho.

Aurélio (1988, p. 228), conceitua documento, “como qualquer base de conhecimento, fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudos”, e coloca ainda que a documentação, pode ser entendida “como um conjunto de técnicas que tem por fim, a

pesquisa, reunião, descrição, produção e utilização de documentos de qualquer natureza”. E esclarece que a documentação pode ser compreendida ainda, “como um conjunto de documentos destinado a esclarecer ou provar determinado assunto ou fato”.

E vem a ser exatamente isso, que se pretende com essa coletânea sobre a arquitetura moderna campinense: uma proposta de reunir parte da documentação com enfoque arquitetônico, sobre os principais personagens, obras, princípios projetuais, relações profissionais, que colaboraram na construção do acervo moderno em Campina Grande, e que possa servir de base, de “semente” para o aprofundamento futuro dos capítulos a serem expostos no livro.

Justifica-se tal obra, como uma maneira de contribuir com a preservação patrimonial arquitetônica local, regional e nacional- em um cenário dominado por uma crise patrimonial brasileira, que apresenta um quadro difícil, com a falta de uma política preservacionista em todos os seus níveis, e que deveria incentivar as pesquisas, a capacitação técnica, a preservação do arquitetura em todo seu arcabouço documental e da própria obra em si.

Documentar sem dúvida, é um primeiro passo do trabalho de preservação patrimonial. Reunir as informações através de levantamentos arquitetônicos, de ferramentas como o redesenho, a reconstrução virtual, permite com que estas edificações sejam resgatadas, analisadas, documentadas- trazendo à tona, seus atributos arquitetônicos, seus valores projetuais, construtivos, espaciais e socio-culturais.

A intenção ainda, é formar um arcabouço que possa subsidiar possíveis intervenções futuras, caso o imóvel em pauta ainda não tenha sido drasticamente demolido.

Esse resgate documental vem sendo realizado pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar/ Grupal, vinculado ao curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG, e desde maio de 2015, atua levantando informações referentes à produção arquitetônica moderna campinense.

Ao longo desses anos, foram mais de quinze pesquisas arquitetônicas, que resultaram em artigos publicados em eventos científicos, na realização de monografias de trabalhos de conclusão de curso, em projetos de dissertações de mestrado.

E assim, reúne-se aqui, parte dessa documentação, que foi dividida em seis eixos temáticos ou partes, compostas pelo total de vinte e cinco capítulos, que através de textos, e de ricas imagens de desenhos originais, redesenho, fotografias, expõem a riqueza do acervo moderno produzido em Campina Grande.

Os capítulos foram produzidos por pesquisadores do Grupal, que realizaram trabalhos de pesquisa de iniciação científica, quando estudantes

na graduação de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG.

Dedicaram-se no mínimo, um ano a cada um dos temas escritos nos distintos capítulos. Muitos dos autores, continuam estudando seus autores e respectivas obras, ou mesmo, determinada edificação, pois observou-se que, quanto mais investiga-se, mais temas vêm à tona, interligando e conectando as informações, os saberes.

Dessa forma, a primeira parte do livro, dedica-se a realizar esclarecimentos iniciais, expondo no primeiro capítulo, a metodologia adotada pelo grupo de pesquisa ao trabalhar com objetos com valor patrimonial.

No segundo capítulo foi realizada uma síntese referente aos projetos de pesquisa desenvolvidos ao longo desses anos, expondo a trajetória do grupo de pesquisa Arquitetura e lugar em prol do resgate documental da arquitetura moderna campinense. Ambos os artigos foram escritos por mim, que coordeno o grupo, sendo responsável pela elaboração dos projetos de pesquisa e orientações.

A segunda parte está voltada para a divulgação da produção do engenheiro civil e arquiteto autodidata Geraldino Duda; reunindo em quatro capítulos, um recorte da produção do profissional que foi um dos mais importantes expoentes modernos campinenses.

No Capítulo 03, escrito em colaboração dos pesquisadores e arquitetos Camilla Meneses e Diego Diniz, foram tratados os dados biográficos de Geraldino Duda; os mesmos autores, também foram responsáveis pelo capítulo 04, que tratou sobre a “Residência Helion Paiva: análise das dimensões arquitetônicas. 1960/1962”.

No capítulo 05, intitulado “Análise arqui(tectônica) do Teatro Municipal Severino Cabral. 1962/1988”, Diego Diniz aprofundou estudos referentes à essa obra, que é referência no cenário campinense e que foi bem estudada pelo autor durante a elaboração de seu trabalho de final de curso.

Finalmente, o capítulo 06, que tratou da “Residência Heleno Sabino: análise das dimensões arquitetônicas. 1962/1963.”, de autoria de Camilla Meneses e Diego Diniz, faz o fechamento da segunda parte,

com estudos sobre essa casa que é uma referência no cenário arquitetônico moderno local.

A terceira parte foi dedicada ao trabalho do arquiteto pernambucano Tertuliano Dionísio: no capítulo 07, foram expostos os dados biográficos de Tertuliano Dionísio, de autoria de Ivanilson Pereira, com a minha participação. O capítulo 08, tratou sobre a “Residência José Barbosa Maia: análise das dimensões arquitetônicas. 1962/1964”, de autoria de Ivanilson Pereira e Vitória Catarine.

O nono capítulo, tem como título “Aliança Clube 31: análise das dimensões arquitetônicas. 1964/1967”, também foi produzido pelos mesmos autores, que pesquisaram nos últimos dois anos, o arquiteto olindense e sua produção campinense moderna.

Finalmente, o capítulo 10, que se intitula “Central da UFCG: análise das dimensões arquitetônicas. 1977/1979”, de autoria de Ivanilson Pereira que iniciou as pesquisas em 2018, sobre o profissional que teve uma atuação forte nos projetos arquitetônicos do Campus da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG, no bairro de Bodocongó.

A quarta parte tratou da obra do arquiteto campinense Renato Azevedo, tanto como arquiteto, quanto urbanista ; E dessa forma, o capítulo 11, se dedicou a observar os dados biográficos do profissional, sendo de autoria de Ingrid Oliveira- que também escreveu o capítulo 12, que possui como título “Centro Cultural Lourdes Ramalho: análise das dimensões arquitetônicas. 1979/1982”.

A autora também ficou responsável pela montagem do capítulo 13 – “A atuação de Renato Azevedo na COMDECA na década de 70”.

O capítulo 14 – “Museu de Arte Assis Chateaubriand/ MAAC: análise crítica da conservação. 1974/1976”, é de minha autoria, que venho há anos estudando esta edificação que desperta muito interesse por sua solução projetual e construtiva, utilizando uma solução arquitetônica rica e criativa com sua planta circular e uma linguagem plástica e construtiva brutalista.

Durante sua pesquisa de iniciação científica em 2017, Ingrid Oliveira se dedicou a inventariar a obra do instigante arquiteto, que após sua

formação pernambucana, retornou para Campina Grande e teve uma atuação profissional forte.

A quinta parte foi voltada para o tema das conexões arquitetônicas, da presença pontual de profissionais que viviam em outros estados, muitos em outras regiões, que não o nordeste brasileiro, e que por isso, tiveram, que se adaptar à realidade do clima quente seco do lugar e procurar soluções projetuais distintas das que praticavam em suas cidades de trabalho.

Fiquei responsável por toda essa parte e foi muito gratificante, observar a riqueza de tais conexões. Assim, escrevi e montei os capítulos 15 ao 20, que trouxeram à tona a importância da presença de arquitetos que deixaram a sua marca na cidade e contribuíram indiretamente para a implantação e consolidação da arquitetura moderna local.

Aqui, cada arquiteto teve seus dados biográficos levantados e uma determinada obra analisada. Foram eles: o pernambucano Augusto Reynaldo, que foi contemplado com a análise da residência Vieira e Silva. 1957/1958 (capítulo 15); o arquiteto recifense, Heitor Maia Neto, autor da Escola

Politécnica da Paraíba. 1959/1962 (capítulo 16); o carioca Hugo Marques, com uma de suas obras analisadas - residência João Felinto de Araújo. 1965 (capítulo 17).

O mineiro Raul de Lagos Cirne, autor do estádio Ernani Sátiro – “O amigão”. 1974/1975 (capítulo 18); o paraibano de Mamanguape, mas vivendo a muitos anos fora do estado, em cidades como Rio de Janeiro, e Brasília- Glauco Campello: com sua obra para a estação rodoviária Argemiro de Figueiredo. 1979/ 1985 (capítulo 19).

E o carioca, Cydno Ribeiro da Silveira, autor de dezenas de obra na cidade, sendo selecionada para análise, o edifício Albano Franco – sede da FIEP. 1978/1983 (capítulo 20).

A sexta e última parte possui como tema, algumas questões pertinentes ao patrimônio moderno industrial e foi trabalhada por pesquisadoras que atuaram nessa área, tais como Julia Leite, Roberta Rodrigues, Vitória Catarine- sob minha orientação. Dessa maneira, o capítulo 21 – tratou sobre o contexto da industrialização na segunda metade do

século XX. 1960/ 1980, tendo como autora, Julia Leite.

O capítulo 22 – “As indústrias da modernidade vinculadas à construção civil: 1968/ 1971”, de minha autoria; o capítulo 23 – “Estudos tectônicos da Fábrica da Wallig Nordeste S/A. 1965/ 1967” escrito por Julia Leite; o capítulo 24 – “ Premol: análise da dimensão histórica. 1964” de minha autoria em parceria com Ivanilson Pereira; e finalmente, o capítulo 25 – “BESA: análise das dimensões arquitetônicas. 1965.”, de autoria de Roberta Rodrigues e Vitória Catarine.

Sem dúvida, sabe-se que cada capítulo poderia ter sido melhor aprofundado, mas friso que a intenção do nosso trabalho é socializar as nossas pesquisas, os resultados que temos até o momento, possibilitando o acesso a outras pessoas que desejem continuar as investigações, e a partir daqui, vemos como usar essa documentação para se preservar e conservar o acervo arquitetônico moderno.

A proposta que se almeja é de que seja possível ainda, intervir nesse patrimônio edificado de forma ética, técnica e correta: reconhecendo-se o valor

da autoria das obras, das soluções projetuais, tectônicas (construtivas), espaciais, formais, funcionais.

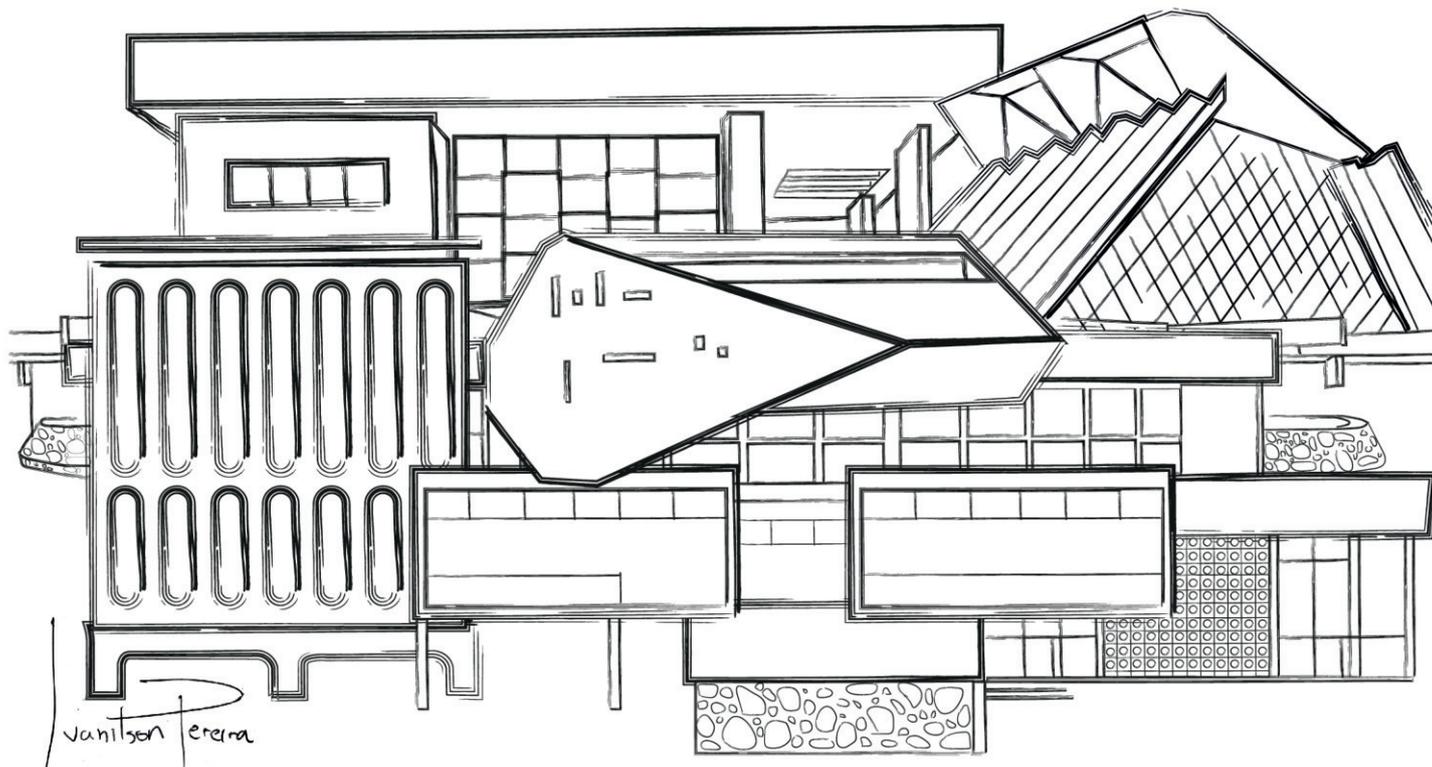
Documenta-se aqui para resgatar, salvaguardar, educar e sensibilizar a população, os estudantes em geral, técnicos, políticos, empresários- atores sociais que possuem o papel constitucional de zelar pelo patrimônio cultural brasileiro, regional e local. Estamos dando a nossa contribuição a tal processo, socializando os resultados de nossas investigações até o momento.

Alcilia Afonso de Albuquerque e Melo

Setembro de 2020

Os direitos de publicação deste livro são do GRUPAL UFCG -
Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar da Universidade Federal de Campina Grande.

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.



1 ESOLARECIMENTOS INICIAIS

CAPÍTULO 01

NOTAS SOBRE MÉTODOS PARA A PESQUISA
ARQUITETÔNICA PATRIMONIAL.

Alcília Afonso

17

CAPÍTULO 02

DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA
CAMPINENSE: A TRAJETÓRIA DO GRUPO
DE PESQUISA ARQUITETURA E LUGAR. 2015/
2020.

Alcília Afonso

49

índice

2 GERALDINO DUDA

CAPÍTULO 03

DADOS BIOGRÁFICOS.

Alcília Afonso

Camilla Meneses

Diego Diniz

81

CAPÍTULO 04

RESIDÊNCIA HELION PAIVA: ANÁLISE DAS DI-
MENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1960/1962.

Camilla Meneses

Diego Diniz

91

CAPÍTULO 05

ANÁLISE ARQUI(TECTÔNICA) DO TEATRO MU-
NICIPAL SEVERINO CABRAL. 1962/1988.

Diego Diniz

111

CAPÍTULO 06

RESIDÊNCIA HELENO SABINO: ANÁLISE DAS DI-
MENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1962/1963.

Camilla Meneses

Diego Diniz

127

3 TERTULIANO DIONÍSIO

CAPÍTULO 07
DADOS BIOGRÁFICOS
Alcília Afonso
Ivanilson Pereira

151

CAPÍTULO 08
RESIDÊNCIA JOSÉ BARBOSA MAIA: ANÁLISE DAS
DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1962/1964.
Ivanilson Pereira
Vitória Catarine

163

CAPÍTULO 09
ALIANÇA CLUBE 31: ANÁLISE DAS DIMENSÕES
ARQUITETÔNICAS. 1964/1967.
Ivanilson Pereira
Vitória Catarine

181

CAPÍTULO 10
BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG: ANÁLISE DAS
DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1977/1979.
Ivanilson Pereira

193

4 RENATO AZEVEDO

CAPÍTULO 11
DADOS BIOGRÁFICOS
Ingrid Oliveira

211

CAPÍTULO 12
CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO:
ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS.
1979/1982.
Ingrid Oliveira

223

CAPÍTULO 13
A ATUAÇÃO NA COMDECA NA DÉCADA DE 70
Ingrid Oliveira

241

CAPÍTULO 14
MUSEU DE ARTE ASSIS CHATEAUBRIAND/
MAAC: ANÁLISE CRÍTICA DA CONSERVAÇÃO.
1974/1976.
Alcília Afonso

255

5 CONEXÕES ARQUITETÔNICAS

CAPÍTULO 15

AUGUSTO REYNALDO: RESIDÊNCIA VIEIRA E 277

SILVA. 1957/1958.

Alcília Afonso

CAPÍTULO 19

GLAUCO CAMPELLO: ESTAÇÃO RODOVIÁRIA 391

ARGEMIRO DE FIGUEIREDO. 1979/1985.

Alcília Afonso

CAPÍTULO 16

HEITOR MAIA NETO: ESCOLA POLITÉCNICA DA 313

PARÁIBA. 1959/1962.

Alcília Afonso

CAPÍTULO 20

CYDNO RIBEIRO DA SILVEIRA: EDIFÍCIO ALBA- 419

NO FRANCO - SEDE DA FIEP. 1978/1983.

Alcília Afonso

CAPÍTULO 17

HUGO MARQUES: RESIDÊNCIA JOÃO FELINTO 339

DE ARAÚJO. 1965.

Alcília Afonso

Roberta Rodrigues

CAPÍTULO 18

RAUL DE LAGOS CIRNE: ESTÁDIO ERNANI SÁTI- 371

RO - "O AMIGÃO". 1974/1975.

Alcília Afonso

6 PATRIMÔNIO MODERNO INDUSTRIAL

CAPÍTULO 21

O CONTEXTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX. 1960/1980. 453

Julia Leite

CAPÍTULO 22

AS INDÚSTRIAS DA MODERNIDADE VINCULADAS À CONSTRUÇÃO CIVIL: 1968/1971. 475

Alcília Afonso

CAPÍTULO 23

ESTUDOS TECTÔNICOS DA FÁBRICA WALLIG NORDESTE S/A: 1965/1967. 493

Julia Leite

CAPÍTULO 24

PREMOL: ANÁLISE DA DIMENSÃO HISTÓRICA. 1964. 523

Alcília Afonso

Ivanilson Pereira

CAPÍTULO 25

BESA: ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1965. 547

Roberta Rodrigues

Vitória Catarine

LISTA DE SIGLAS

QUADRO DE IMAGENS 565

SOBRE OS AUTORES

599

índice

ESCLARECIMENTOS

INICIAIS

CAP 1

NOTAS SOBRE MÉTODOS PARA A PES-
QUISA ARQUITETÔNICA PATRIMONIAL.

ALCÍLIA AFONSO

1. INTRODUÇÃO

Esse texto possui como objeto de discussão a explanação de notas sobre métodos para pesquisa arquitetônica de bens com valor patrimonial, desenvolvida pela autora desde 2007, e adotada em seu grupo de investigação no desenvolvimento de projetos de iniciação científica acadêmicos e em programas de pós-graduação de instituição federal brasileira.

Devido às dificuldades dos estudantes em seguirem um método que os oriente no desenvolvimento de trabalhos investigativos, ao longo dos anos foi construída uma linha de pesquisa que dialoga com outros autores clássicos na área, como Katinsky (2005), Serra (2006), Rovira e Gáston (2007), resultando numa proposta metodológica que tem obtido bons produtos acadêmicos, como trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações, artigos publicados em periódicos, anais de eventos nacionais e internacionais.

Dessa forma, o objetivo do artigo é expor aos interessados na área a possibilidade de mais um caminho a ser seguido por jovens pesquisadores

para a elaboração de análises arquitetônicas, que não sejam apenas descritivas, mas também, críticas, agregando informações primordiais para a apreensão e compreensão do objeto arquitetônico, e relacionando-o com seus mais distintos condicionantes.

Tais análises arquitetônicas podem estar presentes tanto em estudos de casos para o desenvolvimento de projetos arquitetônicos, como também em estudos patrimoniais de edificações de distintos períodos estilísticos, que possam sofrer (ou não) projetos de intervenção.

Não se tem a pretensão de realizar aqui um estudo teórico-filosófico sobre um método de investigação, mesmo porque autores consagrados na área da metodologia da pesquisa e, especificamente, da pesquisa arquitetônica, já se aprofundaram no tema de forma clara, como Eco (1989), Serra (2006), Katinsky (2005) e Viegas (1999). De fato, as reflexões que aqui serão tratadas resultam de uma prática acadêmica ao longo de trinta e cinco anos desenvolvendo estudos, orientações e análises

arquitetônicas junto aos estudantes de arquitetura em instituições de ensino federais. Trata-se, portanto, de um caminho na análise do objeto arquitetônico após as fases da pesquisa que vão desde a coleta de dados em fontes primárias e secundárias, até a seleção de objetos arquitetônicos, os quais serão analisados e diagnosticados com fins específicos em cada caso estudado.

Sabe-se, ainda, que há muito a ajustar nesta proposta metodológica, pois o constante trabalho com novos objetos de investigação (que sempre estão surgindo) nos faz estar sempre revisando-a, acrescentando pontos de vista ou mesmo fazendo a junção de elementos a fim de aprimorá-la.

No momento, estamos trabalhando para a análise do objeto arquitetônico com valor patrimonial tendo por base o uso das sete dimensões aqui listadas como as fundamentais, em sua interação com a arquitetura: a dimensão normativa, histórica, espacial, tectônica, funcional, formal e de conservação. Sabe-se que poderiam entrar mais variantes, que criassem dimensões, mas até o momento o trabalho realizado tem se limitado a estas e está funcionando bem, conforme será exposto.

2. APORTE TEÓRICO

O objeto arquitetônico vem a ser o foco desta metodologia, isto é, a edificação: um bem imóvel, construído, possuidor de valores culturais, históricos, arquitetônicos, construtivos, espaciais, formais, funcionais e que sofrem patologias que o transformam ao longo dos anos, atuando diretamente na dimensão de sua conservação física enquanto objeto construído.

Katinsky (2005, p.43) defendeu que o objeto da arquitetura é o estudo simultâneo da coisa e sua imagem, argumento que teve um grande peso para o embasamento desta metodologia, pois se concorda com o citado autor, quando este indica que o próprio edifício (“a coisa”) é umas das principais fontes de pesquisa e conseqüentemente, de análise. Parte-se do princípio que o próprio edifício é uma fonte primária da pesquisa, “um documento construído” como descrito pelo professor:

Em história da arte e, principalmente, em arquitetura, são fontes primárias as próprias obras, os esboços e desenhos preparatórios, bem como, os memoriais, mas

também as apreciações dos contemporâneos, os depoimentos dos empreendedores, as observações dos usuários e até a escrituração comercial... e por fontes secundárias, temos considerado todos os textos de referência sobre o período estudado, como ensaios históricos e críticos. (KATINSKY, 2005, p. 46)

O que se pode deduzir dessa citação é que na pesquisa arquitetônica o edifício também é um documento, e que, portanto, a metodologia de enfoque arquitetônico e visual, através da coleta de imagens (desenhos e fotografias) tem uma importância fundamental neste estudo. Parte-se também do princípio que arquitetura é construção, conforme indicado por Costa (1995), quando escreveu que a:

Arquitetura deve ser entendida como construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa (COSTA, 1995, p. 245).

Esta compreensão de observar a época, o meio, a técnica e o programa são fundamentais. Pois, através do olhar sobre a história cultural econômica, política, social do recorte cronológico na qual foi produzido o objeto arquitetônico, pode-se ter um entendimento do processo projetual e construtivo do mesmo. Estes condicionantes certamente dialogam diretamente com o produto deste processo, a edificação, que é resultante da interlocução destas variantes.

Assim, entende-se que arquitetura é a construção do espaço, e que trabalha com diversas dimensões em seu existir, entre elas a dimensão espacial; estética; técnica; ambiental; econômica; entre outras, conforme colocaram diversos autores, entre eles, Frampton, que em 1995, propôs a tectônica, como a dimensão construtiva da arquitetura, colocando-a em um nível de igualdade com a dimensão espacial e formal, que havia sido privilegiada na modernidade.

Após os anos 60, o termo tectônica foi retomado por Kenneth Frampton em três ocasiões marcantes: 1983, 1990, 1995.

Nos dois primeiros trabalhos - "Towards a critical regionalism: Six points for an architecture of resistance" (FRAMPTON, 1983), e "Rappel à l'ordre: The case for the tectonic" (FRAMPTON, 1990) -, o autor britânico utilizou o termo como argumento crítico ao pós-moderno, apoiando-se para isso em autores alemães do século XIX, como Botticher e Semper, que trataram do conceito em oposição ao ecletismo que dominava na produção artística e arquitetônica naquele período.

No livro "Studies in tectonic culture", Frampton (1995) retomou tal discussão a partir de um enfoque não apenas de argumentação crítica, mas como uma abordagem teórica-analítica. Ele começou por uma revisão da etimologia do termo para, em seguida, analisar as tradições construtivas francesas e alemãs, e, depois, aplicar o conceito de tectônica ao estudo das obras de seis mestres da arquitetura moderna: Frank Lloyd Wright, Auguste Perret, Mies van der Rohe, Louis Kahn, Jorn Utzon e Carlo Scarpa.

Através da análise das obras de arquitetos modernos, o autor observou a importância em se privilegiar o potencial expressivo estrutural, dos materiais

e técnicas construtivas, defendendo a tectônica como "a poética da construção", que enfoca o envoltório do espaço arquitetural em sua dimensão material e tátil, com ênfase para os nexos entre expressividade arquitetônica e materialidade. O trabalho teve repercussão internacional, e até hoje é considerado a mais importante obra sobre a noção de tectônica, o grande responsável pela popularização do conceito na atualidade.

Para Frampton a tectônica se refere, não unicamente à estrutura, mas à pele da construção (o envelope), e, assim, ao seu aspecto representacional, demonstrando que a construção é uma complexa montagem de elementos diversos. Assim, o uso do termo tem como premissa a existência, em arquitetura, de um juízo estético inerente ao ato construtivo, onde o fazer arquitetônico é, também, procedente da cultura técnica e das condições materiais em tempos e lugares distintos. Com base nele estuda-se a arquitetura não apenas como manifestação artística, mas também, como fenômeno tecnológico.

Outro conceito que aporta a construção desse artigo trata-se do entendimento do que vem a ser

o projeto arquitetônico, entendido aqui como um processo, que aparece como ferramenta para se criar a Arquitetura. Por processo compreendem-se as formas de proceder do arquiteto, que, além de enfrentar as condições e dificuldades técnicas próprias do trabalho a ser desenvolvido, põe em jogo suas capacidades específicas de juízo e concepção. O projeto enquanto processo possui caminhos a serem seguidos, nos quais é necessária a definição de um programa a ser atendido, um lugar no qual será implantado o edifício, e um modo de construir a ser determinado.

Os condicionantes projetuais interferem diretamente na tomada de decisões, devendo ser considerado aspectos como as necessidades do cliente; as condições geográficas do lugar a ser implantada a obra (clima, vegetação, relevo, etc); os custos que poderão ser investidos na obra, interferindo na escolha dos materiais, sistemas e técnicas construtivas; entre outros.

A realização de um projeto de arquitetura, como qualquer outro trabalho, tem premissas que lhe são próprias: há um programa a ser atendido, há um lugar em que

se implantará o edifício, e há um modo de construir a ser determinado. Esse conjunto de premissas é elaborado graficamente em um desenho que opera como mediador entre a concepção do projeto e sua realização concreta (MACIEL, 2003, p.1).

No livro “Teoria do Projeto” o arquiteto e professor catalão Helio Piñón (2006) formulou uma teoria, fruto de suas reflexões suscitadas pelo ensino de arquitetura e pela prática projetual, discutindo pontos como projeto/lugar/tempo, projeto/sociedade, e principalmente a questão da forma e a matéria. Segundo ele, não há projeto sem matéria, relacionando o construtivismo e a tectonicidade, material de construção e material de projeto. Assim, sobre o processo projetual o autor comenta:

O processo do projeto consiste, na realidade, em uma série de fases sucessivas em que a passagem de uma à seguinte se apoia em um juízo estético subjetivo realizado sobre a primeira, de modo que o itinerário depende da estratégia a que os sucessivos juízos dão lugar. Tal proposta se submete à verificação tanto do programa como das condições do lugar;

dessa confrontação surgem modificações da proposta que podem afetar tanto o modo de estruturar a atividade como incidência do edifício no sítio (PIÑÓN, 2006, p. 48).

Mesmo afirmando que não é um experto em questões relacionadas ao tema patrimonial, o mestre catalão definiu o patrimônio arquitetônico como “um legado cuja preservação garantiria a consciência histórica que um conjunto social tem do âmbito espacial em que se enquadra; no limite, a capacidade do homem para ordenar o espaço construído” (PIÑÓN, 2006, p.162).

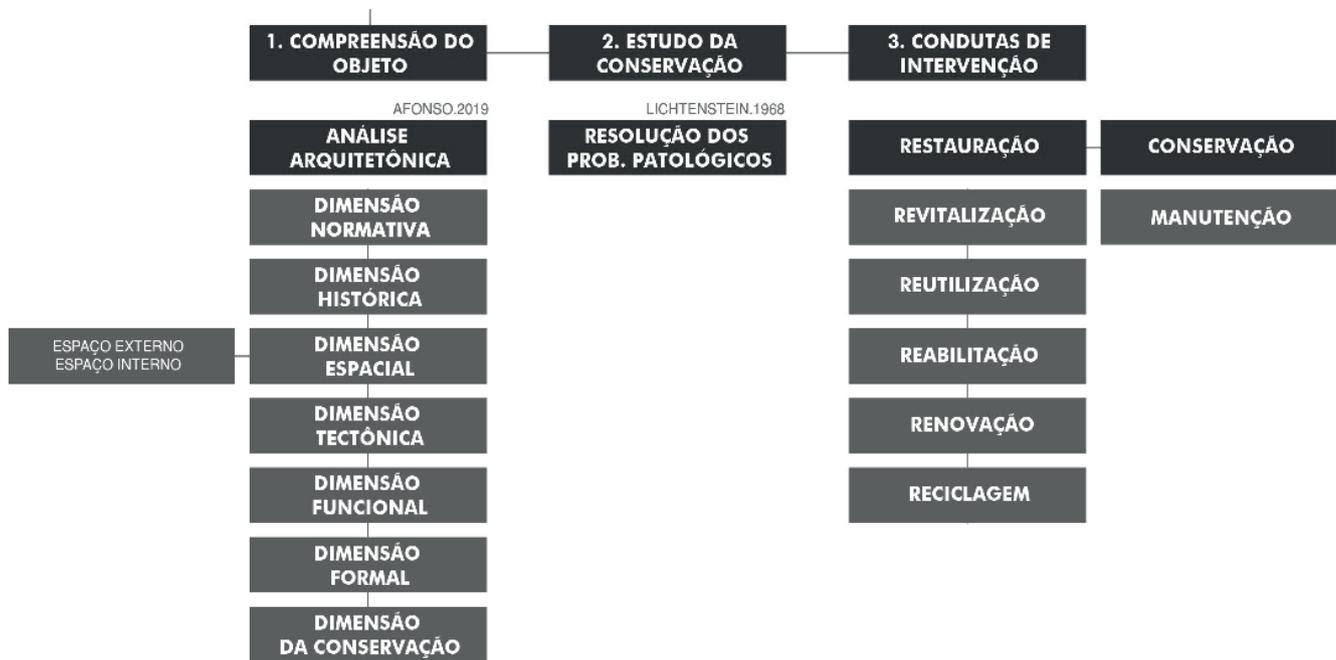
Conforme apontou Choay (2006), em seu livro “A Alegoria do patrimônio”, após a Convenção realizada por uma Assembleia Geral da UNESCO em 1972, foi trazida à tona a “mundialização” dos valores e das referências ocidentais que contribuíram para a expansão ecumênica das práticas patrimoniais. O texto resultante dessa convenção foi publicado somente em 1983, e contribuiu de forma fundamental para a amplitude do que poderia ser considerado patrimônio. A autora francesa observou ainda que, paralelamente a essa discussão,

houve uma expansão tipológica do patrimônio histórico, inserindo aí, edificações modestas, de arquitetura vernácula, nem memoriais, nem prestigiosas, reconhecidos e valorizados por disciplinas novas como a etnologia rural e urbana, a história das técnicas, entre outros- que passaram a integrar o corpus patrimonial.

Os acervos patrimoniais vêm sendo estudados nas instituições de ensino, seja em sala de aula, seja em trabalhos de pesquisa, que demandam por metodologias analíticas dos objetos arquitetônicos que contribuam com a qualidade das investigações, e que procurem considerar o maior número possível de reflexões sobre o mesmo, observando o sistema que circundou tal obra e o tornaram ser o que é, em sua existência na construção do cenário no qual está inserido.

3. ANÁLISE DO OBJETO ARQUITETÔNICO

Após estes esclarecimentos iniciais, será exposto do que trata cada ponto desta análise arquitetônica, deixando-se registrado aqui, que muitas vezes, constata-se que as informações coletadas em distintas dimensões do objeto arquitetônico podem



coincidir e interagir entre si, conforme será visto, pois a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade do conhecimento na área da arquitetura são constantes, ficando difícil muitas vezes desassociar determinadas categorias que poderão estar intrinsecamente conectadas.

A metodologia proposta metodológica para pesquisa arquitetônica patrimonial trabalha com sete dimensões para a análise do objeto arquitetônico, a saber: 1) Dimensão normativa; 2) Dimensão histórica; 3) Dimensão espacial (subdividida em 3.1 O espaço externo e 3.2 O espaço interno); 4) Dimensão Tectônica; 5) Dimensão Funcional; 6) Dimensão formal; 7) Dimensão da conservação do objeto.

Como esclarecimento, deixa-se claro aqui, que a dimensão da conservação é trabalhada como uma fase conclusiva, realizada após a análise de todas as demais, e para isso, apoia-se em métodos específicos expostos por autores brasileiros como Lichtenstein (1986), Tinoco (2009), e Ribeiro (2016), conforme será visto posteriormente.

3.1. DIMENSÃO NORMATIVA

A dimensão normativa faz referência ao levantamento inicial que se deve ter sobre as leis, decretos, registros- que protegem este determinado bem. A realização de uma pesquisa em órgãos públicos relacionados à preservação cultural em nível municipal, estadual e federal, é fundamental.

Nesta análise a coleta de informações em fontes primárias e secundárias, também fornecerão pistas para a compreensão do valor/ significado deste objeto, seja do ponto de vista semântico, semiótico ou estético, conforme enfatiza Serra (2006, p.42), entendendo as causas de este objeto estar ou não, ainda devidamente protegido por leis de preservação.

Observa-se que patrimônio cultural sofre grandes dificuldades em sua preservação no nosso país. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216 determinou que constituíssem patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto. No § 1º desse artigo, determinou que o Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e

protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é o responsável pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro em nível federal, ficando os Estados e Municípios com os encargos locais.

Segundo Moreira (2013, p.118), “o inventário serve para individualização de bens culturais e junta de informações técnicas de natureza histórica, artística, sociológica, antropológica, dentre outras, que possibilitem embasamento às ações protetivas de competência do poder público”. E a realização de análises arquitetônicas acadêmicas tem colaborado com a alimentação de inventários do acervo patrimonial, principalmente daqueles acervos mais recentes, como o patrimônio moderno, industrial e modesto.

O resultado do trabalho de inventário possibilita a realização do registro de determinado bem junto ao órgão do poder público competente, recaindo

sobre esse, as disposições protetivas decorrentes do reconhecimento do patrimônio cultural.

O “registro”, tal como concebido na Constituição do Brasil (1988) é antes de tudo uma forma de reconhecimento e busca da valorização dos bens de natureza material e imaterial. É fundamental compreender o que vem a ser o conceito de “registro”, do ponto de vista jurídico, de acordo com Silva (2004), na obra Vocabulário Jurídico:

“REGISTRO”. Do latim *regestra*, plural neutro de *regestus* (copiado, traslado), entende-se o assento ou cópia, em livro próprio, de ato que se tenha praticado, ou documento que se tenha passado. “Em sentido amplo, registro na acepção jurídica, entende-se a soma de formalidades legais, de natureza extrínseca, a que estão sujeitos certos atos jurídicos, a fim de que se tornem públicos e autênticos e possam valer contra terceiros. [...] Em sentido estrito, registro, entende-se a inscrição ou a transcrição do documento, em que se instrumenta o ato, em livros públicos, mantidos pelos escritórios de registros ou pelos departamentos e repartições públicas, a

que se cometem semelhantes encargos ou funções. Os registros são obrigatórios ou facultativos. Quando obrigatórios, o ato jurídico somente exerce sua eficácia depois de cumprida a formalidade. Como facultativa é medida de segurança do próprio interessado, para perpetuação e autenticação do ato praticado. O processo de registro é regulado por leis próprias, havendo normas inerentes a cada espécie (SILVA, 2004, p.1184).

○ reconhecimento é parte essencial da conservação do patrimônio cultural, principalmente nos tempos atuais, onde se observa o grande risco de desaparecimento desses bens culturais pela simples ausência de “registro” e conseqüentemente reconhecimento. Os trabalhos de pesquisa acadêmicos colaboram com tal necessidade, fazendo com que os alunos aprendam a necessidade de dialogar a produção arquitetônica histórica com o Direito, as normas, leis.

A Constituição Brasileira ao inovar ampliando o conceito de patrimônio cultural e nas ferramentas de proteção desse patrimônio objetivou a modernização de conceitos e instrumentos protetivos,

contudo, ainda é patente a intenção do poder público em utilizar a ferramenta “tombamento” para patrimônio material e a Ferramenta “registro” para patrimônio imaterial, de maneira estanque e estática.

Procurar observar se este determinando bem está devidamente inventariado, registrado, tombado, inserido em alguma área de proteção ambiental torna-se um dos primeiros passos para a análise do bem arquitetônico, seja para uma análise da obra, seja para um projeto de intervenção no mesmo.

3.2. DIMENSÃO HISTÓRICA

A dimensão histórica está relacionada ao fator tempo, recorte temporal, corte cronológico ou contexto social, econômico, cultural no qual o objeto arquitetônico foi projetado e construído. Assim, deve ser realizada a análise dos fatores que originaram o projeto, a obra, o cliente, os custos, na época em estudo, entendendo-se que a compreensão da relação da arquitetura com a história é fundamental nesta dimensão e Berman (1954) de forma brilhante escreveu:

A arquitetura é uma arte que a nosso juízo, traduz a organização dos recursos sociais que a encomenda, reparte em termos de custos pela sociedade. Por isso mesmo, e graças ao grau de saber invertido, seu resultado final acaba transcendendo ao governante que a solicitou. Por outro lado, é também revestida de um caráter socializante, porque contém todo o esforço de uma sociedade historicamente localizada (BERMAN, 1954, p.31).

O autor complementa tal pensamento refletindo sobre a relação da arquitetura com o poder:

O governante constrói o que lhe parece ser o reflexo de sua grandeza e que lhe propaga o poder. Na verdade, a obra é uma projeção espacial de uma sociedade e de suas contradições, encarada plasticamente numa obra que aparentemente deveria refletir uma personalidade e um sistema de representação política (BERMAN, 1954, p.31).

Esta dimensão histórica apoia-se em Serra (2006) que, em seu livro “Pesquisa em Arquitetura e urbanismo/ Guia prático para o trabalho de

pesquisadores em pós-graduação” aponta para a existência do processo que envolve o objeto e o sistema/ condicionantes que envolvem este processo. O autor entende por processo, “o modo como se sucedem os estados diferentes do sistema no tempo” (Idem, p.72), e por sistemas, “um conjunto de objetos entendidos como uma totalidade de eventos, pessoas ou ideias que interagem uns com os outros” (Ibidem, p.70).

Estes são representados por seu contorno, por uma definição ou pela enumeração dos elementos que o compõem, como também pelas interações entre eles e entre o sistema e seu entorno. Os aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, são compreendidos como caminhos que se cruzam e giram em torno do processo que ocorreu e que resultou no cenário que foi construído e consolidado.

Vale a pena ressaltar, que além do trabalho com ferramentas da pesquisa histórica, utilizando-se fontes primárias e secundárias, em visitas a arquivos públicos, privados, bibliotecas; trabalham-se também com ferramentas da história oral, entrevistando atores envolvidos no processo projetual, construtivo e de uso da obra analisada, a fim de

se levantar informações inéditas e que colaborará para a compreensão de construção a história da edificação. A coleta de depoimentos orais, através de entrevistas e diálogos mantidos com estes atores que narram a sua trajetória, suas histórias de vida e trabalho, produz assim, um rico material analítico.

Em uma de suas obras, o professor Dr. Antônio Torres Montenegro da UFPE, especialista em história oral, ressalta que o encontro com o entrevistado é sempre uma interrogação, como diante de um documento desconhecido. Assim, se observa que:

Inúmeras vezes, o entrevistado, apesar de ter vivido uma série de experiências, participado ativamente de diversos acontecimentos marcantes no período em foco, tem uma narrativa que em nada ou muito pouco ajuda na reconstrução do passado. Nesse sentido, o entrevistador tem uma parcela de responsabilidade no encaminhamento da entrevista, a capacidade de narrar, de descrever, de contar, de analisar nem sempre se encontra em todos os entrevistados (MONTENEGRO, 1994, p.21).

Alberti (2010, p. 46) também enfatiza as inúmeras possibilidades que uma entrevista pode apresentar, pois, segundo ela, “não há dúvida de que a história oral permite o registro de uma quantidade diversificada de narrativas de experiência de vida, viabilizando o acesso a visões de mundo e a história de vida proveniente de diferentes grupos sociais”. Contudo, é preciso uma consciência que, como qualquer outro, a entrevista é um documento limitado, que deve ser interpretado e questionado para não assumir o papel de ‘verdade absoluta’. Sobre isso, Camargo (1999) afirma que:

As interpretações que se pode dar sobre o passado, às vezes até se baseiam em trocas de datas, imprecisão nas coisas, pode haver erros, mas nós ali definimos que o que nos interessa não é a entrevista como documento absoluto (CAMARGO, 1999, p. 172).

Sobre o uso do método da história oral, Portelli (2010) apresenta a história como uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que ele chama de narrador; e de outro sujeito que ele chama de

pesquisador. No entanto, ressalta que o que torna realmente significativa a história oral é o esforço de estabelecer um diálogo entre e para além das diferenças.

3.3. DIMENSÃO ESPACIAL

Parte-se do princípio que o espaço pode ser compreendido como a paisagem do ambiente natural e a paisagem do ambiente construído e, portanto, a análise da dimensão espacial ocorrerá em dois níveis: 1) o espaço externo à obra; 2) o espaço interno da edificação.

1) No espaço externo à obra: observando-se as características do lugar e do entorno, o tipo de relevo, a hidrografia, a vegetação, a geologia, o clima, os acessos e materiais existentes nesta paisagem. Esta leitura da paisagem e seus elementos que a compõem, observando-se a identidade do lugar e suas interpretações é primordial nesta análise.

Mahfuz (2004) escreveu sobre a importância do lugar para a arquitetura, colocando que se, por um lado, a arquitetura é sempre construída em um

lugar, por outro lado, ela constrói esse lugar, isto é, modifica a situação existente em maior ou menor grau:

A relação com o lugar é fundamental para a arquitetura; nenhum projeto de qualidade pode ser indiferente ao seu entorno. Projetar é estabelecer relações entre partes de um todo; isso vale tanto para as relações internas a um projeto quanto para as que cada edifício estabelece com seu entorno, do qual é uma parte (MAHFUZ, 2004, s/p)

Nesta análise da dimensão espacial externa da paisagem, torna-se fundamental a leitura de uma bibliografia complementar apoiada em Lamas (2000) que realiza de forma esclarecedora estudos sobre a morfologia urbana e a paisagem da cidade; em Lynch (1997), que trata da imagem da cidade e seus elementos compositivos, como por exemplo, as edificações, suas relações com o entorno, e transformações; em Cullen (1996) que trata a temática da construção e análise da paisagem urbana de maneira bastante elucidativa.

2) O segundo nível da análise da dimensão espacial tratará do espaço interno da edificação: observando-se pontos tais como as soluções de implantação da obra no terreno; a solução do programa de necessidades em planta baixa, o zoneamento, a relação entre zonas, fluxogramas, as alturas dos espaços, as relações de transparência e permeabilidade, a existência de pátios, jardins, varandas, etc. Aqui é gerado um rico material gráfico, composto por redesenhos, imagens tridimensionais, entre outros.

Esta análise espacial da obra apoia-se em metodologia proposta por Gaston e Rovira (2007) que elaboraram um guia básico de investigação sobre o projeto de arquitetura cujo objetivo é facilitar a análise crítica e arquitetônica dos objetos estudados, apresentando ferramentas para operar o material documental de maneira eficiente, assim como, ilustrar o modo mais adequado de elaborar e apresentar as conclusões.

Os autores do grupo de pesquisa FORM/ UPC/ Universidade Politécnica da Catalunha, propõem o estudo gráfico projetual, realizando imagens fotográficas da obra, levantamento de material de

projeto, como plantas, cortes, fachadas e construções tridimensionais, que permitem a melhor compreensão do objeto em estudo. Partem do princípio de que “investigar é sinônimo de perguntar, examinar e observar”, sendo um trabalho que tem conotações científicas, estando relacionado com precisão, rigor, conotações, constatações.

Dessa maneira, o método proposto pelas professoras visa com que o aluno pesquisador se coloque no lugar do arquiteto para refazer o processo de concepção da obra, descobrindo o que há condensado em cada decisão, esclarecendo o argumento interno que lhe dá coesão.

En definitiva, adquirir una comprensión activa de la historia para avivar los mejores proyectos de la cultura moderna. Acreditar la continuidad de los valores estéticos vigentes y que se pueden alumbrar la práctica de la arquitectura al restablecerlos efectivamente en relación con las posibilidades técnicas y productivas actuales. (GASTÓN, ROVIRA, 2007, p. 34).

Assim, o enfoque da análise da dimensão espacial interna é arquitetônico e visual, e a imagem possui

uma grande força, pois são os desenhos, esboços, croquis, as pranchas do projeto arquitetônico, adicionados às fotografias da edificação, que passam uma visão total do edifício analisado.

3.4. DIMENSÃO TECTÔNICA

A compreensão do que vem a ser tectônica - frequentemente definida como “arte da construção” (FRAMPTON, 1995) -, é fundamental para o entendimento desta dimensão. O termo “tectônica” é definido como o caráter essencial da arquitetura, através do qual parte de sua expressividade intrínseca é inseparável da maneira precisa da construção, não mais se apresentando como um manifesto contra o cenográfico e o representacional, como ocorreu nos primeiros textos de Frampton (1985 e 1990) sobre o tema, nos quais criticava a produção pós moderna como uma maneira de abordar a arquitetura enquanto concepção e construção, enquanto realização, conjuntamente.

Sua compreensão mudou em relação ao original grego, principalmente devido às contribuições dos teóricos alemães Carl Bötticher e Gottfried Semper no século XIX, e, mais recentemente, devido à

notável contribuição de Frampton (1995) que provocou uma renovação do debate sobre a tectônica, promovendo a noção ao estatuto de “potencial de expressão construtiva” da arquitetura, capaz de reunir aspectos materiais e construtivos aos aspectos culturais e estéticos.

Dessa forma, ao se considerar a dimensão construtiva (a tectônica) como um aspecto fundamental no valor da obra, além das dimensões espacial, formal, funcional, observa-se a necessidade de se analisar o comportamento dos elementos estruturais dos edifícios a serem preservados e devidamente conservados. Mahfuz (2004) escreveu que a importância da construção para a arquitetura é tanta que se poderia afirmar que não há concepção sem consciência construtiva:

A construção é um instrumento fundamental para conceber, não apenas uma técnica para resolver problemas. É essa consciência que separa a verdadeira arquitetura da pura geometria e das tendências que preferem abstrair a realidade física dos artefatos que projetam (MAHFUZ, 2004, s/p).

Na análise da tectônica, propõe-se uma pauta de pontos a serem seguidos, baseados em Gaston e Rovira (2007), tais como, observações sobre a estrutura de suporte, as soluções construtivas de peles/paredes, cobertura, detalhes construtivos e revestimentos/texturas.

Entende-se aqui que um sistema construtivo é composto não apenas da estrutura da obra em si, com sua divisão básica em subestrutura (fundações), e superestrutura (pilares, vigas, e peles), mas também, de seus detalhes, junções que envolvem as relações entre a materialidade e as soluções projetuais, que formam o arcabouço construtivo de determinada edificação e lhe conferem um valor construtivo a ser preservado. Com isso, os pontos de análise da dimensão tectônica a serem considerados são:

1. Estrutura de suporte- Deve ser observado o sistema estrutural adotado; o uso de modulação, traços ordenadoras; os materiais utilizados na superestrutura (pilares e vigas) de paredes: a) tipo de estrutura: paredes estruturais, concreto armado, perfis metálicos; b) analisar se a solução estrutural

se manifesta de forma sistemática ou sintomática; c) e a relação estrutura / configuração do edifício.

2. Peles- Observar quais foram os materiais e soluções empregados nas peles (esquadrias, cobogós, pedras, etc), observando-se: a) Tipo de parede: muros, painéis de vidro; b) Relação fechamento/ estrutura; c) Fechamento sistemático ou soluções particulares; d) Sistema construtivo: economia de meios ou diversificação de soluções.

3. Cobertura: Observar quais foram os materiais e soluções construtivas utilizados na cobertura; As soluções são expressas ou implícitas? b) Qual o papel da cobertura na configuração edifício? c) Quais foram os fechamentos visuais e que soluções foram empregadas na proteção climática?

4. Detalhes construtivos existentes na obra: presentes em marquises, escadas, rampas, balcões, fachadas, coberturas, esquadrias, entre outros elementos.

5. Revestimentos e texturas plasticidade e cromatismo material: a) textura e cor de materiais; b) textura e plasticidade de soluções.

3.5. DIMENSÃO FORMAL

Montaner (2002, p.10) escreveu que “as formas sempre compartilham valores éticos, remetem a marcos cultural, compartilham critérios sociais e se referem a significados”.

A dimensão formal a ser analisada, conceitua forma, apoiando-se aqui na definição de Montaner (2002, p.8) que explica que esta deve ser entendida como estrutura essencial e interna, como construção do espaço e da matéria: “Dentro desta concepção, forma e conteúdo tendem a coincidir. O termo ‘estrutura’ seria a ponte que interligaria os diversos significados da forma”. As obras devem ser analisadas, não apenas por sua aparência, mas também por seu conteúdo.

Por sua vez, Mahfuz (2004) escreveu que em toda construção deve-se levar em conta sua solidez, sua utilidade e sua beleza, conforme colocou Vitruvio, 2000 anos atrás, explicando que até meados do século XVIII a boa arquitetura seria aquela que apresentasse um equilíbrio entre os três componentes da tríade vitruviana: Firmitas (solidez) e Utilitas (adequação funcional), que fazem parte da esfera

racional do conhecimento e Venustas (beleza, no entendimento de alguns), “que é o componente estético da tríade significando o que, em tempos pré-modernos, estava centrado nas relações proporcionais e na aplicação das ordens clássicas ao exterior dos edifícios” (MAHFUZ, 2004, s/p). O autor propôs uma atualização dessas interpretações, denominando de “forma pertinente”, explicando que:

Pode-se tentar uma redefinição dos aspectos essenciais da arquitetura por meio de um quaterno composto por três condições internas ao problema projetual (programa, lugar e construção) e uma condição externa, o repertório de estruturas formais que fornece os meios de sintetizar na forma as outras três (MAHFUZ, 2004, s/p).

Enquanto a busca da beleza estava no centro das preocupações arquitetônicas até recentemente, o quaterno contemporâneo proposto por Mahfuz tem como foco a forma pertinente, resultante da interseção ou diálogo entre estes elementos: programa, lugar, construção e estruturas formais.

O autor salienta que a “resolução de um programa em termos formais é a essência da arquitetura. O programa é o maior vínculo que um projeto mantém com a realidade”, complementando ainda, que a relação com o lugar é fundamental para a arquitetura, pois nenhum projeto de qualidade pode ser indiferente ao seu entorno: “Assim como não há relação direta entre programa e forma, as relações entre lugar e forma também dependem da interpretação do sujeito que projeta” (MAHFUZ, 2004, s/p).

Sobre a construção, comenta que sua importância para a arquitetura “é tanta que se poderia afirmar que não há concepção sem consciência construtiva” (Idem). E, finalmente, sobre o papel da estrutura resistente, afirma que “uma das características das melhores arquiteturas que conhecemos é o papel importante que a estrutura resistente desempenha na definição da sua estrutura espacial e da configuração dos espaços individuais” (Ibidem).

Como as ideias de Mahfuz coincidem com as de Montaner (2004, p.10), nos apoiamos nestes autores para a análise da dimensão formal do objeto arquitetônico, pois concordamos com o segundo

no sentido de considerar que a centralidade do conceito de forma permitirá o acesso a cada um dos fatores determinantes: a cada opção formal correspondem opções relacionadas às materialidades empregadas, à relevância funcional e do social, e à relação com o entorno.

3.6. DIMENSÃO FUNCIONAL

A análise da dimensão funcional ou de utilização da obra observa o uso original, as transformações sofridas referentes ao uso ao longo dos anos, e o uso atual da edificação. A funcionalidade do edifício deve ser analisada considerando-se as soluções do programa em planta, o zoneamento e por isso, é constante o diálogo com a análise da dimensão espacial interna, conforme foi visto anteriormente.

Segundo Colin (2000, p.41) o edifício possui três categorias de funções: função sintática, pragmática e semântica.

- A função sintática refere-se à relação do edifício com a cidade, o terreno, o lugar no qual está implantado, com seu contexto imediato. Qual o papel da edificação na paisagem na qual ela está

inserida? A análise da dimensão espacial externa dialoga diretamente com esta análise da função sintática, pois os elementos que compõem este lugar, de certa forma, reforçam a importância da obra no local onde está inserida.

- A função pragmática analisa as relações da obra com seus usos, atividades. Em seus diversos momentos, desde a sua origem, à contemporaneidade, observando-se as transformações sofridas ao longo dos anos.

- A função semântica procura analisar o significado da obra para a sociedade, pois conforme coloca Colin (2000), a edificação além de abrigar uma atividade, possuir um determinado uso, também representa e significa algo para as pessoas daquele lugar. Segundo a Carta de Burra (1980), “o termo significação cultural designará o valor estético, histórico, científico ou social de um bem para as gerações passadas, presentes e futuras”.

É, portanto, importante relacionar estas categorias na mesma análise, considerando-se a procura do equilíbrio entre os sistemas e deixando de lado certo radicalismo funcionalista-pragmático, o que

torna o trabalho analítico mais contemporâneo, menos engessado. Busca-se, assim, propiciar a interação entre forma, função, espaço e tectônica, e, principalmente, enfatizar a relação da obra com a função que esta desempenha no lugar, seu significado na paisagem, e em si mesmo, com seu uso pré-estabelecido em projeto.

3.7. DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO DO OBJETO

Conforme foi mostrado inicialmente, esta dimensão, que na figura 1 está colocada fora da delimitação das outras dimensões, apresenta-se como uma fase conclusiva das análises do objeto em estudo, e procura analisar o estado de conservação do mesmo, observando aspectos relevantes apontados por metodologias específicas da área da preservação patrimonial.

Külh (2009) explica que a palavra preservação, no Brasil, assim como na França, possui um sentido lato e pode abarcar uma grande variedade de ações como inventários, registros, leis de tombamento, educação patrimonial e intervenções nos bens para que sejam transmitidos da melhor maneira possível ao futuro.

Importante deixar claro que esta proposta não se aprofunda especificamente à dimensão da conservação- uma área complexa, que vem sendo trabalhada por teóricos clássicos como Carbonara (1997), Brandi (2004), Muñoz Viñas (2005), entre tantos outros autores fundamentais que tratam da teoria do restauro e da conservação.

Sabe-se que o projeto arquitetônico de restauro vem a ser uma unidade conceitual e metodológica, e que existem princípios gerais (algo diverso de regras fixas) comuns ao campo, podendo haver variações quanto à aplicação desses princípios, os meios postos em prática, em função da realidade de cada obra ou conjunto de obras, de sua constituição física, de sua configuração e inserção num dado ambiente, de seu particular transcurso ao longo do tempo.

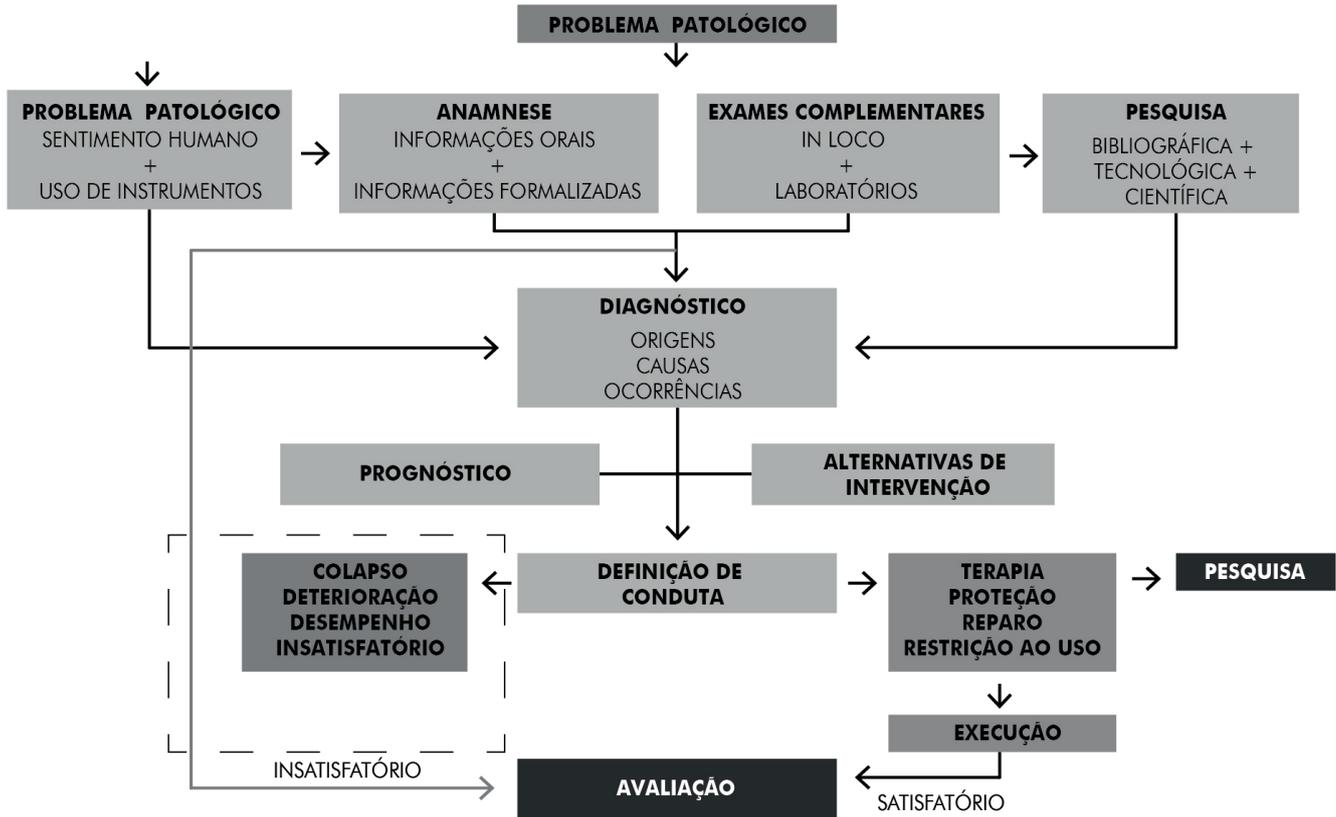
De acordo com a Carta de Veneza (1964), as intervenções em si assumem denominações variadas, podendo ser caracterizada como manutenção, conservação e restauro, com graus crescentes de ingerência sobre o bem. Segundo a Carta de Burra (1980), o termo conservação, “designará os cuidados a serem dispensados a um bem para

preservá-lo as características que apresentem uma significação cultural”.

De acordo com as circunstâncias, a conservação implicará ou não a preservação ou a restauração, além da manutenção; ela poderá, igualmente, compreender obras mínimas de reconstrução ou adaptação que atendam às necessidades e exigências práticas. (CARTA DE BURRA, 1980, p.1).

Dessa maneira, serão observados nesta dimensão, os cuidados que foram (são e poderão ser) dispensados ao objeto investigado. Tais cuidados podem ser referentes a dois aspectos: 1) de ordem protetiva legal, e que se relaciona diretamente com a análise normativa; 2) de ordem física, que analisará a conservação da “substância” (CARTA DE BURRA, 1980), “o conjunto de materiais que fisicamente constituem o bem”.

A conservação baseada no respeito à substância da obra, deve por isso, analisar atentamente as suas características tectônicas. Recordar-se que tal substância que foi analisada na dimensão tectônica, será aqui, observada sob o ponto de vista de



suas patologias construtivas, acarretadas pelo seu uso e processo construtivo.

O artigo 2º da Carta de Veneza (1964, p.2) indica que “a conservação e a restauração dos monumentos constituem uma disciplina que reclama a colaboração de todas as ciências e técnicas que possam contribuir para o estudo e a salvaguarda do patrimônio monumental”, por isso, a necessidade de um diálogo com outras áreas correlatas, como por exemplo, a engenharia civil, que vem tratando de problemas patológicos.

Souza e Ripper (1998) conceituaram patologia das construções como o campo da engenharia civil que se ocupa do estudo das origens, formas de manifestação, consequências e mecanismos de ocorrências das falhas e dos sistemas de degradação da construção. Uma manifestação patológica acontece com a queda de desempenho precocemente (antes de se atingir o limiar de vida útil para aquele material ou componente), diante de erros no planejamento, especificação, execução e/ou mesmo uso, os quais podem ser cumulativos ou não. Para se entender as patologias construtivas, é necessário rever os conceitos de durabilidade, vida

útil e desempenho, conforme estudos baseados em Lichtenstein (1986) e Tinoco (2009).

No método genérico proposto pelo professor e engenheiro civil Lichtenstein (1986), o estudo dos problemas patológicos foi dividido em três fases:

1. Levantamento de subsídios: fase na qual são acumuladas e organizadas informações necessárias e suficientes para o entendimento completo dos fenômenos, utilizando três fontes básicas: vistoria do local; levantamento da história do problema e do edifício (anamnese do caso) e o resultado das análises e ensaios complementares.

2. Diagnóstico da situação: Entendimento dos fenômenos em termos identificados das múltiplas relações de causa e efeito que normalmente caracterizam um problema patológico. Entender os porquês e os “comos” a partir de dados conhecidos.

3. Definição de conduta: Prescrever o trabalho a ser executado para resolver o problema: definição dos meios, da mão de obra; equipamentos, previsão das consequências. Realiza-se o prognóstico, onde são levantadas hipóteses da tendência de evolução

do problema e as alternativas de intervenção e seus respectivos prognósticos.

O autor explica cada etapa e os conceitos nela envolvidos; Tinoco (2009) retomou tal método de estudo e vem desenvolvendo o mesmo em seus trabalhos práticos de conservação de edificações e na área acadêmica. O gráfico apresentado anteriormente detalha tais etapas e suas ligações, observando os fluxos e relações existentes entre as mesmas.

O surgimento de várias patologias ocorre em função de falhas humanas ocorridas nas quatro etapas ou fases fundamentais da vida de uma edificação. São elas: Concepção e projeto; Controle tecnológico dos materiais; Execução / construção; Uso e manutenção. Tais aspectos devem ser observados no estudo do objeto arquitetônico de interesse patrimonial, acompanhados finalmente dos mapas de danos (TINOCO, 2009), fichas de identificação de danos/ FIDs, que depois de diagnosticadas as patologias da obra analisada, indicarão a conduta que deve ser orientada para a preservação do bem.

A preservação se impõe nos casos em que a própria substância do bem, no estado em que se encontra, oferece testemunho de uma significação cultural específica, assim como nos casos em que há insuficiência de dados que permitam realizar a conservação sob outra forma (CARTA DE BURRA, 1980, p.3).

4. CONCLUSÃO

Após a observação sobre cada dimensão de análise do objeto arquitetônico, aponta-se para um dos possíveis resultados, que vem a ser o direcionamento de diretrizes de condutas a serem adotadas para a preservação da obra investigada. Esta prévia definição de conduta servirá de base, para um possível e futuro projeto de intervenção neste patrimônio edificado, prescrevendo o trabalho a ser executado para resolver o problema, realizando uma definição dos meios, da mão de obra; de equipamentos, de uma previsão das consequências.

Este prévio prognóstico levantará hipóteses da tendência de evolução do problema e as alternativas de intervenção neste patrimônio edificado e os

possíveis caminhos a serem trilhados neste objeto: uma intervenção legal, ou/ e uma intervenção física (reconstrução, restauração, consolidação ou uma conservação), conforme colocou Ribeiro (2016, p.16).

Observa-se aqui que esta indicação de conduta se dá em nível incipiente, apenas como um indicativo, que deve ser devidamente aprofundado em estudos científicos patológicos realizados por profissionais especialistas. Dessa forma, conclui-se este artigo, deixando claro que ele apenas abre um caminho metodológico para o futuro arquiteto, tentando criar um roteiro analítico e crítico que colabore na compreensão do objeto arquitetônico e seus distintos condicionantes, e que se fazem presentes no provável projeto de restauro.

A professora Rossina Ribeiro da UFRJ/ Universidade Federal do Rio de Janeiro em capítulo de livro (RIBEIRO, NÓBREGA, 2016) de forma bastante didática, apresentou um diagrama de metodologia de projeto de intervenção no patrimônio edificado, no qual aspectos como legislação, o objeto histórico e o objeto físico são subdivididos e aprofundados em outras atividades necessárias para a

compreensão e conhecimento da obra a ser trabalhada. Ao comparar a nossa proposta de análise das dimensões com a metodologia descrita nesse artigo, aos parâmetros adotados no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) e no Programa Profissional em Projeto e Patrimônio (nível de mestrado), ambos da UFRJ, observa-se que há muitos pontos comuns, o que indica estarmos no caminho certo.

Na proposta metodológica aqui apresentada vamos um pouco além, ao adicionar análises espaciais, tectônica, formal, funcional, sendo a análise da conservação, entendida como um quadro conclusivo das demais. Dessa maneira, recorre-se a uma reflexão realizada por Zein (2011) sobre o rigor analítico arquitetônico, propondo que o mais adequado é a realização de um estudo de reconhecimento crítico e referenciado de uma obra arquitetônica, que:

Não poderá deixar de realizar, à medida que se aprofunda, se desdobra e se completa, um sem número de interfaces com uma ampla gama de disciplinas paralelas e conhecimento adjacentes, sem os quais

seria impossível qualificar e compreender corretamente a trama de complexidade embebida no seio de qualquer obra de arquitetura (ZEIN, 2011, s/p).

O projeto de restauração necessita de uma compreensão aprofundada da obra e do ambiente construído, devendo haver esforços multidisciplinares que envolvam pesquisa histórico-documental, iconográfica, bibliográfica; estudos antropológicos, sociológicos, de viabilidade econômica; com pormenorizado levantamento métrico-arquitetônico, fotográfico, multiespectrais, laser 3D; exame de materiais e técnicas construtivas. Observando-se também, aspectos da estrutura da edificação, de suas patologias, realizando análise tipológica e formal; com um entendimento das fases por quais passou a obra; de sua configuração e problemas atuais; respeitando as várias estratificações da mesma

Finalmente, utilizando-se de instrumentos de reflexão sobre a história da arte, estética e dos vários campos disciplinares trabalhando de forma integrada, procurar empregar parâmetros para a intervenção e guiar as escolhas e decisões projetuais,

objetivando respeitar e valorizar a obra em seus aspectos formais, documentais e materiais.

Tanto na área de ensino, quanto na de pesquisa e extensão, procura-se despertar no aluno/ pesquisador a necessidade de entender que o objeto arquitetônico construído com valor patrimonial perpassa por esta teia entrelaçada de conhecimentos/saberes e para sofrer qualquer tipo de intervenção, considerar as dimensões aqui expostas é fundamental. Muitos do que temos visto de más intervenções em nossas cidades, foram produzidas por profissionais que não foram devidamente capacitados nas suas formações acadêmicas para despertar para a complexidade de um projeto de intervenção no patrimônio edificado.

Kühl (2005) em seus vários textos na área de restauro chama a atenção para tratar o projeto de intervenção como um problema metodológico, antes de se tornar técnico, colocando que cada restauração deve ser analisada de modo singular, em razão das características particulares de cada obra, não obedecendo a colocações dogmáticas que baseadas em leis defasadas de órgãos preservacionistas vêm engessando soluções mais

criativas e renovadoras na área. A autora ainda frisa a necessidade de aplicação constante dos princípios essenciais para intervenção no patrimônio edificado, como sejam: 1) distinguibilidade - considerando que a restauração não propõe tempo como reversível, não podendo induzir o observador ao engano, devendo documentar a si própria; 2) reversibilidade ou “re-trabalhabilidade” - a restauração não deve impedir, tem, antes, de facilitar qualquer intervenção futura (BRANDI, 2004, p. 48), portanto, não pode alterar a obra em sua substância – deve-se inserir com propriedade e de modo respeitoso; 3) mínima intervenção – pois a restauração não pode desnaturar o documento histórico nem a obra como imagem figurada; 4) compatibilidade de técnicas e materiais, levando em conta a consistência física do objeto, atrelada ao tratamento com técnicas compatíveis, não nocivas e que possam possuir eficácia comprovada através de muitos anos.

Utilizando tal metodologia, tem-se obtido bons resultados que foram frutos de projetos de pesquisa de iniciação científica (como PIBIC e PIVIC) concluídos recentemente e que estão gerando aprofundamentos em trabalhos de conclusão de

curso, desenvolvidos por Diniz (2019) no estudo das patologias de obras modernas campinenses, e Leite (2019) que se dedica ao projeto de intervenção no patrimônio industrial moderno. Tais investigações geraram artigos publicados em congressos nacionais e internacionais e se transformarão em projetos a serem mais aprofundados na pós-graduação. Garcia (2018) também adotou esta proposta metodológica em seu projeto de PIBIC 2017/2018, aprofundando-a em seu trabalho de conclusão de curso, e atualmente, no mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e vem trabalhando com esta linha em sua investigação sobre a conservação do patrimônio arquitetônico moderno do bairro da Prata em Campina Grande. Certamente em breve serão apresentados novos resultados, tanto no âmbito da graduação, como no da pós-graduação, além de intervenções práticas no patrimônio edificado que estejam adotando esta proposta.

A realização de estudos críticos e referenciados nos induziu a produzir este artigo, a fim de refletir mais e partir-se de um enfoque preciso, formulando-se questionamentos sobre as obras arquitetônicas,

documentando e procurando caminhos viáveis para a preservação das mesmas. Procurando criar uma luz para jovens pesquisadores que se iniciam nas investigações sobre as edificações e tentando fortalecer o ativismo patrimonial, através do (re) conhecimento do patrimônio arquitetônico brasileiro. Certamente, tal proposta metodológica é passível de contínuas revisões para seu aperfeiçoamento, de modo que tem sido divulgada justamente para ser discutida, abrindo-se, portanto, para os devidos ajustes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais de 01/1992 a 91/2016. Palácio do Planalto. Brasília, ago 2016. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 20/jun/2018.

BERMAN, M. *Conversaciones sobre la guerra y la paz*. Barcelona: Luiz Carral. 1954.

BRANDI, C. *Teoria da Restauração*. São Paulo, Ateliê, 2004.

CAMARGO, A. *Como a História Oral chegou ao Brasil*. História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral São Paulo, n. 2, jun. 1999.

CARBONARA, G. *Avvicinamento al Restauo*. Napoli, Liguori, 1997.

CARTA DE BURRA. Republicada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). 1980. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>. Acesso em 14/jun/2019.

CARTA DE VENEZA. Republicada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). 1964. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em 24/out/2019.

CHOAY, F. *A Alegoria do Patrimônio*. 4ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.

COLIN, S. *Introdução à arquitetura*. Rio de Janeiro: UAPE, 2000.

COSTA, L. *Considerações sobre arte contemporânea* (1940). In: L. COSTA, Registro de uma vivência. São Paulo, Empresa das Artes, 1995.

CULLEN, G. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 1996.

DINIZ, D. *Tectônica da modernidade: desafios para a preservação da arquitetura moderna em Campina Grande*. Campina Grande: PIBIC UFCG 2018/2019, 2019.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

FELIZOLA, J. *O sagrado coração da cidade: diretrizes para conduta de intervenção na catedral de Petrolina, PE*. Campina Grande: Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo, UFCG, Julho de 2018.

FRAMPTON, K. Towards a critical regionalism: Six points for an architecture of resistance. In: H. FOSTER (Dir.). *The anti-aesthetic: Essays on post-modern culture*. Port Townsend (Washington): Bay Press, 1983, p. 16-30.

FRAMPTON, K. *Rappel à l'Ordre: The Case for the Tectonic*. Architectural Design, Londres, v. 60, n. 3-4, p. 19- 25.1990.

FRAMPTON, K. *Studies in tectonics culture*. Cambridge. Massachussets. The MIT Press.1995.

GARCIA, M. *A prata que vale ouro: patrimônio moderno da década de 60*. Campina Grande: Relatório PIBIC/UFCG 2017/2018. 2018.

GASTÓN, C; ROVIRA, T. *El proyecto Moderno: Pautas de Investigación*. Barcelona: Ediciones UPC, 2007.

KATINSKY, J. R. *Pesquisa Acadêmica na FAUUSP*. São Paulo: FAUUSP. 2005.

KÜHL, B. M. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização*. Problemas teóricos de restauro. Cotia, Ateliê / FAPESP, 2009, pp. 59-100.

_____. *História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos*, Revista CPC, 2005, v. 1., n. 1. (www.usp/cpc/v1)

_____. Os Restauradores e o Pensamento de Camillo Boito sobre a Restauração. In: C. BOITO. *Os Restauradores*. Cotia, Ateliê Editorial, 2002, pp. 9-28.

_____. AUH 412 – *Notas de Aula* (Restauração hoje: projeto e criatividade), 2015. Disponível em file:///E:/UFCG/PROJETO%205/TEXTOS%20BEATRIZ%20KULH/Auh412_2015-notasdeaulabkuhl.pdf. Acesso em 10/ago/2019.

LAMAS, J. *Morfologia Urbana e Paisagem da Cidade*. Lisboa: Fergáfrica, 2000.

LEITE, J. A relação entre Concepção Arquitetônica e Estrutura em projetos Industriais Modernos em Campina Grande. Estudos de Casos. Campina Grande: PIVIC UFCG 2018/2019. 2019.

LICHTENSTEIN, N. *Patologia das construções*. Boletim Técnico Nº06/86 da Escola Politécnica da USP. SP: USP. 1986 LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACIEL, C. A. Arquitetura, projeto e conceito. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 043.10, Vitruvius, dez. 2003 Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/633>>. Acesso em 10/set/2018.

MAHFUZ, Edson. Reflexões sobre a construção da forma pertinente. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 045.02, Vitruvius, fev. 2004. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/606>. Acesso em 20/ out/2018.

MELO, C. F. A. *Requalificação de um edifício histórico em Fortaleza/CE: uma proposta para promover a permanência urbana e garantir a memória da cidade*. Campina Grande: Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo. UFCG. Julho de 2018.

MONTANER, J. *As formas do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

MONTENEGRO, A. T. *História Oral e memória. A cultura popular revisitada*. 3ª. Edição. São Paulo: Contexto, 1994.

MOREIRA, Lilian. Patrimônio cultural imaterial e sua proteção pelo ministério público. In: M. MIRANDA. *Patrimônio Cultural*. Belo Horizonte: Del Rey, 2013.

MUÑOZ VIÑAS, S. *Teoría Contemporánea de la Restauración*. Editorial Síntesis, Madri; 1ª edição, 2004.

PIÑÓN, H. *Teoria do projeto*. Traduzido por E. Mahfuz. Porto Alegre: Livraria do arquiteto. 2006

PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da História Oral para a ideologia do século XXI. In: M. M. FERREIRA; T. M. FERNANDES; V. ALBERTI (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

RIBEIRO, R.; NÓBREGA C. (org). *Projeto e patrimônio: reflexões e aplicações*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016.

SERRA, G. *Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação*. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA, D. P. *Vocabulário jurídico*. Rio de Janeiro: Editora Forense. 2004

SOUZA, V. C.; RIPPER, T. *Patologia, recuperação e reforço de estruturas de concreto*. São Paulo: PINI, 1998.

TINOCO, J. E. *Mapa de danos. Recomendações básicas*. Recife: CECI/MDU, 2009.

VIEGAS, W. *Fundamentos da metodologia científica*. Brasília: Editora da UNB: Paralelo 15, 1999.

ZEIN, R. V. A década ausente. É preciso reconhecer a arquitetura brasileira dos anos 1960-70. *Arquitextos*, n. 076.02. São Paulo, Portal Vitruvius, set. 2006. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq076/arq076_02.asp. Acesso em 20/out/2018.

CAP 2

DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA CAMPINENSE: A TRAJETÓRIA DO GRUPO DE PESQUISA ARQUITETURA E LUGAR. 2015/2020.

ALCÍLIA AFONSO

CAU . UAEC . CTRN . UFCG

GRUPAI

GRUPO DE PESQUISA
ARQUITETURA E LUGAR

1. INTRODUÇÃO

O capítulo possui como objeto de estudo o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo grupo de pesquisa arquitetura e lugar/ GRUPAL, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG e cadastrado no CNPq/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, em prol do resgate da documentação da arquitetura moderna no agreste paraibano, especificamente, a cidade de Campina Grande.

Trabalha com o recorte temporal de 1950-1980, período áureo da produção da arquitetura moderna campinense e possuidor de características que o vinculam diretamente à Escola do Recife e seus princípios. (AFONSO, 2006).

O objetivo do artigo é divulgar o trabalho que vem sendo realizado ao longo de cinco anos, resultante de projetos de pesquisa acadêmica em nível de iniciação científica e de conclusão de cursos na graduação, bem como, de pesquisas de pós-graduação, como dissertações de mestrado. O mesmo foi apresentado em evento do Icomos Brasil em 2019,

e agora, divulgado na presente publicação, a fim de que possua uma maior divulgação no meio acadêmico científico.

Justifica-se pela importância em valorizar a interiorização da pesquisa no nosso país, que passa por um momento difícil para a educação e todo o arcabouço que a constitui, como por exemplo, a documentação e a conservação do acervo patrimonial moderno.

2. O QUE É O GRUPAL?

É um grupo de pesquisa denominado arquitetura e lugar/ GRUPAL, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG, que vem desde sua criação em maio de 2015, analisando arquitetonicamente as edificações modernas e suas distintas tipologias, produzidas pelos arquitetos que atuaram na cidade no recorte cronológico trabalhado, a fim de detectar os valores projetuais e construtivos das mesmas, e que contribuíram para a consolidação da modernidade arquitetônica na paisagem urbana local.

Anualmente, desenvolve projetos de pesquisas vinculados a programas de iniciação científica como o PIBIC e PIVIC, capacitando os alunos jovens para a vida acadêmica e trabalhando com eles o tripé ensino, pesquisa e extensão. Tais projetos são sempre amadurecidos, tornando-se TCCs/ Trabalhos de conclusão de curso, que posteriormente, transformam-se em muitos dos casos, em projetos de pesquisa para aprofundamentos em dissertações de mestrado e até mesmo de doutorado.

O material coletado nas pesquisas é utilizado por todos os níveis de pesquisadores do grupo, produzindo artigos, palestras, relatórios e exposições, conforme será visto mais adiante, quando tratar-se dos resultados da atuação do grupo.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA ADOTADA

O objeto arquitetônico vem a ser o foco das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar, entendendo que a edificação é um bem imóvel, construído, possuidor de valores culturais, históricos, arquitetônicos, construtivos, espaciais, formais, funcionais e que sofrem patologias que o transformam ao longo dos anos,

atuando diretamente na dimensão de sua conservação física enquanto objeto construído.

A metodologia que vem sendo trabalhada pelo Grupo adota uma linha analítica arquitetônica baseada em Afonso (2019) através do olhar sobre sete dimensões do objeto analisado - normativa, histórica, espacial, tectônica, funcional, formal, e de conservação- aqui listadas como as fundamentais.

Propõe-se que a dimensão da conservação seja trabalhada como uma fase conclusiva, realizada após a análise de todas as demais, e para isso, apoia-se em métodos específicos expostos por autores brasileiros como Lichtenstein (1986), Tinoco (2009), e Ribeiro (2016), conforme será visto posteriormente.

4. APORTE TEÓRICO DAS PESQUISAS

As variantes trabalhadas pelo grupo de pesquisa em suas investigações são os conceitos de arquitetura, projeto arquitetônico e sua documentação, e patrimônio arquitetônico. As pesquisas partem sempre do princípio que arquitetura é construção,

conforme colocou Costa (1995), quando escreveu que a:

Arquitetura deve ser entendida como construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa. (COSTA, 1995, p. 245).

Esta compreensão de observar a época, o meio, a técnica e o programa são fundamentais, pois, através do olhar sobre a história cultural econômica, política, social do recorte cronológico na qual foi produzido o objeto arquitetônico, pode-se ter um entendimento do processo projetual e construtivo do mesmo. Estes condicionantes certamente dialogam diretamente com o produto deste processo, a edificação, que é resultante da interlocução destas variantes.

O projeto arquitetônico que concebe a edificação/ o objeto, é entendido como um processo, aparecendo como ferramenta para a produção arquitetônica. Afonso (2019, p.3) escreveu que “por processo compreendem-se as formas de proceder

do arquiteto, que, além de enfrentar as condições e dificuldades técnicas próprias do trabalho a ser desenvolvido, põe em jogo suas capacidades específicas de juízo e concepção”.

O projeto enquanto processo possui caminhos a serem seguidos, nos quais é necessária a definição de um programa a ser atendido, um lugar no qual será implantado o edifício, e um modo de construir a ser determinado. (AFONSO, 2019, p.3)

As pesquisas desenvolvidas apoiam-se ainda no entendimento de que a arquitetura é a construção do espaço, e que trabalha com diversas dimensões em seu existir, entre elas a dimensão espacial; estética; técnica; ambiental; econômica; entre outras, conforme colocaram diversos autores, entre eles, Frampton (1999) que propôs a tectônica, como a dimensão construtiva da arquitetura, colocando-a em um nível de igualdade com a dimensão espacial e formal, que havia sido privilegiada na modernidade.

El pleno potencial tectónico de cualquier edificio proviene de su capacidad para articular los aspectos poéticos y los aspectos cognitivos de su sustancia. Esta doble articulación presupone nuestra mediación entre la tecnología como procedimiento productivo y la habilidad técnica como una capacidad anacrónica pero renovada, reconciliando diferentes modos productivos y niveles de intencionalidad. (FRAMPTON, 1999, p.37)

O uso do termo tectônico tem como premissa a existência, em arquitetura, de um juízo estético inerente ao ato construtivo, onde o fazer arquitetônico é, também, procedente da cultura técnica e das condições materiais em tempos e lugares distintos.

Estuda a arquitetura não apenas como manifestação artística, mas também, como fenômeno tecnológico.

A variante “patrimônio arquitetônico” é apoiada teoricamente em textos presentes nas cartas patrimoniais, como por exemplo, Carta de Veneza (1964), A Carta de Burra (1980) e autores clássicos como Choay (2006), Carbonara (1997), Brandi

(2004), entre outros, observando-se os conceitos que se relacionam com o patrimônio e sua preservação, como por exemplo, conservação.

Choay (2006, p.12) em seu livro “A Alegoria do patrimônio” refletiu sobre as transformações sofridas do conceito de patrimônio material imóvel ao longo dos anos, colocando que “todas as formas de construir, eruditas e populares, urbanas e rurais, todas as categorias de edifícios, públicos e privados, santuários e utilitários foram anexadas” no entendimento do que vem a ser bens patrimoniais, e observou que:

O domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele agora compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjuntos de cidade, como mostra a lista do PATRIMONONIO Mundial estabelecida pela Unesco. (CHOAY, 2006, p.13).

Afonso (2019, p.4) colocou que os acervos patrimoniais vêm sendo estudados nas instituições de ensino, seja em sala de aula, seja em trabalhos de pesquisa, que demandam por metodologias

analíticas dos objetos arquitetônicos que contribuam com a qualidade das investigações, e que procurem considerar o maior número possível de reflexões sobre o mesmo, observando o sistema que circundou tal obra e o tornaram ser o que é, em sua existência na construção do cenário no qual está inserido.

O grupo de pesquisas dedica-se a um enfoque direcionado ao acervo moderno, e ao patrimônio industrial da modernidade, coletando uma documentação importante referente ao recorte temporal abarcado. Por isso, o olhar sobre os textos de Bruand (1979), Segawa (1997), Zein (2006) são importantes para que os pesquisadores conheçam a modernidade arquitetônica nacional, além de também, realizarem leituras da Carta de Nizhy Tagil (2003), Kühn (2009), e outros autores que vêm se dedicando ao estudo do patrimônio industrial.

5. CONTEXTO _ O LUGAR NO QUAL O GRUPO ATUA.

A maior parte das pesquisas desenvolvidas pelo GRUPAL é desenvolvida na cidade de Campina Grande, localizada no agreste paraibano, na Serra

da Borborema, distando 120 km da capital João Pessoa, e possuidora de um clima quente seco, e com uma população estimada em 500.000 habitantes.

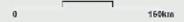
A história da cidade está atrelada às feiras de tropeiros que cruzavam a região, oriundos de cidades do Sertão, do Agreste e do Cariri que vinham comercializar nela seus produtos. Com o ciclo do algodão no final do século XIX, a cidade teve um crescimento comercial e populacional, tomando novos ares em sua morfologia urbana, sendo edificadas novos bairros e uma nova arquitetura.

Nos anos 60, devido aos incentivos recebidos pela SUDENE/ Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (AFONSO, 2017) um novo distrito industrial foi construído na cidade, e a tendência comercial também foi acelerada pela vinda de novos moradores que vinham trabalhar na cidade.

Investimentos para industrialização no Nordeste, provenientes da interferência da SUDENE com objetivo de equilibrar o crescimento fabril e econômico com a região centro-sul, apresentava-se como importante fator para implantação do



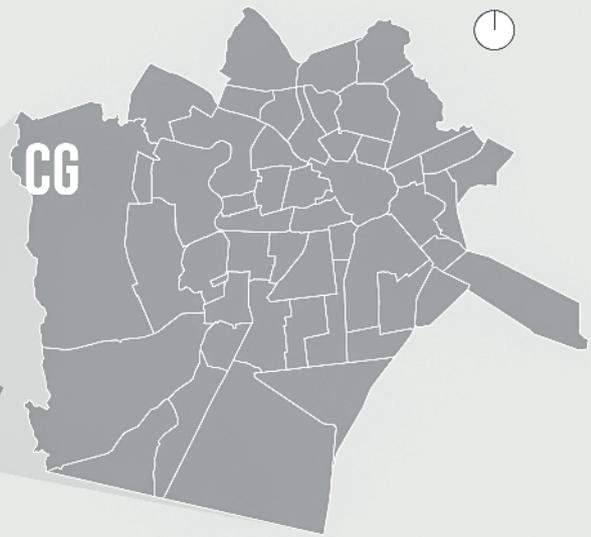
BRASIL
Em destaque: Nordeste Brasileiro



ESTADO DA PARAÍBA
Em destaque: Município de Campina Grande



MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE
Em destaque: Área urbana



ÁREA URBANA DE CAMPINA GRANDE



distrito industrial na cidade, pois devido às políticas de incentivos fiscais, assim como, do apoio da SUDENE, inúmeras fábricas de Campina Grande e sua microrregião foram construídas ou reformadas gerando prosperidade à cidade, de tal forma que esta chegou a ser polo estadual, no que diz respeito à industrialização.

Observa-se que entre os anos 60 e 70 houve a criação de bairros como a Prata, que vizinho à região central abrigou novos loteamentos e uma nova arquitetura que adotou a modernidade como linguagem plástica formal, trazendo à cidade, profissionais de vários lugares do Brasil para desenvolverem seus projetos, como por exemplo, os arquitetos pernambucanos Augusto Reynaldo, Heitor Maia Neto.

Este período áureo de desenvolvimento econômico foi prolífero na produção arquitetônica, e o GRUPAL tem desenvolvido várias pesquisas sobre ele, conforme será visto a seguir, tanto no que tange à produção de um acervo moderno, quanto ao industrial.

O levantamento da documentação e a análise destes bens patrimoniais vêm gerando um rico acervo documental, composto por projetos arquitetônicos, textos biográficos, análises arquitetônicas e de conservação, levantamentos fotográficos, redesenhos, reconstruções, que vêm colaborando para novas pesquisas em distintos níveis de formação acadêmica, além de um trabalho de educação patrimonial, conforme será exposto no tópico que trata dos resultados das pesquisas do GRUPAL.

6. ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO CAMPINENSE: OS PROJETOS DE PESQUISA DESENVOLVIDOS.

O GRUPAL enfoca as pesquisas na área que relaciona arquitetura e modernidade e para tanto subdividiu suas investigações em cinco linhas de pesquisa, a saber:

1. Projeto arquitetônico e modernidade;
2. Design e modernidade;
3. Tectônica e modernidade;
4. Patrimônio industrial e modernidade;
5. Conservação e patrimônio moderno.

Todas estas linhas resgatam documentações coletadas em fontes primárias de arquivos públicos e privados, redesenhando o material de projeto como plantas baixas, de cobertura, cortes e fachadas, e reconstruindo virtualmente as obras em 3ds, quando estas foram demolidas ou se encontram em estado precário de conservação, como forma de resgatar e salvaguardar as soluções projetuais no que tange à forma, à função e às soluções construtivas destas edificações.

6.1 PROJETO ARQ. E MODERNIDADE.

A linha 1 está voltada para o estudo da relação entre o projeto arquitetônico e a modernidade, realizando para isso, pesquisas sobre os principais arquitetos, suas obras e a relação destas com a cidade.

Entre os arquitetos estudados através de pesquisas podem-se citar profissionais da chamada “Escola do Recife” (AFONSO, 2006) que atuaram inicialmente na cidade, implantando ali a linguagem moderna, tais como Augusto Reynaldo e Heitor Maia Neto; o engenheiro e projetista Geraldino Duda; o arquiteto e urbanista Renato Azevedo; o

carioca Hugo Marques; o mestre pernambucano Tertuliano Dionísio; e outros profissionais que marcaram a cidade com suas obras como o arquiteto Glauco Campelo, responsável pelo projeto da estação Rodoviária nova; e o arquiteto mineiro Raul Cirne, autor de projetos de estádios de futebol no nordeste brasileiro, entre eles o Estádio Ernani Sátyro em Campina Grande.

Em 2015, quando foi dado início ao GRUPAL na UFCG/ Universidade Federal de Campina Grande, desenvolveu-se a primeira pesquisa em nível de PIVIC/ Programa de Iniciação Científica Voluntária-que possuía como título “A influência da Escola do Recife na arquitetura de Campina Grande. 1950-1970.” (MENESES, 2015). A proposta deste projeto de pesquisa foi identificar a influência da Escola de Recife na produção arquitetônica campinense, buscando observar através de análise projetual, os princípios adotados pelos arquitetos pernambucanos que atuaram em Campina Grande no recorte da consolidação da modernidade arquitetônica: 1950-1970.

Este projeto foi de importância fundamental juntamente com outro desenvolvido por Sobreira (2015)

que através de uma pesquisa em nível de PIBIC/ Programa de Iniciação de Científica com bolsista, intitulada “Origem da Arquitetura moderna em Campina Grande: obras precursoras e suas contribuições para a arquitetura regional. 1900-1950” colaborou no entendimento da origem e das influências da modernidade arquitetônica na cidade como um passo inicial para a construção das demais que seguiram nos anos seguintes.

A pesquisa desenvolvida por Sobreira (2015) possuía como objetivo, avançar além da necessária constatação documental e descritiva do conjunto de obras da arquitetura moderna produzida em Campina Grande no recorte temporal de 1900 a 1950, realizando simultaneamente reflexões históricas e arquitetônicas, bem como, considerações teóricas, sobre essas obras, sobre os temas críticos que ensejam, sobre os discursos e narrativas de seus momentos históricos e sobre suas repercussões nos debates contemporâneos sobre a preservação do patrimônio cultural, de acordo com a proposta sugerida.

Em 2016, após os estudos iniciais realizados, o grupo avançou e tratou sobre um dos personagens

de grande peso no cenário da modernidade campinense, o arquiteto autodidata e engenheiro civil Geraldino Duda. Com o título “Geraldino Duda. Contribuições para a difusão da modernidade arquitetônica campinense. 1960-1970”, Meneses (2016) desenvolveu investigações que possuía como objeto de estudo, o resgate do trabalho desenvolvido pelo engenheiro em Campina Grande, no recorte temporal de 1960 a 1970, através do levantamento e análise arquitetônica de seus projetos e obras residenciais desenvolvidas pelo mesmo e que contribuíram para a difusão da linguagem moderna na cidade.

Esta pesquisa embasou um trabalho de conclusão de curso da aluna (MENESES, 2017) que teve acesso ao acervo de Geraldino Duda, gerando uma coleta rica que possibilitou a análise de obras residenciais que foram responsáveis pela construção de uma modernidade arquitetônica na cidade.

Ainda em 2016, foi desenvolvido por Sobreira (2016), o projeto “A linguagem arquitetônica brutalista em obras de Campina Grande. PB. 1970-1990.” O objeto de estudo desse projeto de pesquisa tratava de investigar sobre a linguagem



CAUFCG



ctm

Centro de Tecnologia e Recursos Naturais

CAU - UAEC - CTM - UFCC
GRUPAI
GRUPO DE PESQUISA
ARQUITETURA E LUGAR

AS RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES DE GERALDINO DUDA UM ESTUDO SOBRE O MORAR EM CAMPINA GRANDE NOS ANOS 60.

Aluna: Camilla Thais de Meneses Landim
Orientadora: Prof. Dra Alcília Afonso de Albuquerque e Melo



arquitetônica brutalista em obras produzidas na cidade, no recorte temporal que abrangia o período de 1970 a 1990, através do levantamento e análise arquitetônica de projetos e obras que adotaram o brutalismo como expressão plástica e construtiva.

Obras brutalistas foram estudadas, resgatando-se a documentação projetual de edificações como a sede da Federação das Indústrias da Paraíba/ FIEP; a sede da Secretaria de Cultura/ SECULT, o estádio de Futebol Ernani Sátiro, entre tantas outras, e que possibilitaram que a pesquisadora em seguida, elaborasse seu plano de trabalho de mestrado que vem sendo desenvolvido na UFPB/ Universidade Federal da Paraíba - sobre o mesmo tema, contudo, realizando um aprofundamento que um programa de pós-graduação exige.

Em 2017, foi desenvolvido mais um projeto na linha 1, resgatando a documentação arquitetônica de Renato Azevedo, arquiteto e urbanista que atuou na cidade nos anos 70. O projeto “Renato Azevedo: o arquiteto e sua produção na cidade de Campina Grande. 1968-1997. Levantamento das obras” foi desenvolvido por Oliveira (2017) que

tratou de resgatar o trabalho desenvolvido pelo arquiteto na cidade, no recorte temporal de 1968 a 1997, acompanhando os projetos e obras arquitetônicas e urbanísticas desenvolvidas pelo mesmo e que colaboraram pela configuração de uma paisagem construída moderna campinense.

O projeto possuía como objetivo resgatar a obra deste profissional, que foi autor de diversos projetos arquitetônicos, tais como a sede atual da Secretaria de Educação (antigo Museu Assis Chateaubriand), Escola de Dança do Parque do Povo, Shopping Campina Grande (Largo do açude novo), bem como, projetos urbanísticos como o canal do Prado, os parques Evaldo Cruz, Parque da Criança, bem como, projetos para as avenidas Canal e Manoel Tavares.

O segundo projeto de pesquisa desenvolvido no ano de 2017 pelo GRUPAL ficou a cargo da aluna Garcia (2017) e procurava resgatar a documentação da arquitetura e da cidade, trabalhando em um bairro denominado Prata, possuidor de um rico acervo arquitetônico moderno.

PRATA QUE VALE OURO

A CASA MODERNA DA DÉCADA DE 60

MARJORIE GARCIA

Com o título “Prata Moderna. Estudos sobre a produção arquitetônica moderna no bairro da Prata. Campina Grande. Paraíba” a pesquisa realizou estudos sobre a produção arquitetônica moderna no bairro da Prata, no recorte temporal de 1960 a 1970, através do levantamento e análise arquitetônica de projetos e obras projetadas e construídas no bairro, por arquitetos modernos que atuaram na cidade, e que edificaram obras que transformaram Campina Grande com formas arrojadas arquitetônicas, criando ali um grande acervo moderno.

Dando continuidade aos estudos da linha 1, em 2018, mais um arquiteto foi estudado através do projeto “Tertuliano Dionísio: A presença do arquiteto em obras modernas de Campina Grande.1960-1980. Etapa 01”, desenvolvido por Pereira (2018) que tratou de resgatar o trabalho desenvolvido pelo arquiteto pernambucano Tertuliano Dionísio e sua produção na cidade de Campina Grande, no recorte temporal das décadas de 60 a 80 - através do levantamento, em uma primeira etapa- de projetos e obras arquitetônicas desenvolvidas por ele.

O objeto da investigação era pesquisar a respeito do papel do arquiteto pernambucano Tertuliano Dionísio, na construção de uma Campina Grande moderna, através do resgate de suas obras arquitetônicas, procurando ir além da necessária constatação documental e descritiva do conjunto de obras no recorte temporal proposto, realizando uma coleta de dados sobre sua produção, levantando as mais significativas e mapeando as mesmas, para servir de suporte para a análise delas em uma etapa posterior.

Tertuliano Dionísio projetou em Campina Grande obras importantes, tais como:

- 1) Complexo do Campus II da UFPB (hoje UFCG), realizada na gestão do reitor Lynaldo Cavalcanti;
- 2) Escola Normal Padre Emídio Viana Correia, localizada na Avenida Brasília;
- 3) Agenciamento do Monumento “Os Pioneiros”, onde se encontra as esculturas que foram concebidas pelo artista pernambucano José Corbiniano Lins; o prédio que por muitos anos serviu de sede para a Justiça Estadual, conhecido como “Fórum Afonso Campos”, hoje Juizado do Consumidor, na Avenida Floriano Peixoto;
- 4) Clube do trabalhador, no bairro da



PROPEX
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
E EXTENSÃO

GRUPO DE PESQUISA : ARQUITETURA E LUGAR_GRUPAL
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE MODERNA. FORM CG

1960 *Atulcano* 1980 *Lezírio*

A presença do arquiteto em obras modernas de Campina Grande-PB

IVANILSON SANTOS PEREIRA
PESQUISADOR PIVIC 2018-2019 | CAU. UAEC. CTRN.UFCG

DRA. ALCILIA AFONSO ALBUQUERQUE MELO
ORIENTADORA | CAU. UAEC. CTRN.UFCG

Prata, que possui um painel do artista pernambucano Lula Cardoso Ayres; 5) E várias residências modernas, entre elas, a residência José Barbosa Maia, projetada em 1962- um belo exemplar da arquitetura moderna campinense.

Tais estudos continuaram tendo continuidade em 2019, fazendo com que Sares (2019) desenvolva a pesquisa “Análise de obras modernas do arquiteto Tertuliano Dionísio em Campina Grande. 1960-1980. Etapa 02” que trata de uma análise de um conjunto de obras modernas do arquiteto Tertuliano Dionísio em Campina Grande, trabalhando como recorte temporal, o período de 1960/ 1980. Trata-se da segunda etapa da pesquisa que foi iniciada em 2018, que realizou uma espécie de inventário das obras do arquiteto, conforme foi visto anteriormente.

Para esta etapa atual da pesquisa foram selecionados cinco exemplares mais significativos do arquiteto na cidade, usando como critério para a seleção, a tipologia funcional e suas qualidades arquitetônicas. Estão sendo analisadas: 1) Residência José Barbosa Maia. 1962. Alto Branco; 2) Clube do trabalhador; 1962. Prata; 3) Pavilhão Administrativo

CM da UFCG; 1977. Bodocongó. 4) A Biblioteca central da UFCG; 1977. Bodocongó. 5) Escola Normal Padre Emidio 1970. Catolé.

O objetivo desta etapa da pesquisa trata de analisar arquitetonicamente através de suas distintas dimensões (AFONSO, 2019), as obras selecionadas produzidas pelo arquiteto Tertuliano Dionísio, a fim de detectar os valores projetuais e construtivos das mesmas, e que contribuíram para a consolidação da modernidade arquitetônica na paisagem urbana local.

6.2 DESIGN E MODERNIDADE

A linha 2 do Grupal está direcionada a estudos sobre a relação do design com a arquitetura moderna campinense, e tem desenvolvido estudos sobre o design de superfície, observando-se a existência de painéis artísticos, mosaicos, cobogós, gradis, brises.

Medeiros (2015) é pesquisador do GRUPAL e o responsável por esta linha no grupo e há um bom tempo vem se dedicando às pesquisas nesta área, estudando especificamente os mosaicos,

ou ladrilhos hidráulicos empregados no design de superfície de prédios modernos, e gerando excelentes trabalhos como, por exemplo, sua dissertação de mestrado (MEDEIROS, 2018), além da publicação dos resultados em periódicos (AFONSO E MEDEIROS, 2018).

Nesta linha, adota-se uma metodologia de pesquisa exploratória, que segundo GIL (2008, p. 41), “busca proporcionar maior familiaridade com o objeto e torná-lo mais explícito”.

6.3 PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E MODERNIDADE

A temática do patrimônio industrial tem sido discutida em eventos de alcance nacional e internacional, buscando trabalhar com o reconhecimento das obras industriais e com o resgate desta produção, assim como, com a requalificação do imaginário arquitetônico destas.

O projeto desenvolvido pela pesquisadora do GRUPAL, Carvalho (2016), possuiu como título, “Estudos sobre o patrimônio arquitetônico industrial campinense do século XX. Etapa 01. O Ciclo do Algodão”, estando voltado a levantar os

conjuntos fabris existentes na cidade, explorando os complexos industriais, estações ferroviárias, vilas operárias, entre outros edifícios.

Este projeto propôs uma divisão em categorias por tipologias de uso, para em seguida, realizar um fichamento e análise de cada categoria que se constituiu em um inventário das obras do patrimônio industrial algodoeiro existente na cidade.

Em 2017, o GRUPAL desenvolveu mais um o projeto voltado ao resgate do acervo industrial (RODRIGUES, 2017), contudo se dedicando a um segundo momento do processo de industrialização na cidade, a modernidade industrial ocorrida a partir dos anos 60 incrementada pela SUDENE.

A pesquisa que possuía como título, “Modernidade e industrialização em Campina Grande: o patrimônio arquitetônico industrial. 1960-1980” (RODRIGUES, 2017), trabalhava com o recorte temporal de 1960 a 1980, através do levantamento e análise arquitetônica de projetos e obras projetadas de edificações voltadas para a implantação de indústrias, e de espaços relacionados ao desenvolvimento industrial, como por exemplo, clubes de

trabalhadores, escolas de formação, federações, sindicatos.

A pesquisa trabalhou com a hipótese de que a industrialização pela qual passou a política econômica regional na década de sessenta e setenta do século XX colaborou para a criação de novos bairros na cidade, construindo um distrito industrial, com projetos de fábricas arrojados, equipamentos fabris, espaços para melhoria da condição de vida do trabalhador e do empresariado, por demais bairros, bem como, várias residenciais para abrigar as pessoas que vinham até à cidade para trabalhar nas novas fábricas.

Dando continuidade aos estudos sobre o patrimônio industrial, Guedes (2019) vem sendo orientada para desenvolver a investigação a cerca das indústrias da modernidade em Campina Grande. 1968/1971/ Etapa 01_ Inventário - onde estão sendo levantados dados sobre as fábricas vinculadas ao ramo da construção civil, que estavam presentes no Cadastro Industrial da Paraíba (1969), realizado pela FIEP/ Federação das Indústrias do Estado da Paraíba.

Esta pesquisa que está em desenvolvimento, observa a relação das indústrias de construção civil com o desenvolvimento arquitetônico e urbanístico da cidade, no período de modernidade arquitetônica, relacionando saberes das áreas da arquitetura, urbanismo, design, história e materiais construtivos.

Em 2018, foi desenvolvido o projeto “A relação entre concepção arquitetônica e estrutura em projetos industriais modernos em Campina Grande. Estudos de Casos”, trabalhado por Leite (2018). Esta pesquisa dialogou modernidade, tectônica e patrimônio industrial, e já se apresentou como uma investigação de maturidade do grupo, pois introduziu novos conhecimentos e olhares, procurando inter-relacionar as distintas variantes.

Observou-se que os projetos das fábricas produzidas nos anos 60, tais como o complexo fabril da antiga Wallig Nordeste S.A. e da Cande, utilizaram concepções projetuais arquitetônicas e estruturais bastante arrojadas para a época, utilizando grandes vãos vencidos com vigas e pilares em concreto armado, em aço, e peles em cobogós especialmente detalhados para cada projeto, despertando o interesse para as soluções construtivas e a



GRUPAI
GRUPO DE PESQUISA
ARQUITETURA E LUGAR



CNPq
CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO



MODERNIDADE E INDUSTRIALIZAÇÃO EM CAMPINA
GRANDE: O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO INDUSTRIAL.
1960-1980.



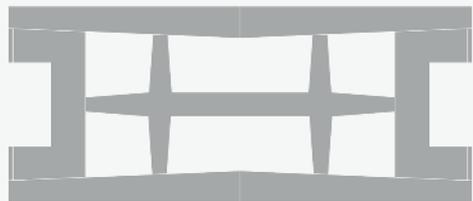
**A RELAÇÃO ENTRE CONCEPÇÃO
ARQUITETÔNICA E ESTRUTURA EM
PROJETOS INDUSTRIAIS MODERNOS EM
CAMPINA GRANDE. ESTUDOS DE CASOS.**

PESQUISADORA

JULIA RIBEIRO MARANHÃO LEITE
CAU.UAEC.CTRN.UFCG

ORIENTADORA

DRA. ALCILIA AFONSO DE ALBUQUERQUE MELO
CAU.UAEC.CTRN.UFCG



palimpsesto^e PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

PROJETO DE INTERVENÇÃO
FÁBRICA WALLIG NORDESTE S.A.
CAMPINA GRANDE - PB



qualidade das mesmas, assim como o forte diálogo entre concepção projetual e estrutura.

A Fábrica da Wallig Nordeste S.A que foi o complexo fabril mais estudado até o momento, gerou um trabalho de conclusão de curso de Leite (2020), que realizou estudos de anamnese da obra, analisou arquitetonicamente as dimensões da mesma, estudou as patologias principais existentes, para então, propor um projeto de intervenção que reutilizasse o antigo espaço fabril, atualmente, com cinquenta por cento de sua infraestrutura subutilizada.

A intenção do grupo de pesquisa é sensibilizar a população em geral para a importância em se preservar essas antigas estruturas industriais, propondo reusos, que de uma forma sustentável, contribuam com a melhoria urbana de nossas cidades.

O trabalho de Leite (2020) sobre a Fábrica da Wallig Nordeste S.A tornou-se para o grupo de pesquisa, um exemplo em como empregar a pesquisa arquitetônica para projetos arquitetônicos de intervenção patrimonial, tirando partido de uma pesquisa rica sobre a documentação do edifício, de sua história.

6.4 TECTÔNICA E MODERNIDADE.

A necessidade de se realizar uma aproximação entre arquitetura, documentação e construção, levou o GRUPAL, a partir de 2018, a realizar pesquisas que observassem a tectônica das edificações, analisando obras simbólicas (AFONSO, 2018) que relacionam arquitetura/ estrutura como, por exemplo, o Estádio Ernani Sátiro (1973- 1975), popularmente chamado de “Amigão”.

A tendência do grupo de pesquisa em estar voltado ao estudo da relação tectônica e modernidade, levou ao desenvolvimento de outra pesquisa: “Tectônica da modernidade: desafios para a preservação da arquitetura moderna em Campina Grande”.

Trabalhada por Diniz (2018), a pesquisa desenvolvida possuía como objeto de estudo, um olhar sobre a tectônica da modernidade, observando os desafios encontrados para a preservação do acervo arquitetônico produzido, tomando como estudo de caso, cinco edificações modernas projetadas e construídas durante os anos 50 a 80, na cidade de Campina Grande; a) Duas residências





PROPEX
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
E EXTENSÃO

GRUPO DE PESQUISA : ARQUITETURA E LUGAR_GRUPAL
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE MODERNA. FORM CG

a obra do CAIC

Centro de Atenção Integral à Criança

JOSÉ JOFILLY

em Campina Grande, Paraíba

análise



IVANILSON SANTOS PEREIRA
PESQUISADOR PIBIC 2019-2020 | CAU. UAEC. CTRN.UFCG

DRA. ALCILIA AFONSO ALBUQUERQUE MELO
ORIENTADORA | CAU. UAEC. CTRN.UFCG

de linhas modernas de diferentes arquitetos; b) o Teatro Municipal Severino Cabral (1962); c) o edifício sede da SECULT; d) e o Centro cultural Lurdes Ramalho (1980).

O objetivo foi analisar a arquitetura e a conservação destes exemplares, trabalhando-se com as dimensões voltadas para a produção do espaço, a funcionalidade, a questão formal, e a dimensão construtiva, observando-se problemas que vão desde possíveis falhas na concepção arquitetônica e estrutural, uma má escolha de materiais construtivos, má execução da obra, questões de mau uso, até a falta de manutenção do bem, que acarreta a sua deterioração, podendo o mesmo a vir sofrer um colapso construtivo, caso esse não seja devidamente tratado, conservado.

Essa pesquisa gerou mais um trabalho de conclusão de curso, realizado por Diniz (2020), que realizou uma intervenção arqui (tectônica), em nível de estudo preliminar de restauro para o Teatro Municipal Severino Cabral, em Campina Grande-PB, que também serviu de base para a elaboração de seu projeto de mestrado na área de tectônica

e arquitetura na UFPB/ Universidade Federal da Paraíba.

Mais um exemplo sobre a importância da pesquisa científica realizada na graduação e que traz resultados na formação profissional do estudante em sua trajetória.

6.5 CONSERVAÇÃO E PATRIMÔNIO MODERNO.

A partir de 2018, o GRUPAL após ter pesquisado dezenas de obras modernas campinenses, conforme foi visto anteriormente, documentando e resgatando informações importantes sobre os projetos, seus autores, soluções projetuais e construtivas, deu início a uma proposta de trabalho mais efetiva e prática, na busca de soluções para o processo de conservação destas edificações, como fez com o projeto de pesquisa desenvolvido por Diniz (2018).

Em 2019, o GRUPAL atendo aos problemas de conservação do patrimônio moderno, desenvolveu mais uma pesquisa que vem foi realizada por Pereira (2019): “A obra do CAIC / centro de atenção integral à criança José Jofilly, em Campina Grande, Paraíba: análise arquitetônica e de conservação.”



Esta pesquisa objetivou detectar os valores projetuais e construtivos desta obra, diagnosticar as patologias da mesma e propor caminhos para a salvaguarda deste patrimônio arquitetônico escolar, que se constitui em um rico exemplar da produção do arquiteto João Filgueiras, Lelé, em terras campinenses.

Para tanto, o trabalho se dividiu em dois momentos: 1) Voltado à análise arquitetônica, baseando-se na metodologia proposta por Afonso (2019); 2) Voltado para a análise da conservação, baseando-se na metodologia proposta por Lichtenstein (1998) e Tinoco (2007).

O trabalho desenvolvido por Pereira (2019) serviu de suporte para que Rodrigues (2020) desenvolvesse um trabalho de conclusão de curso, para intervir em um dos mais importantes volumes do complexo educacional: O Ginásio do CAIC José Jofilly.

Utilizando das informações coletadas na pesquisa, de estudos das dimensões, patologias, e partindo de princípios projetuais de intervenção no patrimônio edificado, a proposta tentou reutilizar as áreas

ociosas, do grande ginásio, que se encontra abandonado pelas autoridades responsáveis.

A proposta esclarece que é possível manter adequadamente a infraestrutura existente, intervindo de forma pontual e respeitosa com a arquitetura pré-existente, dotando o espaço de equipamentos que revitalizem o lugar e voltem a atender às demandas sociais, culturais e educativas da obra.

7. RESULTADOS

Conforme foi visto nesta síntese de apresentação sobre o trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa arquitetura e lugar/ GRUPAL - pode-se observar a constância do resgate da documentação da arquitetura moderna que vem sendo produzido no agreste paraibano, especificamente na cidade de Campina Grande, durante o recorte temporal de 1950-1980.

Foram desenvolvidos desde 2015 até a presente data, catorze projetos de pesquisa em nível de graduação através do PIBIC e PIVIC, mais de uma dezena de trabalhos de conclusão de curso de

graduação, duas dissertações de mestrado, centenas de artigos científicos.

Através da construção de uma rede de pesquisadores composta por estudantes de graduação, especialistas, mestres e doutores, o GRUPAL vem promovendo ações de capacitação, workshops, exposições e a produção de artigos científicos, pondo em prática o tripé ensino, pesquisa e extensão no ambiente acadêmico, procurando levar à sociedade, os resultados de nossos estudos e interagindo a academia com a sociedade.

Além disso, o grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar alimenta suas redes sociais no Instagram ([@grupalu.fcg](#)), Facebook (grupo de pesquisas arquitetura e lugar. cg), um blog (<http://grupodepesquisaarquitecturaelugar.blogspot.com/>) e canal no YouTube (Arquitetura e Lugar GRUPAL), a fim de se aproximar do grande público que na contemporaneidade utiliza as mídias digitais de maneira mais incisiva.

A proposta é divulgar sempre os resultados das pesquisas, e se fazer presente no dia-a-dia da sociedade, a fim de sensibilizar o maior número de pessoas para atuar como ativistas patrimoniais.

8. CONCLUSÃO

Espera-se com este artigo trazer à tona a importância em se fortalecer o trabalho de interiorização do saber no Brasil, com o apoio ao trabalho de pesquisa científica e acadêmica na área da arquitetura e sua documentação, referente aos acervos modernos e industriais do século XX, resgatando personagens, obras, materialidades e soluções projetuais e construtivas inéditas e que contribuam com a construção da história da arquitetura brasileira, abrangendo todo o território nacional e suas especificidades.

Através da participação em rede com pesquisadores do Docomomo Brasil, Docomomo Norte Nordeste, TICCIH, ICOMOS Brasil, INCUNA, Universidades nacionais e estrangeiras, o GRUPAL vem resgatando a história da arquitetura e do urbanismo em Campina Grande, realizando um trabalho de educação e sensibilização patrimonial, através de palestras, consultorias, workshops, prestando consultoria acadêmica a temas pertinentes à melhoria urbana, com projetos arquitetônicos para a cidade e projetos de intervenção no patrimônio edificado.

O agreste paraibano do nordeste brasileiro, território rico e ainda pouco conhecido nacionalmente possui uma produção arquitetônica e urbanística a ser explorada e difundida e que possa contribuir com a construção da história arquitetônica brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. *La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50*. Barcelona: Tese doutoral na linha de projetos arquitetônicos. ETSAB. UPC. 2006.

AFONSO, A. *A poética da construção residencial moderna campinense. Tectônica e modernidade*. Manaus: 7º DOCOMOMO Norte Nordeste. 2018.

AFONSO, A. *Arquitetura e estrutura: a obra de Raul Cirne em estádios de futebol do Piauí e da Paraíba nos anos 70*. Manaus: 7º DOCOMOMO Norte Nordeste. 2018.

AFONSO, A. *Proposta metodológica para pesquisa arquitetônica patrimonial*. Belo Horizonte: 3º simpósio científico do ICOMOS Brasil. 2019.

BRANDI, C. *Teoria da Restauração*. São Paulo, Ateliê, 2004.

BRUAND, Y. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. SP: Ed. Perspectiva. 1979.

CARBONARA, G. *Avvicinamento al Restauro*. Napoli, Liguori, 1997.

Carta de Burra. Iphan. 1980. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>. Acesso em 14 de junho de 2019.

Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial. 2003. TICCIH. Disponível em <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2018.

Carta de Veneza. Iphan. 1964. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em 24 de outubro de 2019.

CARVALHO, J. *Estudos sobre o patrimônio arquitetônico industrial campinense do século XX. Etapa 01. O Ciclo do Algodão*. Campina Grande: UFCG. PIVIC 2016.

CHOAY, F. *A Alegoria do Patrimônio*. 4ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP. 2006.

COSTA, L. Considerações sobre arte contemporânea (1940). In: L. COSTA, *Registro de uma vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995.

DINIZ, D. *Tectônica da modernidade: desafios para a preservação da arquitetura moderna em Campina Grande*. Campina Grande: UFCG. PIBIC 2018.

FRAMPTON, K. *Studies in tectonics culture*. Cambridge. Massachussets. The MIT Press. 1995.

GARCIA, M. *Prata Moderna. Estudos sobre a produção arquitetônica moderna no bairro da Prata. Campina Grande. Paraíba*. Campina Grande: UFCG. PIBIC 2017.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas. 2008.

GUEDES, D. *As indústrias da modernidade em Campina Grande. 1968/ 1971/ Etapa 01 Inventário*. Campina Grande: UFCG. PIBIC 2019.

KÜHL, B. M. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas teóricos de restauro*. Cotia, Ateliê / FAPESP, 2009.

LEITE, J. *A relação entre Concepção Arquitetônica e Estrutura em projetos Industriais Modernos em*

Campina Grande. Estudos de Casos. Campina Grande: UFCG. PIBIC 2018.

LICHTENSTEIN, N. *Patologia das construções*. Publicado no Boletim Técnico N°06/86 da Escola Politécnica da USP. SP: USP. 1986.

MEDEIROS, A. T. e AFONSO. A. *As fábricas de ladrilho hidráulico de Campina Grande - PB: um estudo do patrimônio industrial*. Revista Labor & Engenharia. UNICAMP. Volume 12, N° 3/ 2018.

MEDEIROS. A. T. *O design de superfície nos ladrilhos hidráulicos. Um estudo do patrimônio industrial campinense*. Programa de pós-graduação em Design. UFCG. Campina Grande. 2018.

MEDEIROS, A. T. *Ladrilho hidráulico: a valorização do território através do design de superfície*. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Design, UAD, UFCG, Campina Grande. 2015.

MENESES, C. *A influência da Escola do Recife na arquitetura de Campina Grande. 1950-1970*. Campina Grande: UFCG. PIBIC 2015.

MENESES, C. *Geraldino Duda. Contribuições para a difusão da modernidade arquitetônica campinense. 1960-1970*. Campina Grande: UFCG. PIBIC 2016.

MENESES, C. *As residências unifamiliares de Geraldino Duda. Um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 60.* Campina Grande: UFCG. Trabalho de conclusão de curso em arquitetura e urbanismo. 2017.

OLIVEIRA, I. *Renato Azevedo: o arquiteto e sua produção na cidade de Campina Grande. 1968-1997. Levantamento das obras.* Campina Grande: UFCG. PIVIC. 2017.

PEREIRA, I. *Tertuliano Dionísio: A presença do arquiteto em obras modernas de Campina Grande. 1960-1980. Etapa 01.* Campina Grande: UFCG. PIVIC. 2018.

PEREIRA, I. *A obra do CAIC / centro de atenção integral à criança José Jofilly, em Campina Grande, Paraíba: análise arquitetônica e de conservação.* Campina Grande: UFCG. PIVIC. 2019.

PIÑÓN, H. *Teoria do projeto.* Traduzido por E. Mahfuz. Porto Alegre: Livraria do arquiteto. 2006.

RIBEIRO, R. e NÓBREGA C. (org). *Projeto e patrimônio: reflexões e aplicações.* Rio de Janeiro: Rio Books. 2016.

RODRIGUES, R. *Modernidade e industrialização em Campina Grande: o patrimônio arquitetônico*

industrial. 1960-1980. Campina Grande: UFCG. PIVIC 2017.

SOARES, V. *Análise de obras modernas do arquiteto Tertuliano Dionísio em Campina Grande. 1960-1980. Etapa 02.* Campina Grande: UFCG. PIVIC 2019.

SOBREIRA, C. *Origem da Arquitetura moderna em Campina Grande: obras precursoras e suas contribuições para a arquitetura regional. 1900-1950.* Campina Grande: UFCG. PIBIC 2015.

SOBREIRA, C. *A linguagem arquitetônica brutalista em obras de Campina Grande. PB.1970-1990.* Campina Grande: UFCG. PIVIC 2016.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990.* São Paulo: EDUSP, 2002.

TINOCO, J. E. *Mapa de danos. Recomendações básicas.* Recife: CECI/MDU. 2019.

ZEIN, R. *A década ausente. É preciso reconhecer a arquitetura brasileira dos anos 1960-70. Arqtextos, n. 076.02.* São Paulo, Portal Vitruvius, set. 2006. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq076/arq076_02.asp. Acesso em 20 de outubro de 2018.

GERALDINO | 1935

DUDA

CAP 3

DADOS BIOGRÁFICOS

ALCÍLIA AFONSO | CAMILLA MENESES | DIEGO DINIZ

San Bernardino

GERALDINO DUDA

1935

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Geraldino Pereira Duda nasceu na cidade de Campina Grande no dia 6 de março de 1935, filho de Antonio Pereira Duda, que era técnico do Curtume dos Motta, e Vitalina Pereira Lima.

Com apenas seis meses de nascido foi levado para morar em Natal. Durante sua infância a família Duda mudou-se diversas vezes, residindo em Fortaleza, Quixadá, Baturité, Sobral, Parnaíba, Catolé do Rocha, Mulungú, Alagoa Grande, Recife, Rio Tinto, até finalmente retornarem para Campina Grande, onde se estabeleceram definitivamente.

Geraldino começou a trabalhar com nove anos de idade em Rio Tinto na Fábrica de Tecido, primeiro como caderno e depois como apontador até os 12 anos. Ao retornar à Campina Grande trabalhou com Arthur Monteiro em uma oficina mecânica. Nessa época retomou os estudos, concluindo o secundário no Colégio Pio XI.

Aos 22 anos casou-se com Nilma Feitosa Pereira, com quem teve cinco filhos: Niúra, Gláuro, Gláucio, Nilda e Glauber (in memoriam). Para Geraldino o primeiro contato com a linguagem arquitetônica moderna se deu quando este ainda era criança através da leitura de revistas. Foi através das publicações que ele tomou conhecimento de obras como o conjunto arquitetônico da Pampulha, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, e também, do Edifício sede do Ministério da Educação do Rio de Janeiro projetado por Lucio Costa e equipe.

Em 1950, com apenas 15 anos de idade, Geraldino foi incentivado pelo amigo e fotógrafo Sóter Farias, a iniciar suas atividades na área de arquitetura, orientando-o a trabalhar no escritório do arquiteto licenciado Josué Barbosa. Duda logo se destacou devido a sua habilidade para desenhar.

A partir dessa experiência, desenvolveu interesse e grande aptidão para atuar no ramo. Trabalhou também para o construtor José Honorato Filho e outros profissionais, sendo convidado para fazer parte da Construtora Honorabre.

Em 1960, começou a trabalhar para o Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DPU) da prefeitura de Campina Grande, como Assistente Técnico de Arquitetura e Urbanismo, juntamente com o engenheiro Austro França, no mandato do prefeito Severino Cabral.

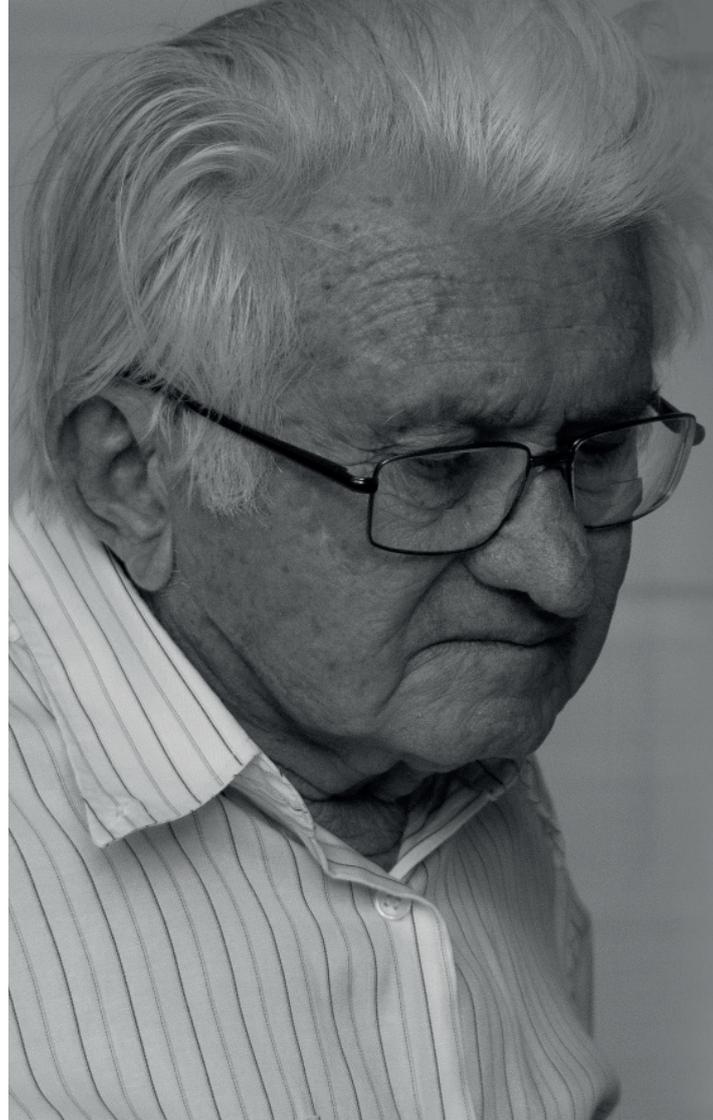
Em 1961, Duda viajou para conhecer a recém inaugurada Brasília, e teve um breve encontro com Niemeyer. Após esta viagem, em 1962, foi incumbido de projetar o Teatro Municipal Severino Cabral, obra que teve sua inauguração parcial em 1963. Esta foi sua obra de maior destaque, e lhe rendeu muito reconhecimento profissional. A década que se seguiu (de 1960) foi marcada por uma grande produtividade do desenhista, principalmente, de projetos residenciais. Através de investigações realizadas pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar (GRUPAL), que teve acesso ao acervo particular de

Geraldino, esta foi a década em que o profissional mais recebeu encomendas.

Nesta época, Geraldino optou por não realizar a prova do CREA, que deveria ser feita em Recife, para se tornar arquiteto licenciado, portanto, seus projetos eram assinados por engenheiros das construtoras, responsáveis pela execução das obras.

Na década 1970, Geraldino tirou licença do seu cargo na prefeitura para concluir o curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica em Campina Grande. Para grande emoção de Geraldino, a cerimônia de colação de grau foi celebrada no Teatro Municipal Severino Cabral. Ainda como funcionário da Prefeitura Municipal de Campina Grande, atuou como chefe do DPU, chegando ainda a ser diretor do departamento no mandato do prefeito Willian Arruda. Sua contribuição com o urbanismo da cidade é vasta como exemplos, podemos citar: o desenho da Praça do Trabalho; a concepção projeto MultiLagos (que não chegou a ser executado); o traçado urbano de várias quadras no bairro da Prata, dentre muitos outros.

De sua produção profissional, é importante ressaltar, que apesar do projeto do Teatro Municipal Severino Cabral ter sido sua obra de maior destaque, Geraldino foi o responsável por dezenas de projetos residenciais, que marcam fortemente a paisagem urbana de Campina Grande (MENESES, 2017). Em depoimentos a revistas da época, ele conta que no início foi difícil convencer os clientes a aceitarem projetos residenciais com linguagem moderna, porém, com persistência vários projetos foram sendo solicitados. Uma de suas residências chamou tanta atenção que chegou a ser divulgada na revista de circulação nacional "Cruzeiro". Além desta, muitas publicações sobre ele foram veiculadas em jornais, revistas locais e publicações do Teatro Municipal.

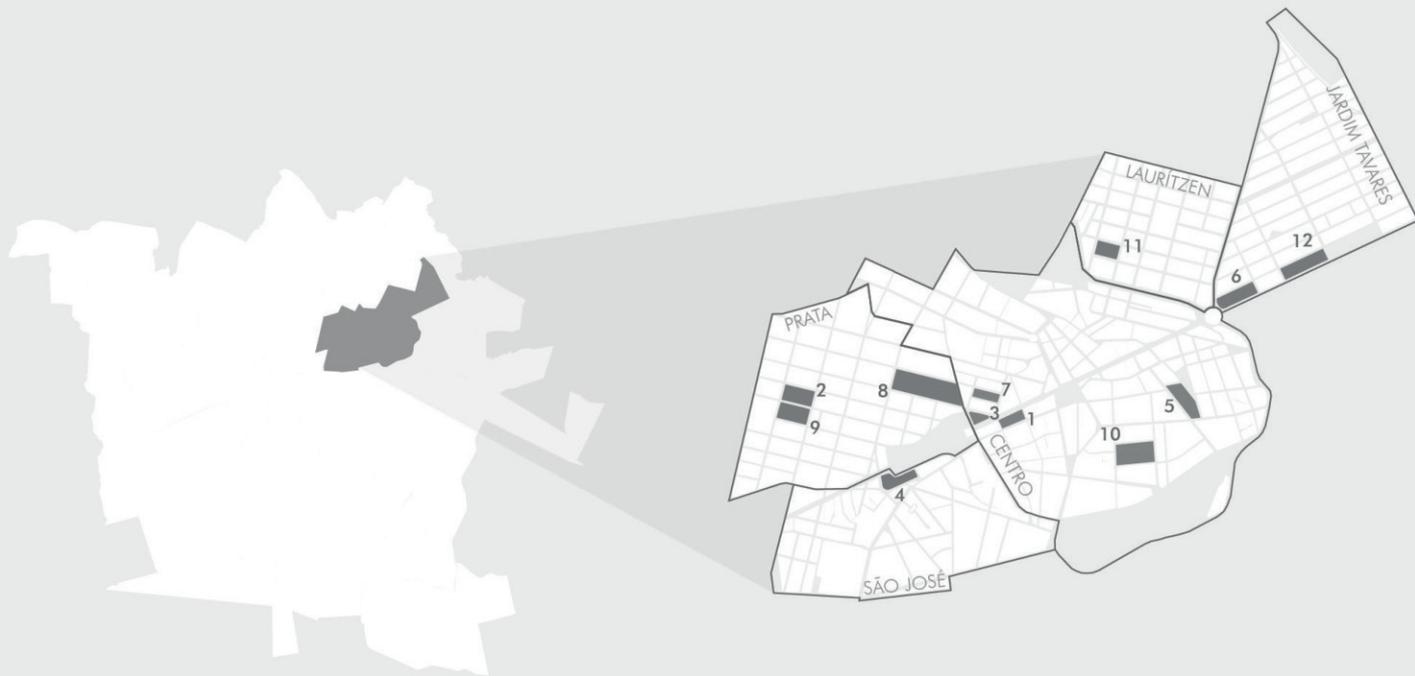


2. LISTA DAS PRINCIPAIS OBRAS

Geraldino foi responsável por centenas de projetos na cidade de Campina Grande. Seu repertório incluiu obras institucionais, de serviços, comerciais, residenciais e urbanas. Durante as investigações no acervo do projetista, foi possível encontrar projetos de década de 1950 a 1990.

ANO	OBRA	LOCALIZAÇÃO
1960	1. Res. Helion Paiva	Av. Floriano Peixoto; Centro
1960	2. Res. Sostenis Silva	R. Rodrigues Alves, 708; Prata
1962	3. Teatro Municipal Severino Cabral	Av. Mal. Floriano Peixoto, S/N - Centro
1962	4. Res. Heleno Sabino	R. Melo Leitão; São José
1962	5. Res. Emília Aguiar*	R. Vila Nova da Rainha; Centro
1964	6. Res. Camilo Paulino	Avenida Floriano Peixoto, 1515; Jardim Tavares
1964	7. Res. Anderson Costa	R. Prof. José Coelho com a Jerônimo Gueiros; Centro
1964	8. Res. José Augusto de Almeida*	R. Pedro II; Prata
1968	9. Res. Amaro Fiuza Chaves	R. J. Machado com a R. Duque de Caxias, 488. Prata.
1968	10. Res. Antonio Diniz Magalhães	R. Cel. Salvinio Figueiredo; Centro
1974	11. Olacy Cavalcanti de Albuquerque	R. Américo Porto/R. Napoleão Laureano, 28. Lauritzen
1981	12. Walter Correia de Brito	Av. Floriano Peixoto, 1919. Jardim Tavares

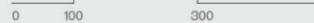
* Obras descaracterizadas, atualmente uso clínico



IMPLANTAÇÃO CIDADE



IMPLANTAÇÃO BAIRRO



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

ARTIGOS

AFONSO A; MENESES, C. *A contribuição de Geraldino Duda para a construção de uma paisagem moderna em Campina Grande, Paraíba, nos anos 60*. In: 4º Colóquio ibero americano. Paisagem cultural, patrimônio e projeto. Belo Horizonte: IEDS UFMG, 2016.

ALMEIDA, A. L. *Arquitetura moderna residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960-1969)*. Trabalho de Conclusão de Graduação. João Pessoa, CAU/UFPB, 2007.

ALMEIDA, A. L. *Modernização e modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)*. PhD Thesis. Universidade de São Paulo. 2010.

ALMEIDA, A. L. *Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira: uma abordagem historiográfica*. PhD Thesis. Universidade de São Paulo. 2015.

ARAUJO, D. et al. *Superfície pétrea na obra residencial de Duda em Campina Grande: análise da tectônica*. In: 7º Seminário Docomomo Norte Nordeste, Manaus: UFAM. 2018.

DINIZ, D. et al. *Materialidade das peles na arquitetura residencial moderna campinense. Residência Heleno Sabino: um estudo de caso*. 3º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira, Bahia, 2019a.

DINIZ, D. *Tectônica da modernidade: Desafios para a preservação da arquitetura moderna em Campina Grande-PB*. XVI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

MENESES, C; AFONSO, A. *Patologia do patrimônio moderno. o caso do teatro municipal severino cabral*. Campina Grande - PB. In: 5º Colóquio

ibero americano paisagem cultural, patrimônio e projeto. Belo Horizonte. IEDS UFMG, 2018.

MENESES, C.; AFONSO, A. As residências unifamiliares de geraldino duda. um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 1960. In: 5º Seminário Iberoamericano Arquitetura e Documentação, Belo Horizonte, 2017.

MENESES, C; AFONSO, A. *A Contribuição de Geraldino Duda para a construção de uma paisagem moderna em Campina Grande, Paraíba, nos anos 60.* In: 4º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural Patrimônio e Projeto, Belo Horizonte, 2016.

MENESES, C; AFONSO, A. *A contribuição de Geraldino Duda para a consolidação da modernidade arquitetônica em Campina Grande, na década de 60.* In: Alcília Afonso. (Org.). *Modernidade no Norte Nordeste Brasileiro: o diálogo entre arquitetura, tectônica e lugar.* 1 ed. Teresina: Gráfica Cidade Verde, 2017

MENESES, C; AFONSO, A. *Documentação da arquitetura moderna residencial em Campina*

Grande, PB. Um estudo sobre as residências de Geraldino Duda na década de 1960. In: Simpósio Científico ICOMOS BRASIL, Belo Horizonte, 2017.

MENESES, C; AFONSO, A. *Geraldino Duda: contribuições para a difusão da modernidade arquitetônica campinense. 1960-1970.* In: IV Seminário Internacional Academia de Escolas de Arquitectura e Urbanismo de Língua Portuguesa (AEULP) - A língua que habitamos, Belo Horizonte, 2017.

MENESES, C; AFONSO, A; FARIAS, I. *A arquitetura de Duda. o uso do recurso cinematográfico na documentação do patrimônio moderno.* In: 7º Seminário Docomomo Norte Nordeste, Manaus: UFAM, 2018.

QUEIROZ, M. V. D. *Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950).* São Carlos: Dissertação (Mestrado) – PPGAU/EESC/USP. 2008.

QUEIROZ, M.; MELO, F. *Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950.* In: 1º Seminário DOCOMOMO NorteNordeste, Recife, 2006.



TINEM, N.; COTRIM, M. (org). *Na urdidura da modernidade. Arquitetura Moderna na Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

DINIZ, D. *Intervenção arqui(tectônica). Estudo preliminar de restauro do Teatro Municipal Severino Cabral em Campina Grande-PB*. Trabalho de Conclusão de Graduação. Campina Grande, CAU/UFCG, 2020.

MENESES, C. *As residências unifamiliares de Geraldino Duda. Um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 1960*. Trabalho de Conclusão de Graduação. Campina Grande, CAU/UFCG, 2017.

DOCUMENTÁRIO:

ARQUITETURA de Duda. Roteiro e Direção: Ítalo Tavares. Produção: Erik Medeiros; Carol Torquatto. Campina Grande: Bembe Filmes, 2017.

CAP 4

RESIDÊNCIA HELION PAIVA: ANÁLISE DAS
DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1960/1962.

CAMILA MENESES | DIEGO DINIZ



RESIDÊNCIA
HELION PAIVA

1960/1962



Residência Helion Paiva
1960/1962

Avenida Floriano Peixoto, s/n, Centro,
Campina Grande, Paraíba.

Projeto desenvolvido por Geraldino Duda e assinado pelo engenheiro Roberto Palomo, como responsável pelo projeto e construção, além de instalação hidráulica e elétrica.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

A residência Helion Paiva, foi projetada no ano de 1960. Localizada na Avenida Floriano Peixoto, bairro Centro, de Campina Grande.

A quadra em que a residência se encontra, está no limite externo do perímetro estabelecido como Área de Preservação Rigorosa (APR) pelo Decreto Estadual nº. 25.139 de 2004. Este decreto teve como objetivo criar proteção legal para conjuntos arquitetônicos Art Decó, localizados no centro histórico da cidade.

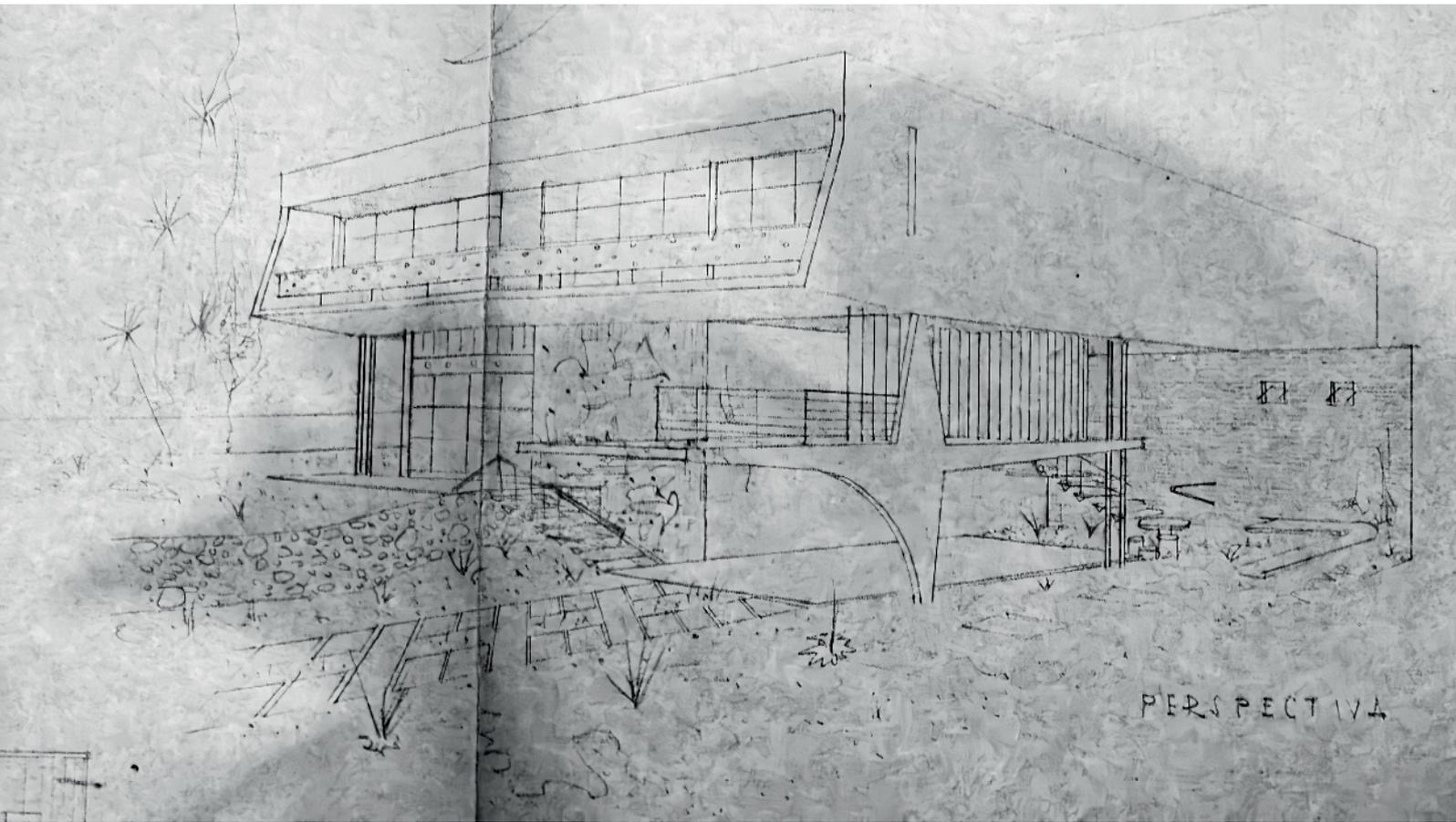
Em 2013 o Decreto Estadual nº 33.816/2013 incluiu as quadras situadas nas margens da área de Preservação Permanente como Área de Proteção de Entorno (APE).

Tal área (de entorno) funciona como espaço de amortecimento, transição e manutenção da ambiência entre a APR e as demais áreas de expansão dos espaços acima relacionados, através da preservação da

forma de ocupação, do traçado do sítio (urbano ou rural) e dos bens de significado cultural ainda nela existentes e pela renovação controlada das edificações sem valor cultural para a preservação, de forma a não comprometer a ambiência da APR, notadamente nos aspectos relativos à sua escala e textura de materiais. (Decreto Estadual nº 33.816/2013)

Desta forma, a partir de 2013 a residência Helion Paiva passou a estar inserida na APE. No entanto, a edificação em si, não se encontra legalmente protegida.

Também é válido ressaltar, que a residência compõe um conjunto de bens arquitetônicos modernos localizados na mesma região. Fazem parte do conjunto: O Teatro Municipal Severino Cabral, o Museu de Arte Assis Chateaubriand, a residência Alaíde Muniz, além de outras residências.



PERSPECTIVE

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

A década de 1960 marca um período importante da carreira profissional de Geraldino Duda. Segundo Meneses (2017), este foi o período em que o desenhista mais recebeu encomendas de projetos residências.

Também foi nessa época que Duda demonstrou através de seus projetos um comprometimento com a linguagem arquitetônica moderna. Essa tendência foi endossada pelas classes média e alta da cidade de Campina Grande. Prova disso foram as dezenas de projetos encomendados.

O projeto de construção da residência Helion Paiva foi aprovado pela Divisão de Obras da Prefeitura Municipal de Campina Grande no dia 13 de abril de 1960. O projeto foi assinado pelo engenheiro Roberto Palomo, como responsável pelo projeto e construção, além de instalação hidráulica e elétrica.

A prática de solicitar a assinatura de engenheiros em seus projetos perdurou até que Geraldino concluísse sua formação como engenheiro na Escola Politécnica em Campina Grande, na década de 1970.



3 DIMENSÃO ESPACIAL

A obra está localizada na Av. Floriano Peixoto, que é um eixo estruturante da cidade de Campina Grande. O bairro Centro em que está inserida, é majoritariamente comercial, mas ainda conta com grande número de residências.

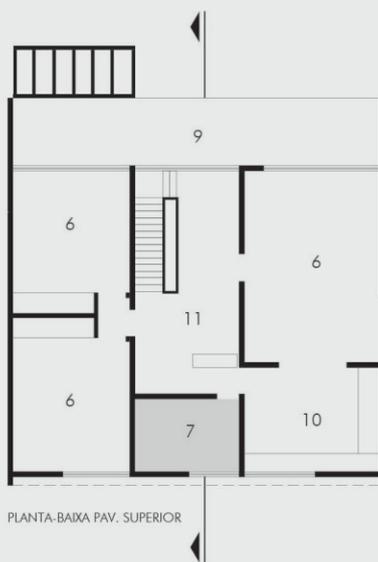
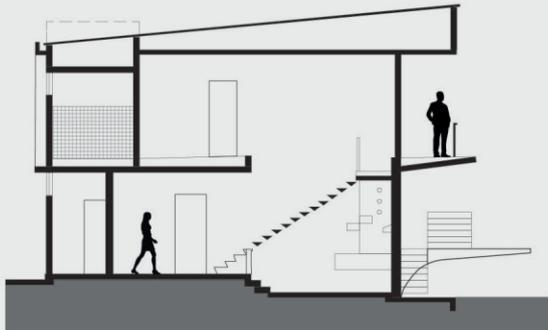
A implantação ocorre em um lote de aproximadamente 370m² e tem 255,80m² de área construída. A edificação se encontra recuada de todas as laterais, ocupando o centro do lote. A parte frontal é cercada por um jardim em que foram desenhados tipos de pavimentação diferentes, um lago artificial, e uma área social com um banco ao ar livre.

A implantação da residência valeu-se do desnível do terreno. Foi feito um corte, onde há o acesso através da avenida para automóvel; e um aterro, contido por um muro de arrimo, onde se apoia o restante da residência. Na parte mais elevada se encontra o acesso peatonal social, também através da avenida.

O programa é distribuído em cinco níveis: iniciando pela cota mais baixa, está o nível onde se encontra a garagem e uma passagem lateral que leva aos fundos da casa.

Em seguida existem três níveis intermediários, onde estão respectivamente, a sala de estar; a sala de jantar, um quarto e um banheiro, cozinha e serviço; e mais acima, no último nível intermediário está a varanda social e uma biblioteca/escritório.

No último nível, encontra-se o pavimento superior reservado ao setor íntimo, onde estão os quartos, instalações sanitárias, e uma saleta por onde se acessa a grande varanda íntima.



LEGENDA

- 1 - Garagem
- 2 - Alpendre
- 3 - Sala de Estar
- 4 - Sala de Jantar
- 5 - Cozinha
- 6 - Quarto
- 7 - Banheiro
- 8 - Área de Serviço
- 9 - Varanda
- 10 - Vestiário
- 11 - Hall

PLANTA-BAIXA



4 DIMENSÃO TECTÔNICA

Em relação a essa dimensão de análise, observa-se inicialmente, a adoção de um sistema de modulação estrutural, que é evidenciada em planta e nos cortes. São 4 (quatro) eixos longitudinais e 3 (três) transversais. Esse tipo de ordenação estrutural se classifica como uma solução sistemática. Sua superestrutura é formada por 14 (quatorze) pilares, lajes e vigas invertidas, em concreto armado, sendo classificada predominantemente como assintomática.

No entanto, um desses pilares apresenta-se sintomático, como um elemento plástico na composição formal da edificação. Observam-se as relações estruturais e formais, que são expressas a partir de subtrações volumétricas e pelos vãos livres. Além disso, nota-se também a utilização de alguns pilares metálico de perfil circular, que auxiliam no suporte de lajes em balanço.

Em relação aos fechamentos, destaca-se as peles compostas por esquadrias de alumínio e vidro. Percebe-se o diálogo tectônico entre os vãos,

permitidos pelo sistema estrutural e esses elementos que contribuem na composição formal da edificação. Além disso, observa-se também, as proteções de guarda corpo, presente em varandas e escadas. São elementos em perfis metálicos que também dialogam com a materialidade e a forma da edificação.

A sua cobertura é resolvida em apenas uma água, que cai no sentido norte-sul, e é captada por uma calha única. Essa solução é implícita, pois não é possível observá-la na percepção da escala humana. Tal configuração expõe algumas soluções climáticas, à medida que as lajes são prolongadas criando proteções nas varandas e em algumas esquadrias. A coberta é envolvida por uma platibanda, que se integra a própria solução volumétrica da proposta.

Apesar de compacta, a residência destaca-se por seus detalhes construtivos. Pode-se observar: as escadas com piso em “V” engastadas, que compõe

plasticamente com o guarda corpo; banco de concreto de forma orgânica, em concreto armado, presente no jardim; mobiliário projetado que se integra com a arquitetura e a presença de desníveis, que criam diferentes espacialidades.

A residência possui uma rica diversidade de revestimentos, que variam entre o uso de pedras, de azulejos e ladrilhos. Tais elementos, de uso estéticos e funcionais, são bastante recorrentes nos projetos residenciais de Geraldino.

Nesse caso, o uso do revestimento pétreo da fachada foi um elemento de integração entre exterior e interior. Isso acontece através da continuidade do plano pétreo em forma de “L”, que reveste a fachada frontal e a lateral, assim como o interior da sala de estar e o escritório.

Além deste, outros revestimentos utilizados foram o tijolo cerâmico que reveste as paredes na parte inferior do volume, e pastilhas brancas, que revestem o volume na parte superior.







5 DIMENSÃO FORMAL

A linguagem plástica utilizada nesta obra foi a forma moderna. Apesar de não ser formado, Geraldino acompanhava, aprendia e se inspirava na produção arquitetônica moderna brasileira, através de publicações especializadas, como a revista Módulo. Grande admirador de Oscar Niemeyer, Duda buscou aplicar princípios modernos, como a pureza e simplicidade dos volumes, e também, tirar partido da plasticidade dos componentes estruturais.

A composição arquitetônica da residência é constituída por um único volume, coroado pela parte superior, que avança em todos os lados da edificação sob a base. As linhas retas, porém, irregulares conferem dinamicidade ao volume. A existência de elementos curvos - como o banco no jardim, os degraus circulares e também o desenho curvo do pilar na garagem - aliados aos planos transparentes na fachada, proporcionam leveza à forma.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

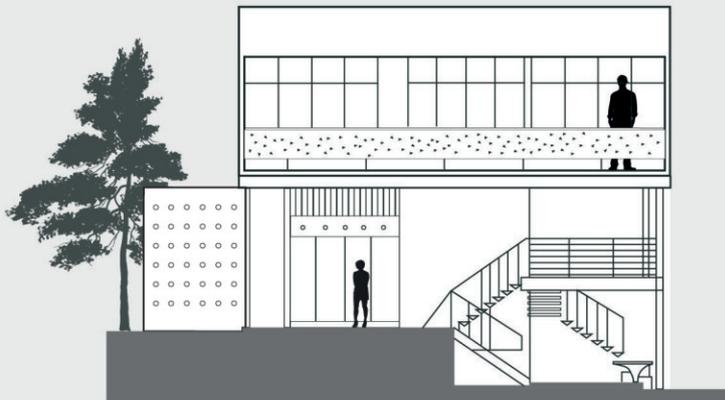
A obra mantém seu uso residencial original, no entanto, passou por algumas reformas. Foram feitas alterações como: ampliação da sala de jantar; e também, modificações na distribuição do programa, como foi o caso da mudança na localização da cozinha e da área de serviço. No pavimento superior um banheiro foi acrescentado, e o banheiro projetado originalmente foi modificado. Além disso, um elevador foi instalado na residência, alterando o volume na lateral sudoeste.

Outra alteração foi realizada na varanda intermediária. No projeto original, este grande espaço chamado em planta de “alpendre”, fazia parte do setor social da residência. No entanto, essa grande varanda não chegou a ser executada segundo o projeto. Parte do alpendre foi fechado por esquadrias de vidro e alumínio sendo destinado a uma biblioteca/escritório, restando para a varanda apenas a extensão que avança na fachada frontal.



San Sebastián

FACHADA NORDESTE







CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

A visita realizada à residência Helion Paiva ocorreu no ano de 2017. Neste período apesar das alterações mencionadas a edificação se encontrava em bom estado de conservação e não necessita de reparos urgentes. Também, como já foi mencionado, a edificação ainda mantém o uso residencial.

A maior parte das patologias observadas na visita eram relacionadas aos revestimentos. Puderam ser vistos pontos de possível acúmulo de água no telhado que estavam resultado em formação de fungos e sujeira nas pastilhas. Além disso, em alguns pontos no exterior a pintura estava descascando e haviam indícios de que os degraus redondos haviam passado por reparos.

Diante disso, a situação apresentada era temporariamente favorável à preservação do bem, no entanto, mesmo estando inserida na Área de Preservação de Entorno, a ausência de proteção legal para o imóvel torna a edificação vulnerável a descaracterizações permanentes e até mesmo à demolição.

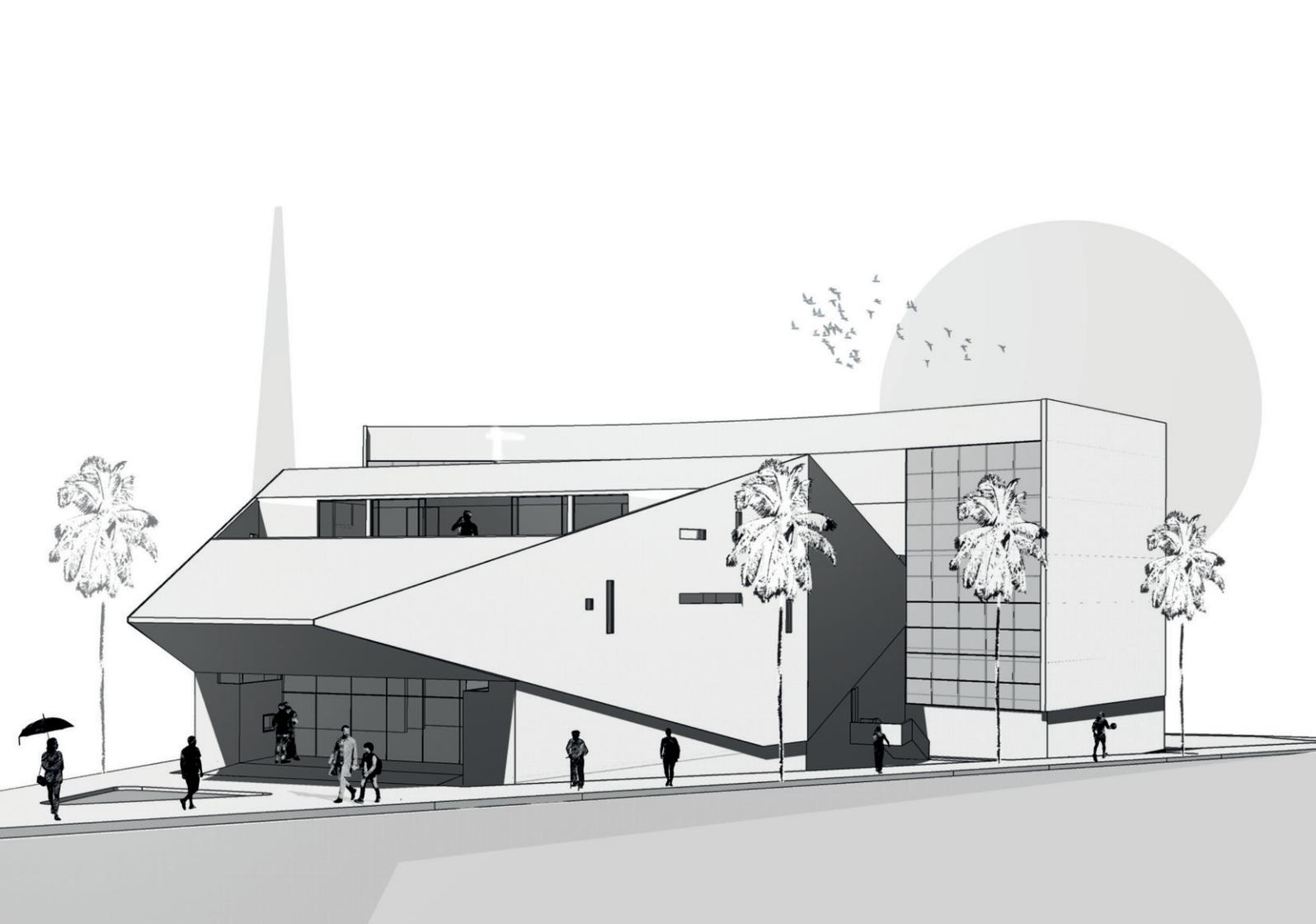
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

MENESES, C.; AFONSO, A. *Documentação da arquitetura moderna residencial em Campina Grande, PB. Um estudo sobre as residências de Geraldino Duda na década de 1960*. In: Simpósio Científico ICOMOS BRASIL, Belo Horizonte, 2017.

MENESES, C. *As residências unifamiliares de Geraldino Duda. Um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 1960*. Trabalho de Conclusão de Graduação. Campina Grande, CAU/UFCG, 2017.

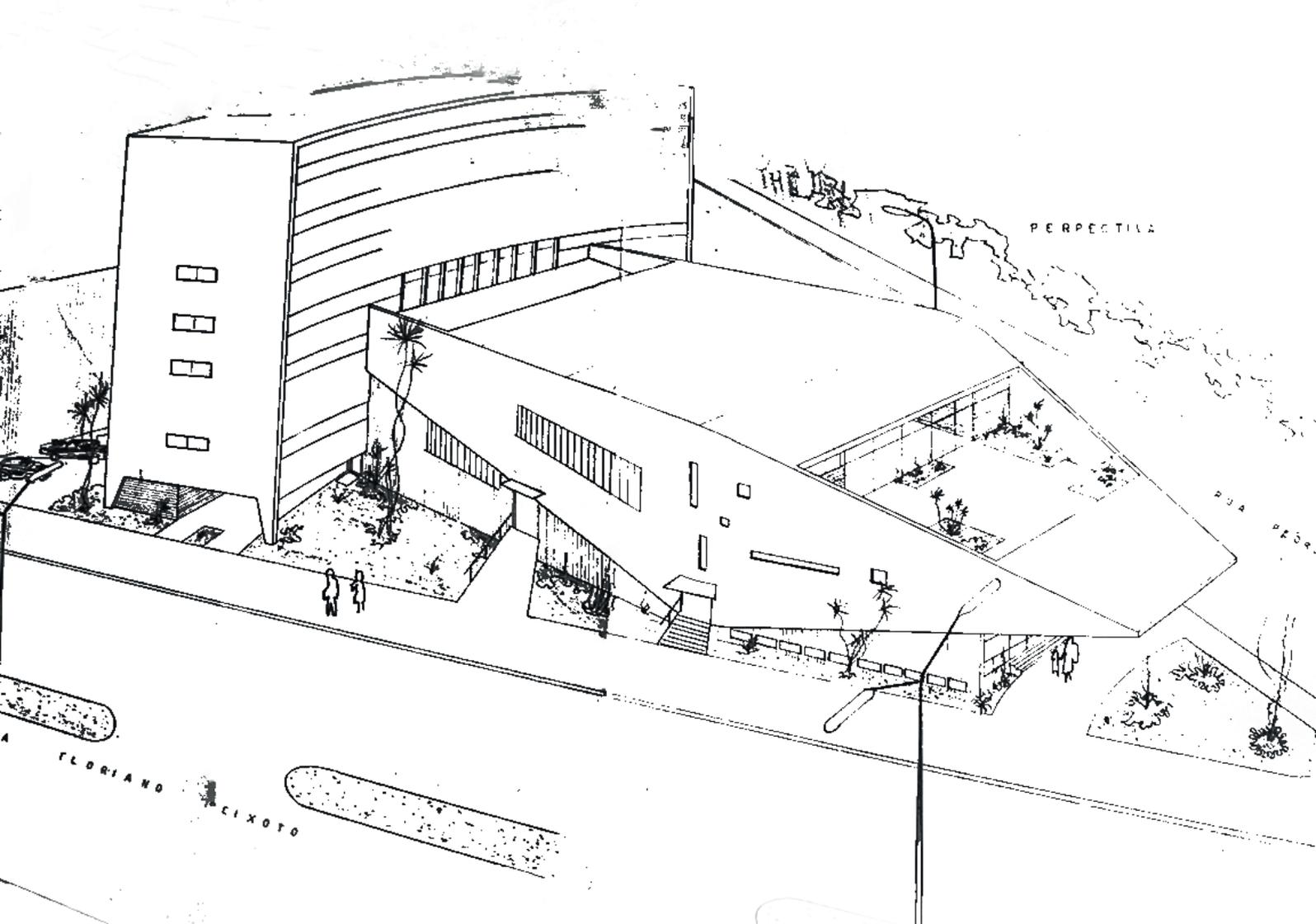
CAP 5

ARQUI(TECTÔNICA) DE GERALDINO DUDA:
ANÁLISE DO TEATRO MUNICIPAL DE SEVERINO
CABRAL. 1962/1988.



TEATRO MUNICIPAL
SEVERINO CABRAL

1962/1988



PERPECTIVA

RUA
PEIXOTO

FLORIANO PEIXOTO

Teatro Municipal Severino Cabral
1962/1988

Av. Mal. Floriano Peixoto, S/N - Centro,
Campina Grande, Paraíba.

Projeto de Geraldino Duda e do engenheiro calculista
Lynaldo Cavalcanti.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

O Teatro Municipal Severino Cabral (TMSC) localiza-se próximo à demarcação do centro histórico de Campina Grande, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), de acordo com o “Dec. 25.139 de 29 Jun. 2004”. Fato esse, torna-se mais relevante sua implantação na paisagem do centro de Campina Grande.

Devido seu valor cultural e arquitetônico, possui notificação de cadastramento “nº 0009/2001”, pelo IPHAEP, que o protege contra demolições, reformas ou quaisquer modificações externas e internas, que venham danificá-lo ou descaracterizá-lo.

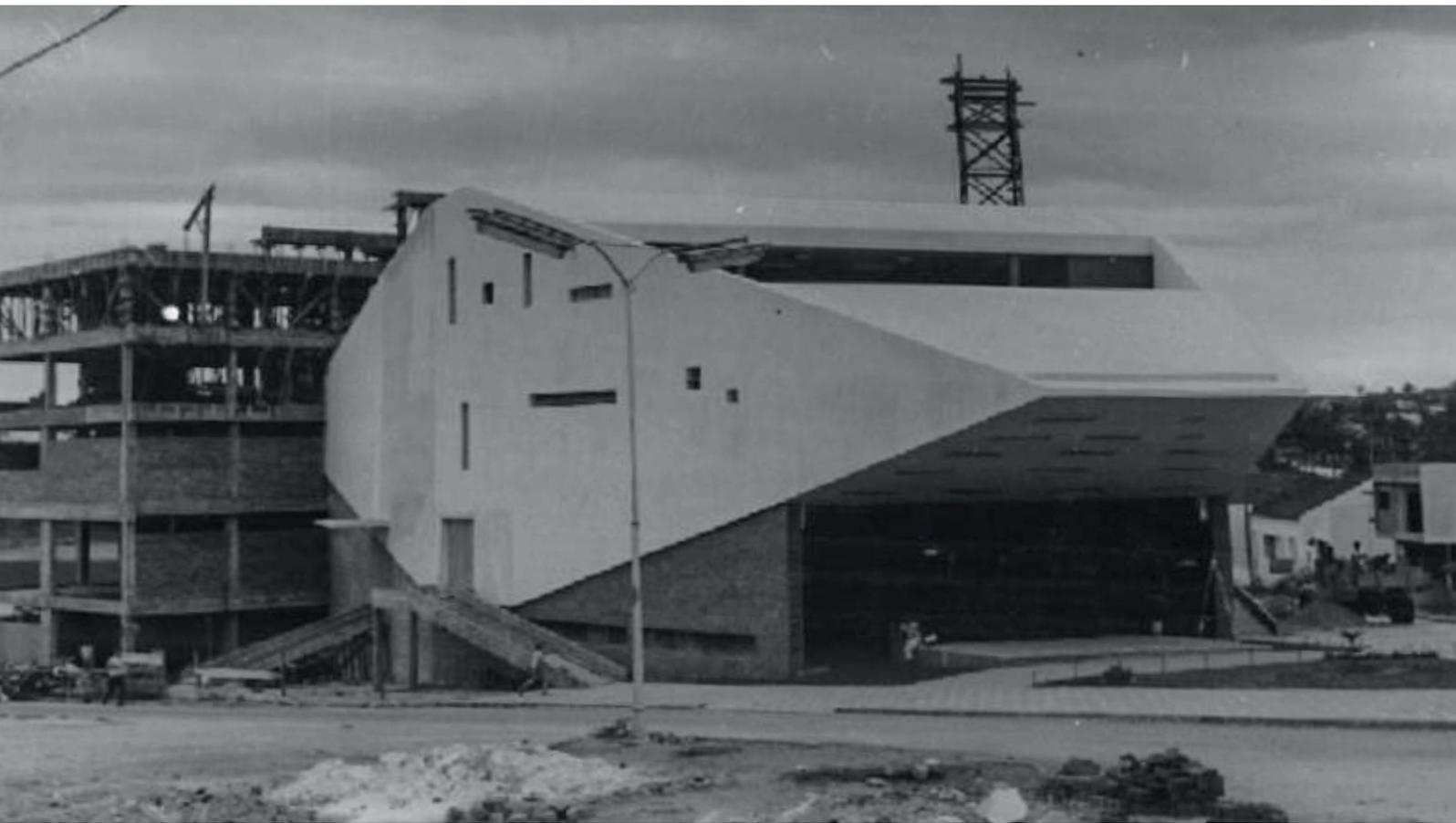
análise dimensões arquitetônicas

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Em 1962, o então prefeito de Campina Grande, Severino Cabral Ribeiro, encomenda aos técnicos da Prefeitura Municipal o projeto de um teatro, o qual é parcialmente inaugurado em 1963. O projeto ficou ao encargo do desenhista Geraldino Duda e do engenheiro calculista Lynaldo Cavalcante.

Tal período é marcado pela inauguração da capital do Brasil - Brasília, em 1960. Influenciado por Oscar Niemeyer, após visitar a recém inaugurada Brasília, Geraldino Duda, torna-se gradativamente adepto aos princípios da modernidade.

Desde sua inauguração ocorreram três reformas: a primeira em 1975 no mandato do prefeito Evaldo Cruz; a segunda em 1988 pelo prefeito Ronaldo Cunha Lima; e por fim, a terceira e última reforma que ocorre entre 2009 e 2011, na gestão do prefeito Veneziano Vital, com adaptações à “acessibilidade” e às normatizações de segurança contra incêndios.



3 DIMENSÃO ESPACIAL

A dimensão espacial propõe como procedimento de análise a divisão em espaço externo (lugar, entorno, implantação, gabarito, zona) e interno (solução do programa de necessidades, zoneamento, fluxograma, zonas, espaços). Em relação à primeira, o Teatro Municipal Severino Cabral localiza-se no Bairro Centro de Campina Grande, que possui população de aproximadamente 7.527 habitantes, de acordo com o Censo de 2010.

Está implantado em um terreno de forma triangular com declive no sentido Leste-Oeste de aproximadamente seis metros. Faz limite norte com a Av. Dom Pedro II e ao sul com a Av. Floriano Peixoto - que corta a cidade em uma diagonal noroeste-nordeste.

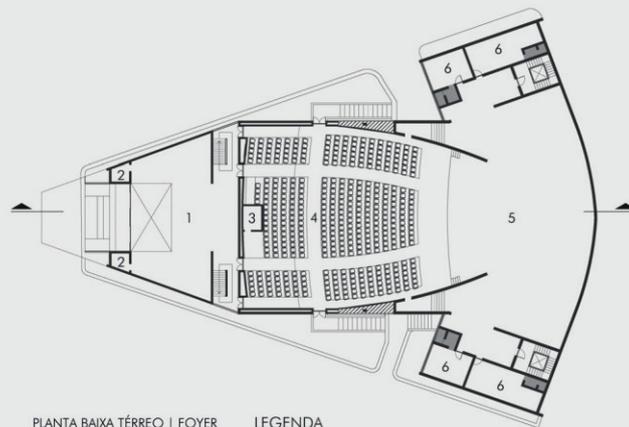
Na dimensão espacial interna, observa-se que o edifício possui área aproximada de 5.404,9 m², no projeto original. Sua estrutura formal é composta por dois volumes principais.

O primeiro volume, de forma trapezoidal, abriga um espaço para 682 lugares (sendo 446 lugares na plateia térreo, 162 na plateia superior e 74 nos camarotes), e está distribuídos os espaços de apoio para os espectadores em quatro pavimentos, como por exemplo, o foyer, a plateia principal, os camarotes, camarins e terraço jardim. Esse volume principal é revestido com placas de mármore bege Bahia.

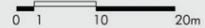
O segundo volume, de forma retangular curvada, possui sete pavimentos, está voltado para o leste com um plano de vidro que se estende do primeiro ao último pavimento. Já a fachada leste é composta por um brise vertical e um painel artístico cerâmico. Nele estão setorizados os espaços de administração, apoio aos artistas, palco principal, áreas técnicas e de serviços.



FACHADA LESTE

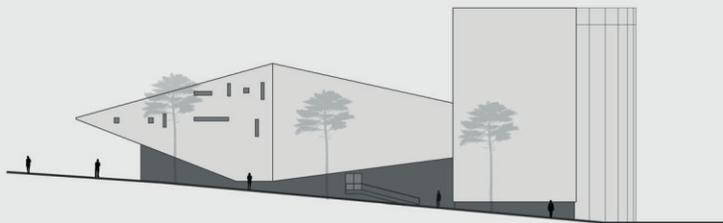


PLANTA BAIXA TÉRREO | FOYER

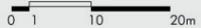


LEGENDA

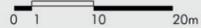
- 1 - Foyer
- 2 - Bilheteria
- 3 - Qg
- 4 - Plateia principal
- 5 - Palco
- 6 - Camarins



FACHADA NORTE



CORTE LONGITUDINAL



4 DIMENSÃO TECTÔNICA

A análise da dimensão tectônica diz respeito ao caráter essencial da arquitetura – concepção e construção. A estrutura de suporte (superestrutura) do TMSC é composta por vigas, pilares e lajes de concreto moldadas em loco que não aparecem explicitamente.

A vedação é de alvenaria convencional independente da superestrutura. Também foi utilizado laje de concreto em balanço inclinada, que funciona como uma marquise de entrada ao edifício. Sua estrutura classifica-se como sistemática, por apresentar uma trama ordenadora, e assintomática, por não ter sua estrutura aparente. Existe uma relação entre estrutura e forma mais evidente na volumetria externa do que nos ambientes internos, que possui aspectos mais convencionais.

Em relação às peles, observa-se duas grandes esquadrias de vidro e caixilhos metálicos na fachada leste, e dois planos de brises metálicos verticais, que sobrepõem as laterais das fachadas oeste. A

cobertura foi solucionada utilizando telhas de fibrocimento que possui baixo ângulo de inclinação, que melhor se adaptaria a forma da edificação. O volume trapezoidal não possui platibanda, já que sua forma segue a inclinação da coberta. O edifício posterior, possui platibandas que esconde um telhado com estrutura de madeira e telhas de fibrocimento.

Destaca-se enquanto detalhe construtivo, a marquise de entrada, em balanço; o mezanino do foyer e o jogo de planos das esquadrias em fita que recortam o volume trapezoidal.

Externamente, o edifício é revestido com mármore “bege bahia” e um “granito terraço”. Em alguns ambientes internos, os pisos são de mármore branco. Enquanto isso, na fachada oeste encontra-se um painel de azulejo com tons terrosos, azuis e beges.



5 DIMENSÃO FORMAL

O terreno foi um dos condicionantes que influenciou na concepção da forma do teatro. O terreno triangular e com topografia em declive, possibilitou a setorização da plateia seguindo o relevo natural, e a resolução do programa em dois volumes principais.

Observa-se as relações da estrutura formal do TMSC, com os materiais empregados, sua função, a relação com o lugar e princípios da linguagem formal da modernidade arquitetônica.

O primeiro volume trapezoidal, com uma base recuadas, proporcionando uma sensação de leveza e apoio. Além disso, existem algumas subtrações das esquadrias e do terraço jardim. O segundo volume, trata-se de uma forma retangular levemente curvada.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

Em sua concepção original, o TMSC tinha um programa de necessidades moderno e progressista para a época, principalmente por estar localizado em uma cidade no interior do nordeste. Além dos espaços comuns para o funcionamento de um teatro, até então, como por exemplo, foyer, plateia, palco e camarins, o TMSC abrangia usos complementares, como bar, restaurante, mirante, salas de aulas e ensaios, entre outros.

Alguns ambientes foram reconfigurados, como por exemplo, o restaurante que se transformou em uma sala de ensaio e o bar que parou de funcionar por diversas questões administrativas.

Ao longo dos anos algumas funções foram sendo adaptadas e alteradas para novas necessidades, como por exemplo, banheiro acessível, sala técnica de iluminação, biblioteca, espaço de exposição e uma sala de apresentação menor - o Mini Teatro Paulo Pontes.

CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Por meio de análises empíricas, identificou-se uma série de danos presente no TMSC, como por exemplo, nas fachadas externas, onde é comum perceber ações de vandalismo. Esse é um dano muito comum na contemporaneidade, por ação antrópica, como por exemplo, pichação.

Perda de material e crosta negra também é um dano presente em todas as fachadas do edifício, principalmente nas peças de mármore “bege bahia”. Isso ocorre devido o contato direto com a água da chuva, acúmulo de poeira, poluição e falta de limpeza periódica.

A perda de material das fachadas é um dano que pode acarretar perigo para as pessoas que utilizam o espaço, ou até mesmo, os que circulam pelos passeios públicos adjacentes ao TMSC. Constatou-se alguns pontos onde as peças de mármore do revestimento externo estão soltando.

Também foram catalogados os seguintes danos: perda de peças na platibanda, deslocamento de telhas, crosta negra e sujidade em todas as

cobertas, esfoliação no piso do palco principal de madeira e presença de ferrugem nas esquadrias.

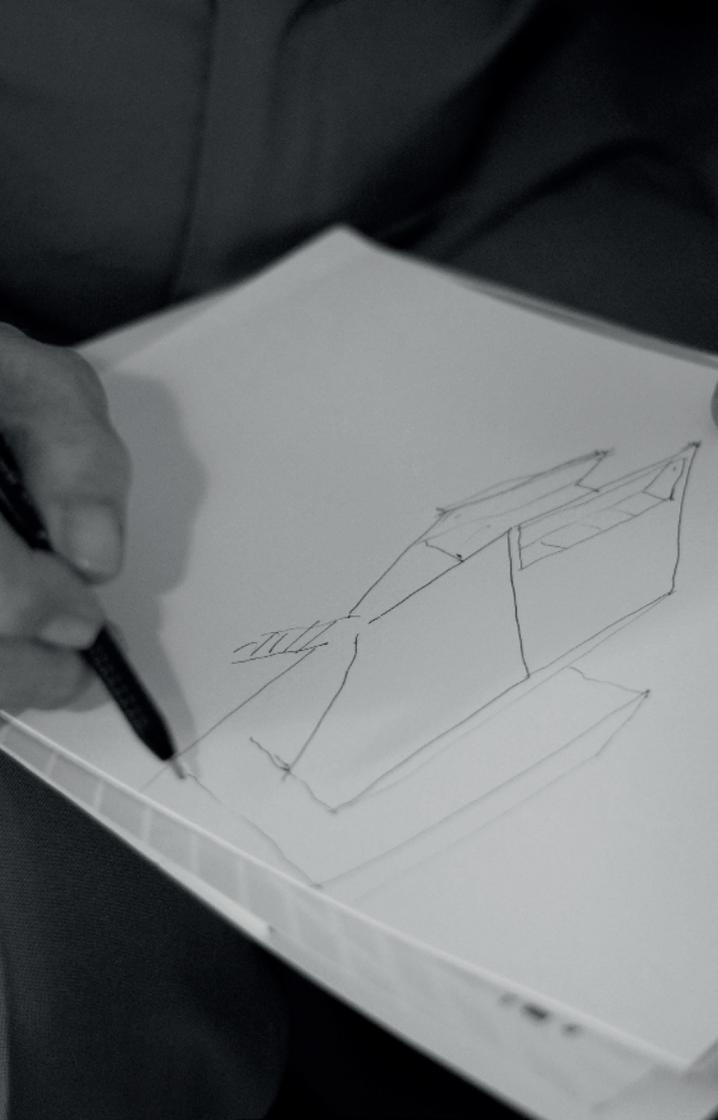
Também cabe citar outros danos, como por exemplo, uma série de destacamentos e trincas nos pisos, e a vegetação desordenada no seu entorno. Esse último, causa danos físicos e visuais. Além disso, tem-se as edificações construídas nos fundos do TMSC, que se comportam como elementos parasitários, ao danificarem a compreensão do edifício como um todo, principalmente da fachada oeste, onde existe um painel de azulejo.

A inserção do TMSC, ao lado de vias de alto fluxo, também geram abalos ao edifício. Isso acarreta no aparecimento de fissuras e potencializa o destacamento dos revestimentos.

Apesar dos diversos danos presentes no TMSC, muitos dos componentes ainda estão em estado de conservação bom. É necessário entender essas degradações para se intervir de modo mais adequado, buscando-se reverter uma curva ascendente de desgaste de seus componentes arquitetônicos.







REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

DINIZ, D. *Intervenção arqui(tectônica). Estudo preliminar de restauro do Teatro Municipal Severino Cabral em Campina Grande-PB*. Trabalho de Conclusão de Graduação. Campina Grande, CAU/UFCG, 2020.

DINIZ, D. *Tectônica da modernidade: Desafios para a preservação da arquitetura moderna em Campina Grande-PB*. XVI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

AFONSO, A.; MENESES, C. *Patologia do patrimônio moderno. O caso do Teatro Municipal Severino Cabral. Campina Grande - PB*. In: 5º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, Belo Horizonte, 2018.

CAP 6

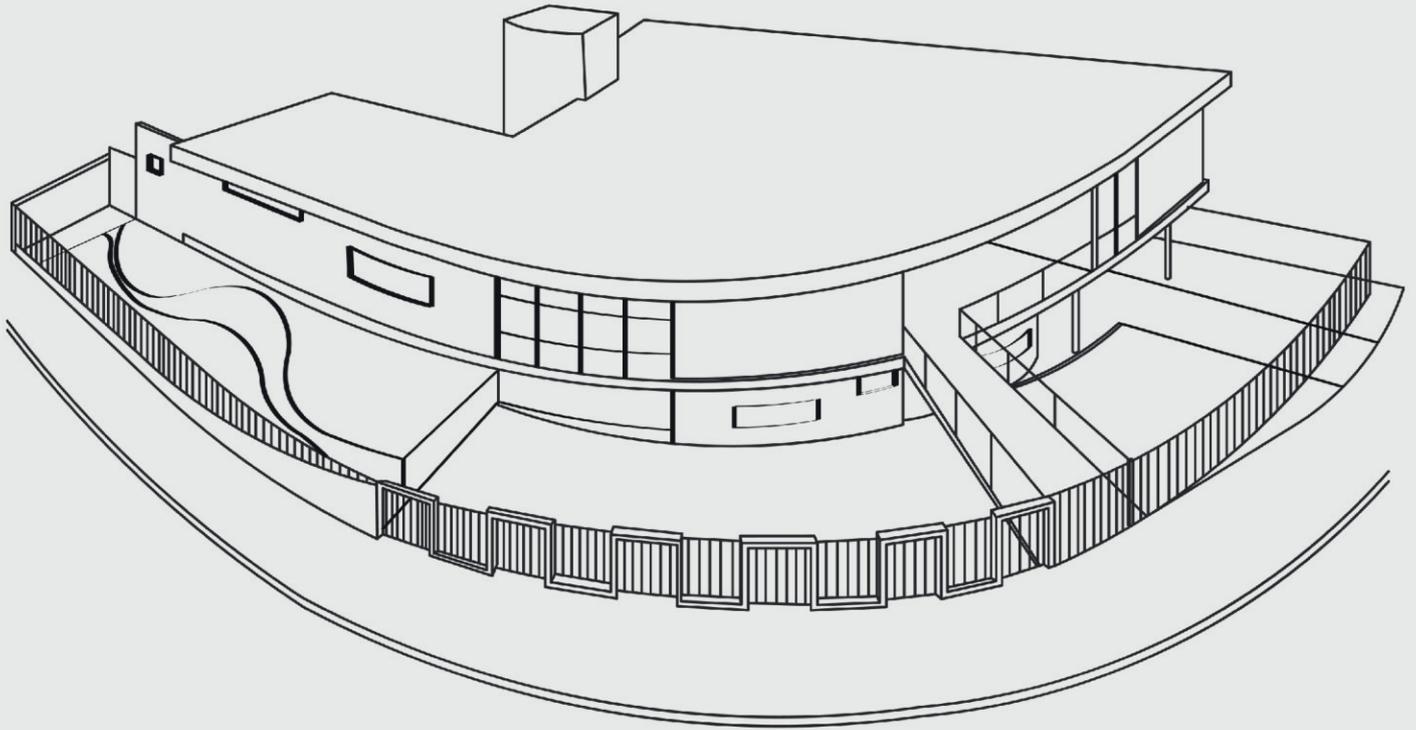
RESIDÊNCIA HELENO SABINO: ANÁLISE DAS
DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1962/1963.

CAMILLA MENESES | DIEGO DINIZ



RESIDÊNCIA
HELENO SABINO

1962/1963



Sanbir Singh

Residência Heleno Sabino
1962/1963

Praça do trabalho - Rua Melo Leitão, Bairro São José,
Campina Grande, Paraíba.

Projeto desenvolvido por Geraldino Duda.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

Assim como a maioria dos bens arquitetônicos modernos residenciais de Campina Grande, a Residência Heleno Sabino de Farias também não possui nenhum tipo de proteção patrimonial. Essa situação é delicada, e exige urgência em documentação para preservação documental de tal obra. Isso evidencia-se, principalmente, pelas constantes demolições e descaracterizações que vem ocorrendo na cidade.

A mesma está localizada na zona de qualificação urbana, de acordo com o plano diretor vigente, na qual caracteriza-se pelos usos múltiplos e existência de infra-estrutura urbana consolidada.

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Projetada em 1962 pelo campinense Geraldino Duda, na época projetista e funcionário da Prefeitura de Campina Grande, tal obra destaca-se como imagem e exemplar da modernidade local. O projeto foi feito para a família Sabino, formada por comerciantes importantes para a história e o desenvolvimento econômico de Campina Grande. Heleno Sabino e seu irmão Pedro Sabino atuavam como comerciantes no ramo do algodão e do sisal, destacando-se a fábrica algodoeira P. Sabino, que localizava-se ao lado da reconhecida fábrica da Caranguejo.

análise dimensões
arquitetônicas







3 DIMENSÃO ESPACIAL

EXTERNA

Localizada na R. Melo Leitão, Bairro São José, a Res. Heleno Sabino é privilegiada por estar implantada na esquina de um lote curvo, o que possibilita uma ampla visualização. Além disso, possui uma forte relação com a Praça do Trabalho, também projeto de Geraldino Duda.

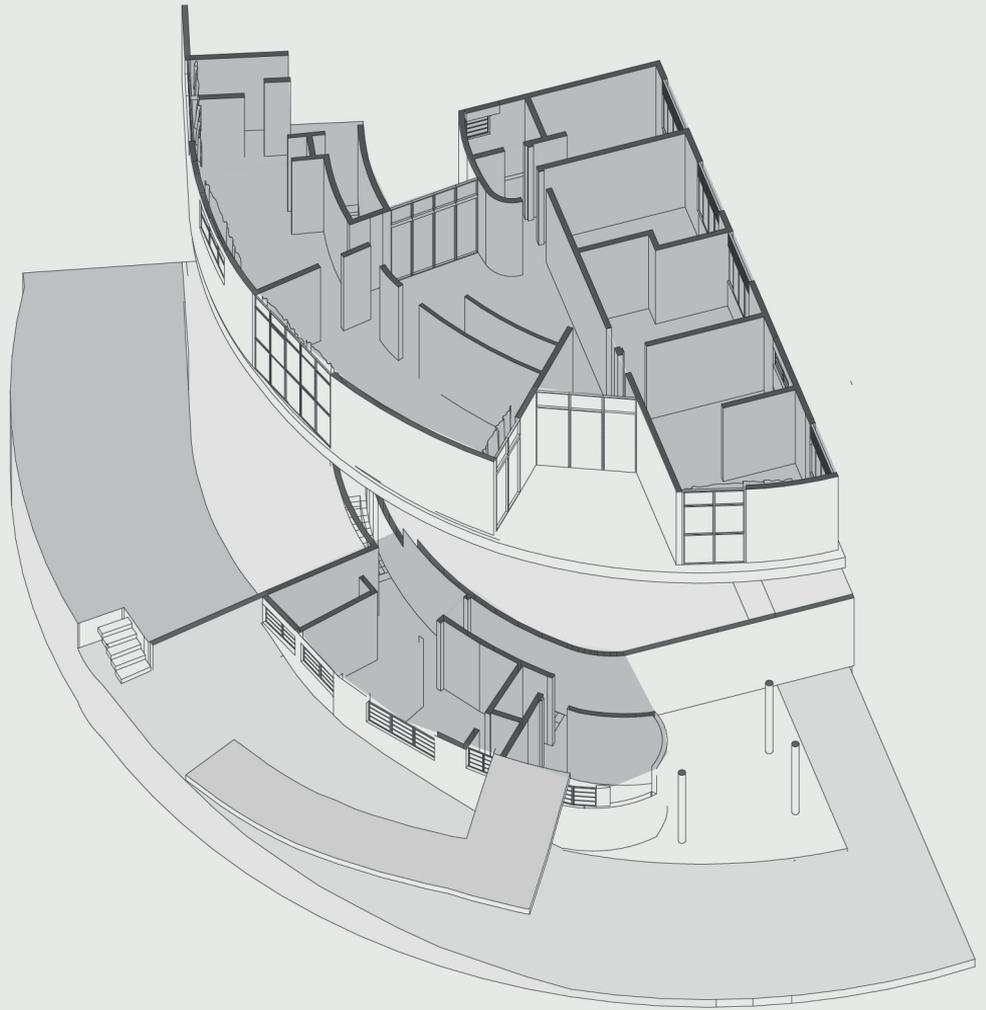
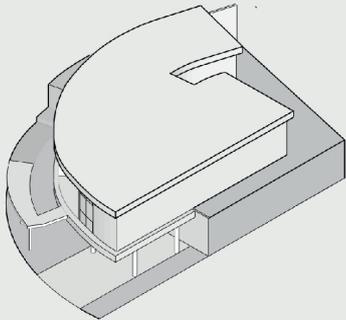
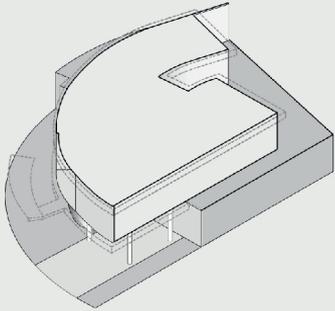
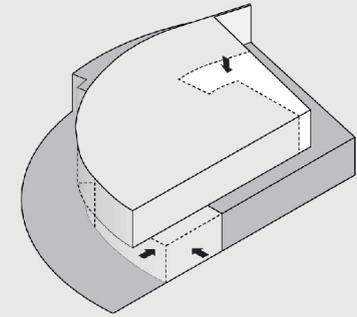
Nessa praça está inserida a Capela Senhora da Guia, que também possui traços da modernidade, por sua forma circular e pela expressão estrutural e de materialidade, que infelizmente encontra-se parcialmente descaracterizada.

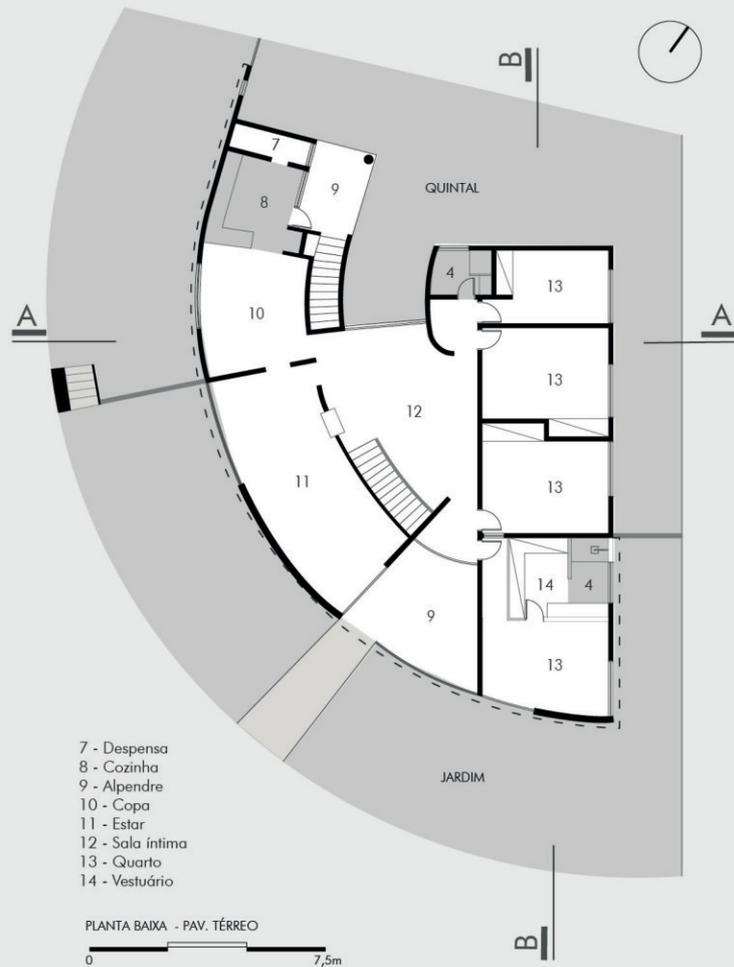
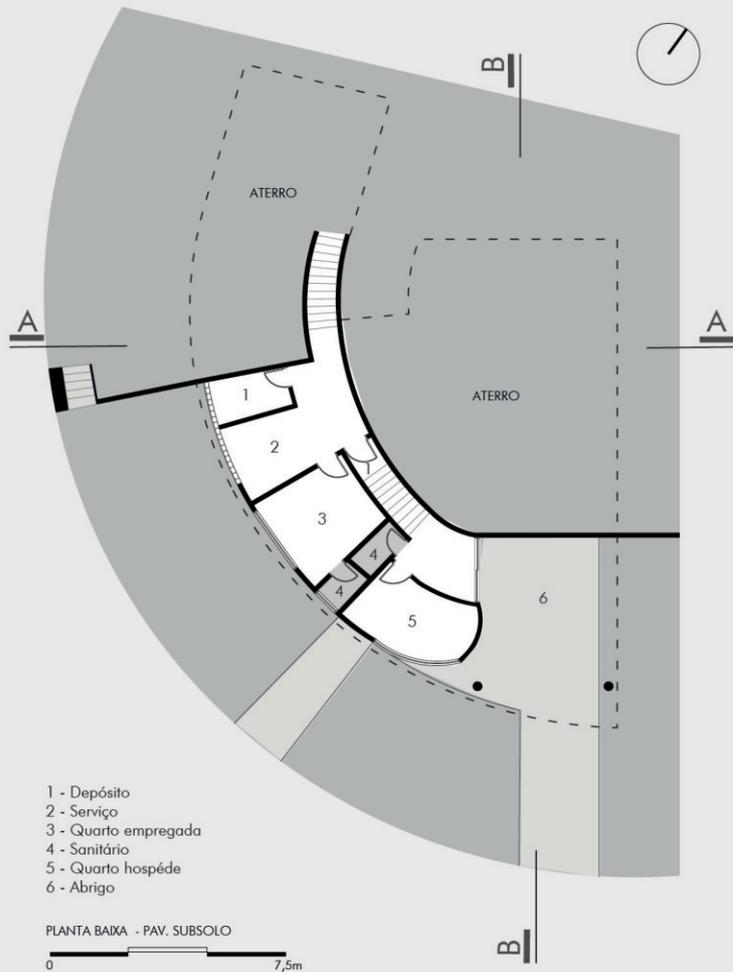
Destaca-se também a proximidade com o Centro da Cidade, principalmente do Parque Evaldo Cruz e do Parque do Povo. Os usos do entorno são predominantemente comerciais, com gabaritos de 1 à 2 pavimento, em média.

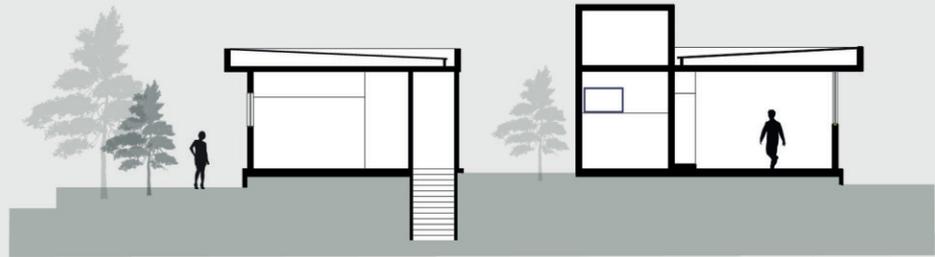
INTERNA

O programa foi resolvido em dois pavimentos aproveitando a topografia do terreno. Nesse caso, o pavimento superior abriga os setores social, íntimo e de serviço, e o pavimento inferior, também dividi-se nos setores de serviço e íntimo, sendo este último, destinado principalmente como apoio para visitas.

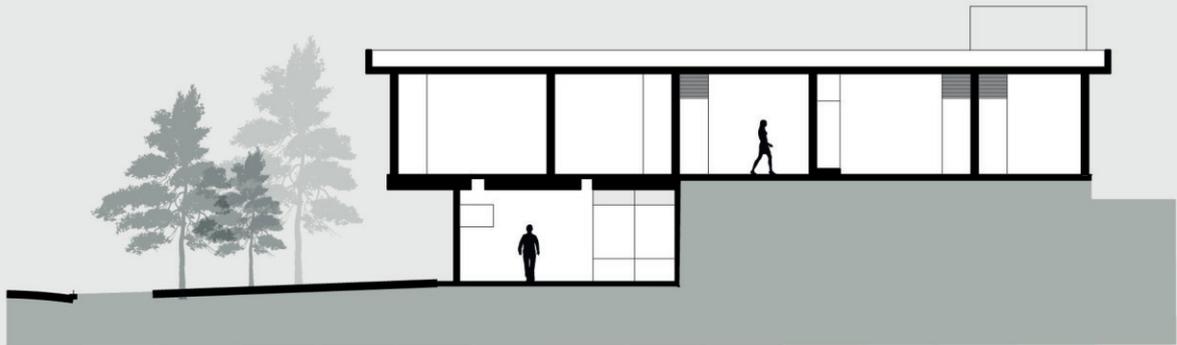
O projeto surge de acordo com o formato do terreno, no qual, o mesmo possui seu maior perímetro curvo. Percebe-se uma forte relação interna/externa, devido aos recuos generosos e que se integram com o interior da residência por meio de subtrações volumétricas, e principalmente, por meio das esquadrias. Geraldino também utilizou de varandas, assim como um jardim interno na sala íntima.







CORTE AA



CORTE BB



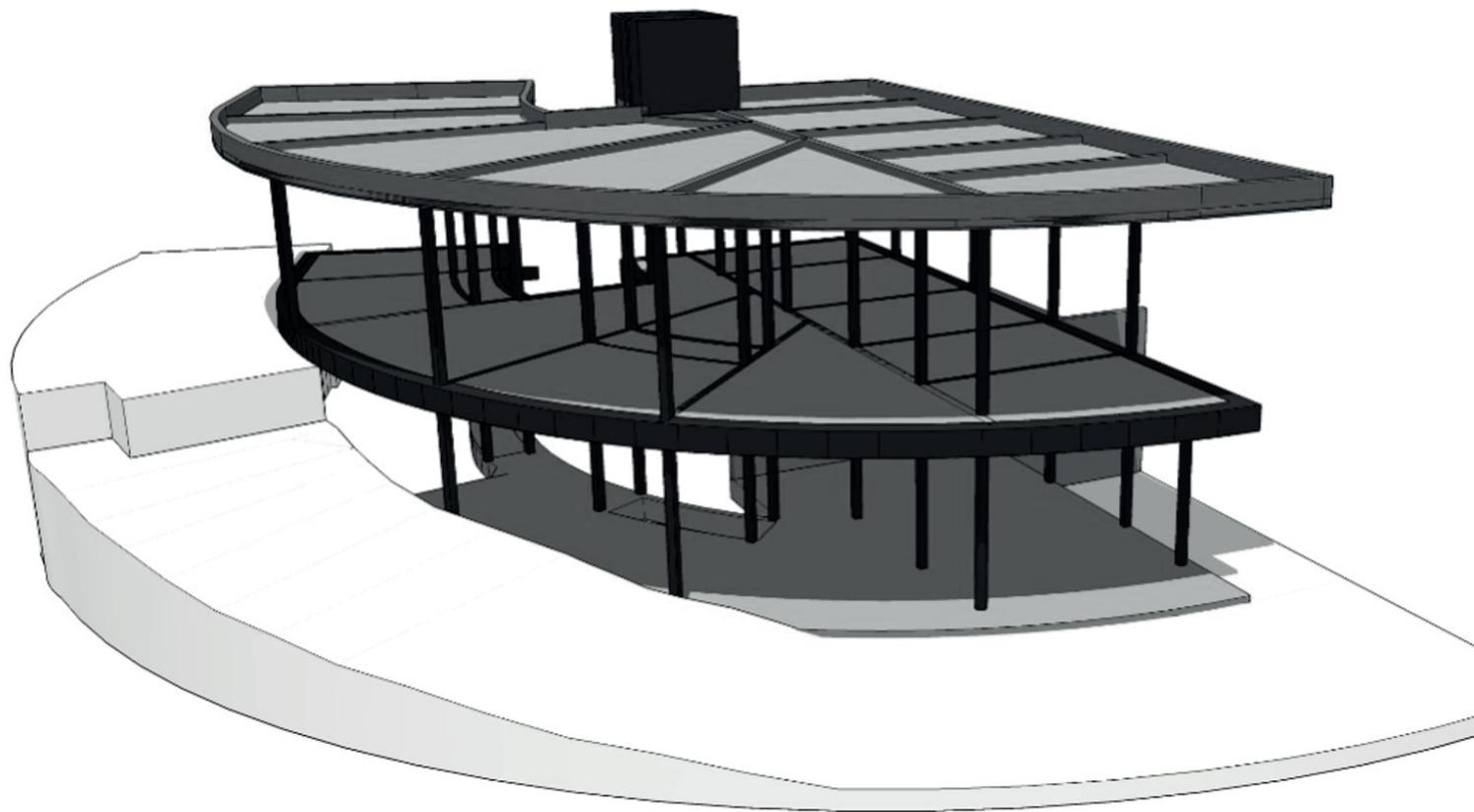
4 DIMENSÃO TECTÔNICA

O sistema estrutural da residência é composta por vigas, pilares e laje de concreto armado. É possível identificar também muro de arrimo e vigas invertidas. Sua estrutura é classificada como sistemática, observada a partir da sua trama ordenadora. A relação entre a forma e sua estrutura também é perceptível, principalmente quando observa-se a lógica estrutural, que é em parte radial e em outra parte ortogonal. observa-se também a adoção de avanços nas lajes, que possibilitam a criação de marquises e balanços de concreto.

Além disso, também observa-se em sua dimensão tectônica, as esquadrias de ferro e vidro, que criam planos translúcidos e dinâmicos. Também foram utilizados muros de pedra e gradis metálicos que fazem limite do lote, assim como aqueles usados como guarda corpo. Existe uma relação entre os fechamentos e a estrutura, já que em alguns pontos os módulos são fechados por planos de esquadrias, sendo classificados então, como sistemáticos.

A cobertura foi solucionada utilizando telhas de fibrocimento que possui baixo ângulo de inclinação, e que melhor se adaptaria a forma da edificação. O Fechamento da coberta é feito por platabanda tornando o sistema de coberta implícita. Porém sua forma é expressa por meio de beirais, criando um elemento linear de fechamento, que também funciona como elemento de proteção climática. O acesso da residência ocorre por meio de uma rampa apoiada pelo conjunto de um pilar e uma viga em forma de "T", além do detalhe presente no vão em balanço da garagem.

Percebe-se uma rica diversidade de revestimentos e texturas que ainda possuem sua tonalidade original. Entre os revestimentos pode-se destacar o uso de: pastilhas, azulejos de diferentes cores e texturas, pedras e pisos de madeira.







5 DIMENSÃO FORMAL

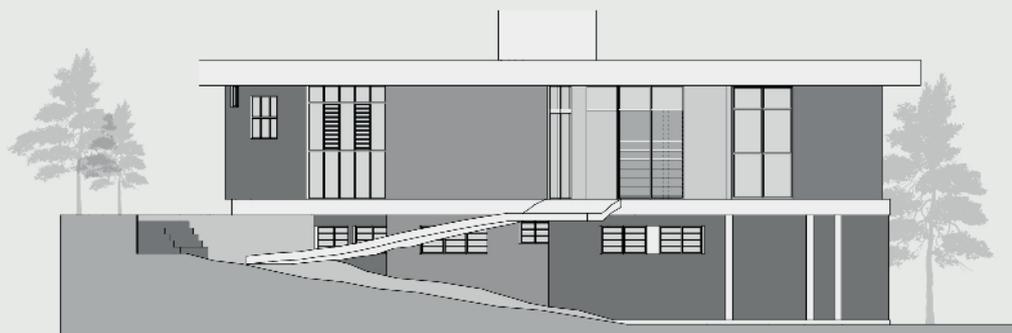
A Residência Heleno Sabino foi resolvida basicamente em um único volume compacto, onde se observa adições e subtrações volumétricas. Esse, delimita-se conforme o traçado urbana da calçada e lote, criando uma relação com o lugar, de modo imponente.

A mesma possui uma linguagem moderna, característica das construções que predominavam nas décadas de 1960 e 1970, na cidade; entretanto, a formalidade desse objeto destacou-se entre a produção de Geraldino Duda, uma vez que foge à tradicional ortogonalidade e linearidade de seus projetos, assumindo um desenho mais orgânico.

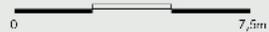
6 DIMENSÃO FUNCIONAL

Tratando-se da função pragmática do objeto, observa-se que apesar das reformas que foram identificadas ao longo dos anos, especificamente em 1990 e outra em 2015, o uso permaneceu sempre residencial, encontrando-se subutilizada há alguns anos.

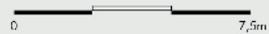
Quanto a função sintática, pode-se dizer que a implantação do edifício favorece ao fácil reconhecimento deste na paisagem, tornando-se um referencial para os pedestres e veículos, identificando-o facilmente entre a bifurcação e a praça do trabalho. Sintaticamente, o objeto, seja pela sua formalidade, quanto localização central, ocupa um espaço de memória para população campinense, sendo rememorada como a “casa redonda”.

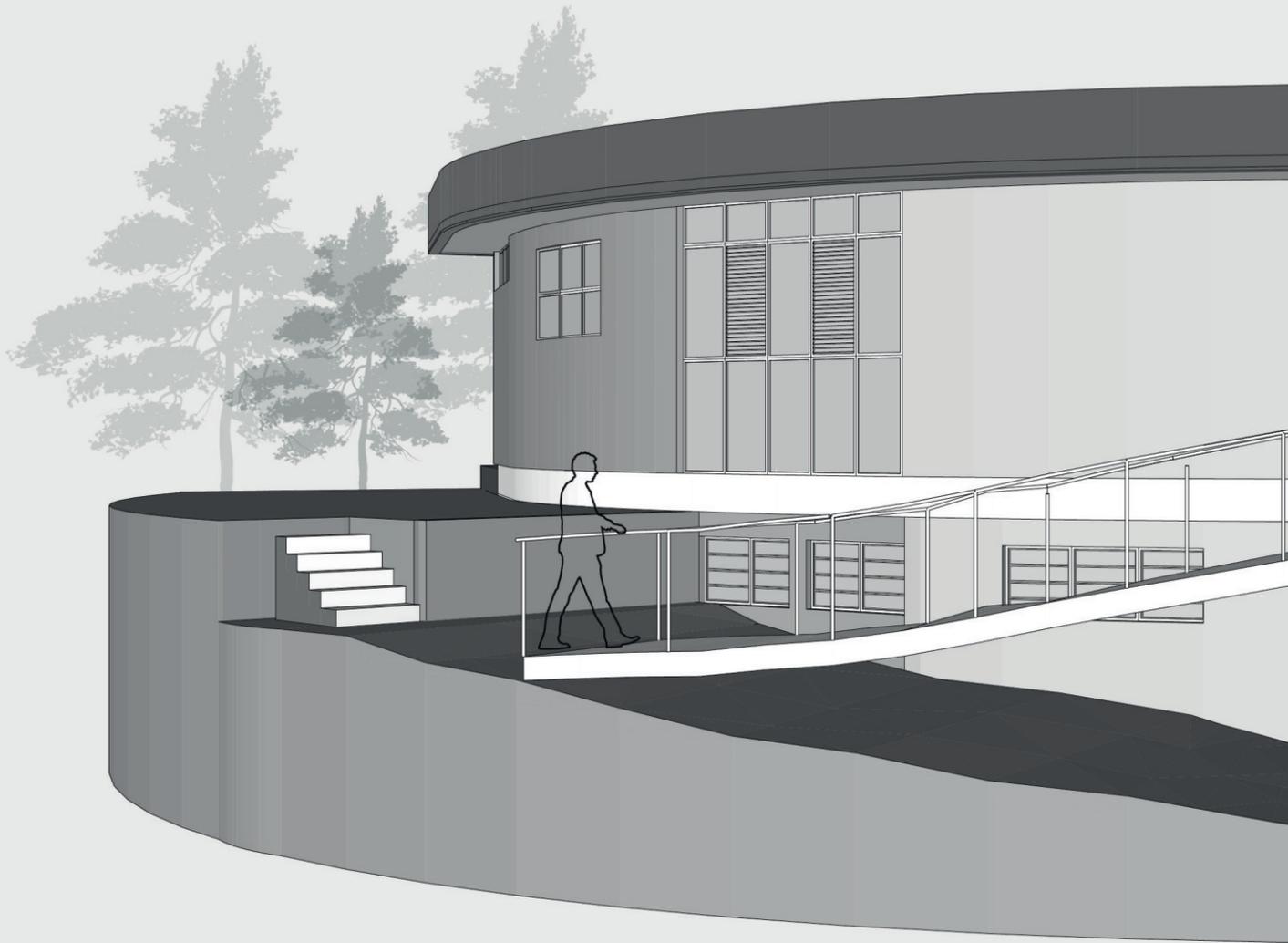


FACHADA SUL



FACHADA LESTE







CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

A edificação em sua grande parte encontra-se bem conservada, e as modificações que ocorreram não modificaram a significância da obra, nem a descharacterizou. Quanto aos danos, observa-se vários componentes danificados e que precisam urgentemente de reparos.

Danos de vandalismo, perda de material, trincas, fissuras são comuns de se perceber. Todavia, o mais preocupante são as infiltrações nos ambientes localizados abaixo da caixa de água, assim como nas proximidades das calhas. Esse último problema, se não tratado com urgência, continua a danificar a obra, podendo inclusive, danificar sua estrutura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

DINIZ, D. *Tectônica da modernidade: Desafios para a preservação da arquitetura moderna em Campina Grande-PB*. XVI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

MENESES, C.; AFONSO, A. *Documentação da arquitetura moderna residencial em Campina Grande, PB. Um estudo sobre as residências de Geraldino Duda na década de 1960*. In: Simpósio Científico ICOMOS BRASIL, Belo Horizonte, 2017.

MENESES, C. *As residências unifamiliares de Geraldino Duda. Um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 1960*. Trabalho de Conclusão de Graduação. Campina Grande, CAU/UFCG, 2017.



TERTULIANO | 1930 - 1983

DIONÍSIO

CAP 7

DADOS BIOGRÁFICOS

ALCÍLIA AFONSO | IVANILSON PEREIRA

Fatuleau *Amisio*

TERTULIANO DIONÍSIO

1930-1986

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Tertuliano Dionísio da Silva foi um arquiteto pernambucano que nasceu em Olinda, no ano de 1930, e faleceu de uma embolia pulmonar no ano de 1983, aos 53 anos, quando visitava obras na cidade de Campina Grande, acompanhado de seu filho Tertuliano Filho.

Foi aluno da chamada Escola de Recife – antiga Escola de Belas Artes de Pernambuco/ EBAP, podendo ser assim considerado “discípulo”, pois seguiu e deu seguimento às aprendizagens recebidas através de seus mestres/ professores, levando dessa forma, tal experiência para as suas práticas individuais. Sua formação acadêmica teve o nome dos arquitetos e professores Mário Russo, Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, Heitor Maia Neto, entre outros.

Importante frisar que a Escola de Belas Artes de Pernambuco, em Recife-PE – criada em 1932

por artistas que queriam um local de preparação artística no nível da até então reconhecida Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, foi uma das grandes precursoras na construção de um novo pensamento artístico e intelectual em meados do século XX.

Consequentemente responsável pela formação de profissionais a serem inseridos em uma onda modernizadora que predominava em todo o país desde o final do século XIX, impulsionada pela então política do Estado Novo difundida por Getúlio Vargas, onde emergia a necessidade de progresso e modernização nacional, onde as cidades eram palco e ao mesmo tempo “experimentos” para a aplicação de uma nova visão de arquitetura, apresentando tensões entre o que era novo e antigo, progresso e reação, vanguarda e retaguarda. (AFONSO e PEREIRA, 2019).

A conjuntura da produção resultante desse período contribuiu na formação de um vasto acervo de obras modernas em cidades do norte e nordeste brasileiro, onde as construções não apenas integram o cenário urbano, mas também, representam a dedicação de arquitetos inovadores que se negaram a “importar” modelos vindos da Europa e buscaram adaptar seus projetos com soluções voltadas ao clima, às necessidades e à cultura local (AFONSO e MENEZES, 2015, p.07).

Com isso, a trajetória profissional de Tertuliano Dionísio em terras campinenses teve início por intermédio da construtora “Edson de Souza do Ó Ltda”, que obteve grande importância no segmento da construção civil em Campina Grande nas décadas de 50 e 60, sendo de sua responsabilidade a construção de importantes unidades fabris desse período, tais como a Wallig Nordeste S.A. e a Indústria Muller.

O constante convívio e as boas relações de sociabilidade que estabeleceu com o Sr. Edson do Ó e seu irmão Edvaldo do Ó, acabaram por aproximar Tertuliano do canteiro de obras na cidade de Campina Grande, ao mesmo tempo,

que tornava-se o “arquiteto da família” (AFONSO, 2020). Essa aproximação possibilitou a Tertuliano a realização de uma viagem de aproximadamente dois meses para a Argentina, a fim de estudar as técnicas aplicadas com o concreto armado, que posteriormente seriam de grande valia para o desenvolvimento e compreensão das estruturas de seus projetos institucionais para a cidade de Campina Grande.

Entende-se ainda que através da ligação com Edvaldo do Ó (secretário municipal de Educação vigente), coube a Tertuliano Dionísio a construção de edifícios do campus sede da Universidade Federal de Campina Grande, tais como: a Biblioteca Central (1977) e o protótipo para os blocos administrativos do setor C - pertencente ao Centro de Ciências e Tecnologia (CCT) do campus (1977).

Tertuliano também foi o responsável pelo licenciamento paisagístico que abriga o monumento “os pioneiros da Borborema”, localizado às margens do Açude Velho – bem paisagístico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP),

principal cartão postal e importante referência na paisagem urbana da cidade.

O monumento homenageia o 1º centenário da cidade, no dia 11 de outubro de 1964, as três esculturas que o compõem são de autoria do artista plástico pernambucano José Corbiniano Lins e retratam personalidades que construíram a história e a cultura da cidade: o índio (conquista), a mãe (acolhimento) e o tropeiro (resistência).

O desenvolvimento do projeto para o Parque do Centenário - como comumente era chamado o local projetado por Tertuliano para abrigar as três esculturas, um museu histórico e um espaço destinado a atividades de lazer; conferiu ao profissional o título de “Arquiteto do Centenário”.

Tertuliano estendeu seu legado na cidade de Campina Grande através da construção de um vasto repertório arquitetônico, desde edifícios institucionais a inúmeras residências que ajudaram a engrandecer a arquitetura moderna na cidade. Cabe salientar, que sua produção abrange ainda as capitais Recife/PE e João Pessoa/PB, onde assinou boa parte de seus projetos. Em suas obras,

o arquiteto buscou sempre alinhar os critérios projetuais da modernidade arquitetônica com as soluções e técnicas construtivas propostas, herdadas em seu berço de formação na Escola do Recife.

Tirando partido disso, podemos destacar algumas características que reafirmam o vocabulário projetual adotado pelo profissional para a cidade de Campina Grande:

- 1) Na organização espacial, percebe-se um estudo modular específico para cada programa arquitetônico, visando resolver as configurações funcionais das plantas, racionalizar e padronizar as estruturas e compor harmoniosamente as fachadas;
- 2) Quanto à funcionalidade e distribuição dos espaços internos, podemos identificar certa preocupação na distribuição dos cômodos por zonas ou setores;
- 3) Tertuliano também dialogava com as artes plásticas, contando com a presença constante de painéis e esculturas em suas obras. O arquiteto convidou artistas plásticos de grande peso no

cenário nacional, para enriquecerem seus projetos, tais como Lula Cardoso Ayres e Corbiniano Lins;

4) Outra singularidade é a atenção com a topografia do lugar, sempre que possível o arquiteto tira proveito dos desníveis do terreno para desenvolver o programa de necessidades em volumes de diferentes níveis.

2. LISTAGEM DE OBRAS

No período de 1960 a 1980, Tertuliano Dionísio estendeu seu acervo de obras por toda a cidade, seu repertório projetual permeia as mais diversas tipologias construtivas, entre residências, edifícios residenciais, instituições escolares, clubes esportivos, prédios administrativos, hospital, entre outros.

Essa produção se deu em grande parte pelas relações estabelecidas com o poder público, atribuindo uma visão de “arquiteto para instituição”.

Durante o procedimento de coleta e levantamento de dados - em andamento, através de pessoas que mantiveram contato com a atuação e/ou história do arquiteto em Campina Grande; foram

mencionadas obras produzidas pelo arquiteto na cidade, no entanto, ainda sem confirmação documental sobre os projetos originais. São elas:

Edifício João Rique, (rua Venâncio Neiva, 287, Centro); Edifício Roberto Palomo, (rua Maciel Pinheiro, 170, Centro); Jornal Gazeta do Sertão, demolido, (rua Cazuzza Barreto, 113, Catolé); Hospital Municipal Dr. Edgley Maciel, (rua Dom Bosco, s/n, José Pinheiro); Parque de Exposição de Animais, (Av. Assis Chateaubriand, 44, Velame); bem como, edifícios da São Braz, Saelpa, Faculdade de Medicina, Granja Solidão.

Também foram identificados proprietários de residências que teriam sido projetadas pelo arquiteto: Sr. José Carlos da Silva Júnior, Sr. Edson do Ó, Sr. Manoel Mota e Sr. José Pimentel.

A pesquisa documental sobre o arquiteto está em desenvolvimento, sendo possível a existência de obras na cidade sem a devida catalogação técnica.

[Handwritten signature]
10

10

FRANCISCO DAS CHAGAS DUARTE, brasileiro,
residente nesta cidade, vem requerer de V.S., a licença para -
construção de um prédio residencial, situado à Rua Afonso Pena,
na cidade, de acôrdo com o projeto anexo.

Nestes Termos
P. Deferimento

10
50
e 1960

Campina Grande, 22 de setembro de 1960

[Handwritten signature]

FRANCISCO DAS CHAGAS DUARTE

Realizado a fls. 40 do Livro de
Registro N. 38 sob N. 2033
10 00 60



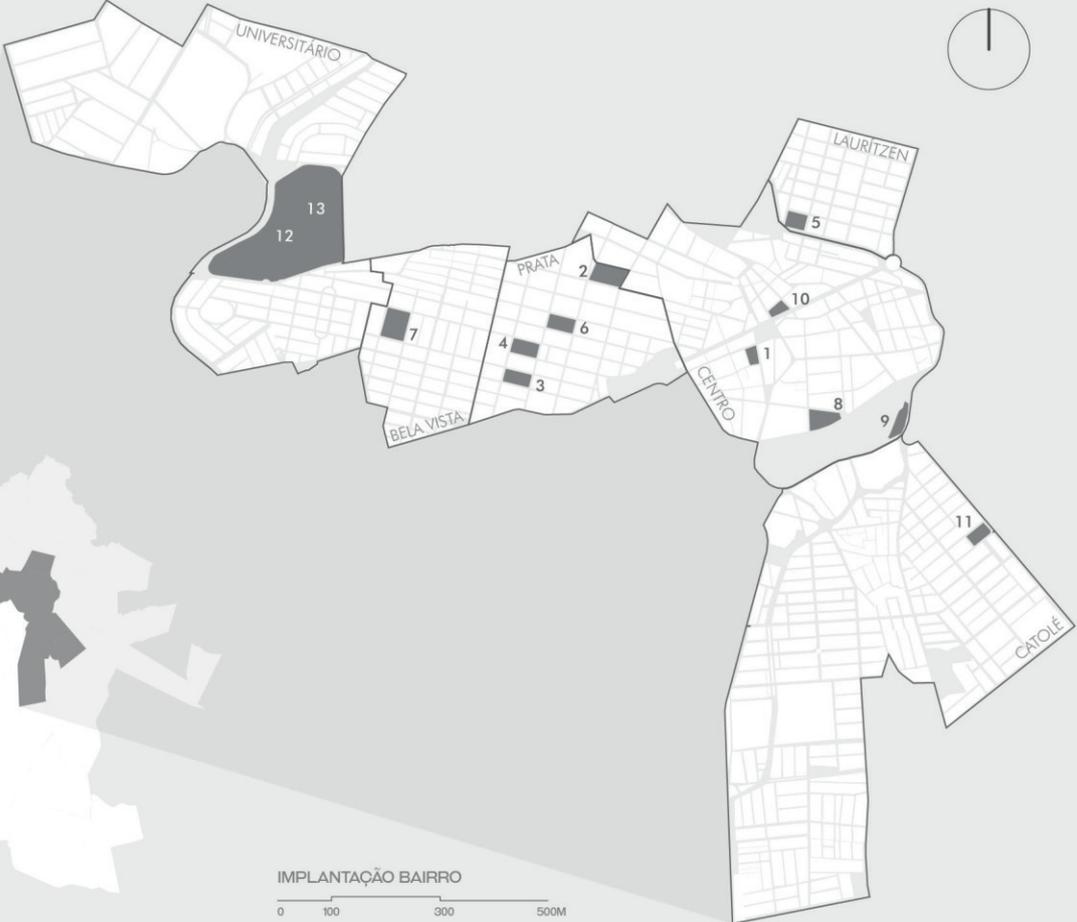
Visto
19/9/60
S. de Fiscalização
[Handwritten signature]
CHEFE

ANO	OBRA	LOCALIZAÇÃO
1960	1. Residência Francisco das Chagas Duarte*	Rua Afonso Pena, s/n, Centro
1960	2. Residência Manoel Damião	Av. Presidente Getúlio Vargas, 888, Prata
1961	3. Residência Sebastião Pedrosa**	Rua José de Alencar, 405, Prata
1961	4. Residência Waldecyr Villarim Meira*	Rua Rodrigues Alves, 603, Prata
1962	5. Residência José Barbosa Maia	Rua Agamenon Magalhães, 191, Lauritzen
1962	6. Clube do Trabalhador	Av. Dom Pedro II, 767, Prata
1963	7. Campinense Clube	Rua Rodrigues Alves, s/n, Bela Vista
1964	8. Aliança Clube 31*	Rua 21 de Abril, s/n, Centro
1965	9. Parque do Centenário	Rua Paulo de Frontin, 483-499, Centro
1968	10. Fórum Afonso Campos	Av. Marechal Floriano Peixoto, 691, Centro
1970	11. Escola Normal Padre Emídio Viana Correia	Av. Severino Bezerra Cabral, s/n, Catolé
1977	12. Biblioteca Central da UFCG	Rua Aprígio Veloso, 882, Universitário
1977	13. Bloco administrativo CM da UFCG	Rua Aprígio Veloso, 882, Universitário

OBSERVAÇÕES:

* obra demolida, com identificação da antiga localização de implantação do projeto.

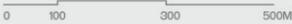
** obra descaracterizada, atualmente com o uso clínico-hospitalar (Clínica Diagnose).



IMPLANTAÇÃO CIDADE



IMPLANTAÇÃO BAIRRO



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

ARTIGOS

AFONSO, A.; PEREIRA, I. *Acervo arquitetônico moderno da Universidade Federal de Campina Grande-PB. Bloco CM*. In: 13º Seminário Docomomo Brasil. Salvador, BA. 2019a. Disponível em <<http://www.inscricoes13docomomobrasil.ufba.br/>> Acesso em: 20 de jun. 2020.

AFONSO, A.; PEREIRA, I. *Análise dos elementos pré-moldados na produção de edifícios universitários da UFCG: Bloco CM. Tertuliano Dionísio. 1977*. In: Anais do 1º Encontro Nacional Arte e Patrimônio Industrial. Campinas, SP. 2019b.

AFONSO, A.; MENESES, C. *A influência da Escola do Recife na Arquitetura de Campina Grande 1950-1970*. In: Anais do 4º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, MG. 2015.

ALMEIDA, A. L. de. *Da Construção de uma Arte Nacional aos Murais de Campina Grande*. In:

Anais do 8º Seminário Docomomo Brasil. Rio de Janeiro. 2009.

ALMEIDA, A. L. de. *Difusão da Arquitetura Moderna em Campina Grande-PB: necessidades e desafios para preservação de um patrimônio ameaçado*. In: Anais do 3º Docomomo Norte Nordeste. João Pessoa, PB. 2010.

PEREIRA, I. *Tertuliano Dionísio: A produção moderna do "Arquiteto do Centenário" em Campina Grande-PB*. In: Anais do 6º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, MG. 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/seminarioarqedoc2019/>> Acesso em: 20 de jun. 2020.

PEREIRA, I. et al. *O redesenho como ferramenta de reconstrução: (re)vivendo o antigo Aliança Clube 31 na paisagem urbana central de Campina Grande-PB*. In: Anais do 6º Seminário Ibero-Americano

Arquitetura e Documentação (Arq e Doc). Belo Horizonte, MG. 2019a.

PEREIRA, I. et al. *A ameaça da (des)integridade em obras modernas da Universidade Federal de Campina Grande-PB*. In: Anais do 3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil. Belo Horizonte, MG. 2019b.

PEREIRA, I. et al. *Biblioteca Central da UFCG: Estado da Arte*. In: Anais do 5º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte, MG. 2018. Disponível em: <<https://www.event3.com.br/anaisiisimposioicomosbrasil/>> Acesso em: 20 de jun. 2020.

MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES

ALMEIDA, A. L. de. *Arquitetura moderna residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960-1969)*. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, UFPB. João Pessoa. 2007.

ALMEIDA, A. L. de. *Modernização e Modernidade: uma leitura sobre a Arquitetura Moderna de*

Campina Grande (1940-1970). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura em Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos/ USP. São Paulo. 2010.

GARCIA, M. *Prata que vale ouro: A casa moderna na década de 60*. Monografia (Graduação) - Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, UFCG. Campina Grande, 2018.

PEREIRA, F. T. *Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956/ 1974)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura em Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos/ USP. São Paulo. 2008.

PORTO, H. *Habitar o centro: proposta de revitalização do antigo Fórum Afonso Campos*. Monografia (Graduação) - Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, UNIFACISA, 2019.

ENTREVISTA

AFONSO, A. *Entrevista realizada com o Sr. Alcides Albuquerque do Ó*. Campina Grande: maio de 2020.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

BARBOSA, A.; SOUZA, A.; SOUZA, S. *Residência José Barbosa Maia – Tertuliano Dionísio*. In: Inventário moderno de Campina Grande: residências modernas. UFCG/ GRUPAL. 2017. Disponível em: <https://issuu.com/allysonbarbosa/docs/residencias_modernas_em_cg> Acesso em: 20 de jun. 2020.

Blog Retalhos históricos de Campina Grande. *Memória: Tertuliano Dionísio da Silva*. 2010. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/05/memoria-tertuliano-dionisio-da-silva.html#.XZa93GZv-Mq>>. Acesso em: 21 de set. 2019.

Blog Retalhos históricos de Campina Grande. *Centenário do Campinense: Registros da maquete do Campinense Clube e da Boate Cartola nos anos 60 e 80*. 2015. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2012/04/campinense-97-anos-registros-da-maquete.html#.XvzSBSHkjlU>> Acesso em: 21 de set. 2019.

Blog Retalhos históricos de Campina Grande. *Memória arquitetônica: O Campinense Club*. 2012. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2012/01/memoria-arquitetonica-o-campinense-club.html#.XvzS1ChKjlU>> Acesso em: 21 de set. 2019.

Blog Retalhos históricos de Campina Grande. *Ontem/Hoje: Antigo Fórum Afonso Campos*. 2016. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2016/01/ontemhoje-antigo-forum-afonso-campos.html#.XvzTgihKjlU>> Acesso em: 21 de set. 2019.

CAP 8

RESIDÊNCIA JOSÉ BARBOSA MAIA: ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1962/1964.

IVANILSON PEREIRA | VITÓRIA CATARINE



RESIDÊNCIA
JOSÉ BARBOSA MAIA

1962/1964



Residência José Barbosa Maia
1962/1964

Rua Agamenon Magalhães/ Avenida Canal, 191,
Bairro Lauritzen, Campina Grande, Paraíba.

Projeto arquitetônico de Tertuliano Dionísio da Silva,
construtor responsável - Lynaldo Cavalcanti.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

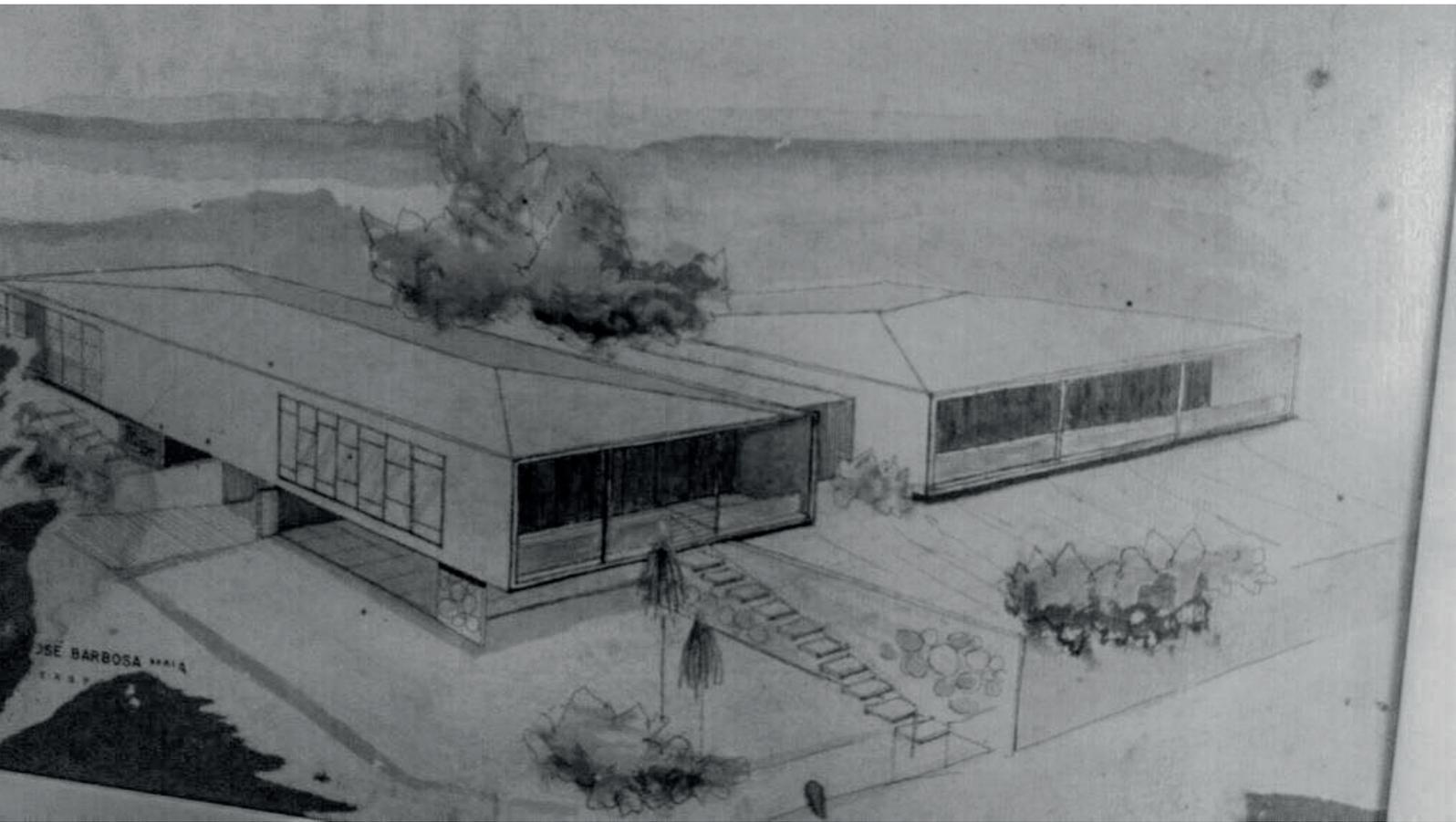
Apesar de sua proximidade (aproximadamente 200m) com a área estabelecida pelo decreto estadual nº 33.816/ 2013 (de normativas técnicas para áreas sob proteção estadual/ IPHAEP), onde foram delimitadas áreas adicionais de amortecimento ao perímetro legal do centro histórico (Lei Municipal nº 3721/1999 – Zona Especial de Preservação I). A residência ainda não está inserida em nenhum cinturão de proteção legal seja em nível municipal, estadual ou federal.

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Nos anos de 1960, o contexto da cidade de Campina Grande era de modernização e apropriação da classe dominante, época em que o arquiteto Tertuliano Dionísio viajara muito para a cidade paraibana por motivos profissionais, e partir disso, teve a oportunidade de conhecer o bancário José Barbosa Maia, que mais tarde seria o proprietário da residência.

O registro de deliberação para construção da residência foi emitido pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo/ DPU, da Prefeitura Municipal de Campina Grande, no dia 01 de agosto de 1962, tendo a conclusão de sua construção em 1964.

análise dimensões
arquitetônicas







3 DIMENSÃO ESPACIAL

A inserção da obra é marcada por um entorno urbano majoritariamente residencial, apesar de sua circunvizinhança ao bairro comercial do centro da cidade. Implantada no perímetro de um lote de esquina com a Avenida Canal e Agamenon Magalhães, apresenta uma área de 824 m² - sendo 330 m² de área construída.

A proposta de implantação da residência tira partido do desnível topográfico do terreno que condicionou a distribuição do programa em dois níveis de acessos para ambas avenidas.

Quanto à distribuição dos espaços internos, percebe-se uma certa atenção para a distribuição dos cômodos por zonas ou setores. Para esta residência são agrupados em: zona íntima, zona social e zona de serviços; que influenciou diretamente na volumetria em blocos individuais, no entanto, ambas apresentam uma articulação entre si através de um eixo de circulação.

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

A superestrutura da residência José Barbosa Maia é solucionada através do sistema estrutural de vigas e pilares em concreto armado, apoiados sob pilotis e muros de arrimos em pedra no pavimento inferior. A laje de conexão entre os pavimentos é reforçada do tipo (bandeja em concreto com 45cm), possibilitando a criação de um terraço social aberto para o exterior da residência. A cobertura dos volumes principais são do tipo telhado em quatro águas, arrematados por uma platibanda em alvenaria de tijolo.

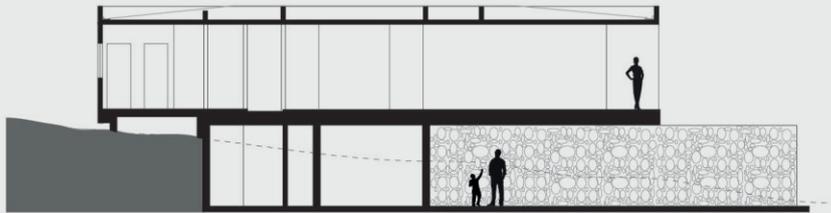
A materialidade das peles ou invólucros da residência são diversificados entre a madeira, a pedra bruta, o concreto, o vidro e diversas peças de azulejos. As vedações acompanham o alinhamento dos planos, ora em tipo fita, ora em painéis de correr; essa estratégia associada ao uso do cobogó nas áreas de circulação, garantem a permeabilidade visual com o exterior da residência, bem como, aproveitamento do conforto climático em todas as zonas.



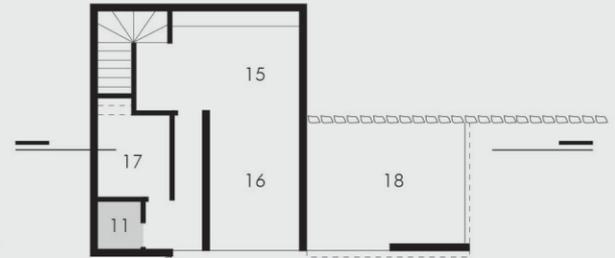
LEGENDA

- 1 - Sala Estar
- 2 - Sala Jantar
- 3 - Estudos
- 4 - Refeições
- 5 - Lavabo
- 6 - Cozinha
- 7 - Despensa
- 8 - Depósito lavanderia
- 9 - Área de serviço
- 10 - Quarto hóspedes
- 11 - Banheiro
- 12 - Quarto casal
- 13 - Quarto filhas
- 14 - Quarto filhos
- 15 - Hall
- 16 - Garagem
- 17 - Quarto empregada
- 18 - Terraço social

PLANTA-BAIXA



CORTE



PLANTA BAIXA PAV. INFERIOR







5 DIMENSÃO FORMAL

A volumetria é composta pela junção de dois primas retangulares dominantes, que correspondem respectivamente aos núcleos íntimo e social, interligados por um volume intermediário de menor proporção. As caixas volumétricas apoiam-se sobre um terraço social vazado e sustentado por muros de arrimos, que concedem acesso à uma garagem no nível inferior do desnível do terreno.

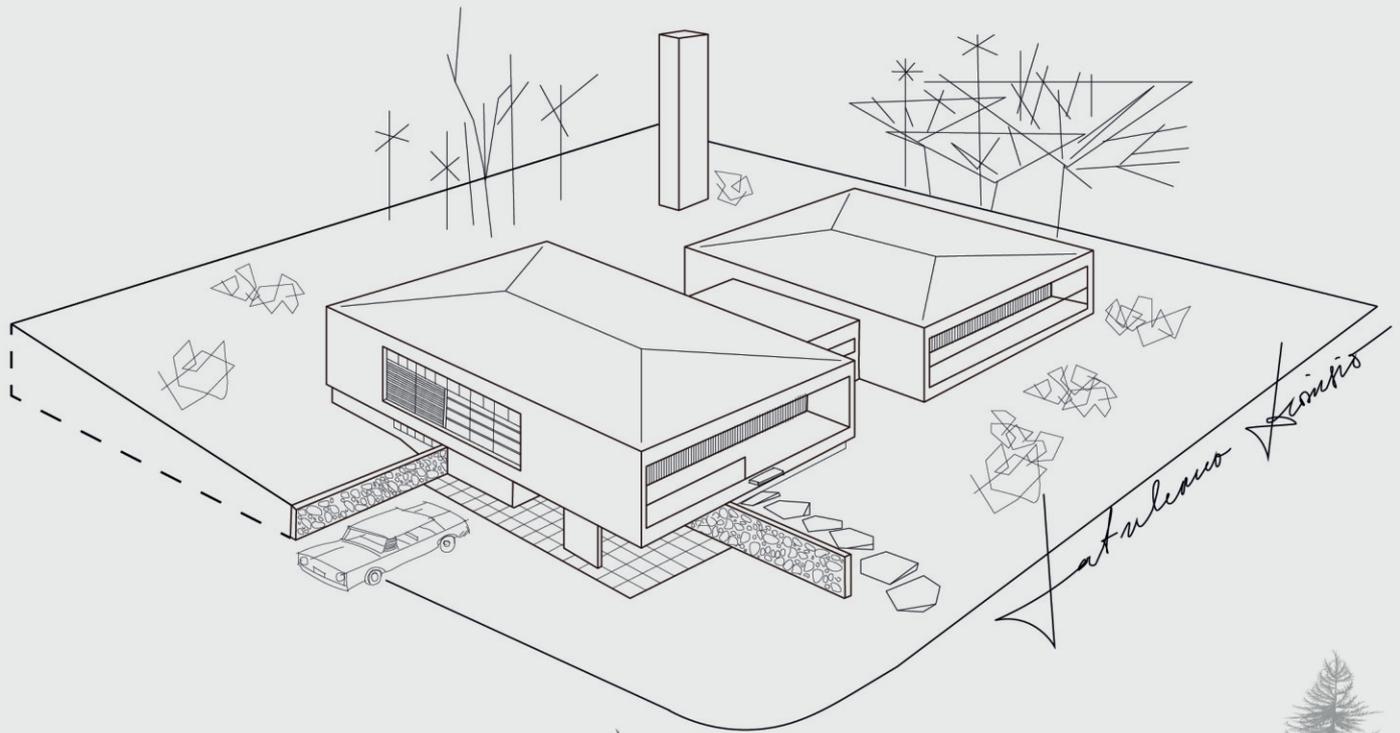
Na concepção da forma, herda os critérios clássicos da modernidade arquitetônica ao propor uma arquitetura de linguagem simples e desprovida de adornos estilísticos, materiais sintéticos e sobreposições estéticas atemporais.

Algumas características intrínsecas a esse projeto, tais como: vazamento de muros, espaços contínuos, criação de sombras, convívio com o externo, entre outros (HOLANDA, 1976); reforçam a influência recebida por Tertuliano Dionísio na Escola do Recife, através da proposição de uma arquitetura adequada aos trópicos.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

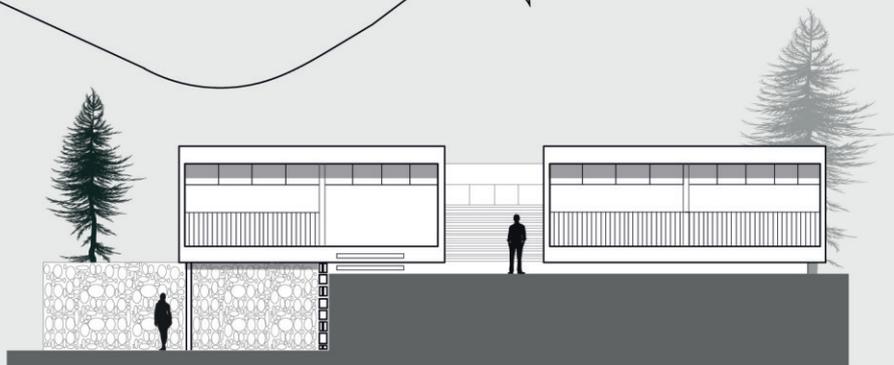
Quanto a análise de usos da obra, atualmente, a mesma mantém seu uso original proposto em projeto – residencial. Quanto a ordem de propriedade da residência, manteve-se sob as responsabilidades de descendentes do mesmo núcleo familiar do Sr. José Barbosa Maia, até os dias atuais. O que contribuiu na preservação física de artefatos, objetos, mobiliários,... concebidos originalmente no projeto, além de manter ativa a memória afetiva com o lugar.

Em resgate aos esboços de estudo de Tertuliano Dionísio para o projeto da residência, identificou-se uma primeira proposta para a casa que diferia o acesso principal, através de uma escada em pedras engastadas no próprio muro de arrimo; bem como, um maior prolongamento na profundidade do volume que abriga o setor social, e consequentemente uma maior área para o terraço social e acesso independente de veículos para a garagem.



FACHADA LESTE

0 1 4 8m





CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

A discussão sobre a conservação da obra será pautada nas intervenções pós-ocupação da residência, que ao longo dos últimos anos, foram necessárias a fim de corrigir as problemáticas provenientes de entaves nas etapas de projeto e execução.

Frisando que a integridade dos elementos arquitetônicos foram preservados na contemporaneidade, portanto, sem a prévia necessidade um estudo patológico específico para essa discussão.

As paredes laterais externas das varandas por estarem expostas as intempéries de forma direta e constante acabaram por desenvolver problemas de mofo e infiltrações, com isso, os moradores optaram por aplicar revestimentos cerâmicos nas superfícies internas, a fim de amenizar a passagem de umidade.

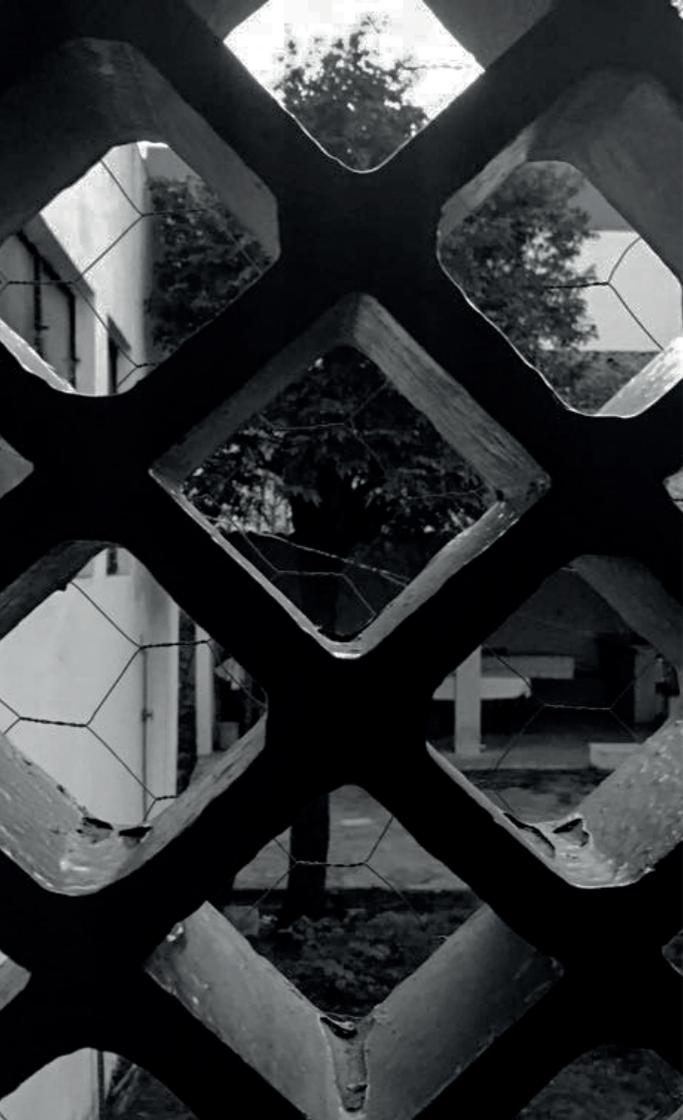
Uma problemática semelhante se deu no arremate de toda a platibanda, por não possuírem rufos de proteção, culminaram em uma acelerado processo de umidificação descendente, desencadeando manchas e sujidades entorno dessas superfícies.

As peles de cobogós instaladas no corredor de circulação receberam uma aplicação em tela aramada como bloqueio a entrada de insetos e pequenos animais.

Em relação à materialidade externa, a busca pela redução de custos no canteiro de obras, acarretou na substituição de alguns revestimentos em madeira que seriam previstos para o terraço social, pela aplicação do chapisco sobre reboco, pintado na cor branca.

Em suma, o projeto não encontra-se descaracterizado enquanto exemplar residencial da arquitetura moderna campinense, no entanto, buscou-se a adaptação frente às novas demandas que surgiram nos últimos cinquenta anos.

Pontuando que as normativas atuais de acessibilidade, segurança, incêndio, entre outros, passaram a exigir novas adaptações para essas edificações. Com isso, soma-se a conscientização em intervir de forma correta, preservando a estrutura arquitetônica existente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 3, p. 54-70, 12 dez. 2019.

BARBOSA, A; SOUZA, A.; SOUZA, S. *Residência José Barbosa Maia – Tertuliano Dionísio*. In: Inventário moderno de Campina Grande: residências modernas. UFCG/ GRUPAL. 2017. Disponível em: <https://issuu.com/allysonbarbosa/docs/residencias_modernas_em_cg> Acesso em: 20 de jun. 2020.

HOLANDA, A. de. *Roteiro para construir no nordeste. Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados*. Recife: UFPE/ MDU. 1976.

PEREIRA, I. *Tertuliano Dionísio: A presença do arquiteto em obras modernas de Campina Grande. 1960-1980. Etapa 01*. Campina Grande: UFCG. PIVIC. 2018.

CAP 9

ALIANÇA CLUBE 31: ANÁLISE DAS DIMENSÕES
ARQUITETÔNICAS. 1964/1967.

IVANILSON PEREIRA | VITÓRIA CATARINE

EDIFÍCIO SEDE
EXISTENTE

ÁREA DE REFEIÇÕES
AO AR LIVRE

TERRAÇO A CONSTRUIR

VEGETAÇÃO
ALTA

GRAMA

ESCALO
DE CONCRETO

PEDRAS NATURAIS

ILHA DE
VEGETAÇÃO

GRAMA

PEREOLA

ESCALO DE CONCRETO

PEDRAS
NATURAIS

COQUELHO
SUCOS

LAGEADO DE
GRANITO COM
REJUNTO DE GRAMA

PORTAS DE ENTRADA

GRAMA

48.60

ESCALA DE
PLACAS DE CONCRETO

22.00

CALÇADA DE PEDRAS PORTUGUEZAS

Projeto Aliança Clube 31, 1964/1967
Rua 21 de Abril/ Rua João Tavares, Centro, Campina
Grande, Paraíba.

Projeto arquitetônico de Tertuliano Dionísio

1 DIMENSÃO NORMATIVA

O Centro Histórico de Campina Grande é uma área deliberada e delimitada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, em 28 de junho de 2004, compreendendo um cinturão englobando ruas e praças centrais da cidade (Decreto Estadual nº 25.139/2004).

Entretanto, a obra analisada foi demolida no início dos anos 2000 – período em que não estaria incidente nenhum decreto ou lei de proteção ao bem imóvel.

análise dimensões
arquitetônicas

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

O contexto da cidade de Campina Grande-PB na década de 1960 era de modernização e consequente promoção das condições de *status* e civilidade perante a classe dominante da época.

A consolidação e difusão das tipologias de clubes na cidade representou uma nova vertente de reconhecimento e apropriação por parte da elite campinense, através da oferta de atividades de lazer, cultura, recreação entre outros; onde geralmente não possuíam acessibilidade para a sociedade em geral.

A atuação do arquiteto Tertuliano Dionísio em Campina Grande através de suas constantes relações com o poder público e privado, levou-o a projetar alguns edifícios dessa tipologia na cidade, tais como: O Clube do Trabalhador (1962), o Campinense Clube (1963) e o projeto para o Aliança Clube 31 (1964).



3 DIMENSÃO ESPACIAL

O terreno de geometria irregular onde foi implantado o projeto possui 53,60m de fachada principal e 26m de fundo, bem como, 54m de recuo lateral do terreno para atividades esportivas. Assim, com uma área total de 2.464,50m².

Quanto ao agenciamento externo, utiliza-se de blocos de pedras e vegetações arbustivas/ rasteiras locais, com forração em grama. A locação das pedras nos caminhos é indutiva, interligando os espaços. Próximo à entrada principal e a área de *playground*, o arquiteto optou por um lago artificial e uma ilha de areia para diversificar e flexibilizar os usos recreativos do espaço

Em relação ao espaço interno, Tertuliano concentrou toda a edificação sob um *dancing* central com espaço para mesas e próximo a um terraço com estrutura modulada exposta. Um restaurante externo com geometria circular é implantado como anexo ao volume principal da edificação e com visibilidade para o agenciamento externo.

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

O Aliança Clube 31 possuía um pórtico de entrada com materialidade de concreto e gradis em ferro. Sua forma de losango contínuo na cobertura, permitia uma entrada monumental para a obra. Quanto ao volume do edifício, sua lâmina cúbica maciça é contraposta à leveza espacial gerada pela subtração volumétrica da área dos terraços, com o uso de pilotis de concreto armado.

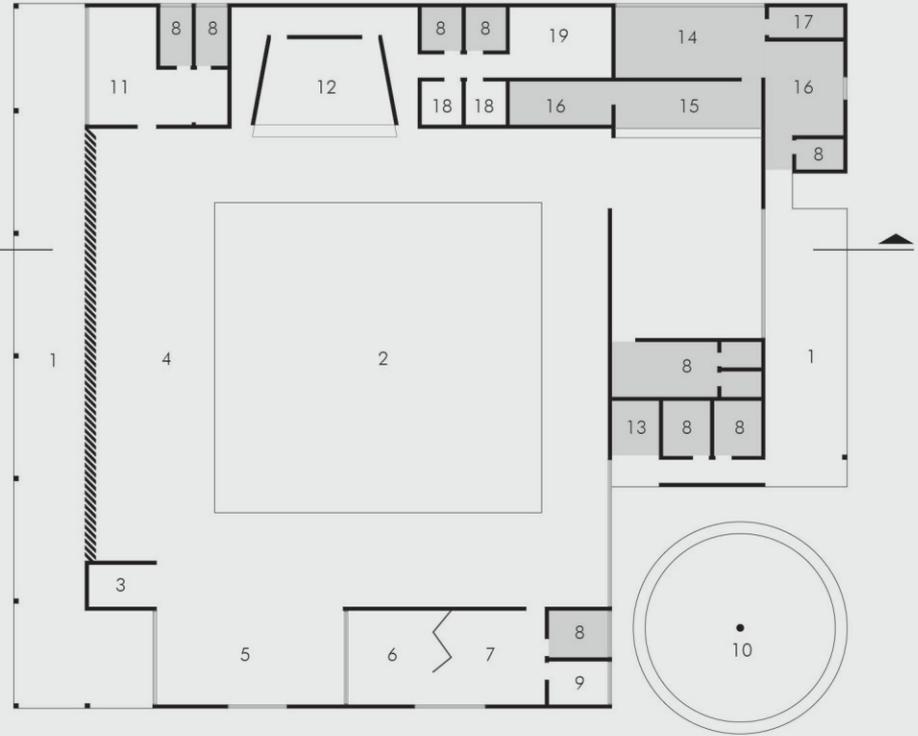
Em corte, é possível perceber que a coberta da edificação é dinâmica e possuía sentidos distintos para as águas, chamando atenção para a cobertura da área do *dancing*, onde a iluminação era indireta por janelas altas. Todo o arremate da cobertura é envolto por uma platibanda em alvenaria de tijolos pintada na cor branca, silenciando o volume da coberta e reforçando a horizontalidade da arquitetura proposta (bloco térreo).



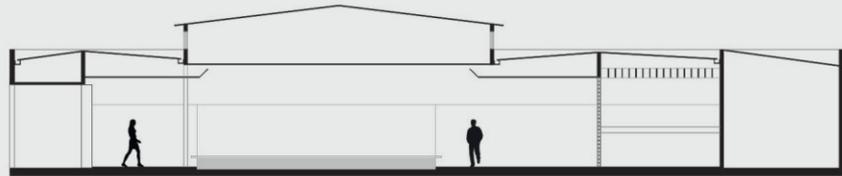
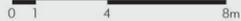
LEGENDA

- 1 - Terraço
- 2 - Dancing
- 3 - Chapelaria
- 4 - Área das mesas
- 5 - Sala de Estar
- 6 - Sala da Diretoria
- 7 - Sala de Reunião
- 8 - WC
- 9 - Arquivo
- 10 - Restaurante
- 11 - Estar das Senhoras
- 12 - Orquestra
- 13 - Lavabo
- 14 - Cozinha
- 15 - Bar
- 16 - Copa
- 17 - Despensa
- 18 - Camarim
- 19 - Sala dos músicos

PLANTA-BAIXA



CORTE



5 DIMENSÃO FORMAL

A obra adota uma linguagem racional, com materiais e técnicas locais que simplificam e concebem a plasticidade clássica da modernidade arquitetônica. As funções propostas em planta materializam-se em uma sua volumetria externa e concebem um diálogo entre forma e função.

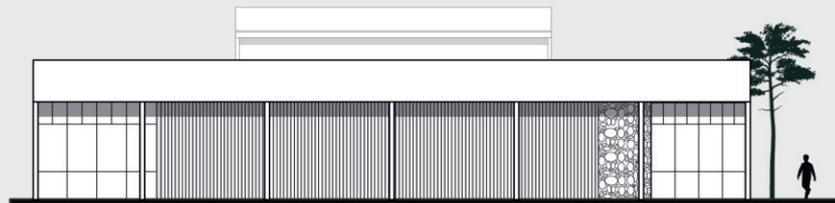
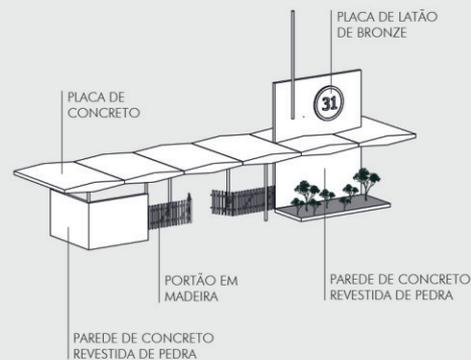
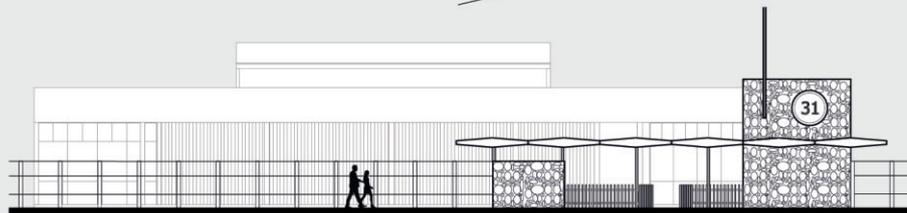
Com uma planta baixa setorizada e modulada, o zoneamento expressa a clareza da funcionalidade e flexibilidade proposta pelo projeto. Além de demarcar contrastes entre as volumetrias de toda a edificação com volume principal cúbico e o restaurante com forma circular e estrutura independente.

A fachada principal do projeto é valorizada pela implantação de um pórtico de entrada que demarca o acesso principal através de uma estrutura leve em concreto sustentada por pilares centrais e interseccionada com um painel de concreto revestido em pedras onde dispõe-se a identificação do clube, popularmente conhecido como “o 31”, grafada em uma superfície circular de latão de bronze.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

A implantação do edifício no centro da cidade e inclusão no arcabouço da arquitetura moderna da época – tendo em vista a concentração de “novos” edifícios às margens do Açude Velho, denota uma certa importância na afirmação de uma paisagem urbana moderna da Campina Grande da década de 1960 a 1980.

Os usos propostos para o edifício estavam inseridos em uma lógica de apropriação da sociedade de elite da época, preservando-o assim suas funções e atividades em seu período de funcionamento, até o período de sua demolição - no ano de 2000.



CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

As problemáticas abordadas culminam na reflexão de algumas perspectivas e desafios, no que se refere a preservação do patrimônio arquitetônico em suas diferentes dimensões:

1_ Por se tratar de um patrimônio do século XX, seu reconhecimento e valorização torna-se inerente a determinados grupos, tais como: Academia, órgãos preservacionistas, entre outros.

Ademais, considerando a recorrente resistência na apropriação e inclusão do patrimônio art déco e eclético, em diversas médias e pequenas cidades brasileiras, tidos como bens “velhos” que atrasam e congelam a dinâmica das cidades.

O patrimônio moderno traz consigo uma série de problemáticas ainda maiores, por se tratarem de imóveis “recentes” passíveis de abrigarem novos usos com maior facilidade, desencadeando descaracterizações e demolições em massa.

2_ Uma agente determinante na consolidação das tipologias da contemporaneidade (farmácias, su-

permercados, shoppings, torres empresariais e residenciais, estacionamentos, e etc.) em detrimento do patrimônio histórico e arquitetônico é a especulação imobiliária.

Essa “feroz” e rápida lógica capitalista vem substituindo a arquitetura presente nos centros das cidades brasileiras, onde geralmente estão presentes os “palimpsestos urbanos”, ou seja, a história e a memória materializadas na arquitetura e no urbanismo de cada lugar.

3_ A temática preservacionista nos pequenos e médios centros urbanos corroboram para um processo de afirmação de uma arquitetura “específica”, produzida por arquitetos locais e regionais (FREIRE, 2007).

Com isso, a disseminação da discussão do “pequeno patrimônio” (CARRIÓN, 2000), torna-se ainda mais evidente, na medida em que são produzidas em determinados contextos e, portanto, não representam a coletividade. Contudo, a preservação das técnicas e critérios, utilizadas por estes(as)

arquitetos(as), que tentaram adaptar os princípios projetuais da modernidade arquitetônica a cada especificidade local e que tiveram como produto edifícios racionais e bioclimáticos, necessitam ser vistos como objetos de discussões na preservação da memória coletiva e cultural.

4_ A questão da propriedade apresenta-se como um fator determinante na preservação de bens de caráter privado, tendo em vista, que estão suscetíveis a conservação por proprietários e herdeiros que geralmente não possuem sensibilidade na utilização e procedência do bem – sendo comumente alugados ou vendidos para terceiros.

A falta de incentivos pelas instâncias governamentais e preservacionistas para a manutenção desses imóveis, impulsiona o processo de perda desse patrimônio, considerando a desvantagem imposta ao proprietário em “congelar” sua edificação.

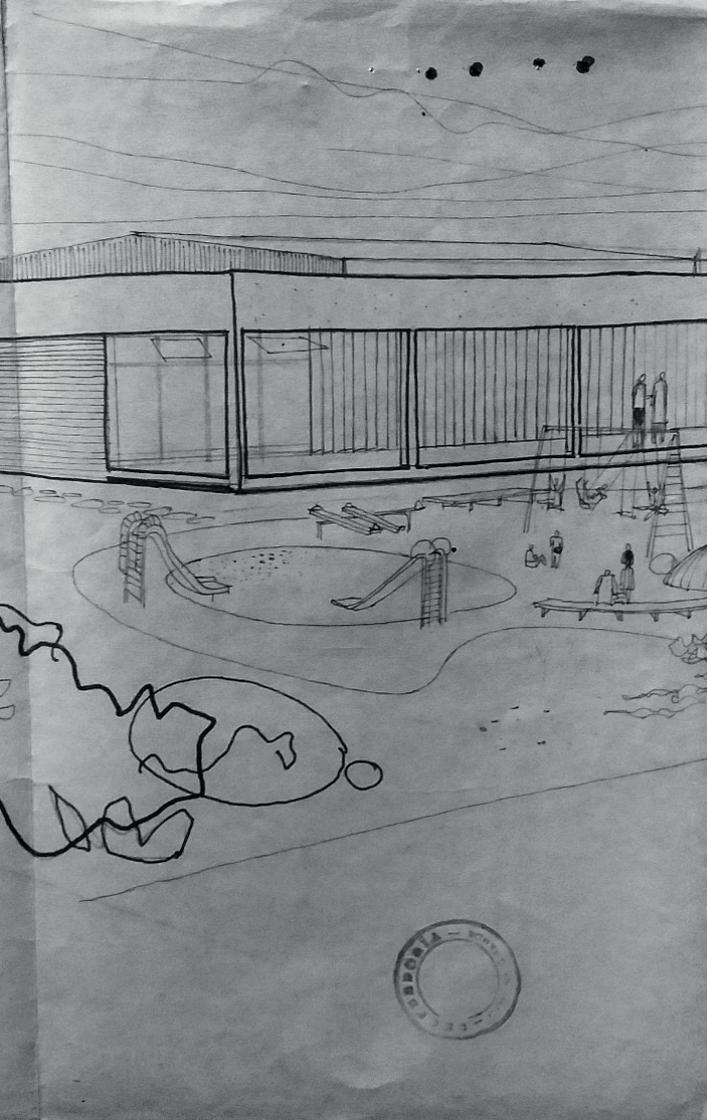
5_ A respeito das fontes primárias e secundárias – considerando o edifício como um documento edificado (KATINSKY, 2005), tem-se as questões de conservação do bem e de seus registros. Muitos acervos não apresentam condições necessárias

de manutenção e armazenamento desses documentos, o que leva ao processo de desgaste e o conseqüente desaparecimento dessa produção, reafirmando a importância da utilização das ferramentas digitais na recuperação física e imagética desse acervo.

Ressaltando a importância em não somente preservar o patrimônio existente, mas em resgatar e (re)viver o patrimônio apagado e esquecido do século XX.

Quanto a importância da preservação da documentação na arquitetura moderna, temos que a própria documentação atualizada para novas tecnologias pode contribuir para a preservação cultural de edifícios de importante valor cultural, além de diversas aplicações na educação patrimonial.

No atual cenário de desarticulação entre as esferas municipais, estaduais e federais para a salvaguarda do patrimônio, que culmina na demolição de exemplares modernos que não recebem a devida proteção e nos arquivos esquecidos pelo poder público, o uso de novas tecnologias demonstram potencialidades no resgate da produção moderna.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

CARRIÓN, F. M. *Vinte temas sobre os centros históricos na América Latina*. In: *Gestão Del Patrimônio Cultural Integrado*, Vol. 1 Iss. *Gestão Del Patrimônio Cultural Integrado*. 2000.

FREIRE, A. *Arquitetura Moderna Residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960/1969)*. João Pessoa: Monografia apresentada como trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo ao Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba, 2007.

KATINSKY, J. R. *Pesquisa Acadêmica na FAUUSP*. São Paulo: FAUUSP. 2005.

PEREIRA, I. et al. *O redesenho como ferramenta de reconstrução: (re)vivendo o antigo Aliança Clube 31 na paisagem urbana central de Campina Grande-PB*. In: *Anais do 6º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação*. Belo Horizonte, MG. 2019. Disponível em < <https://www.even3.com.br/anais/seminarioarqedoc2019/>> Acesso em: 20 de jun. 2020.

CAP 10

BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG: ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1977/1979.

IVANILSON PEREIRA



BIBLIOTECA CENTRAL
DA UFCG

1977/1979



Biblioteca Central da Universidade
Federal de Campina Grande
1977/1979

Rua Aprígio Veloso, 882, Bairro Universitário, Campina
Grande, Paraíba.

Projeto arquitetônico de Tertuliano Dionísio, escritório
técnico administrativo da Universidade Federal da
Paraíba/ UFPB, Centro de Ciências e Tecnologia - CCT.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

O edifício não possui proteção legal para a sua preservação em nenhum nível. A responsabilidade de conservação do bem imóvel está atribuída ao corpo administrativo do campus universitário da Universidade Federal de Campina Grande - campus sede.

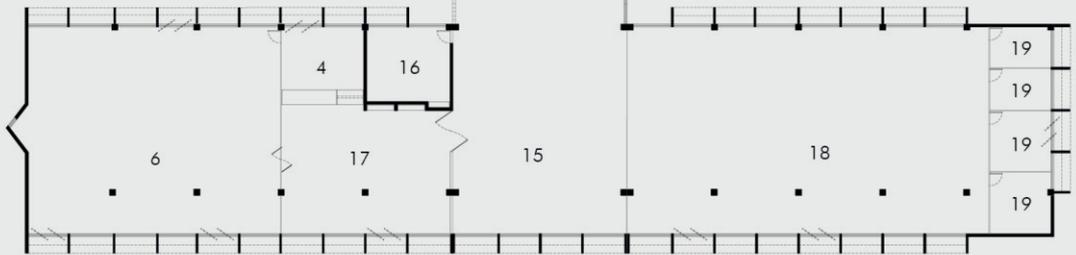
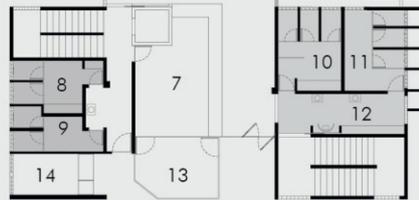
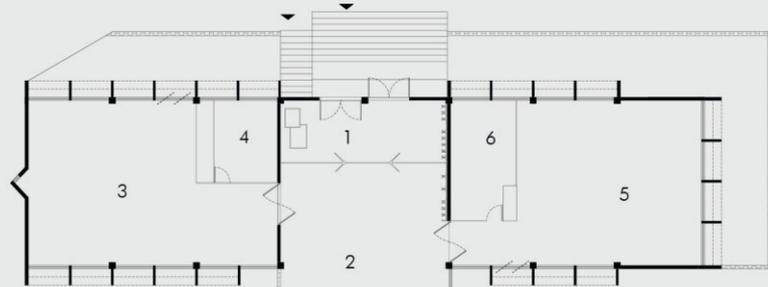
2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Projetada pelo Arquiteto Tertuliano Dionísio no ano de 1977 e inaugurado no ano de 1979. Inicialmente criado como Biblioteca Setorial da Universidade Federal da Paraíba/ UFPB, Campus II, sob a gestão do reitor Prof. Lynaldo Cavalcante de Albuquerque e como coordenador o bibliotecário-documentalista, Sebastião Vieira.

No ano de 2002, a biblioteca passou de setorial da UFPB para central da então criada UFCG (fundada em 1952, como Escola Politécnica da Paraíba, durante o governo de José Américo de Almeida), sob gestão inicial do primeiro reitor Thompson Fernandes Mariz. Em 2008 foi aprovado em colegiado pleno a resolução 09/2008 que formalizou a criação do Regulamento do Sistema de Bibliotecas da UFCG.

análise dimensões
arquitetônicas





LEGENDA

- 1 - Entrada
- 2 - Saguão
- 3 - Seção de Referência
- 4 - Atendimento
- 5 - Livros reservados
- 6 - Depósito
- 7 - Empréstimos e Devoluções
- 8 - Sanitários funcionários
- 9 - Sanitários funcionárias
- 10 - Sanitários femininos
- 11 - Sanitários masculinos
- 12 - Hall
- 13 - Chefia
- 14 - Reprografia
- 15 - Coleção geral (1/3)
- 16 - Equip. Ar condicionados
- 17 - Periódicos
- 18 - Leitura
- 19 - Estudo em grupo

PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO





LEGENDA

- 1 - Catalogação e classificação
- 2 - Depósito
- 3 - Intercâmbio
- 4 - Portaria
- 5 - Secretaria administrativa
- 6 - Espera
- 7 - Diretoria
- 8 - Sala de reuniões
- 9 - WC
- 10 - Carga e descarga
- 11 - Recebimento e expedição
- 12 - Restauração e encadernação
- 13 - Repouso
- 14 - Vestiário masculino
- 15 - Vestiário feminino
- 16 - Copa
- 17 - Almojarifado
- 18 - Zeladoria
- 19 - Lanchonete
- 20 - Equip. ar condicionados
- 21 - Casa de força
- 22 - Área ajardinada

PLANTA BAIXA PAV. TÉRREO



3 DIMENSÃO ESPACIAL

O edifício encontra-se inserido no setor A (administrativo) do campus universitário. O seu entorno imediato é marcado geograficamente pela presença de um lago natural e um córrego canalizado, que contribuiu para a permanência de uma vegetação nativa mais densa em suas margens, além de uma topografia acentuada, forte condicionante na determinação espacial do edifício.

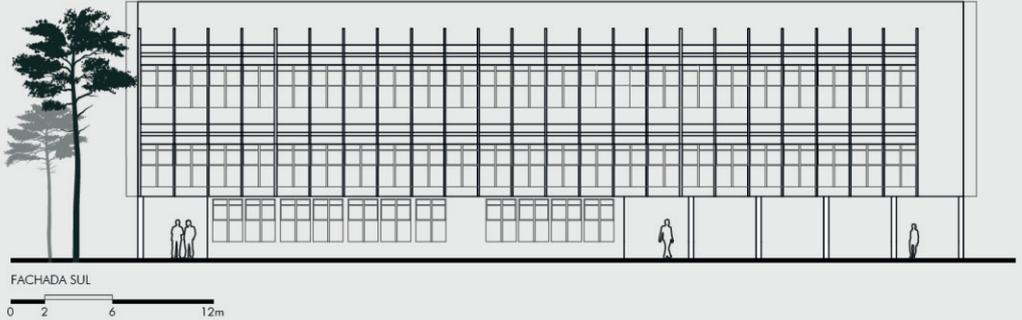
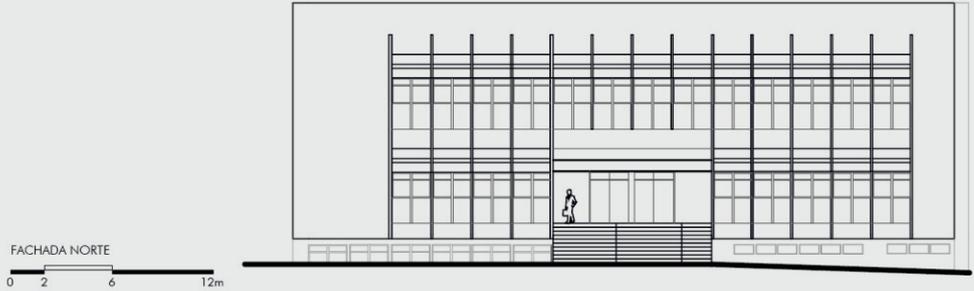
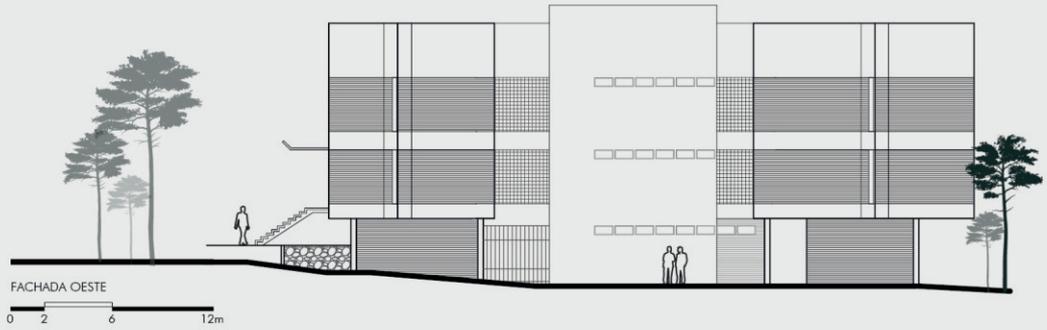
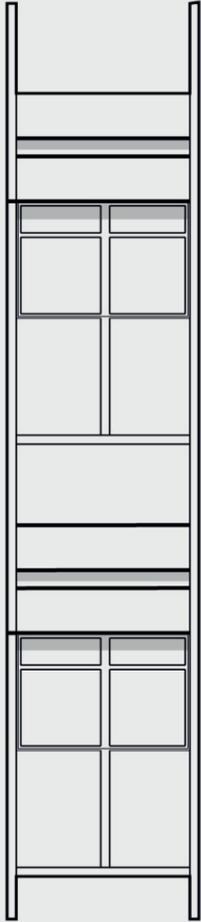
A solução adotada pelo arquiteto para os acessos à edificação é proposta em três níveis principais, que atendem a diferentes públicos. São eles: acesso de estudantes e funcionários; por meio de escadarias externas que conectam diretamente os pavimento térreo e semienterrado, respectivamente, ao nível do passeio; além de um acesso de serviços, destinado ao transporte de carga e descarga de materiais, com acesso direto na área sob pilotis do pavimento inferior.

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

A estrutura foi pensada de forma a favorecer grandes vãos, a fim de comportar as cargas das estantes de livros e proporcionar um *layout* flexível pelo próprio mobiliário. Para tanto, utiliza do sistema viga-pilar em concreto, com lajes convencionais em lajotas cerâmicas, ordenado em um módulo estrutural de 3,70m x 7,70m.

As peles do edifício são racionalizadas pelo uso neoplástico de *brises-soleils* verticais e cobogós em concreto, bem como, vedação em esquadrias pivotantes de madeira e vidro.

A sensibilidade ao detalhe construtivo são perceptíveis na inclinação frontal da marquise de acesso principal e no vazamento dos degraus da escada principal (externa), onde apoiados em um muro de arrimo, criam um espaço inferior fluido, amenizando a robustez desse elemento.



5 DIMENSÃO FORMAL

O arranjo interno elaborado para os ambientes, delimitou plasticamente a forma volumétrica em três “lâminas” horizontais por pavimento, conectadas por uma circulação no eixo central.

Devido à maior demanda de ambientes para os setores administrativo e social, estes acabaram tendo um maior prolongamento horizontal na volumetria em relação ao setor de serviços (pav. inferior), o que possibilitou a existência de espaços vazios sob pilotis. Os pátios formados estabelecem uma relação de interface interior-exterior, por meio dos usos atribuídos para o lugar.

A repetição das esquadrias, que são agrupadas por um módulo tectônico (brise-esquadria), definem nas fachadas, “texturas limpas”, que consolidam o edifício como inerente aos critérios de uma arquitetura moderna tardia.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

A obra mantém seu uso original (institucional), no entanto, durante o processo de ocupação do edifício houveram algumas intervenções. Essas adaptações tentaram adequar as demandas contemporâneas que emergiam dos corpos discente, docente e técnico. Uma delas se deu pela vedação de parte do pavimento inferior (espaço elevado sob pilotis), que a propósito seria destinado a um espaço ajardinado de convivência e alimentação, passando a ser substituído por um espaço dedicado as tecnologias da informação (salas de informática para estudos).

É evidente que os condicionantes topográficos do lugar implicaram diretamente na maior utilização de escadas para os acessos, como também a criação de fossos, o que não garantia uma acessibilidade física para todos os estudantes. Com isso, temos posteriormente a adaptação por meio da implantação de um acesso rampeado pela fachada leste que daria acesso imediato ao pavimento térreo.









CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Inserida em um recorte de área legalmente desprotegida, a obra fica então a mercê dos processos de mudanças e reformas sujeitas a descaracterizar enquanto edifício moderno da cidade, principalmente, por falta de informação e diálogo entre as distintas instituições e órgãos que regem o município.

Hoje, o edifício encontra-se pouco descaracterizado em relação a sua construção original, todavia, bastante danificado quando tratando-se da conservação de sua materialidade e no tratamento das soluções de instalações prediais indexadas com o passar do tempo (instalações elétricas, condicionares de ar, refletores, elementos parasitários).

Vale salientar, que o cargo para dirigir a instituição, geralmente vem sendo ocupado por profissionais vinculados ao campo das engenharias, e não por técnicos e profissionais da área cultural, ou correlata – o que dificulta o processo de conservação, pois estas pessoas não possuem formação específica na área, além de infelizmente possuírem pouca sensibilidade para entender a importância de se intervir de forma correta neste bem patrimonial.

Não priorizam a manutenção constante da edificação, em seu conjunto construtivo, de espaços internos, externos, fachadas e cobertura. Autorizam intervenções como fechamentos de esquadrias por gradis, vedação de elementos vazados, bem como, não atuam no combate as manifestações patológicas presentes na edificação, tais como, infiltrações, rachaduras, fissuras, oxidações, entre outros.

Enfim, nota-se a inserção deste objeto arquitetônico em um campus universitário de desenvolvimento científico e tecnológico, onde sua função primordial deveria ser de salvaguardar o patrimônio histórico de interesse coletivo para a academia como ferramenta de instrumentação para práticas de conservação e fundamentação teórica no município como um todo.

No entanto, o que se percebe é o contraste existente entre o desinteresse e desconhecimento da própria comunidade acadêmica acerca da importância desses exemplares arquitetônicos, ao mesmo tempo, que assume o papel pela formação do conhecimento histórico e cultural de futuros profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. et al. *Biblioteca Central da UFCG: Estado da Arte*. In: Anais do 5º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte, MG. 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/5coloquiodapaisagem/>>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

PEREIRA, I. *Tertuliano Dionísio: A presença do arquiteto em obras modernas de Campina Grande. 1960-1980. Etapa 01*. Campina Grande: UFCG. PIVIC. 2018.

PEREIRA, I. et al. *A ameaça da (des)integridade em obras modernas da Universidade Federal de Campina Grande-PB*. In: Anais do 3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil. Belo Horizonte, MG. 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/iiisimpósioicomosbrasil/>>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

RENATO | 1968 - 1992

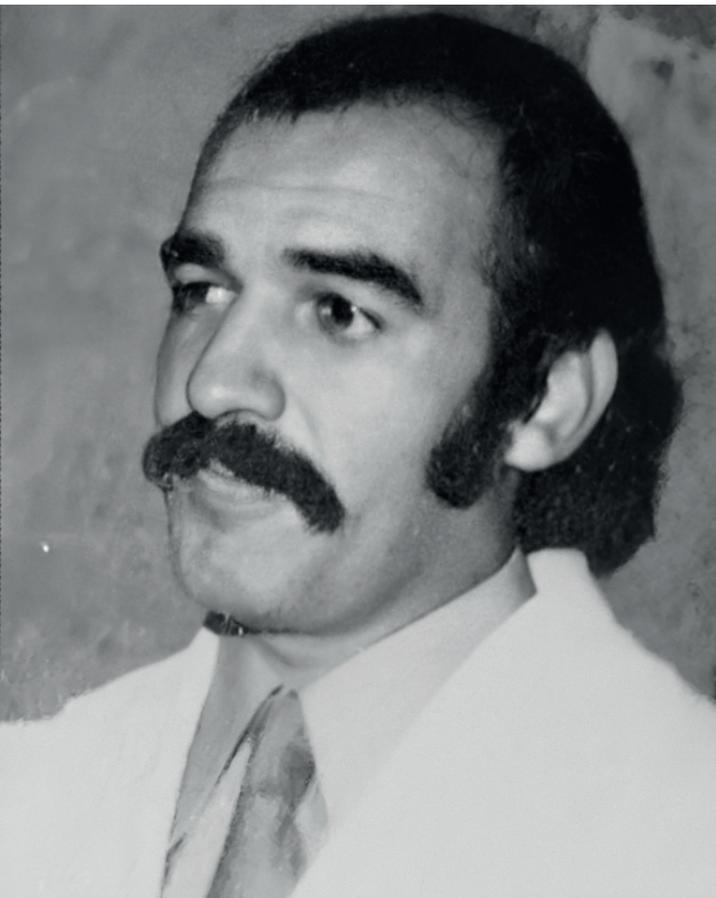
AZEVEDO

CAP 11

DADOS BIOGRÁFICOS

INGRID OLIVEIRA

211



RENATO AZEVEDO

1968-1992

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Renato Aprígio Azevedo da Silva, foi um arquiteto paraibano, nascido na cidade de Campina Grande, em 1943. Ele faleceu de uma embolia pulmonar no ano de 1997, aos 54 anos, em Recife, sua última cidade de atuação.

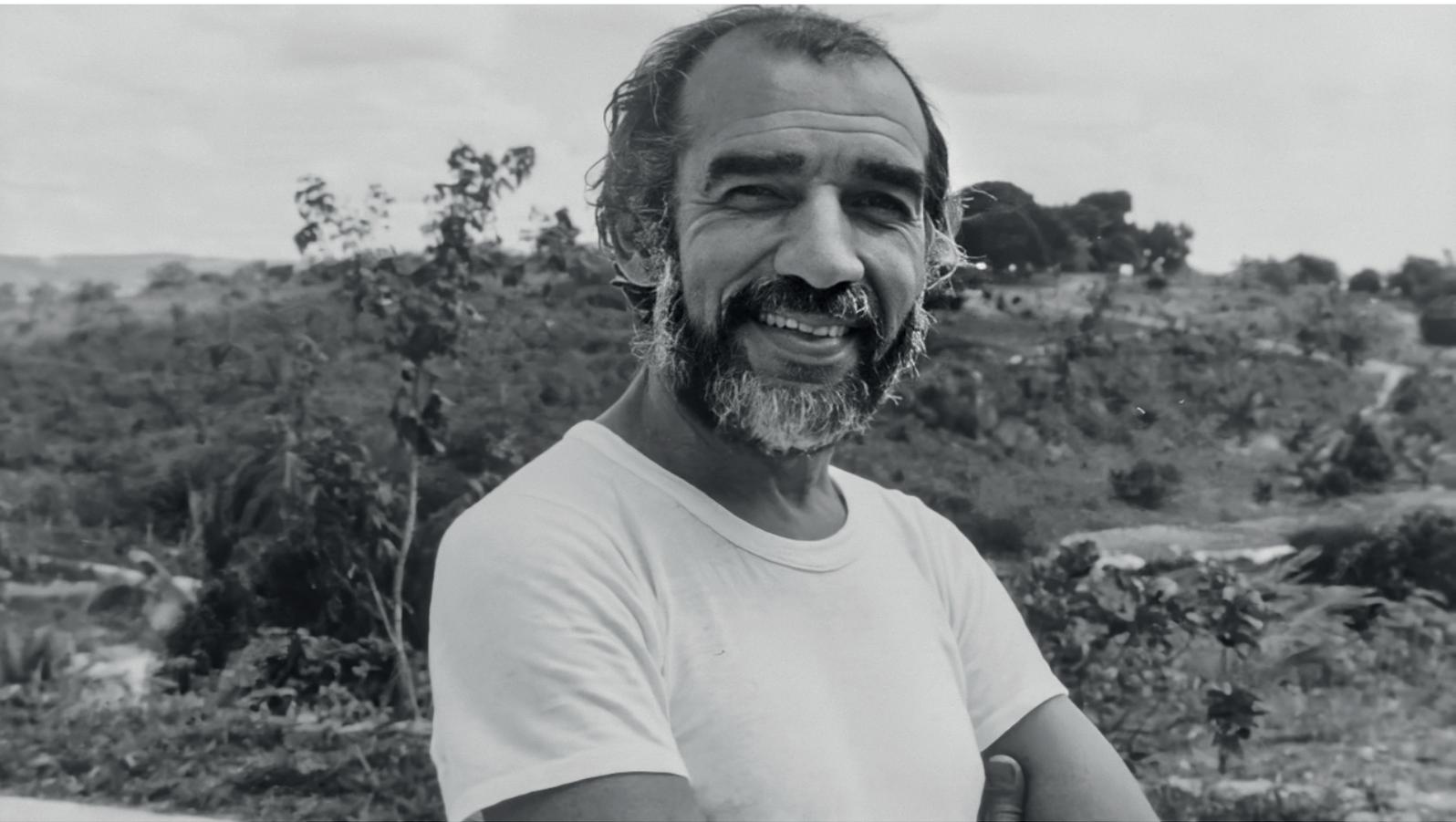
Graduado em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco em 1968 - a chamada Escola do Recife - que possuía neste período grande influência de formação em Arquitetura e Urbanismo, assim como em outros segmentos. Azevedo recebeu formação de base moderna dos mestres/professores Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, Heitor Maia Neto, entre outros.

Em 1932, surge a Escola de Belas Artes de Pernambuco, em Recife – PE, o berço de muitos arquitetos de formação da década de 60 até os dias atuais, onde objetivava-se a excelência e preparação artística da reconhecida Escolas de Belas

Artes do Rio de Janeiro, que foi de fundamental importância no século XX para a construção de um novo pensamento artístico e intelectual. A partir da Escola do Recife, se produziu uma gama de arquitetos e urbanistas vindos das cidades do Norte e Nordeste brasileiro.

Como resultado dessa metodologia de ensino, ao retornarem para suas cidades natais, estes arquitetos produziram um rico acervo de obras modernas, dedicadas a inovar na forma de projetar uma arquitetura com soluções bioclimáticas e também mantiveram um profundo respeito à cultura local. (AFONSO e MENEZES, 2015).

A carreira profissional de Renato Azevedo começou em Recife, mas logo no início da década de 70 ele retornou à cidade que nasceu, Campina Grande, onde trabalhou na prefeitura, atuando na gestão de Evaldo Cavalcanti Cruz no ano de 1973, onde



teve forte influência no planejamento e desenvolvimento da cidade. (LUCAS, 2012).

Após a gestão de Evaldo Cruz, Enivaldo Ribeiro foi eleito, assumindo o título de prefeito da cidade, decidiu continuar com o trabalho que Renato Azevedo já havia iniciado, acreditando no potencial do arquiteto percebeu que ele seria uma peça fundamental na continuação do desenvolvimento da cidade.

Então, Renato Azevedo foi chamado para integrar a equipe de planejamento e confecção de projetos, onde o arquiteto passou a ser o técnico responsável da COMDECA, a Companhia de Pró Desenvolvimento de Campina Grande, que foi transformada de uma entidade governamental para uma instituição público-privada, uma companhia de economia mista.

A cidade de Campina Grande, por volta da década de 1960 destacava-se entre as cidades contempladas para receber a aprovação de projetos oriundos da SUDENE, com projetos de implantação ou ampliação de fábricas. Neste cenário a cidade recebe o Plano de Desenvolvimento Local

Integrado, PDLI, destinado a cidades de médio porte, objetivando o diagnóstico, um plano de diretrizes e desenvolvimento, e um plano de ação governamental na esfera municipal, enfatizando os aspectos físico-territoriais e institucionais. (OLIVEIRA, 2005, p.11)

Em 1973, Evaldo Cavalcanti Cruz, o então prefeito dá continuidade a elaboração do PDLI de Campina Grande. Apoiado pela COMDECA, o arquiteto forma uma equipe interdisciplinar, com administradores, advogados, arquitetos, economistas, sociólogos e paisagistas.

A trajetória da COMDECA, sob a administração do arquiteto, atuou fortemente no diálogo entre o planejamento da cidade vinda pelos gestores e a comunidade, entendendo que o principal objetivo era o desenvolvimento socioeconômico dessa, participando dos projetos CURA, que visavam o desenvolvimento da cidade.

Contudo, no início dos anos 80 Renato Azevedo foi exonerado da função de coordenador, e prontamente a equipe que o acompanhava demitiu-se

em massa – as especulações da exoneração eram sobre divergências políticas com o prefeito.

Autor de muitos projetos arquitetônicos, mas especialmente urbanísticos, o arquiteto deixou sua contribuição para o desenvolvimento da cidade projetando espaços urbanos que não apenas acrescentasse valor estético à cidade, mas que também proporcionasse qualidade de vida para os usuários do espaço.

A sua sensibilidade arquitetônica de entender a arquitetura e o local de implantação possibilitou edificações com diferentes inserções e soluções espaciais e plásticas.

Apesar disso, nota-se uma linguagem formal adotada pelo arquiteto, que buscou critérios projetuais da modernidade e soluções técnicas construtivas locais, vindas de sua formação moderna na Escola do Recife. A partir disso, pode-se destacar características do vocabulário projetual adotado pelo arquiteto:

1) Quanto a organização espacial, percebe-se um estudo modular para os diferentes programas

arquitetônicos, adaptando às necessidades funcionais das plantas, com o uso da racionalização e padrão das estruturas que, por sua vez, também compõe as fachadas;

2) A funcionalidade e distribuição dos cômodos são setorizados tanto horizontalmente como verticalmente;

3) O arquiteto adotava soluções bioclimáticas locais como o uso de cobogós e pátios internos, gerando um microclima para a edificação;

4) A atenção à implantação é um destaque, pois o arquiteto usou dos desníveis naturais para criar diferentes níveis na edificação, bem como acessos independentes, de acordo com o programa de necessidades e o local a ser inserido.

2. LISTAGEM DE OBRAS

No período do início da década de 1970 à 1982, Renato Azevedo projetou obras por toda a cidade, seu repertório projetual dispõe das mais diversas tipologias construtivas, entre residências,



comerciais, institucionais, prédios administrativos, parques, praças, avenidas, entre outros.

1) 1973_ Urbanização do Pátio da Estação Velha.
(Rua Benjamin Constant, S/N Centro)

2) 1974_ Avenida Canal do Prado
(Campina Grande).

3) 1974_ Avenida Manoel Tavares
(Campina Grande).

4) 1974_ SECULT - Museu Assis Chateaubriand
(Parque do Açude Novo, SN, Centro.)

5) 1980_ Parque Evaldo Cruz
(R. Dom Pedro II, Centro).

6) 1982_ Centro Cultural Lourdes Ramalho
(Rua Paulino Raposo, S/N, São José).

7) 1993_ Parque da Criança
(Av. Dr. Elpídio de Almeida, 215, Catolé).

Ao longo do procedimento de coleta e levantamento de dados – em andamento, através das

testemunhas que tiveram contato com a atuação e história do arquiteto tanto em Campina Grande - PB, como Recife – PE; foram mencionadas obras produzidas pelo arquiteto, contudo ainda sem confirmação documental sobre os projetos originais. Sendo elas:

Edifício Spazzio, (Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, 681, Catolé), Residência (Rua Dr. Severino Cruz, 334, Centro), Shopping Campina Grande (Av. Marechal Floriano Peixoto, 80, Centro), Cervejaria 2002 (Rua Dr. Severino Cruz, S/N, Centro) – demolida.

Vale salientar, que a pesquisa documental sobre o arquiteto está em desenvolvimento, sendo passível a existência de obras na cidade sem catalogação.

O arquiteto também recebeu uma homenagem, tendo uma rua no bairro Três Irmãs com seu nome: Arquiteto Renato Azevedo.



NOVO BODOCOONGO

ARAVÁ

JARDIM CONTINENTAL

LOUZEIRO

ALTO BRANCO

ALVORADA

UNIVERSITÁRIO

XEREMAS

MONTESANTO

PALMEIRA

CONCEIÇÃO

LAURITZEN

JARDIM TAVARES

CASTELO BRANCO

BODOCOONGO

PROFESSORES

BELAVISTA

PRATA

CENTRO

SANTO ANTONIO

NOVA BRASLIA

RAMADINHA

PEDREGAL

CENTENÁRIO

SÃO JOSÉ

JOSÉ PINHEIRO

MONTE CASTELO

MALVINAS NORTE

SEVERINO CABRAL

2

6

7

ESTAÇÃO VELHA

PRADO

BELVEDERE

DINÂMICA

JARDIM OLIVERA

LIBERDADE

MIRANTE

SANTA TEREZINHA

MALVINAS SUL

SANTA CRUZ

1

CATOLÉ

SANDRA CAVALCANTE

VILA CABRAL

COUINA DO SOE

PRESIDENTE MÉDICI

JARDIM PAULISTANO

TAMBOR

SÃO PEDRO

TRÊS IRMÃS

CRUZEIRO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

ARTIGOS

AFONSO, A. *Conservar já! Documentar sempre. Patologias da tectônica da modernidade arquitetônica. Estudo de caso em Campina Grande*. PB. 13º Docomomo Brasil, Salvador, BA, 2019.

ALBINO, B. C. A. et al. *Parque ao avesso: A involução do Açude Novo como espaço livre público no Centro de Campina Grande*. In: X Colóquio QuapáSEL, Brasília, DF, 2015.

LIMA NETO, C. A.; DANTAS, I. M. B.; SILVA, K. V. N. *A Modernidade Brutalista Paraibana na Década de 70: O caso do Museu de Artes Assis Chateaubriand*. In: 6º DOCOMOMO Norte/Nordeste. Teresina, PI, 2016.

OLIVEIRA, I. SANTOS, B. LEITE, J. SOUZA, J. *Centro Cultural Lourdes Ramalho: Um olhar sobre tectônica na Arquitetura Moderna Campinense*. 7º Docomomo NO NE, Manaus, AM, 2018.

ENTREVISTAS

OLIVEIRA, I. *Entrevista realizada com o Sr. Enivaldo Ribeiro*. Campina Grande: novembro de 2017.

_____. *Entrevista realizada com o Sra. Keila Queiroz e Silva*. Campina Grande: junho de 2020.

LIVROS

CARVALHO, M. J. F. *Para além da pedra e cal. Discursos e imagens de Campina Grande (1970 à 2000)*. EDUEPB Campina Grande, PB, 2017.

SOUSA, K. K. C. *Sonhos urbanos: o Parque do Açude Novo e a (re)construção da alma campinense Campina Grande (1969-1976)*. EDUFPG, Campina Grande, PB, 2014.

MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES

FERNANDES, S. T. *Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do diário da Borborema. (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em história, Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG. Campina Grande, PB, 2011.

LUCAS, E. A. *Arquitetura e cidade: três obras em Campina Grande entre 1972 e 1985*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba/ UFPB. João Pessoa, PB, 2012.

MELO, N. D. *Estudos através de mapa e ficha de danos de Secretaria de Cultura em Campina Grande – PB*. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). UniFacisa, Campina Grande, PB, 2019.

MONTE, A. C. *Requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho*. Trabalho de conclusão de curso (Monografia). UFCG. Campina Grande, PB, 2016.

NÓBREGA, Z. *A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande*. Tese (doutorado) – Programa multidisciplinar de pós-graduação em cultura e sociedade. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. Salvador, BA, 2010.

OLIVEIRA, M. J. S. *Do discurso dos planos ao plano de discurso: PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Campina Grande, 1970- 1976*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, UFPE. Recife, PE, 2005.

SILVA, K. V. N. *A urbanidade do parque Evaldo Cruz à luz da intervisibilidade*. Trabalho de conclusão de curso. Campina Grande, PB, 2017.

PROJETOS DE PESQUISA/ EXTENSÃO

OLIVEIRA, I; AFONSO, A. *Renato Azevedo: O arquiteto e sua produção na cidade de Campina Grande. 1968-1997. Levantamento das obras*. UFCG. PIVIC. Campina Grande, PB, 2018.

RAMOS, C. G.; SILVA, E. C.; ELVIDIO, J. E. F. *Parque Evaldo Cruz: arquitetura, turismo e saúde proporcionando bem-estar e contemplação à sociedade campinense*. Relatório de Projeto de Extensão. Campina Grande, PB, 2012.

SOBREIRA, C. *A linguagem arquitetônica brutalista em obras de Campina Grande. PB.1970-1990*. UFCG. PIVIC, Campina Grande, PB, 2016.

TRABALHOS ACADÊMICOS

FERNANDES, E.; FÉLIX, E.; JAPYASSU, T. *Mapeamento e ficha de danos do Centro Cultural Lourdes Ramalho*. (Trabalho acadêmico – Projeto de Arquitetura V). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, 2018.

CAP 12

CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO: ANÁLISE
DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1979/1982.

INGRID OLIVEIRA

223



CENTRO CULTURAL
LOURDES RAMALHO

1979/1982



CONSTRUC
www.
(83) 309-5

Centro Cultural Lourdes Ramalho (CCLR) 1979/1982

Rua Paulino Raposo, S/N - Bairro São José,
Campina Grande-PB.

Período de projeto e obra_1982
Arquiteto Renato Aprígio Azevedo da Silva.

O presente texto trata-se da análise arquitetônica do Centro Cultural Lourdes Ramalho, projetado por Renato Azevedo, possui valor cultural, educacional e arquitetônico para a cidade, pois mostra-se relevante não apenas por sua função social, mas também acerca de suas soluções projetuais de uma edificação no interior do nordeste brasileiro.

Adota como metodologia de análise, a proposta de Afonso (2019), descritas no capítulo 01, a relação do objeto de valor patrimonial sobre sete dimensões analíticas, sendo estas: 1) Dimensão Normativa, 2) Dimensão histórica, 3) Dimensão espacial, 4) Dimensão tectônica, 5) Dimensão formal, 6) Dimensão funcional e por fim, a 7) Dimensão da conservação, que traz uma abordagem conclusiva sobre o estado da arte.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

A obra analisada encontra-se na área de amortecimento do Centro histórico de Campina Grande- aproximadamente a 340m de distância da área de proteção patrimonial- portanto, não está incluída em nenhum decreto ou lei de proteção ao bem imóvel.

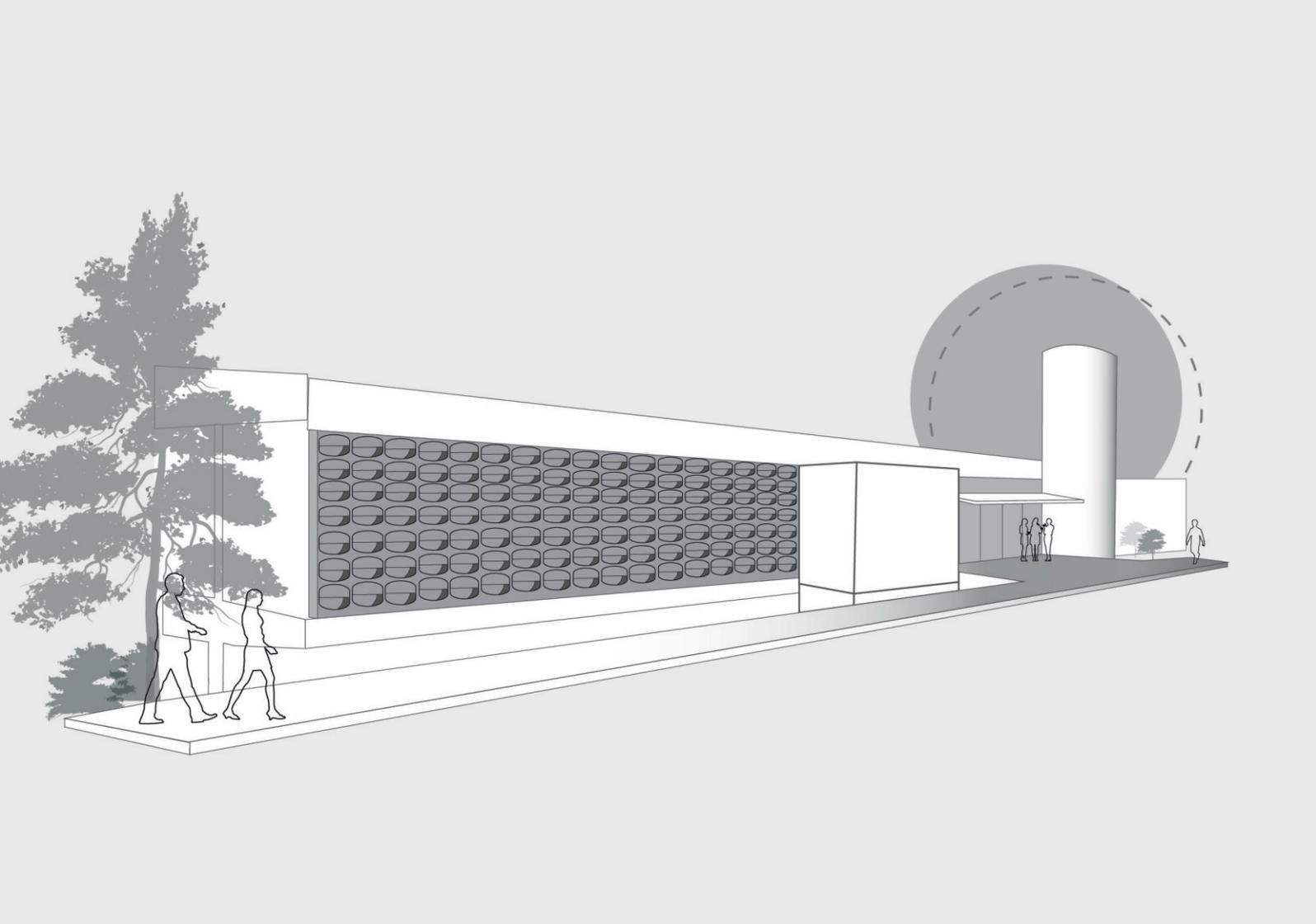
Informa-se aqui que o Centro Histórico de Campina Grande possui uma área deliberada e delimitada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, em 28 de junho de 2004, abrangendo um cinturão englobando ruas e praças centrais da cidade (Decreto Estadual nº 25.139/2004).

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Na década de 1960, a cidade de Campina Grande passou pela era de modernização e houve uma promoção de espaços para expressão de cultura, lazer e recreação, principalmente nas imediações do centro. Destas, uma das principais instituições de socialização, acesso a arte e cultura à toda população é o Centro Cultural Lourdes Ramalho (CCRL).

O arquiteto Renato Azevedo, atuou com projetos relevantes no entorno, principalmente as de caráter público, trabalhou em Campina Grande durante o mandato do prefeito Evaldo Cavalcante da Cruz, e continuou na gestão de Enivaldo Ribeiro, fazendo parte da equipe de planejamento e confecção de projetos, sendo coordenador da COMDECA, a companhia de desenvolvimento de Campina Grande.

análise dimensões
arquitetônicas



3 DIMENSÃO ESPACIAL

O terreno de geometria retangular, o projeto possui 55,20m de fachada principal e 26,60m de fundo, o CCRL, por estar implantado em um grande pátio de eventos da cidade, possui apenas um recuo lateral de aproximadamente 10 metros, onde se encontra a segunda caixa d'água da edificação.

O Centro Cultural se conecta ao grande pátio por meio da escadaria externa (de aproximadamente 10 metros) na fachada sul, vencendo a topografia em declive ao nível do subsolo.

O recuo frontal disposto na orientação oeste, conta com uma praça que conduz ao hall social e bilheteria, articulando-se a calçada resultando-se em uma reentrância como um espaço de indução e convívio público. O recuo lateral norte possui um talude com vegetação rasteira e nativa que gera um contraste paisagístico com o grande pátio de materialidade cimentícia, e o recuo sul, apresenta uma escadaria cimentícia que possui um patamar

de descanso e dá acesso tanto ao pátio como a banheiros públicos.

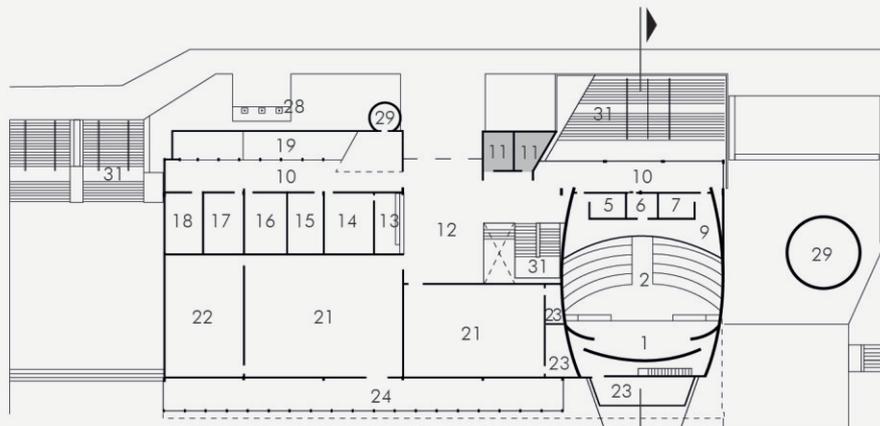
O agenciamento externo utiliza-se de uma faixa de calçada com material cimentício, com blocos de pedras compondo um desenho e massas de vegetações locais, em solo natural. A locação das pedras na calçada é composta por faixas perpendiculares ao sentido de caminhabilidade, intercalando com quadrados e losangos entre. Próximo à entrada principal, o arquiteto prolongou a calçada que finda em um abrigo composto pela estrutura local.

Quanto ao espaço interno, a edificação se divide em duas lâminas, sendo eles o térreo e o subsolo, contando com dois acessos: o principal que direciona para as salas, administração e camarote do teatro Rosil Cavalcanti, e o acesso ao subsolo por meio da escadaria externa direciona para o espaço da plateia do teatro.



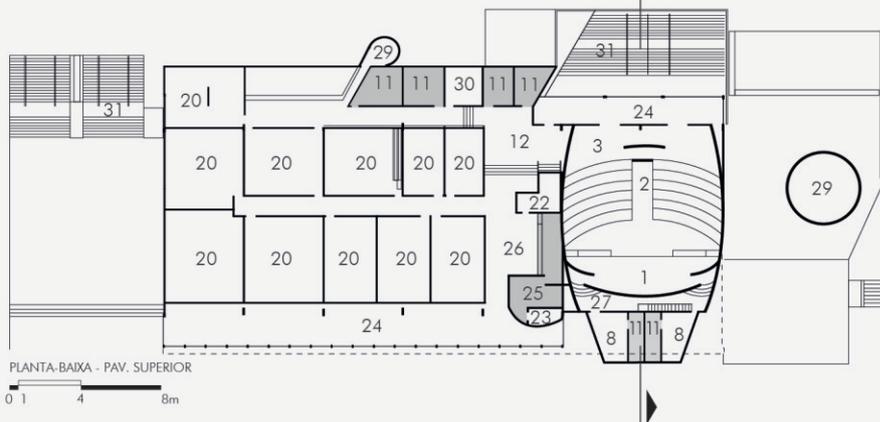
LEGENDA

- | | |
|------------------------|------------------------|
| 1 - Palco | 17 - Brechó |
| 2 - Plateia | 18 - 3ª idade |
| 3 - Foyer | 19 - Jardim de inverno |
| 4 - Pátio | 20 - Sala |
| 5 - Coord. de projetos | 21 - Sala de dança |
| 6 - Sala de projeção | 22 - Sala de pilates |
| 7 - Coord. de cursos | 23 - Depósito |
| 8 - Camarim | 24 - Varanda |
| 9 - Camarote | 25 - Cozinha |
| 10 - Circulação | 26 - Lanchonete |
| 11 - Banheiro | 27 - Coxia |
| 12 - Hall | 28 - Mastro |
| 13 - Recepção | 29 - Caixa d'água |
| 14 - Secretaria | 30 - Casa de força |
| 15 - Diretoria | 31 - Escadaria |
| 16 - Almojarifado | |



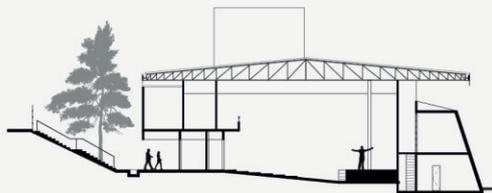
PLANTA-BAIXA - PAV. TÉRREO

0 1 4 8m



PLANTA-BAIXA - PAV. SUPERIOR

0 1 4 8m



CORTE

0 1 4 8m

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

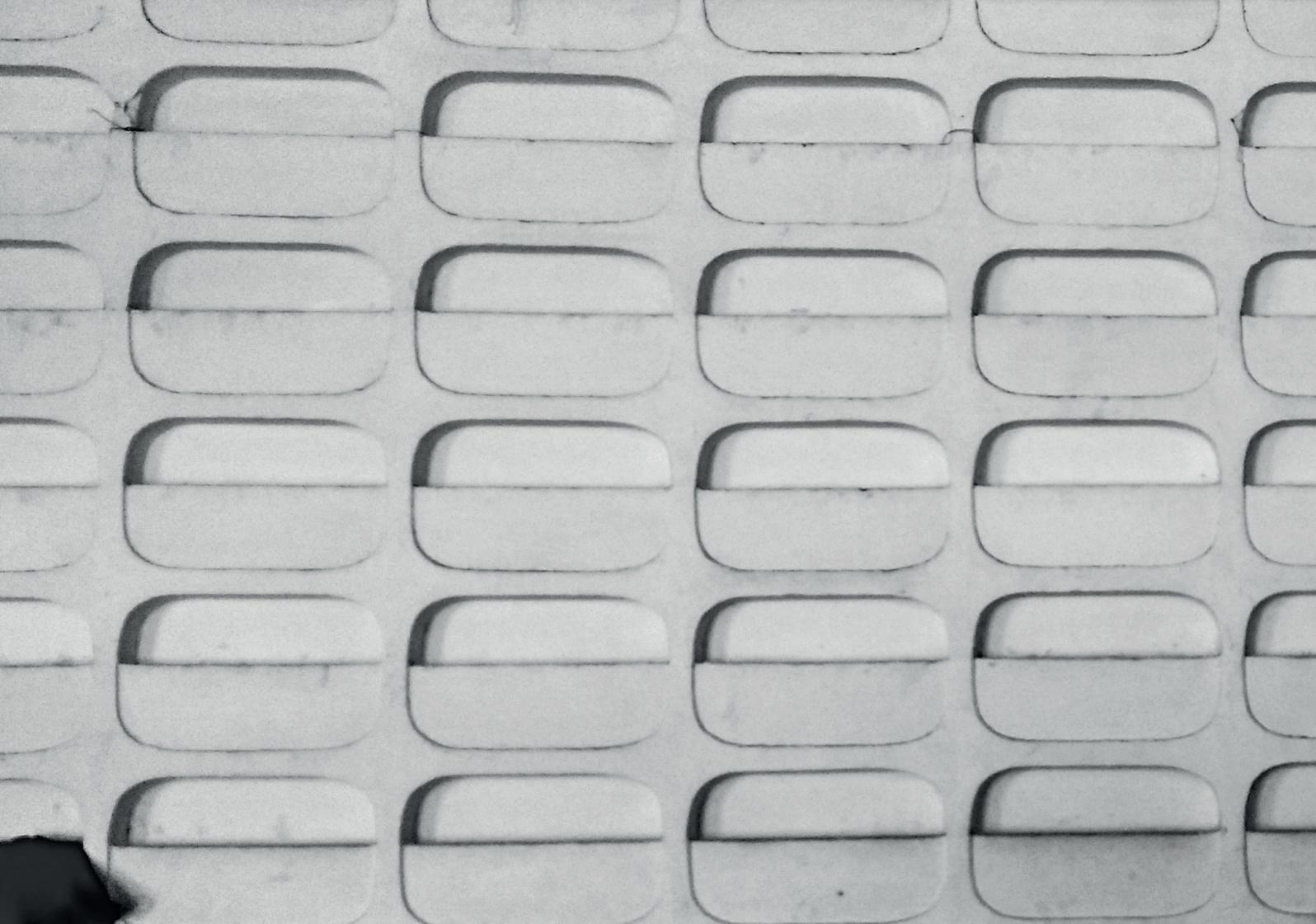
O sistema construtivo adotado foi o concreto armado, empregado em vigas, pilares e lajes. A relação forma e estrutura é forte e o resultado é a presença de forma sistemática na volumetria e tratamento das fachadas. Harmoniza-se com a edificação de forma a sobrepor-se aos planos, sendo um elemento compositivo nas fachadas

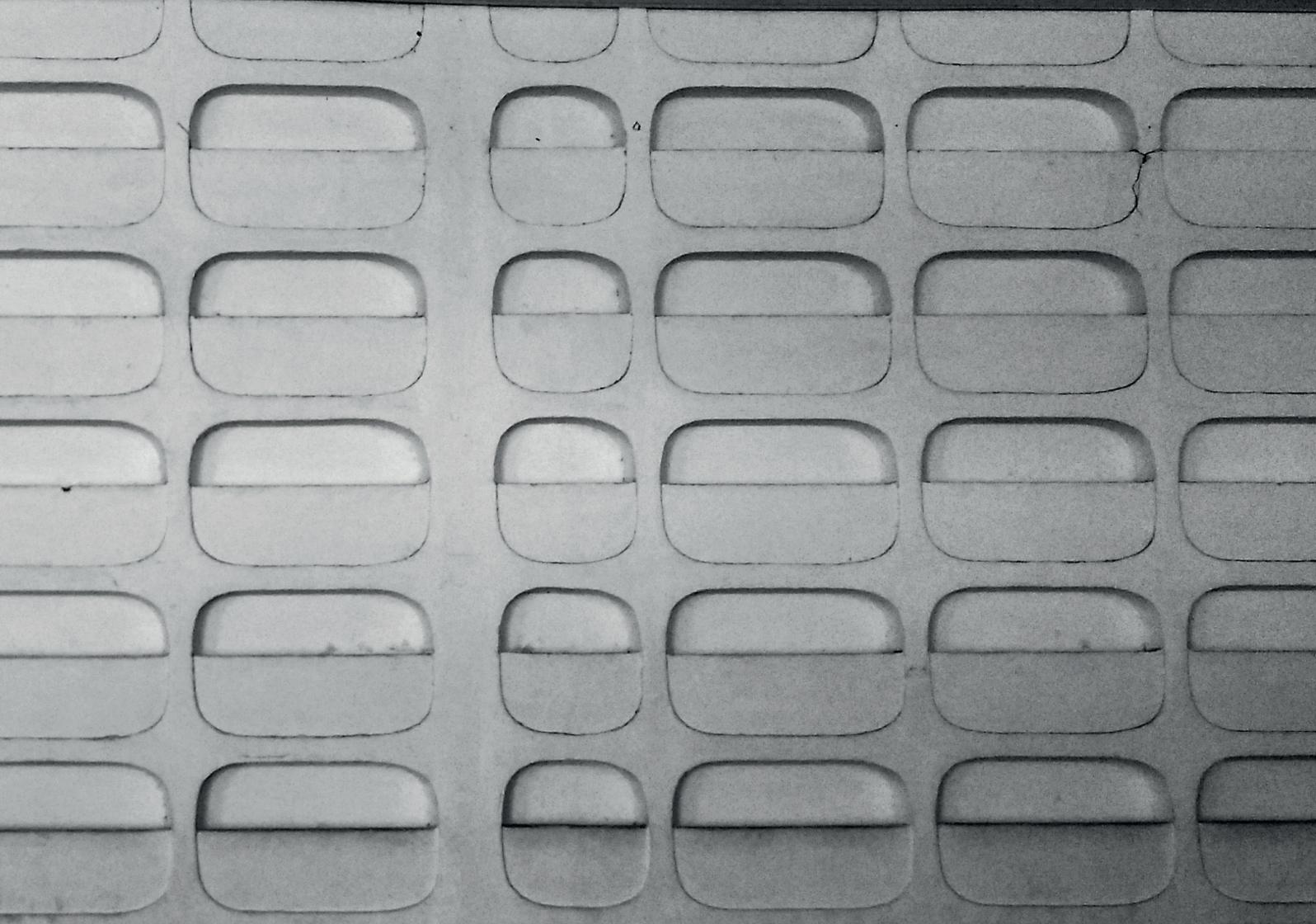
Assim, a estrutura de vigas e pilares em concreto emolduram o edifício definindo sua forma, proporção horizontal, contando também com planos verticais e horizontais que induzem até à entrada principal com um abrigo originado pelo seu telhado.

A cobertura divide-se em duas águas, sendo a estrutura metálica e as telhas em fibrocimento, que possuem baixa inclinação tornando-se visualmente mais longilínea. A platibanda na fachada principal e posterior são em chapas metálicas perfuradas na viga metálica da estrutura da cobertura. A vedação predominante é em tijolo cerâmico e os cobogós em concreto.









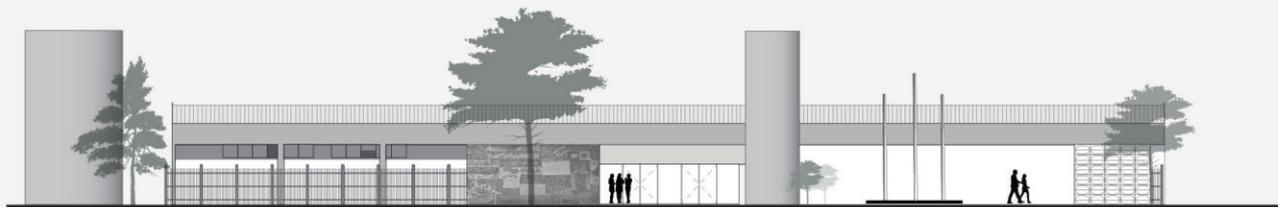
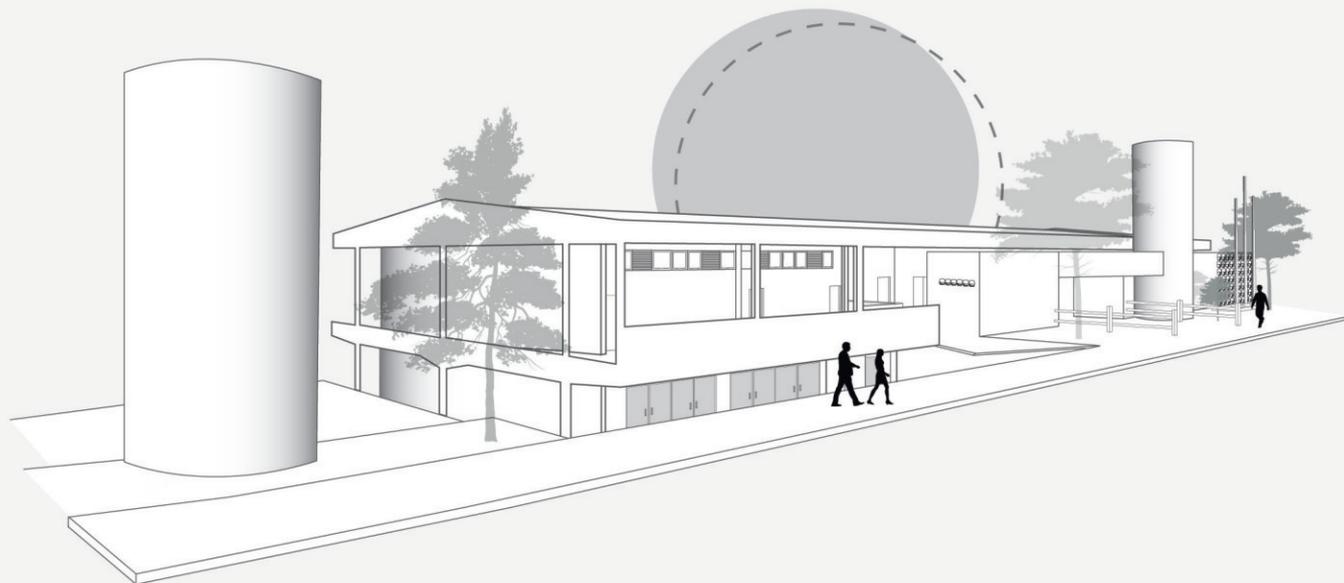
5 DIMENSÃO FORMAL

Os princípios modernos são materializados através da planta baixa que possui uma setorização bem definida e uma trama modular, com um que zoneamento exprime claros direcionamentos sobre a funcionalidade da edificação. A volumetria vista de sua fachada principal mantém a escala do pedestre, de proporção predominantemente horizontal, sendo contrastado pelo volume vertical de forma circular da caixa d'água.

A fachada principal possui dois planos de destaque: sendo um painel, e o outro, em cobogós que fazem o fechamento de um jardim interno.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

O Centro Cultural Lourdes Ramalho como espaço físico para expressão artística, cultural e socialização, proporciona cursos gratuitos, como aulas de teatro, dança, pintura, música, fotografia e yoga, com atividades distribuídas nos três turnos. O viés social da instituição promove doações a entidades filantrópicas por meio das inscrições dos seus alunos.



FACHADA OESTE

0 1 4 8m



CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Diante do exposto sobre o CCLR propõe-se algumas ponderações sobre os quesitos que influem sobre a conservação do patrimônio arquitetônico campinense:

1_ Em razão do patrimônio edificado ser do período moderno no Brasil e fora da área de proteção legislativa patrimonial, a edificação sofreu várias adaptações pela necessidade dos novos usos, contudo sem a devida consideração à memória projetual e as suas proposições.

2_ Por estar com a sua fachada posterior sem acesso direto para uma praça de transição em relação ao mais importante pátio de eventos da cidade, conhecido como “parque do povo”, o edifício acaba isolando-se do espaço público e em épocas festivas, a varanda - devido a sua vista privilegiada para o pátio -, tornava-se um camarote.

3_ O arquiteto apresentou técnicas projetuais que possuía como fundamento os princípios projetuais da modernidade aplicados aos edifícios como uma arquitetura racional e bioclimática, respeitando a

especificidade do tempo e também em parte tem-se a tecnologia aplicada, que atualmente devido a grande necessidade do uso de equipamentos elétricos como ar-condicionado, os espaços que antes eram projetados pensando sobre questões de ventilação natural passaram a ser artificial, ocorrendo o entaipamento dos cobogós, bem como a inserção dos condensadores nas fachadas, o que caracterizaria como elementos parasitários.

4_ Outra questão pertinente sobre falta de conservação é a deterioração do edifício que ocorre por meio da vandalização das fachadas laterais e posteriores, através das pichações.

A ausência de manutenção adequada no painel de mosaico também fez com que houvesse um deslocamento de parte das pequenas cerâmicas, desconstituindo parte do desenho, o que ocorre também no piso com a substituição de materiais claramente diferentes configurando visualmente uma “colcha de retalhos”.

5_ No tocante quanto às fontes primárias e secundárias – entendo que o edifício é um documento edificado (KATINSKY, 2005) –, considera-se sobre a conservação do bem e de seus registros.

A falta de condições necessárias para o armazenamento e manutenção dos documentos, faz com que se acelere o processo de desgaste e perda do material do projeto, sendo fundamental cada vez mais que se acelere a digitalização física e imagética para a preservação da memória da construção histórica e social da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *Proposta metodológica para pesquisa arquitetônica patrimonial*. Belo Horizonte: 3º sim-
pósio científico do ICOMOS Brasil. 2019.

OLIVEIRA, I; AFONSO, A. *Renato Azevedo: O arquiteto e sua produção na cidade de Campina Grande. 1968-1997. Levantamento das obras*. UFCG. PIVIC. Campina Grande, 2018.

OLIVEIRA, I. SANTOS, B. LEITE, J. SOUZA, J. *Centro Cultural Lourdes Ramalho: Um olhar sobre tectônica na Arquitetura Moderna Campinense*. 7º Docomomo NO NE, Manaus, AM, 2018.

CAP 13

A ATUAÇÃO DE RENATO AZEVEDO NA COMDECA
NA DÉCADA DE 70.

INGRID OLIVEIRA

Prefeitura Municipal
de Campina Grande

ADMINISTRAÇÃO ENIVALDO RIBEIRO



COMDECA
Companhia Pró Desenvolvimento
de Campina Grande

Projeto Cura

ORGÃO FINANCIADOR BNH

PROJETO

URBANIZAÇÃO COQUEIROS J. RODRIGUES
SEDE BANDA MUNICIPAL

FOLHA Nº

A 3/10 LOCAÇÃO

ESCALA
1:200

DATA
ABRIL 1979

ÁREAS	CONSTRUIDA	192 m ²
	COBERTA	210 m ²

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

ARQUITETOS	RENATO AZEVEDO
	ELIZABETH CUNHA

DESENHO: ROSÉLIO BENTO



COMDECA

1. A INFLUÊNCIA DO URBANISTA RENATO AZEVEDO

Em Recife, Renato iniciou sua vida profissional, pouco depois retornou à Campina Grande no início da década de 1970 e assumiu a direção da COMDECA, a Companhia de Pró Desenvolvimento de Campina Grande, fundada em 1972, sendo transformada de uma entidade governamental e passou a ser uma instituição público-privada, uma companhia de economia mista.

A COMDECA surge pelo discurso de que o planejamento assumiria tal papel como forma de “harmonizar e acomodar”, por um viés meramente técnico, os diferentes interesses presentes na produção da estrutura urbana local. Balizava o PDLI como um plano capaz de integrar definitivamente Campina Grande ao processo desenvolvimentista nacional. Criada por uma Interventoria Federal, a COMDECA se estabelece como um marco na história do planejamento de Campina(...) Símbolo de uma “Campina racional, moderna, competitiva e vinculada aos interesses nacionais”, a COMDECA se voltará para

ações de atualização e profissionalização da administração pública local, em termos de sua estrutura administrativa e funções urbanísticas. (CARVALHO, 2017, p. 125)

Apoiado por uma série de profissionais, formou uma equipe interdisciplinar, segundo dados obtidos na Secretaria de Planejamento, SEPLAN, como arquitetos Arimateia Ayres, Berta Maia, Carlos Ernesto, Eliane Mara Lima, João Paulo Neto, José Reynolds C. de Melo, Maria das Graças Nunes, Paulo Landim, Vilna Serpa, Severino Leite, Zulmira Albuquerque, engenheiro Welbert Pimentel.

Desenhistas, Alberto Alves de Araújo, Carlos Almeida de Lima, Carlos Ernesto, Cristovão B. Costa, Francisco de Assis C. Freire, Humberto Campos, José S. Nery, Jessier Quirino, Joseberth Araújo Cavalcanti, Natã Moraes, Paulo Cavalcanti Nóbrega, Paulo Tavares, Rosélio Bento, Williams R. de Oliveira, Wilson Camboim, além de administradores, advogados, sociólogos, economistas e paisagistas.

Contudo, no início dos anos 80, Renato Azevedo foi exonerado da função de coordenador, e prontamente a equipe que o acompanhava demitiu-se em massa – as especulações da exoneração sobre divergências políticas com o prefeito. (OLIVEIRA, 2005).

2. A CIDADE

Campina Grande está localizada no agreste do estado da Paraíba, nordeste brasileiro, no planalto da Borborema a 550m acima do nível do mar, à 134km da capital do estado, João Pessoa. Possui uma população em torno de 400 mil habitantes. Sendo uma das mais importantes do interior do nordeste, a cidade contou com diversos investimentos na infraestrutura e espaços de lazer.

Em meados da década de 1960, a cidade destacava-se entre as demais contempladas para receber a aprovação de projetos oriundos da SUDENE/Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, com projetos de implantação ou ampliação de fábricas, com este panorama, Campina Grande recebe o Plano de Desenvolvimento Local Integrado, PDLI, destinado a cidades de médio

porte, tendo como objetivo o diagnóstico, a construção de um plano de diretrizes e desenvolvimento, e um plano de ação governamental na esfera municipal, enfatizando os aspectos físicos-territoriais e institucionais. (OLIVEIRA, 2005)

3. OS PROJETOS URBANOS

3.1 AS AVENIDAS

O Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), altamente técnico, buscava preparar Campina Grande para desempenhar sua função de cidade polo de sua rede dos municípios, um conjunto de 57 cidades que integravam o compartimento da Borborema.

Aparentemente tratou-se da estratégia de construir uma “São Paulo no Nordeste, com condições de abrigar o desenvolvimento de Campina Grande, cidade polo de interesse microrregional, mediante o estabelecimento de relações entre o crescimento nacional e as características do conjunto de sua estrutura urbana. No discurso do plano centralizado e integrado na medida que a cidade polo se desenvolvia,



as outras cidades do compartimento da Borborema iam se desenvolvendo, numa polarização efetiva. (OLIVEIRA, 2005, p.91)

Segundo Oliveira (2005), o prefeito Evaldo Cruz defendia que o PDLI possuía um caráter mais completo de identificação além de simplesmente medidas de urbanização, mas a realização de um diagnóstico dos problemas, soluções para todos os setores como as mudanças no sistema viário urbano, urbanização das áreas centrais, reestruturação nos setores educacionais e administrativos, a erradicação de favelas por meio da construção de conjuntos habitacionais apoiados pelo financiamento do Banco Nacional de Habitação, a Cooperativa Habitacional e a Prefeitura municipal.

Oliveira (2005) retoma uma entrevista concedida por Evaldo Cruz aos jornalistas Hermano José e José Itamar Cândido, publicada pelo Diário da Borborema em 30 de julho de 1978, afirmando que:

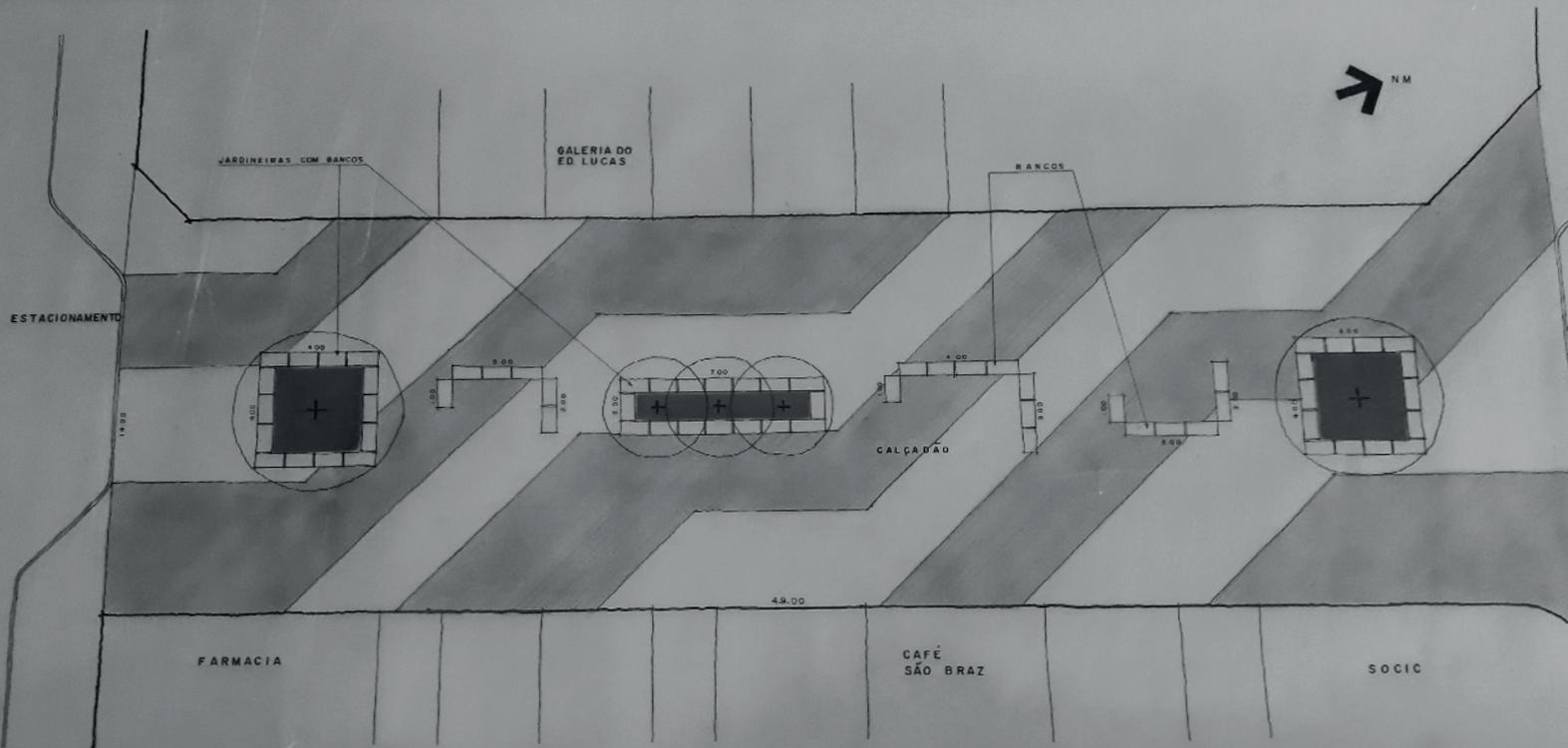
[...] Considero a infraestrutura urbanística imprescindível ao desenvolvimento socioeconômico de uma comunidade. Não

apenas construí parques destinados ao lazer da população, como abri ou deixei projetadas novas avenidas destinadas à ocupação dos espaços vazios da cidade. [...] Vocês já observaram como a cidade está crescendo nessas beneficiadas? (OLIVEIRA, 2005, p.91)

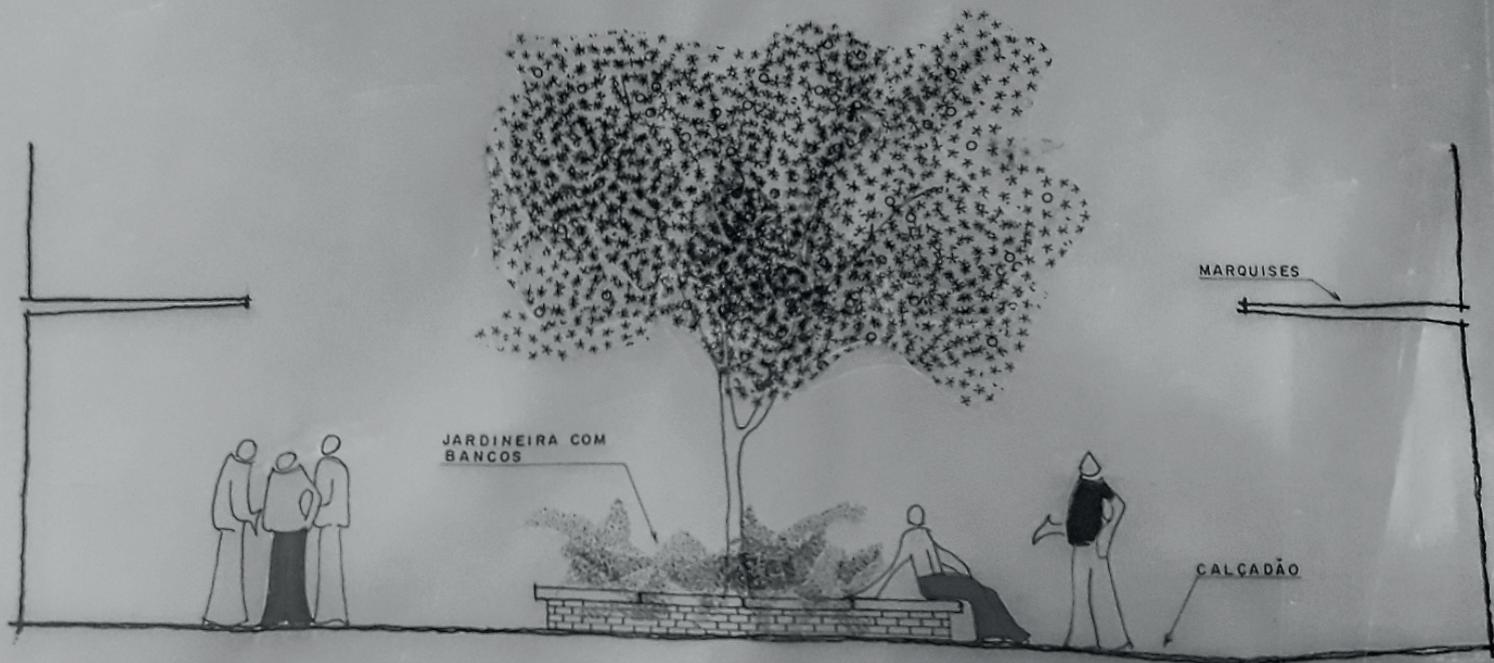
Evaldo Cruz tinha uma visão expansionista para a cidade de Campina Grande, além de prezar pela estética da cidade. Renato Azevedo, autor da Av. Canal e Av. Manoel Tavares, Canal do Prado, urbanização do entorno Açude Velho, entre outros, trouxe à cidade conexão e oportunidades de desenvolvimento, com estratégias urbanísticas solucionando problemas do tráfego viário.

3.2 OS PARQUES

A cidade conta com várias praças distribuídas entre os bairros e atualmente cinco parques: Parque Evaldo Cruz, conhecido popularmente como parque do açude novo (1975); o pátio Parque do Povo, palco de eventos de grande e médio porte, além de recreação (1983); Parque da Criança (1993); Parque do Bodocongó (2017) e Parque da Liberdade (2019).



P
E



RUA CARDOSO VIEIRA
CORTE TRANSVERSAL

Nas cidades de grande e médio porte os parques funcionam como elementos paisagísticos, pulmões verdes no meio urbano, o que podemos verificar no Parque da Criança e o Parque Evaldo Cruz, projetados por Azevedo, identifica-se pelo adensamento das árvores que somados a outros itens qualitativos do espaço proporcionam lazer e bem-estar para a população.

Estes parques públicos, por serem mais antigos, estão na memória coletiva dos cidadãos campinenses, visitantes das cidades circunvizinhas e turistas, haja vista que eram os locais de oferta pública de recreação gratuita, turismo, lazer, conhecimento arquitetônico, bem como o saber histórico, sendo referência paisagística e situacional da cidade, sendo não apenas um ponto referencial local mas também marcos de visitas turísticas.

O Parque da Criança localiza-se no antigo Curtume dos Motta, que possui um marco em sua entrada, o respeito a intervenção no patrimônio histórico foi mantido através do pórtico de entrada e da chaminé que pode ser vista de todo o parque, onde mantém-se em bom estado, mantendo viva a história do local.

Segundo o PBTUR, Empresa Paraibana de Turismo, atualmente o parque é visitado por jovens praticantes de esporte e pessoas da terceira idade devido aos programas de qualidade de vida incentivados pela gestão municipal, mas sobretudo desde sua inauguração o principal público são as crianças, que desfrutam de uma ampla área de aproximadamente 6.700 metros quadrados.

Sendo um espaço com foco em recreação e lazer, o parque conta com *playgrounds*, pista de *skate*, pista de bicicross, quadras de areia de *volleyball*, futebol *Society*, mini campo de futebol, quadras de basquete e tênis, uma pista de 1 km de cooper e caminhada, praças de socialização, lanchonetes, áreas para alongamentos, além de uma extensa área de sombra proporcionada pelas várias espécies de árvores resultando em espaços contemplativos.

Na cidade havia dois grandes açudes que abasteciam os moradores e supriam os animais, mas com a chegada do encanamento, as grandes secas e os aumentos populacionais os açudes deixarem de se tornar relevantes no abastecimento e sofreram o processo de aterramento, como foi o caso do

Açude Velho e o Açude Novo, foi transformado em Parque Evaldo Cruz.

E sua transformação em parque, com a aparência de uma grande praça com muitos bancos, árvores, áreas verdes, bares e restaurantes, estabeleceu-se como um processo de “gentrificação ou enobrecimento” da área central de CG, conforme os parâmetros estipulados pelos planejamentos das cidades modernas que procuram aprimorar seus traçados urbanísticos e privilegiar a estética visual.(NÓBREGA, 2010, p. 82)

O Parque Evaldo Cruz, que está a aproximadamente 1,7 Km do Parque da Criança, recebeu esse nome em 1985 homenageando o prefeito Evaldo Cruz após seu falecimento, e apesar de possuir grande massa vegetativa, possui menos opções de recreativas, contudo, inserido em uma área cultural, o parque se conecta com o Museu Assis Chateaubriand, atual Secretaria de Cultura e o Centro Cultural Lourdes Ramalho, onde existem apresentações no Teatro Rosil Cavalcanti.

Localizado dentro de um circuito com um amplo espaço para o lazer familiar, apresentações artísticas, assim como oportunidade de compra haja vista a proximidade do Shopping Campina Grande, projetado tempos depois e há relatos que também seria de autoria de Renato Azevedo, contudo até o momento em que está sendo escrito esse artigo não foi encontrado pranchas projetuais que atestem esses relatos, contudo, observa-se semelhança na linguagem técnica, materiais e decisões projetuais.

3.3 AS PRAÇAS

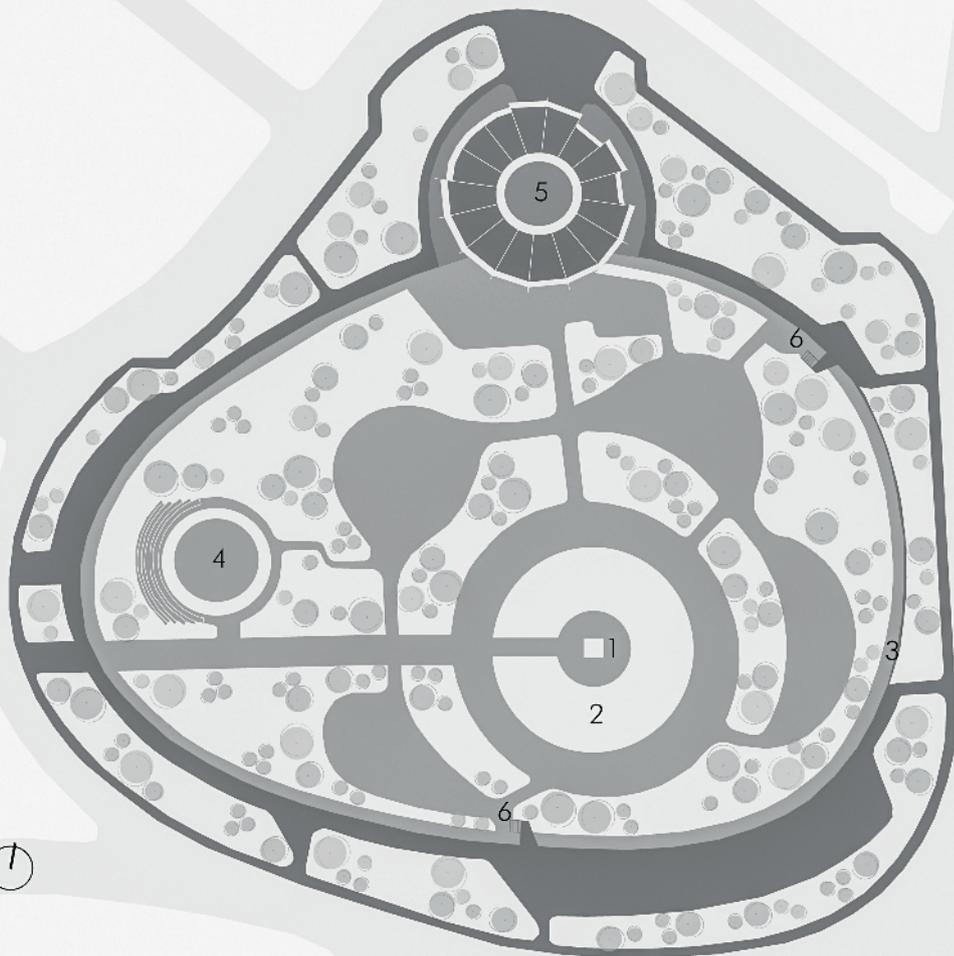
As praças projetadas sobre autoria de Renato Azevedo tinham função de dar sentido de urbanidade ao entorno, gerando espaços não apenas de passagem, mas de socialização, como é o exemplo do calçadão entre as ruas Marquês do Herval e Venâncio Neiva, localizado no centro da cidade. O projeto possui como responsável técnico Renato Azevedo, e o projeto urbanístico a cargo da arquiteta Vilna Serpa.

A praça conta com o sombreamento das árvores, jardineiras e bancos, propiciando não apenas um

LEGENDA

1. OBELISCO
2. ESPELHO D'ÁGUA
3. BWC
4. ANFITEATRO
5. SECULT
6. ACESSO ESCADARIA

0 700M



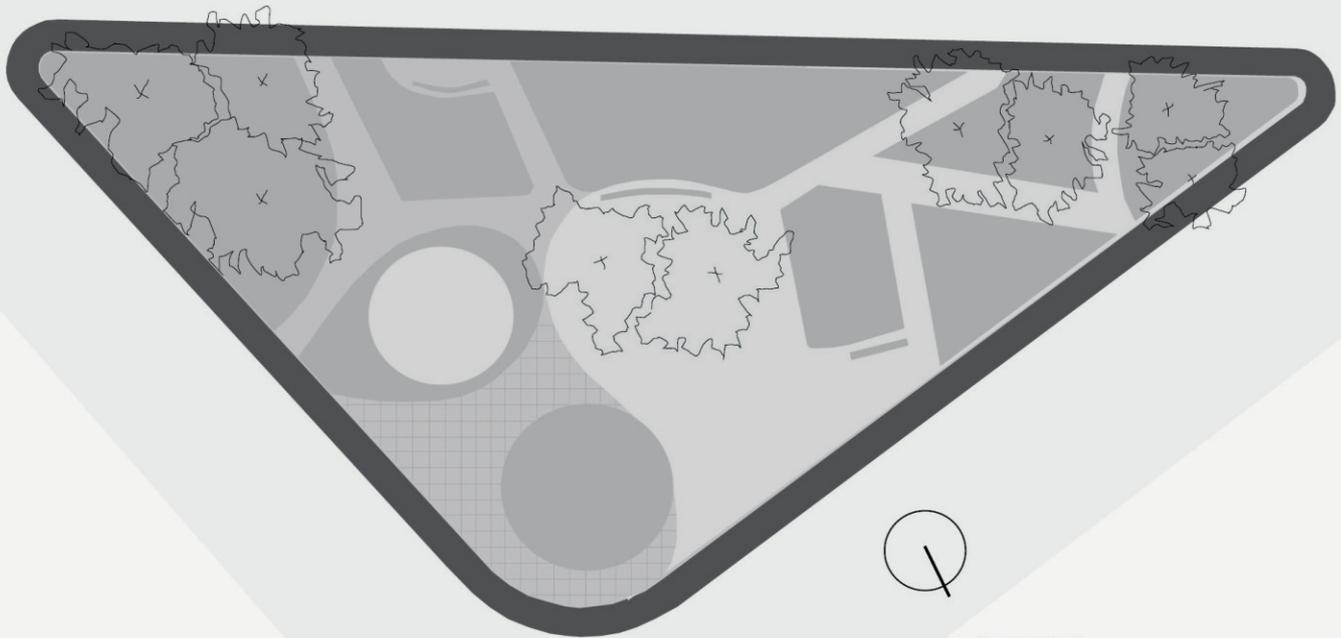
lugar de passagem, mas também um local de descanso e convivência – já que há serviços voltados para o espaço. Atualmente, a praça continua sendo frequentada e especialmente após os tradicionais jogos futebolísticos os principais usuários dos espaços são torcedores que se unem em rodas de conversas.

Os documentos disponibilizados na Secretaria de Planejamento de Campina Grande, SEPLAN, mostram que a praça Félix Araújo teve como responsável técnico Renato Azevedo, e o desenho por Humberto Campos, projeto cadastrado em abril de 1974. Essa praça tinha a função de ser um separador de sentidos de fluxo no trânsito, localizada entre os bairros Monte Santo, Prata e Centro, possui forma triangular e a mesma leitura de outras praças projetadas, aproveitar o espaço sombreado abaixo das árvores de copa largas e densas para socialização.

CONCLUSÃO

Renato Azevedo possui um papel relevante, não apenas por seus grandes feitos urbanísticos, mas sobretudo pelo seu olhar ao direito à cidade, e como a sua percepção especial contemplava todas as classes sociais, com um trabalho de trama e urdidura, ligando os interesses entre o poder público, capital privado e sociedade, uma visão macro e micro muito nítida do funcionamento da cidade.

Por fim, entende-se que Renato Azevedo foi um personagem fundamental no processo de desenvolvimento urbano de Campina Grande, sendo autor de vários projetos entre as avenidas, parques e praças, o que podemos entender como patrimônio da memória campinense.



0 200M

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

CARVALHO, M. J. F. *Para além da pedra e cal. Discursos e imagens de Campina Grande (1970 a 2000)*. EDUEPB Campina Grande, PB, 2017.

NÓBREGA, Z. *A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande*. Tese (doutorado) – Programa multidisciplinar de pós-graduação em cultura e sociedade. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. Salvador, BA, 2010.

OLIVEIRA, I; AFONSO, A. *Renato Azevedo: O arquiteto e sua produção na cidade de Campina Grande. 1968-1997. Levantamento das obras*. UFCG. PIVIC. Campina Grande, 2018.

OLIVEIRA, M. J. S. *Do discurso dos planos ao plano de discurso: PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Campina Grande, 1970- 1976*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, UFPE. Recife, PE, 2005.

Parque da Criança. PBTUR, 2016. Disponível em: <<https://www.pbtur.com.br/node/10769>> Acesso em: 05 de ago. 2020.

CAP 14

MUSEU DE ARTE ASSIS CHATEAUBRIAND/ MAAC:
ANÁLISE CRÍTICA DA CONSERVAÇÃO. 1974/1976.

ALCÍLIA AFONSO

255



ANÁLISE DA CONSERVAÇÃO MUSEU DE ARTE ASSIS CHATEAUBRIAND/ MAAC 1974/1976

Como estudo de caso direcionado à discussão voltada para a conservação de uma obra arquitetônica do arquiteto Renato Azevedo, tomar-se-á como exemplo uma edificação moderna projetada e construída em Campina Grande, Paraíba: o edifício onde atualmente funciona a Secretaria de Cultura do município.

Inicialmente, serão repassadas as informações básicas em uma ficha técnica da obra, para em seguida se realizar uma breve análise das dimensões arquitetônicas (AFONSO, 2019), para então, ser realizada uma análise que enfoque a dimensão da conservação dessa obra.



Museu de Arte Assis Chateaubriand
MAAC (Atual sede da Secretaria de
Cultura da prefeitura de Campina
Grande/ SECULT)

Parque Evaldo Cruz, Centro
Período de projeto e obra_ 1974/1976
Arquiteto Renato Aprígio Azevedo da Silva, com
consultoria de Chico Pereira.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

A edificação está implantada no Parque Evaldo Cruz, localizado próximo à demarcação do centro histórico de Campina Grande, que é tombado pelo IPHAEP, de acordo com o “Dec. 25.139 de 29 de Junho de 2004”. Contudo, o edifício não é preservado legalmente em nenhum nível.

Segundo o Plano Diretor de Campina Grande, Lei Complementar nº 003, de 9 de Outubro de 2006, a edificação que abriga a SECULT está inserido na Zona de Qualificação Urbana, que caracteriza-se por usos múltiplos, e tem como objetivo ordenar o adensamento construtivo, evitar a saturação do sistema viário e ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos, espaços verdes e de lazer.

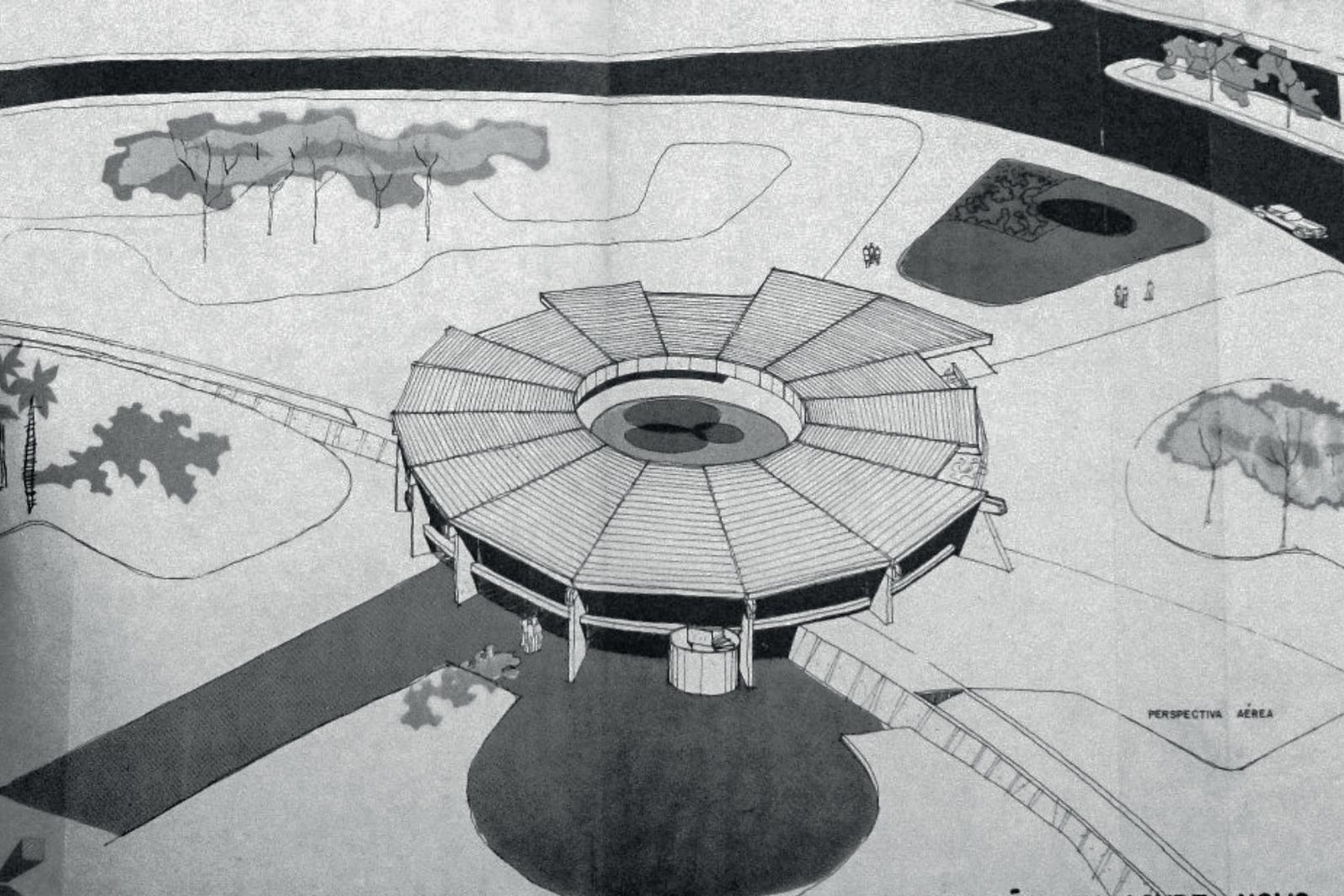
Ainda de acordo com a Lei Complementar nº 003 de 2006, são objetivos da Política Municipal do Patrimônio Cultural garantir que o patrimônio arquitetônico tenha usos compatíveis com a edificação e estabelecer e consolidar a gestão participativa do patrimônio cultural.

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Segundo o produtor cultural, Walter Tavares, foi através do prefeito Luiz Mota Filho, que Campina Grande foi incluída dentro de uma organização centralizada pela Companhia Pró Desenvolvimento de Campina Grande (COMDECA), liderada pelo arquiteto Renato Aprígio Azevedo da Silva. No plano, os programas e investimentos seriam destinados a: Sistema viário, Centro Cívico, Pátio da Estação Velha; Avenida Canal e Museu de Arte.

Dentre os objetivos da primeira etapa de implantação do programa foi proposto a urbanização da bacia do Açude Novo e áreas de contorno, com a construção de equipamentos, dentre eles, o Museu de Arte Assis Chateaubriand/MAAC, que atualmente abriga a sede da Secretaria Municipal de Cultura/SECULT.

A construção do edifício visava a realocação do acervo inicialmente abrigado no edifício do Grupo Escola Solón de Lucena e posteriormente



PERSPECTIVA AÉREA

MUSEU DE ARTE - ANTE-PROJETO - URBANIZAÇÃO DO AÇUDE NOVO

encontrado em condições precárias na antiga Cadeia Pública Municipal.

Segundo Afonso (2018), o projeto arquitetônico foi realizado pelo arquiteto Renato Aprígio Azevedo da Silva, que nasceu em Campina Grande, em 1943 e faleceu em Recife, em 4 de abril de 1997.

Renato Azevedo contou com a assessoria de Chico Pereira, professor e artista plástico - então diretor do Museu de Artes Assis Chateaubriand (MAAC), que colaborou na idealização do novo prédio do museu que seria para abrigar o acervo Assis Chateaubriand, recebido pela prefeitura de Campina Grande, no ano de 1967.

Segundo Pereira Jr (1974, p. 06), tornou-se urgente o atendimento à solicitação da construção de um novo museu de arte, visto a precariedade das condições de arquivamento das obras no edifício da antiga Cadeia Pública Municipal.

Desse modo, a inclusão do Museu no projeto de urbanização do Parque do Açude Novo contribuiria com a proteção do acervo, visto a inadequação do espaço em que as obras estavam arquivadas,

tornando-se ao mesmo tempo, equipamento cultural a ser utilizado pela sociedade.

Através da inserção da proposta no PLDI - Plano Local de Desenvolvimento Integrado, o prédio foi inaugurado em 1974, o edifício foi inaugurado em 31 de janeiro de 1976, através da Campanha Nacional dos Museus Regionais (CNMR), iniciada em 1965, idealizada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, paraibano, fomentador da cultura na região nordestina.

Conforme foi visto, a proposta original desenvolvida no início dos anos 70 do século XX era para abrigar o espaço de um Museu de Arte Contemporânea para a cidade - Museu de Arte Assis Chateaubriand/ MAAC - (AFONSO, 2018).

Contudo o uso não vingou, pois algumas soluções projetuais equivocadas, como as grandes esquadrias de vidro projetadas, não eram adequadas para o funcionamento de um Museu, pois permitiam uma entrada excessiva de luminosidade que prejudicava a conservação das peças ali expostas, sendo assim, o espaço reutilizado para abrigar a sede da Secretaria Municipal de Cultura/ SECULT.



3 DIMENSÃO ESPACIAL

A área onde foi implantado o edifício da Secretaria de Cultura localiza-se no centro geográfico da área urbana da cidade, onde está situado o marco zero da cidade, o Parque Evaldo Cruz, conhecido popularmente, como Açude Novo.

Segundo Pereira Jr (1974, p.07) o local foi escolhido de acordo com a orientação planejada, localizado sobre o terreno elevado que envolve o leito seco do Açude Novo, facilitando o acesso dos usuários, ao mesmo tempo em que se destaca na paisagem, compondo os demais equipamentos propostos para o local.

De fato, a implantação do edifício em uma parcela do terreno que margeia a principal via da cidade, a Avenida Floriano Peixoto, facilita o acesso. Contudo, nos dias atuais, tal implantação foi muito prejudicada, devido à instalação do Terminal de integração na parte frontal da edificação, em uma área do parque- que tirou a visibilidade da obra em relação ao acesso principal da mesma.

O edifício possui uma solução projetual racionalista, adotando uma planta modulada, com tramas bem ordenadas, espaços transparentes que criam diálogos entre o espaço interno do pátio com as demais dependências projetadas.

O arquiteto demonstrou na solução, uma preocupação entre o diálogo forma e função, acarretando em uma volumetria equilibrada, harmoniosa pelo uso acertado de soluções estruturais que marcam a obra tanto internamente, quanto externamente.

A planta baixa foi solucionada em formato circular, e possui um pátio interno que funciona como um jardim que além de criar um microclima agradável, contribui nas soluções climáticas de aeração e iluminação dos espaços.

O pátio interno vazado, cria uma integração entre todas as salas de exposições propostas para o projeto. Além de permitir a visibilidade direta para o obelisco simbólico do parque Evaldo Cruz.

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

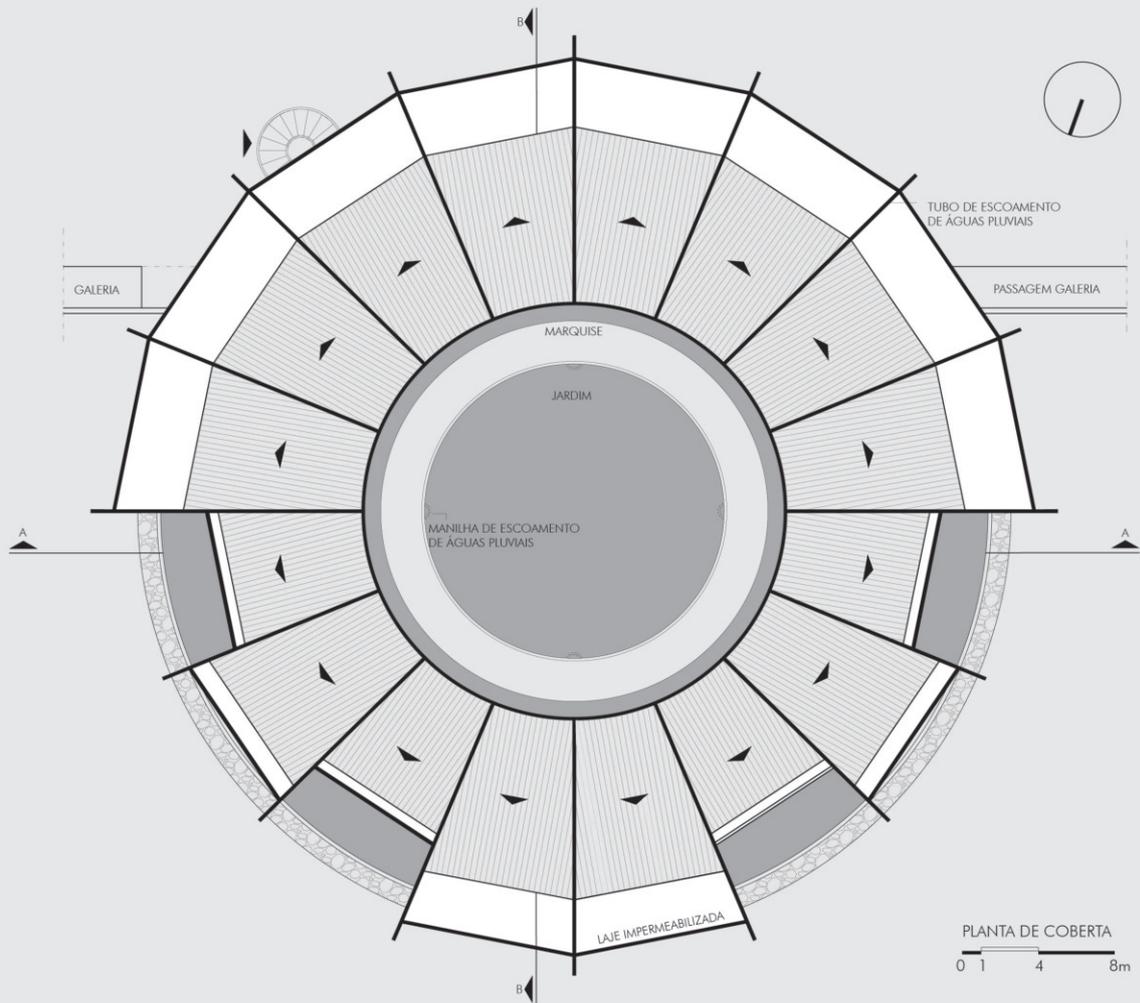
Tal forma circular trouxe alguns problemas para a cobertura, que devido à grande quantidade de quedas de água, e à falta de detalhes construtivos adequados naquela época, criaram patologias como infiltrações causadas pela água das chuvas, que trouxeram problemas para os elementos estruturais, conforme será visto a seguir.

Observou-se que a configuração proposta foi a setorização dos espaços em três diferentes alas: social serviço, e apoio, que são conectadas pela circulação. Os ambientes que necessitam de uma privacidade maior como, administração, copa e despensa apresentam uma circulação em comum, privativa e independente da circulação geral.

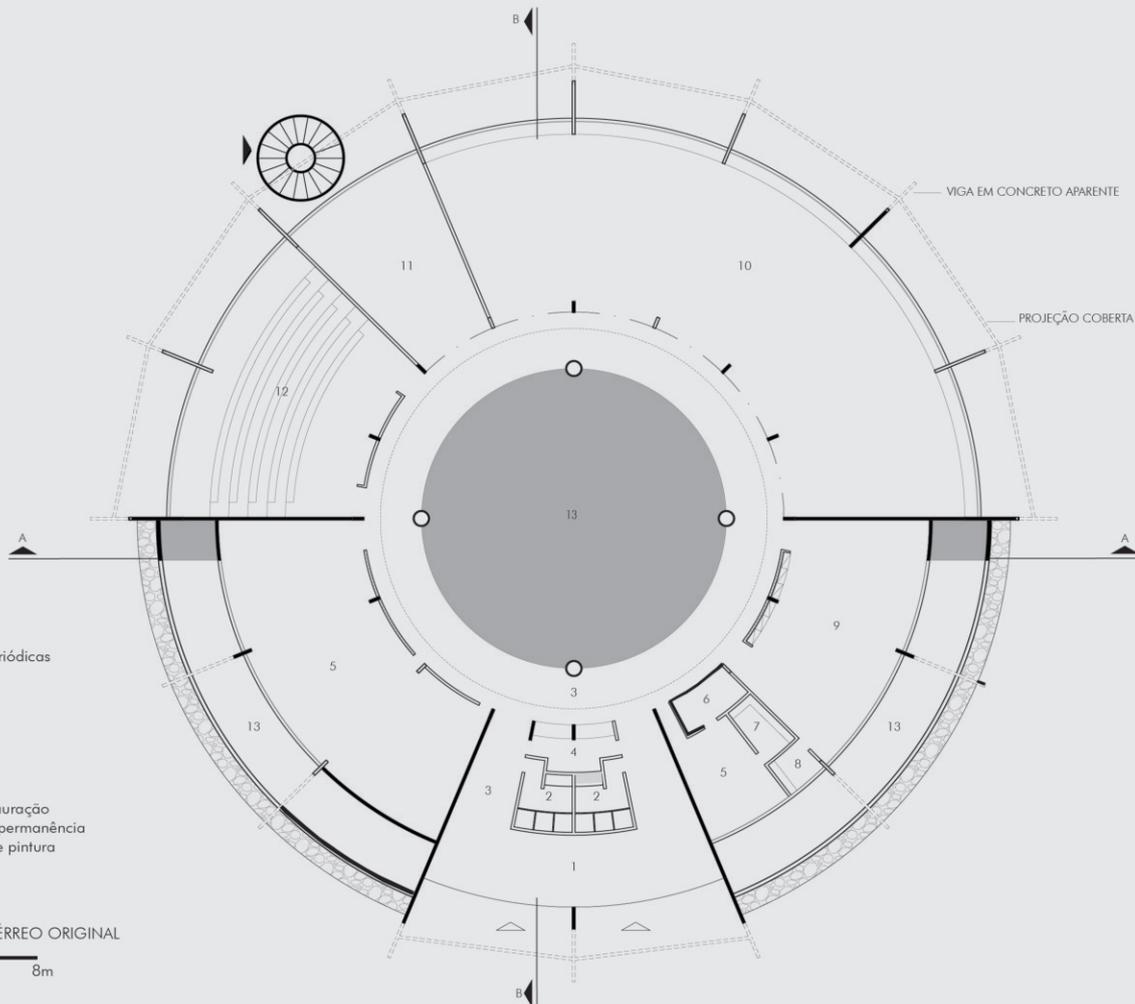
Um dos grandes desafios, de fato, foi atribuído pela setorização dos ambientes em decorrência do formato projetual escolhido para o edifício. Uma vez que o pátio circular distancia os ambientes e a integração se dá pelo seu perímetro.

A edificação é composta por um sistema construtivo que adotou o concreto armado, que dominou a materialidade da obra, pois se encontra presente na estrutura em elementos como vigas, pilares, e lajes. Tal materialidade contrasta com o tijolo aparente das paredes, e com a pedra que foi utilizada na base do edifício. Nas peles do edifício foram usadas esquadrias com estrutura em madeira aparente, e folhas em vidro que conferiram leveza à volumetria brutalista.

Quanto à solução empregada para a cobertura, foi projetada uma grande laje única, que saca nas extremidades internas, criando uma sombra, protegendo os espaços internos contra as intempéries. Como revestimento do telhado circular foi empregado telhas cimentícias. As paredes internas que subdividem em módulos os espaços são de tijolos aparentes, contrastando com a pureza do concreto. Em relação ao piso foi utilizada a pedra bruta ou lajota cerâmica nos ambientes.



PLANTA DE COBERTA
0 1 4 8m



LEGENDA

- 1. Exposições periódicas
- 2. BWC
- 3. Hall
- 4. Cantina
- 5. Sala
- 6. Depósito
- 7. Copa
- 8. Dispensa
- 9. Ateliê de Restauração
- 10. Exposição e permanência
- 11. Ateliê livre de pintura
- 12. Auditório
- 13. Jardim

PLANTA BAIXA TÉRREO ORIGINAL

0 1 4 8m

5 DIMENSÃO FORMAL

A linguagem estilística adotada pelo arquiteto foi o brutalismo, onde a verdade construtiva ficou à mostra, e a materialidade da obra está caracterizada pelo uso do concreto aparente nos elementos estruturais de lajes, vigas e pilares; da pedra encontrada na região, que foi utilizada em formato irregular na base da edificação, criando planos ricos que dialogam com o concreto; da madeira presente no desenho das esquadrias, que possuem suas estruturas e madeira e folhas em vidro; do tijolo aparente, que fecham alguns trechos da pele da edificação (AFONSO, 2018).

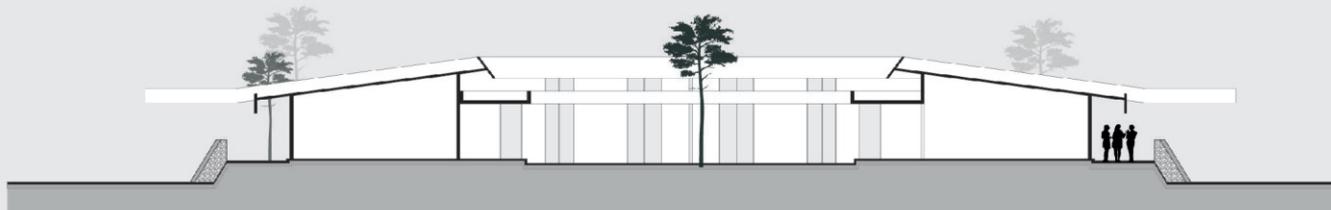
Considerada marco representativo na modernidade brutalista campinense, a obra apresenta-se de modo intrinsecamente ligado à função dos elementos que a compõe. A riqueza das soluções projetuais e construtivas, a forma como os materiais são tratados, o uso intensivo do concreto aparente e tijolos aparentes, a valorização das superfícies e junções através das texturas brutas, revelam a essência e expressividade da obra.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

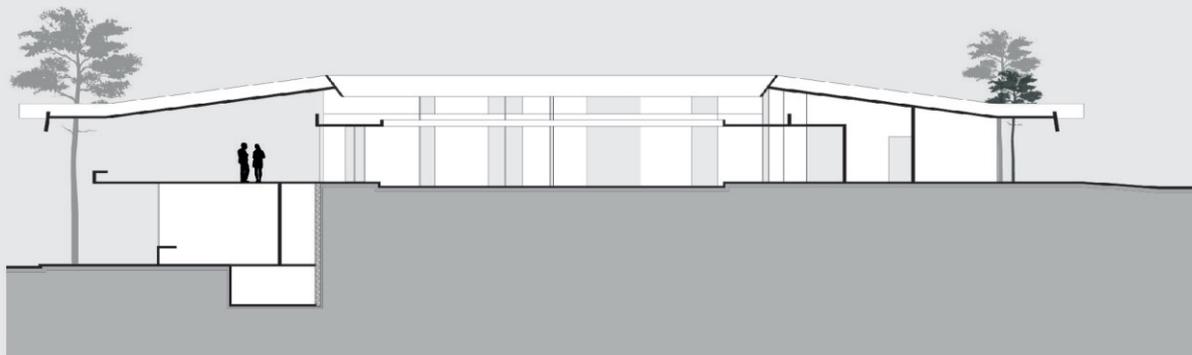
A edificação originalmente abrigaria um museu, mas acabou servindo de sede para uma repartição pública que sedia a sede da secretaria de cultura municipal.

Os espaços tiveram que ser adaptados a novos usos, como setores administrativos, arquivos, um pequeno auditório, sala de funcionários e técnicos, baterias sanitárias - que iniciaram as descaracterizações internas, com fechamentos inadequados de paredes e colocações de novas divisórias.

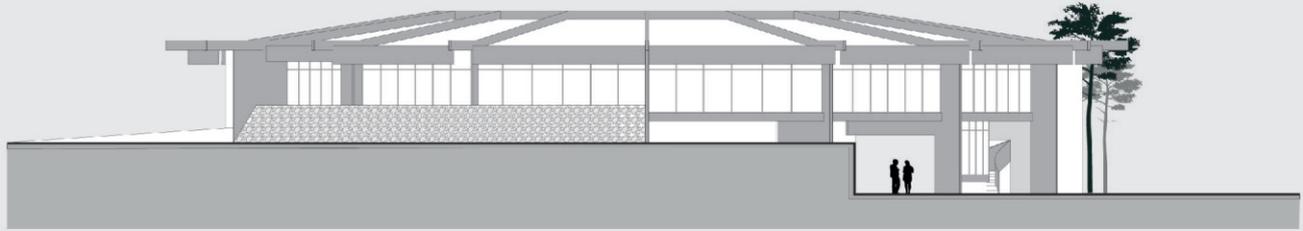




CORTE AA
0 1 4 8m

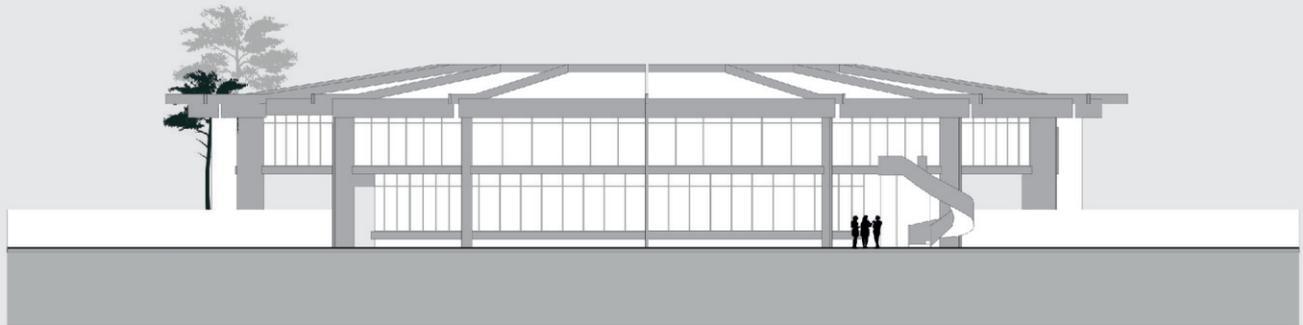


CORTE BB
0 1 4 8m



FACHADA OESTE

0 1 4 8m



FACHADA SUL

0 1 4 8m

CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Afonso (2019) analisou a conservação dessa obra, apontando para dois pontos cruciais na análise da obra: 1_ de ordem de gestão da edificação; 2_ de ordem de conservação física da mesma e suas patologias decorrentes destes anos de existência. É claro, sabendo-se que ambas se relacionam diretamente, pois uma má gestão prejudica diretamente a conservação física da obra.

Quanto à questão de gestão do edifício, observou-se que o cargo para secretariar a instituição, geralmente vem sendo ocupado por políticos, e não por técnicos e profissionais da área cultural, ou correlata- o que dificulta o processo de conservação, pois estas pessoas não possuem formação na área.

Além de infelizmente possuírem pouca sensibilidade para entender a importância de se intervir de forma correta neste bem patrimonial. Não priorizam a manutenção constante da edificação, em seu conjunto construtivo, de espaços internos, externos, fachadas, e cobertura.

No que diz respeito à conservação física da edificação, pode-se constatar, após analisar-se o edifício no que é referente, principalmente, às patologias do patrimônio arquitetônico moderno, e à sua tectônica, os seguintes pontos que abaixo, são listados:

1_ Antes de tudo esclarece-se aqui, que o estudo realizado foi elaborado através de FIDS/ Fichas de identificação de danos, que detalhadamente analisou cada patologia existente na obra.

2_ O sistema construtivo adotado em concreto armado possui uma vida útil que pode alcançar até cinquenta anos, contudo necessita de manutenção rigorosa. De acordo com NBR 6118 (2003) que trata dos procedimentos para projeto de estruturas de concreto – o material exige para seu bom desempenho, uma série de cuidados que devem ser realizados para a prolongação da vida útil do material.

Observou-se que no caso em estudo, a água da chuva foi o fator atmosférico que mais atingiu à



durabilidade do concreto e através de soluções inadequadas de controle da água, problemas de vazamentos, infiltrações em lajes, calhas, geraram corrosões no aço do concreto armado, comprometem demasiadamente a edificação.

3_ A cobertura não recebe a manutenção adequada, ou seja, a limpeza de calhas, reparos de telhas: serviços que praticamente não são realizados com frequência, o que vem trazendo infiltrações, manchas de mofos e fungos. Além de elementos parasitários, como caixas de condicionadores de ar, exaustores, antenas, fiações, que são ali colocadas de qualquer forma, sem se preocuparem com detalhes de uso, que prejudicam bastante a cobertura.

4_ Outra patologia que trouxe um sério problema ao edifício foi o fechamento indevido do acesso posterior ao edifício que se dava acesso ao exterior, realizado através de uma escada helicoidal. O entaipamento da escada tornou a área isolada e marginalizada: os pichadores e usuários de drogas vêm utilizando o lugar de forma errônea, com danos ao patrimônio, estando toda esta fachada posterior bastante danificada.

Permitir o diálogo entre interior e exterior através da escada helicoidal que foi brutalmente gradeada, isolando a permeabilidade, seria o ideal para revitalizar esta área, podendo criar ali um prolongamento espacial do interior. Contudo seria necessário, de certa forma, delimitar o espaço público do privado- o que é lastimável, mas necessário- e procurar solucionar a segurança desta área externa, que atualmente está descontrolada e entregue às vândalos.

5_ A falta da educação patrimonial da sociedade, em relação à preservação dos espaços públicos, abertos, em nossa região é um problema: tais áreas acabam sempre sendo ocupadas indevidamente e subutilizadas. A falta de segurança da edificação, sem iluminação, sem um limite físico, vem prejudicando o uso e a conservação da edificação.

Tais problemas que estão presentes nessa obra, se faz chegar à conclusão que a conduta a ser adotada, de acordo com laudos de vistoria elaborados apoiados em Tinoco (2009), deve ser uma restauração imediata da estrutura do edifício moderno, dando atenção especial aos problemas existentes na cobertura, a fim de se frear a degradação e

evitar o colapso estrutural, além da necessidade de se intervir na segurança do imóvel, com o intuito de evitar as contínuas e indesejadas pichações ao bem.

Observa-se a necessidade em se educar patrimonialmente, em sensibilizar os cidadãos, não apenas à sociedade, mas principalmente, técnicos e gestores municipais, que são os responsáveis pela conservação dos edifícios públicos.

A obra moderna e brutalista em pauta apresenta um projeto arquitetônico exemplar, sob o ponto de vista tectônico, espacial, funcional e formal mesmo tendo abrigado um novo uso ao longo dos anos, que sua planta modulada e racional possibilitou de forma a não afetar a estrutura espacial.

Contudo, necessita ser valorizado por seu proprietário, o município; por seus usuários, a população que trabalha e usufrui da Secretaria de Cultura. Um edifício que abriga a sede das discussões culturais no município deve dar o bom exemplo, ao ser conservado por seus próprios usuários e gestor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *Conservar já! Documentar sempre. Patologias da tectônica da modernidade arquitetônica. Estudo de caso em Campina Grande*. PB. Salvador: 13º seminário do DOCOMOMO Brasil. 2019.

AFONSO, A. et al. *Observações sobre as patologias do patrimônio arquitetônico moderno: análise e reflexão da preservação em obra moderna de Campina Grande, Paraíba*. ICOMOS Brasil. 2º Simpósio científico. 2018.

NBR 6118: projeto de estruturas de concreto; procedimentos. Rio de Janeiro, 2003, 170 p.

PEREIRA Jr. F. *Ação cultural de edificações urbanas no programa trienal 1974/1976*. Campina Grande, MAPE - Museu de Artes Plásticas da Universidade Regional do Nordeste, 1974.

Plano Diretor de Campina Grande, Lei Complementar nº 003, de 9 de Outubro de 2006. Prefeitura municipal de Campina Grande. 2006.

TINOCO, J. *Mapa de danos. Recomendações básicas*. Recife: CECI/MDU. 2009.

CONEXÕES

ARQUITE

TÔNICAS

CAP 15

AUGUSTO REYNALDO: RESIDÊNCIA VIEIRA E SILVA. 1957/1958.

Augusto

278

AUGUSTO REYNALDO

1924-1958

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Augusto Reynaldo Alves nasceu na cidade de Palmares, zona da mata sul de Pernambuco, no ano de 1924. Faleceu precocemente de um acidente aéreo, no ano de 1958, aos 34 anos de idade, quando realizava um voo no trajeto entre Recife e Campina Grande, para acompanhar obras na cidade paraibana.

Desde jovem, se dedicou à pintura, mas optou por cursar arquitetura. Trabalhou como desenhista do arquiteto autodidata Heitor Maia Filho, pai do seu colega de profissão, Heitor Maia Neto. Estagiou no Departamento Nacional de Portos e das Navegações do Porto do Recife.

Na área de artes plásticas, atuou como pintor e antes de cursar arquitetura, em 1947, passou uma temporada em Paris, se aperfeiçoando, e quando retornou, ingressou em 1951, no curso de arquitetura

da Escola de Belas Artes de Pernambuco/EBAP. (ALMEIDA, 2010, p.103).

Como artista plástico, participou em 1948, da fundação da Sociedade de Arte Moderna do Recife, entidade de afirmação e divulgação das artes plásticas e dos artistas modernos. (QUEIROZ E ROCHA, 2006, p.6)

Ao cursar a Escola de Belas Artes de Pernambuco/EBAP foi aluno dos professores catedráticos Evaldo Coutinho (teoria da arquitetura); José Maria Carneiro de Albuquerque e Melo (história da arte); de professores interinos como Antônio Bezerra Baltar (urbanismo e arquitetura paisagística), e Ayrton de Almeida Carvalho (Arquitetura no Brasil).

Além de professores das disciplinas de grandes composições, como o arquiteto carioca, Acácio Gil Borsoi; de pequenas composições, que tinha





à frente o português Delfim Amorim; do italiano Filippo Melliá, que ensinava composição decorativa; do engenheiro Jaime Gusmão Filho, na disciplina de sistemas estruturais.

Pela ENBA circulavam as pessoas mais importantes na consolidação de uma linguagem moderna arquitetônica, entre professores, e ex-alunos, como Reginaldo Esteves, Heitor Maia Neto, Maurício do Passo Castro, Everaldo Gadelha - que atuavam como assistentes de ensino. Augusto Reynaldo foi, inclusive, contratado, quando estudante, como instrutor da disciplina Arquitetura no Brasil, ministrada por Ayrton de Almeida Carvalho.

Observou-se uma estreita relação profissional entre eles, pois além de ser seu instrutor na disciplina de Arquitetura no Brasil, que hoje equivaleria a ser monitor, estagiou com ele, também, como desenhista do IPHAN, órgão dirigido pelo professor na época (ALMEIDA, 2010, p.103).

A ENBA era um ambiente de efervescência cultural, onde muitos denominaram Escola do Recife, tais como os arquitetos e professores Amorim (2001) e

Gomes (1988). A Escola foi ainda estudada na tese doutoral de Afonso (2006) que colocou:

Tal escuela no nació de um manifiesto, o documento, sino que, nació naturalmente, de principios resultantes de las necesidades que fueron surgiendo, y de las búsquedas para resolver los problemas arquitectónicos existentes em adaptar la modernidad a la realidad regional. (AFONSO, 2006, p.440)

Na tese de Afonso (2006) foi realizada uma análise aprofundada sobre o trabalho de quatro arquitetos e professores de composições arquitetônicas, os arquitetos Mario Russo, Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim e Heitor Maia Neto.

Esses além de ensinarem, desenvolviam projetos na cidade, utilizando-se da linguagem divulgada nas revistas da época, das produções dos mestres europeus como Le Corbusier, Gropius, Mies Van der Rohe, além dos brasileiros que se tornaram paradigmas nos anos 50

Como por exemplo, Oscar Niemeyer, que era sem dúvida a maior e mais importante referência para

todos jovens profissionais que projetavam uma arquitetura moderna no Brasil, e em Recife.

Era em um ambiente de efervescência cultural recifense - em toda a década de 50 do século XX e no convívio com os professores que tinham uma grande atividade profissional na cidade, que Augusto Reynaldo estudou, chegando também a estagiar com o professor Delfim Amorim.

Queiroz e Rocha (2006) escreveram sobre sua experiência profissional enquanto estudante de arquitetura:

O início da sua carreira foi como desenhista do tio, o arquiteto Heitor Maia Filho. Posteriormente, exerce uma mesma função no escritório de Delfim Amorim e durante a graduação, no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco, foi aluno de Acácio Gil Borsoi. Formou-se em 1956, aos 32 anos, ocasião em que já atuava na profissão. (QUEIROZ E ROCHA. 2006 p.6)

Mesmo sem estar graduado, conforme foi constatado na citação acima, projetou várias obras, mas

que sem poder assinar ainda como profissional, realizava parcerias com colegas que realizavam os trâmites burocráticos:

Embora diplomado a pouco mais de um ano, era na realidade já um grande arquiteto, no melhor sentido da palavra, pois tendo se dedicado desde os primeiros dias de sua mocidade à pintura e à arquitetura, sem jamais ter assinado um único trabalho antes de se formar, fora na verdade o autor de um sem número de boas obras (grifo da autora), tendo emprestado a todas elas a marca indelével de sua personalidade, traduzida pelo bom gosto artístico e seu reconhecido gênio arquitetônico. (LIMA, 1985, p.142)

O arquiteto Edison Lima - que foi presidente do IAB/PE, e professor da UFPE - em livro que publicou em 1985, fez uma coletânea de seus artigos sobre arquitetura em jornais recifenses, e nele, prestou uma homenagem ao arquiteto falecido precocemente em 1958, escrevendo em 14 de setembro de 1958, no Jornal do Comércio, uma matéria sobre a importância da personalidade e da

obra de Augusto Reynaldo, após sua morte aos 34 anos de idade, fato que deixou a todos perplexos:

...tido entre seus colegas e por todos que o conheciam, como um dos melhores arquitetos e um dos valores mais representativos dessa nova geração de artistas pernambucanos. Sua capacidade espantosa de trabalho; sua mente privilegiada; suas qualidades excepcionais de coleguismo e amizade- um dos traços mais característicos de sua marcante personalidade- faziam de Augusto Reynaldo um “doublé” de artista e de “gentleman” completo, consagrando-o como uma das figuras de grande projeção de nossos meios artísticos e intelectuais, conceito este que se estendia em todo o Brasil afora. (LIMA,1985, p.141)

Em relação à sua produção recifense, segundo Afonso (2006, p.354), destacam-se projetos desenvolvidos para o Sport Clube do Recife, sua própria residência na Av. Caxangá (demolido), a Igreja Matriz da Iputinga (não construída), e o conjunto de casas modernistas, os imóveis de números 625 e 629 da Avenida Conselheiro Rosa e Silva, que foi a pouco tempo, totalmente

descaracterizados, criando uma grande discussão na cidade, no ano de 2018, conforme pode ser constatado em artigo produzido por Lira e Queiroz (2019), mas que felizmente, graças a movimentos populares e judiciais, estão sendo restaurados.

Em artigo publicado na Revista Restauro- Lira e Queiroz (2019) colocaram que o estado atual das Casas Modernistas exige um cuidadoso restauro que envolve desafios, entre outros, na esfera teórica da conservação da arquitetura moderna e nos domínios da técnica e do material do edifício.

De acordo com Livia Nóbrega, professora de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), as casas em si já guardam várias qualidades que não são encontradas em outros exemplares na cidade.

Por exemplo, a questão da integração da obra de arte com a arquitetura no painel de azulejos no térreo, a questão da adaptação climática que foi uma coisa que os arquitetos modernos da arquitetura internacional. Percebemos o telhado cerâmico inclinado, espaços fluidos e vazados, as casas também não tem muros, mas sim



um recuo. Escada de concreto bem leve com elementos de ferro, azulejos e desenhos característicos dessa época. A gente vê esquadrias venezianas de madeira, elementos vazados, e isso representa uma sintonia com uma produção mundial, mas adaptada ao nosso contexto, por conta do clima e material utilizado. (NÓBREGA, 2018. s/p)

A obra de sua residência na Av. Caxangá, foi visitada antes de sua demolição por Afonso (2006) que escreveu sobre ela:

Fue posible visitar una de sus obras realizadas en los años 50, una casa recién demolida en 2005, ubicada en la avenida Caxangá, donde se pudo observar los criterios proyectuales del personaje, que desarrolló en este proyecto una obra moderna, con una forma limpia, con espacios transparentes e integrados, valorando el juego de planos en planta y en las fachadas, conforme puede ser constatado en las imágenes aquí presentadas. (AFONSO, 2006, p. 354)

Em Campina Grande, sua produção foi estudada inicialmente por Queiroz e Rocha (2006), por Almeida (2010), e a partir de 2015, pelo Grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar/ GRUPAL, vinculado ao curso de arquitetura e urbanismo da UFCG, que vem resgatando a documentação, através de inventários, redesenhos projetuais, análises arquitetônicas, da produção moderna campinense.

Sobre a relação existente entre a produção arquitetônica campinense e a cidade de Recife, Almeida (2010), observou em seus estudos que Augusto Reynaldo foi um dos pioneiros a articular essa ponte profissional, abrindo caminhos para profissionais tanto da arquitetura, como das artes plásticas, produzirem trabalhos na cidade, trazendo para Campina Grande, o debate de modernidade que ocorria na Escola do Recife (AFONSO, 2006).

Almeida (2010) apontou para algumas características sempre presentes em suas obras residenciais campinenses que apresentam:

...a clareza das plantas e da setorização; a nitidez da relação desta com a volumetria e a elegância plástica. Observando-se

ainda um domínio técnico, boa solução dos programas em plantas, criando espaços ricos e acertadas soluções de conforto térmico. (ALMEIDA, 2010, p.126)

Sem dúvida, os princípios projetuais empregados por Reynaldo eram resultantes de sua formação e atuação profissional recifense, e é patente em suas propostas residenciais desenvolvidas na cidade de Campina Grande, as influências de casas projetadas por Delfim Amorim (Casa Miguel Vita, de 1957) e por Heitor Maia Neto (a casa Torquato Castro, de 1954), ambas estudadas na tese doutoral de Afonso (2006). Ao se comparar as propostas desenvolvidas, por exemplo, para a Casa Wanderley, em Campina Grande, se observa imediatamente tal influência.

A professora Alcilia Afonso do curso de arquitetura e urbanismo da UFCG desenvolveu um projeto de pesquisa de iniciação científica, intitulado “A influência da Escola do Recife na arquitetura de Campina Grande. 1950-1970” trabalhado por Meneses (2016) que possuía como objetivo, identificar a influência da Escola de Recife na produção arquitetônica campinense, buscando observar,

através de análise projetual, os princípios adotados pelos arquitetos pernambucanos que atuaram em Campina Grande no recorte da consolidação da modernidade arquitetônica na cidade: 1950-1970.

Augusto Reynaldo despertou o interesse do grupo de pesquisa, que realizou estudos na obra da Casa Vieira Silva, que na época ainda não havia sido demolida, e pode ser em parte, documentada através de seu material de projeto e de levantamento fotográfico.

Neste capítulo será dedicada atenção a esta obra, por sua qualidade projetual, e pelo trabalho de reconstrução virtual que fizemos da mesma.

2. LISTAGEM DE OBRAS

Em Campina Grande, projetou:

- 1_ Residência Bezerra de Carvalho. 1952
- 2_ Residência Fiúza Chaves. 1955
- 3_ Residência Francisco Wanderley 1955
- 4_ Residência José Celino da Silva. 1957-1958
- 5_ Residência Raimundo Alves da Silva (posteriormente adquirida pela família Viera Silva). 2º met. Anos 50.
- 6_ Edifício Prata: sem documentação arquivística; s/d. Ver (ALMEIDA, 2010.p. 104).
- 7_ Edifício do DER: sem documentação arquivística; s/d. Ver (ALMEIDA, 2010.p. 104).

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

AFONSO, A. *La Consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50*. 752f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Projetos Arquitetônicos. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona. Universitat Politècnica de Catalunya, 2006.

AFONSO, A.; MENESES, C. *A Influência da Escola do Recife na arquitetura de Campina Grande 1950-1970*. Belo Horizonte: 4º Seminário Arquitetura e Documentação. 2015.

ALMEIDA, A.; CARVALHO, J. *Augusto Reynaldo, introdutor e difusor da arquitetura residencial moderna em Campina Grande-PB*. João Pessoa: 3º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste. 2010.

ALMEIDA, A. *Da Construção de uma Arte Nacional aos Murais de Campina Grande*. 2009.

ALVES, M. G. R. *Augusto Reynaldo: resgate de uma obra*. Monografia (graduação). Curso de arquitetura e urbanismo. Recife: UFPE. 2008.

ALMEIDA, A. *Modernização e modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)*. São Carlos, 2010.

AMORIM, L. *Modernismo recifense: Uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos*. Arqtextos, São Paulo, ano 01, n. 012.03, Vitruvius, maio 2001 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/01.012/889>>.

GOMES, G. *Marcos da Arquitetura Moderna em Pernambuco*. Revista Projeto: edição especial. p:19-27.1988.

LIMA, E. *Modulando. Notas e comentários Arquitetura e Urbanismo*. Recife: Prefeitura da cidade do Recife/ Secretaria de Educação e Cultura/ Fundação de Cultura Cidade do Recife. 1985.

MENESES, C. *A influência da Escola do Recife na arquitetura de Campina Grande. 1950-1970*. Campina Grande: Relatório final de PIVIC. UFCG. 2016.

NASLAVSKY, G. *Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de*

Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim. 2004. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

NÓBREGA, L. *Depoimento dado à matéria Esperando Justiça, PCR assiste a casas modernistas ruírem*. 2018. Em rede: <https://m.leiaja.com/tags/casas-modernistas>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

QUEIROZ, M. A.; LIRA, F. *As “Casas Modernistas” do Recife: consulta aos especialistas com vistas ao projeto de restauro*. Revista Restauro. V.3, Nº 5. 2019.

QUEIROZ, M.; ROCHA, F. *Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950*. Recife: 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste. 2006.

Revista da Escola de Belas Artes de Pernambuco. Ano 1, Número 1. Recife: Universidade do Recife. 1957.

TINEM, N.; COTRIM, M. *Na urdidura da modernidade: Arquitetura moderna na Paraíba I*. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.



VENDO SE OUI
ALUGA SE
IMOBILIA
52144-0132
99312-6832


ADVOCACIA

RESIDÊNCIA VIEIRA E SILVA

1957/1958

Para a análise da edificação será adotada a metodologia proposta por Afonso(2019), esclarecendo-se que o arquiteto Augusto Reynaldo atuou em Campina Grande durante a década de 50 e foi o responsável por cinco projetos residenciais para médicos e comerciantes locais. A residência Raimundo Alves era o único exemplar existente até março de 2017, quando foi abruptamente demolida em um final de semana.

Após sete anos de espera, de um processo lento e moroso que se arrastou na sede do Iphaep, a casa foi demolida em um final de semana, apagando da memória urbana, um exemplar que era um dos ícones da arquitetura moderna campinense.



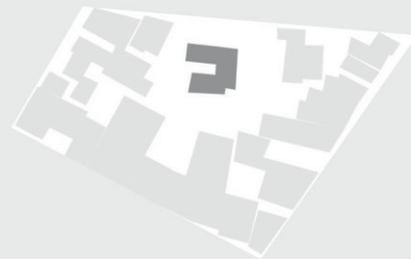
IMPLANTAÇÃO CIDADE

0 1200 1500 3000 M



IMPLANTAÇÃO BAIRRO

0 200 400 1200 M



IMPLANTAÇÃO QUADRA

0 75 150 450 M

Residência Vieira e Silva

Rua Raimundo Alves da Silva, 190, Centro,
Campina Grande, PB.

Período de projeto e obra_ 1957-1958

Autor e equipe_ Projeto arquitetônico de Augusto
Reynaldo, mas acompanhado por outro profissional.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

Durante muitos anos, a casa se manteve como um dos símbolos da modernidade arquitetônica campinense, havendo inclusive, sido solicitado seu tombamento ao IPHAEP/Governo estadual - através de requerimento dos cursos de arquitetura e urbanismo da UFCG e da Unifacisa de Campina Grande, em 2010.

Tal solicitação foi motivada pelo risco de demolição que a obra, um dos símbolos da modernidade campinense, corria, causado pelo acelerado processo de especulação imobiliária do bairro Centro. Seu valor arquitetônico como exemplar da produção da chamada Escola do Recife, com linguagem moderna- era um dos pontos fortes de seu tombamento.

Em setembro de 2010, o coordenador de arquitetura e ecologia do Iphaep (2010), arquiteto Raglan Rodrigues Gondim, solicitava urgência no processo de cadastramento para proteção do bem, alegando riscos de demolição, e indicava o

arquiteto Cristiano Rolim, como parecerista junto ao COMPEC/ IPHAEP. Em parecer emitido em 10 de novembro de 2010, associado ao processo de tombamento encaminhado ao IPHAEP (0344/2010), o arquiteto João Cristiano Rolim, que representava o CREA/PB no COMPEC, solicita tal proteção legal, alegando que:

Agravado pela eminente ameaça de demolição do bem pelo acelerado processo de desenvolvimento dessa região da cidade de Campina Grande, pela representatividade da edificação que muito bem reflete a identidade cultural da sociedade campinense em um momento de expansão urbana da cidade, pela representatividade da obra do arquiteto augusto Reynaldo que tem sido objeto de estudos acadêmicos, pelo elevado valor arquitetônico, histórico e cultural da edificação, sou favorável ao tombamento de bem conservado, exemplar modernista por esse instituto. (ROLIM, 2010, p.2)

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

A casa em 2010 ainda estava “íntegra e original em sua estrutura formal, espacial e estrutural”, conforme consta no parecer de Rolim (2010, p.2). Mas, da deliberação para o cadastramento da obra como bem a ser tombado, ocorrida em novembro de 2010 até março de 2017, o processo se arrastou no IPHAEP e não entrou no rol dos bens devidamente protegidos pela Lei.

Aproveitando-se de tal fato, o proprietário ordenou a demolição do bem em 2017, que não podia legalmente ser demolido, pois como vimos, estava em processo de tombamento. O triste fato, é que hoje, o que ali existe, é um terreno vazio que em breve abrigará um edifício. E o órgão preservacionista nada fez, juntamente com os diversos atores envolvidos no processo de preservação.

A casa foi encomendada por uma família de classe média alta em 1957, e pertencia ao comerciante Raimundo Alves, que anos depois, a vendeu para a família Vieira e Silva.

No arquivo municipal, segundo escreveu Almeida (2010, p.123) o projeto não foi encontrado, e as informações que se obteve foram prestadas por familiares do arquiteto Augusto Reynaldo, como o trabalho desenvolvido por sua neta, a arquiteta Mariana Alves (2008) que em sua monografia final de graduação, no curso de arquitetura e urbanismo da UFPE, fez o resgate produção de seu avô, incluindo nesta, as residências projetadas em Campina Grande.

A residência foi cenário da forma de viver da alta sociedade campinense, com espaços destinados à vida social no pavimento térreo, com área de apoio para festas e reuniões, com um belo jardim, que proporcionava um diálogo entre exterior e interior.

3 DIMENSÃO ESPACIAL

A casa que estava localizada no bairro Centro, na Rua Raimundo Alves da Silva, 190, foi construída na área central de um terreno com grandes dimensões, estando solta em relação aos recuos do lote. Foi implantada na área mais alta do terreno, aproximadamente a uns 2m em relação ao nível da rua, possuindo muros baixos, o que proporcionava um grande campo de visão da casa em relação à rua. O extenso recuo frontal foi utilizado como jardim definido por canteiros com formas livres possuindo também um lago artificial.

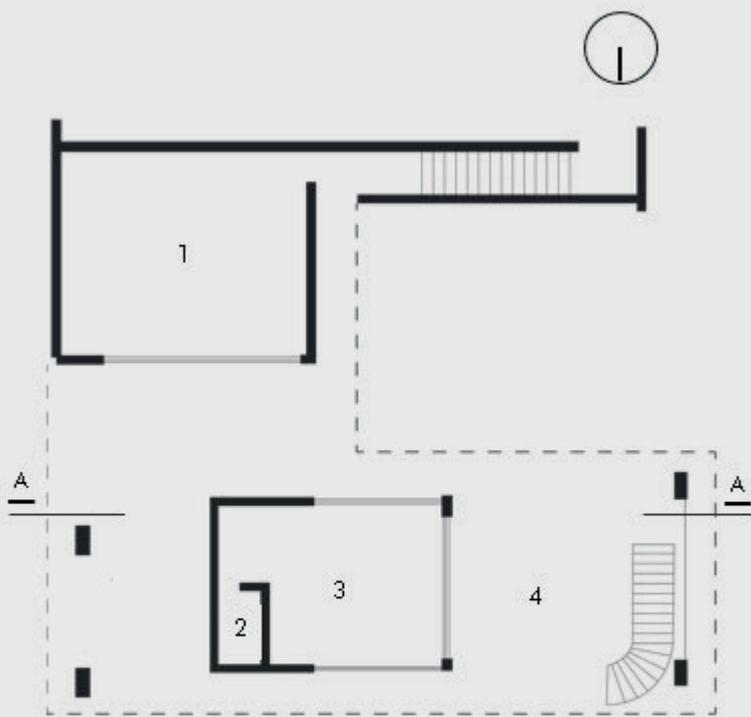
O muro recebeu um tratamento diferenciado com uma mistura de alvenaria e pedra natural. A partir dele, era realizado o acesso para automóveis com dois portões: um para a entrada do veículo e o outro para saída, esta disposição evitava a necessidade de manobrar o carro. O acesso do pedestre se dava por um portão pequeno conduzindo a um passeio sinuoso até a entrada social da casa.

A distribuição do programa foi realizada em dois pavimentos, de maneira bastante racional e setORIZADA, utilizando-se a planta em formato de “U”. No pavimento térreo estavam localizados a área de lazer, garagem, saleta e serviço. Além destes, havia ainda o pilotis onde se encontrava a escada com forma curva que permitia o acesso ao piso do pavimento superior.

No pavimento superior se encontravam a área íntima, setor social e parte dos serviços. Os quartos foram dispostos na parte leste e possuíam também, varanda e banheiro. As salas também tinham varanda e terraços, tendo a permeabilidade visual garantida pela ausência de divisórias e presença de grandes esquadrias de vidro e de venezianas.

Observou-se na solução da planta, a distribuição de três suítes com varandas, e um quarto de hóspede com acesso independente, através de uma escada que o interligava com o pavimento térreo.

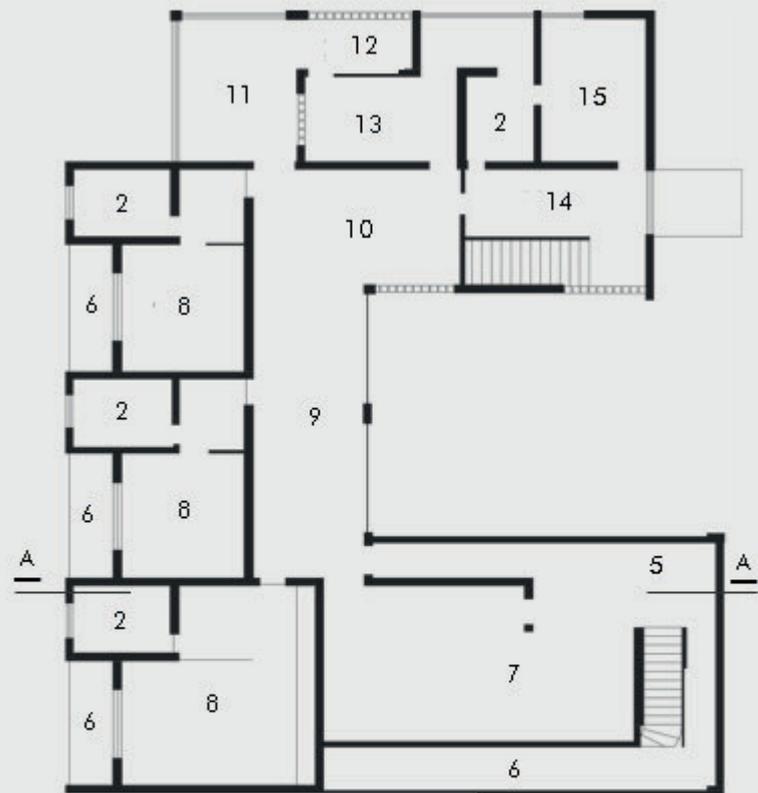




PLANTA BAIXA TÉRREO

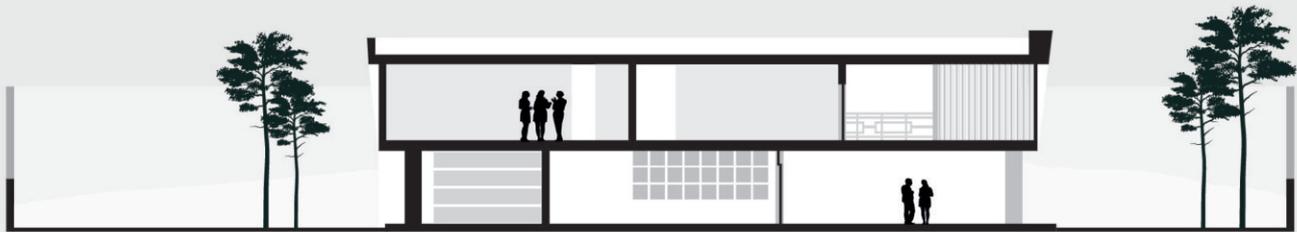


- | | |
|------------------|---------------------|
| 1. Garagem | 9. Estar íntimo |
| 2. Bwc | 10. Sala de jantar |
| 3. Bar | 11. Copa |
| 4. Terraço | 12. Área de serviço |
| 5. Hall | 13. Cozinha |
| 6. Varanda | 14. Estar hóspedes |
| 7. Sala de estar | 15. Quarto hóspedes |
| 8. Quarto | |

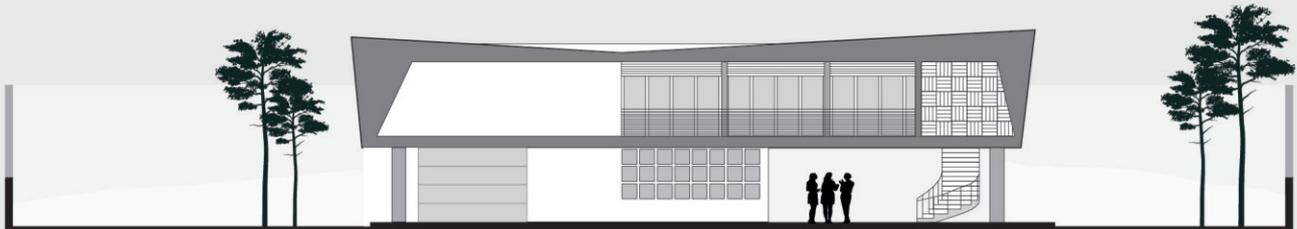


PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO





CORTE AA



FACHDA PRINCIPAL



4 DIMENSÃO TECTÔNICA

Quanto à análise construtiva da casa, pode-se observar o uso da estrutura em concreto armado, empregado nas vigas, pilares e lajes, que ficam à mostra na solução formal da obra. Um volume trapezoidal, possuindo teto em “asas de borboletas” com vigas inclinadas, se apoiam em um volume trabalhado com cheios e vazios, em composição com os pilotis.

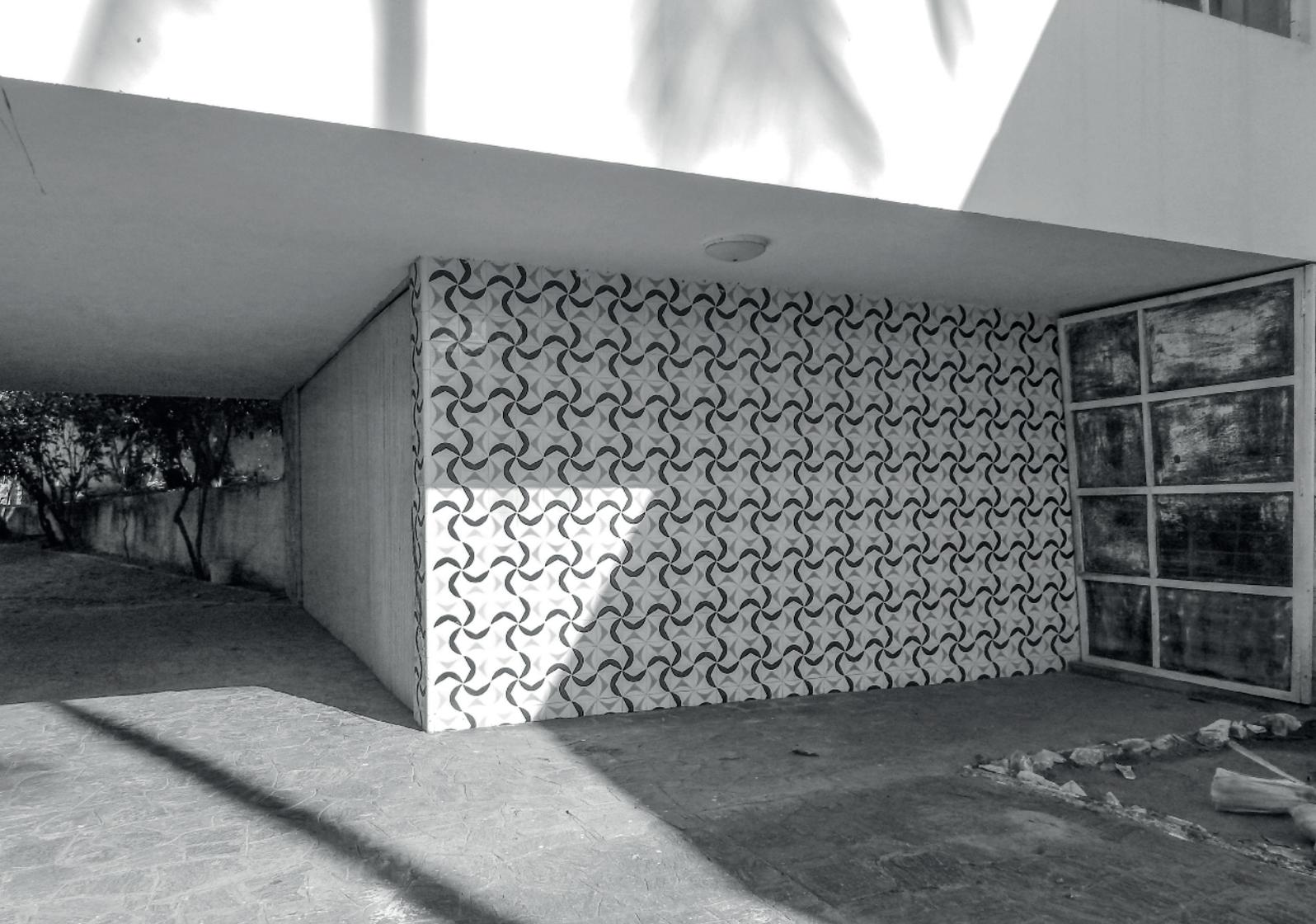
Para as peles, foram empregados planos de brises soleils de concreto fixo, painéis de madeira e ferro, cobogós, venezianas de madeira, e panos de vidro, que através de proporções muito bem estudadas, criaram uma leveza volumétrica, demonstrando também, uma atenção especial do arquiteto às soluções climáticas, apesar do uso de panos de vidro voltados ao poente, questão que foi tratada tanto por Queiroz e Rocha (2006), quanto por Almeida (2010), que acreditavam ter sido uma solução adotada para promover iluminação para os ambientes internos, uma vez que a planta possuía o formato de “U”, ou mesmo, por tentar gerar

um aquecimento dos ambientes, já que Campina Grande em determinadas épocas do ano, possui temperaturas mais amenas.

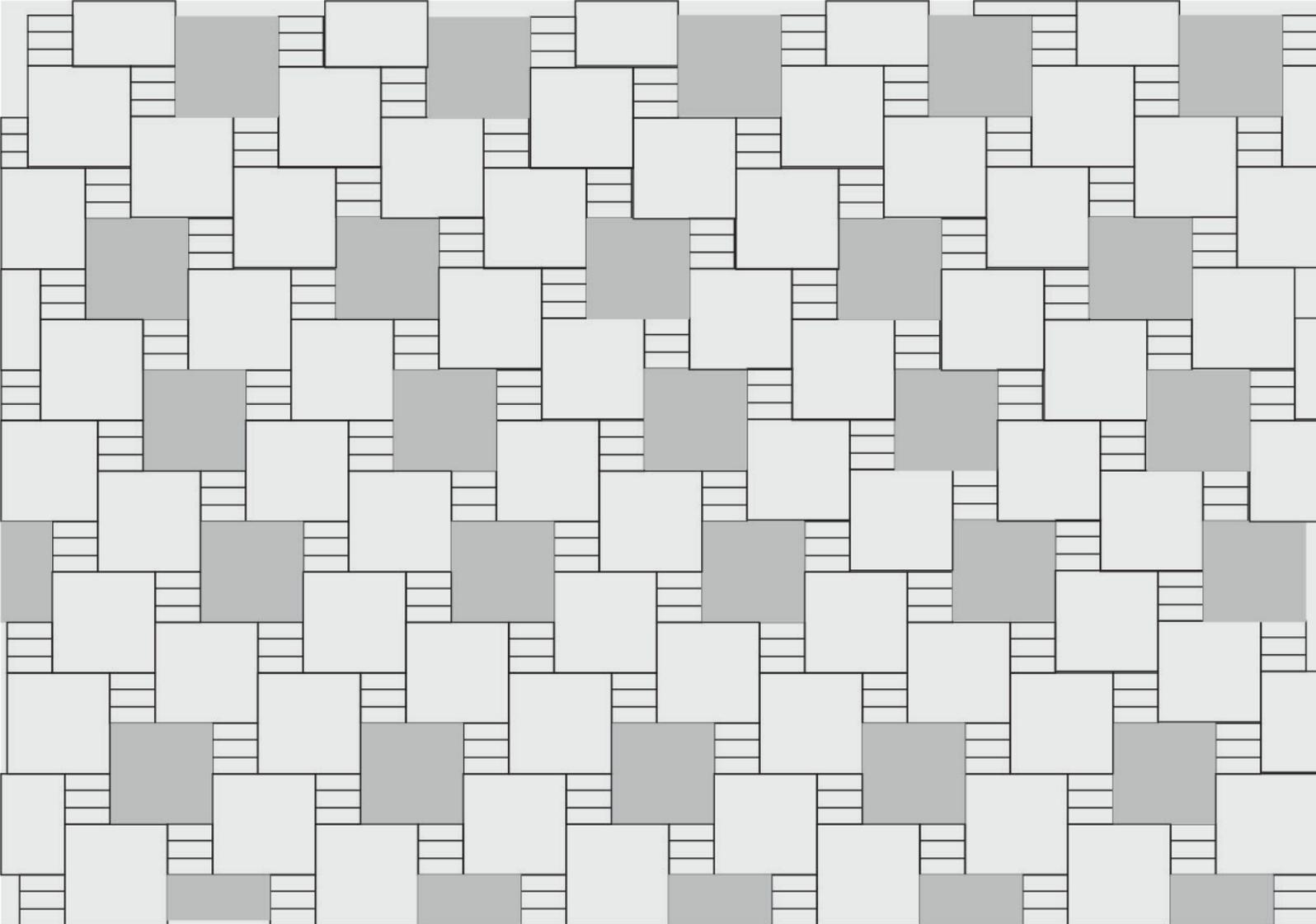
Quanto aos revestimentos da obra, despertou interesse a riqueza de materiais ali existentes, como pedras, azulejos decorados, e pastilhas. Foi feito ainda um jogo de cores de pedras cerâmicas na cor telha com azul, contrapondo com a cor bege empregado nos revestimentos das fachadas, valorizando a forma da volumetria.

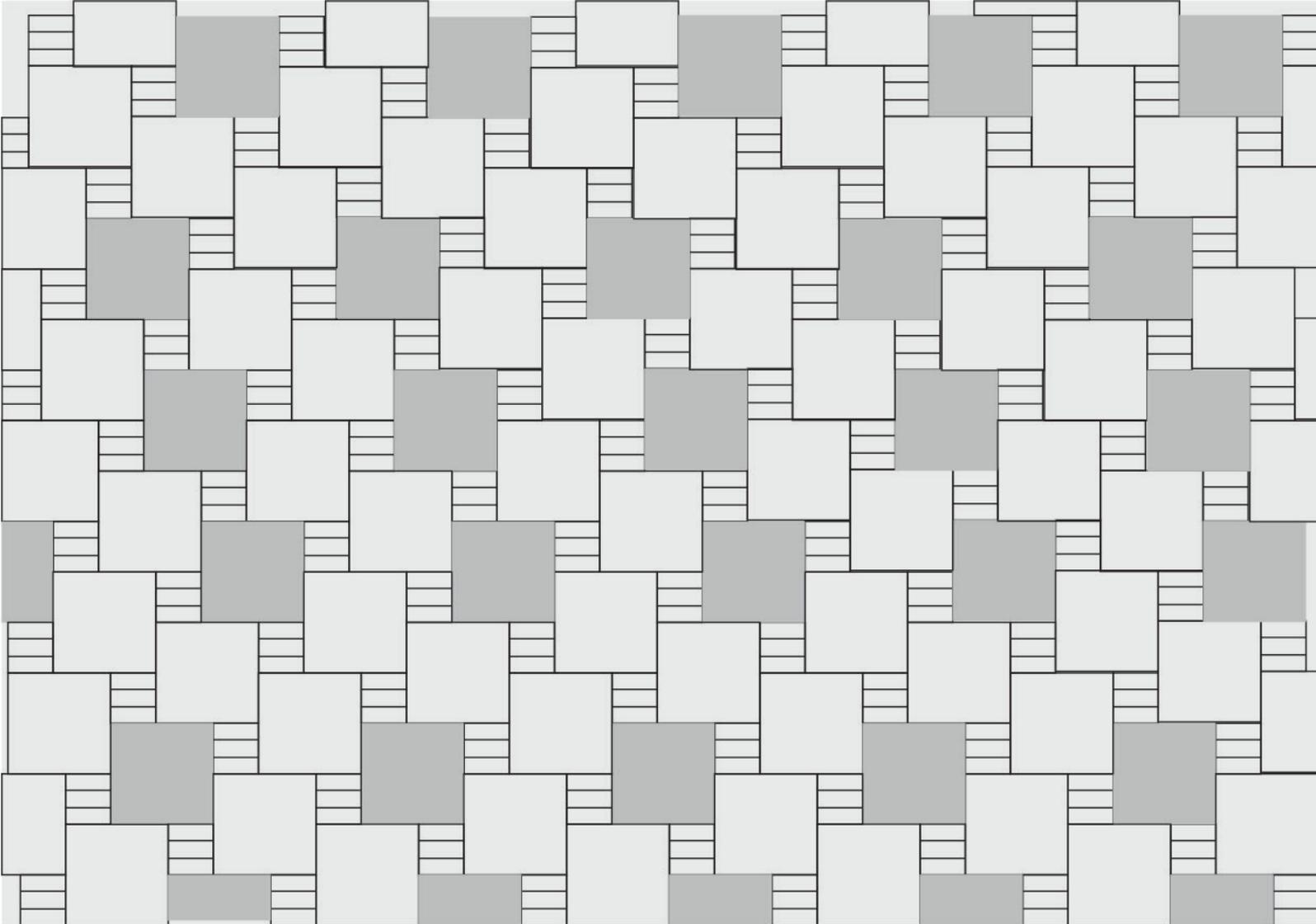
O jogo dos revestimentos era tão bem equilibrado, que mesmo com a diversidade dos materiais de revestimento utilizados, a obra permaneceu elegante.











5 DIMENSÃO FORMAL

A volumetria utilizou a forma moderna como linguagem plástica, e denota uma grande influência dos mestres da modernidade tais como Le Corbusier, Oscar Niemeyer, bem como, do vocabulário plástico-formal adotado pelos professores da Escola do Recife, como Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, Mario Russo e Heitor Maia Neto (AFONSO, 2006) em obras residenciais produzidas em todo o nordeste brasileiro.

A forma adotada era composta por dois pavimentos, sendo o superior de formato trapezoidal coberto por telhado inclinado em duas águas, apoiado em um bloco vazado por pilotis. Uma solução clássica da modernidade brasileira, bem resolvida em sua proporção, acarretando um volume limpo e equilibrado.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

Projetada originalmente para abrigar uma residência de alto padrão nos anos 50, ao perder sua função enquanto residência, passou a ser alugada para fins de serviços, dando início à sua deterioração.

Enquanto residência era um exemplo de funcionalidade moderna, trabalhando com setores social, íntimo, de serviços e de apoio, muito bem delimitados, com acessos independentes, mas fluxos interligados que permitiam um excelente funcionamento do espaço doméstico.

Durante anos foi sendo alugada para diferentes usos, como por exemplo, um escritório de advocacia, que veio a ser o último uso do imóvel, que em seguida foi demolido.





DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Como afirma Alves (2008), era inegável a qualidade arquitetônica da residência de Vieira e Silva. Foi até março de 2017, um dos mais importantes exemplares em bom estado de conservação da habitação moderna campinense, projeto que se destacava dentre as demais residências da cidade quanto à soluções espaciais, uso dos materiais e detalhes construtivos.

Conforme foi visto, na dimensão normativa, a residência estava em processo de tombamento pelo IPHAN/Governo estadual, quando em um sábado à noite, foi demolida.

No dia 10 de abril de 2017, o IAB/PB (Instituto de Arquitetos do Brasil, seção Paraíba) realizou um debate com título “Obituário campinense: vulnerabilidade do patrimônio cultural” para discutir o caso da demolição indevida do imóvel, e contou com a presença da professora Dra. Alcilia Afonso, representante do curso de arquitetura e urbanismo da UFCG; Eng. André Agra, então secretário de planejamento da Prefeitura Municipal de Campina Grande; da diretora do IPHAEP, a historiadora

Cassandra Figueiredo; do representante do CAU/PB, Arquiteto Cristiano Rolim; do professor da UNIFACISA, Raglan Gondim, e do advogado Péricles Medeiros. A discussão tratava sobre a ilegalidade do fato ocorrido e as consequências que deveriam ser tomadas por tal ato. Infelizmente, nada aconteceu, apesar das tentativas de exigir uma punição pela perda indevida.

Afonso (2017) analisou a preservação de bens modernos no nordeste brasileiro, e observou o reflexo de um processo de descaso com os bens culturais nacionais, que vem ocorrendo em todo o país, principalmente, quando se trata do patrimônio residencial moderno, que pessoas destroem, descaracterizam, sem considerar o valor histórico, de antiguidade, de autenticidade, sem respeitar leis, trâmites processuais, desejo popular: a tudo destroem em busca da possibilidade de se obter “mais lucros”.

O cenário da preservação arquitetônica brasileira está um caos: não se obedecem às leis, não há uma política pública eficiente e ágil, não existe

fiscalização e todos nós, cidadãos, professores, arquitetos, pesquisadores, nos sentimos - como sempre - impotentes perante o quadro.

Convoca-se aqui, os órgãos responsáveis a discutirem o problema que é grave, e procurar caminhos mais eficazes para estancar esse comportamento. Vivemos sentindo “pena da perda”, mas que medidas duras são destinadas a esse tipo de comportamento em relação à preservação do patrimônio ambiental e construído?

UMA FORMA DE RESGATAR A OBRA:
a reconstrução virtual.

Como maneira de se resgatar a obra, foi realizado um trabalho de modelagem virtual por membros do Grupal/ UFCG, Diego Diniz e Julia Leite (AFONSO, CLAUDINO, LEITE, 2017), apropriando-se dessa ferramenta para reconstrução da edificação, com o qual procurou-se compatibilizar o patrimônio edificado original através de desenhos arquitetônicos, com croquis, fotos e relatos orais. Construindo assim, um acervo digital que sirva como subsídio para novas pesquisas, registros e divulgação.

Foi realizado o processo de elaboração de modelagem geométrica tridimensional por meio de ferramentas gráficas 3D. O primeiro passo foi pesquisar nos arquivos da Prefeitura, o projeto original para que após isso, fossem feitas os redesenhos das pranchas técnicas (com plantas, cortes e fachadas), porém ele não foi encontrado, fato que já ocorreu com outros pesquisadores, como escreveu Almeida (2010, p.104).

Diante desse fato, reconhecendo a importância de fazer esse registro da residência Vieira e Silva, foi utilizada apenas uma planta baixa dos pavimentos térreo e superior, produzida por Alves (2008, p.109), fotos do grupo de pesquisa e auxílio do Google Street View (o qual permite visualizar detalhes que não constam em fotografias). Mesmo não atingindo precisão de detalhes e proporções exatas, por falta de planta baixa com especificações e cota, além de cortes e detalhes construtivos, buscou-se representar de modo mais autêntico possível com o material disponível, produzindo a volumetria que aqui se divulga.

CONCLUSÃO

Durante o processo de pesquisa da residência Vieira e Silva destacaram-se as dificuldades da preservação do patrimônio construído em Campina Grande-PB, o que também vem ocorrendo no Brasil. Acarretando constantes demolições do pouco que ainda se tem da arquitetura moderna, principalmente residencial, já que o processo ao qual são submetidas para tombamento é demorado, e isso somente quando são listados por algum departamento de patrimônio histórico.

Assim como essa residência, que possui grande carga histórica e cultural, existem outras que também são de grande importância na construção da memória da cidade e que, lamentavelmente, nem constam em algum inventário de bens a serem preservados.

Como foi constatado nessa residência projetada por Augusto Reynaldo, também ocorre um grande descaso com os documentos que deveriam ser mantidos em bom estado de conservação, esses muitas vezes se perdem em meio à desorganização dos órgãos responsáveis pela manutenção deles.

O remanescente, que ainda se encontra nos arquivos públicos, quando não incompletos, está em estado de deterioração, contendo manchas e rasgos. Sendo assim, não se pode ter certeza quanto ao futuro desses arquivos.

Desse modo, por meio da representação gráfica tridimensional e da digitalização em software CAD dos desenhos técnicos, vê-se um possível meio para salvaguardar o acervo arquitetônico moderno por meio da documentação e divulgação do patrimônio, uma vez que a preservação do bem material requer um conjunto de fatores burocráticos relacionado ao poder público e instituições de preservação, além da consciência da sociedade e dos proprietários do imóvel.

Esse processo de “reconstrução” virtual possibilita a criação de um acervo digital que pode ser utilizado para futuros estudos acadêmicos, assim como resgatar a memória do imóvel. Além disso, é um importante meio para catalogar a produção de arquitetos modernos pouco conhecidos e estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *La Consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50*. 752f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Projetos Arquitetônicos. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona. Universitat Politècnica de Catalunya, 2006.

AFONSO, Alcilia. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. Revista *Projetar*. Projeto e percepção do ambiente. Natal: Editora da UFRN. V.4 N°3. pp 54-71. Dezembro de 2019.

AFONSO, A.; CLAUDINO, D.; LEITE, J. *Ferramentas de representação gráfica e seu papel na salvaguarda do legado arquitetônico moderno. O caso de Campina Grande-PB*. 5º Encontro Internacional Arquimemória. Salvador: 2017.

AFONSO, A. *O triste fim do patrimônio arquitetônico moderno e as políticas preservacionistas no nordeste brasileiro na contemporaneidade. Reflexões sobre alguns estudos de caso*. Belo Horizonte: Simpósio científico do Icomos Brasil. 2017.

ALMEIDA, L. *Modernização e Modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande-PB*. 204 f. Dissertação de Mestrado – PPGAU, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2010.

ALVES, M. R. *Augusto Reynaldo: resgate de uma obra*. Recife, 2008. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – CAC/UFPE

IPHAEP/ Instituto de Patrimonio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. *Processo de Tombamento da Residência Vieira e Silva*. Número 0344/2010. João Pessoa. 2010.

QUEIROZ, M., ROCHA, F. *Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950*. Recife: 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste. 2006.

ROLIM, C. *Parecer técnico para o COMPEC/IPHAEP processo 0344/2010*. João Pessoa: IPHAEP. 2010.

CAP 16

HEITOR MAIA NETO: ESCOLA POLITÉCNICA DA
PARAÍBA. 1959/ 1962.

ALCÍLIA AFONSO

Hitler

HEITOR MAIA NETO

1928-2014

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Heitor da Silva Maia Neto nasceu em Recife em 12 de outubro de 1928, filho de Heitor da Silva Maia Filho e Marta de Castro Maia. Faleceu em Recife, no dia 29 de dezembro de 2014, aos 86 anos, vítima de complicações respiratórias durante uma cirurgia.

Seu pai foi um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Recife, tendo se empenhado ao máximo para montar na cidade o curso de arquitetura, pois apesar de não ser graduado na área, exercia a profissão de arquiteto na cidade, tendo sido responsável por muitas obras.

Era também, amigo de vários artistas e intelectuais locais, como Mário Nunes, Baltasar da Câmara, e Bibiano. Desta maneira, Heitor Neto cresceu em um meio familiar que o fez despertar para a carreira de arquiteto, fazendo com que - optasse por cursar arquitetura, ingressando em 1948 na Escola

de Belas Artes. Um pouco antes de seu acesso à Escola, seu pai havia falecido, deixando um grande vazio na vida de Heitor, que teve em seu professor Mário Russo, o incentivo que necessitava para continuar com seus planos profissionais.

Heitor era conhecido por desenhar muito bem, e sempre foi um bom aluno, despertando a atenção de Russo, que desde os primeiros contatos, percebeu o interesse daquele jovem estudante. Assim, o convidou para trabalhar como desenhista a partir de 1948 no ETCUR/ Escritório técnico da cidade universitária do Recife, colocando-o como chefe do setor de desenho em 1949, e contratando-o definitivamente como arquiteto a partir do ano de 1952, quando Heitor graduou-se em arquitetura.

Heitor recebeu uma influência direta do pensamento e prática profissional do mestre italiano, fazendo com que o arquiteto considerasse Russo seu

grande mentor e orientador profissional, pois além da oportunidade de atuar no ETCUR, o convidou para ser professor assistente da cadeira de pequenas composições arquitetônicas na Escola de Belas Artes, além de indicá-lo para realizar curso de seis meses na Universidade de Sorbonne, Paris, proporcionando-o uma viagem por países europeus que produziam obras modernas.

Heitor em seu trabalho no ETCUR mantinha constantes viagens à cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de receber orientações a respeito dos projetos que desenvolvia para o campus universitário, e por isto, teve a oportunidade de presenciar o desenvolvimento da Escola Carioca, com obras que o marcaram bastante, como as produzidas por Niemeyer, Reidy, Sérgio Bernardes, Jorge Moreira, entre outros.

Sempre atento e informado do que se produzia no país naquela época, Heitor buscava em seus projetos, introduzir elementos plásticos modernos aplicados pelos arquitetos cariocas à arquitetura recifense, adicionando a estas obras soluções de plantas racionalistas (influência de Russo) com um

toque pessoal ao propor sistemas construtivos criados pelo próprio arquiteto.

Assim, sua atuação como arquiteto nos anos 50, começou com o trabalho desenvolvido no ETCUR tendo participado de projetos para os edifícios da Faculdade de Medicina (1949), e do Hospital das Clínicas juntamente com Russo, Gadelha, Mauricio de Castro, Reginaldo Esteves. Estas obras desenvolvidas sob o comando de Russo fizeram com que Heitor absorvesse várias influências do mesmo em seu processo projetual, partindo sempre de uma malha de retículas, uma modulação estrutural, uma atenção especial ao detalhamento arquitetônico para solucionar esquadrias; e coberturas

Também aprendeu com o mestre napolitano, a buscar soluções climáticas para a sua arquitetura, empregando elementos como buzinotes, pequenos círculos de aproximadamente 15 cm, arrematados em acabamento de louça; e outras soluções, tais como paredes que não tocam o teto, ou mesmo, paredes compostas por tubos metálicos verticais que vedam os espaços, mas permitem a circulação constante de ar.

Em Recife nos anos 50, os arquitetos tiveram em sua maioria, encargos de projetos residenciais, uma vez que neste período não havia ainda uma grande demanda por outras tipologias, e os profissionais que estavam se iniciando no mercado, realizavam muitas vezes projetos para familiares ou mesmo, amigos mais próximos. A oportunidade de afirmar-se profissionalmente também era possível - quando surgia um concurso, no qual o profissional pudesse ter a chance de participar e sair vencedor, como ocorreu com Heitor, no caso de sua primeira obra individual, a Biblioteca Popular de Casa Amarela, de 1951.

A produção arquitetônica mais marcante de Heitor em Recife, na década de 50, foi de fato, as propostas apresentadas para projetos residenciais, como as casas: Márcio Rodrigues, projetada em 1952; Sérgio Morel, 1954; Torquato Castro, 1954/1958; Zildo Andrade, 1959; Gilberto Botelho, 1959; e José Cordeiro Castro, 1960.

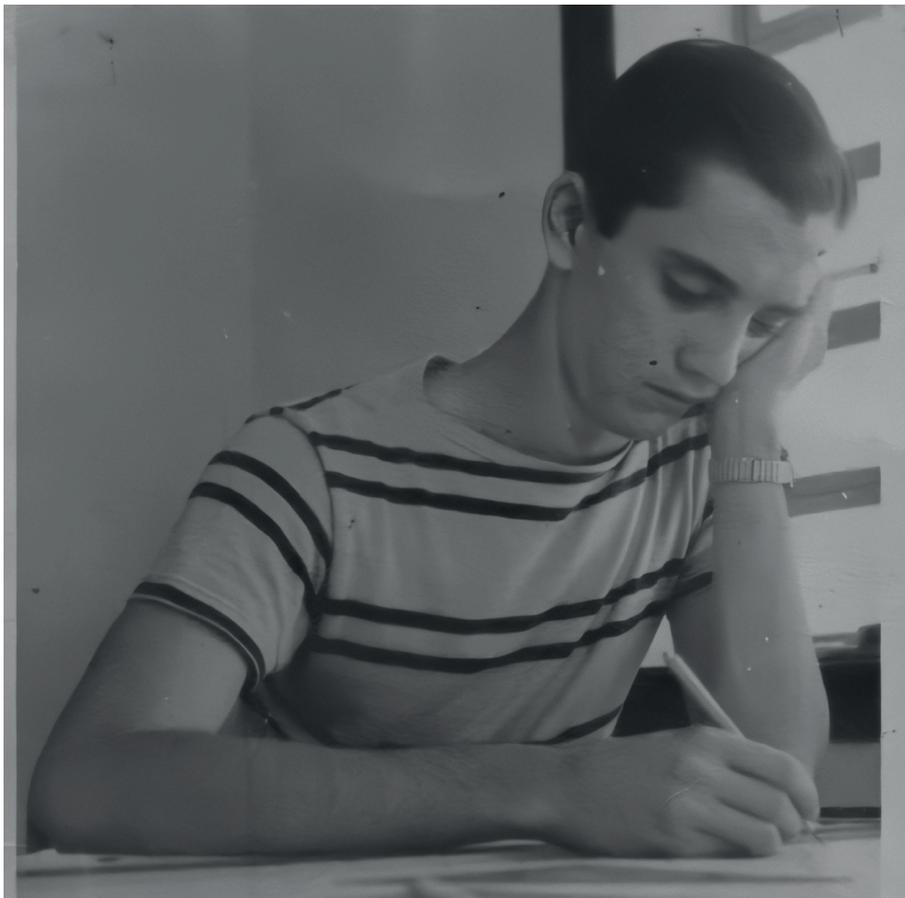
Os projetos de concursos dos quais participou, como o da Biblioteca Popular de Casa Amarela, no qual ganhou o primeiro lugar, e do Monumento aos heróis da Segunda Guerra no Rio de Janeiro

de 1956, que obteve o segundo lugar, foram também fundamentais para sua afirmação profissional, bem como, o projeto desenvolvido para o edifício multifamiliar 13 de maio.

Sobre seu processo projetual, Guerra (In AMORIM, 2002, p.81) colocou que:

Heitor concebe desenhando a instrumento ou em papel milimetrado, e suas soluções são meticulosas, bem calculadas, ratificam sua formação tecnicista. Concebendo primeiro a planta como mandatária do processo da concepção, cujo volume é resultado de um peculiar domínio do sistema estrutural associado à linguagem vigente do estilo internacional. (GUERRA In AMORIM, 2002, p.81)

Para a implantação da proposta no terreno, elaborava uma trama modulada, considerando também, a orientação climática, que o levava a setorizar as distintas zonas, de acordo com a necessidade de insolação e ventilação delas. Para ordenar o programa à planta, trabalhava sempre que possível com a articulação espacial, o jogo de planos em desníveis, e a busca de espaços transparentes



através do uso de panos de esquadrias de vidro e persianas de madeira.

Recebeu a influência de seus companheiros de trabalho, como a do arquiteto e professor Delfim Amorim, que foi seu sócio entre os anos de 1963 a aproximadamente 1969, desenvolvendo vários projetos para a cidade de Recife. (AFONSO, 2006)

2. LISTAGEM DE OBRAS

Obra em Campina Grande:

1959-1961_ Escola Politécnica. Centro de Humanidades, UFCG. 1959-1961 (Avenida Aprígio Veloso, 882, Universitário).

Algumas das principais obras do arquiteto no estado de Pernambuco:

1951 _ Concurso estadual para a Biblioteca Pública de Casa Amarela. Casa Amarela. Recife. PE.

1952 _ Casa Márcio Rodrigues. Torre. Recife. PE.

1954-58_ Casa Torquato Castro. Aldeia. Camaragibe. PE.

1955_ Casa Sergio Morel. Rosarinho. Recife. PE

1956_ Concurso nacional para o Monumento aos Heróis da Segunda Guerra. Rio de Janeiro (Segundo colocado).

1959 _ Casa Gilberto Botelho. Boa Viagem. Recife. PE.

1959-60 _ Casa Zildo Andrade. Prado. Recife. PE.

1959-60_ Casa José Cordeiro de Castro. Boa Viagem. PE.

1960 _ Edifício multifamiliar 13 de Maio. Boa Vista. Recife.

1965 _ Edifício multifamiliar Massangana. Madalena. Recife. PE. (Com Delfim Amorim).

1969_ Casa Tubal Valença. Madalena. Recife. PE. (Com Delfim Amorim).

1969_ Casa José Rodrigues. Recife. PE. (Com Delfim Amorim).

1970_ Casa João Carlos Mendonça. Aldeia. Camaragibe. PE.

1972_ Casa Reginaldo Araújo. Recife. PE. (Com Delfim Amorim).

1972_ Supermercado BOMPREGO 1. Boa Viagem. Recife. PE.

1978_ Supermercado BOMPREGO 2 . Boa Viagem. Recife. PE.

1989_ Supermercado BOMPREGO. Casa Forte. Recife. PE.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

AFONSO, A. *Entrevista com o arquiteto Heitor Maia Neto*. Recife: Fevereiro de 2005.

AFONSO, A. *A arquitetura moderna de Heitor Maia Neto em Recife nos anos 50*. Niterói: 6º Seminário Docomomo Brasil. 2005.

AFONSO, A. *Arquitetura do sol. Soluções climáticas produzidas em Recife nos anos 50*. Arqtextos, São Paulo, ano 13, n. 147.00, Vitruvius, ago. 2012 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/13.147/4466>>.

AMORIM, L. *Documento Heitor Maia Neto. Revelando sinais da História*. AU. N.101, p:79-85. 2002.

Curriculum vitae do arquiteto Heitor Maia Neto (cedido pelo mesmo).

CG RETALHOS. *Projeto para escola politécnica de Campina Grande*. Em <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/11/>

[projeto-para-escola-politecnica-de.html#.VdvRBvlViko](#)> Acesso em: 2015-08-24.

CG RETALHOS. *Foto histórica da Escola Politécnica*. Em <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/10/foto-historica-escola-politecnica-de.html#.VdvUrflViko>> Acesso em: 2015-08-24.

Folha da Manhã. Página Arquitetura. Publicada em dezembro /1955. Recife. 1955.

FREIRE, A. L. de A. *Modernização e modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-25042011-094113/>>. Acesso em: 2015-08-24.

HEITOR Maia Neto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa592140/>

[heitor-maia-neto](#)>. Acesso em: 17 de Jun. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Heitor Maia Neto. *Revista Arquitetura e Engenharia*. Maio /junho 1956. Nº 40, p: 14-15.

LAPROVITERA, E. *Por uma História do IAB-PE*. In *Jornal do IAB-PE*. Nº 5. Recife. 2002.

LIMA, E. *Modulando; Notas e Comentários sobre arquitetura e urbanismo*. Recife: Fundação de cultura do Recife. 1985.

MAIA, A. C. *Heitor Maia Neto*. Recife: mimeo. 2001.

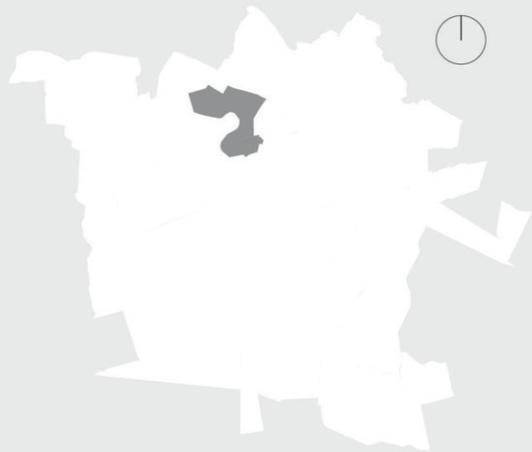
MAIA, A. C. *Heitor Maia Neto: residências da década de 50*. Recife: mimeo. 2005.

QUEIROZ, M ; ROCHA, F. *Caminhos da Arquitetura Moderna em Campina Grande: emergência, difusão e produção dos anos 1950*. In: Diniz, Fernando (org.). *Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife: FASA, 2007, p. 259 -278.



SETOR DE ENSINO DA ANTIGA ESCOLA
POLITÉCNICA DA
UNIVERSIDADE DA PARAÍBA.
ATUAL BLOCO QUE COMPÕE O CENTRO DE
HUMANIDADES DA UFCG.

1959/1961



IMPLANTAÇÃO CIDADE

0 1200 1500 3000 M



IMPLANTAÇÃO BAIRRO

0 50 100 300 M



IMPLANTAÇÃO CAMPUS

0 25 100 250 M

Edifício do setor de ensino da Antiga
Escola Politécnica da Universidade da
Paraíba. Atual bloco que compõe o
Centro de Humanidades da UFCG.

Avenida Aprígio Veloso, 882, Universitário
Período de projeto e obra_1959/1961 | Arquiteto
Heitor da Silva Maia Neto

1 DIMENSÃO NORMATIVA

O edifício que está inserido no Campus da UFCG/ Universidade Federal de Campina Grande, no bairro de Bodocongó, em Campina Grande, e não se encontra sob nenhuma lei de proteção patrimonial. Observou-se que infelizmente, a própria instituição não possui ainda uma política de preservação do acervo arquitetônico de seu próprio campus, que é propriedade do governo federal.

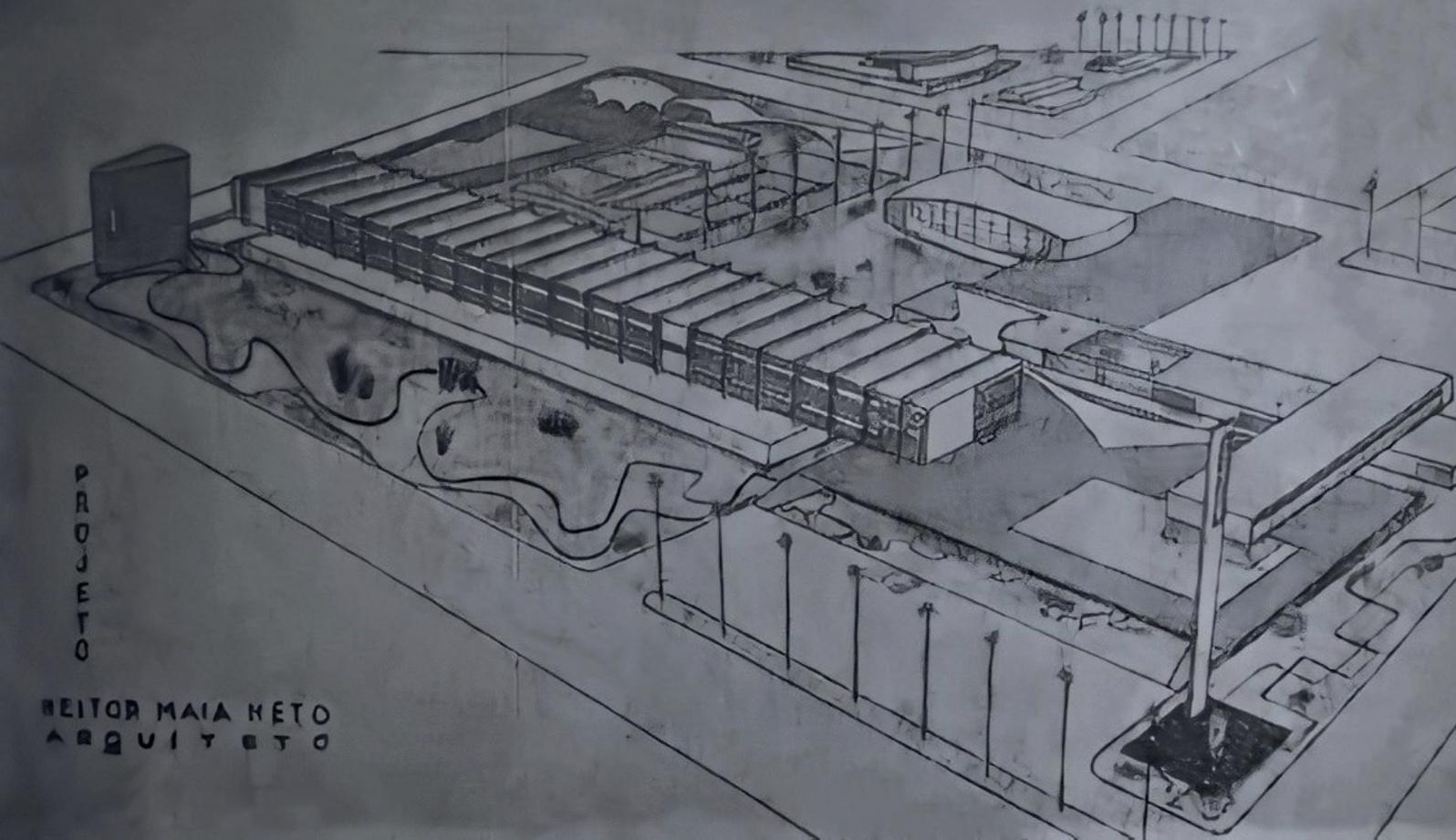
análise dimensões arquitetônicas

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

A Escola Politécnica da Campina Grande foi a primeira instituição de ensino superior (06 de outubro de 1952) da cidade, e funcionava em imóveis alugados (TORRES, 2010). A partir de 1958, iniciou-se o processo de aquisição do terreno para a construção de um edifício próprio (RIBEIRO, 2016), no bairro de Bodocongó, em área doada pela Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNDACT). No ano seguinte, vários arquitetos nordestinos concorreram com estudos para o prédio, sendo Heitor Maia Neto, o arquiteto selecionado para apresentar uma proposta final. Do projeto original aprovado, somente o edifício destinado ao setor administrativo e parte da área de ensino- foi construído, totalizando uma área coberta de 2.641,30m².

O projeto arquitetônico foi iniciado no ano de 1959, de acordo com os carimbos das plantas existentes no Arquivo Municipal de Campina Grande/ AMCG, aprovado em 1960 pelo DVOP/ PMCG, sendo parte da obra concluída em 1961.

ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DA PARAÍBA
CAMPO GRANDE - PB



PROJETO

HEITOR MAIA NETO
ARQUITETO





3 DIMENSÃO ESPACIAL

Quanto à resolução das plantas e o domínio do programa, o arquiteto partiu de uma disposição em forma de pavilhão, intercalada com dois volumes que dialogam entre si, dividindo os usos em quatro níveis, sendo esses, pilotis, mais dois pavimentos, e um trecho no subsolo. Constata-se um jogo neoplástico no desenho do zoneamento das áreas, muito empregado por arquitetos de formação moderna.

A planta foi trabalhada com uma trama ordenadora, modulada, criando malhas que estruturam toda a proposta, influenciado pelo processo projetual de seu mestre Mario Russo, de quem disse ter recebido várias contribuições profissionais (AFONSO,2005).

O volume principal, o de maior extensão e com maior altura, apoiava-se sobre pilares em forma de V, liberando o solo para circulação e espaços de convívio. Este foi proposto em forma de lâmina, dividido de forma racional em seis módulos no sentido horizontal, por dois módulos no sentido vertical.

Nele estavam projetadas as salas de aulas e bloco de baterias sanitárias nas extremidades, com caixa de escada helicoidal, que marca a composição espacial e interliga todos os níveis do edifício.

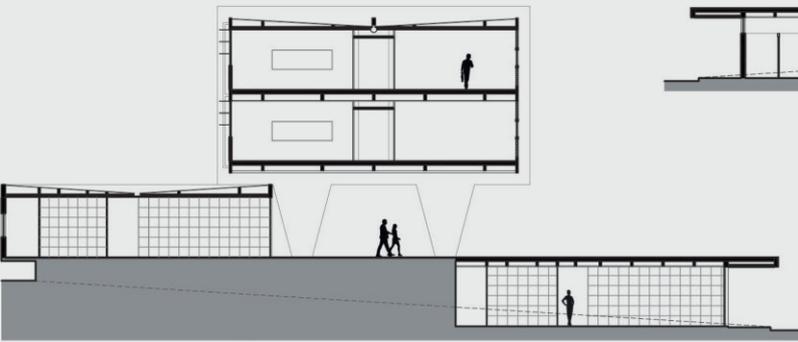
Articulado a esses pilotis, encontra-se um bloco térreo, destinado às funções administrativas. Este é mais baixo, composto de cinco módulos no sentido horizontal, por dois módulos no sentido vertical. Esse volume adentra o volume principal, criando um rico jogo volumétrico.

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

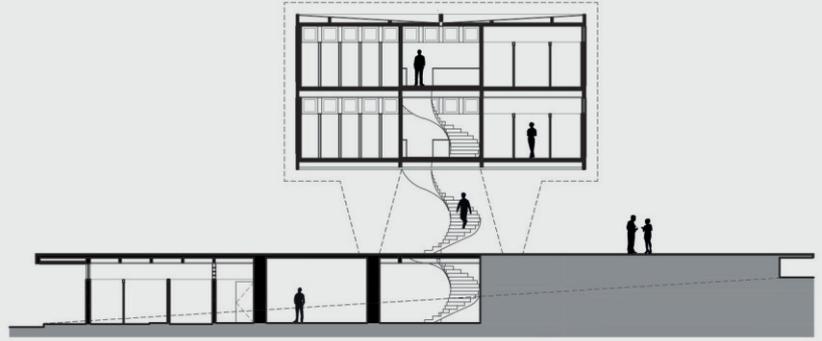
O sistema construtivo adotado foi o concreto armado, presente em vigas e pilares, que foram estruturados em pórticos que criam um ritmo na volumetria. As peles do edifício adotaram soluções apropriadas para cada fachada, de acordo com suas respectivas orientações climáticas, mas observou-se que houve modificações durante a obra, substituindo panos de brises, por exemplo, por soluções mais simples de pequenas janelas. Originalmente, foram usadas esquadrias de madeira maciça com venezianas e vidros, que foram sendo substituídas ao longo dos anos, na fachada norte.

Quanto à materialidade, observou-se a adoção de grandes panos de alvenaria revestidos com pintura na cor branca, estrutura aparente em concreto, planos em tijolos cerâmicos, com esquadrias em madeira e vidro. Maia Neto usava a pedra, sempre para revestir a base do edifício e soltá-lo do solo.

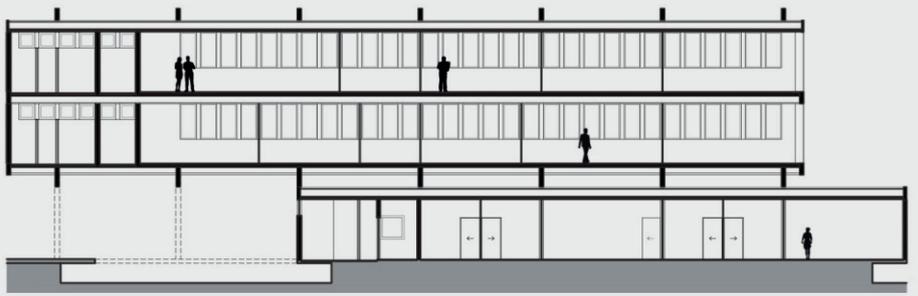




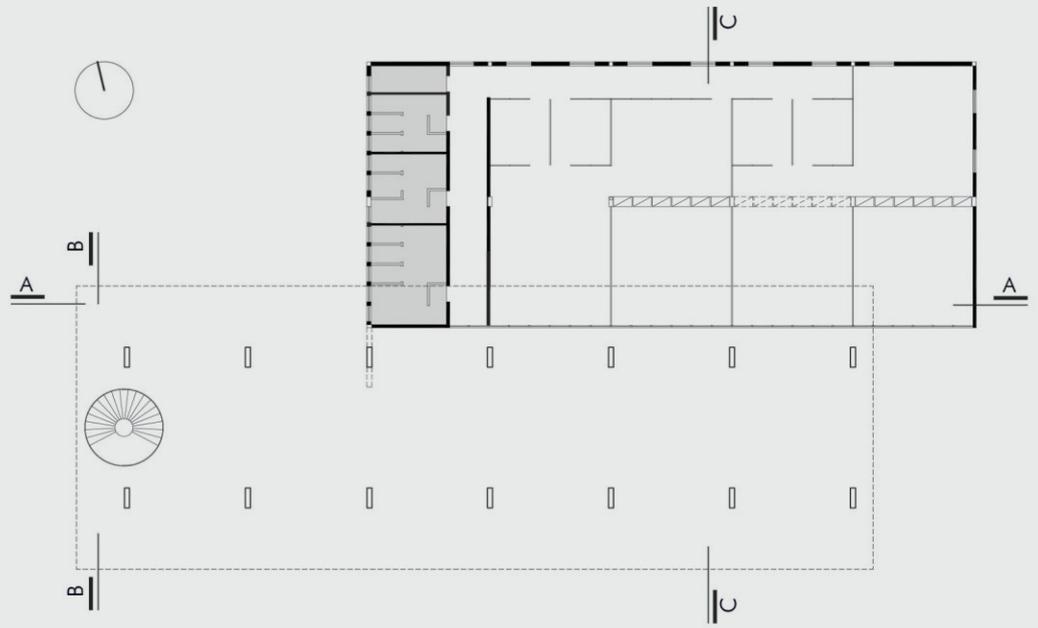
CORTE CC
0 2 6 12m



CORTE BB
0 2 6 12m

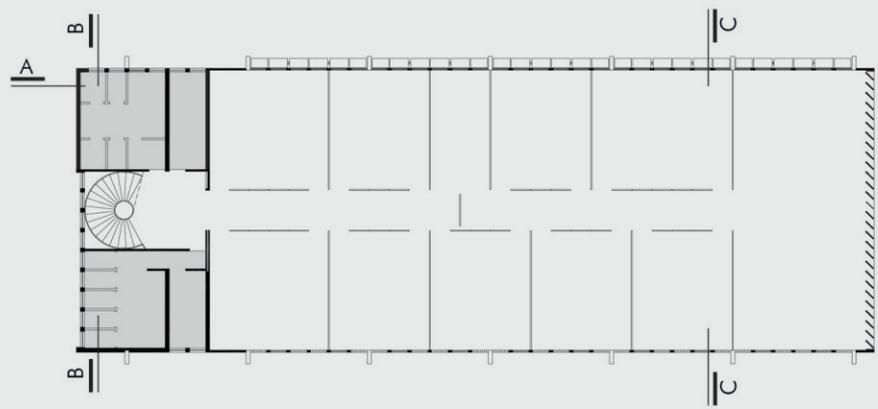


CORTE AA
0 2 6 12m



PLANTA-BAIXA PAV. TÉRREO

0 2 6 12m



PLANTA-BAIXA 1º PAV.

0 2 6 12m

5 DIMENSÃO FORMAL

Segundo Afonso (2006, p.323), Maia Neto recebeu influência direta da obra do arquiteto e mestre moderno, Mies van der Rohe, principalmente no que é referente ao tratamento formal/plástico, pois se observa o predomínio da horizontalidade, pureza volumétrica, volume solto do solo, recordando muitas vezes os projetos residenciais de Mies, como por exemplo, o da casa Farnsworth.

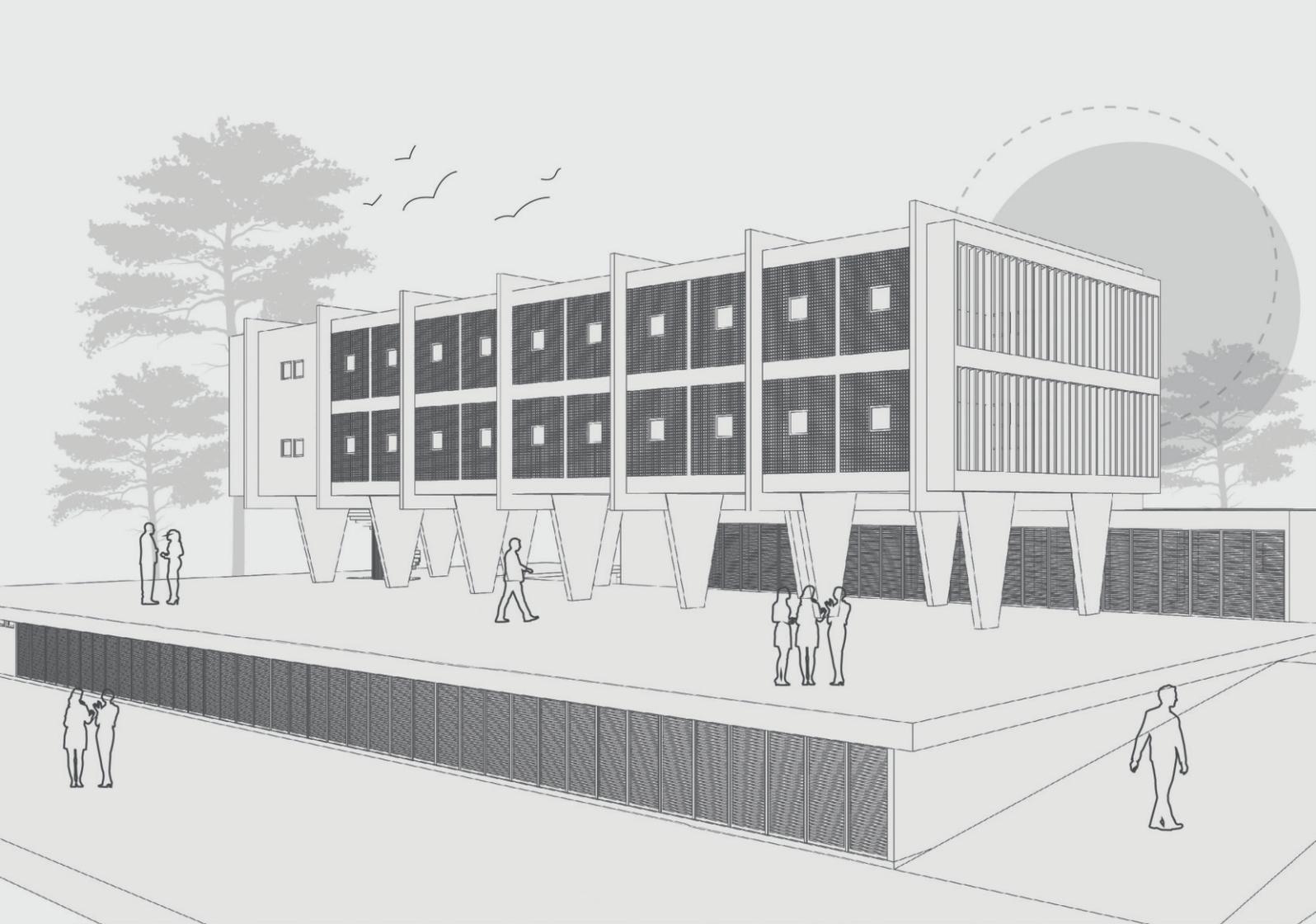
A forma moderna adotada como linguagem arquitetônica nessa obra, apresenta uma retícula modulada que foi utilizada, tanto na solução da planta, como nas fachadas, percebendo-se um jogo de encaixes volumétricos.

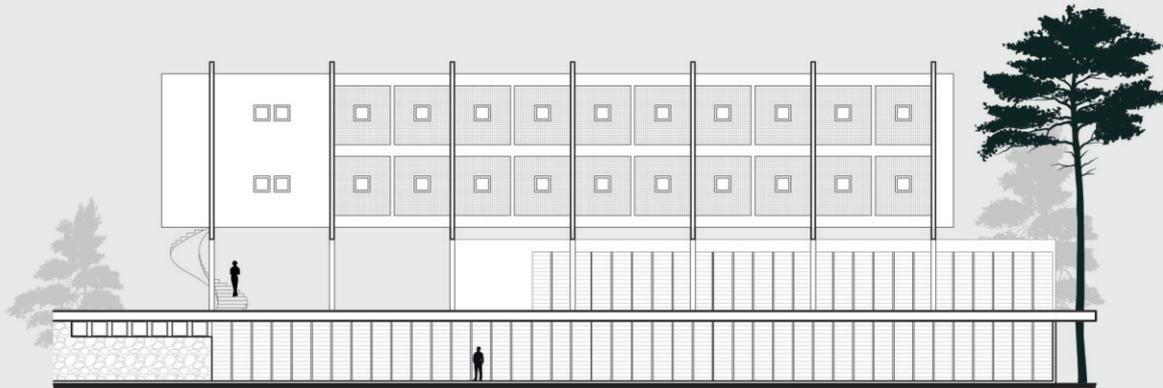
A obra é um exemplar da modernidade precursora na cidade de Campina Grande, realizado por arquiteto da chamada Escola de Recife (AFONSO, 2006), esse procurou o emprego de soluções tecnológicas e construtivas inovadoras na época de sua construção: um modernismo baseado no experimentalismo e na inventividade.

6 DIMENSÃO FUNCIONAL

O edifício fazia parte de uma proposta mais ampla, contudo, por falta de recursos, construíram apenas parte desse estudo. Originalmente, foi projetado para abrigar o setor administrativo e salas de aulas do curso de engenharia civil da antiga Escola Politécnica (ALMEIDA, 2019), mas atualmente, abriga setores do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande.

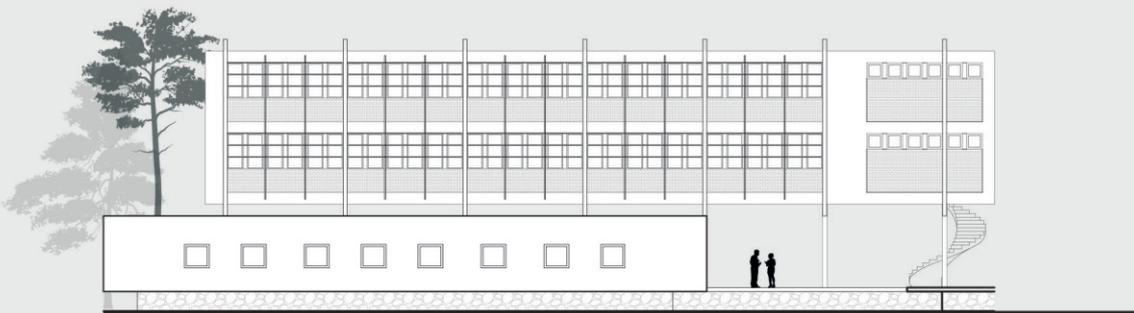
Essas transformações de uso, ao longo dos anos, vêm causando descaracterizações na edificação.





FACHADA SUL

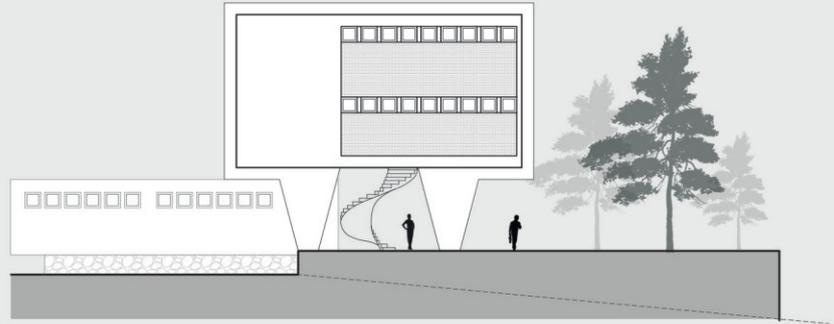
0 2 6 12m



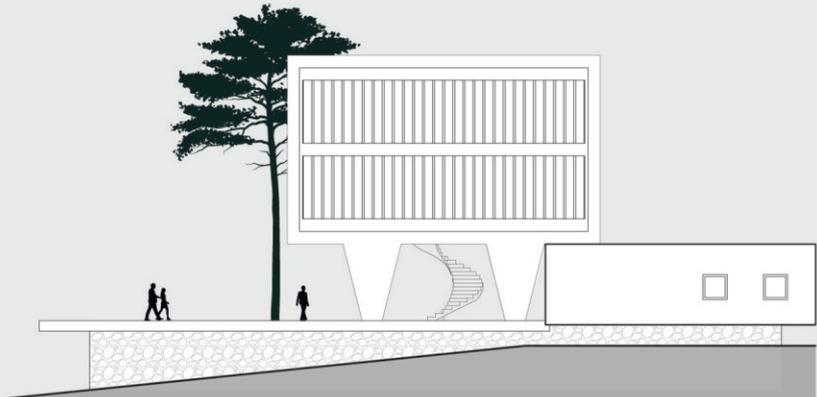
FACHADA NORTE

0 2 6 12m

FACHADA LESTE



FACHADA OESTE



CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Conforme foi colocado anteriormente, devido aos diferentes usos ao longo dos anos, a edificação vem sofrendo adaptações que não respeitaram os critérios projetuais da proposta original.

A colocação de placas de formaturas nos elementos estruturais do pilotis poluem visualmente a obra, além de condicionadores de ar, aberturas indevidas em pavimentos, como uma série de elementos parasitários os quais criam patologias que necessitam de condutas adequadas para a salvaguarda desse edifício, sendo esse um marco na produção arquitetônica moderna campinense.

Acredita-se que antes de tudo, a própria prefeitura do Campus da UFCG no bairro do Bodocongó, deva realizar urgentemente um inventário de suas obras patrimoniais de interesse histórico e arquitetônico, e tentar preservá-las ao máximo, fato que infelizmente não vem ocorrendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50 en Recife*. Tesis doctoral Departamento de proyectos arquitectónicos. ETSAB/UPC. Barcelona. 2006.

ALMEIDA, J. N. *Acesso e permanência de estudantes egressos da escola pública no ensino superior: um olhar crítico para as espacialidades na Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sede*. Recife: Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2019.

RIBEIRO, R. P. *A faculdade que forja memórias: o papel da Escola Politécnica da Paraíba na formação de uma memória de Campina Grande (1952-1958)*. Fortaleza: XVI Encontro Estadual de História do Ceará. 2018.

TORRES, J. V. O. *Escola Politécnica e a construção identitária de Campina Grande como polo tecnológico (1952-1973)*. Campina Grande, UFCG: 2010. Dissertação de Mestrado em História – UFCG.

CAP 17

HUGO MARQUES: RESIDÊNCIA JOÃO FELINTO
DE ARAÚJO. 1962.

ALCÍLIA AFONSO | ROBERTA RODRIGUES

Hugo. J. de S. Mathus

HUGO MARQUES

1924

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Sobre a biografia do arquiteto-licenciado carioca, mas radicado em Recife, Antiocho Hugo de Azevedo Marques, conhecido como Hugo Marques, sabe-se ainda muito pouco. Segundo pesquisas realizadas no arquivo do CAUBR/Conselho de arquitetura e urbanismo Marques nasceu no Rio de Janeiro, em 4 de abril de 1924, graduou-se na ENBA, e em 23 de julho de 1954, foi registrado no CREA.

Tal falta de material bibliográfico sobre o arquiteto, nos faz constatar a necessidade de investigar mais sobre a vida e obra desse profissional, que atuou no Nordeste, tanto em Recife, quanto em Campina Grande, cidades que têm sido estudadas pelo Grupo de pesquisa arquitetura e lugar.

Afonso (2006, p.362) colocou que na década de 50 em Recife, a profissão de arquiteto ainda não possuía um reconhecimento por parte da sociedade, que contava com profissionais sem graduação

na área, estes possuíam um conhecimento adquirido pela prática, os chamados autodidatas, que receberam bastantes encomendas de trabalho, tendo como exemplo, Hugo Marques, Hélio Feijó, José Norberto, entre outros.

Hugo Marques foi um desses profissionais, que desenvolveu uma série de projetos em Recife nesta época, sendo responsável por obras significativas como a histórica e turística Casa Navio (anos 40 do séc. XX), que se encontra demolida; a Residência da família Rozemblitz (1958), edifícios como o Igarassu, Almare (1945), Almare anexo(1950), entre outros.

Observou-se na pesquisa sobre o trabalho do profissional, que ele possuía um vínculo com o empresário do ramo da construção civil Aldemar da Costa Carvalho,- industrial e ex-deputado federal de Recife, dono da maior empresa de construção do

Nordeste. Em parceria com esse influente empresário, ele projetou a residência do mesmo, a famosa Casa Navio, na Avenida Beira Mar, N° 4000, e edifícios construídos pela construtora como o edifício Almare e seu anexo, que foram uma referência na época.

A casa Navio era uma referência na paisagem recifense, e foi demolida em 1981 para dar espaço a um prédio. Seu projeto se inspirou no desenho de um iate, possuindo linhas e influências do art Déco, com soluções construtivas que se pode considerar protomodernas, pelo uso de estrutura em concreto armado, adoção de janelas em fita, teto-jardim, e pilotis, mesmo que ainda, utilizando-se de elementos decorativos, para se reportar à imagem náutica.

Projetou também a residência da família Rozemblitz (AFONSO, 2006, p.362), que possuía a mais importante gravadora de discos na cidade. A casa é um exemplar harmonioso e equilibrado, que também é uma referência na produção moderna recifense, situada no bairro de Parnamirim.

Observou-se que, Hugo Marques, mesmo sem frequentar o ambiente acadêmico do curso de Belas

Artes de Pernambuco, incorporou os princípios adotados naquela escola, tais como uma nítida preocupação climática, utilizando soluções tais como, paredes vazadas com buzinotes, uso de cobogós cerâmicos vitrificados, esquadrias sistemáticas em madeira, com persianas; emprego de pátio interno, além da elevação da casa do solo, possibilitando no conjunto uma considerável melhoria climática.

Na obra da Casa Rozemblitz, a relação entre arte e arquitetura é bastante visível, com a presença de painéis decorativos em forma de afrescos, que foram adotados no interior da mesma, como os do artista plástico Lula Cardoso Ayres, que retrata uma cena de dança típica de Recife, o “frevô”, representado de forma cubista, e outro, de autoria do artista plástico Wilton Sousa, nas cores bege e preto que retrata uma cena de um pescador.

Sua trajetória na cidade de Campina Grande foi de grande importância, conforme escreveu Meira e Afonso (2016), pois se pode afirmar que ele foi um dos precursores em projetos de edifícios em altura, no bairro central da cidade, projetando ali, as três edificações mais altas no núcleo histórico central: o Edifício Rique, de 1957 que marcou o início

da verticalização na cidade; o Edifício Palomo, de 1962; e o Edifício Lucas, de 1963. Todos adotaram a linguagem moderna e se distinguem da maioria das edificações do entorno, que eram em estilo Art Déco.

Pode-se afirmar que Marques adotou nestes projetos, alguns dos princípios presentes na Escola do Recife (AFONSO, 2006), entre eles: a estruturação e a ordenação das plantas, no que diz respeito ao controle da modulação, tramas ordenadoras e à resolução de programas; as possibilidades estruturais empregadas pelas mesmas; a atenção dada ao detalhe de escadas e rampas; as soluções climáticas adotadas em planta, na implantação e uso de blocos, no uso de pátios e terraços.

Além disso, observou-se a busca em soluções climáticas que interferiam na volumetria, podendo-se aqui destacar pontos resultantes que se converteram em constantes projetuais, tais como os arremates em concreto envolvendo e protegendo as esquadrias externas; o uso de revestimentos cerâmicos nas fachadas, protegendo-as das intempéries; os fechamentos de paredes através de esquadrias detalhadas em madeiras vazadas, ou de elementos

fixos, como brises, cobogós, buzinotes, e parapeitos ventilados.

Sobre estes três edifícios, que foram responsáveis pelo início do processo de verticalização na cidade, Almeida (2010, p.151) os analisou, realizando um resgate documental, que necessita, entretanto, um maior aprofundamento analítico, mas que trouxe à tona a importância deles para a realização de estudos sobre a transformação do cenário urbano local. Inclusive, a autora chama a atenção para a necessidade de se realizar um estudo sobre a produção do profissional, pois muitas questões ainda estão em aberto, sobre sua biografia e obra.

Queiroz e Rocha (2006, p. 11) também citaram as obras de Hugo Marques ao escreverem sobre modernidade campinense, e o papel delas, numa tipologia de uso misto, que reunia em um só edifício, setores habitacional, de serviços, comércio e lazer- numa cidade que aspirava pela modernidade, e, pelo progresso.

Nessa mesma época, foi projetado o edifício Motta (1962), que não chegou a ser concluído, ficando a obra semiabandonada. Em projeto desenvolvido

para esse edifício e seu entorno, o Complexo Motta (2015), que visa aproveitar a estrutura existente, o escritório Vila Nova Arquitetura, escreveu em seu site sobre o projeto:

O chamado Edifício Motta foi projetado em 1962, pelo arquiteto-licenciado carioca, mas radicado em Recife, Hugo Marques. Inacabado, sofre do que Luiz Amorim identifica como morte prematura, em seu Obituário arquitetônico: Pernambuco modernista (2007). A obra foi abortada antes da conclusão. É um dos exemplares da série de edifícios similares concebidos pelo arquiteto no mesmo período para a cidade, apresentando como características: programa de usos mistos, distribuídos em volumes distintos (base horizontal: comércio e serviço + andar vazado + torre: habitação); apartamentos mínimos; estrutura de concreto armado, desvinculada das alvenarias de vedação, possibilitando plantas livres e a ampliação e multiplicação dos vãos de esquadrias; mecanização de instalações hidrossanitárias, coleta e destino dos resíduos e circulações verticais (elevadores); interlocução direta com o espaço público,

seja pela implantação nos limites frontais do lote, permeabilidade visual entre interior e exterior no pavimento térreo (lojas), marquise sobre o passeio ou pela formação de galerias comerciais no interior de alguns dos edifícios. Estrutura e alvenarias de todos os 14 pavimentos foram construídas, e abandonadas logo em seguida. Desde então, apenas o pavimento térreo foi ocupado com atividades comerciais. Os demais estão sem uso, em um contínuo processo de degradação, em uma das áreas de maior potencial do Centro de Campina Grande. (COMPLEXO MOTTA, 2015, s/p)

O que se pode observar ao revisitar as obras do profissional, é que sua produção foi intensa na cidade de Campina Grande, durante quase duas décadas, os anos 50 e 60 do século XX - sendo responsável por edifícios de grande porte, estando envolvidos neles profissionais importantes da indústria da construção civil na cidade, como o engenheiro Lynaldo Cavalcanti, que calculou alguns de seus projetos; e construtoras, como a do engenheiro Edson do Ó, entre outros.



PHILIPPINE LIFE
PHILIPPINE LIFE
PHILIPPINE LIFE

GRAND HOTEL
GRAND HOTEL

TAXI TAXI

Hotel
Hotel

Hotel de Comercio
Hotel de Comercio

OPACIO



Conclui-se aqui, ressaltando-se que há muito que ser estudado ainda, sobre a obra de Hugo Marques, como um todo, tanto sua produção recifense, que é quase inexistente, quanto em Campina Grande, que apenas foi tratada de forma muito rápida pelos autores anteriormente citados.

Espera-se que esse capítulo sirva de base para futuras investigações a respeito do personagem e seu trabalho.

2. LISTAGEM DE OBRAS

Obras em Recife-PE:

1940_ Casa Navio. Boa Viagem. Demolida (1981)

1945_ Edifício Almare. Santo Antônio. Recife

1950_ Edifício Almare Anexo. Santo Antônio. Recife

1953_ Edifício Igarassu. Santo Antonio. Recife

1958_ Casa Rozemblitz. Bairro de Parnamirim.

Obras em Campina Grande-PB:

1952_ Residência de José Marcus Giovanni Gioia.

1952_ Edifício para o SESI

1954-56_ Edifício para Associação Comercial

1957_ Edifício Rique.

1960_ Casa Manoel Holanda de Oliveira

1962_ Edifício Palomo.

1962_ Residência João Felinto de Araújo

1962_ Edifício Paraná. Uso multifamiliar com 3 pavimentos.

1962_ Edifício Motta. (inacabado)

1963_ Edifício Lucas

1963_ Fórum de Campina Grande (Atualmente, utilizado pelo Juizado do Consumidor)

1964_ Casa Custódio Miranda.

1965_ Hotel Ouro Branco.

1968_ Clínica Santa Clara



3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

AFONSO, A. *La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50 en Recife*. Tesis doctoral Departamento de proyectos arquitectónicos. ETSAB/UPC. Barcelona. 2006.

AFONSO, A.; MEIRA, R. *A obra de Hugo Marques no centro histórico de Campina Grande, PB. 1957-1963*. XI Seminário Docomomo Brasil. Recife: 2016.

ALMEIDA, A. *Modernização e modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-25042011-094113/>>. Acesso em: 24 de ago. 2015.

ALMEIDA, A. *Arquitetura Moderna Residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960 - 1969)*. Monografia (Graduação em Arquitetura

e Urbanismo). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

Complexo Motta. Em rede: http://vilanovaarq.com/wp-content/uploads/2015/01/Vila-Nova_Complexo-MOTTA.pdf. Campina grande: Vila Nova arquitetura. 2015. Acesso em: 19 de jul. 2020.

GARCIA, M. *A prata que vale ouro: A casa moderna da década de 60*. Campina Grande: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande. 2018.

GOETHE, P. *Era uma casa muito engraçada*. Postagem de 12 de fevereiro de 2016. Em rede <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/direto-daredacao/2016/02/12/era-uma-casa-muito-engracado/>. Acesso em 17 de julho de 2020.

Guia de Arquitetura Moderna no Recife. Recife: 11 ° Seminário Docomomo_Brasil, 2016. Em Rede <https://issuu.com/fernandoalmeida18/docs/momotur> Acesso em: 18 de jul. 2020.

QUEIROZ, M.; ROCHA, F. *Caminhos da Arquitetura Moderna em Campina Grande: emergência, difusão e produção dos anos 1950*. In: Diniz, Fernando (org.). *Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife: FASA, 2007, p. 259 -278.



647

RESIDÊNCIA JOÃO FELINTO DE ARAÚJO

1962

Para a análise arquitetônica da obra em pauta será adotada a metodologia proposta por AFONSO (2019) que propõe o olhar sobre as dimensões arquitetônicas da edificação, a fim de facilitar a compreensão de sua composição como um todo. Informa-se aqui, que esta casa foi estudada anteriormente por GARCIA (2018) em seu TCC sobre a modernidade no bairro da Prata; e por equipe de alunos da disciplina de projetos arquitetônicos 5, do curso de arquitetura e urbanismo da UFCG. (DANTAS et all.2018)



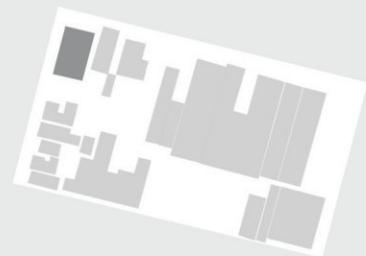
IMPLANTAÇÃO CIDADE

0 1200 1500 3000 M



IMPLANTAÇÃO BAIRRO

0 200 400 1200 M



IMPLANTAÇÃO QUADRA

0 20 60 2000 M

Residência João Felinto
de Araújo, 1962

Rua Antenor Navarro esquina com Av. Rio Branco,
n°647, Prata. Campina Grande, PB.
Autor e equipe_ Projeto arquitetônico de Hugo de
Azevedo Marques.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

Em pesquisas realizadas, verificou-se que a residência em análise não possui tombamento, e nenhum outro tipo de proteção legal junto aos órgãos preservacionistas. Segundo informações colhidas no Plano Diretor vigente na cidade (2006), a localidade na qual se encontra inserida está classificada como zona de qualificação urbana. Garcia (2018) em trabalho sobre o bairro da Prata e suas transformações urbanas ao longo dos anos, escreveu sobre a preservação legal do imóvel ali localizado:

Quanto à preservação legal, esta edificação não se encontra protegida, pois não está inserida em área de interesse cultural (ZEIC- Plano Diretor, 2006), nem foi cadastrada ou registrada na listagem de bens imóveis tombados de Campina Grande. Assim, qualquer intervenção está legalmente autorizada, até mesmo o seu desaparecimento. Essa situação de risco é preocupante (grifo das autoras), uma vez que imóveis em bairros centrais como a Prata, tornam-se alvo da especulação

imobiliária, principalmente no caso deste exemplar, por se tratar de um lote de grandes dimensões. (GARCIA, 2018, p.142)

Como afirmado por Garcia (2018), o bairro da Prata vem passando por um grave problema na preservação do acervo moderno, pois a maior parte das casas vem sendo demolidas, ou descaracterizadas, para dar lugar a usos na área de serviços médicos hospitalares. Nos últimos anos, casas de esquina que ocupavam grandes lotes foram demolidas para a construção de redes de farmácias que disputam a clientela, por exemplo, deixando a comunidade preservacionista preocupada com a falta de uma política cultural que preserve os bens modernos ainda existentes no bairro, como por exemplo, a Casa José Felinto. O GRUPAL vem documentado tais bens, e realizando um trabalho de inventário, análises arquitetônicas, reconstrução virtual, educação patrimonial na tentativa de salvar o pouco que ainda resta.

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Garcia (2018, p.125) escreveu que quanto à história desta edificação, “sua construção foi solicitada em abril de 1962, pelo comerciante do ramo de embalagens plásticas, João Felinto de Araújo”. O projeto foi encomendado ao Hugo Marques e aprovada pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Este foi zoneado em três setores: social, serviço e íntimo, possuindo 591m² de área, tendo o pavimento inferior 187m² e o superior 404m² de área. No entanto, este passou por modificações entre o projeto e a sua execução.

A obra, que teve como engenheiro responsável Nilton de Almeida Castro, passou por modificações nos setores social e serviço. Estas dizem respeito a retirada da dispensa e a união das duas cozinhas em uma única, além da diminuição da varanda, tais modificações resultaram uma diminuição da área construída para um total de 510m² de área construída.

Na época da construção da casa, já existia no seu entorno o Centro de Educação Profissional Professor Stenio Lopes (SENAI), a Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro e estando sendo concluída a obra para do Centro de Atividades Aprígio Velloso da Silveira (SESI- Clube do Trabalhador), projeto do arquiteto pernambucano, Tertuliano Dionísio.

De acordo com depoimento da senhora Doura Felinto (2018), viúva de João Felinto e proprietária da residência, foi dada ao arquiteto total liberdade em relação ao projeto e escolhas de materiais, e que esta era considerada a “menina dos olhos de Hugo”. A construção permanece até presente momento como moradia da família Felinto, e de acordo com a proprietária, quando é necessário algum tipo de manutenção, esta é realizada por profissionais que não descaracterizam o imóvel. Desde a sua construção a residência sofreu diversas intervenções pontuais, entretanto, estas não alteraram a sua volumetria ou estruturas.

3 DIMENSÃO ESPACIAL

A casa está inserida em um lote de esquina, entre a Rua Antenor Navarro e a Av. Rio branco, nº647, bairro da Prata, na cidade de Campina Grande, Paraíba.

O bairro da Prata, desde sua origem, na década de 40, abrigou edificações de boa qualidade arquitetônica e construtiva, como o Castelo da Prata e o Colégio Estadual (atualmente, descaracterizado) - o “Estadual da Prata”, maior e mais tradicional escola pública do município. Devido à sua proximidade do bairro Centro, o local recebeu uma boa infraestrutura urbana e ocupa uma colina na cidade, possuindo uma vista privilegiada. (AFONSO E GARCIA, 2018).

Durante a década de 60, do século XX, época de desenvolvimento econômico industrial campinense, a Prata foi o bairro que mais se desenvolveu em termos de infraestrutura urbana, podendo-se observar um traçado de quadras regulares, ruas largas, com calçadas, praças, e um conjunto arquitetônico de residências modernas que o tornou um bairro nobre no cenário campinense.

Devido à sua boa acessibilidade e proximidade com o Centro, o bairro da Prata recebeu boa infraestrutura

urbana, além de ocupar uma porção alta da cidade com vista privilegiada. Com tantas potencialidades, o bairro logo protagonizou a descentralização dos serviços antes concentrados no Centro, sendo conhecido nos dias de hoje como polo médico da cidade, após o surgimento de atividades destinadas à saúde a partir da década de 1980, além da implantação da Feira da Prata existente há mais de 50 anos, responsável pela expansão da Feira Central. (AFONSO e GARCIA , 2018, s/p).

Afonso e Meneses (2015) através de pesquisas realizadas sobre a modernidade arquitetônica campinense constataram que ali foram projetadas e construídas as mais ricas residências locais, que adotaram a linguagem moderna como vocabulário plástico formal, como por exemplo, a Casa José Felinto.

A quadra na qual a residência está localizada, possui, aproximadamente, metade de sua área ocupada por um conjunto de edificações que abrigam a casa de saúde Dr. Francisco Brasileiro, tendo o terreno do imóvel analisado uma área total de 936 m².



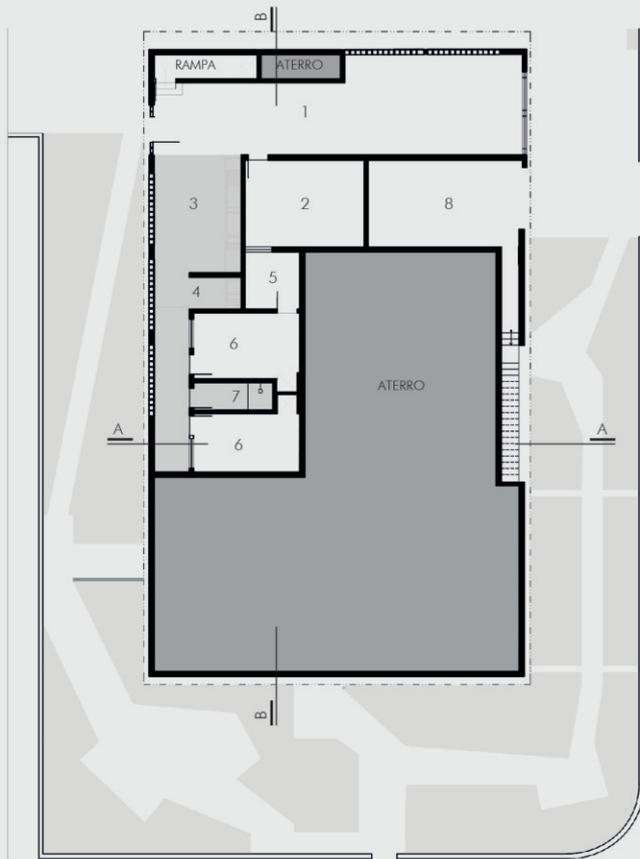


CORTE AA



CORTE BB

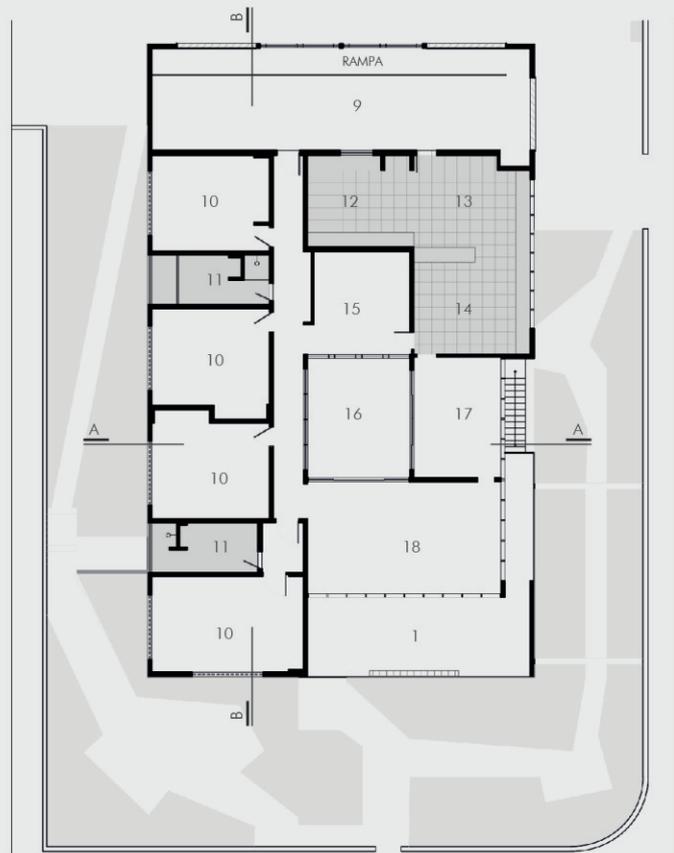




PLANTA BAIXA - PAV. SUBSOLO



- | | |
|----------------------------|----------------------|
| 1 - Terraço | 6 - Quarto empregada |
| 2 - Engomados | 7 - WC Serviço |
| 3 - Lavanderia - família | 8 - Garagem |
| 4 - Lavanderia - empregada | |
| 5 - Roupa passada | |



PLANTA BAIXA - PAV. TÉRREO



- | | |
|---------------|--------------------|
| 9 - Varanda | 14 - Copa |
| 10 - Quarto | 15 - Costura |
| 11 - WC | 16 - Pátio interno |
| 12 - Despensa | 17 - Refeições |
| 13 - Cozinha | 18 - Sala estar |

O acesso de pedestres é realizado pela Av. Rio Branco, com muro frontal de gradis que possibilita certa permeabilidade visual. O acesso de veículos se dá pela outra rua, a Antenor Navarro, e o muro desta rua adotou um desenho escalonado, revestido com pedras.

O terreno possui uma topografia acidentada e foi tratado com desníveis e contenção realizada através de muro de arrimo e aterro, para nivelar parte do projeto. O agenciamento paisagístico, de forma muito bem solucionada, trabalhou com planos para tratar o problema, implantando a casa na parte de cota mais elevada, a fim de tirar partido da ventilação e da visualização para o jardim.

A residência possui dois pavimentos e sua planta baixa é dividida em zonas social, íntima, de serviço e lazer. O pavimento térreo em relação à Av. Rio Branco foi tratado com elevação de nível, e concentra a zona social, íntima, e a parte do serviço, constituída por copa e cozinha.

O pátio interno, existente nesse pavimento, criou uma riqueza plástica, além de contribuir com o microclima na edificação, através da iluminação e ventilação natural, bem como converge as três zonas do andar.

Internamente, a configuração em planta foi feita a partir de um zoneamento de usos. Logo, foi subdividida em três zonas: social, íntima e de serviço, distribuídas em meios níveis enfatizando um relacionamento próprio entre si e com o terreno. Um pátio interno central funciona como núcleo e elemento separador entre as zonas, além de permitir maior incidência de iluminação natural. (GARCIA, 2018, p.128)

O segundo pavimento, fica no nível mais baixo do terreno, podendo ser acessado pela Rua Antenor Navarro, ali estava implantado, no projeto original: a área de serviço, composta por duas dependências, BWC, lavanderia, e garagem. Os acessos entre pavimentos são realizados por uma rampa interna, e por uma escada externa.

Garcia (2018) realizou a análise arquitetônica desse imóvel, escrevendo sobre a solução do programa em planta:

Um ambiente denominado costura faz a transição entre a zona de serviço e a zona íntima dos quartos. Três dormitórios, sendo dois deles iguais, e o último muito semelhante mudando apenas o layout, volta-se para o recuo lateral. Apenas o quarto do

casal está voltado para o jardim frontal, possuindo a melhor orientação. A sala vedada por panos de vidro integra-se totalmente ao terraço. Neste, apenas uma parede de cobogó cerâmico resguarda o ambiente de transição entre público e privado. (GARCIA, 2018, p.128).



4 DIMENSÃO TECTÔNICA

Em relação à estrutura da residência, foi utilizado o sistema do concreto armado, sem estrutura aparente, trabalhando com laje em concreto maciço, e o pavimento inferior estruturado com um muro de arrimo em pedra natural. A casa possui modulação variada, sendo a estrutura da área íntima sistemática e das demais áreas sintomática.

Quanto às peles, foram utilizados o belo pano de cobogós cerâmicos amarelos, os panos de brises soleils, esquadrias em madeira e vidro com persianas e janelas basculantes em ferro e vidro, variando de acordo com cada fachada e sua devida proteção climática.

Com relação à cobertura, esta foi arrematada por platibanda, que oculta o jogo de 4 pares de duas águas e um de uma água, que resolveram a queda das águas captadas por calhas.

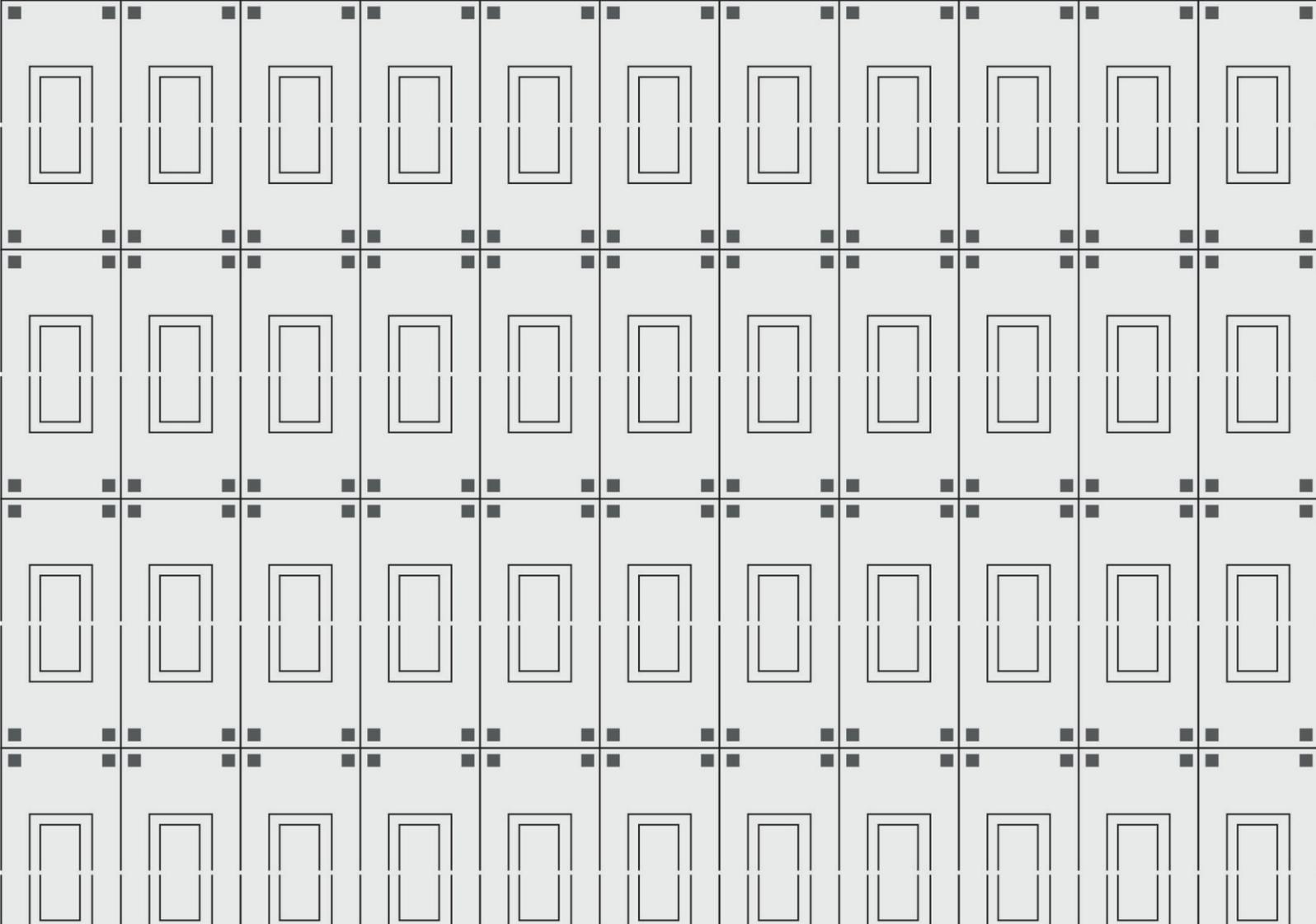
Como revestimentos empregados na obra, despertou interesse o azulejo verde empregado na cozinha;

o bonito azulejo utilizado como revestimento do pátio interno, com um desenho muito peculiar; os pisos modulados em granilite nas áreas molhadas; os tacos de madeira empregados em alguns espaços da casa; as pedras da região agreste empregadas na base e em pisos externos e o mármore usado no detalhe construtivo da escada de acesso principal, que enriquece a tectônica da obra, com seu rico detalhe.

Observou-se uma atenção especial do arquiteto quanto aos detalhes, presentes em escadas, esquadrias, corrimãos e no tratamento dado ao paisagismo da casa.







5 DIMENSÃO FORMAL

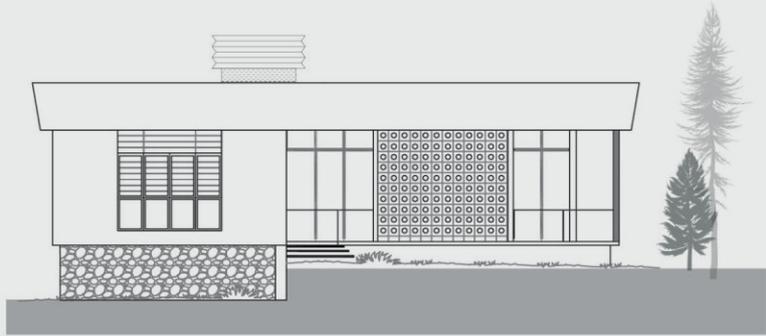
Quanto à linguagem formal empregada, é nítida a linha moderna adotada, devido ao uso dos recursos que caracterizam a arquitetura moderna. Pode-se observar na obra, uma composição diferenciada, quando relacionada às obras de profissionais que atuaram na cidade de Campina Grande, como Geraldino Duda.

Quando se compara à sua produção recifense, como a Casa Rozemblitz, por exemplo, observa-se a linha do arquiteto, em soluções que remetem à obra do mestre carioca Lúcio Costa, no projeto da Casa Saavedra. A solução do tratamento das esquadrias, o “espalhamento” da solução da planta baixa, o uso de pátios internos, a elevação da casa do solo, a materialidade, enfim, foram elementos muito presentes em toda a produção moderna nordestina, e muito influenciada pela Escola Carioca. (AFONSO, 2006).

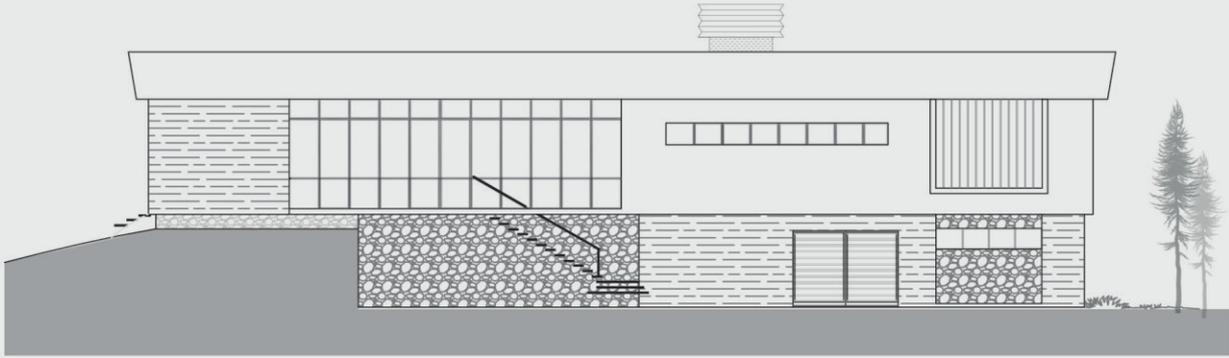
6 DIMENSÃO FUNCIONAL

A obra foi projetada para funcionar como residência e ao longo dos anos, sempre manteve a sua função original. Contudo, levantou-se que de 1962 até o momento, a mesma passou por reformas e melhorias para adaptações funcionais em três momentos específicos: o projeto original, o projeto executado e o projeto atual.

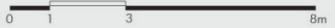
As modificações programáticas ocorreram na sala de costura que se tornou uma sala de televisão; os quartos de dependência que passaram a ser utilizados como depósitos, e a modificação do terraço, que passou a funcionar como academia e espaço de lazer. Observou-se ainda, a diminuição da varanda para a implantação de um banheiro e um closet em um dos quartos, além de um aumento na extensão da garagem. No decorrer dos anos, a família adquiriu um terreno vizinho, que foi integrado à casa, e construído um anexo para abrigar a residência de um dos filhos do proprietário, assim como, a implantação de uma piscina.



FACHADA PRINCIPAL



FACHADA LATERAL ESQUERDA



CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Em relação à conservação física, Garcia (2018) colocou que o estado era considerado muito bom, devido a nenhuma alteração volumétrica ter sido feita, sendo mantido assim, seus valores de integridade e autenticidade.

Os problemas patológicos são pequenos, tais como:

1_ A platibanda apresenta alterações cromáticas que indicam infiltração na cobertura, entretanto, não se pode afirmar a sua causa.

2_ Os revestimentos internos apresentam desgaste devido ao tempo e alguns tiveram que ser retirados ou substituídos devido à necessidade de manutenção, entretanto, a substituição não foi feita com o material original, o que trouxe um aspecto não uniforme ao ambiente.

3_ Os revestimentos externos necessitam de manutenção contra fenômenos atmosféricos e biológicos, principalmente a chuva, a vegetação e micro-organismos.

4_ As esquadrias demonstram sinais de corrosão, flambagem, oxidação e quebra. Sendo as janelas e grades os elementos em pior estado de conservação na residência, necessitando de manutenção e reparos imediatos.

Apesar desses danos, pode-se dizer que a residência se encontra em um bom estado de conservação, e que seus danos podem ser reparados com facilidade, principalmente por não serem estruturais. Foi percebido, também, que a maior parte das intervenções realizadas na construção ocorreu devido à mudança de necessidades da família ao longo dos anos, mas que estas não alteraram a volumetria da edificação.

A família, por ser sempre a usuária do bem, o mantém bem preservado, possibilitando assim, um estudo e compreensão da modernidade arquitetônica residencial: um bom exemplo a ser seguido.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. Revista *Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 4, n. 3, p. 54-70, dez. 2019.

AFONSO, A. *O processo de industrialização na década de 1960 e as transformações da paisagem urbana de Campina Grande*. 2017. Em rede: <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/107530>. Acessado em: 10 nov. 2017.

AFONSO, A.; GARCIA, M. *A relação entre cidade moderna e industrialização: O caso do bairro da prata em Campina Grande. Paraíba*. Em rede: <https://www.revistas.ufg.br/revjat/article/view/61787/34114>. Revista *Jatobá*, Goiânia, 2019, V.1.

AFONSO, A.; GARCIA, M. *Reconhecimento da paisagem moderna da Prata. Campina Grande. PB*. Belo Horizonte: 5º colóquio ibero-americano paisagem cultural. Projeto e patrimônio. 2018.

AFONSO, A.; GARCIA, M. *A modernização da cidade de Campina Grande e o bairro da Prata nos anos 60*. Belo Horizonte: II Simpósio Científico do ICOMOS BRASIL, 2018.

AFONSO, A.; GARCIA, M. *Arquitetura moderna e industrialização: o bairro da Prata nos anos 60*. Gijón: XIX Jornadas Internacionales de Patrimonio Industrial, INCUNA, 2017.

AFONSO, A.; MENESES, C. *A Influência da escola do recife na arquitetura de Campina Grande 1950-1970*. Belo Horizonte: Anais do 4º Seminário Ibero-americano de Arquitetura e Documentação. 2015.

DANTAS, E. et al. *Levantamento em Edificação de Interesse Histórico: Estudos Preliminares | Estudos da Conservação*. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

GARCIA, M. *A prata que vale ouro: A casa moderna da década de 60*. Campina Grande: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande. 2018.

Plano Diretor do Município de Campina Grande. Lei Complementar Nº 003, de 09 de outubro de 2006. Campina Grande: Prefeitura Municipal. 2006.

CAP 18

RAUL DE LAGOS CIRNE: ESTÁDIO ERNANI SÁTIRO
- "O AMIGÃO". 1974/1975.

ALCÍLIA AFONSO



RAUL DE LAGOS CIRNE

1928-2014

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Raul de Lagos Cirne é filho de Otto Pires Cirne e Maria de Lourdes de Lagos Cirne, e nasceu no dia 04 de agosto de 1928, em Belo Horizonte. Gradou-se Engenheiro Arquiteto pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1951, quando iniciou, em seguida, suas atividades como arquiteto. Sobre a importância de sua formação como arquiteto nesta escola, no site da UFMG (2014, s/p) há um texto que coloca que:

A Escola de Arquitetura da UFMG fundou-se em 1930, no propósito de formação de profissionais engenheiros-arquitetos, conforme o desejo de seus idealizadores. No Brasil, foi a primeira escola a se organizar de forma autônoma em seu conhecimento estrito de arquitetura, pois é sabido que nesta época existiam apenas cursos de arquitetura anexos a Escolas de Engenharia ou de Belas Artes. (UFMG, 2014, s/p).

Na sua formação como arquiteto, Cirne conviveu com a implantação da linguagem moderna na cidade, tendo a presença de Juscelino Kubitschek para prefeito, em 16 de abril de 1940, que foi decisiva para a instalação definitiva do modernismo na capital mineira. JK, como era conhecido, médico de 38 anos, mesmo com seus ideais democráticos frente a questionável legitimidade do Estado Novo, aceitou a nomeação do cargo de prefeito. Ainda no texto do site da UFMG (2014, s/p) há uma observação importante sobre este momento:

Observa-se nesse momento de consolidação do Modernismo em Belo Horizonte após 1940, uma relação dialógica entre as artes, arquitetura e demais linguagens artísticas, incentivada por uma política determinada de JK - transformar a cidade em uma metrópole moderna. Kubitschek ao implantar a Pampulha não criou uma nova arquitetura a partir apenas da

criatividade de Niemeyer, mas a relacionou com outras manifestações de arte como o paisagismo de Burle Marx e a plástica de Portinari e Ceschiatti, caracterizando o conjunto em uma expressão mais ampla da cultura.

A arquitetura de Belo Horizonte inseriu-se no ambiente modernista dos anos 50 e 60 pelas resoluções de programas voltados apenas para as necessidades das classes abastadas e construções de equipamentos que garantissem o funcionamento e afirmação da nova política municipal, estadual e federal.

Após sua formação como arquiteto, Cirne iniciou uma brilhante carreira profissional, prestando consultoria como arquiteto para diversas instituições, tais como, a CEMIG- Centrais Elétricas de Minas Gerais, para a elaboração de projeto do edifício da sede situado na Av. Barbacena, bairro Santo Agostinho, Belo Horizonte; para a SEEBLA- Serviços de Engenharia Emilio Baumgart Ltda; para a Engevix- Estudos e Projetos de Engenharia, filial de Belo Horizonte; e para a SUDECAP para

estudos de soluções dos sistemas viários da Praça Sete e Praça Raul Soares.

Além disso, sempre foi um profissional engajado às associações profissionais, estando vinculado ao I. A. B./ Instituto de Arquitetos do Brasil, no qual foi diretor; à S. M. E. - Sociedade Mineira de Engenheiros, na qual também atuou como diretor e, ao C. R. E. A. - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

Participou de diversos concursos públicos, tendo sido vencedor nos realizados para a sede do Banco do Comércio e Indústria, em 1952 e para sede do CREA de Minas Gerais, em 1978.

Na sua produção arquitetônica destacam-se os projetos desenvolvidos para o Hospital de Olhos em Nova Lima, Minas Gerais; o estádio municipal João Havelange de Uberlândia, e o Palace Hotel de Belo Horizonte.

Durante os anos setenta trabalhou como arquiteto da empresa mineira SEEBLA/ Serviços de Engenharia Emilio Baumgart LTDA, que desenvolvia projetos para várias cidades brasileiras, inclusive,

para o estado da Paraíba e Piauí, tais como o Estádio Albertão (Teresina), e o Monumento do Jenipapo, localizado em Campo Maior, o estádio Ernani Sátiro (Amigão) em Campina Grande e o Estádio Almeidão, em João Pessoa.

Uma informação curiosa foi descobrir o elo existente entre Raul Cirne e a SEEBLA. Investigando-se sobre os vínculos pessoais e profissionais, chegou-se aos nomes do engenheiro Gil César Moreira de Abreu (CARVALHO e ABUJAMRA, 2008). A esposa de Raul Cirne, Marília, era irmã do engenheiro Gil César, graduado em Engenharia Civil pela Universidade de Minas Gerais (UMG), que foi o construtor do estádio de futebol Mineirão, conhecido como Gigante da Pampulha.

Gil Moreira foi nomeado aos 26 anos, para coordenar os trabalhos de engenharia do estádio Mineirão, juntamente com outros engenheiros que formavam a equipe responsável pelo grande empreendimento de Belo Horizonte, que exerceu grande influência na solução arquitetônica do estádio Albertão, que Raul Cirne projetou nos anos 70 no Piauí.

Gil César Moreira de Abreu transformou-se ao longo dos anos, em um importante construtor e empreendedor mineiro, com relações profissionais bem articuladas em nível nacional, e através de parcerias com a SEEBLA, deu oportunidade ao seu cunhado e arquiteto Raul Cirne a desenvolver projetos em várias cidades brasileiras.

2. LISTAGEM DE OBRAS

Notabilizaram-se, nesta época, a verticalização e a estética da arquitetura, principalmente no centro da cidade, e os edifícios institucionais como representantes autênticos de um novo tempo do modernismo belo-horizontino, como por exemplo:

1950_Secretaria do Tribunal de Justiça;

1951_Edifício Clemente Faria Banco da Lavoura;

1952_Edifício Banco Nacional;

1953_Sede do BEMGE;

1953_Sede do DCE da UFMG;

1954_Biblioteca Pública Estadual;

1957_Faculdade de Direito da UFMG;

1964_Edifício Sede do IPSEMG;

1966_Estádio Magalhães Pinto;

1969_Edifício Sede do BDMG;

Em Campina Grande, projetou:

1975_Estádio Ernani Sátiro – “O Amigão”.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

AFONSO, A. *Raul Cirne: A presença mineira no nordeste brasileiro*. Em rede: <https://grupodepesquisaarquiteturaelugar.blogspot.com/2020/04/raul-cirne-presenca-mineira-no-nordeste.html>. Acesso em 12/06/2020.

AFONSO, A. *O estádio Amigão _Ernani Sátiro em Campina Grande.Raul de Lagos Cirne em CG.PB*. 2018. Em rede: <http://grupodepesquisaarquiteturaelugar.blogspot.com/2018/05/o-estadio-amigao-ernani-satyro-em.html>. Acesso em 12/06/2020.

AFONSO, A. *Arquitetura e estrutura: a obra de Raul Cirne em estádios de futebol do Piauí e da Paraíba nos anos 70*. Manaus: 7º Docomomo Norte Nordeste. 2018.

AFONSO, A; SOBREIRA, C. *A presença da arquitetura mineira na construção da paisagem moderna na Paraíba. Estádio Ernani Sátiro. Campina Grande. 1974-1975*. Anais do 4º Colóquio Ibero Americano. Paisagem cultural, paisagem e patrimônio. Belo Horizonte. 2016.

AFONSO, A; e VERISSIMO, V. *Arquitetura moderna em Teresina. Guia*. Teresina: EDUPI, 2015.

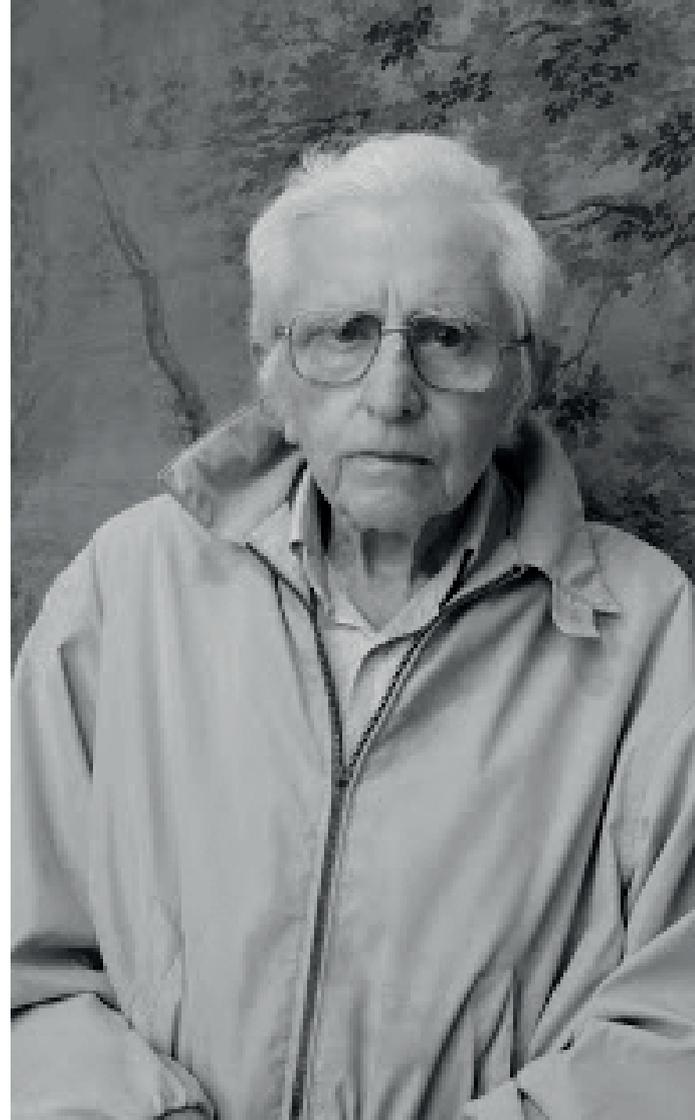
AFONSO, A. *Arquitetura brutalista no Piauí nos anos 1970*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 174.02, Vitruvius, dez. 2014 <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.174/5367>>. Acesso em: 04.mar.2016.

AFONSO, A. *Entrevista com o arquiteto Raul Cirne. Concedida em sua residência em Belo Horizonte no dia 11 de novembro de 2013.* Belo Horizonte. 2013.

AFONSO, A; NEGREIROS, A. *Documentos da arquitetura moderna no Piauí.* Teresina: EDUPI, 2010.

CARVALHO, A; ABUJAMRA, A. (org). *Gil César Moreira de Abreu. A Construção de uma Vida.* Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2008.

CARSALADE, F; LEMOS, C. (org). *Escola de arquitetura da UFMG: lembranças de um passado, visão de um futuro.* Belo Horizonte: EA/ UFMG. 2010.





INSTITUTO O AMIGAO

ESTÁDIO GOVERNADOR ERNANI SÁTIRO

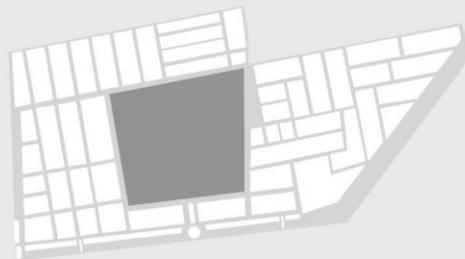
1974/1975

O edifício a ser analisado trata-se do estádio de futebol governador Ernani Sátiro, conhecido como “O Amigão”- construído entre os anos de 1974 a 1975. Será analisado utilizando a metodologia proposta por Afonso (2019), que trabalha com as dimensões arquitetônicas da obra.



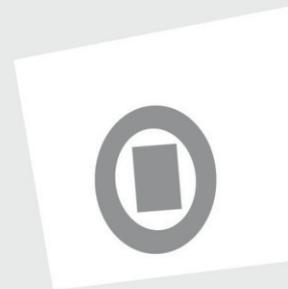
IMPLANTAÇÃO CIDADE

0 1200 1500 3000 M



IMPLANTAÇÃO BAIRRO

0 200 400 1200 M



IMPLANTAÇÃO QUADRA

0 75 225 450 M

Estádio de futebol Governador Ernani
Sátiro, 1975/1975

Avenida Vigário Calixto s/n. (av. João Wallig), Itararé,
Campina Grande, PB.
Projeto arquitetônico de Raul Cirne e gerenciamento da
obra, engenheiro Gil Cesar Moreira.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

O edifício não possui proteção legal para a sua preservação em nenhum nível.

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

“O Amigão” foi construído entre 1974 – 1975, e inaugurado em 08 de março de 1975; O estádio ficou assim conhecido, devido ao Governador Ernani Sátiro (1971-1975) usar sempre a expressão “velho amigo” quando se dirigia aos seus companheiros.

O engenheiro Gil César Moreira de Abreu, foi convidado pelo Governo Federal para gerenciar as obras construídas pela SEEBLA, para os vários estádios pelo Brasil, devido a sua experiência à frente do Estádio Mineirão, localizado em Belo Horizonte- que havia se tornado uma “referência nacional e até internacional, porque era considerado na época, como o segundo maior estádio coberto do mundo”. (CARVALHO e ABUJAMRA, 2008, p.107).

análise dimensões
arquitetônicas



3 DIMENSÃO ESPACIAL

A edificação está localizada em uma área de 25 hectares que foi desapropriada para a construção do estádio. A escolha do lugar para implantar a obra considerou a facilidade de acesso do local, que fica muito próximo às rodovias federais, e ao Aeroporto de Campina Grande.

Quanto ao seu espaço interno, observa-se que o edifício é constituído de uma planta baixa em forma elíptica marcada pela estrutura aparente dos pórticos em concreto armado e utilizada como recurso estético da composição. Possui uma arena com a dimensão de 110 m x 75 m, e a capacidade para cerca de 30 mil espectadores, observando-se que a estrutura à mostra marca a composição interna espacial.

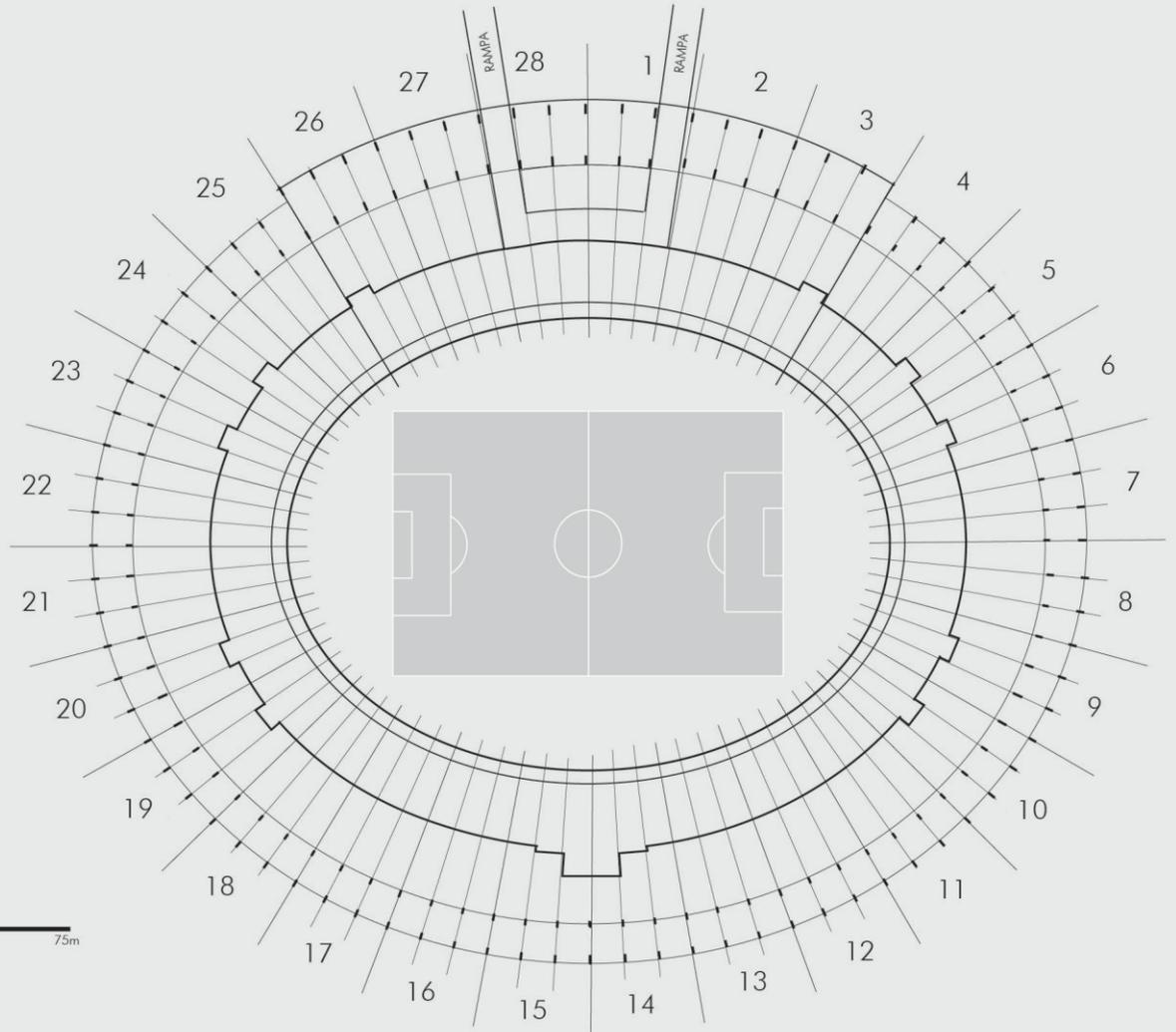
Um fato curioso, é que o “Amigão”, possui a mesma configuração espacial do Estádio José Américo de Almeida Filho- Almeidão, em João Pessoa, por terem sido projetados pelo mesmo arquiteto, e executados pela construtora SEEBLA.

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

A essência das obras brutalistas pode ser observada em seu sistema estrutural, que se faz presente, compondo a volumetria. Na concepção de que “a verdade estrutural” dos edifícios não pode ser escondida, vigas, pilares e outros elementos da construção ficam expostos, sendo eles os responsáveis pela plasticidade da obra.

A riqueza da solução estrutural é a responsável pelo resultado formal da obra, que de maneira elegante, proporcional, harmoniosa e bem detalhada alcançou um resultado de excelência de concepção arquitetônica, provando mais uma vez, que a boa relação entre o conhecimento construtivo de arquitetos e engenheiros é fundamental.

O uso do sistema construtivo em concreto armado de forma interativa nas etapas de projeto e de execução acarretou uma obra robusta e marcante no cenário da arquitetura campinense.



PLANTA-BAIXA GERAL

0 10 37,5 75m

5 DIMENSÃO FORMAL

A obra utiliza de marquise nas arquibancadas, que trabalha com grande balanço em concreto armado. A forma arquitetônica tirou partido da estrutura para conceber a obra e adotou o concreto armado como sistema construtivo e sua textura aparente predomina na materialidade do edifício.

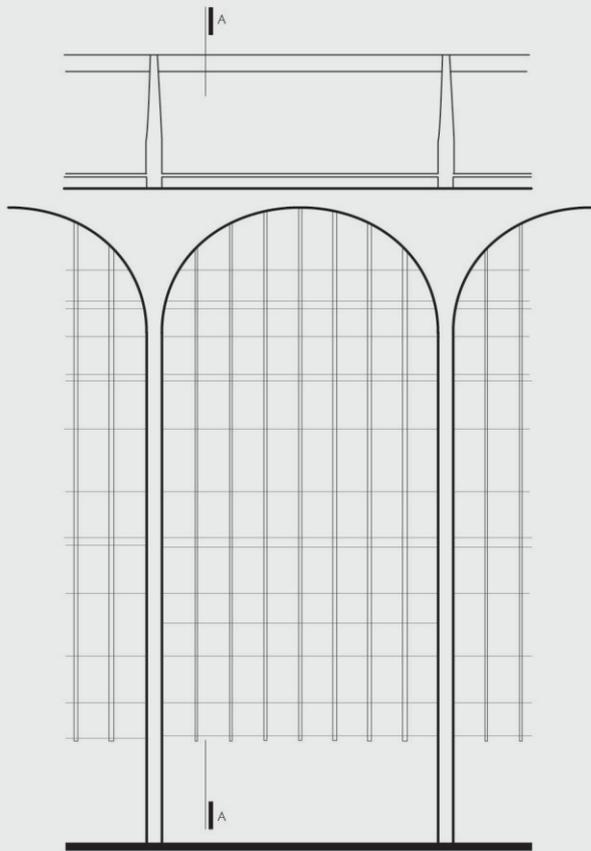
Na fachada principal, voltada para o Oeste, foi observado que o arquiteto utilizou uma marquise em balanço e o alongamento da composição: arco e brises, que tanto protege parte do campo da insolação, quanto hierarquiza o acesso principal ao prédio.

A proposta da volumetria trabalha com a repetição da soma de arcos e brises de concreto armado. Estes estão dispostos obliquamente dando a impressão de que avançam para o exterior, o que reforça seu caráter monumental, porém sem causar impressão de peso, pois são utilizados jogos de cheios e vazios.

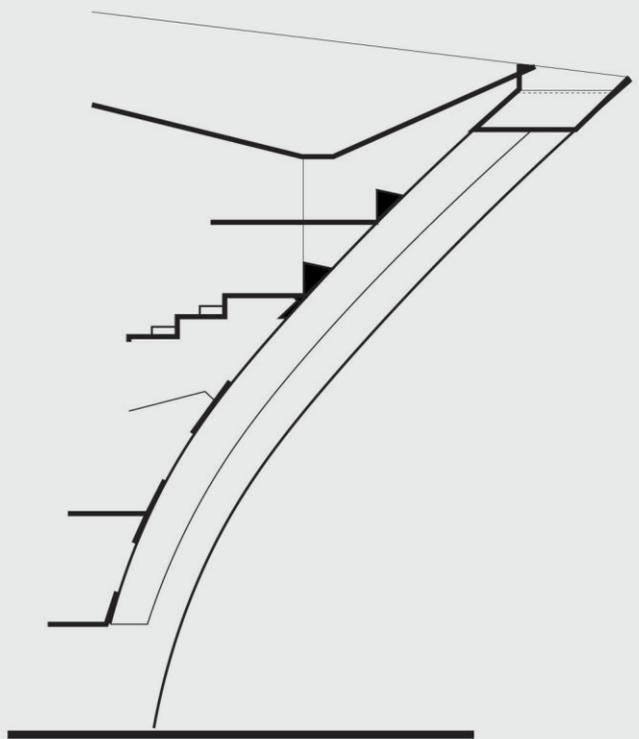
6 DIMENSÃO FUNCIONAL

O edifício mantém seu uso original, mas levantou-se que em 31 de Março de 2009, foi apresentado, no plenário da Câmara Municipal de Campina Grande, um relatório contendo as melhorias necessárias para o estádio. A reforma deu-se no início em 2013 e contemplou banheiros modernos e adaptados para Portadores de Necessidades Especiais (PNE), bares, cabines de imprensa e arquibancadas, substituição de todas as instalações elétricas e uma nova subestação (rede de distribuição de energia).

O estádio agora conta com estacionamento com capacidade de vagas para 845 automóveis, sendo 30 delas destinados aos portadores de necessidades especiais (PNE) e mais 137 vagas para motos, totalizando 982 vagas em uma área de mais de 21 mil m². A urbanização do estacionamento foi concluída recentemente, com instalação de postes e cabeamento, iluminação, drenagem, construção de pista de skate e ciclovias.



ARCO N° 1 | MODULOS 1 E 8



CORTE AA







CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

O projeto de Raul Lagos Cirne apresenta-se, atualmente, completamente inserido na malha urbana de Campina Grande, e tornou-se mais uma identidade para a cidade, porém, espera-se que nos próximos anos, as intervenções para se conservar a obra sejam implantadas e finalizadas no Estádio, a fim de que a obra possa atender às exigências de segurança e acessibilidade, exigidas em espaços esportivos na contemporaneidade.

A obra de Raul Cirne possui grande valor no cenário arquitetônico nacional, e os projetos desenvolvidos para a implantação de estádios de futebol no Brasil durante a década de 70 deixaram um grande legado, no que é referente às soluções projetuais, estruturais e construtivas.

As formas dialogando com as funções, buscaram resultados compositivos de uma riqueza volumétrica marcante, que se tornaram ícones urbanos, como por exemplo, os estádios projetados para o Albertão em Teresina, o Amigão em Campina Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 3, p. 54-70, dez. 2019.

AFONSO, A. *Arquitetura e estrutura: a obra de Raul Cirne em estádios de futebol do Piauí e da Paraíba nos anos 70*. Manaus: 7º Docomomo Norte Nordeste. 2018.

CARVALHO, A.; ABUJAMRA, A. (Org). *Gil César Moreira de Abreu. A Construção de uma Vida*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2008.

CAP 19

GLAUCO CAMPELLO: ESTAÇÃO RODOVIÁRIA ARGEMIRO DE FIGUEIREDO. 1979/1985.

ALCÍLIA AFONSO

James

GLAUCO CAMPELLO

1934

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS.

Glauco Campello nasceu em Mamanguape (PB), em 24 de julho de 1934. Em 1951, iniciou seus estudos universitários na Escola de Belas Artes de Pernambuco/ EBAP, mas foi para o Rio de Janeiro, em 1954, para tentar um estágio no escritório de Oscar Niemeyer.

Conseguiu o estágio e partir daí, construiu uma sólida amizade com o mestre carioca. Conseguiu concluir sua graduação em arquitetura pela Faculdade Nacional de Arquitetura, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no ano de 1959.

Entre os anos de 1959 a 61, participou da construção de Brasília, e detalhou os projetos do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, de autoria de Niemeyer. Contudo, também projetou ali suas primeiras obras, Campello assinou suas próprias obras: o projeto da Catedral

Episcopal Anglicana (na 309/310 Sul), as capelas do Campo da Esperança, a primeira sede da Rede Sarah e o projeto de equipamentos do Parque da Cidade.

Em sua trajetória profissional atuou como Arquiteto, urbanista, restaurador e professor, como será visto a seguir. Em depoimento dado por Campello, ele colocou sobre sua vida profissional:

Nasci na Paraíba, sou pernambucano de adoção e penso que meu trabalho de arquiteto nunca se afastou dessa raiz nordestina. No Recife, passei os anos de minha formação. Depois, em Brasília, Milão e no Rio, vivi experiências diferentes. Trabalhando com Oscar Niemeyer ao longo dos anos, desde os primeiros dias de minha atividade profissional, não poderia me furtar à sua poderosa influência. Mas na hora de recorrer à intuição o

que me acode à cabeça são os mistérios da minha terra, a beleza rude e despojada das coisas singelas que sua gente cultiva. (CAMPELO, 2015; s/p)

No ano de 1962 passou a integrar a equipe inicial do Centro de Planejamento da Universidade de Brasília (UnB), atual Centro de Planejamento Oscar Niemeyer /CEPLAN.

Entre 1969 a 71, voltou ao Recife, onde projetou o Centro de Reabilitação Profissional do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), o edifício Oásis e conjunto residencial Joana Dália da Silveira. Nesse período lecionou na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Entre os anos de 1972 a 1975, esteve na Itália como responsável pelo desenvolvimento do projeto de Niemeyer para a sede da Editora Mondadori, em Milão. Na ocasião, elaborou trabalhos de arquitetura para Cless e Ascoli, na Itália, e para Saint-Florent, na Córsega.

De volta ao Brasil, em 1975, realizou projetos para o Rio de Janeiro e outros estados, vencendo concursos nacionais de arquitetura, e interessando-se, também, pelos problemas de restauro e revitalização de centros históricos.

Em 1976-77 venceu o concurso nacional de projetos para a construção do Terminal Rodoviário de João Pessoa, em parceria com o arquiteto José Pinho. Com estrutura em concreto armado e cobertura de telha de aço, a nova rodoviária da capital paraibana foi inaugurada cinco anos depois.

Em 1979, desenvolveu o projeto para o Terminal Rodoviário de Campina Grande, em parceria com o escritório paulista Marques da Costa/Aflalo Filho e Barberis, obra que será analisada mais adiante.

No final dos anos 80, retornou para a cidade de Brasília, onde atuou como professor titular (anistiado) da Universidade de Brasília (1988 – 1991) e presidente do Instituto do Patrimônio Cultural (1994) e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1994 – 1998), quando foi nomeado presidente do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), órgão sucessor do Serviço do Patrimônio Histórico



e Artístico Nacional (SPHAN), exercendo o cargo até o final do primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. Em 2001, publicou a obra “O brilho da simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colonial”.

Foi membro do Conselho estadual de tombamento do Rio de Janeiro, e do Conselho do Paço Imperial. É membro do IAB, ICOMOS e da Ordem Rio Branco, no grau de Comendador. Atualmente, dedica-se a estudos e projetos de arquitetura, em seu escritório no Rio de Janeiro.

Glauco Campello, considerando e valorizando as especificidades do contexto imediato e a realidade do lugar, desenvolve uma arquitetura de excelente nível técnico e cultural, atendendo, no entanto, às normas de economia, simplicidade e conforto.

Em 2015, lançou o livro (CAMPELO, 2015) que conta a história da sua trajetória profissional, apresentando suas principais obras e processos projetuais e construtivos por trás de suas execuções. Seu livro surgiu com a proposta de compartilhar de suas experiências como arquiteto, voltado para estudantes de arquitetura.

2. LISTAGEM DE OBRAS

1961_ Igreja Episcopal de Brasília.

1965_ Projeto do Clube das Nações, em Brasília, em colaboração com Ítalo Campofiorito e Luiz Mário Xavier.

1969-71_ Projeto do Centro de Reabilitação Profissional do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

1970_ Edifício Oásis e conjunto residencial Joana Dália da Silveira. Lecionou na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

1972-75_ Projeto da Editora Mondadori, em Milão, com Oscar Niemeyer. Elaborou estudo de conjunto residencial dos empregados da editora em Milão e o projeto do complexo industrial da editora em Cles e Ascoli, na Itália, e para Saint-Florent, na Córsega.

1976-77_ Projeto do conjunto de edificações do Parque Recreativo de Brasília. Em colaboração com o arquiteto José Luís Pinho.

1976-77_ Projeto da Rodoviária de João Pessoa. Paraíba. Em colaboração com o arquiteto José Luís Pinho.

1979_ Projeto do terminal rodoviário de Campina Grande, em parceria com o escritório paulista Marques da Costa/Aflalo Filho e Barberis.

1979_ Sede da IBM no Rio de Janeiro.

1981_ Primeiro lugar no concurso nacional de projetos para a sede administrativa do Banco Nacional do Norte (Banorte), em Recife. Em parceria com os arquitetos Vital Pessoa de Melo e José Luís Pinho.

1983_ Venceu o concurso de projetos para a Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, oficialmente denominada Biblioteca Pública Celso Kelly, Rio de Janeiro.

1984-89_ Projeto e coordenação das obras de restauração do Paço Imperial, do edifício destinado

ao Museu Villa Lobos e do Museu da Imagem do Som (MIS), no Rio de Janeiro.

1984-89 _ Projeto do anexo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

1985_ A restauração do Paço Imperial. Rio de Janeiro.

1992_ Restauração e revitalização do antigo prédio da Light no Rio de Janeiro. Juntamente com José Luís Pinho.

1994-98 _ Foi presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

2002 _ Restauração e ampliação do edifício destinado à Casa da Cultura de Paraty, no Rio de Janeiro,

2002_ Projeto de restauração do Sítio Histórico do Matadouro de Peixinhos, Recife.

2003_ Museu Nacional de Botânica. Rio de Janeiro.

2003_ Casa da Cultura em Paraty. RJ.

2003_ Projeto dos novos pavilhões para os blocos dos departamentos de Botânica, Antropologia, Geologia, Paleontologia, Zoologia e Administração do Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

2004 _ Projeto do prédio anexo ao Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (MG), destinado a abrigar sua diretoria e equipe técnica,

2004_ Consultor do projeto de restauro da igreja da Pampulha, na capital mineira em Belo Horizonte.

2006 _ Projeto de restauração e adaptação do edifício da antiga sede do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) e do edifício destinado à Casa do Samba, ambos no Rio de Janeiro.

2007_ Projeto arquitetônico para o arquivo de películas do Centro Técnico Audiovisual (CTAv), no Rio de Janeiro.

2008_ Projeto de restauração e adaptação do edifício do antigo Arquivo Nacional para abrigar o

Museu e o Centro Cultural da Casa da Moeda, no Rio de Janeiro.

2009 _ Prédio anexo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM- Rio de Janeiro).

Obra em Campina Grande:

1985_ Estação Rodoviária Argemiro de Figueiredo (Avenida Otacílio Nepomuceno, Bairro Sandra Cavalcanti)

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

Arquiteto Glauco Campello: Simples, moderno e profundo. Em rede: Blog do Chiquinho Dornas sábado, maio 30, 2015. <https://chiquinhodornas.blogspot.com/2015/05/arquiteto-glauco-campello-simples.html>. Acesso em 22 de junho de 2020.

CAMPELLO, G. *Glauco Campello: Cadernos de Arquitetura*. SP: Editora da Cidade, 2015.

CAVALCANTI, L. *Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 104-107.

ENTREVISTA com *Glauco Campello*. Site do Centro Técnico Audiovisual (CTVa). Disponível em: <http://www.ctav.gov.br/2008/04/10/entrevista-glauco-campello>. Acesso em 22 de junho de 2020.

FERREIRA, A. F. M. *Terminal rodoviário de João Pessoa*. Disponível em: <http://arqpb.blogspot.com/2007/10/glauco-campello.html>. Acesso em 22 de junho de 2020.

GLAUCO CAMPELLO ARQUITETOS. *Glauco Campello*. Disponível na internet por http em: <http://www.glaucocampello.com.br/artigo/115,43>> Acesso em 28 de junho de 2020.

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro terá mais um edifício. Site da Revista <http://www.piniweb.com.br/construcao/arquitetura/museu-de-arte-moderna-do-rio-de-janeiro-tera-mais-169933-1.asp>. Acesso em 22 de junho de 2020.

RETALHOS DE CAMPINA GRANDE. *A Rodoviária Nova*. Disponível em: http://cgretalhos.blogspot.com.br/2011/08/rodoviaria-nova.html#.Vd3OW_IViko> Acesso em 20 de junho de 2020.

ROCHA, G. C. *O Caráter tectônico do moderno brasileiro: Bernardes e Campello na Paraíba (1970 – 1980)*. Natal: Tese doutoral defendida na UFRN. 2012.

SOARES, D. (Coord.). *Guia arquitetura Brasília*. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.

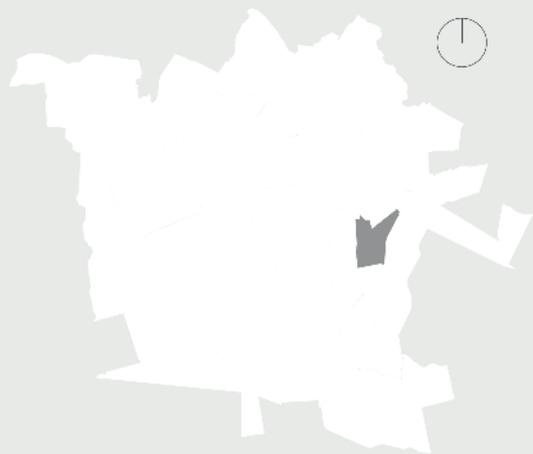
TINEM, N; COTRIM, M. (org.). *Na urdidura da modernidade. Arquitetura Moderna na Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.

VAZ, T. A. *O olhar do arquiteto sobre Brasília*. Brasília: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. 2012.



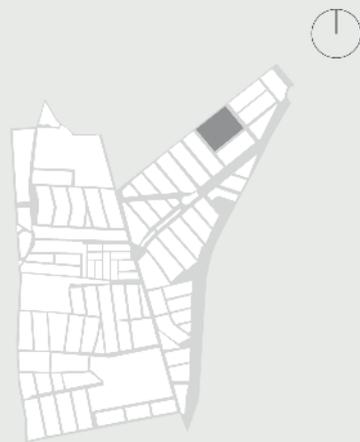
ESTAÇÃO RODOVIÁRIA
ARGEMIRO DE
FIGUEIREDO

1979/1985



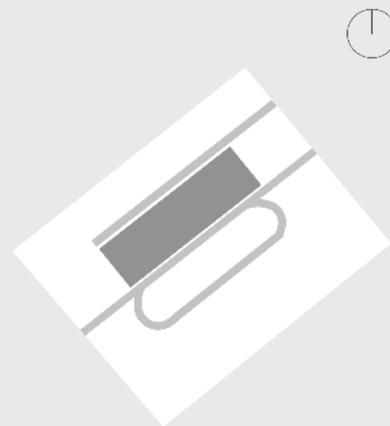
IMPLANTAÇÃO CIDADE

0 1200 1500 3000 M



IMPLANTAÇÃO BAIRRO

0 200 1000 1500 M



IMPLANTAÇÃO QUADRA

0 50 100 300 M

Estação Rodoviária Argemiro de
Figueiredo, 1979/1985

Avenida Otacílio Nepomuceno, Bairro Sandra
Cavalcanti. Campina Grande. PB

Autor _ Glauco Campelo, em parceria com o escritório
paulista Marques da Costa, Aflalo filho e Barberis(
arquitetos João Marques da Costa Neto, Beatriz
Barberis M. Costa, Marcus Lima, Roberto Stickel)

1 DIMENSÃO NORMATIVA

A edificação não possui nenhum tipo de proteção de preservação legal.

análise dimensões
arquitetônicas

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

O primeiro Terminal Rodoviário de Campina Grande Cristiano Lauritzen estava localizado no centro da cidade e possuía uma linguagem moderna, contudo, não mais comportava a demanda de passageiros. Coube ao então prefeito Enivaldo Ribeiro, desapropriar e ceder um terreno ao governo do Estado, na gestão do governador Wilson Braga, que serviria para a construção de uma nova rodoviária para a cidade.

Inaugurado em 25 de maio de 1985, o Terminal Rodoviário de Passageiros Argemiro de Figueiredo, mais conhecido como Rodoviária Nova, está localizado no bairro do Catolé e conta com 104 mil metros quadrados de área total, sendo 10 mil metros quadrados de área construída.

O autor do projeto é o arquiteto Glauco Campelo, em parceria com o escritório paulista Marques da Costa, Aflalo filho e Barberis que propuseram uma cobertura única, estruturada em aço, grandes vãos que permitem uma transparência visual e funcional.

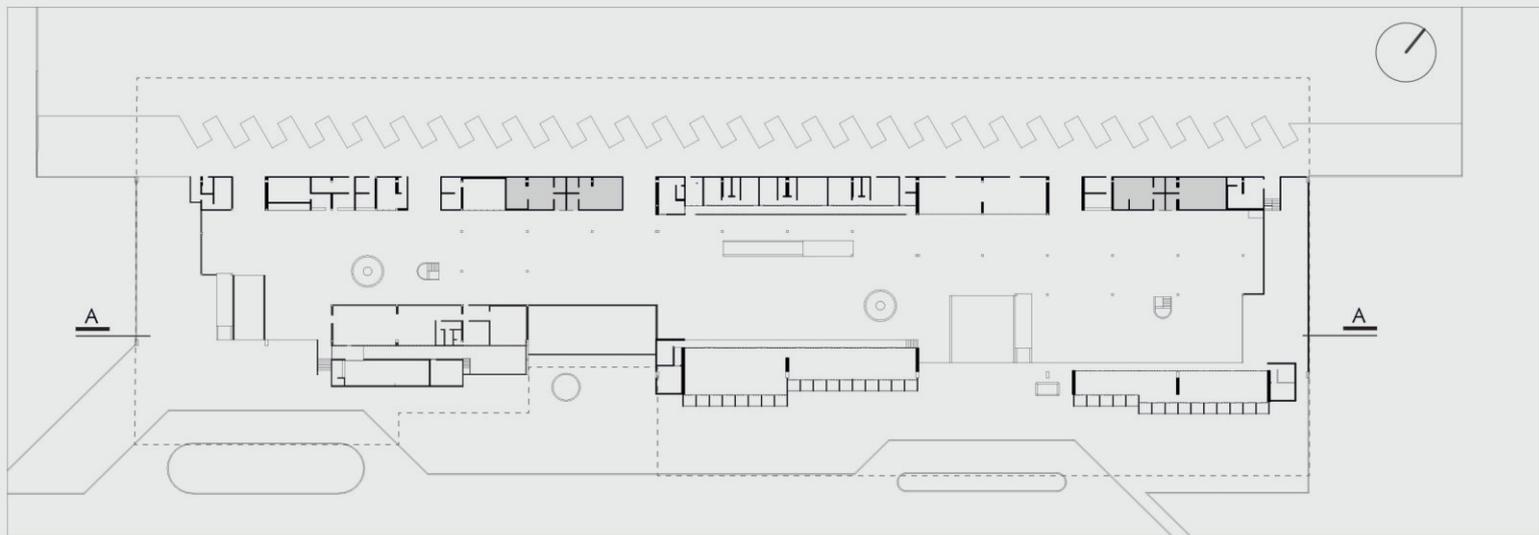


3 DIMENSÃO ESPACIAL

O edifício tem seu acesso pela Avenida Otacílio Nepomuceno, e seu terreno total ocupa todo o quarteirão. Encontra-se bem localizado por estar próximo a saída para a capital João Pessoa, o que facilita a função a ele competida, de carga e descarga de pessoas.

O partido adotado atende ao conceito de grande abrigo sombreado e aberto, alcançado pela adoção de extensa cobertura plana que confere horizontalidade à edificação, não se sobrepondo ao entorno imediato devido a sua localização no centro do lote e aos consideráveis recuos sobre os quais se articulam extensas áreas de solo permeável.

Pode-se observar que a relação sítio/estrutura formal arquitetônica, a inclinação do terreno favoreceu o embasamento em diferentes níveis, embora sua execução seja facilitada pelo solo de rocha decomposta que está presente na geologia do terreno trabalhado.



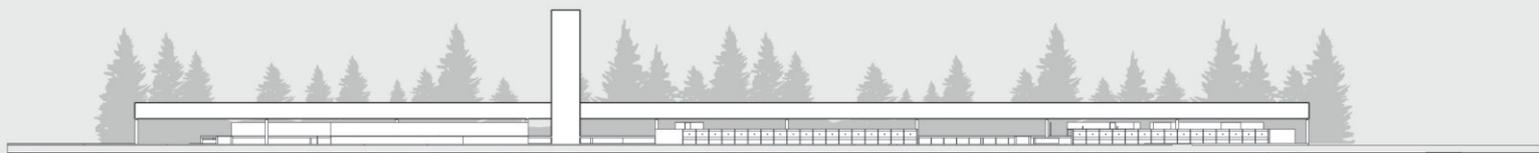
PLANTA-BAIXA PAV. TÉRREO

0 6 20 38m



CORTE AA

0 6 20 38m



FACHADA SUL

0 6 20 38m

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

O sistema estrutural da cobertura é constituído por um sistema estrutural de treliça espacial plana composta por tetraedros formados por barras de alumínio esbeltas, apoiadas em colunas de concreto aparente de secção retangular distribuídos em módulos também retangulares.

A malha estrutural do sistema espacial de treliça plana permite pela repetição de seus componentes, além de vencer grandes vãos, a racionalização e produtividade defendidas pela tecnologia industrial. Por meio da simplicidade estrutural utilizada no projeto, alcança-se o princípio moderno da economia. No entanto, a idealização de leveza é diminuída, devido ao fechamento lateral da estrutura com painéis de alumínio ondulado.

O edifício possui um sistema estrutural de treliças espaciais planas compostas por tetraedros formados por barras de alumínio esbeltas, apoiadas em colunas de seção retangular de concreto aparente, com fechamento lateral da estrutura com painéis

de alumínio ondulado, unido à cobertura ao baixo pé-direito do prédio.

O módulo estrutural da treliça espacial possui base de dois metros e meio por dois metros e meio (2,5m x 2,5m). Esse módulo se repete longitudinalmente oito vezes entre os eixos dos pilares, seis módulos e meio em balanço nas extremidades norte e sul, e doze módulos transversalmente entre os eixos dos pilares, como se pode ver na ilustração abaixo (DINIZ et al., 2019, s/p).

Diniz (2019) em estudo realizado observou que a definição desse módulo de dois metros e meio gera o módulo estrutural de (30m x 20m), que se repete nove vezes criando a lâmina de aproximadamente (180m x 62,5m).

Dividindo o módulo estrutural principal, percebem-se eixos secundários de dez metros (10m), onde é desenvolvida uma estrutura de mezaninos e boxes. Ou seja, aparentemente existem esses





Loja 09

Loja 08

outros subsistemas que compreendem laje de concreto maciço, pilares que suportam essa laje estão coordenados com a dimensão do módulo gerador.

A utilização da estrutura metálica em treliças espaciais proporcionou a geração de um grande vão com a necessidade de poucos pilares, e a utilização de um material leve e de rápida montagem.

A sua volumetria consiste em uma grande cobertura com grandes balanços que permitem o sombreamento dos espaços, enquanto os demais volumes construídos, os blocos das lojas e da bilheteria, são independentes, desligados da estrutura da cobertura, dando fluidez ao espaço.

As lojas sobre o mezanino têm o fechamento em painéis de madeira e vidro, que amenizam a sensação de clausura, visto que estes ambientes possuem pouco espaço, enquanto na bilheteria foi utilizado vidro translúcido nos painéis de fechamento, acentuando seu caráter maciço.

Ainda é possível notar que o revestimento cerâmico em alguns blocos de serviço, que foi utilizado, primeiramente, tendo em vista a sua manutenção,

colaborou para que houvesse um resultado estético, que se deu graças ao contraste de cores e texturas, entre materiais cerâmicos e metálicos.

5 DIMENSÃO FORMAL

A linguagem adotada na edificação foi o brutalismo, que pode ser compreendido como:

Termo de cunhagem relativamente recente, entretanto não é fácil definir-se o brutalismo de maneira acurada e isenta. Tão usado quanto esnobado pela literatura arquitetônica da segunda metade do século XX, está longe de configurar um conceito unânime, as diferentes acepções que lhe são atribuídas superpondo-se de maneira pouco clara, parecendo ser uma só quando são muitas, e para deslindá-las é necessária certa paciência de detetive. (ZEIN, 2007; s/p)

O brutalismo adota como critério a verdade construtiva das soluções estruturais, e de materialidade, deixando à mostra, todas elas, para serem percebidas pelos usuários.

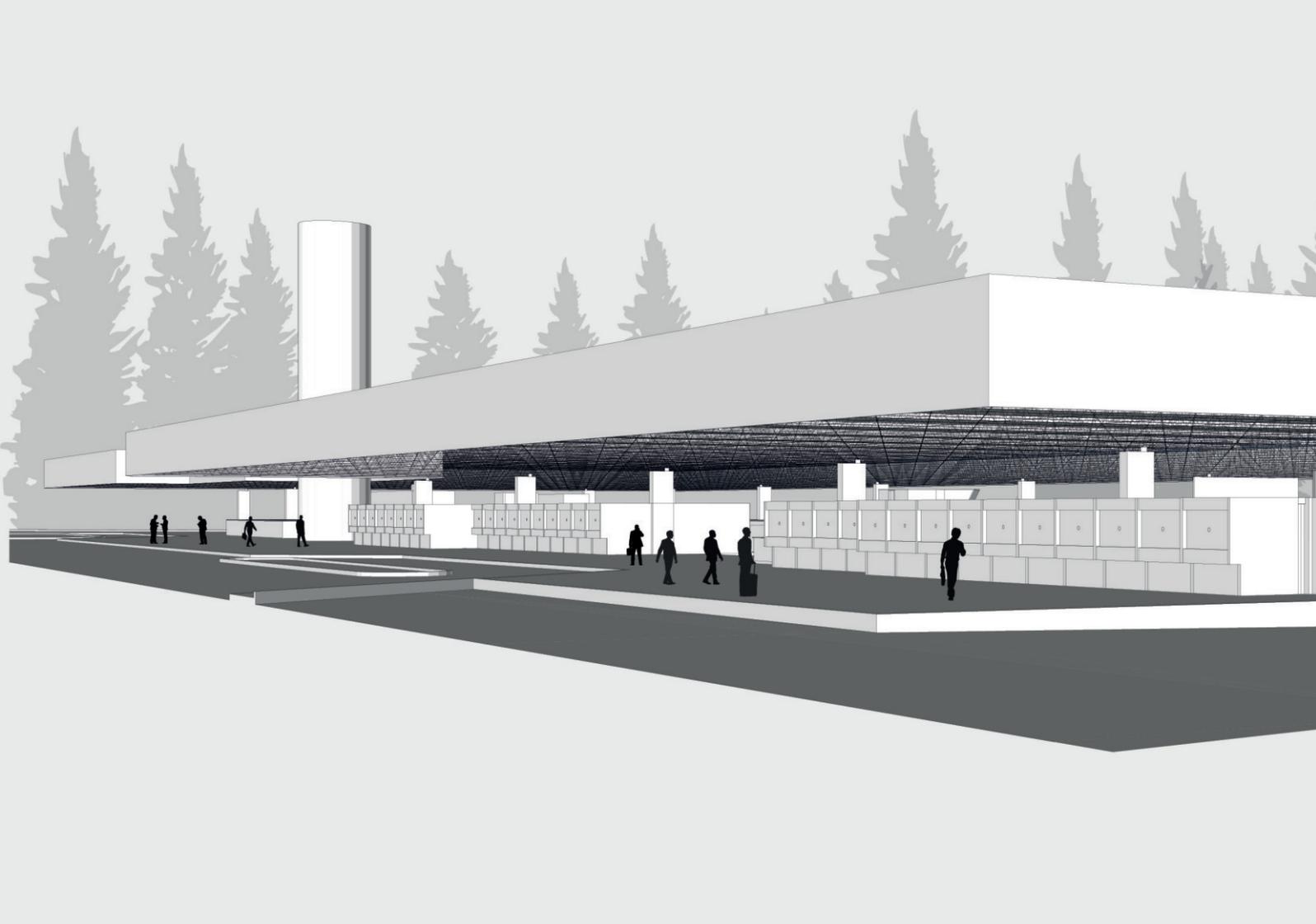
No caso em pauta, o sistema construtivo do aço domina a forma, reforçando a relação arquitetura/

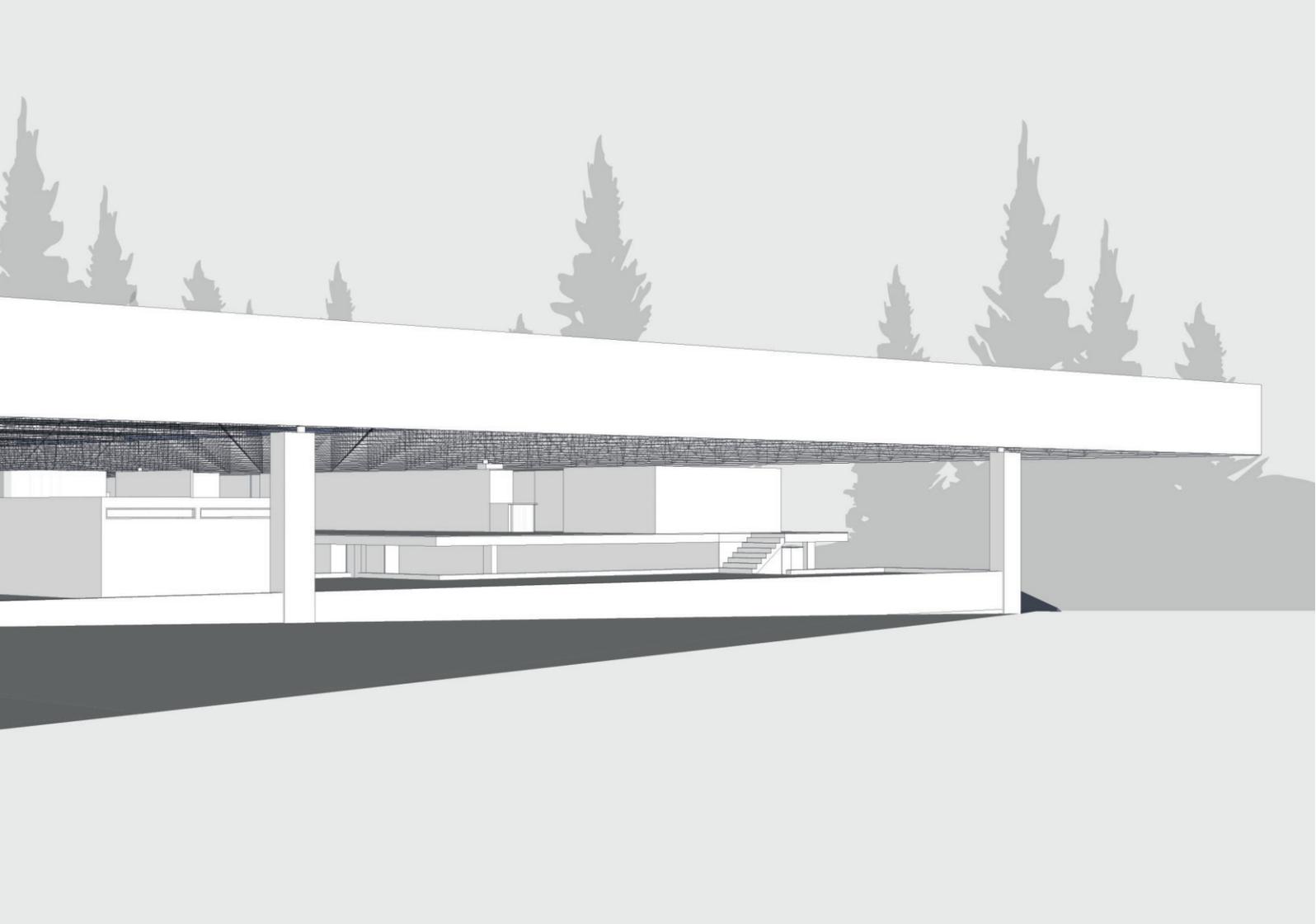
forma/ estrutura, comprovando a tese de que, quem projeta a forma, projeta a estrutura.

Segundo Rebello (2000, p.26): “Não se pode imaginar uma forma que não necessite de uma estrutura, ou uma estrutura que não tenha uma forma. Toda forma tem uma estrutura e toda estrutura tem uma forma”. Quem cria a forma, cria a estrutura: a forma e a estrutura nascem juntas.

Na verdade, a concepção de uma forma implica na concepção de uma estrutura e, em consequência, dos materiais e processos para materializá-la. A estrutura e a forma são um só objeto, e, assim sendo, conceber uma implica em conceber outra e vice-versa. E sem dúvida, essa obra, exemplifica bem tal colocação realizada pelo professor paulista.







6 DIMENSÃO FUNCIONAL

A edificação sempre manteve a sua função original. O embasamento em diferentes níveis interligados por rampas em meio lance contribuiu para a distribuição linear das atividades e diferentes funções ao longo do eixo longitudinal do edifício, que possibilitaram a apreensão rápida e geral do espaço do terminal pelo usuário quando este chega à área de embarque e contribui para sua funcionalidade:

a localização estratégica das bilheterias permite fácil identificação e acesso; o saguão de espera e portões de embarque pode ser acessado utilizando-se apenas meio lance de rampa.

A ausência de cruzamento de fluxos de embarque e desembarque foi permitida pela localização das respectivas plataformas situadas nas extremidades opostas do grande saguão linear, interligadas pelo extenso espaço contínuo e fluído, onde se distribuíram os serviços de lanchonete, telefonia, entre outros.

Entre esse saguão de espera e as plataformas de embarque e desembarque apresentam, em sua maioria, espaços destinados a uso comum, como polícia rodoviária, juizado de menores, sanitários, depósitos, guarda-volumes, entre outros.

A interrupção desses blocos de serviços pelos portões de embarque e desembarque promove a comunicação direta entre a espera e as plataformas dos ônibus. Encontram-se no mezanino, o restaurante e os blocos de pequenos comércios distribuídos de modo a não interromper a fluidez do espaço e a comunicação com o exterior.

CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Segundo o engenheiro de manutenção do terminal, Luiz Carlos Gomes, a rodoviária de Campina Grande esta entre as estruturas físicas mais bem conservadas do país.

Em pesquisa encomendada pela Associação Brasileira de Empresas de Transportes Terrestres de Passageiros (Abrati) constatou-se que a rodoviária de Campina é a terceira melhor do Nordeste, perdendo apenas para Salvador e Maceió.

Está em primeiro lugar na região, entre as que possuem administração pública, e foi eleita a 16ª do país. Quatorze empresas de transporte de passageiros fazem linhas intermunicipais e interestaduais, com destinos às várias cidades da Paraíba e do país, pondo a disposição dos usuários ônibus diários.

Apesar de todos esses dados positivos em relação ao Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo, seu fluxo de passageiros vem diminuindo nos últimos anos. Em média o número de embarque e

desembarque fica em torno de três mil, 30 % em relação há 10 anos. A queda no número de passageiros se deve na maior parte ao aumento do transporte alternativo (que cobram o mesmo valor da passagem dos ônibus, ou até menos) e ao contínuo funcionamento da Rodoviária velha que recebe ônibus vindos de várias cidades circunvizinhas.

A diminuição no fluxo de passageiros ocasionou o fechamento de 50 % das lojas existentes no local. Hoje, são 34 boxes em sua totalidade, no entanto, nem todos funcionam diariamente, além de contar com baixo movimento.

Afonso e Sobreira (2016) analisaram a obra de Glauco na cidade, tendo alguns resultados publicados no artigo: "A permanência dos critérios modernos na obra de Glauco Campello. Estação Rodoviária Argemiro de Figueiredo. Campina Grande. PB". Sendo portanto, uma referência para maior aprofundamento sobre a mesma.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A; SOBREIRA, C. *A permanência dos critérios modernos na obra de Glauco Campello. Estação Rodoviária Argemiro de Figueiredo.* Campina Grande. PB. Anais do 6º Docomomo Norte Nordeste, 2016, Teresina.

DINIZ, D. C. S. et all. *Estudo monográfico processo de racionalização no Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo.* Campina Grande: trabalho para a disciplina tecnologia do ambiente construído, 2019. CAU. UFCG.

REBELLO, Y. C. P. *A Concepção Estrutural e a Arquitetura.* Editora Zigurate, São Paulo, 2000.

ZEIN, R. V. *Brutalismo, sobre sua definição. (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado).* Arqtextos, São Paulo, ano 07, n. 084.00, Vitruvius, maio 2007.

CAP 20

CYDNO RIBEIRO DA SILVEIRA: EDIFÍCIO ALBANO FRANCO - SEDE DA FIEP. 1978/1983.

ALCÍLIA AFONSO

Pydus Philon

CYDNO DA SILVEIRA

1940-HOJE

1. ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Cydno Ribeiro da Silveira nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1940, e graduou-se arquiteto urbanista pela UNB/Universidade de Brasília, em 1969 (currículo online).

Seus primeiros projetos foram desenvolvidos em Brasília, no ano de 1967, quando ainda era estudante, destacando-se: Casa do Sr. Flavio B. Ramos; Casa do Sr. José Aloísio Telles Ribeiro; Loja Comercial Tele Técnica;

A partir de 1968, projetou obras maiores como a Sede da Federação das Bandeirantes do Brasil (1968) e o Parque Nacional de Exposição e Feira Agropecuária de Brasília, já trabalhando nessa com o arquiteto Oscar Niemeyer.

Ainda no ano de 1968, iniciou estudos sobre Pesquisa Sobre Habitação Rural e Tecnologia do Pré Moldado Fibroso, desenvolvendo uma Experiência

piloto, na área de tecnologias construtivas alternativas, que se dedicará sempre em paralelo a seus trabalhos mais convencionais e voltados para tipologias institucionais ou residenciais.

No final dos anos 60 e início da década de 70, trabalhou em vários projetos com Niemeyer desenvolvendo futuramente, projetos para a Argélia, tais como o Centro Cívico de Argel (1972) e a “Cité D’ Affaires”(1973).

A partir do final dos anos 70, quando iniciou o projeto para a FIEP de Campina Grande, o arquiteto desenvolveu algumas obras no Rio de Janeiro, sua cidade natal, e também começou uma relação profissional em alguns lugares do nordeste, especificamente Campina Grande, na Paraíba, e Itamaracá, Pernambuco.

Observou-se que em Pernambuco, desenvolveu projetos para Urbanização e Projeto Arquitetônico para o empreendimento Aldeia Praia do Fortim-projeto em parceria com o arquiteto Zanine Caldas, na Ilha de Itamaracá/ PE (1975/76); a Casa do Dr. Breno Dhalia da Silveira(1975). Sem Zanine, projetou a urbanização do Condomínio Jardim da Barra, na Praia das Candeias/Jaboatão dos Guararapes/ PE (1976).

Em paralelo, os trabalhos continuavam no Rio de Janeiro- juntamente com Zanine, como no da Casa do Sr. Sergio Laporte (1976), localizada no Portinho de Massaru - Barra da Tijuca

Contudo seu vínculo profissional com Pernambuco continuava, atuando na região de Itamaracá, como por exemplo, no projeto de Urbanização para condomínio, represa e lago artificial de mini-granjas (5 hectares cada) desenvolvido entre os anos de 1977/ 78.

Sua relação profissional com Zanine fez com que Cydno se aprofundasse nos estudos que ele sempre se sentiu atraído sobre a taipa, pois se dedicou, paralelamente, aos estudos da técnica, em projetos

em Pernambuco, no Rio de Janeiro, em Goiás, em parceria com Zanine, conforme pode ser coletado em seu currículo online.

Tais estudos merecem em outra pesquisa, um olhar específico, considerando que é um tema muito rico e interessante a ser mais bem aprofundado em uma investigação direcionada às técnicas construtivas tradicionais.

Retomando a sua relação com o nordeste, e agora, Campina Grande, é impressionante observar que a partir do projeto da FIEP, o mercado paraibano se abriu para o arquiteto, fazendo com que ele projetasse com sua equipe, diversas obras públicas, conforme pode ser constatado na listagem de obras do escritório que será apresentada a seguir.

Observando-se sua produção na cidade de Campina Grande, constata-se a produção profícua do arquiteto, e sua relação profissional com clientes como a FIEP, o Governo do Estado da Paraíba, a Prefeitura Municipal de Campina Grande, em obras institucionais.



Constata-se ainda, de forma incipiente- uma relação pessoal com o então governador Cássio Cunha Lima (2003-2007), tanto em obras governamentais, quanto particular, como o projeto desenvolvido para a residência do político.

Possuía também, vários clientes particulares, tanto em Campina Grande, quanto em João Pessoa, como por exemplo, a Construtora Rocha Cavalcante, para a qual desenvolveu projetos de um edifício multifamiliar, e para um grande cemitério, o corpo Santo, dotado de vários equipamentos funerários.

Observou-se ainda, que durante a sua trajetória, no final dos anos 70, quando possuía relações profissionais com a FIEP, desenvolvendo o projeto da sede da Federação, que se tornou uma das mais importantes obras do cenário campinense (COTRIM, 2011).

Tal aproximação gerou a contratação de uma série de outros projetos que viriam ser desenvolvidos pelo arquiteto, que deixaram a sua marca na cidade, conforme será visto, a seguir.

Também, inicialmente, observou-se ao levantar dados iniciais sobre o arquiteto, um elo seu com o político Cássio Cunha Lima, seja enquanto sua gestão na prefeitura municipal de Campina Grande-seja enquanto Governador de Estado da Paraíba.

São hipóteses incipientes, mas que ao analisar a listagem de projetos em seu currículo existente no site (CSA ARQUITETURA), pode-se constatar que grande parte das obras era contratada pelos governos municipal ou estadual, e durante as gestões de Cunha Lima prefeito ou governador.

Após essa ponte entre a Paraíba e Pernambuco, constata-se que seu escritório possui a maior parte dos clientes nesses lugares anteriormente citados, estendendo-se tal fato, nos anos 80, 90, chegando à primeira década do século XXI.

Assim, como informação complementar, coloca-se aqui que o arquiteto Cydno da Silveira, com 80 anos de idade- possui até os dias atuais, escritório de arquitetura na Rua Candido Gaffrée, nº 04 / 201; Urca- Rio de Janeiro, e um site no qual divulga seu acervo durante várias décadas de trabalho profissional.

2. LISTAGEM DE OBRAS EM CAMPINA GRANDE

1. Edifício sede da FIEP/SESI/SENAI- 1978 e 1983; Nacional da Indústria SENAI / CTCC – Centro Albano Franco-1991-94;
2. Casa do Sr. Gilvette Gomes da Silva- 1979;
3. Casa da Sra. Maria Estella de Castro-1980;
4. Casa do Sr. Mario Hatori e Rita de Castro-1981;
5. Hotel Hospedaria Sr. Antonio Jatobá-1985;
6. Reforma do Centro de Atividades Recreativas e Desportivas do Clube do Trabalhador Serviço Social da Indústria – SESI-1988;
7. Edifício residencial com 4 pavimentos Construtora Rocha Cavalcanti(1989)
8. Anexo para Caixa Econômica Federal na Sede da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba – FIEP.1988;
9. Casa do Sr. José Cícero de Oliveira -1989;
10. Conjunto Arquitetônico para o Centro de Tecnologia do Couro e Calçado do Serviço Nacional da Indústria SENAI / CTCC – Centro Albano Franco-1991-94;
11. Casa da Sra. Severina e José Carlos Barbosa de Freitas-1991-92;
12. Casa do Gov. Cássio e Silvia Cunha Lima -1992/93;
13. Campina Shopping Construtora Rocha Cavalcante; Campina Grande – PB - 1995/96;
14. Incubadora das Empresas de Couro Calçados SENAI, FAPEP, e PMCG -1997;
15. Centro Gregário no Estádio Plínio Lemos – João Pinheiro; Prefeitura de Campina Grande-Obra projetada aguardando construção-1997;
16. Projeto ARCCA - Área Comercial e Cultural em Céu Aberto – reurbanização de áreas públicas para abrigar os camelôs - Prefeitura de Campina Grande-1998;

17. Centro Administrativo de Campina Grande. Projeto com o arquiteto Oscar Niemeyer Prefeitura de Campina Grande-1998;
18. Edifício Garagem e Shopping – na antiga rodoviária Cristiano Lauritzem - Prefeitura de Campina Grande-1999;
19. Teatro Municipal de Campina Grande – Projeto para recuperação e reforma total. Prefeitura de Campina Grande-1999 a 2001;
20. Cemitério Campo Santo - cemitério parque, propriedade da Construtora Rocha Cavalcante-2002 a 2004;
21. Cine Teatro São José – projeto para reforma e construção de cineclubes e espaço cultural no antigo Cine São José – Governo do Estado da Paraíba-2003;
22. Capitólio – Casa das Artes – projeto Local do antigo Cine Capitólio. Prefeitura de Campina Grande. Arquitetura de Interior junto com a arquiteta Janete Costa. 2001/ 2006;
23. Biblioteca da UEPB - Campus de Bodocongó. Projeto com o arquiteto Oscar Niemeyer. 2007-2012;
24. Museu de Cultura Popular no Açude Velho “Museu dos Três Pandeiros” - Governo da Paraíba; Projeto com o arquiteto Oscar Niemeyer-2007/2013;
25. Bloco Sala de Aulas - UEPB - Campus do Bodocongó-2010;
26. Centro de Convenções - edifício sede da FIEP Campina Grande. 2010/2013;
27. UEPB - Plano Diretor do Campus de Bodocongó – zoneamentos, arruamentos, organização de fluxos, estacionamentos, previsão e locação de novas construções e equipamentos, etc;
28. Ossuário no Cemitério Campo Santo. Construtora Rocha Ltda. 2010/2011;
29. Capela-mor e lanchonete do Cemitério. Campo Santo. 2012/2013;

30. Crematório, Columbatório e Capelas Anexas no Cemitério Campo Santo. 2012/2013

31. Centro de Vivência - UEPB - Campus do Bodocongó. 2012;

32. Museu da Ciência - UEPB - Campus do Bodocongó. 2012-2014;

33. Projeto para Urbanização do Açude do Bodocongó – Governo da Paraíba- 2012;

34. UEPB Campina Grande – Projeto para Auditório- 2013;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA

Importante frisar há pouca coisa pesquisada e publicada até o momento, sobre Cydno da Silveira. Cotrim (2011), por exemplo, em artigo publicado - “Clareza compositiva e a herança moderna brasileira.

O caso do edifício da FIEP em Campina Grande” trata apenas, de uma análise do edifício da FIEP/

Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, esclarecendo que o arquiteto quando jovem, trabalhou para Oscar Niemeyer – com quem já colaborava desde 1968 – na Argélia durante os anos entre 1972 e 1975, recebendo uma influência direta de Niemeyer em sua produção.

O carioca Cydno Ribeiro da Silveira (1940), formado pela Universidade Nacional de Brasília em 1968, tem uma obra diversificada; ao mesmo tempo em que concluiu a obra da sede da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, com pouco mais de dez anos de formado, desenvolvia experimentos com a técnica da taipa de mão na ilha de Itamaracá em Pernambuco. (COTRIM, 2011, s/p)

No texto, Cotrim (2011), escreveu sobre as pesquisas paralelas do arquiteto com a taipa, que se converteria, anos mais tarde, no carro-chefe da obra do arquiteto, conforme foi visto anteriormente nesse projeto.

É possível, ainda que pouco provável, que a lógica da grelha de madeira usada no sistema da taipa tenha fornecido possibilidades que derivaram na solução do brise-soleil estrutural do projeto para

Campina Grande. Entretanto, seu contato com Niemeyer, sugere pistas mais interessantes com relação ao repertório projetual que parece apoiar as decisões no projeto para a FIEP/SESI/SENAL. (COTRIM, 2011, s/p)

Lucas (2012) apresentou em sua dissertação de mestrado, realizada através de uma pesquisa que tratava sobre arquitetura e cidade, o caso de três obras em Campina Grande, sendo uma delas, o edifício da FIEP.

Mas, também não enfocou o arquiteto, sua produção, e a análise não se aprofundou na temática aqui proposta. Entretanto, uma leitura aprofundada de seus estudos sobre uma das obras mais significativas de Silveira poderão trazer contribuições importantes a nosso projeto.

Sobreira (2016 e 2017), por sua vez - tem realizado pesquisas sobre o brutalismo em Campina Grande, desde a sua graduação até a realização de sua pesquisa de dissertação do mestrado, que possui como enfoque o brutalismo campinense-linguagem que enquadra grande parte do acervo de Cydno da Silveira realizado na cidade.

Utilizar as informações coletadas inicialmente por Sobreira (2017) poderá ser um bom aporte a esta investigação. Seus trabalhos também foram resultados de nosso grupo de pesquisa que vem atuando desde 2015 em Campina Grande e região.

LISTAGEM DE FONTES SECUNDÁRIAS SOBRE O ARQUITETO E SUA OBRA:

Cydno da Silveira em depoimento publicado na revista Módulo Especial, n.01, mar. 1981.

COTRIM, M. *Clareza compositiva e a herança moderna brasileira. O caso do edifício da FIEP em Campina Grande*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 130.04, Vitruvius, mar. 2011 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.130/3787>>.

Currículo profissional de Cydno Silveira. Em rede: <https://docplayer.com.br/6544069-Cydno-silveira-curriculo-profissional-cydno-ribeiro-da-silveira-arquiteto-urbanista.html>. Acesso em 4 de junho de 2020.

CSA Arquitetura. Em rede: <http://cydnosilveira.com.br>. Acesso em 4 de junho de 2020.

LUCAS, E. *Arquitetura e cidade: três obras em Campina Grande*. João Pessoa: UFPB. Mestrado em arquitetura e urbanismo, 2012.

SOBREIRA, C. *A linguagem arquitetônica brutalista em obras de Campina Grande. PB.1970-1990*. Campina Grande: UFCG. PIVIC. 2016.

SOBREIRA, C. *Da identificação ao reconhecimento: um inventário analítico e crítico das obras brutalistas de Campina Grande, PB*. Campina Grande: UFCG. TCC. 2017.

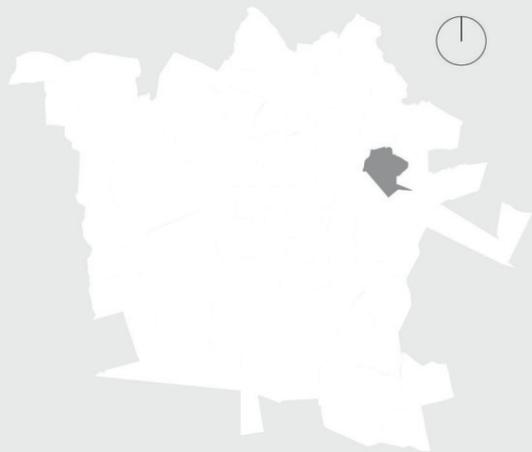
TINEM, N e COTRIM, M (org). *Na urdidura da modernidade. Arquitetura Moderna na Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.



SEDE DA FIEP/ SESI/ SENAI

1974/1975

A obra a ser analisada do arquiteto Cydno da Silveira, realizada em Campina Grande, trata-se do edifício Agostinho Velloso da Silveira, que sedia a FIEP/ Federação das Indústrias da Paraíba. O edifício projetado entre os anos de 1978 a 1979-foi inaugurado em 1983, e tornou-se uma referência da paisagem urbana local, pela qualidade projetual e construtiva do mesmo.



IMPLANTAÇÃO CIDADE

0 1200 1500 3000 M



IMPLANTAÇÃO BAIRRO

0 200 1000 1500 M



IMPLANTAÇÃO QUADRA

0 30 90 150 M

Edifício Agostinho Velloso da Silveira
Sede da FIEP/ SESI/ SENAI
1978/1983

Acesso principal pela Avenida Manoel Guimarães, José
Pinheiro, Campina Grande, PB.
Autor e equipe_ Cydno da Silveira Arquitetura



A obra possui um significado importante na cidade, representando através das soluções projetuais e construtivas, a força e o poder do setor industrial de Campina Grande no estado da Paraíba. Mesmo sendo a capital, a cidade de João Pessoa, é Campina quem sedia a FIEP, concentrando ali decisões junto ao SESI, SENAI e articulando a política industrial estadual.

Coloca-se aqui, que através de consultas bibliográficas, poucos autores investigaram sobre a obra, entre eles Cotrim (2011), Lucas (2012), Sobreira (2016 e 2017).

Cotrim (2011) considerou em análise publicada em artigo, que “a necessidade, no prisma principal, de uma planta sem interferências estruturais, foi resolvida conjugando questões estruturais, expressivas, espaciais e de proteção solar em uma única e importante atitude”, que foi tomada partindo de quatro decisões de projeto concatenadas: 1) as torres de circulação e a planta diáfana; 2) os módulos em planta; 3) a grelha estrutural; 4) Textura e coroamento.

Afonso (2019) escreveu que os princípios ou critérios que norteiam um projeto que adota valores propostos pelos mestres modernos estiveram e estão presentes em obras contemporâneas, como uma retomada dos critérios projetuais da Modernidade, aplicados na concepção do projeto arquitetônico contemporâneo, onde existe um nítido diálogo entre os conceitos de tectônica e Modernidade.

Isto é, Cydno da Silveira possui uma formação moderna em sua graduação realizada com os mestres da Escola Carioca, estagiou com Oscar Niemeyer, com que trabalhou em seguida, sendo clara a influência de seu mentor arquitetônico.

E por isso, adotou soluções projetuais e construtivos tão presentes na obra de Niemeyer, que por sua vez já era bastante influenciado pelo paradigma da arquitetura moderna brasileira, o mestre franco suíço, Le Corbusier.

Cotrim (2011) ao longo de seu artigo corrobora com tal afirmativa, pois são patentes tais influências na obra de Cidno e principalmente, no projeto desenvolvido para a FIEP, no final dos anos 70 do século XX.

1 DIMENSÃO NORMATIVA

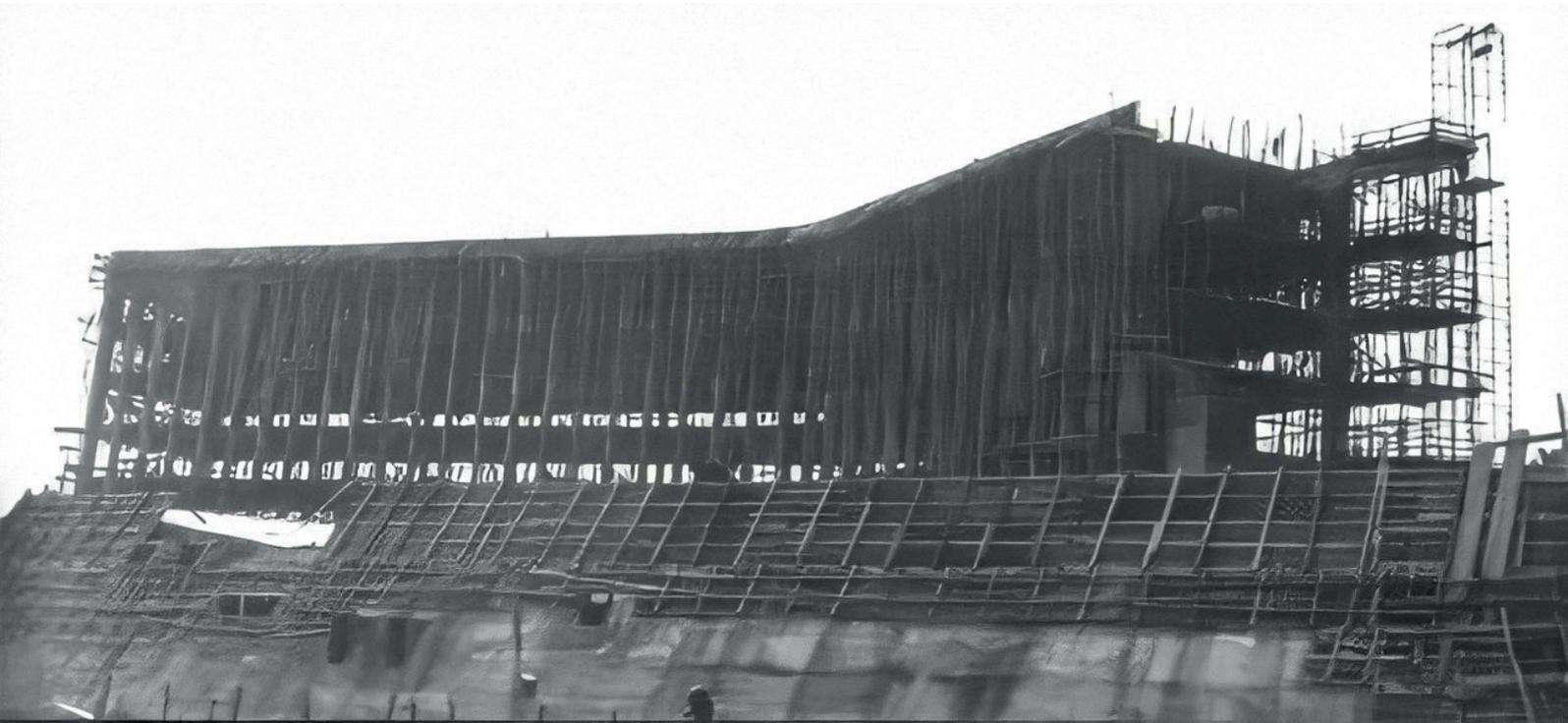
A edificação em pauta, apesar de seu valor arquitetônico, histórico e cultural, não é preservada por lei patrimonial em nenhum dos níveis.

análise dimensões arquitetônicas

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Através das placas existentes na própria edificação, foram coletadas informações históricas importantes sobre a história da obra, onde está colocado que a construção do edifício só se tornou possível graças à ajuda de muitos, especialmente dos senhores Domício Velloso da Silveira e Albano do Prado Franco, ex- presidente e presidente da Confederação Nacional das Indústrias/ CNI na época da inauguração, em terreno doado pelo então prefeito, Enivaldo Ribeiro.

A força da FIEP sempre foi tanta, que na inauguração do edifício em 24 de setembro de 1983, estiveram presentes autoridades federais como o Ministro do Trabalho, Murillo Macedo; o Ministro do Interior Mario David Andreazza; o presidente da CNI, o senador Albano do Prado Franco; além de autoridades estaduais como o governador da Paraíba, Wilson Leite Braga; o prefeito de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima; entre outras autoridades.



3 DIMENSÃO ESPACIAL

O terreno está localizado na extremidade nordeste do Açude Velho, um dos cartões postais da cidade.

Seu formato é irregular, e delimita-se com a Avenida Manoel Guimarães, com a Rua João Florentino de Carvalho, com a Rua Almirante Tamandaré e com a Rua Campos Sales.

O acesso principal é realizado pela Avenida Manoel Guimarães, que surge da convergência – em uma rotatória – entre a BR 104 e a BR 230, os dois principais acessos à cidade, conforme colocou Cotrim (2011) em seu texto.

O agenciamento paisagístico da obra desperta interesse pelo desenho dos planos criado pela distribuição de pisos, que dialogam com os espelhos de água, e com o gramado, que criou uma ambiência muito agradável a todo o conjunto, pela beleza de sua solução paisagística.

O acesso principal ao edifício é realizado através de uma guarita que possui um desenho arrojado em concreto armado, e que possui um piso que foi prolongado até o edifício, e a partir de um trecho torna-se uma passarela que se sobrepõe ao espelho de água: uma solução elegante que denotou a preocupação da equipe projetual com os detalhes da obra.

Quanto à solução do programa em planta, esta foi resolvida em uma planta em formato de L, com angulação obtusa, distribuída em pilotis mais seis pavimentos.

Apenas no pavimento térreo, que se trata do pilotis, há um volume mais baixo destinado ao auditório, que possui um formato protopiramidal, e se acopla abaixo da laje do pilotis, criando um dinamismo plástico em planta e em volumetria.

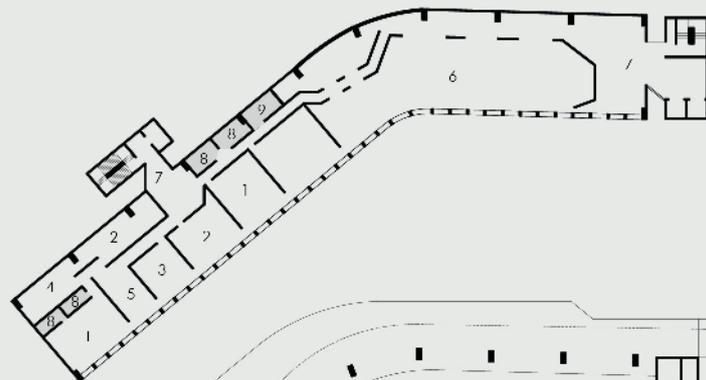
O espaço do pilotis conferiu uma permeabilidade visual entre área externa e interna, além de



LEGENDA

- 1 - Diretor
- 2 - Diversos setores
- 3 - Compras
- 4 - Arquivos Gerais
- 5 - Espera
- 6 - Salas
- 7 - Hall
- 8 - WC
- 9 - Copa

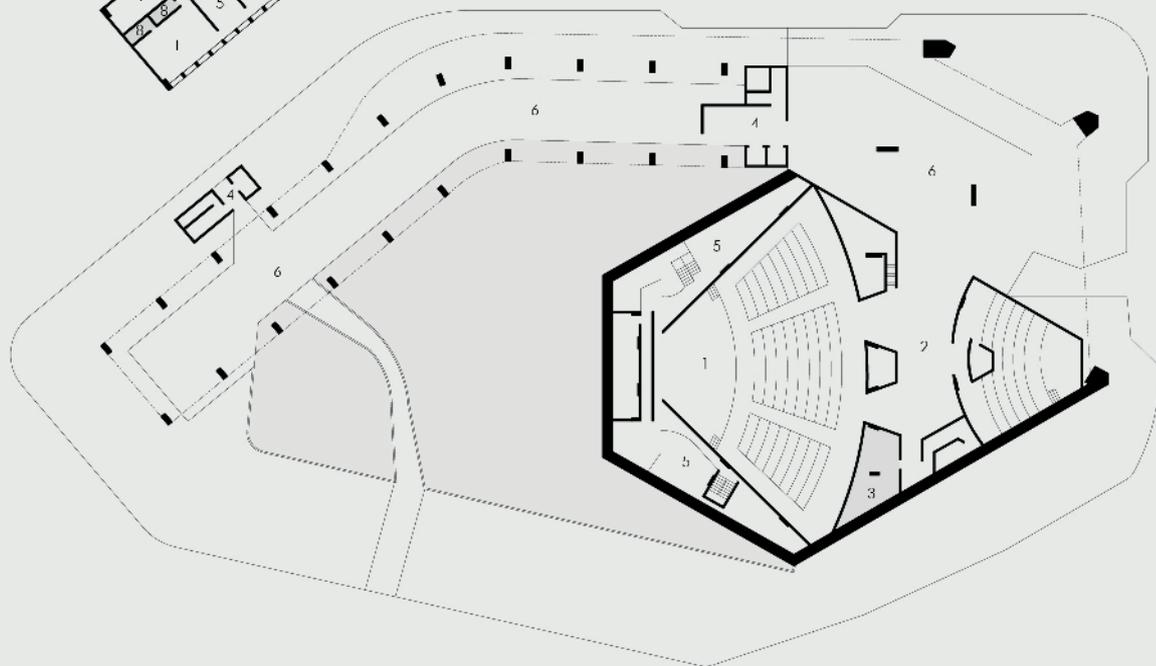
PLANTA BAIXA - PAV. 1

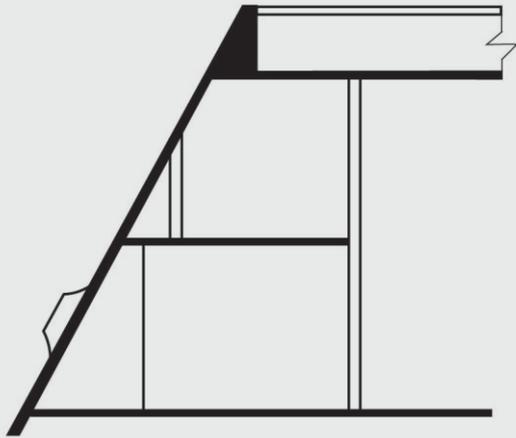


LEGENDA

- 1 - Auditório
- 2 - Espera
- 3 - WC
- 4 - Hall
- 5 - Backstage
- 6 - Pilotis

PLANTA BAIXA - PAV. TÉRREO

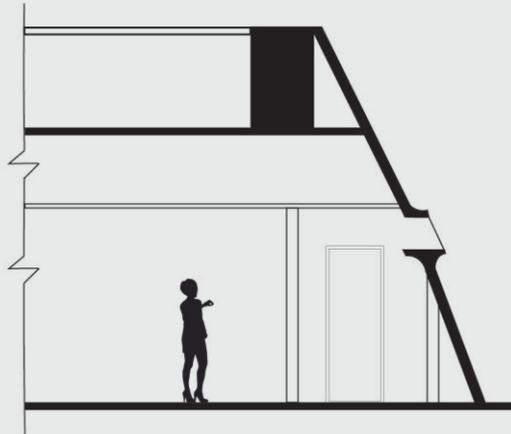




CORTE AA

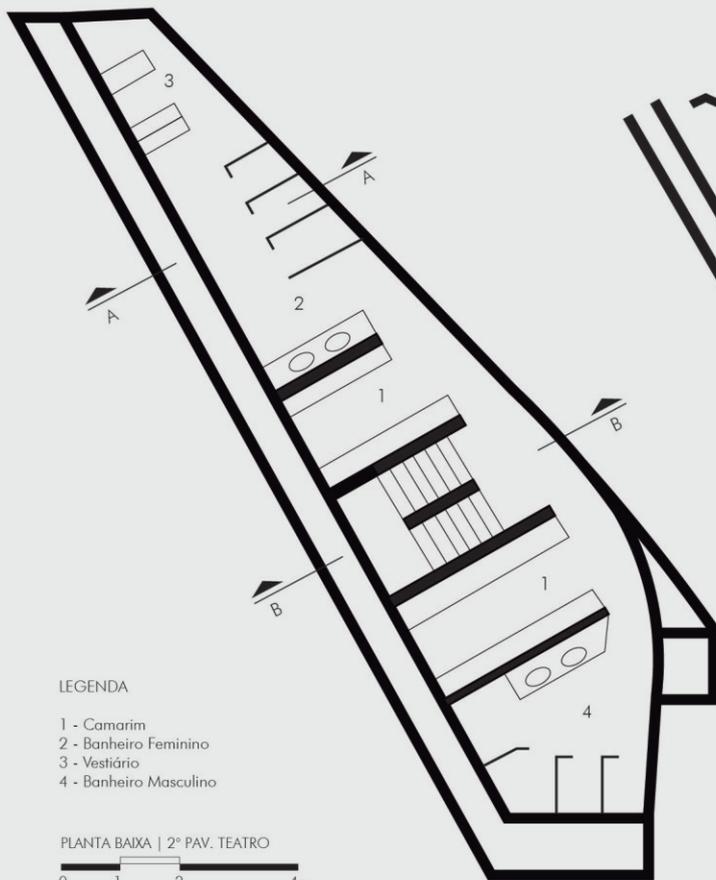


CORTE BB



CORTE CC





proporcionar a mostra da solução estrutural adotada: um espaço ventilado, integrado e receptivo aos demais pavimentos, que funciona como uma praça coberta.

Vale à pena ressaltar aqui, que a solução adotada arquitetonicamente nos remete à obra do Palácio do Itamaraty, de autoria de Oscar Niemeyer em Brasília, tanto em soluções espaciais, quanto tectônicas, conforme corroborou Cotrim (2011) em sua análise.

A solução da lâmina do pavimento tipo, que possui uma área aproximada de 600 metros quadrados adotou uma planta livre, com uma estrutura independente dos fechamentos dos ambientes- um dos princípios norteadores da modernidade divulgada por Le Corbusier, que permite a flexibilidade dos layouts em distintos e possíveis usos espaciais.

A circulação vertical foi resolvida de maneira racional, distribuída adequadamente em blocos que aperfeiçoam a distribuição dos fluxos aos pavimentos. Também, a solução racionalista em blocar usos, foi empregada na distribuição do bloco sanitário nas plantas dos pavimentos.



4 DIMENSÃO TECTÔNICA

A estrutura de suporte adotou o sistema construtivo em concreto armado, e foi modulada, em dois tipos de módulos: 1) distribuídas em seis espaçamentos modulares maiores em um trecho da planta; 2) em quatro módulos menores a partir da angulação da planta.

Essa modulação é sistemática, compõe a configuração da plasticidade da volumetria, pois fica aparente e presente nas fachadas, tanto em vigas que delimitam os sete pavimentos, quanto nos pilares.

Sobre essa solução que deixa à mostra nitidamente a relação arquitetura/estrutura, a verdade construtiva- Mahfuz (2003, p.69) escreveu: “Em uma arquitetura que aspira a autenticidade, os edifícios são o que são, e não o que aparentam ser.”

Torna-se necessário também, reforçar aqui, uma reflexão a cerca da obra da FIEP- considerando seu valor tectônico, e para tanto, Sekler (1965) que definiu o termo tectônica como o único adequado

a descrever uma expressão das relações entre forma e força estática da construção.

Quanto às peles da edificação, foram usados fechamentos em placas pré-moldadas de concreto aparente nas fachadas norte e sul; panos de esquadrias de vidro com alumínio na fachada norte e cobogós cerâmicos na fachada sul. Tais materiais se harmonizam e dialogam entre si, criando uma solução equilibrada.

A cobertura recebeu um tratamento que criou um destaque na composição da obra, segundo colocou Cotrim (2011):

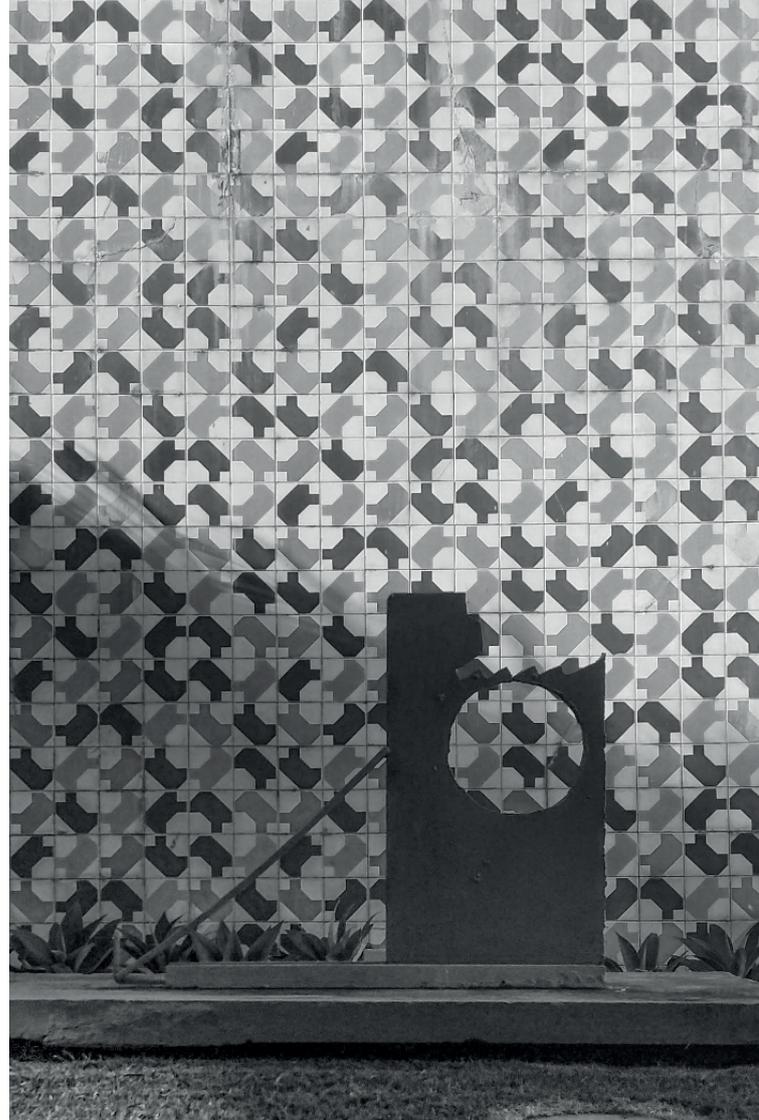
O tratamento dado à cobertura se destaca no conjunto: uma laje de menor dimensão determina uma zona descoberta de terraço-jardim enquanto acolhe a outra parte diferenciada do programa, destinada originalmente a um restaurante, e que mais tarde se converteu em espaço para eventos e reuniões mais restritas. Volumetricamente,

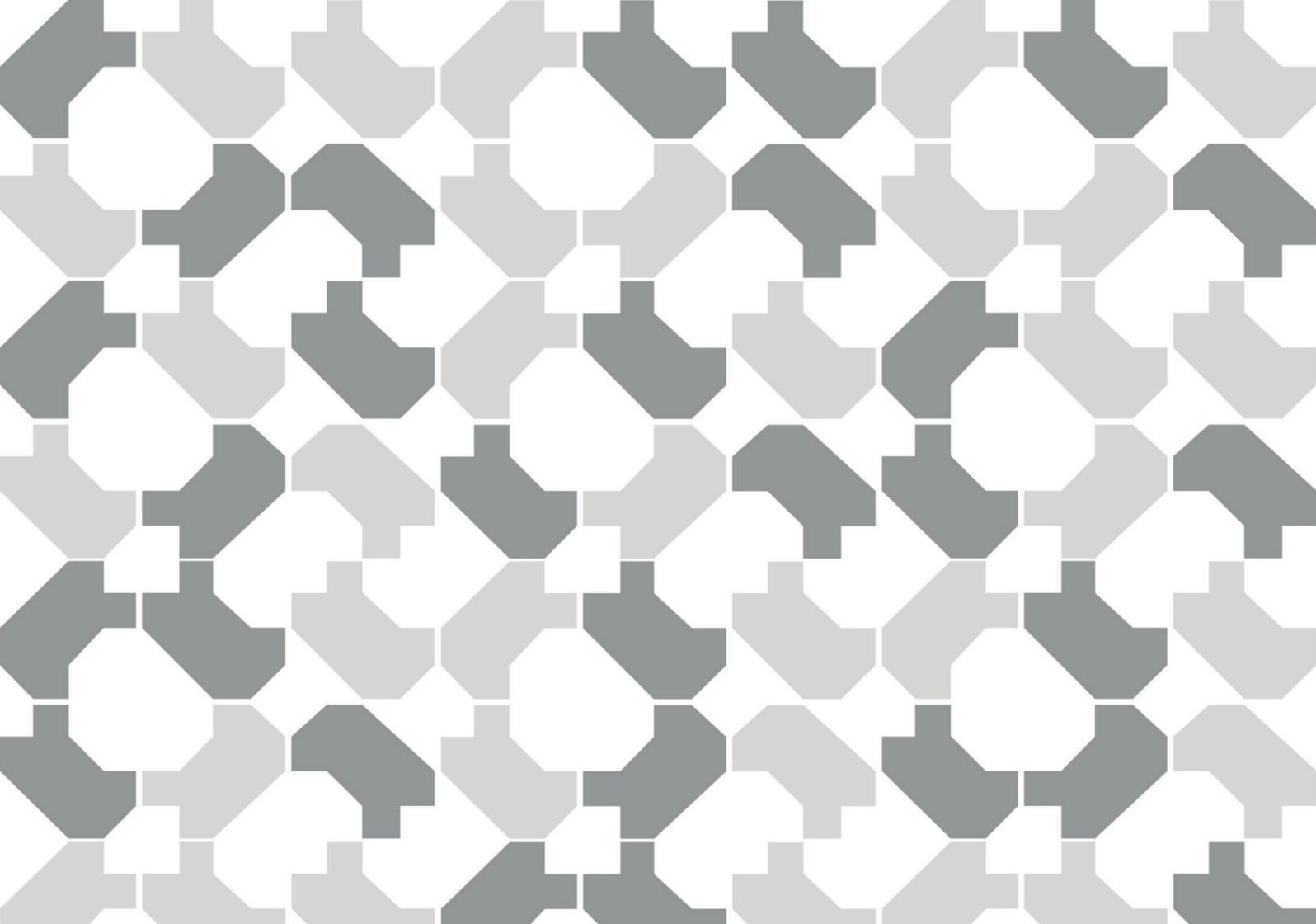


o resultado é uma espécie de coroaamento do conjunto, marcado por uma linha horizontal que serpenteia levemente em pontos determinados. (COTRIM, 2011, s/p)

Quanto aos detalhes construtivos, estes estão presentes nas soluções estruturais dos pilares do pilotis com suas formas diferenciadas em V curvados; nos painéis projetados pelo artista plástico Athos Bulcão (presentes no sexto pavimento); nos cobogós cerâmicos, especialmente desenhados para o edifício; no desenho arrojado da guarita; na passarela de acesso que atravessa de forma suspensa o espelho de água, entre outros- que denotam a atenção de Cydno e sua equipe no desenvolvimento dessa obra.

No que diz respeito aos revestimentos e texturas, o concreto domina toda a composição da obra e está presente tanto nos elementos do volume principal, quanto no do auditório, que recebeu um tratamento mais rústico. O concreto dialoga com o vidro, que forma o grande pano de revestimento da fachada principal, deixando à mostra a solução estrutural da edificação.





5 DIMENSÃO FORMAL

A linguagem arquitetônica adotada na obra da FIEP foi o brutalismo, e de acordo com Frampton (1995, p. 360), o brutalismo está relacionado também com a tectônica, podendo ser considerado como uma retomada desta cultura, pois a arquitetura brutalista demonstra um claro retorno à expressão da estrutura e da construção.

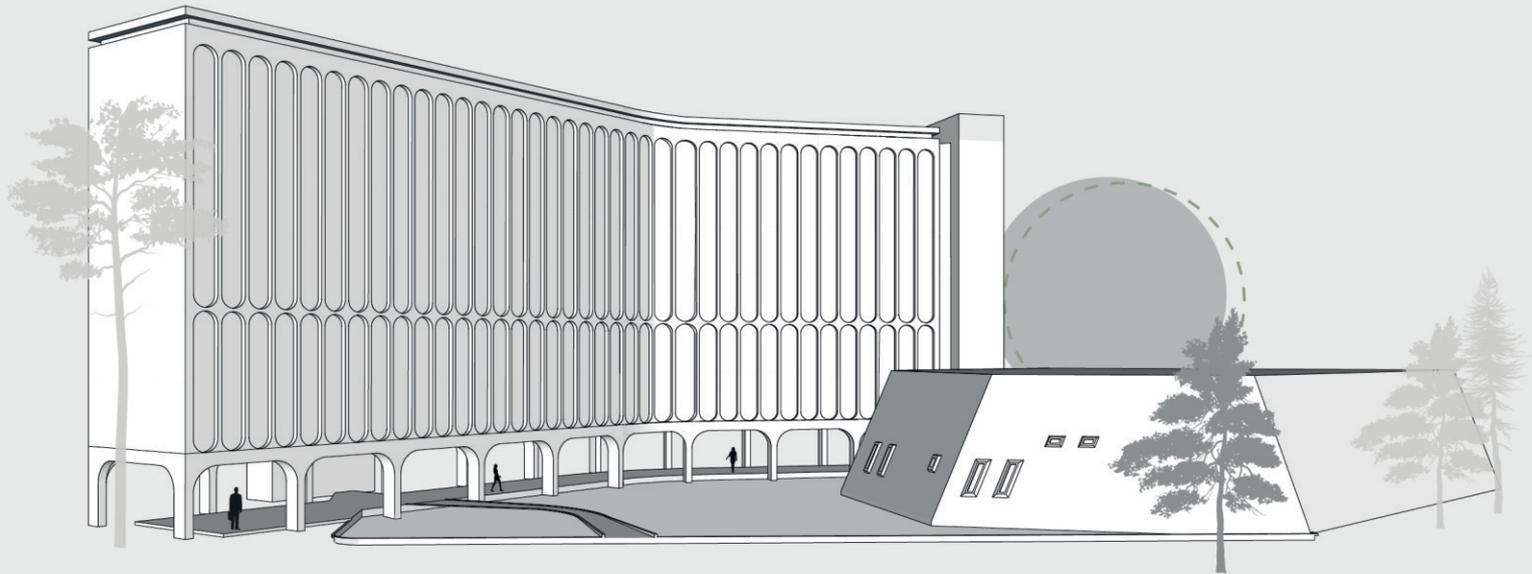
Para maior aprofundamento ao tema do brutalismo, recomenda-se aqui, um texto de Zein (2007) que tratou do "Brutalismo, sobre sua definição", que deve ser utilizado como aporte teórico nessa discussão.

Retomando-se à análise, observou-se que a dimensão formal está diretamente vinculada à dimensão tectônica do edifício, ou seja, constatou-se uma atenção com os detalhes estruturais, construtivos, que se articulam com os materiais e junções, promovendo a realização de uma obra brutalista refinada e bem elaborada.

A forma como os materiais são tratados na arquitetura brutalista, a exposição de partes e arremates, a busca por uma honestidade construtiva, a utilização dos materiais brutos, a evidenciação do processo construtivo são características presentes na obra em pauta.

Importante ainda frisar que a solução projetual, construtiva, estilística resultou em certa monumentalidade, também citada no texto de Cotrim (2011) e referenciada em artigo de Afonso (2014) quando tratou de obras brutalistas realizadas no Piauí, que também adotaram o brutalismo, para reforçar a ideia de poder, relacionada à arquitetura.

A monumentalidade formal, volumétrica, plástica do edifício da FIEP foi adotada, sem dúvida, para demonstrar a força, a pujança, o desenvolvimento das indústrias na cidade de Campina Grande naquela época, conforme foi visto anteriormente.



6 DIMENSÃO FUNCIONAL

A edificação principal composta pelo grande bloco articulado com um volume de auditório, não sofreu mudanças de uso ao longo dos anos, e tem mantido a sua função em sediar a Federação das Indústrias da Paraíba, abrigando ali, sedes dos distintos sindicatos, com um programa de necessidades, que confere ao edifício um bom funcionamento.

Infelizmente, em uma das extremidades do terreno- foram construídos alguns anexos, que não se relacionam com a arquitetura da edificação principal, mas também, não chegam a comprometer a qualidade da mesma, pois foram mantidas distanciamientos.

CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Pode-se observar que a edificação encontra-se bem conservada, apesar de não possuir nenhuma proteção legal, enquanto uma obra de bastante valor e representatividade para o acervo do Estado da Paraíba.

Alguns elementos parasitários vêm sendo colocados no pavimento térreo, na parte posterior da edificação, como uma estrutura desmontável em alumínio com toldos brancos- que serve de apoio aos eventos ali realizados.

Acredita-se que devido ao seu valor arquitetônico, construtivo, histórico e simbólico, mereceria uma proteção em nível estadual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *El diálogo entre tectónica y la reconsideración de la Modernidad como enfoque teórico en la Arquitectura Contemporánea*. Xalapa, Veracruz: Revista RUA, ano 11, número 22, Julho - Dezembro 2019.

AFONSO, A. *Arquitetura brutalista no Piauí nos anos 1970*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 174.02, Vitruvius, dez. 2014 <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.174/5367>> Acesso em: 04 de junho de 2020.

COTRIM, M. *Clareza compositiva e a herança moderna brasileira. O caso do edifício da FIEP em Campina Grande*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 130.04, Vitruvius, mar. 2011 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.130/3787>>.

Cydno da Silveira em depoimento publicado na revista *Módulo Especial*, n.01, mar. 1981.

FRAMPTON, K. *Studies in Tectonic Culture*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1995.

MAHFUZ, E. *Reflexões sobre a construção da forma pertinente*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 045.02, Vitruvius, fev. 2004 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/606>>. Acesso em 2 de junho de 2020.

SEKLER, E. *Structure, construction, tectonics*. In: KEPES, Gyorgy (Org.). *Structure in art and in science*. Nova York: George Braziller, 1965, p. 89-95.

ZEIN, R. *Brutalismo, sobre sua definição*. In *Arquitextos Vitruvius*, 084, São Paulo, Portal Vitruvius, fev. 2005 <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq084/arq084_01.asp>; Acesso em 1 de junho de 2020.

PATRIMÔNIO MODERNO

INDUSTRIAL

CAP 21

O CONTEXTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO NA SEGUNDA
METADE DO SÉCULO XX. 1960/1980

JULIA LEITE

453

INTRODUÇÃO

Esse capítulo tem como objeto de estudo o distrito industrial de Campina Grande, com recorte temporal entre a década de 1950 até a atualidade, buscando contemplar o contexto nacional que desencadeou na criação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), o processo de industrialização em Campina Grande, e a implantação das diversas indústrias que compõem o distrito.

Apropria-se de uma visão crítica sobre esse processo com objetivo de documentar as transformações espaciais, assim como, identificar os objetos arquitetônicos herdados desse, e as implicações na atualidade para conservação desses edifícios.

O reconhecimento do patrimônio industrial é recente, e há a conseqüente necessidade de registrar e discutir sobre a temática, em uma abordagem arquitetônica, do acervo advindo desse processo. Desse modo, apropria-se da metodologia desenvolvida por SERRA (2006), que defende a existência de um sistema de condicionantes promovendo um processo, sendo assim, levanta-se os fatores que contribuíram para implantação e desenvolvimento do distrito industrial em Campina Grande.

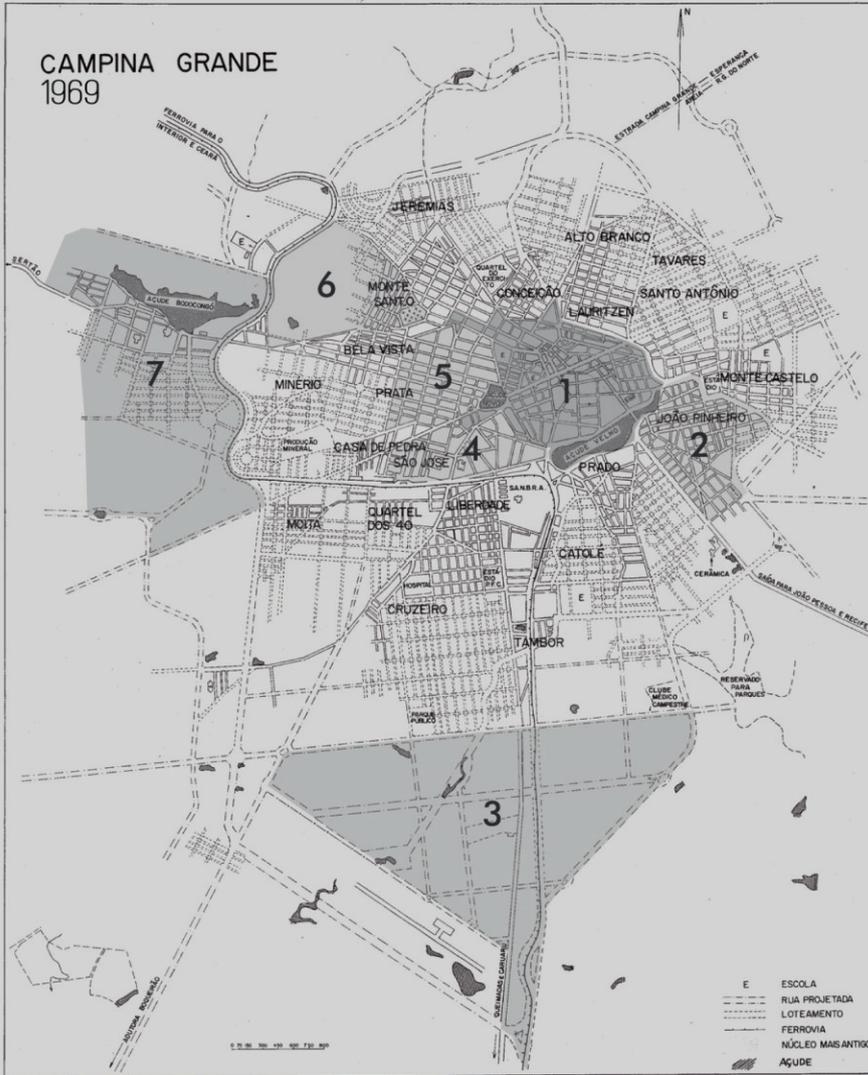
Pode-se observar na imagem ao lado que em conjunto com o distrito foram levantados, segundo o cadastro da FIEP (Federação das Indústrias do estado da Paraíba) de 1969, outros polos de concentração da atividade industrial na cidade, como a região central e o bairro do Bodocongó.

Nesse ano haviam, ao todo, 351 indústrias em atividade na cidade subdivididas em 20 segmentos, o aumento expressivo de novas fábricas a partir de 1965, volta a atenção da relação desse processo com os investimentos da SUDENE, assim como a dinâmica de transição de fábricas das demais áreas da cidade para o novo distrito, no recorte temporal estudado.

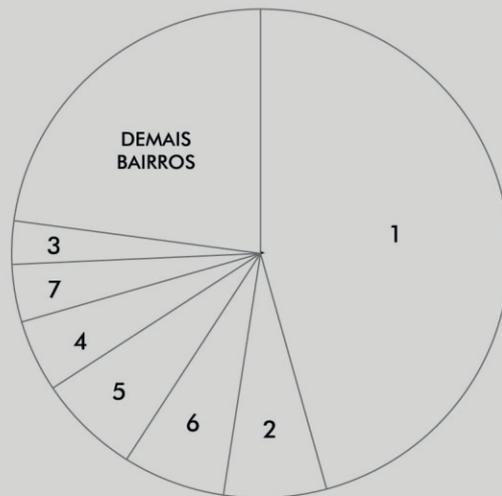
Os procedimentos adotados na investigação foram a coleta de recortes históricos em revistas e jornais locais, o redesenho de mapas encontrados em acervos, e levantamentos fotográficos in loco, a fim de construir um relato da memória industrial da cidade através da modernidade arquitetônica.

Como referencial teórico embasa-se nos estudos de CHOAY (2017), ao tratar a memória como necessária para perspectiva de futuro, e KUHL (2008), ao destacar a importância do patrimônio industrial no rol de bens a

CAMPINA GRANDE 1969



INDÚSTRIAS POR BAIRRO



1. CENTRO	48%
2. JOSÉ PINHEIRO	7%
3. DISTRITO INDUSTRIAL	3%
4. SÃO JOSÉ	5%
5. PRATA	7%
6. MONTE SANTO	7%
7. BODOCONGÓ	4%

serem preservados, diante das ameaças eminentes sob os artefatos da indústria:

“Esses edifícios, ou inteiros complexos, estavam (e estão) sob constante ameaça pela sua obsolescência funcional, pelo crescimento das cidades e pela pressão especulativa imobiliária.” (KUHL, 2008, p.38)

1. CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL

Desde a década de 1930, no governo Vargas¹, levantaram-se questões quanto a assimetria federativa no Brasil, e nesse período são geradas projetos para intervenções no Nordeste frente a disparidade do contexto urbano, econômico e social, dessa com as demais regiões do país; nesse momento, os questionamentos materializam-se em processos de urbanização, com ideais higienistas, sobretudo com aplicação de reformas hidráulicas nas cidades. Entretanto, a partir dos anos 1950 observa-se a “alteração desse padrão na região Nordeste”², agora apropriando-se de uma “intervenção planejada”.

Nesse período observa-se “o auge do pensamento nacional – desenvolvimentista”³, concretizado dessa vez na industrialização, que aparece nesse cenário como a “redenção da pobreza e da desigualdade brasileira”⁴.

Essas constatações são expressas, por exemplo, no Plano de Metas⁵ implantado pelo presidente Juscelino Kubitschek, que encontrava suas bases no desenvolvimento das indústrias, investimento em hidrelétricas, infraestruturação de estradas, e extração de petróleo.

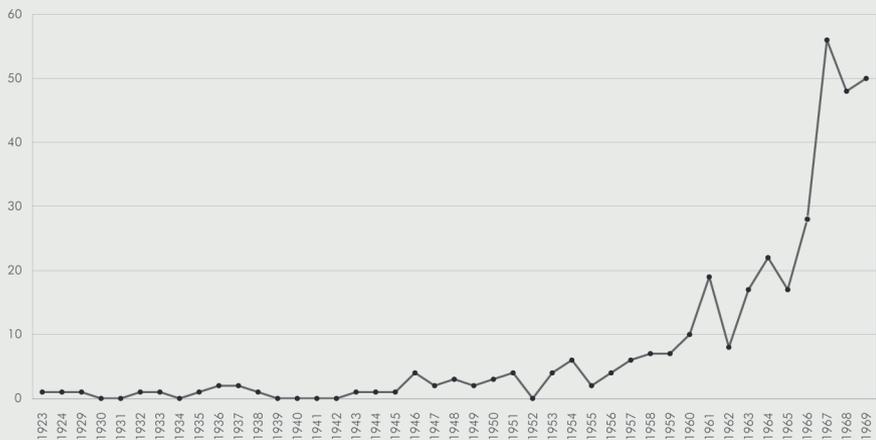
Em contraste com a força das posturas progressistas no contexto nacional, a região Nordeste destacava-se na mídia pela situação crítica das secas de 1952 e 1958; a situação foi utilizada como discurso político por personagens de visão populista, apontando o descaso do Governo Federal para com o povo nordestino, o resultado das eleições leva ao “agravamento de falta de controle político sobre a região”, e propicia um terreno fértil para medidas de atenção a essa.

Neste contexto, a criação de um órgão de planejamento regional no Nordeste,

NÚMERO DE INDÚSTRIAS POR SEGMENTO



NÚMERO DE INDÚSTRIAS FUNDADAS POR CADA ANO 1923 - 1969



subordinado diretamente à presidência da república como foi no caso da SUDENE, representaria uma possibilidade de centralização do poder executivo. Mais do que isso: a criação de uma instituição serviria para retomar o controle político de uma região que, além de apresentar graves tensões sociais e políticas, havia escapado, em termos de representação política, do controle do governo federal. (COLOMBO, 2015, p.77)

Pelos esforços de Celso Furtado⁶ e de Kubitschek, a SUDENE foi criada em 1959, guiando-se em um Plano de Ação⁷ com quatro diretrizes básicas, dentre as quais destaca-se a “intensificação dos investimentos industriais”, que visava criar no Nordeste um centro autônomo de expansão manufatureira, ou seja para produção de bens que serão utilizados ou comercializados.

2. CONTEXTO LOCAL

Em Campina Grande, como vai apontar QUEIROZ (2008), no período de 1930 – 1950 a cidade foi alvo de medidas higienistas modernizadoras, sobretudo no que tange às “preocupações com a circulação urbana”⁸,

“os novos fluxos e velocidades advindas com o adensamento citadino, com a diversificação das atividades produtivas e com o surgimento do automóvel”⁹; o traçado urbano e a paisagem já aspiravam os ares dos princípios modernos, sobre sacrifício de edifícios oitocentistas e do caráter do espaço público na cidade.

No cenário da década de 50, “Campina Grande bradada como caótica pela imprensa local dos anos 1930 era o resultado da transformação do seu espaço urbano em locus do sistema produtivo”¹⁰.

Em especial, nos últimos anos da década, a força econômica sobre o comércio do algodão já não sustentava a “projeção contínua da cidade”, a industrialização, fruto da visão desenvolvimentista, começa a tomar cena no contexto local, como apresenta a reportagem no Diário da Borborema em 1957, “Pensemos em Indústria”:

Os observadores da vida campinense vêm notando, não sem certo pessimismo, que já não poderemos manter com a mesma galhardia de antes o domínio do comércio nordestino. (...) Ainda podemos ostentar, com justo motivo de orgulho, o título de cidade de mais intensas atividades comerciais na região que se estende até recuados rincões dos estados vizinhos. (...) Não



temos, no entanto, motivos para receios alarmistas, desde que poderemos arrumar a nossa economia em outro poderoso fator de desenvolvimento: a indústria. (...) O momento é mais que oportuno para a criação de uma mentalidade industrial. Devemos pensar desde logo na formação de capitais, no estudo dos mercados, sem muito confiar em promessas simbólicas de que seremos ajudados por capitalistas de fora. Os homens que construíram a grandeza do empório comercial que foi e ainda é campina grande, esses mesmos homens poderão, com seu arrojo, com sua inteligência, com sua visão, lançar os fundamentos do parque industrial campinense. (SOUZA APUD. DIÁRIO DA BORBOREMA, 2016, P. 67)

Sobre o prestígio do seu passado, rico no processamento do algodão e escoamento de mercadorias do litoral ao sertão, mas, sobretudo pelo acúmulo de capital advindo dessa época áurea do “ouro branco”¹¹, Campina apresenta a imagem de centro urbano moderno e dinâmico, fortalecendo a ideia de que ali carecia que fosse “desenvolvido um forte e adiantado setor industrial”¹².

Cabe ressaltar que, em contrapartida aos discursos de Campina Grande como símbolo do progresso, a cidade ainda enfrentava seríssimos problemas como esgotos a céu aberto, a indisponibilidade de água potável, e dificuldades quanto a distribuição da infraestrutura elétrica, em evidência nas áreas mais distantes do centro da cidade, que havia sido o foco das medidas higienistas.

Essas problemáticas não “proporcionavam as tão sedutoras condições para a instalação de novas indústrias”¹³, gerando uma mudança de mentalidade e mobilização populacional¹⁴ quanto a aplicação do capital vindo do governo federal, defende-se nesse momento que esse subsidie o setor industrial, para que melhorando economia regional, se solucione os problemas contínuos do cenário nordestino: a seca e a pobreza.

De tal modo, a indústria se mostra como “o” recurso para as dificuldades de um município que em si concentra os impeditivos do interior paraibano. Seu inchaço populacional cada vez mais proeminente tornam claras as fragilidades de sua economia restringida. Industrialização como o derradeiro recurso: empregos para uma população ociosa, forte impulso para a economia local, novas fontes de imposto auxiliando a prefeitura em

suas responsabilidades com a população. (SOUZA, 2016, P. 81)

Em 1959, de forma quase que inédita, os candidatos a prefeitura apresentavam “programas administrativos através de documentos escritos e publicados”¹⁵, entre esses destacava-se a figura de Newton Rique, empresário e político campinense, que concebe a chamada “Revolução da Prosperidade”, a qual com bases progressistas delimitava o caminho para desenvolvimento da cidade rumo a industrialização.

Apesar de sua popularidade Rique não saiu vitorioso da candidatura, ao contrário, atuou na direção do BNDE - Banco Nacional de Desenvolvimento e do Banco Industrial de Campina Grande durante os anos consecutivos, propiciando “investimentos financeiros para a cidade, que via sua economia cada vez mais beneficiada por tais esforços”¹⁶.

Esses anos afastado da esfera política conceberam a base e prestígio que o empresário necessitava para execução de seu plano de ações, sendo conseqüentemente eleito em 1963.

Não obstante, nos primeiros dias de seu mandato o prefeito já anunciava na reportagem “Industrialização”¹⁷ ao Diário da Borborema, sinalizava a associação com a

empresa gaúcha Wallig, e a compra do terreno do que seria, e hoje é, o Distrito Industrial de Campina Grande, em “uma colaboração entre a cidade, o Governo do Estado e a ajuda direta de agências federais de investimentos, como a SUDENE e o Banco do Nordeste”¹⁸.

O ano de 1964 apresentava-se como um período de grandes expectativas, como coloca SOUZA (2016) sobre os projetos da SUDENE em seus dois primeiros planos diretor¹⁹, esses “não eram acanhados”, além de que o capital apresentava “boas previsões para os anos seguintes”²⁰. Apesar da expectativa, a população campinense pressionava quanto a precariedade nas áreas suburbanas, herdadas da gestão anterior, em resposta a realidade distante da “Revolução da Prosperidade”, Newton Rique apresenta, passos importantes que haviam sido tomados rumo a uma Campina industrial:

Seu primeiro passo já havia sido dado em 31 de dezembro de 1963, com o decreto 3.491 no diário oficial do estado, onde o governo Pedro Gondim havia declarado de utilidade pública uma área de quase 200 hectares situados nas imediações do Aeroporto João Suassuna. Esta destinada à formação e implantação do distrito industrial de campina grande, observado como o primeiro passo deste milagre. Somada

às expectativas geradas pelo segundo plano diretor da SUDENE (1963/65), que contava com uma série de benefícios federais concedidos para a implantação de cinco indústrias de grande porte (entre elas a Wallig) mais a modernização de quatro outras já existentes, semeavam a prosperidade racionalizada pela elite progressista de campina. (SOUZA, 2016, P.161)

Ao contrário das expectativas, 1964 sobreveio com o Golpe Militar, sendo o mandato de Newton Rique cassado em junho do mesmo ano, prometendo voltar a cidade apenas em outubro, para comemoração de seu centenário. Apesar disso, deixa sobre responsabilidade do prefeito interino João Jerônimo “mais de cinco projetos industriais para ampliação do parque fabril campinense”, como exposto em reportagem ao jornal Diário da Borborema²¹.

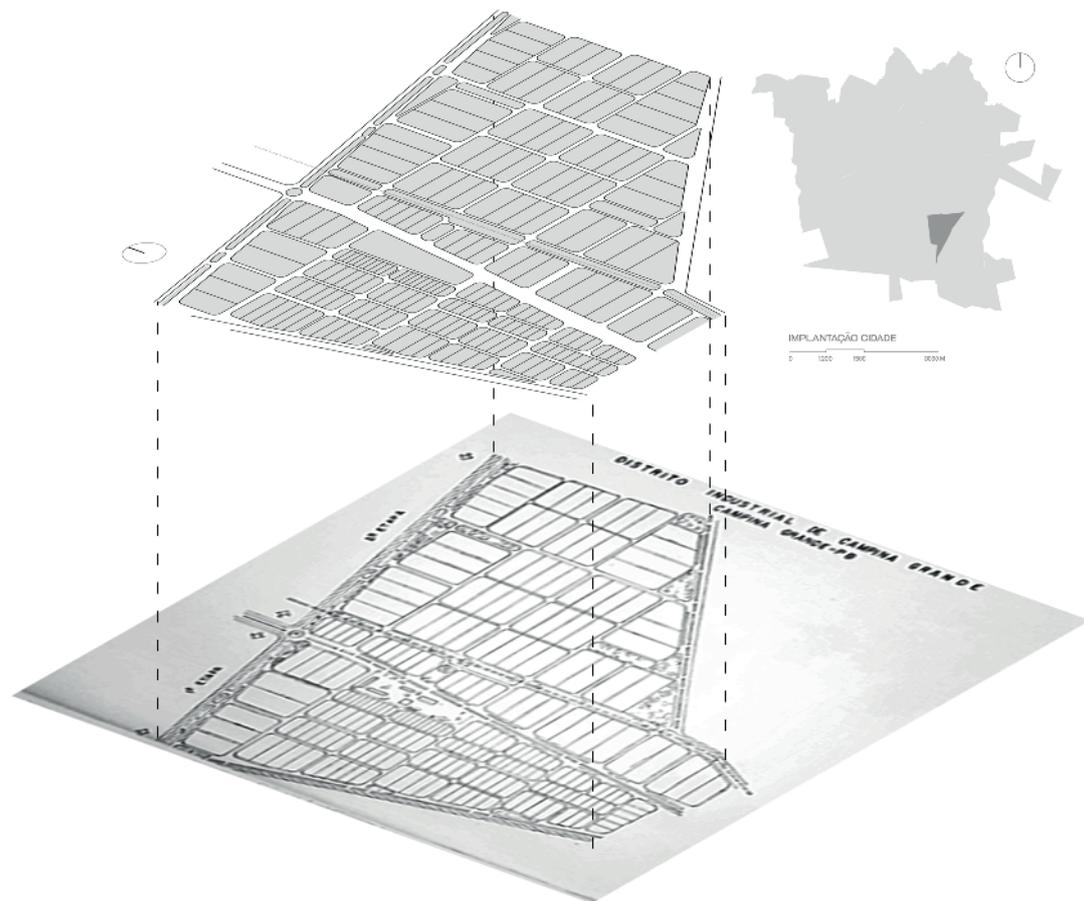
Em um cenário caótico, entre a ditadura militar, substituições consecutivas no cargo de prefeito e as comemorações dos seus 100 anos, Campina Grande ainda presencia esforços por parte do governo em promover sua industrialização, através

do 2º plano diretor da SUDENE. Sobre esse processo o historiador Damião Lima, relata:

Foram aprovados pela SUDENE, para Campina Grande, 9 projetos, sendo 5 de implantação de novas indústrias e 4 de modernização das indústrias existentes. Entre estes projetos, dois merecem destaque: o projeto de implantação da Campina Grande Industrial Ltda. (CANDE), produtora de tubos plásticos e, principalmente, o projeto de implantação da Wallig Nordeste s/a, empresa de grande porte, produtora de fogões a gás liquefeito. (LIMA, 1999, P. 124-125)

Em face do “aumento da cidade e do projeto de industrialização”²², através dos investimentos da SUDENE, a FIEP - Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, que já percorria há época quase 20 anos de existência, buscava acertar medidas que acompanhassem o ritmo desse processo quanto a questões infraestruturas, como a política de energia elétrica em Campina Grande.

É anunciada então a “construção de uma subestação de energia localizada dentro do Distrito



Industrial”²³, em 1966, a fim de atender a nova demanda com o distrito e problemas de oscilação da energia na rede.

As expressões desses esforços estendiam-se também a publicidade da cidade como polo industrial, destaca-se a reportagem feita no Cine Jornal nesse mesmo ano²⁴, na qual Campina Grande, tido pelo locutor como “exemplo de que o Nordeste não precisa ser pobre”, é exaltada pelas suas indústrias em implantação e a “sadia mentalidade empresarial do seu povo sertanejo”.

A campanha da industrialização foi abraçada ideologicamente pelas classes produtoras, poder executivo municipal e legislativo, mas a execução foi possibilitada também pelo apoio financeiro de órgãos como o BNDE - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.

Sendo homenageado na cidade, agradece garantindo que em breve “outras Campinas Grandes levarão ao âmago do sertão os benefícios do progresso industrial”, colocando a cidade mais uma vez nos holofotes do Nordeste.

Não obstante, ao final da reportagem trata de exibir as empresas em fase de instalação na cidade, a CANDE e a Wallig, que formando “um moderno núcleo de progresso entorno da cidade paraibana, atestam os novos rumos de emancipação nordestina”.

Ao apresentar essa segunda, a então fábrica de fogões gaúcha relata que, a “empresa do extremo sul do Brasil”, exaltando-a como portadora de “recursos e técnicas apuradas das regiões mais desenvolvidas do país”, a Wallig é colocada em posição de protagonismo com direito a um tom heroico, ao desbravar “novos caminhos no sertão” como “mensagem de progresso a ser compartilhado com seus irmãos do norte”.

Nesse período, observou-se que a existência de infraestrutura adequada para implantação da Wallig Nordeste, considerada uma indústria de alta tecnologia detentora de um grande espaço no mercado nacional, atrairia a instalação de outras empresas ao Distrito sobre incentivos da SUDENE, como a “Cande em 1964, da Indústria de Construções Premoldadas S/A (INCOPRESA) em 1965, a Bentonit União Nordeste S.A. em 1967,

a Arbame Mallory do Nordeste S.A. em 1968 e a Besa – Borracha Esponjosa S.A. em 1969.”.

3. DO CONCENTRO AO DECLÍNIO: Crise no Distrito Industrial

No entanto, em paralelo ao contexto aparentemente favorável para a cidade industrial idealizada por Newton Rique e o desenvolvimentismo preconizado por Juscelino Kubitschek.

Nos últimos anos da década de 1960 foram lançados os alicerces para a “arrancada de expansão econômica”²⁵ do governo militar, que prevê um crescimento acelerado da economia através de empréstimo em capitais estrangeiros, e a “entrada deliberada de indústrias multinacionais”²⁶ em terras brasileiras.

Entre 1968 e 1973, o governo defendeu que a economia brasileira deveria possuir “força competitiva no mercado mundial”, facilitando a introdução de grupos estrangeiros.

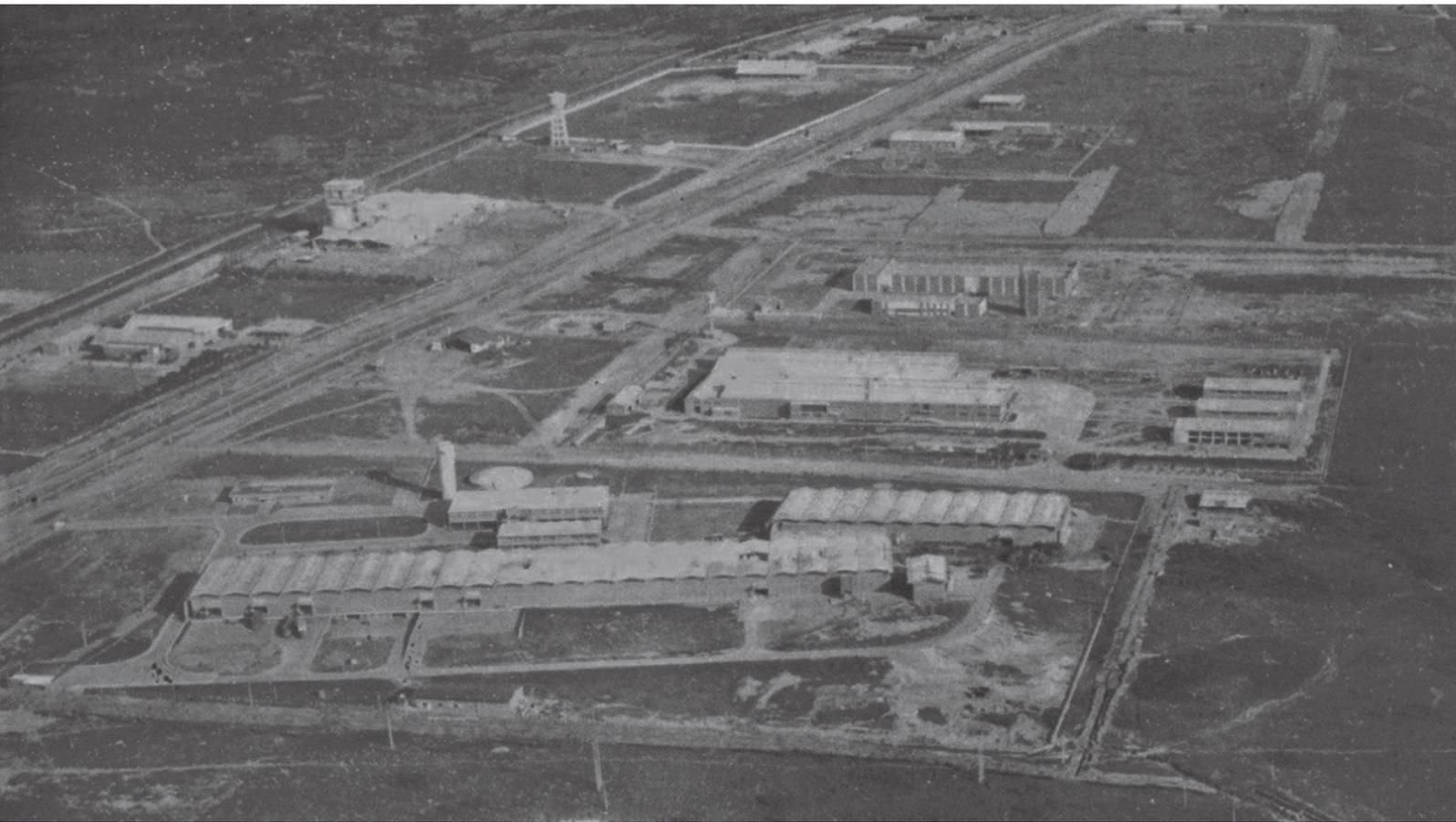
Essa prática envolveu o Brasil em dívidas com créditos externos, gerando uma forte dependência

tecnológica e material desses agentes, que por sua vez não convergiam com os interesses econômicos e sociais do país.

Esse novo panorama nacional repercute na SUDENE, que há época elabora o terceiro plano diretor destinado às ações em 1966/68, observa-se que diferente dos anteriores o capital é em maior proporção direcionado as empresas estatais, priorizando investimentos nos centros cosmopolitas e capitais dos estados, diminuindo a capitalização para a indústria em Campina Grande.

Divergindo do início da década, o contexto político e econômico agora era de incertezas para o Nordeste, o jornal Diário da Borborema traz em reportagem “Cortadas drasticamente verbas da SUDENE para 1966 e 1967”²⁷, o plano anunciava um projeto de reformulação financeira para Wallig Nordeste S/A, que apesar de menos apoiada pelos incentivos federais, permanecia em um desenvolvimento emergente.

Em 1976, as medidas para o crescimento acelerado da economia começam a respingar de forma mais enfática na SUDENE, as reportagens “Indústria



preocupada com a preservação da Sudene²⁸, e “Paraíba mantém incentivos apesar da contenção federal²⁹, vão trazer aspectos como o sobrecarga de encargos financeiros sob a indústria e como essa prática tem afetado no seu poder competitivo, assim como a contenção de gastos do governo federal, que prejudica a manutenção e regularização fiscal das empresas no estado.

Apesar das dificuldades a CINEP - Companhia de Desenvolvimento da Paraíba, órgão criado com objetivo de administrar e manter os distritos industriais na Paraíba, anuncia ainda ampliações e melhorias de infraestrutura dessas áreas em Campina Grande e João Pessoa³⁰, em um momento que no parque fabril campinense constavam 17 conjuntos implantados e 10 unidade em implantação.

O órgão também investe em reportagens como “Instale sua Indústria na Paraíba³¹, que apresenta vantagens financeiras, de infraestrutura, mão de obra, e transporte para a produção da atividade industrial no estado.

Nota-se que o distrito industrial de João Pessoa ganha nesse momento maior destaque nos anúncios como “Cidade aberta ao investimento Industrial³², como predizia o terceiro plano diretor da SUDENE.

Em matéria “Avanços da industrialização não são satisfatórias³³, de agosto de 1979, o presidente da CINEP diz que os resultados das indústrias da Paraíba não tem sido condizendo com os esforços para alcançá-los, observa-se uma mudança no enfoque das responsabilidades antes atribuídas ao estado ou SUDENE, agora sendo postas sobre o empresário como protagonista na “grande tarefa do desenvolvimento”:

Não há - faz questão de frisar ainda o presidente -, nesta orientação do governo qualquer sentido de renovação do espírito paternalista do estado para com o empresariado o industrial. De maneira alguma acredito que o espírito paternalista funcione a contento quanto se trata de criar legítimos empresário e empreendimentos competitivos. O empresário tem que ser autosuficiente na condução dos seus negócios, inclusive para poder responder

adequadamente às expectativas da comunidade. É neste sentido que pretendemos apoiar os empreendimentos verdadeiramente significativos para o desenvolvimento do estado, exigindo dos empresários o cumprimento dos compromissos e cobrando, inclusive, preços mais realistas para os terrenos e galpões cedidos nos distritos industriais. (GERALDO MEDEIROS, PRESIDENTE DA CINEP, 1979, REVISTA DO FISCO, P.5)

Analisando, especificamente - o caso das indústrias originais de outros estados, como a Fábrica da Wallig - pode-se observar que desde o primeiro momento sua implantação em Campina Grande foi uma estratégia política, orquestrada por Newton Rique.

Onde se utilizando dos financiamentos generosos da SUDENE foi consolidada na cidade mobilizando grandes reformas infraestruturais no distrito, "autossuficiência" e distanciamento de um "espírito paternalista" não foram, por assim dizer, características presentes no processo de industrialização desenvolvido.

O "concreto" que existiu do parque industrial, para além das paredes de seus galpões, parece não ter passado de uma encenação, daquelas que as aspirações são maiores que as capacidades de consecução. Enquanto pretensão pelo industrial do nordeste, o governo militar parece ter "iluminado" suas fragilidades ao indisponibilizar verbas e financiamentos. (SOUZA, 2016, P. 184)

Afinal, como aponta SOUZA, do "concreto que existiu do parque industrial" não nos resta muito além das paredes dos seus galpões, para além da memória dos recortes de jornais, das fotografias de particulares, e das pranchas de projeto, pouco nos restou dos relatos desse período da história campinense.

4. CONCLUSÃO

Com a crise eminente que se alastrou na transição entre as décadas de 1970 e 1980 os fechamentos de diversas indústrias, sobretudo as que foram implantadas com benefícios da SUDENE ainda no início da década de 1960, foram decorrentes e numerosas ao longo da próxima década.

PARAÍBA MANTÉM INCENTIVOS APESAR DA CONTENÇÃO FEDERAL

Com a presença de secretários de Fazenda e Técnicos de Tribunais Tributários de vários Estados encerrouse na sede da Secretaria da Fazenda de São Paulo, o I Encontro Nacional de Tribunais Administrativo-Tributários. O conclave foi aberto pelo secretário paulista, Nelson Gomes Teixeira, e teve o objetivo de examinar providências para o aperfeiçoamento racional e dinamização do julgamento de processos fiscais, debates de formas de apreciação de crédito tributário e promover intercâmbio de informações, experiências e técnicas adotadas nesse

O subsecretário das Finanças da Paraíba, sr. Coriolano Dias de Sá, afirmou naquela ocasião à imprensa paulista, que "a contenção de gastos determinada pelo governo federal afetará todo o estado paraibano, mas continuaremos mantendo nossa política de incentivos fiscais, porque o Nordeste tem sede de indústria e do desenvolvimento". Para o sr. Coriolano Dias de Sá que se declarou "um otimista até exagerado do crescimento brasileiro" citou o ditado popular: "é melhor perder no boi do que perder o boi".

Numa entrevista exclusiva concedi-



INDÚSTRIA PREOCUPADA COM A PRESERVAÇÃO DA SUDENE

O empresário nordestino reconhece como da maior importância a preservação e desenvolvimento da SUDENE e do FINOR, para o próprio progresso industrial, agrícola e geral de toda a região.

A afirmação está contida nas considerações finais do memorial dirigido ao superintendente da SUDENE, engenheiro José Lins de Albuquerque, pelas Federações de Indústrias dos Estados nordestinos, pedindo uma nova portaria em substituição à 83/76, principalmente o Artigo 29 que "deve mudar para 90 dias de prazo de cada relatório semestral, terminado em 30 de

assim sua saudável função esperada que era de ajudar, indistintamente, pequenas, médias e grandes empresas, b) motivar desvios de aplicações para outras faixas: turismo, reforestamento, etc. c) provocar auto-avaliação da SUDENE.

Além disso o memorial: Afirma-se da maior importância que as exigências legais da SUDENE coincidem ou não se conflitem com as do Banco Central do Brasil, CDI, BNB, BNDE, etc. Com isso evitar-se-ão embargões delongas e encarceramentos, no que tange a modificações estatutárias,

Finalmente, diz o memorial: *

O empresário nordestino, preocupado com a sua sorte e com a da SUDENE e do FINOR, apresenta as observações e sugestões contidas no bojo deste documento, apelando para a alta administração da SUDENE no sentido de tornar o FINOR um instrumento acessível e fácil para qualquer empresário idôneo.

Esperar que todos os projetos sejam bem sucedidos é utópico. Alguns insucessos devem ser aceitos. Criar grandes dificuldades para a maioria, procurando evitar o inevitável, parecendo ao próprio processo de incentivos à industrialização do Nordeste.

Como corolário das modificações solicitadas, torna-se imprescindível nova Portaria em substituição à 83/76, que regula a matéria.

Além do sr. Agostinho Veloso da Silveira, subscreveram o memorial os presidentes Túlio Brandão Mattos (Pernambuco); Nelson Taboada Souza (Bahia); Francisco José Andrade Silveira (Ceará); Dante Pires de Lima Rebelo (Piauí); Napoleão Cavalcanti Barbosa (Alagoas); e Expedito de Azevedo

Willy Pires Meirelles
ATENDIMENTO
CARIÓTIPO 200

Avanços da industrialização não são satisfatórios

A CINEP QUER A COLABORAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS PARA DETERMINAR AS OPORTUNIDADES DE INVESTIMENTOS



Medeiros: promoção da CINEP

Para o presidente Geraldo Medeiros, da CINEP, o atual nível de industrialização da Paraíba é bastante insatisfatório. Diz ele que os resultados obtidos não estão nem justo relacionamento com os esforços empreendidos para alcançá-los. Os avanços registrados não correspondem às expectativas, nem em termos dos investimentos industriais nem na composição qualitativa dos mesmos.

Em uma conclusão que merece ser objeto de preocupada análise, depois de fazer um diagnóstico de Sudele, por parte de técnicos, planejadores e autoridades governamentais, além do próprio empresário.

Observa o presidente a CINEP que, até agora, buscou-se, prioritariamente, atrair para o Estado investidores de fora, na base de uma filosofia congruente com os incentivos do Fundo 34/18, atualmente Finor, administrado pela Sudene-BNB. Em outras palavras, deu-se ênfase a atrair investimentos de grandes indústrias instaladas previamente no Sul do País. Com efeito, temos hoje um certo número de grandes indústrias, mas o desenvolvimento de pequenas e médias indústrias e a valorização de nossos recursos empresariais, humanos, materiais e de mercado ficam aquém do potencial.

Interrogado sobre se tais afirmativas significavam uma reorientação nas funções da CINEP, o economista Geraldo Medeiros esclareceu:

— Acho que o desenvolvimento industrial deve ser visto como um instrumento válido dentro de um contexto de ações integradas que visem os objetivos básicos do desenvolvimento econômico, tais como o aumento da renda interna, da taxa de ocupação de mão-de-obra e a redução dos desequilíbrios na distribuição de renda. Além disso, há objetivos mais específicos, por exemplo, uma maior e melhor valorização dos nossos recursos de toda natureza. Entendendo que a função geral da CINEP é contribuir para o desenvolvimento industrial assim como compreendido, como executora da política traçada pela Secretaria da Indústria

e Comércio, pensamos, sem negligenciar os grandes empreendimentos que representem opções viáveis para o desenvolvimento econômico do Estado, em dar o máximo de apoio e estímulos especiais às pequenas e médias empresas, principalmente as de propriedade de empresários locais.

Justificando esta filosofia de ação, Geraldo Medeiros citou uma série de vantagens das pequenas e médias empresas em relação às grandes indústrias.

- podem ser atraídas e instaladas mais rapidamente e com maior facilidade;
- envolvem menores riscos sociais;
- empregam um menor investimento fixo por mão-de-obra empregada;

— Acho que o desenvolvimento industrial deve ser visto como um instrumento válido dentro de um contexto de ações integradas que visem os objetivos básicos do desenvolvimento econômico, tais como o aumento da renda interna, da taxa de ocupação de mão-de-obra e a redução dos desequilíbrios na distribuição de renda. Além disso, há objetivos mais específicos, por exemplo, uma maior e melhor valorização dos nossos recursos de toda natureza. Entendendo que a função geral da CINEP é contribuir para o desenvolvimento industrial assim como compreendido, como executora da política traçada pela Secretaria da Indústria

- podem resultar em maior ocupação de mão-de-obra e em mais fácil utilização de mão-de-obra não especializada;
- podem valorizar mais adequadamente o potencial de pequenas mercados do interior do Estado da Paraíba;
- são mais adequadas à política de interiorização do desenvolvimento industrial;

• se constituem em verdadeiro manual da formação de novos empresários.

Em resumo — frisa ele — posso afirmar que a nossa filosofia é de apoiar, especialmente, os empresários locais, as pequenas e médias empresas

Tratou-se de um problema econômico e social, com o aumento no número de desempregos e o acúmulo de dívidas por parte de órgãos, como a CINEP, e também de um problema urbanístico, envolvendo o abandono dessas grandes estruturas, construídas com financiamento público, que ao longo de anos mantiveram-se subutilizadas em uma área infraestruturada da cidade.

Observando-se as transformações espaciais, no traçado e ocupação da área, pode-se perceber que em meio a vendas e negociações, realizadas nos anos consecutivos, esses grandes complexos foram realocados, desmembrados, e apropriados de diversas formas, que em sua grande maioria, aparentam ignorar valor patrimonial histórico desse conjunto, tratando-se de um problema patrimonial de perda significativa desses documentos.

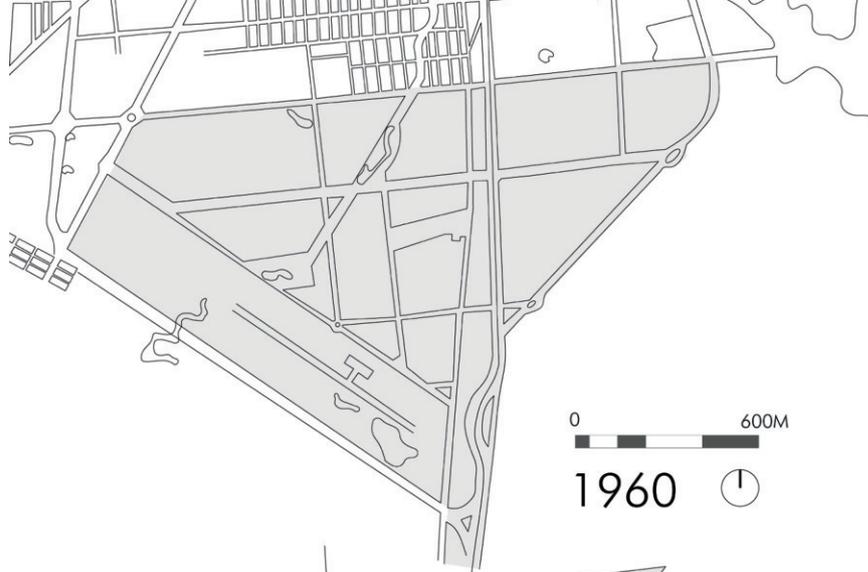
De forma geral, constata-se a total desproteção legal dos conjuntos fabris modernos no distrito industrial de Campina Grande, assim como uma desorganização quanto a diretrizes efetivas para utilização desse espaço de forma respeitosa ao seu valor histórico, referente a área como conjunto

urbano histórico, ou de exemplares individualmente significativos.

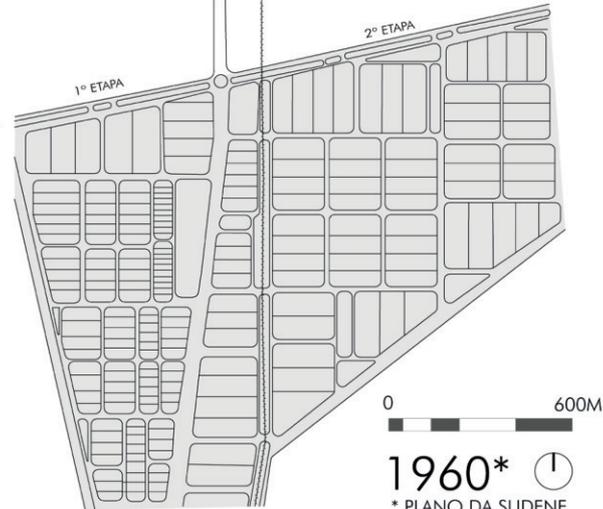
O registro para conhecimento público desses processos de industrialização, com impacto sobre a cidade de Campina Grande, tem um papel importante de memória e projeção de um futuro, uma vez que:

A memória é filha do presente. Mas como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto. (KUHL APUD. MENESES, 2008, P. 147)

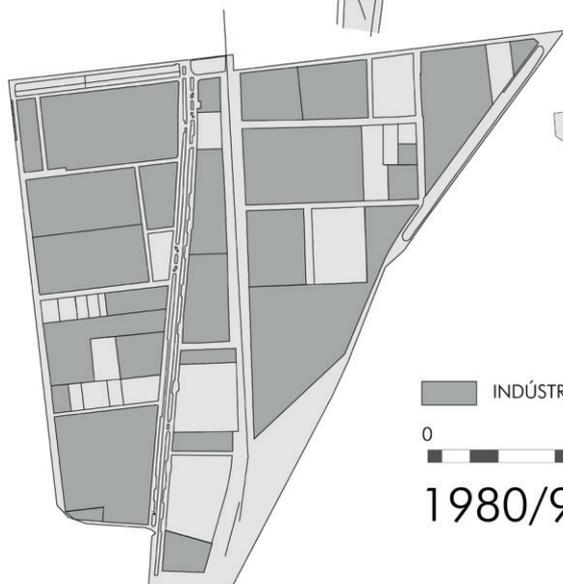
Sendo assim, nesse capítulo procurou-se relatar ao leitor a contextualização histórica do processo de industrialização nos Distrito Industrial de Campina Grande, documentar as transformações ocorridas por meio dos materiais coletados, e dar a conhecer ao grande público a situação atual, e as ameaças eminentes, sobre os artefatos desse período da história municipal.



0 600M
1960



0 600M
1960*
* PLANO DA SUDENE



INDÚSTRIAS IMPLANTADAS
0 600M
1980/90



CONJUNTOS IDENTIFICADO
0 600M
2000/10

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SERRA, G. *Pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação. São Paulo: EDUSP. 2006.

The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage TICCIH, Carta de Nizhny Tagil Sobre o Patrimônio Industrial, Nizhny Tagil; 2003. Recuperado de: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.

CHOAY, F. *A Alegoria do Patrimônio*. 4ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP. 1992.

KUHL, B. M. *Algumas questões relativas ao Patrimônio Industrial*, 2008.

SOUZA, D. et al. *O ideário de industrialização e desenvolvimentismo nas representações do Diário da Borborema (1957-1979)*. 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/462/1/DANILO%20>

[RODRIGUES%20SOUZA%20%E2%80%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20%28PPGH%29%202016.pdf](http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/462/1/DANILO%20). Acesso em: 16 abr. 2020.

AFONSO, A.; RODRIGUES, R. *Projeto arquitetônico industrial e modernidade: O caso da fábrica Wallig*. Campina Grande. PB. Belo Horizonte: 2º Simpósio do ICOMOS Brasil.2018.

AFONSO, A. *Tectônica do patrimônio industrial moderno: Fábrica da Bombril Nordeste, em Abreu e Lima [PE]*. Labor & Engenho, Campinas [SP] Brasil, v.12, n.3, p.378-391, jul./set. 2018.

Queiroz, M. *Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930 – 1950)* / Marcus Vinicius Dantas de Queiroz; orientadora Maria Ângela P.C.S. Bortolucci. São Carlos, 2008.

LIMA, D. *Tempos de desenvolvimento e crise na economia campinense*. In: LIMA, Damião Et. All. *Estudando a História da Paraíba*. Campina Grande, Gráfica Marcone, 1999

COLOMBO, L. et al. *O Nordeste como problema político-institucional: a criação da SUDENE*. In: COLOMBO, Luciléia Aparecida et al. *A Sudene no sistema federativo brasileiro: a ascensão e queda de uma instituição. A ascensão e queda de uma instituição*. Recife: Sudene, 2015.

NOTAS

¹ Getúlio Dornelles Vargas foi um advogado, militar e político brasileiro, líder da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha, depondo seu 13.º e último presidente, Washington Luís, e impedindo a posse do presidente eleito em 1.º de março de 1930, Júlio Prestes. Foi presidente do Brasil em dois períodos.

² COLOMBO, 2015, p.74

³ COLOMBO, 2015, p.75

⁴ COLOMBO, 2015, p.76

⁵ Programa de industrialização e modernização levado a cabo na presidência de Juscelino Kubitschek, na forma de um “ambicioso conjunto de objetivos setoriais” que “daria continuidade ao processo de substituição de importações que se vinha desenrolando nos dois decênios anteriores”.

⁶ Celso Monteiro Furtado foi um economista brasileiro e um dos mais destacados intelectuais do país ao longo do século XX. Suas ideias sobre o desenvolvimento econômico e o subdesenvolvimento enfatizavam o papel do Estado na economia, com a adoção de um modelo de desenvolvimento econômico de corte pré-keynesiano.

⁷ Apresentado em acervo da SUDENE, acessível no link <http://www.sudene.gov.br/images/2017/arquivos/PDEN_-_segunda_edicao.pdf>

⁸ QUEIROZ, 2008, p. 156 - 250

⁹ QUEIROZ, 2008, p. 156

¹⁰ QUEIROZ, 2008, p. 236

¹¹ Nome popular adotado para o algodão, visto o forte crescimento econômico que propiciou ao Nordeste

¹² SOUZA, 2016, p.70

¹³ SOUZA, 2016, p.75

¹⁴ “O discurso dos políticos, jornalistas, comerciantes e tantas outras figuras campinenses sintonizadas com o ideário industrial trazem para si as aflições das camadas mais pobres da cidade, argumentando a favor de seus próprios planos como também se sobressai uma mobilização da população para com a indústria” (SOUZA, 2016, p.76)

¹⁵ SOUZA, 2016, p.134

¹⁶ SOUZA, 2016, p.143

¹⁷ SOUZA, 2016, p.148

¹⁸ SOUZA, 2016, p.149

¹⁹ 1961/63 e 1963/65 disponível em < <http://www.sudene.gov.br/acervo>>

²⁰ SOUZA, 2016, p.157

²¹ SOUZA Apud. Diário da Borborema, 2016, p.149

²² SOUZA, 2016, p. 169

²³ SOUZA, 2016, p. 170

²⁴ Cine jornal Informativo nº 45, mostrando Campina Grande em 1966, onde técnico do BNDE recebe título de cidadão campinense na Câmara Municipal de nossa cidade, e a construção da Wallig e Cande em Campina Grande, disponível em https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=Mp7ZmnOa6lQ&feature=emb_logo

²⁵ SOUZA, 2016, p. 175

²⁶ SOUZA, 2016, p. 176

²⁷ SOUZA Apud. Diário da Borborema, 2016, p. 165

²⁸ Revista do FISCO, setembro e outubro de 1976, edição nº44, p.15, disponível em acervo.digital.novarevistafisco.com.br

²⁹ Revista do FISCO, novembro e dezembro de 1976, edição nº45, p.41, disponível em acervo.digital.novarevistafisco.com.br

³⁰ Revista do FISCO, maio de 1977, edição nº50, p.30, disponível em acervo.digital.novarevistafisco.com.br

³¹ Revista do FISCO, maio de 1977, edição nº50, p.12, disponível em acervo.digital.novarevistafisco.com.br

³² Revista do FISCO, maio de 1977, edição nº50, p.14, disponível em acervo.digital.novarevistafisco.com.br

³³ Revista do FISCO, agosto de 1979, edição nº72, p.4, disponível em acervo.digital.novarevistafisco.com.br

CAP 22

AS INDÚSTRIAS DA MODERNIDADE VINCULADAS À CONSTRUÇÃO CIVIL EM CAMPINA GRANDE: 1968/ 1971.

ALCÍLIA AFONSO

475

1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo trata sobre as indústrias da modernidade vinculadas à construção civil em Campina Grande, no recorte temporal de 1968 de 1971, e resgatará as fábricas ligadas a esse ramo, que estavam presentes no Cadastro Industrial da Paraíba (1969), realizado pela FIEP/ Federação das Indústrias do Estado da Paraíba.

O recorte espacial está voltado para o município de Campina Grande, localizado na região do Agreste do estado da Paraíba, e que se destacava naquela época, por ser o primeiro lugar no ranking de instalação de indústrias, com 351 fábricas, estando a capital João Pessoa, em segundo lugar com 302 fábricas.

A pesquisa que vem sendo desenvolvida está inserida na linha voltada para história e cidade, trabalhando com a construção da história urbana campinense, relacionando conceitos de cidade, patrimônio industrial, modernidade e tectônica.

O objetivo do artigo é mostrar alguns resultados da pesquisa em andamento, realizada pelo grupo de

pesquisa arquitetura e lugar, vinculado ao curso de arquitetura e urbanismo da UFCG/ Universidade Federal de Campina Grande, que está inventariando as indústrias citadas em vários segmentos, listadas no Cadastro Industrial da Paraíba (1969), vinculadas ao segmento da construção civil, observando a relação destas com o desenvolvimento arquitetônico e urbanístico da cidade de Campina Grande, no período de modernidade arquitetônica.

Justifica-se a escolha do tema, considerando-se os seguintes aspectos:

1) Dar continuidade aos estudos que têm sido realizados pelo Grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar/ GRUPAL sobre o tema de patrimônio arquitetônico industrial campinense desde 2015, envolvendo alunos, professores do curso de arquitetura e urbanismo da UAEC/CTRN/UFCG;

2) Pelo ineditismo da pesquisa em levantar e analisar os dados contidos neste documento dos anos 60- o Cadastro Industrial da Paraíba (FIEP,

1969)- por primeira vez, observando-se os diversos atores envolvidos neste momento;

3) Pela contribuição valiosa à rede regional, nacional, internacional que estuda, resgata, documenta e conserva o acervo do patrimônio industrial.

Como metodologia optou-se por trabalhar a linha proposta por Serra (2006) que propõe o diálogo entre processo e sistemas, conforme será visto no decorrer do desenvolvimento do artigo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico para embasar o artigo, que possui como variantes os conceitos de cidade, arquitetura, patrimônio industrial, modernidade e tectônica, autores como Carta de Nizhny Tagil (2003), Patton (1978), Paredes (1974), Frampton (1996), Bruna (2002), Afonso (2015), Medeiros (2018), entre outros serão utilizados como aporte necessário para a compreensão da importância do patrimônio industrial.

Bruna (2002) no livro “Arquitetura, industrialização e desenvolvimento” realizou uma reflexão sobre a

ligação entre arquitetura e industrialização, esclarecendo pontos básicos na discussão da importância da indústria para a materialidade da arquitetura, analisando a relação entre esta e suas variantes. Em muitas obras modernas, soluções estéticas, e materiais alinhados com o paradigma industrial da época conviveram com uma organização artesanal da produção, marcada pelo uso intensivo da mão de obra operária, pelas baixas mecanização e produtividade.

Particularmente no caso brasileiro, destaca-se um processo de industrialização tardia, com a implantação significativa de uma indústria de materiais e componentes fabricados a partir da década de 1960, acompanhando a consolidação dos mecanismos de financiamento habitacional estatais em larga escala, a partir da criação do Sistema Financeiro da Habitação, na mesma década (FABRICIO, 1996).

O aporte teórico das pesquisas sobre patrimônio industrial se apoia na Conferência 2003 do TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial),

onde foi extraído um documento, intitulado Carta de Nizhny Tagil (2003) que colocou que, todo o acervo do patrimônio industrial deve ser estudado, a sua história deve ser ensinada, a sua finalidade e o seu significado devem ser explorados e clarificados a fim de serem dados a conhecer ao grande público.

A discussão sobre patrimônio industrial, por sua vez, recebeu um incremento a partir da publicação da Carta de Nizhny Tagil (2003), quando esta apontou para a importância de se preservar o acervo composto pelas antigas fábricas, galpões de armazenamento, entrepostos, escritórios, estações ferroviárias, que se encontram abandonados nas periferias, e mesmo nos centros urbanos de nossas cidades, quase sempre ameaçados de serem demolidos, em vista da ausência do reconhecimento do valor dessas estruturas como patrimônio cultural.

O resgate documental, imagético, realização de inventários, ações de educação patrimonial, proteção legal, entre outras ações importantes são algumas etapas do processo que urge ser iniciado em

nossas cidades e em seus planejamentos urbano e territorial.

Sobre o conceito de tectônica a referência teórica para a pesquisa está sendo Frampton (1999) que conceituou tectônica como a dimensão construtiva da arquitetura: arquitetura enquanto “arte de construir”.

Uma das dimensões essenciais da arquitetura juntamente com a dimensão espacial, como passou a admitir o aspecto representacional da forma arquitetônica e sua capacidade de se referir aos valores culturais encontrados, além dos parâmetros do seu contexto imediato, tanto que, em termos das dimensões tectônica e espacial, a forma construída pode ser tão representacional em suas implicações quanto é ontológica.

A discussão sobre o acervo patrimonial arquitetônico campinense possuirá como referencial teórico, pesquisas que foram realizadas por Afonso (2017), Medeiros (2018) que se dedicam aos estudos sobre os temas de patrimônio industrial relacionados à arquitetura, urbanismo e design campinense, e vêm publicando os resultados de tais investigações,

gerando um bom material bibliográfico sobre a cidade de Campina Grande e sua relação com a modernidade e a industrialização.

3. RECORTE GEOGRÁFICO E TEMPORAL

O recorte espacial está voltado para Campina Grande, localizada no Agreste da Borborema da Paraíba, sendo considerada um polo composto de oito microrregiões que compõem o Compartimento da Borborema – área que abrange 79 municípios, cerca de 40% do território paraibano e uma população que soma mais de um milhão de habitantes .

Exercendo assim uma influência geoeconômica em limites que transpõem fronteiras estaduais, tornando-se, uma das mais importantes de toda região nordestina.

O recorte temporal trabalha com o período entre 1968-1971- pois analisará as fábricas vinculadas ao ramo da construção civil, que estavam presentes no Cadastro Industrial do Estado da Paraíba (1969), realizado pela FIEP/ Federação das indústrias do estado da Paraíba, que na época possuía

como presidente, Agostinho Velloso da Silveira, e como vice-presidente, João Rique Ferreira.

Para observar a interferência da industrialização na construção de um cenário moderno urbanístico e arquitetônico, e a fim de procurar esclarecer ou comprovar a hipótese em pauta, alguns questionamentos foram inicialmente realizados, a saber:

1_ Onde estavam implantadas as antigas fábricas do ramo da construção civil na cidade? Para isso, serão mapeados na cidade, os bairros que acabaram tendo uma tendência de uso, construindo certo zoneamento;

2_ O distrito industrial abrigava algum destes segmentos fabris já existentes no município, ou apenas aqueles que haviam recebido incentivos fiscais da SUDENE? ;

3_ As fábricas existentes teriam recebido também, incentivos fiscais da SUDENE? ;

4_ Como estas fábricas ligadas ao ramo da construção civil, como metalúrgicas, construtoras,

fábricas de pré-moldados, se relacionavam com os arquitetos, construtores? ;

5_ Que tipos de serviços e produtos eram oferecidos à sociedade? Quais eram os clientes em potencial? ;

6_ Estas fábricas continuam existindo nos dias atuais? Ou fecharam? ;

7_ Qual seria a relação da produção industrial da construção civil, com a arquitetura e o design em Campina Grande? ; 8_ Que nomes, profissionais, se destacaram neste recorte?

4. INDÚSTRIAS VINCULADAS À CONSTRUÇÃO CIVIL LOCAL

Torna-se fundamental, antes de tratar sobre as indústrias voltadas ao ramo da construção civil, entender-se o que vem a ser o conceito de materiais construtivos, pois este está diretamente vinculado à discussão.

4.1 Materiais construtivos

Corona e Lemos (2017, p.316) explicam que “ dá-se o nome de material de construção ao conjunto de substâncias empregadas na obra de um edifício”. Segundo Patton (1978,p.1), “não há nada que substitua a prática e a experimentação para encontrar o potencial e as limitações dos materiais de construção”, que com raras exceções, são materiais sólidos ou solidificados.”

Dessa maneira, o material seria, então, “tudo com que o arquiteto se defronta ou tudo de que dispõe intra-arquitetonicamente para a criação de um novo objeto” (KAPP, 2000, p. 1). Pode-se afirmar que os materiais carregavam em si possibilidades relacionadas ao lugar, ao uso e à técnica da equação arquitetônica.

O termo material de construção abrange todos os corpos, objetos ou substâncias utilizadas pelos profissionais da construção no projeto e execução das obras. A denominação possui uma grande amplitude, pois pode envolver não somente materiais empregados na construção civil, mas também em outras áreas, como construção naval, aeronáutica,

automobilística, etc. (KLOSS, 1991). Porém, na pesquisa, serão discutidos apenas os materiais utilizados na construção civil.

Os materiais de construção são geralmente organizados de acordo com sua forma de obtenção, se são naturais, como brita ou argila, ou se são obtidos a partir de um tratamento industrial, modificando sua estrutura e/ou composição, como tubulações de PVC, azulejos ou ladrilhos cerâmicos. Para a compreensão da relação entre as indústrias ligadas à construção civil, torna-se fundamental saber que para inventariar as mesmas por segmentos, há de se considerar a subclassificação dos materiais sólidos em três grupos, segundo Paredes (1974): materiais cerâmicos, metais e orgânicos.

Os materiais cerâmicos são extraídos do solo, com ou sem posterior processamento e purificação. Rochas ou minerais argilosos, ou materiais que são compostos de tais minerais. São mais econômicos que os demais, são duráveis, resistentes e rígidos. Como desvantagem, são frágeis e pesados. Resistem apenas a esforços de compressão. Não são sujeitos à corrosão como por exemplo, a

areia, pedra calcária, vidro, tijolo, cimento, gesso, reboco, argamassa, lã mineral isolante;

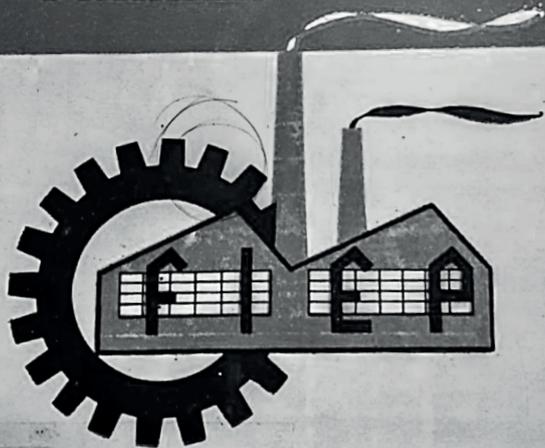
Os metais são extraídos de minérios naturais, e tais minérios metálicos geralmente são óxidos ou sulfetos de metais. São mais caros que os cerâmicos, pois são extraídos através de complexos processos de fusão. Os metais podem ser usados para esforços de tração, mas estão sujeitos à corrosão;

Os materiais orgânicos desenvolveram-se em grande parte no século XX, com exceção da madeira e do betume. Trata-se dos materiais sintéticos, cada vez mais numerosos, quimicamente baseados no carbono. A madeira, papel, asfaltos, plásticos e borrachas são exemplos desta categoria.

4.2 As indústrias vinculadas à construção civil em Campina Grande.

O tema das indústrias vinculadas à construção civil local trabalha respaldado na publicação do Cadastro das Indústrias da Paraíba (1969), que está fornecendo os dados básicos para o desenvolvimento da pesquisa. Nesta publicação, em sua primeira parte, as indústrias de Campina Grande

CADASTRO INDUSTRIAL DO ESTADO DA PARAÍBA



CGBC_MON
01601/12

INDÚSTRIAS DO ESTADO DA PARAÍBA
1969

estão presentes entre as páginas 74 a 109, seguindo a classificação geral do IBGE (1950). Destas, estão sendo levantadas e analisadas aquelas vinculadas ao ramo da construção civil de forma direta ou indireta.

O cadastro dividiu-se em quatro partes:

- 1) Relação das indústrias por ordem alfabética dos municípios;
- 2) Relação das indústrias por ordem alfabética das razões sociais;
- 3) Relação das indústrias por razão de atividade industrial;
- 4) Relação de todos os municípios com o número de indústrias existentes em cada um.

Observa-se neste Cadastro (FIEP, 1969) que o município de Campina Grande, destacava-se no Estado da Paraíba, em primeiro lugar no ranking, com 351 indústrias, empregando 6.239 operários estando a capital João Pessoa, em segundo lugar com 302 fábricas, empregando 5.664 operários.

A indústria da construção civil relaciona uma cadeia de segmentos industriais que é responsável pelo produto da arquitetura, obra edificada, seu entorno, o lugar, o bairro, a cidade. Enquadram-se, portanto: as construtoras, as indústrias de produtos minerais, as de transformação de minerais não metálicos, as metalúrgicas, as de material elétrico, as de madeira, as de mobiliário.

Neste cadastro foram elencadas ainda indústrias ligadas a outros segmentos, tais como: bebidas; alimentação; couros e peles; e produtos similares; borracha; papel e de papelão; químicas e farmacêuticas; têxteis; vestuário, calçados e artefatos de tecidos; construção civil, entre outras.

O que interessa extrair deste Cadastro (FIEP, 1969) à nossa pesquisa voltada ao estudo da relação entre patrimônio industrial e arquitetura é levantar os segmentos das indústrias vinculadas à construção civil de uma cidade moderna, considerando que este período, foi um dos mais ricos e profícuos no cenário da modernidade campinense, havendo um “boom” na área, devido a uma série de fatores, destacando-se as consequências da implantação

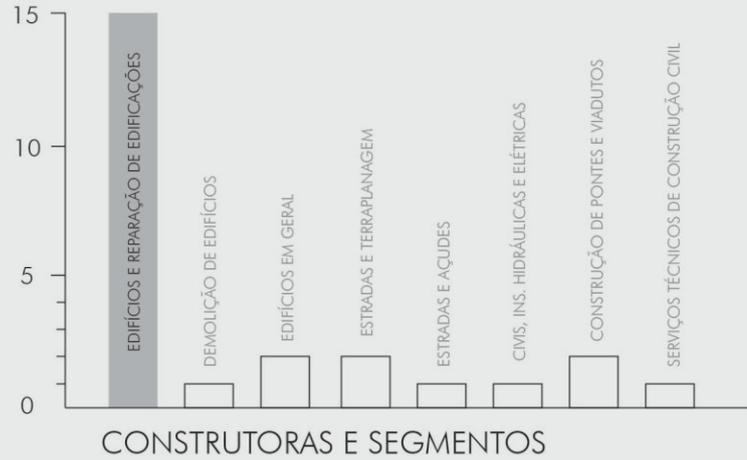
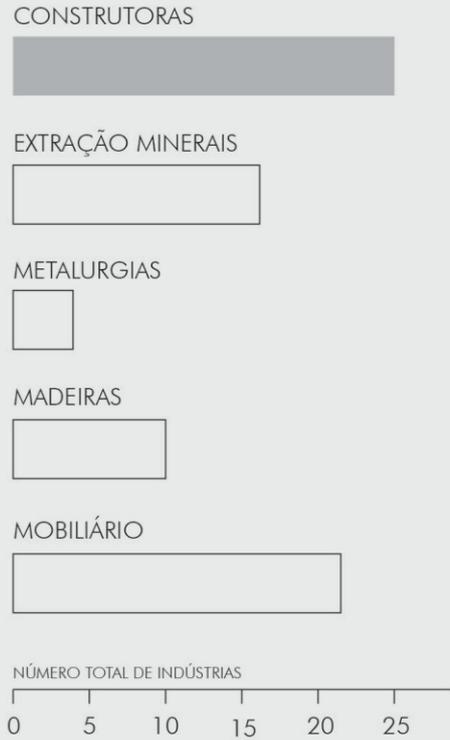
do distrito industrial com a instalação de novas fábricas, financiadas pela SUDENE (Afonso, 2018).

As indústrias que se destacaram no segmento da construção civil foram as construtoras, as indústrias de extração mineral, as metalúrgicas, as de extração de madeira e as de confecção de mobiliário.

Frisa-se, que na cidade de Campina Grande- no período em estudo, os serviços industriais de utilidade pública eram a SANESA/ Saneamento de Campina Grande, responsável pelo abastecimento de água e esgotos e a CELB/ Companhia de Eletricidade da Borborema, responsável pela distribuição de energia elétrica. Estas empresas possibilitaram a infraestrutura necessária para a implantação das novas fábricas, procurando viabilizar os serviços para aperfeiçoar o processo.

No segmento da construção civil, do referido cadastro, observou-se a existência de 22 construtoras, desenvolvendo as seguintes atividades vinculadas à produção dos itens especificados, que algumas vezes, aparecem juntos com outras atividades realizadas também pelas mesmas:

INDÚSTRIAS CAMPINENSES NOS ANOS 60



Construção de edifícios e reparação de edificações (15); demolição de edifícios (1); construção de edifícios em geral (2); construção de estradas e terraplanagem (2), construção de estradas, açudes (1); construções civis, instalações hidráulicas e elétricas (1); construção civil em geral (2); construção de pontes e viadutos (1); e apenas (1) uma voltada para serviços técnicos de construção civil, trabalhos de escritório, elaboração de cálculos técnicos, orçamentos, trabalhos de arquitetura e projetos, que possuía como diretores, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque e Pedro Araújo.

Nesta relação das construtoras, apenas duas especificaram que realizavam construções de edifícios em geral: a PLANEDA/Planejamento e Execução Ltda e o engenheiro Peryllo Ramos de Borba. Estas empresas estão sendo listadas por setores, mapeadas na cidade, verificadas quanto à continuidade da produção das mesmas, com suas devidas transformações, sendo levantado o acervo construído das mesmas, junto a registros municipais e do CREA/ Conselho Regional de Engenharia e Agronomia, a fim de relacionar essa produção com a arquitetura moderna e a construção da paisagem

urbana, nos levando à compreensão de todo este processo.

A pesquisa também está investigando sobre as indústrias extrativas de produtos minerais, observando aquelas vinculadas aos materiais extraídos por estas empresas mineradoras que estavam voltados para a indústria da construção civil, salientando-se que a formação geotécnica do município, influenciou muito no emprego de pedras na arquitetura campinense, conforme constatou Afonso (2018), ao estudar a tectônica e a modernidade local. A diversidade dos tipos de pedras e seus usos como revestimentos de muros, e paredes, despertou interesse e tem nos levado às pesquisas sobre esta materialidade tão rica e presente na cidade e região.

O segmento das indústrias de transformação de minerais não metálicos é de fundamental importância na nossa pesquisa, pois se constatou em primeira análise, a existência de segmentos básicos para a construção, como:

Fabricação de mosaicos (5); fabricação de mosaicos e cobogós (1); louças para serviços de mesa

(1); tijolos, manilhas, lajotas e construção civil (2); telhas, tijolos e conexos (1); artigos de vidro (1); pisos, balcões, escadas de mármore e granito (1); postes e pré-moldados em cimento armado (1).

Desperta interesse observar a quantidade de fábricas de mosaicos, e ladrilhos hidráulicos existentes, totalizando seis (6), pois havia uma delas que fabricava também os cobogós, tão presente na modernidade arquitetônica. Os mosaicos vêm sendo estudados pelo GRUPAL/ Grupo de pesquisa arquitetura e lugar, foi objeto de estudo da dissertação de MEDEIROS (2018), e constatou que este material, apesar de ser típico da arquitetura eclética do final do século XIX, continuou sendo adotado em toda modernidade campinense até os anos 70.

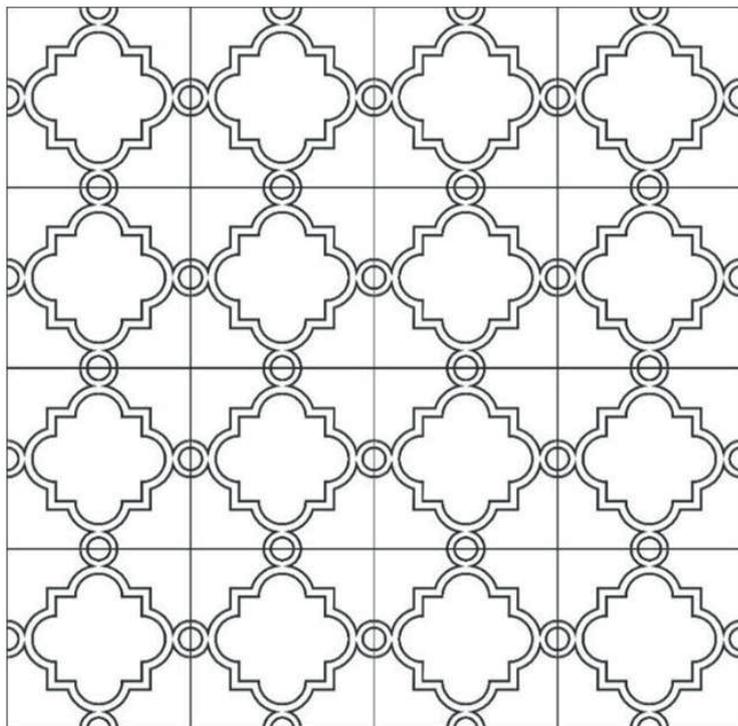
No segmento de indústrias metalúrgicas foram levantadas seis (6) voltadas ao trabalho relacionado diretamente à construção civil, produzindo esquadrias de ferro em geral, tais como, portas, janelas, portões, gradis, estruturas metálicas e estamparia de ferro. Observou-se inicialmente uma concentração de tais serviços na Rua João Suassuna, bairro Monte Santo, caracterizando a área como um polo industrial da construção civil neste recorte.

Outro ponto coletado inicialmente é referente ao uso não apenas do ferro, mas do alumínio. A Empresa Geraldo Dias & Cia, fundada em 1951, e propriedade dos irmãos Geraldo Dias e Genaldo Dias Ribeiro, já produzia no final dos anos 60 do século XX, esquadrias de alumínio.

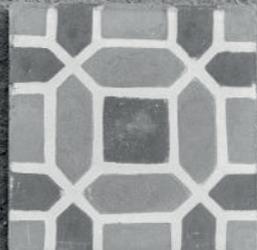
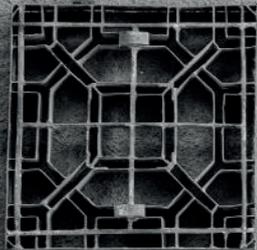
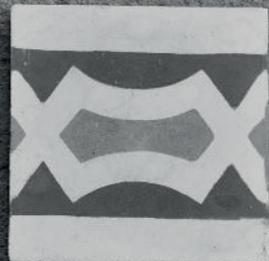
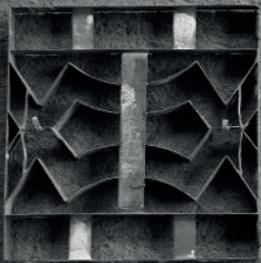
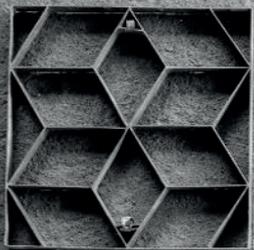
Apenas uma empresa apareceu no cadastro da FIEP (1969) executando estruturas metálicas- Irmãos Batista & Cia, fundada em 1968, de propriedade dos irmãos José Batista de Souza, Euclides Batista de Souza e Severina Ribeiro de Souza. Inquietações como quais estruturas eles podem ter construído na cidade nos fazem dedicar um aprofundamento maior a esta fábrica.

O segmento das indústrias de madeira também é bastante forte no Cadastro, e ao levantar-se aquelas vinculadas à indústria da construção civil, chegou-se aos seguintes números:

Desdobramento da madeira (8); fabricação de linhas, caibros, ripas e portas (1); fabricação de esquadrias e portas de madeira (2); fabricação de esquadrias e móveis (1). Constatou-se que poucas eram especializadas em esquadrias (portas, janelas)



INVENTÁRIO DOS LADRILHOS HIDRÁULICOS				
FÁBRICA: METRO MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO				FICHA Nº: 12
ENDEREÇO: RUA RODRIGUES ALVES, 141, PRATA, CAMPINA GRANDE - PB.				
DADOS DA PEÇA:				
CATEGORIAS:		SUBCATEGORIAS:		
<input checked="" type="checkbox"/> FIGURATIVO	<input type="checkbox"/> ABSTRATO	<input checked="" type="checkbox"/> NATURAIS	<input type="checkbox"/> GEOMÉTRICOS	<input type="checkbox"/> ORGÂNICOS
TIPO:		DIMENSÕES (CM):		
<input checked="" type="checkbox"/> INTERNO	<input type="checkbox"/> EXTERNO	<input type="checkbox"/> 10X10	<input checked="" type="checkbox"/> 20X20	<input type="checkbox"/> 25X25
IMAGENS				
FOTO DO MOLDE:	FOTO DA PEÇA:	IMAGEM DIGITALIZADA:		
SUBDIVISÕES DO MÓDULO				
MOLDURA DE REFERÊNCIA	ORNAMENTO 01	ORNAMENTO 02	ORNAMENTO 03	ORNAMENTO 04



e apenas uma, também participava em paralelo do ramo de fabricação de móveis- a empresa M. Lopes de Lima, fundada em 1969.

No setor de indústria de mobiliário se subdividia em fabricação de móveis (19); fabricação de móveis em madeira (2); fabricação de móveis em geral para hospitais (1); fabricação de colchões (4). Este segmento era forte na época, e estava diretamente ligado à produção da arquitetura de interiores e à área do design.

Na área de indústrias de material elétrico e de material de comunicações, destaca-se a presença da empresa Arbame Mallory do Nordeste S.A., sediada no Distrito industrial, fundada em 1967, e que fabricava artigos elétricos de uso domiciliar.

5. DISCUSSÃO

Interessante observar como proprietários, engenheiros e construtores que realizaram um trabalho em paralelo com professores da Escola politécnica de Campina Grande e que foram os responsáveis pela criação de cursos e da própria UFCG/Universidade Federal de Campina Grande,

como Lynaldo Cavalcanti, por exemplo, que participou como conselheiro do Serviço Nacional de Aprendizagem industrial/ SENAI.

Paraibano de Campina Grande, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque formou-se em engenharia Civil pela UFCG onde mais tarde se tornaria professor titular e posteriormente, chefe do Departamento de Estrutura e Construção e Diretor da Escola Politécnica, dentre outros, chegando ao cargo de reitor da UFPB em 1977.

No segmento das indústrias de transformação de minerais alguns dados importantes devem ser aprofundados, como por exemplo, a presença da Empresa G. Gioia & Cia Ltda, fundada desde 1946, de propriedade de Giovanni Gioia e Giuseppe Gioia, que também possuíam uma construtora e realizavam construções de edifícios em geral. Quais edifícios importantes construíram na cidade, e para que arquitetos trabalharam em parceria? Outro ponto importante deste segmento, que nos interessa, devendo ser mais pesquisado é a presença de fábricas de postes e pré-moldados de cimento armado, como a PREMOL Indústria e Comércio S/A.

Esta fábrica de propriedade de Maurício Clóvis de Almeida, possuindo Antônio Leal Filho no setor de comercialização e Carlos Alberto Lins Albuquerque no setor da industrialização, estava localizada na Rua Luiz Malheiros, 310, Bodocongó, um bairro anteriormente industrial e atualmente, com forte uso universitário.

Soube-se através de depoimentos de antigos engenheiros civis que atuam na ATECEL, entidade de direito privado, sem fins lucrativos, fundada por professores da antiga Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba em 05 de agosto de 1967 e cujo nome é uma homenagem ao Professor Ernesto Luiz de Oliveira Júnior- que a PREMOL trabalhou em parceria com a UFCG para implantar o campus de Bodocongó, na execução de elementos pré-fabricados de concreto, como postes, brises, e outros elementos que vêm sendo pesquisados pelo GRUPAL.

6. CONCLUSÃO

A pesquisa está em andamento, numa fase inicial, e certamente, haverá desdobramentos de cada segmento, com muitas informações a serem coletadas, e analisadas.

Nomes como de Lynaldo Cavalcanti, que esteve presente no segmento da construção civil, e que circulava e exercia postos importantes tanto na UFCG/Universidade Federal de Campina Grande, quanto no SENAI e na FIEP, necessitam ser mais aprofundados a fim de entendermos esta rede existente na época.

Empresas que ultrapassaram o recorte dos anos 60, e que continuaram ativas durante décadas, como a PREMOL, criada em 1964, produziu postes e vários tipos de pré-moldados em cimento armado, necessitam também de um olhar mais profundo referente aos produtos e peças produzidas e onde eles estavam presentes.

O segmento de indústrias de mobiliário devido ao elevado número de fábricas demonstrou a força deste setor, o que nos leva a trabalhar a com

a hipótese da necessidade da criação de cursos universitários na área, como o da graduação em Design na UFCG.

São alguns caminhos já abertos pela investigação, e que em breve, serão apresentados os resultados que colaborarão para a construção e fortalecimento do acervo patrimonial industrial campinense.

Este acervo é pouco (re)conhecido e valorizado, tanto pela população, quanto pelo poder público, sendo por isso, fundamental o resgate documental e imagético, a realização de inventários, ações de educação patrimonial, proteção legal, entre outras atividades que fazem parte do arcabouço para alimentar o processo preservacionista que urge ser iniciado em nossas cidades e em seus planejamentos urbano e territorial.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. *O processo de industrialização na década de 1960 e as transformações da paisagem urbana do bairro da prata, em Campina Grande.*

Barcelona: Seminário internacional de investigação em urbanismo. UPC. 2017.

AFONSO, A; MEDEIROS, T. *As fábricas de ladrilho hidráulico de Campina Grande - PB: um estudo do patrimônio industrial.* Campinas: Revista Labor e Engenharia. 2018.

BRUNA, P. *Arquitetura, industrialização e desenvolvimento.* São Paulo: Editora Perspectiva. 2002.

FABRICIO, M. M. *Industrialização das construções: revisão e atualização de conceitos.* São Paulo: Revista da Pós v.20 n.33, São Paulo. 2013.

FIEP. *Cadastro Industrial do Estado da Paraíba.* Campina Grande. 1969.

FRAMPTON, K. *Estudios sobre la cultura tectónica.* Madrid: Akal Arquitectura. 1999.

KAPP, S. *Material (formal). Interpretar Arquitetura.* Belo Horizonte, n. 1, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.arquitetura.ufmg.br/ia/materialrevsilke.html>>. Acesso em: 20 jul. 2008

KLOSS, C. L. *Materiais para construção civil*. Curitiba (PR): CEFET-PR.1991.

PATTON, W. J. *Materiais de construção para engenharia civil*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária: Editora da Universidade de São Paulo.1978.

PAREDES, A. *Materiales de construcción*. 6º edición. Madrid. Guadiana de publicaciones. 1974.

SERRA, G. *Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação*. São Paulo: EDUSP. 2006.

TICCIH. *Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial*. 2003. TICCIH. Disponível em <<http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>>. Acesso em 30 de jun de 2018.

CAP 23

ESTUDOS TECTÔNICOS DA FÁBRICA WALLIG NORDESTE
S/A: 1965/1967.

JULIA LEITE

493



FÁBRICA WALLIG NORDESTE S.A.

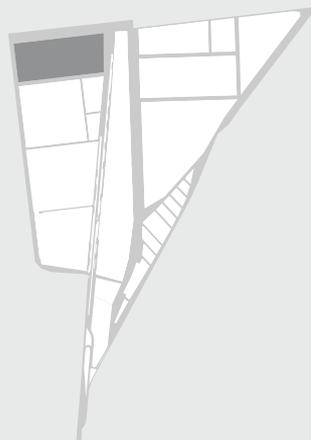
1965/1967

A obra a ser analisada, idealizada pelo escritório gaúcho Sérgio e Pellegrini Cia Ltda, destaca-se pelas soluções construtivas e escala, assumindo também protagonismo na implantação do Distrito Industrial I na cidade de Campina Grande, na década de 1960. O conjunto fabril direcionado a produção de fogões a gás liquefeitos, foi tido pela imprensa da época como a “coroação da Rainha da Borborema - nome popular da cidade (...)” (SOUZA e CABRAL FILHO, 2013), a Indústria Wallig teve importante papel econômico até o encerramento das suas atividades em 1979.



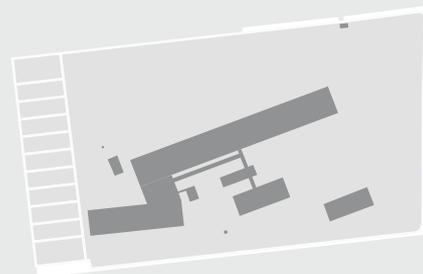
IMPLANTAÇÃO CIDADE

0 1200 1500 3000 M



IMPLANTAÇÃO BAIRRO

0 500 1000 2250 M



IMPLANTAÇÃO QUADRA

0 80 160 300 M

Fábrica Wallig Nordeste S.A., 1965
Av. Jornalista Assis Chateaubriand, 398, Distrito
Industrial, Campina Grande, Paraíba.

Projeto arquitetônico_ Sérgio e Pellegrini Cia Ltda
Construtora_ Edson de Souza do Ó

1 DIMENSÃO NORMATIVA

Constata-se a total desproteção legal do conjunto industrial da Fábrica Wallig Nordeste, em nível federal, estadual e municipal; trazendo à tona, mais uma vez, a importância de se documentar e inventariar esse objeto, a fim de possibilitar processos para proteção legal no futuro.

Além da responsabilidade patrimonial, entende-se a importância deste edifício como documento da memória industrial campinense, seu reconhecimento torna-se uma medida de urgência, considerando os rápidos processos de descaracterização pelos quais tem passado.

análise dimensões arquitetônicas

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

No contexto de criação da SUDENE em 1959, e ideário progressista favorecidos pelo governo JK, assim como influência do empresário Newton Rique no cenário municipal, o anúncio da instalação da Indústria gaúcha Wallig em Campina Grande é dado pelo Diário da Borborema e Jornal o Globo, em 1964.

O projeto aprovado em 1965 através do 2º plano diretor da Superintendência, é inaugurado em julho de 1967, com visita presidencial. Entre 1970 e 1976, o conjunto fabril exportou para toda América do Sul, alcançando o posto de sexta maior produtora mundial na categoria; do mesmo modo, impactou profundamente o contexto econômico e social da cidade.

Devido a contenção de incentivos federais, encerra as atividades em 1979, demitindo mais de 1500 operários. A reabertura foi alvo de especulações durante 20 anos, até seu equacionamento para um condomínio industrial em 2006.

A Fábrica da Wallig em Campina Grande, a Maior Prova de Confiança no Nordeste

DEPOIS de 60 anos de evolução e experiência, tanto na parte técnica como nas relações industriais, com os seus empregados, no Estado do Rio Grande do Sul, as indústrias Wallig decidiram abrir uma fábrica filial na Cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba. A iniciativa, disse ontem a O GLOBO o diretor comercial da Wallig, Sr. Carlos Henrique Sussen, resulta do desejo dos acionistas da empresa em colaborar com o progresso do Nordeste, ao mesmo tempo que é um testemunho da confiança que a empresa deposita na capacidade do trabalhador nordestino. O empreendimento será o maior que uma iniciativa privada faz nos Estados do Nordeste, pois está orçada em 4 bilhões e 900 milhões de cruzeiros. Dentro de 17 meses estarão sendo já fabricados 10 mil fogões a gás a preço estudado para atender o poder econômico da população.



Os Srs. Odair Lopes Cravo e Carlos Henrique Sussen, quando expunham à reportagem de O GLOBO os planos da instalação da Wallig em Campina Grande, já em fase adiantada.



Wallig o fogão. Made in Paraíba.



derretendo o gelo dos andes



WALLIG NORDESTE
UMA INDUSTRIA "QUENTE"

AGORA EXPORTANDO PARA A BOLÍVIA

Produzindo Fogões para o Brasil e para o Exterior

WALLIG NORDESTE S/A - IND E COM
SR 104 - DISTRITO INDUSTRIAL - CAMPINA GRANDE - PB

empreendimento apoiado pela SUDENE



3 DIMENSÃO ESPACIAL

O terreno é predominantemente plano, com extensão de aproximadamente 98 mil m², e vegetação rasteira. A grande extensão do conjunto estabelece-se como marco na paisagem, essa relação tem-se enfraquecido nos últimos 20 anos devido a ocupações realizadas na Av. João Wallig, tratando de desviá-la.

A inserção urbana, dada por zoneamento da SUDENE em 1967, trata de locar a indústria de forma estratégica com a linha ferroviária e rodovias para escoamento de mercadorias. Atualmente, seu entorno caracteriza-se por ocupações contrastantes, constituindo grandes parques fabris ao Sul, e área residencial e comercial, ao Norte.

O programa original foi zoneado em 7 volumes interligados, sendo esses compostos por um pavilhão principal mais extenso, onde eram desenvolvidos a maior parte dos processos de fabricação dos fogões – subdividido em estampanaria, solda/maceração, esmaltaria e montagem - e 6 anexos

secundários, destinados para questões legais, logísticas e administrativas da fábrica.

De modo geral, os espaços no térreo são caracterizados por plantas livres, a fim de comportar os grandes maquinários, e tratam de dispor as áreas menores e mais delimitadas, como sanitários e sub estações de energia nos entrespisos. Esses níveis são conectados fisicamente por escadas e pátios de ventilação e luminosidade; os patamares, que funcionam também como espaços de transição entre uma função e outra, repetem-se três vezes ao longo do bloco.

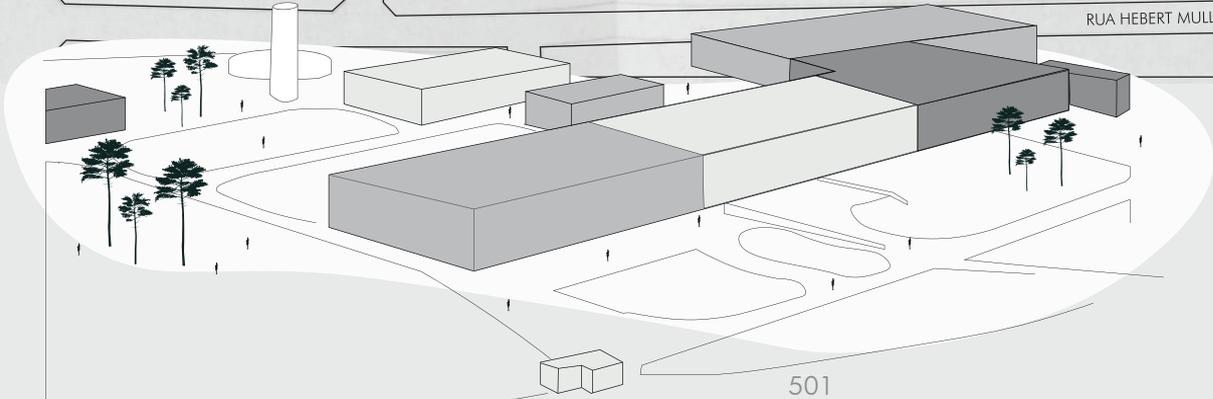
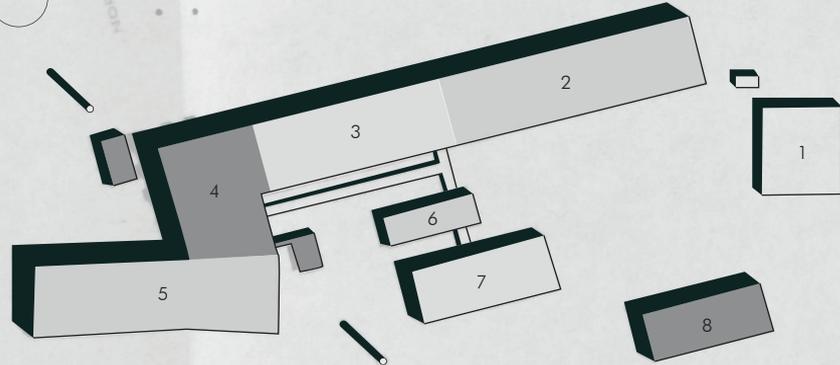
Os fluxos, assim como o desenho arquitetônico, obedecem um padrão linear, como de costume a utilizações que exijam um processo contínuo de movimentação e transporte; para isso, há uma concentração de aberturas de passagem nos limites norte do edifício, favorecendo um fluxo interno mais intenso no eixo sul do pavilhão, apresenta-se uma relação pouco conflituosa entre esses.

AV. JOÃO WALLIG

AV. AEROCILIBE

AV. ASSIS CHATEAUBRIAND - BR 104

RUA HEBERT MULLER

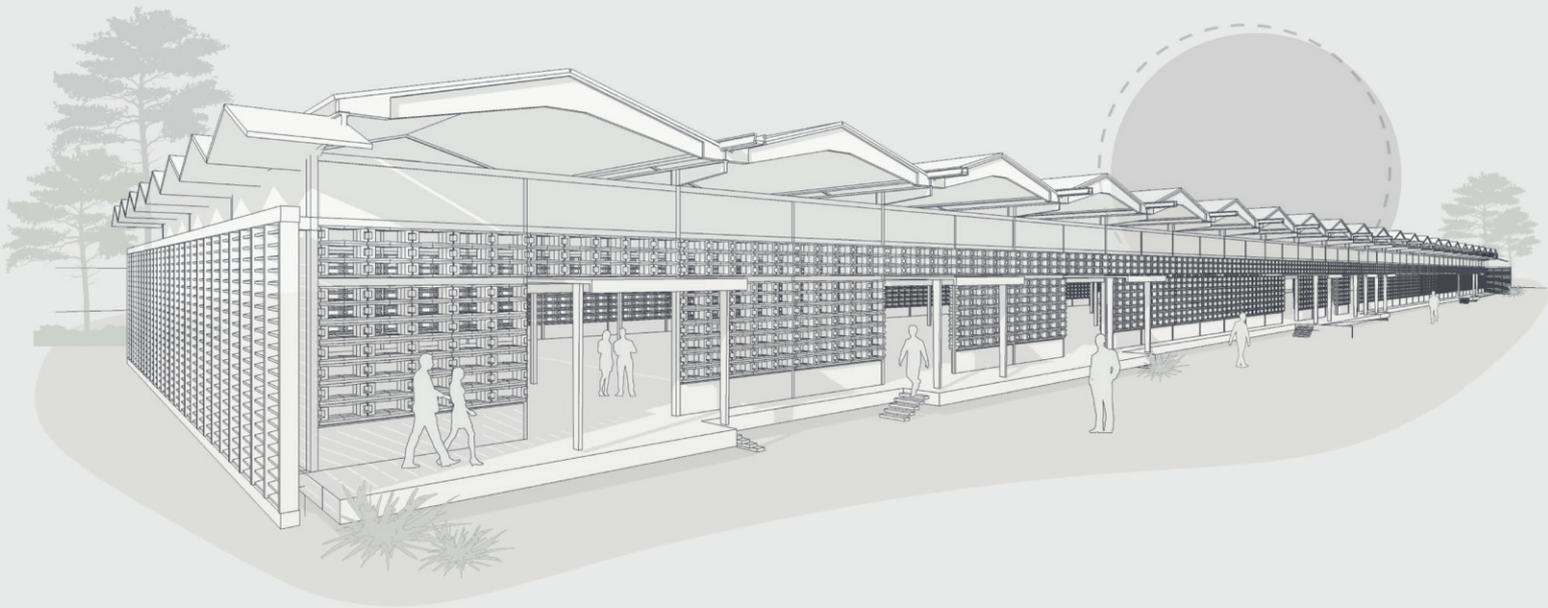


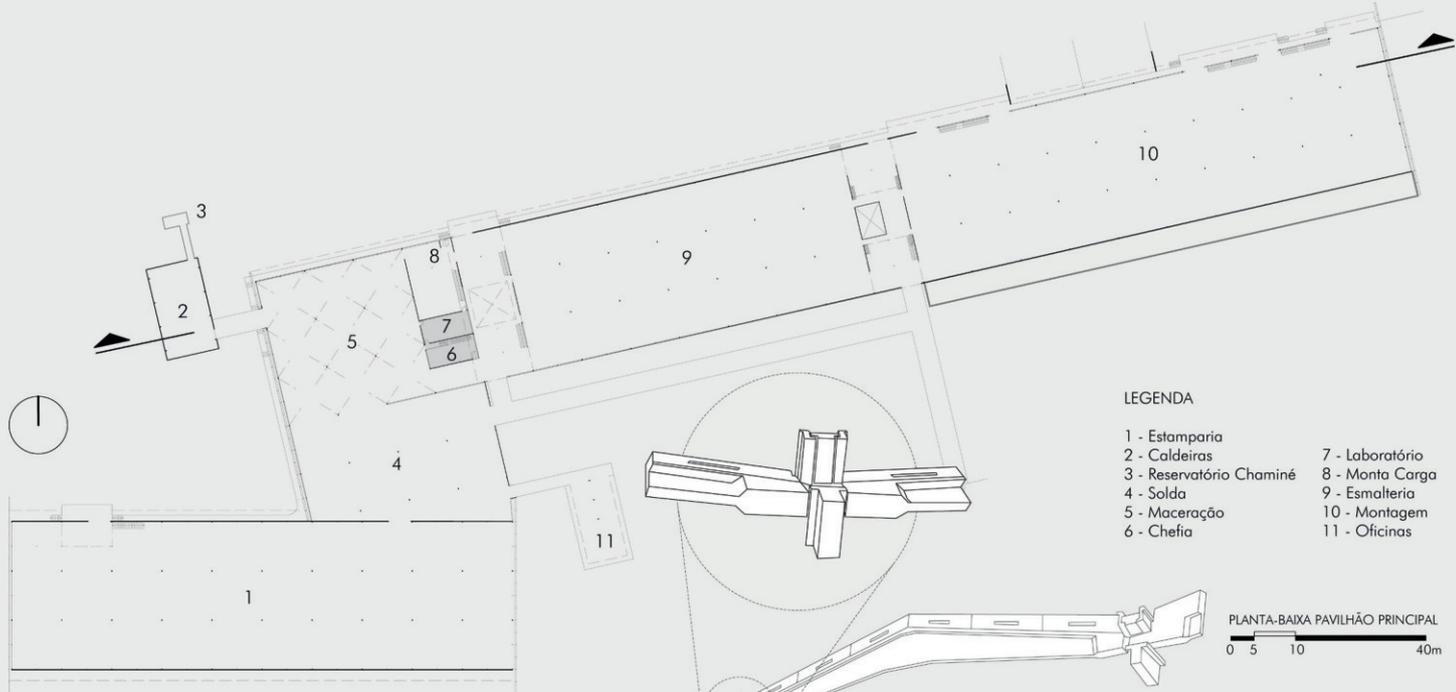
LEGENDA

- 1 - Fundação e Portaria
- 2 - Montagem
- 3 - Esmalteria
- 4 - Solda e Maceração | Caldeiras
- 5 - Estamparia
- 6 - Divisão Pessoal e Técnica
- 7 - Vestiários | Refeitório
- 8 - Administração

ZONEAMENTO



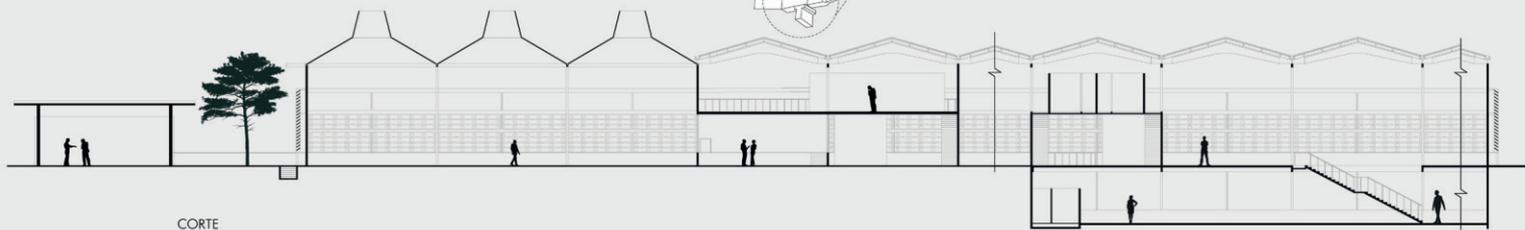




LEGENDA

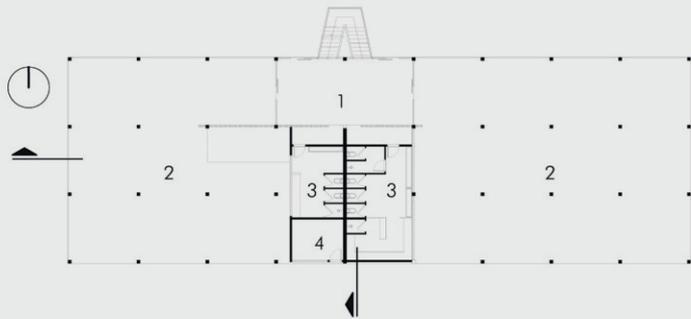
- 1 - Estamparia
- 2 - Caldeiras
- 3 - Reservatório Chaminé
- 4 - Solda
- 5 - Maceração
- 6 - Cozinha
- 7 - Laboratório
- 8 - Montagem Carga
- 9 - Esmalteria
- 10 - Montagem
- 11 - Oficinas

PLANTA-BAIXA PAVILHÃO PRINCIPAL

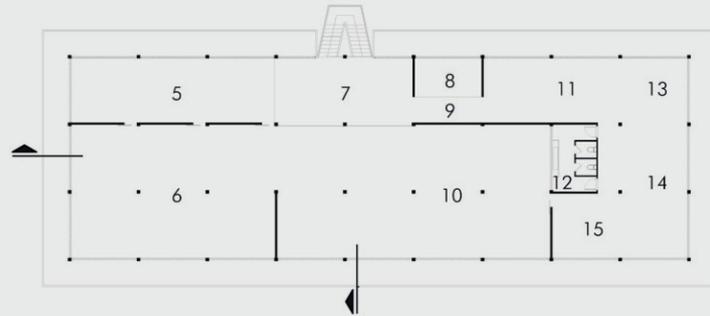
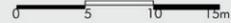


CORTE

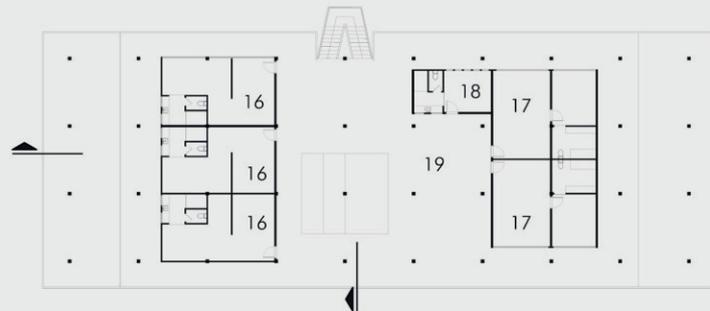




PLANTA-BAIXA TÉRREO | ADMINISTRATIVO



PLANTA-BAIXA 1º PAV. | ADMINISTRATIVO

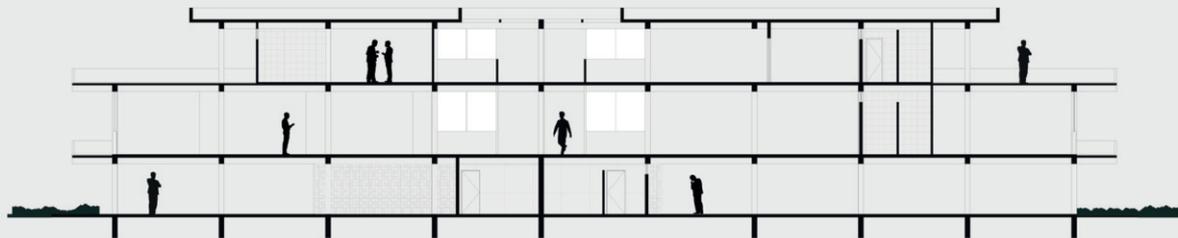


PLANTA-BAIXA 2º PAV. | ADMINISTRATIVO

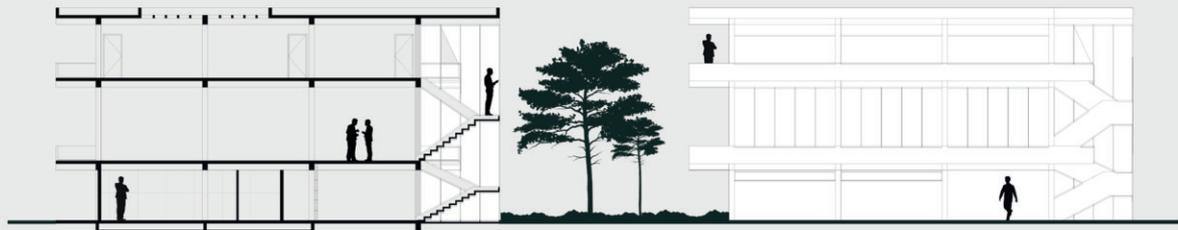


LEGENDA

- 1 - Vestíbulo
- 2 - Estacionamento
- 3 - Sanitários Funcionários
- 4 - Depósito
- 5 - Seção de Compras
- 6 - Vendas e Promoções
- 7 - Hall Nobre
- 8 - Acionistas
- 9 - Acesso Diretoria
- 10 - Seção de Contabilidade
- 11 - Secretarias
- 12 - Wc
- 13 - Conselho Deliberativo
- 14 - Diretoria
- 15 - Secretária
- 16 - Dormitórios + Wc
- 17 - Alojamento Diretores
- 18 - Wc + Vest.
- 19 - Pátio

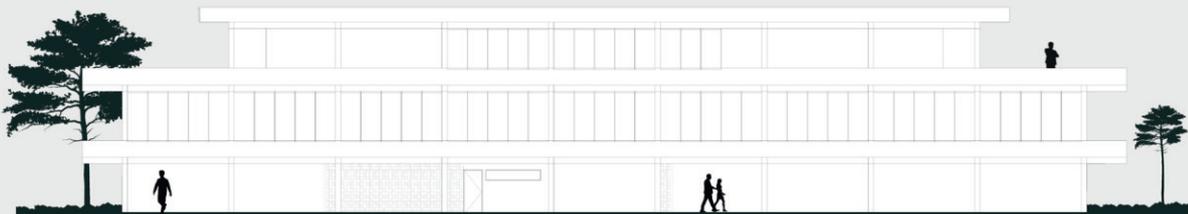


CORTE LONGITUDINAL | ADMINISTRATIVO



CORTE TRANSVERSAL | ADMINISTRATIVO

FACHADA LESTE | ADMINISTRATIVO



FACHADA SUL | ADMINISTRATIVO



4 DIMENSÃO FORMAL

O projeto original da fábrica adota critérios projetuais recorrentes na vertente brutalista do estilo arquitetônico moderno, uma vez que é marcada pela evidência da materialidade e estrutura na construção, bem como, adoção de planta livre, modulação, transparências e permeabilidade, propostas tipicamente universais da modernidade arquitetônica.

Esses valores estéticos também se relacionam com o programa, o qual apropria-se da repetição para setorizar em módulos os espaços para as diferentes etapas da produção, gerando um ritmo ao longo das fachadas dos galpões, expressando-se na cobertura e planos de vedação.

Acréscimos implantados, têm tratado de desconfigurar a forma original do edifício, com a inserção de galpões que parasitam sobre as vedações existentes, e extensão de novos pavimentos, sem constituir uma lógica projetual ou respeito a substância arquitetônica.

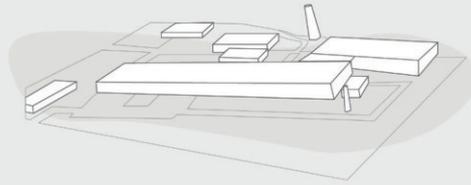
5 DIMENSÃO FUNCIONAL

O conjunto da Wallig Nordeste foi projetado para atender a demanda de um espaço para produção industrial de fogões a gás liquefeitos, e nos arquivos enviados a SUDENE em 1964 o processo de produção é descrito, contrastando com a dinâmica atual nos seguintes aspectos:

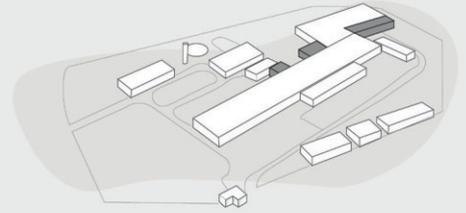
O acesso de chegada da mercadoria anteriormente dado pela rua Hebert Muller, hoje é inexistente; no setor realocado para condomínio de fábricas menores, são observadas adaptações bruscas para atender os novos programas como a construção de novos pavimentos, anexos adjacentes aos prédios e demolições para ampliações.

O pavilhão principal do conjunto, o qual utilizasse hoje para depósito de mercadorias, foram construídas paredes para subdividir os grandes vãos a fim de locar esses espaços para diferentes empresas, também foram ocluídos os elementos vazados em boa parte das fachadas, e por fim, foram retiradas as marquises e antigos portões.

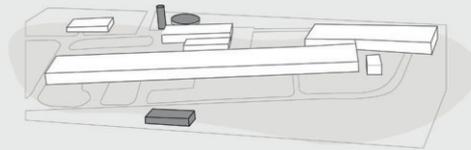
1967



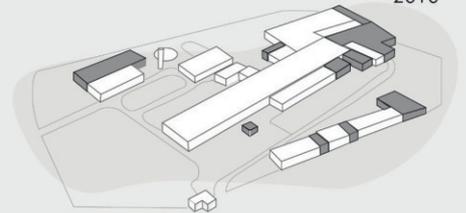
2005



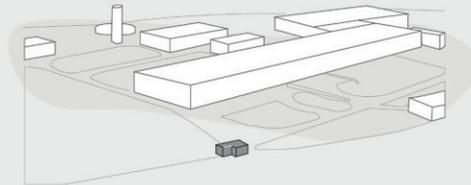
1974



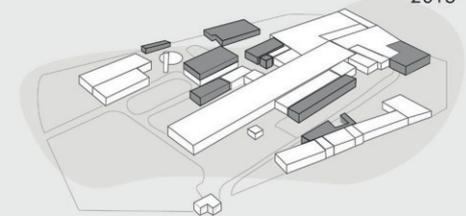
2010



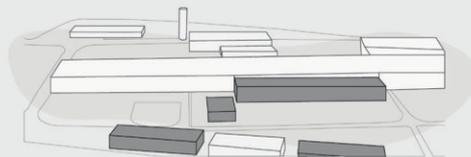
1976



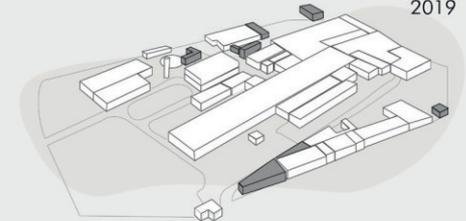
2015



1977



2019



Tectônica é um termo definido por Frampton (AFONSO apud. FRAMPTON, 2018 p.380) como a poética da construção, defendendo a interdependência entre forma e estrutura, sendo essas um só objeto. O termo retoma a atenção ao processo construtivo e reúne os aspectos materiais aos aspectos culturais e estéticos.

Karl Bötticher (1806-1889) investigou a arquitetura a partir de um estudo sobre os processos construtivos que definem os estilos. Esta avaliação vai permitir a Bötticher propor um sistema integrado entre função, estrutura e ornamento, definindo a tectônica como a “atividade de compor um edifício”, dando ênfase ao processo segundo o qual é construído.

Para o estudo dessa composição do edifício são destrinchadas cinco categorias a serem analisadas, sendo elas: estrutura de suporte, subdividida em superestrutura e subestrutura, analisando aspectos

como o tipo, a morfologia, e a relação das dimensões com os espaços; as peles, tratando-se dos elementos de fechamentos de um edifício, identificando os tipos, relação desses com a estrutura, e sua implantação; cobertura, se esta é implícita ou explícita, qual seu papel na configuração do edifício, e as soluções adotadas; detalhes construtivos, que são as marquises, escadas, entre outros; e por fim, os revestimentos e texturas, trazendo uma análise acerca da plasticidade e cromatismo dos materiais adotados.

Essa análise mais aprofundada será referente ao pavilhão principal do conjunto, a fim de compreender os elementos compositivos e mais significativos referentes ao objeto. Entretanto cabe destacar a síntese presente no memorial justificativo entregue a SUDENE, na qual pode-se obter uma visão geral dos elementos construtivos adotados no conjunto, a partir de cada pavilhão.

estudos tectônicos

EDIFÍCIO	ÁREA M ²	ALTURA	ESTRUTURA	FECHAMENTO	COBERTURA	PISO	REVESTIMENTO
ESMALTERIA E GALERIA EXTERNA	2.544,15	8M	CONCRETO ARMADO	TIJOLOS E ELEMENTOS VAZADOS	CONCRETO PRÉ-MOLDADO E CHAPAS DE AMIANTO	CIMENTO ALISADO	ARGAMASSA SIMPLES E ALVENARIA À VISTA
MONTAGEM	6.829,00	TÉRREO 8M SUB SOLO 4M	"	"	"	"	"
ESTAMPARIA	3.149,25	8M	"	"	"	"	"
SOLDA E MACERAÇÃO	3.069,05	SOLDA 6M MACERAÇÃO 8M	"	"	"	"	"
CALDEIRAS	235,80	5M	"	ALVENARIA COMUM OU TIJOLO À VISTA	PRÉ MOLDADO	LADRILHOS GRANITA E TACOS	"
OFICINA	116,00	4M	"	-	LAJE DE CONCRETO	LADRILHOS HIDRÁULICOS CERÂMICO	ARGAMASSA
DIVISÃO PESSOAL E TÉCNICA	726,00	1º PAV. 2.8M MACERAÇÃO 2.8M	"	ALVENARIA COMUM	MADEIRA LAJE DE FORRO	LADRILHOS HIDRÁULICOS E TACOS	ARGAMASSA E AZELEJOS
REFEITÓRIO E VESTIÁRIOS	3.066,00	1º PAV. 3M MACERAÇÃO 3.5M	"	"	"	CIMENTO, LADRILHOS E TACOS	"
ADMNISTRAÇÃO	2.987,00	TÉRREO 2.5M 1º E 2º PAV. 2.8M	"	ALVENARIA COMUM E ELEMENTOS VAZADOS	LAJE DE CONCRETO	"	ARGAMASSA AZULEJOS - MADEIRA
FUNDAÇÃO	1.275,00	3.2M	"	ALVENARIA COMUM	MADEIRA LAJE DE FORRO	LADRILHOS HIDRÁULICOS E TACOS	ARGAMASSA
PORTARIA E SUBESTAÇÃO	-	2.5M	"	"	LAJE DE CONCRETO	LADRILHO	"

1. ESTRUTURA DE SUPORTE

A estrutura de suporte do pavilhão estudado está disposta sobre uma malha regular de 10m x 10m, composta por 145 módulos, dentre os quais identificou-se oito tipologias distintas. Tratando-se das subestruturas, há uma padronização na adoção de fundação do tipo direta, ou rasa, no formato de sapatas, como foi apresentado anteriormente na síntese geral do conjunto.

Esses elementos “transmitem a carga ao solo pelas tensões distribuídas sob a base da fundação” (YAZIGI, 2009, p. 171), assentando-se em uma “profundidade de duas vezes a menor dimensão” da forma trapezoidal, essa tipologia exige menor quantidade de movimentação de terra, facilitando a aplicação, aspecto esse que pode variar com o solo.

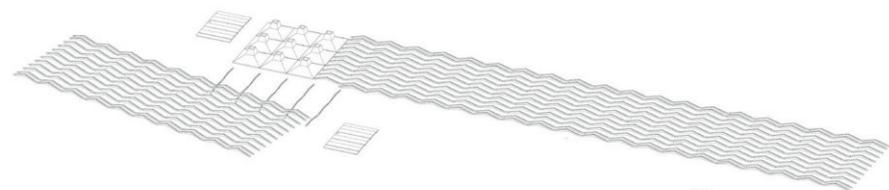
Quanto a superestrutura, nos módulos do tipo 1, 3, 4 e 7 foi possível identificar a adoção de um sistema estrutural de viga contínua, e nos módulos 2, 5, 6 e 8, sistema de pórtico articulado, todos esses

classificam-se como estruturas de seção ativa, sendo aplicados nesse projeto em concreto

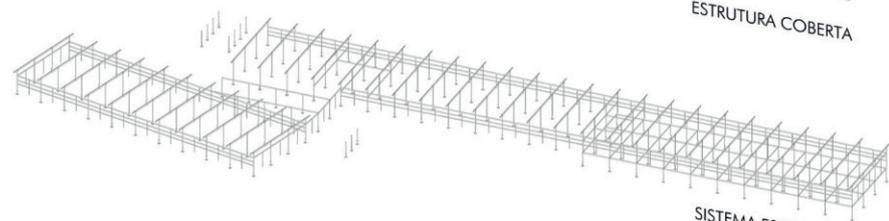
armado. Esses sistemas possuem caminhos diretos de distribuição da carga ao solo, acarretando ao edifício um diagrama de forças simplificado e um maior peso físico e visual, segundo Heino Engel, os sistemas como:

Viga contínua, pórtico articulado, pórtico rígido, pórticos de vãos múltiplos e pórtico de vários pavimentos, as estruturas de seção-ativa, trouxeram á expressão máxima os mecanismos de continuidade. Por meio desses sistemas, é possível conseguir grandes vãos e obter espaço livre sem auxílio de suportes, e sem abandonar as vantagens da geometria retangular. (ENGEL, 2003, P. 172)

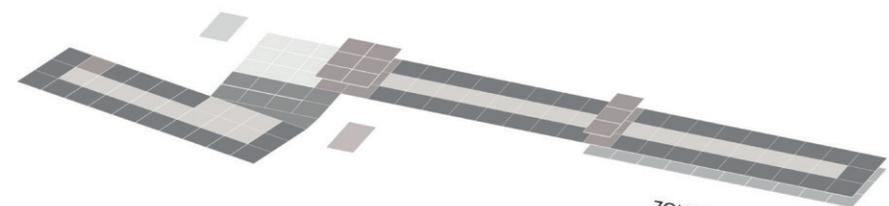
Os elementos estruturais básicos do primeiro grupo, com sistema de viga contínua, são os pilares de seção 25cm x 15cm, variando na altura com o pé direito entre 5m e 8m, esses possuem formatação do tipo barra, “uma vez que seu comprimento



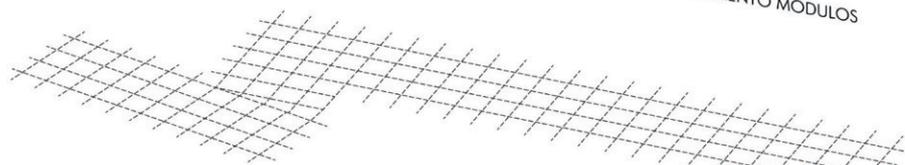
ESTRUTURA COBERTA



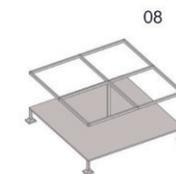
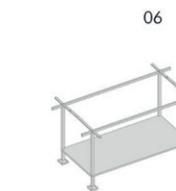
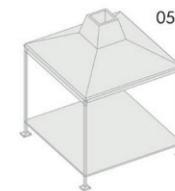
SISTEMA ESTRUTURAL



ZONEAMENTO MÓDULOS



EIXOS ESTRUTURAIS



predomina em relação a altura e secção transversal” (REBELLO, 2000 p.31);

As vigas, de secção 25cm x 30cm, tem desenho do tipo T (ENGEL, 2001, p.179), como é possível observar no detalhe 01, e são dispostas de modo contínuo ao longo da menor dimensão dos pavilhões de 30m, segundo ENGEL, essa característica permite que “a deformação por flexão em um vão se transmita ao outro” (ENGEL, 2001, p.181), ou seja, a carga aplicada de forma pontual é resistida pelo comprimento total da viga.

No segundo grupo, com sistema de pórtico articulado, os perfis das vigas de mesma secção são do tipo retangular, possuindo uma distância linear reduzida entre os pilares de 25cm x 15cm, a altura destes elementos variam de 4m à 8m, e obedecem em sua maioria a modulação de 10m x 10m, com exceção dos espaços do tipo 6 e 8, ambientes menores que articulam-se ao galpão principal através de passarelas.

Quanto as estruturas de suporte a coberta, destacam-se a utilização da tesoura pré-fabricada em concreto, que se repete 4 vezes dentro dos módulos

1, 3 e 4, com espaçamento de aproximadamente 3m de eixo a eixo; no módulo 5, destaca-se as coifas construídas em concreto armado para o setor de maceração, sendo essa uma operação química com objetivo de impregnar certas substâncias líquidas as peças dos fogões.

Fez-se necessário o desenho que favorecesse através da densidade do ar a expulsão dos gases tóxicos da parte interna para externa da fábrica. Esses dois elementos serão aprofundados no tópica de cobertura.

Pode se analisar então que a relação da estrutura com a forma do edifício é sistemática e tectônica, ou seja, a modulação e elementos de suporte regem fortemente a volumetria a um desenhos pavilhonar e linear, não obstante, que expõem-se esses elementos a fim de enfatizar a construção, demarcar os planos, e passar solidez, tanto ao observador externo quanto interno.

2. PELES

Tratando-se das peles identificou-se quatro elementos de vedação fixos, sendo eles as alvenarias em tijolo aparente, ou à vista como tratado no memorial do projeto, aplicados em blocos cerâmicos com 21,5 cm x 9,5 cm x 10,5 cm, assentados com argamassa de 1 cm.

Observa-se que a aplicação se dá repetidamente em planos de 4,85 m x 1 m, nas seções inferiores, e 4,85 m x 1,40 m, nas seções superiores, dos limites interno – externo do edifício, segundo as especificações em planta essas são paredes duplas, que totalizam 22cm de profundidade.

Pode-se observar que o edifício em formatação de pavilhão possui poucas divisões internas em alvenaria, visto que assim como outras estruturas industriais se faz necessário espaços amplos devido ao grande maquinário e largos espaços de circulação, desta forma, as alvenarias aparentes, tanto interna como externamente, não se tornam elementos visualmente pesados quando aplicados em planos em conjunto com elementos vazados e em grandes extensões.

Outro elemento de vedação utilizado no projeto, que são encontrados nos mesmos planos do tijolo à vista, são os cobogós, blocos vazados que permitem a entrada de luz e ventos nos ambientes de modo constante, esses destacam-se como elemento construtivos expressivos de uma arquitetura dos trópicos.

Os cobogós nesse projeto apresenta-se também como elementos de fácil manutenção e grande resistência, uma vez que mesmo ao longo dos anos de existência, e poucos cuidados com a estrutura, encontram-se bem conservados.

No caso das peças aplicadas nesse pavilhão trata-se de desenho autoral dos arquitetos, e de fabricação das peças in loco, resultando em uma rentável composição de planos de cheio e vazios nas fachadas, assim como conforto térmico para o interior do edifício.

Esses elementos serão apresentados de forma mais específica no tópico de detalhes construtivos, mas de modo geral tratam de duas tipologias que se

diferenciam por uma peça central ao cobogó do tipo 02. Ambos têm dimensões gerais de 93 cm x 42 cm x 20 cm, e são fabricados em concreto, aplicam-se em planos de 4,85 m x 3,20 m e 4,85 m x 1,40 m, de forma duplicada, na área central dos planos, coincidindo com a escala humana no térreo e entrepisos.

Os elementos da tipologia 01 foram aplicados nas fachadas norte, onde geralmente o sol é mais intenso no inverno quando as temperaturas são mais amenas, e os elementos da tipologia 02 foram aplicados nas fachadas sul e sudeste, sendo mais afetada pelo sol no verão, justificando assim o desenho mais fechado.

Nas fachadas leste e oeste foi aplicado o quarto elemento de vedação fixo, os planos de brises horizontal em concreto, compostos por peças de 1,25 m x 0,25 m, aplicados com inclinação de 5° entre duas estruturas de amarração com 10cm de espessura.

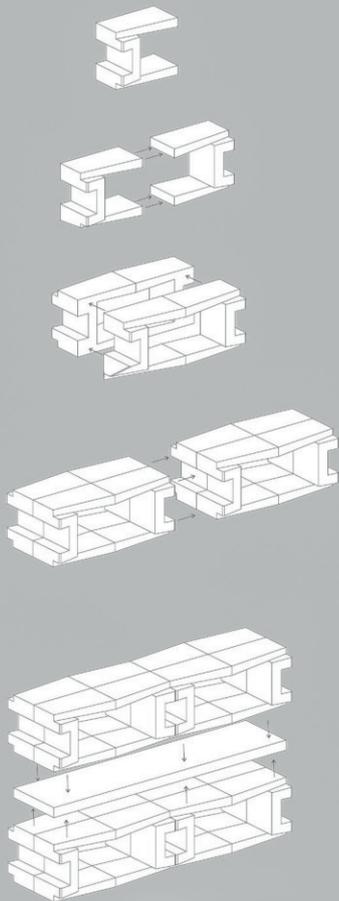
O distanciamento vertical entre um brise e outro é de 20 cm, e são replicados a longo de toda fachada sobressaindo a essa em 2 m, sendo amarrado

por vigas secundárias a estrutura do edifício nas alturas de 1m até 4m, totalizando um módulo de 1,45 m x 3 m.

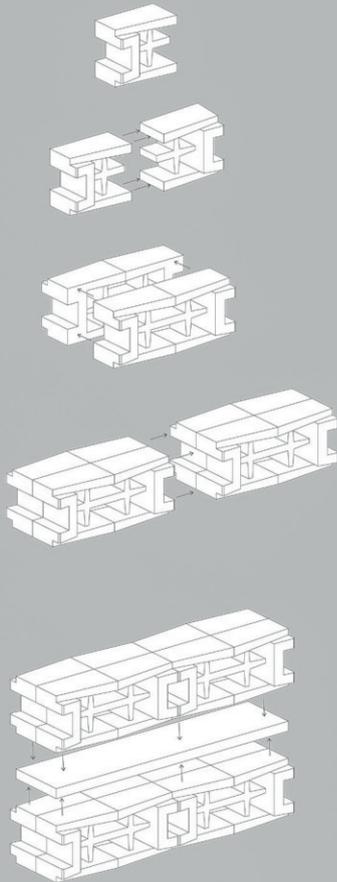
Quanto aos elementos de vedação que configuram mobilidade, as esquadrias, predominam as janelas de correr estruturadas em madeira e vidro, e as portas/portões grandes folhas de ferro na cor azul, assim como portas de madeira maciça para as instalações hidro sanitárias; como será visto no estudo de conservação, essas em sua grande maioria foram retiradas ou encontram-se danificadas.

Percebe-se que ao tratar de uma estrutura que exposta na forma os planos de vedações obedecem a essa regularidade da estrutura, variando de acordo com os módulos apresentados no tópico anterior.

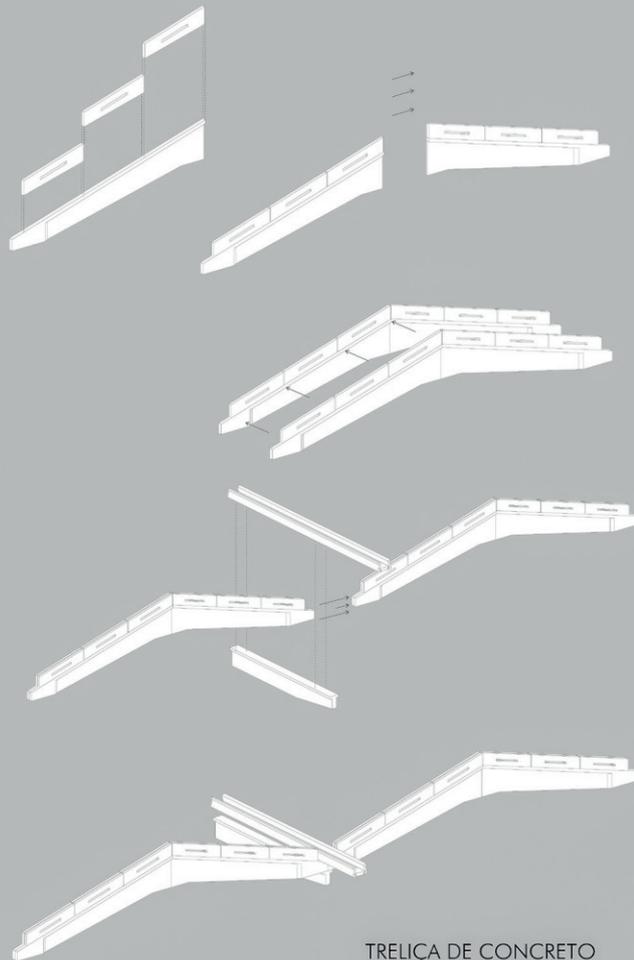
O desenho repetitivo gera uma harmonia entre as diferentes texturas aplicadas nas peles, destaca entre essas os cobogós entre os elementos construtivos mais significativos do objeto estudado, que se faz diferenciar essa estrutura das demais construídas na mesma época.



COBOGÓ TIPO 01



COBOGÓ TIPO 02



TRELIÇA DE CONCRETO

3. COBERTURA

Como apresentado no memorial o tipo de armação de cobertura nos pavilhões estudados é de concreto pré-moldado vedado com chapas de amianto, essa solução construtiva é explícita ao observador, mesmo que não haja necessariamente o telhado aparente.

As peças pré-fabricadas realizam o desenho repetitivo que marca a forma do objeto, numa modulação de 10 em 10 metros no sentido horizontal, e 3 em 3 metros no sentido vertical. A inclinação desses planos é de 30%, com caimento direcionado a calha, também de concreto pré-moldado, locada entre um módulo e outro.

Há também uma segunda tipologia de cobertura sobre os planos de brises nas fachadas leste e oeste, essa compreende uma peça única pré-fabricada em concreto, composta pela repetição de águas de caimento oposto de 1 m cada, de mesmo modo, com inclinação de 30%.

A cobertura realiza tanto seu papel pragmático de proteção aos intempéries climáticas, quanto

formal, ao dar identidade ao edifício; além disso, vale ressaltar que a utilização desses elementos corrobora para o partido de uma arquitetura bioclimática adaptada ao clima do nordeste, uma vez que a formação de vazios entre este elemento e os elementos de fechamento do tópicos anterior, cria mais uma passagem de ventilação constante entre o espaço externo e interno.

4. DETALHES CONSTRUTIVOS

Quanto aos detalhes construtivos, coube destacar três elementos considerados significativos para o pavilhão estudado, tanto pela solução adotada, quanto pela grande quantidade de repetições dessas ao longo de todo o projeto.

Primeiramente, recortou-se um trecho de uma seção entre o pavilhão de maceração e esmaltaria, a qual apresenta a implantação dos elementos citados, mas também o encontro desses com outras soluções. Entre estas, a marquise bi apoiada em concreto, reconstruída a partir do desenho arquitetônico e fotos antigas, uma vez que foram retiradas

do edifício; elas possuíam dimensões gerais de 4,85m x 0,30m x 3,20m, e encontravam-se a altura de 6m, coincidindo com o nível dos entrepisos.

Outro detalhe destacado na seção ao lado trata do poço para o monta cargas, disposto nesse setor de transição para redistribuir os possíveis materiais que necessitassem ser carregados pelo equipamento, uma vez que todo o edifício é elevado 2m em relação ao pátio externo. Por conta desse desnível, a relação interno-externo é sempre dada através de passarelas de 1,2m de largura que circundam o pavilhão, com descanso em patamares de 3,5m locados nos espaços de entrada do prédio, dispondo sempre de escadas para acessar o pátio no nível inferior.

Como geralmente empregado aos edifícios industriais as escadas e guarda-corpos são de estrutura metálica, pintadas de amarelo, com degraus em concreto; a utilização de uma peça independente metálica mostra-se como uma solução adequada visto que não sobrecarrega a superestrutura, e possibilita maior flexibilidade de mudanças caso necessário, visto que este elemento construtivo independe da estrutura de suporte.

Tratando-se dos elementos significativos citados, sabe-se que os cobogós do tipo 01 e 02 possuem dimensões gerais de 93cm x 42cm x 40cm, como apresentado no tópico das peles, identifica-se nestes um módulo gerador representado ao lado, compreendendo $\frac{1}{4}$ da unidade final desses elementos construtivos. Esses apresentam desenho geometrizado, composto por dois planos trapezoidais, um na base inferior e outro superior, unidos por um elemento quadrado seccionado, e sutilmente inclinado.

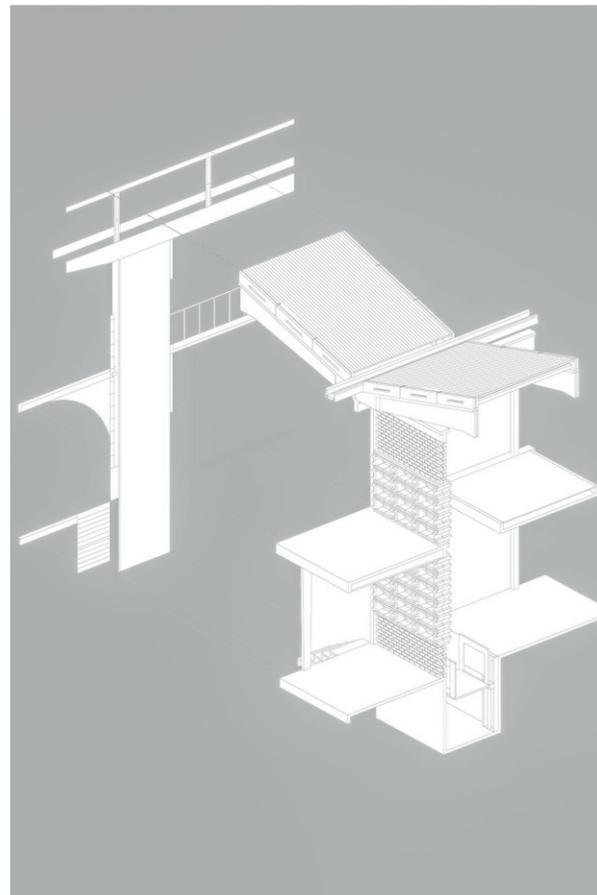
A união desses módulos é dada por uma argamassa de espessura 7cm na horizontal, os cobogós destacam-se na composição por não limitar-se a um desenho planificado, mas utilizar-se da profundidade e traços não ortogonais, atingindo dinamismo por meio desse elemento construtivo, além disso são blocos consideravelmente maiores que os cobogós tradicionalmente fabricados.

Quanto a tesoura de concreto que dá suporte a cobertura, presente no detalhe anterior e destrinchado na imagem ao lado, encontra-se dimensões gerais com 10m de largura, 2m de altura no eixo central, e inclinação de 30% para ambos os lados.

Esse elemento é formado tanto pelo desenho tradicional de uma tesoura, sendo totalmente preenchida em concreto com detalhes de recortes em profundidade, e placas dispostas sobre essa peça central cumprindo a função de platibanda, deixando encoberto as telhas.

Nesse desenho, pode-se observar um recorte no encaixe entre as tesouras na qual repousa a calha, com 50cm de largura, que ultrapassa os limites do edifício em 30cm, sendo também pré-fabricada em concreto; além disso, na base inferior dessas estruturas há um alargamento nas pontas, a fim de obter uma maior área de contato com a viga em T de 0,25cm de largura, que trata de dar suporte as tesouras, redistribuindo a carga sobre os pilares.

A utilização da pré-fabricação nesse projeto também traz à tona a discussão do patrimônio industrial, para além do uso do edifício, têm-se as soluções construtivas adotadas como diferenciadas dos tradicionais desenhos em pré-fabricados na região há época, o que reforça a importância em documentá-las, assim como preservar esses elementos.





5.5. REVESTIMENTOS E TEXTURAS

Quanto a materialidade, vê-se em diversas escolhas projetuais a intenção em deixar evidente as soluções construtivas utilizadas e a materialidade original aplicada a esses, observa-se o uso do tijolo cerâmico à vista, a estrutura em concreto aparente, e os elementos vazados, que não passam por algum tipo de tratamento, ou pintura, que revista esses objetos.

Além dos revestimentos citados, que são dispostos no plano vertical do edifício, há a aplicação de cimento alisado para o piso interno, como exposto no memorial, e pedra rachão cinza para o pátio externo, além da questão já citada da verdade dos materiais, cabe apontar o aspecto funcional dessas escolhas, que tornam a manutenção do edifício mais simples, assim como a fácil identificação de patologias ao longo do tempo, e o fácil acesso para tratar das mesmas.

A standardização, fenômeno típico do processo industrial, é aplicada na arquitetura da Wallig ao repetir a solução cromática e plástica ao longo de todo o projeto, que apesar da simplicidade

do arranjo formado, gera diferentes combinações entre eles, criando um ritmo, que hora dispõe de planos de caráter mais aberto, hora apresenta um caráter mais enclausurado.

CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Do concreto que existiu do parque industrial não nos resta muito além das paredes dos seus galpões, para além da memória dos recortes de jornais, das fotografias de particulares, e das pranchas de projeto, pouco nos restou dos relatos desse período da história campinense.

Os galpões se mantiveram em uso, podem não apresentar problemas patológicos que comprometam a estrutura existente, por outro lado, encontram-se tão deturpados em meio as adaptações feitas ao longo do tempo que torna-se difícil o reconhecimento dos edifícios. No edifício separado, de poucas atividades e parcialmente desocupado, ainda podem-se extrair muito de sua arquitetura que seja significativo, mas o descaso com sua manutenção é um problema evidente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A.; RODRIGUES, R. *Projeto arquitetônico industrial e modernidade: O caso da fábrica Wallig. Campina Grande. PB. Belo Horizonte: 2º Simpósio do ICOMOS Brasil.2018.*

BLOG RETALHOS CG. *Relembrando Wallig Nordeste S.A.* Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/05/relembrando-wallig-nordestesa.html#.Vu8FGOIrJD8>>. Acesso em: 05 de mar. 2020.

CORDEIRO, R., LEITE, J., DINIZ, D. et al. *A utilização dos cobogós na arquitetura moderna industrial campinense: Fábrica da Wallig. 1965-1970.* Manaus: VII Seminário Docomomo Norte Nordeste, 2018.

ENGEL, H. *Sistemas Estruturais de Seção-Ativa.* In: ENGEL, Heino. *Sistemas Estruturais.* 3. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. Cap. 3. p. 171-206.

LEITE, J., e AFONSO, A. *A relação entre concepção arquitetônica e estrutura em projetos industriais*

modernos em Campina Grande. Estudos de casos. UFCG: Relatório Final do PIVIC. 2018-2019.

SOUZA, D. R.; CABRAL FILHO, S. *Imprensa, Trabalho e Trabalhadores em Campina Grande – PB (1957-1980).* In: Congresso de Iniciação científica da Universidade Federal de Campina Grande, 10., 2013, Campina Grande. Artigo. Campina Grande: Ufcg, 2013. p. 1-14. Disponível em: http://pesquisa.ufcg.edu.br/anais/2013/artigos-pub/xcicufcg_2041.pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

YAZIGI, W. *A técnica de edificar.* São Paulo : Pini : SindusCon, 2009.

CAP 24

PREMOL: ANÁLISE DA DIMENSÃO HISTÓRICA. 1964.

ALCÍLIA AFONSO | IVANILSON PEREIRA

PREMOL



1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desse capítulo trata do resgate do patrimônio industrial da fábrica da Premol Indústria e Comércio S.A, voltada para a produção de pré-moldados em concreto na cidade de Campina Grande.

Sua importância para o cenário da industrialização campinense, está associada ao nível de influência que a fábrica alcançou nem meados da década de 60, vista como uma das maiores produtoras locais desse gênero, assim como, responsável pelo fornecimento de produtos para toda a cidade e região.

Classificada como uma “Indústria de transformação de minerais não metálicos”, no Cadastro das Indústrias da Paraíba FIEP (1969), esta fábrica consta como fundada na cidade de Campina Grande em 1964, possuindo três segmentos:

1) A industrialização de postes pré-fabricados para obras de eletrificação; 2) A confecção de estruturas de diversos tipos para a construção civil; 3) Elementos para montagem de equipamentos urbanos e infraestrutura.

Tirando partido disso, o objetivo dessa investigação visa reconstituir a história desse Fábrica, através do resgate das fontes documentais primárias e secundárias sobre a obra, bem como, realizar o registro dos elementos pré-moldados em concreto produzidos na cidade para o segmento da construção civil (edifícios, estruturas, equipamentos).

Tal proposta busca salvaguardar a memória e importância desse acervo para a compreensão da produção arquitetônica local.

A justificativa deste trabalho pode ser considerada pelo ineditismo temático, levando-se em consideração que a presença da fábrica da Premol, como objeto de estudo, não foi explorada em publicações ligados ao patrimônio industrial brasileiro, o que reforça a sua importante contribuição para o meio científico e discussões pertinentes a tal segmento.

Cabe salientar que as estruturas onde funcionavam a sede da fábrica no bairro de Bodocongó, foram totalmente demolidas e saqueadas, restando

apenas ruínas do empreendimento e o lote abandonado de sua antiga implantação, que atuou durante quase meio século na produção de peças pré-moldadas.

No processo de destruição da fábrica foram perdidos documentos, registros, pranchas técnicas de construção e etc; que ajudariam a realizar o resgate imagético de sua arquitetura.

A pesquisa historiográfica da fábrica deu-se através de depoimentos orais, com o antigo proprietário e com um ex-funcionário da empresa, onde tem-se construído um fio condutor que proporcionou o conhecimento de uma parte expressiva da obra da Premol em Campina Grande.

Como metodologia, se baseia em uma linha de investigação proposta por Serra (2006) que trabalha com a relação entre o processo e o sistema que o circunda.

O processo seria a evolução da Fábrica- de sua origem, desenvolvimento e falência- dialogando com o sistema, que seria composto pelos condicionantes espacial, econômico, tecnológico, e

sociocultural que a circundou – nesse caso em específico, para as estruturas produzidas pela fábrica que integralizam um patrimônio tecnológico da construção civil na cidade.

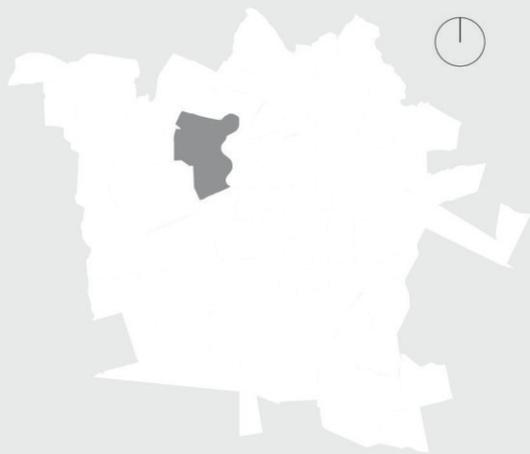
Esclarece-se que a análise das dimensões propostas pro Afonso (2019c) não será possível realizar-se aqui em sua totalidade, tendo em vista a perda de arquivos para análise, bem como, a completa destruição da própria edificação.

Para tanto, o levantamento irá permear a dimensão histórica da obra e sua conseqüente produção na a cidade de Campina Grande, como alternativa de resgate de sua importância e contribuição.

2. DIMENSÃO HISTÓRICA DA FÁBRICA PREMOL

A partir da coleta dos fragmentos que compõem a história e a memória industrial da fábrica da Premol, foi possível a organização de sua trajetória em três momentos distintos.

A ordenação cronológica dessas fases da fábrica, possibilitou uma interpretação, mesmo que preliminar, dos acontecimentos, influências, relações,



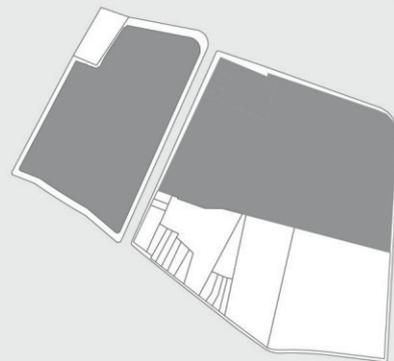
IMPLANTAÇÃO CIDADE

0 1200 1500 3000 M



IMPLANTAÇÃO BAIRRO

0 150 300 900 M



IMPLANTAÇÃO QUADRA

0 50 200 350 M

1. PRODUÇÃO DE TUBOS PRÉ-MOLDADOS
2. PRODUÇÃO DE POSTES DE ALTA TENSÃO
3. ESCRITÓRIO
4. ATENDIMENTO PÚBLICO

5. ARMAÇÃO E FERRAGENS
6. CIMENTOS | BRITONEIRAS
7. SETOR DE TRANSPORTES
8. ALMOXARIFADO



problemáticas e potencialidade do empreendimento ao decorrer de aproximadamente meio século de existência. São elas: o surgimento da fábrica no cenário da pré-fabricação nordestina – em 1964; sua consolidação enquanto referência para o segmento da construção civil – entre 1970 e 1980; até seu prévio colapso em pleno século XXI.

2.1 O surgimento da PREMOL no cenário da pré-fabricação nordestina. 1964.

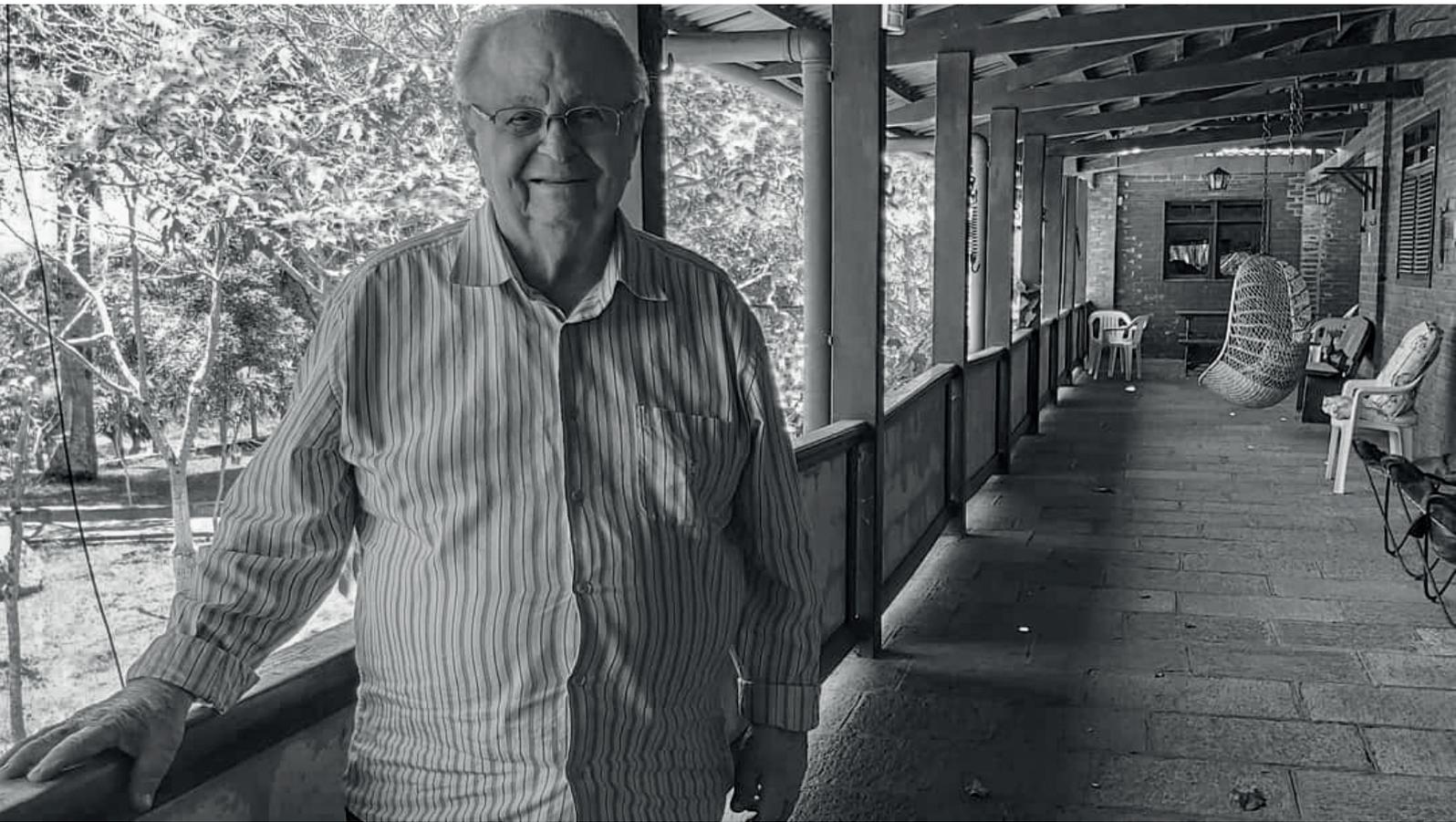
A fábrica da Premol Indústria e Comércio S.A foi instalada na Rua Luís Malheiros, 310, no bairro de Bodocongó, e se destinava à fabricação de postes e pré-moldados em cimento armado.

Nesse bairro, o Açude de Bodocongó marca a paisagem urbana e deu origem de forma espontânea, à instalação de um distrito industrial, que sediava ali, curtume, indústrias de calçados, uma grande fábrica têxtil, além destas de outras indústrias do segmento da construção civil, que foram atraídas pela existência do açude que fornecia água para estas empresas.

Observa-se que antes mesmo da criação do Distrito Industrial planejado e incentivado pela SUDENE, existia neste lugar uma tendência industrial causada pelo açude.

Classificada como uma Indústria de transformação de minerais não metálicos, no Cadastro das Indústrias da Paraíba FIEP (1969), a empresa Premol Indústria e Comércio S/A- consta como fundada na cidade de Campina Grande em 1964 e possuía como diretor presidente o Sr. Maurício Clóvis de Almeida, e como sócios, o Sr. Antônio Leal Filho- diretor comercial e, Carlos Alberto Lins Albuquerque, diretor.

Fundamental para a elaboração deste artigo foi a entrevista (AFONSO, 2019a) realizada com o antigo presidente da Premol, o Sr. Mauricio Almeida, que narrou fatos importantes para o entendimento da criação, consolidação e abrangência da atuação desta fábrica no cenário não apenas campinense, mas também, regional, como será visto a seguir, através dos depoimentos prestados por ele.



Nascido em Areia, Paraíba, e filho de um rico fazendeiro e dono de engenhos na região do Brejo e do Cariri paraibanos, Mauricio Almeida, era o quarto filho e primeiro filho varão do casal José Rufino de Almeida e Adelaide Gondim de Almeida. Desejava se graduar em medicina veterinária, mas acabou seguindo em Recife/PE uma carreira técnica e comercial na empresa White Martins, onde trabalhou e adquiriu conhecimentos sobre máquinas e equipamentos utilizados nas indústrias que existiram no final dos anos 50 nos estados do nordeste brasileiro.

Tal experiência lhe proporcionou contatos com empresários, construtoras, que o fizeram entrar no ramo da construção civil, através de um convite realizado pelo proprietário e engenheiro Quintino Lavor, da Construtora Lavor Engenharia que possuía sua sede em Cajazeiras/PB.

Amigo de seu primo, o engenheiro e professor da Escola politécnica de Campina Grande, Luiz José de Almeida, Mauricio aceitou trabalhar na construtora que estava responsável pela construção de um trecho rodoviário que ligava Campina Grande à Soledade/PB (59,3 km).

Nesta época ele ficou responsável pela manutenção dos equipamentos e pelo setor de compras desta construtora, ampliando seu universo profissional em Recife e em João Pessoa.

Contudo no ano de 1962, Mauricio Almeida e seu primo, Luiz José de Almeida, decidiram abrir uma construtora para atuar na área de pavimentação e criam a Conspav, que foi a origem da fábrica Premol. Luiz Almeida cursou engenharia civil no Rio de Janeiro e estagiou em uma empresa de pré-moldados havendo acompanhado o processo construtivo e tecnológico da fabricação de grandes postes naquele estado.

Tal experiência o fez convidar Mauricio de Almeida para abrirem a Premol, que foi criada oficialmente em 1964 (segundo dados do Cadastro das Indústrias da Paraíba de 1969) para fabricar, inicialmente, postes pré-moldados em concreto para eletrificação- setor que se desenvolvia bastante naqueles anos de criação de uma infraestrutura na região nordeste, incentivada pela política desenvolvimentista da SUDENE.

Maurício Almeida narrou que através de uma parceria com o curso de engenharia civil da antiga Escola Politécnica sediada no atual campus da UFCG/ Universidade Federal de Campina Grande, eram realizados os testes de carga e resistência dos elementos pré-fabricados pela Premol. Acredita-se que tal aproximação deve ter sido devido à ligação do sócio e primo Luiz Almeida com esta Escola, por ser professor ali, juntamente com seu irmão, Átila Almeida. Luiz Almeida era um engenheiro bastante influente na Escola Politécnica da Paraíba, e foi presidente da ATECEL/ Associação Técnico Científica Ernesto Luiz da UFCG.

Tal relação profissional e de parceria, acarretou na construção de galpões pré-fabricados de todo um setor do campus da UFCG em Bodocongó que estava se instalando no início dos anos 70, para abrigar os blocos funcionais do Setor B- proposto as atividades de produção e design. Nestes blocos pode-se observar a marca da Premol e datas de fabricação de cada elemento estrutural.

Segundo depoimentos de Maurício Almeida, os maiores clientes da Premol eram a CODEBRO/ Companhia Distribuidora de Eletricidade do Brejo

Paraibano e a SAELPA/ Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba, atual Energisa. Observou-se, através da narrativa de Maurício Almeida que o produto que era o carro chefe da empresa eram os grandes postes para eletrificação urbana e rural, que geravam bons lucros.

Na entrevista concedida à Revista Fisco nº 64 (1978), Almeida explicou a importância desse momento de consolidação de uma infraestrutura energética regional, incentivada pela SUDENE e pela CHESF/ Companhia Hidrelétrica do São Francisco que construíam na região nordeste o sistema de rede de alta tensão, adquirindo para tanto, postes de grande porte em concreto armado que exigiam uma alta tecnologia construtiva.

A empresa campinense a partir de tais encomendas iniciou um processo de aceleração tecnológica construtiva que a tornou uma referência na área de elementos pré-fabricados, expandindo os seus negócios para outras áreas da construção civil, competindo com empresas regionais fortes, como a empresa pernambucana Cavan.

DA PARAIBA PARA O BRASIL



premol

INDÚSTRIA
E COMÉRCIO
S.A.

MATRIZ

RUA LUIZ MALHEIROS-310
BODOCONGÓ-C. POSTAL-423
END. TELEGR. "PREMOL"
C. GRANDE - PB
FONES: 4651 - 3751 - 3549



FILIAL JARDIM BRASÍLIA/S/N
SOUZA - PB
BR - 232 - BOM NOME
SÃO JOSÉ DE BELMONTE

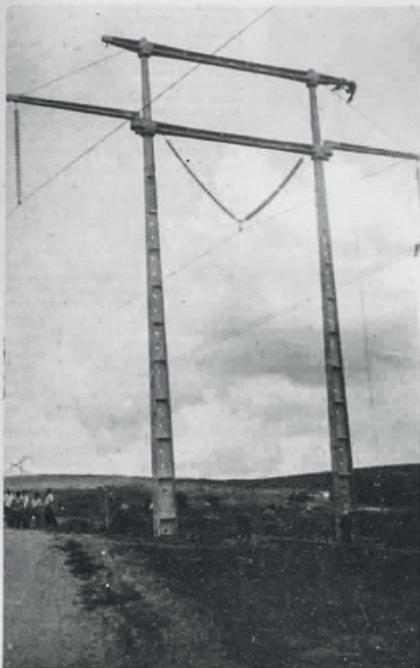
RECIFE

ALUIZIO G. LIMA & CIA. LTDA.
RUA IMPERIAL - 150
FONE: 22-2622

- * Postes
- * Galpões
- * Tubos
- * Estacas
- * Curral
- * Estabulos
- * Calhas
- * Planejamento Agro-Pecuário

PREMOL

uma empresa que
entende de
desenvolvimento



Prototipo da torre de concreto com braços articulados para linha de transmissão de 500 KV.

PREMOL é uma das maiores aliadas ao Progresso do País. Identificada com o processo de desenvolvimento que vem experimentando a Nação Brasileira, diz presente nas cidades, nas estradas e nos campos. Quando se fala em reforma ou ampliação de redes elétricas, obrigatoriamente - para um serviço seguro e permanente - se fala em postes PREMOL.

PREMOL também entra quando o assunto é arrojados projetos de redes transmissoras, porque não escolhe terreno para fincar seus gigantes postes de concreto. Quando o tema é estradas e redes de esgotos, a PREMOL fala de cátedra com tubos e calhas de concreto simples e armado.

A PREMOL entende ainda de indústrias. Suas estruturas de concreto armado (tipo pórtico) estão em centenas de galpões e armazéns, garantindo construções sólidas e econômicas. Contribuindo para que mais rapidamente novas unidades fabris entrem em funcionamento. Agropecuária é para a PREMOL outro motivo de alegria em poder participar de tão importante atividade para a economia nacional. Sua contribuição se faz com currais premoldados de concreto armado, mourões e cercas. Na construção de residências a PREMOL orgulhosamente diz presente com suas afamadas lajes premoldadas.

Agora você já sabe-porque a PREMOL entende de desenvolvimento. Pode contar com ela. PREMOL - Indústria e Comércio S.A. São quatro fábricas as suas ordens: Sede em Campina Grande e rua Luiz Malheiros, 310 - bairro de Bodocongó. Filiais: Em Sousa (Paraíba) - Rua Jardim Brasília - Distrito Industrial. Bom Nome (Pernambuco) - Rua Capitão Ru fino - Distrito São José do Belmont. Alagoinhas (Bahia) - Rua Conselheiro Junqueira, s/n.

Com a saída da empresa do professor Luiz Almeida, para doutorado nos EUA, Mauricio Almeida adquiriu a sua parte na fábrica e convidou como novos sócios, seu cunhado Antônio Leal Filho e o engenheiro calculista e professor da UFPB/ Universidade Federal da Paraíba, sediado em João Pessoa, Carlos Alberto Lins Albuquerque.

2.2 A consolidação da PREMOL como referência importante no segmento da construção civil. 1970-1980.

A ligação consolidada com o setor de estruturas para construções motivou a Premol a ampliar horizontes e expandir seu leque de atividades, através da integração com o setor metalúrgico. Desse projeto surgiram a Metalúrgica Premol Ltda., e ligação com a Impar – Indústria Metalúrgica Paraibana S/A.

Ainda segundo depoimento do Sr. Maurício Almeida à Revista Fisco (1978), o mesmo relatou que a migração das estruturas em concreto para as estruturas metálicas obrigou o Grupo Premol a expandir-se, incluindo o lançamento de novas linhas, com know-how para fabricar betoneiras,

pequenas usinas de concreto, vibradores, etc.; usufruindo de uma tecnologia pioneira da Europa.

Em toda a sua fala na entrevista, observou-se que tais produtos geraram a criação de filiais da Premol nos estados de Pernambuco (Bom Nome e Palmares), Rio Grande do Norte (Natal, Mossoró e São Gonçalo do Amarante), Bahia (Alagoinha e Feira de Santana), Paraíba (Souza), além da matriz localizada em Campina Grande, que produzia os postes de alta tensão contratados pela CHESF/ Companhia Hidroelétrica do São Francisco, conforme foi visto anteriormente.

A Premol ficou responsável por trechos importantes da eletrificação da CHESF, que ampliou gradativamente sua linha de influência Norte-Nordeste. Como instrumento de controle e fiscalização a empresa contava com escritórios administrativos nas cidades de Campina Grande (sede), Recife e João Pessoa.

No início dos anos 80, a edição nº 106 da Revista Fisco (1983), registrou a Premol Indústria e Comércio S/A, no ranking dos 100 maiores ICMS/ Imposto Sobre Circulação de Mercadorias,

do estado da Paraíba. Esse tributo é aplicado em decorrência da movimentação de mercadorias e serviços interestadual e intraestadual, dessa forma, essa posição denota a influência de mercado alcançada pela Premol.

A popularidade de seus produtos estampou os noticiários impressos da época, aumentando sua visibilidade e crescimento mercadológico. Dentre o conjunto de estruturas comercializadas, foram produzidos tubos de concreto armado e simples, anéis para poço, currais pré-moldados, estábulos pré-moldados, pórticos, entre outros.

2.3 O fim da fábrica PREMOL. Século XXI.

Infelizmente, devido a problemas administrativos, financeiros e familiares, ocasionados em decorrência da crise política econômica nacional, a empresa fechou suas portas em 2003, alugando o complexo fabril e seus equipamentos, para CIP/Comércio e indústria Ltda, segundo depoimento do antigo armador de estruturas, Sr. Antônio (AFONSO, 2019b).

Na citada entrevista, Seu Antônio, que trabalhou de 1978 a 2003 na Premol, contou que a empresa CIP alugou todo o conjunto fabril e funcionou no local até 2011, empregando grande parte dos antigos funcionários e utilizando a infraestrutura e equipamentos da antiga Premol.

Em dezembro de 2009 sofreu um incêndio, provocado por pessoas que pretendiam dar fim a documentos, pois estranhamente, o incêndio- segundo depoimentos de vizinhos- foi iniciado na parte do escritório da Fábrica.

Em 2011, parte dos funcionários migraram para a JAR Indústria e Comércio de pré-moldados que estava sediada em outro edifício na Av. Deputado Raimundo Asfora, 1740, no bairro do Velame, em Campina Grande, ficando a infraestrutura da Premol abandonada.

Contudo tais datas necessitam um maior apuro investigativo, considerando que foram coletadas através de depoimentos orais que podem ter equívocos, necessitando de provas documentais, inacessíveis devido à queima literal da documentação empresarial ocorrida no citado incêndio.

3. OS PRODUTOS DA FÁBRICA PREMOL

No segmento de fabricação de estruturas para a construção civil, Mauricio Almeida citou cinco tipos de sistemas estruturais que estavam presentes nas suas obras:

1) Sistema PL de dois pilares e duas vigas; 2) Sistema PL invertido de dois pilares e duas vigas; 3) Sistema de viga única para grandes vãos com dois pilares; 4) Sistema pilar e viga única em balanço; 5) Sistema pilar central e viga única. A seguir será tratado sobre cada sistema citado.

Por suas definições geométricas e respectivas funções estruturais, essas estruturas são classificadas por Engel (2001, p.173) como sistemas estruturais de seção ativa, pois são compostos de elementos lineares retos, sólidos e rígidos- na qual a redistribuição de forças é efetuada através da mobilização de forças seccionais.

Quanto aos comportamentos estruturais, os membros desses sistemas são principalmente submetidos à flexão, isto é, à compressão linear, tensão linear e cisalhamento: sistema de flexão. Atribuindo

como características típicas dessas estruturas o perfil seccional e a continuidade de massa, ou seja, os esforços externos são transmitidos por meio da massa da seção (forças seccionais).

Segundo Engel (2001), em virtude das vastas possibilidades de aplicação de um sistema de geometria retangular, as estruturas de seção ativa são flexíveis para o desempenho com unidades extraídas de outros sistemas estruturais (formas ativas, vetores ativos ou superfícies ativas).

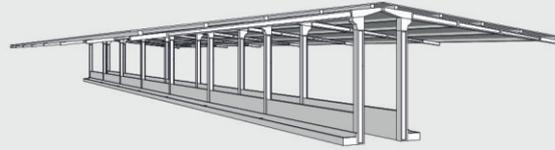
O aprimoramento das técnicas de protensão na conquista de maiores relações peso/vão acabou por se tornar o caminho de crescimento e desenvolvimento de novas estruturas pela Premol, até então não fabricadas comercialmente pela indústria da construção civil no nordeste brasileiro.

A seguir, algumas observações sobre cada um dos sistemas estruturais produzidos pela Premol:

1) SISTEMA PL



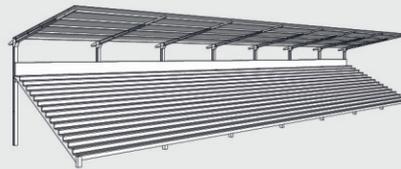
2) SISTEMA PL INVERTIDO



3) SISTEMA DE VIGA ÚNICA



4) SISTEMA DE VIGA BALANÇO



5) SISTEMA DE PILAR CENTRAL



1 DOIS PILARES E DUAS VIGAS SISTEMA PL

Sistema compreendido pelo agrupamento longitudinal de estruturas em pórticos, articulados por presilhas metálicas. Sua característica é atribuída pelo emparelhamento de módulos – pilar único e viga única inclinada em balanço, conectados pela extremidade, convergindo para o interior do vão e rebatidos na mesma direção, porém com sentidos opostos.

Esse foi um dos primeiros sistemas a ser fabricado pela Premol na cidade. Segundo Mauricio Almeida, o surgimento da demanda veio na necessidade pela fabricação de galpões e armazéns para, pequenas e médias, fábricas a serem implantadas na cidade e seu entorno.

É um sistema de boa aceitação comercial, que foi utilizado tanto em tipologias industriais de pequeno porte, como em edificações educacionais, por sua praticidade e custos, estando presente em grande parte dos blocos pré-fabricados do campus da UFCG, em Bodocongó.

2 DOIS PILARES E DUAS VIGAS PL INVERTIDO

Estrutura sistemática com as mesmas propriedades do sistema PL, entretanto apresenta um arranjo inverso de emparelhamento, bem como, menor altura (h) total de estrutura (aproximadamente $h=2m$). Para esse sistema, as vigas são apoiadas no eixo de simetria dos pares da estrutura e distribuem-se para o sentido externo ao sistema, configurando uma estrutura coberta em balanço nas laterais com uma sequência de pilares centrais.

Conhecido como sistema PL invertido, foi recorrente sua utilização pela Premol nos projetos de parques de exposições de animais tanto em Campina Grande – no Parque de Exposição Carlos Pessoa Filho, como em mais de dez cidades nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte, além de ser bastante comercializado para proprietários rurais na construção de estábulos, currais, comedouros, e demais equipamentos da arquitetura rural.



3 PILARES NA EXTREMIDADE VIGA ÚNICA

Sistema desenvolvido para a criação de estruturas onde requeriam-se grandes vãos livres, tais como: galpões industriais, ginásios, espaços de convivência, etc.

Para essa solução uma robusta e única viga seria distribuída e sustentada por dois pilares – um em cada extremidade. Para tal, o peso da viga seria reforçado na armação e preenchimento do próprio elemento, atribuindo uma altura superior aos dimensionamentos convencionais de vigas em concreto.

A altura da viga tem um pequeno aumento gradativo ao se aproximar do eixo geométrico, onde foram adaptados em alguns casos, para a elevação de parte da cobertura por apoios (saliências) que fazem parte da própria viga. Essa estratégia permite a entrada de iluminação zenital indireta para galpões fechados ou com deficiência de aberturas para renovação de ar.

Todo o mecanismo de sustentação para a coberta elevada foi proposto em uma estrutura de encaixe secundária com peças pré-fabricadas, a fim de não comprometer as cargas e esforços exercidos sobre a estrutura principal – com viga única e pilares nas extremidades.

Este sistema que vencida grandes vãos, chegando a 20m segundo os depoimentos, era o foco das atenções da equipe que tinha consciência da importância estrutural do mesmo.

Na cidade de Campina Grande foram construídas várias obras importantes, tais a obra do Ginásio do SESI no bairro do Distrito Industrial, um grande galpão de leilões no Parque de Exposição de animais, além de galpões no Centro de Treinamento de Couro e Calçados Albano Franco/ CTCC do SENAI, no bairro de Bodocongó, projetada pelo escritório do arquiteto Cydno Silveira.



4 PILAR E VIGAS ÚNICOS VIGA BALANÇO

Estrutura proveniente do sistema PL, onde utiliza-se de um único módulo – pilar único e viga única inclinada em balanço, sem o agrupamento em pares. Outro diferencial desse sistema é sua distribuição espacial no sentido transversal, onde os módulos são organizados numa sequência linear em direção e sentido únicos.

Esse sistema foi utilizado em coberturas de arquibancadas de clubes e ginásios, como por exemplo, na obra das arquibancadas do Campinense Futebol Clube, no bairro da Prata, em Campina Grande.

Consiste em um único pilar que suporta a viga única em balanço e devido à solução do balanço estrutural é muito propício para projetos que exigem soluções dessa maneira, como marquises, paradas de transportes, entre outros.

5 PILAR E VIGA ÚNICOS PILAR CENTRAL

Desenvolvido para estruturas de pequeno porte, esse sistema é composto por uma viga única apoiada simetricamente sobre pilar, configurando uma geometria em “T” com balanços livres em ambas as extremidades. Semelhantes as estruturas do sistema PL e do sistema PL invertido, sua organização em pares possibilita a criação de uma área coberta, aplicada nesse caso para abrigo de animais, estacionamentos e proteção de pequenos equipamentos.

Um sistema construtivo simples, econômico, e adotado majoritariamente em obras rurais regionais, devido à sua fácil aplicação e baixo custo. Está presente, por exemplo, em obras das cocheiras e outros equipamentos de Parques de exposição de animais, tanto em Campina Grande, quanto em outras cidades nordestinas nas quais a Premol comercializou o produto com desenho limpo e resistente.



CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Ao analisar-se a linha do tempo da Fábrica Premol, pode-se observar que seu apogeu se deu nos anos da ditadura militar, pois foi fundada justamente em 1964, tendo se desenvolvido bastante nos anos de 70 a 80.

Tal fato merece maiores estudos para relacionar motivações políticas com esse crescimento. A partir do ano de 2003 quando o complexo fabril passou a ser alugado pela CIP até o ano de 2011, o conjunto ainda se manteve com sua estrutura física.

Contudo, a partir do abandono do conjunto fabril da Premol em 2011 causado por uma série de problemas financeiros com instituições bancárias e dívidas trabalhistas levou a empresa a ser saqueada de uma forma abrupta em “apenas duas semanas” por pessoas do próprio entorno, antigos funcionários, ou mesmo ladrões, segundo narra Sr. Antônio em seu depoimento. (AFONSO, 2019b)

O conjunto de edifícios foi desmontado por vândalos, os equipamentos como guias, monovias, roubados e a documentação da empresa foram quase

totalmente perdidas através de saqueio à sede e um suposto incêndio, que o grupo de pesquisa está investigando, mas ainda não se tem a certeza de sua ocorrência.

O fato é que ao se procurar fontes primárias para a pesquisa, como os desenhos dos projetos estruturais, catálogos dos produtos, fotografias das produções, entre outros documentos, o que o senhor Mauricio Almeida justifica “é que tudo foi queimado e saqueado, havendo dessa forma, o mais completo apagamento da memória documental desta empresa”. (AFONSO, 2019a)

A pesquisa continua em andamento e ainda muitos fatos necessitam ser aprofundados. O que se apresentou aqui foi apenas a primeira etapa da investigação que certamente trará maiores resultados para a construção da história e documentação do patrimônio industrial moderno campinense e nordestino.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. *Entrevista realizada com o Sr. Mauricio de Almeida*. Campina Grande: nov. 2019a.

_____. *Entrevista realizada com o Sr. Antônio*. Campina Grande: nov. 2019b.

_____. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 3, p. 54-70, 12 dez. 2019c.

ENGEL, H. *Sistemas estruturais*. Barcelona: Editora Gustavo Gili. 2001.

FIEP. *Cadastro Industrial do Estado da Paraíba*. Campina Grande. 1969.

SERRA, G. *Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação*. São Paulo: EDUSP. 2006.

Revista Fisco. *Mercado obriga a Premol diversificar a sua produção*. Revista Fisco. Nº 64, 1978, pp 13-18. 1978. Em rede <http://novarevistafisco.com.br/>

<content/revista-do-fisco-edi%C3%A7%C3%A3o-1>. Acesso em: 13 de abr. 2020.

_____. *Os maiores ICMs*. Revista Fisco. Nº 106, 1983, pp 50. 1983. Em rede <https://novarevistafisco.com.br/revista/revista-do-fisco-edi%C3%A7%C3%A3o-106>. Acesso em: 13 de abr. 2020.

REFERÊNCIA BILIOGRÁFICA SOBRE O TEMA

AFONSO, A; PEREIRA, I. *Resgate do patrimônio industrial da fábrica Premol. Campina Grande-PB. Década de 60. Século XX*. In: Anais do I Encontro Nacional Arte e Patrimônio Industrial. Campinas (SP) UNICAMP, 2019. Disponível em: <http://www.even3.com.br/anais/Arte_Patrimonio_Industrial>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

CAP 25

BESA: ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1965

ROBERTA RODRIGUES | VITÓRIA CATARINE



FÁBRICA BESA

1965

O presente capítulo irá trabalhar com a antiga Fábrica Borracha Esponjoso S.A. Indústria e Comércio – BESA, que hoje faz parte do complexo da Alpargatas, de Campina Grande.

A metodologia utilizada para análise da fábrica é a proposta por Afonso (2019), que orienta a análise do objeto arquitetônico através de sete dimensões, como foi explicada de forma mais aprofundada no capítulo de metodologia.

O complexo industrial da fábrica Borracha Esponjosa S.A. Indústria e Comércio (BESA), é formado por um conjunto de edificações, distribuídas de forma estratégica acerca de remeter unidade entre os galpões.

Para o presente estudo, será tomado para análise arquitetônica apenas o volume existente no projeto original, que consiste no antigo galpão principal projetado nos anos 1965.



BESA

BORRACHA ESPONJOSA S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Fábrica da BESA:
Borracha Esponjosa S/A. Indústria e Comércio
1965

Distrito Industrial I- de Campina Grande, PB

1 DIMENSÃO NORMATIVA

A antiga Fábrica Borracha Esponjoso S.A. Indústria e Comércio – BESA está localizada no Distrito Industrial I, da cidade de Campina Grande, agreste Paraibano que é a segunda cidade mais importante do estado, estando após a capital, João Pessoa.

Para a obtenção de dados sobre a obra, buscou-se no arquivo municipal de Campina Grande os materiais projetuais originais, reportagens e trabalhos sobre a fábrica para obtenção de dados históricos. Quanto ao acesso ao local, atualmente a fábrica faz parte do conjunto da Alpargatas, pertencente ao grupo SPALP – São Paulo Alpargatas, que infelizmente negou qualquer acesso à antiga BESA.

Durante o levantamento de dados percebeu-se que no referente à legislação, não existe nenhum tipo de lei ou decreto que possibilite a salvaguarda legal da fábrica.

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

Segundo Rodrigues e Ferreira (2017), a cidade de Campina Grande se destacou no setor industrial desde o início do Século XX, quando teve um grande crescimento econômico em virtude do algodão que a destacou no cenário mundial.

Esse fato tornou a cidade alvo dos investimentos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), criada no dia 15 de dezembro de 1959, através da lei nº 3.692, e que se tratava de uma medida governamental que visava o incentivo industrial do nordeste brasileiro, buscando alavancar a economia da região e reduzir a disparidade existente com o centro-sul do país.

Rodrigues e Ferreira (2017) afirmam ainda, que o órgão alcançou grandes feitos para a região nordestina em seus anos iniciais e que, entretanto, sofreu modificações após o golpe militar de 1964, que afetaram sua liberdade de atuação e com o passar dos anos, a tornaram ineficiente. Apesar do fato ocorrido com a SUDENE, Campina Grande

pode usufruir com os investimentos iniciais derivados dela, se tornando referência industrial na Paraíba.

Diante desse cenário de surto da economia industrial, foi construído o objeto de estudo deste capítulo a fábrica BESA – Borracha Esponjosa S.A. Indústria e Comércio. Segundo relatórios da fábrica na época, ela “destina-se à fabricação de sandálias tipo ‘japonesas’ marca ‘DUPÉ’, placas de borracha microporosas ‘DUPELITE’, saltos e solados de borracha compactos e vulcanizados.”

Relatórios encontrados, datados de 1972, fazem um balanço das atividades da fábrica desde a sua construção, bem como, um levantamento monetário e dos direitos dos acionistas. O relatório anuncia, ainda, a aprovação da solicitação de colaboração financeira feita à SUDENE, pela fábrica em outubro de 1971, com o objetivo de ampliação da empresa, e que esta foi aprovada como faixa “A” de prioridade.

A fábrica esteve em pleno funcionamento durante cerca de 20 anos, auxiliando na criação de empregos em Campina Grande e sua microrregião.

Ao contrário do que aconteceu com a maioria das indústrias surgidas a partir de incentivos fiscais, a BESA não declarou falência. A empresa foi incorporada ao grupo SPALP – São Paulo Alpargatas e seus galpões agrupados ao conjunto industrial da antiga fábrica na cidade, existindo até os dias de hoje.

3 DIMENSÃO ESPACIAL

Segundo Afonso (2019, p.60), “a dimensão espacial pode ser compreendida como a paisagem do ambiente natural e a paisagem do ambiente construído, à vista disso, é subdivida em duas partes: exterior e interior”.

A fábrica Borracha Esponjosa S.A. Indústria e Comércio (BESA) está localizada no Distrito Industrial da cidade de Campina Grande, Paraíba, próximo à BR-104, que cruza a cidade verticalmente.

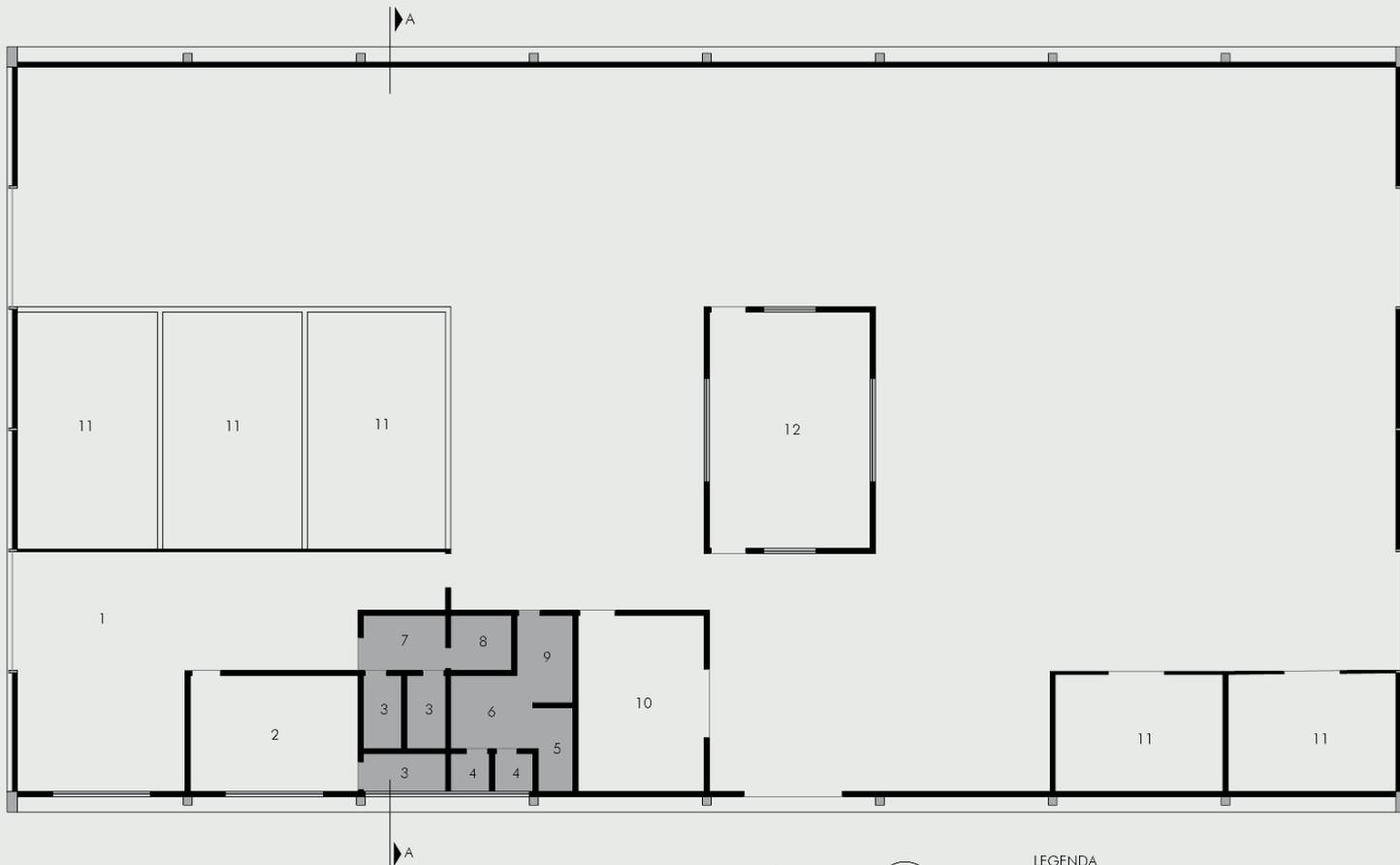
O terreno ocupado pela fábrica se caracteriza por ser situado em terreno com topografia irregular. Na década de 70, a construção era cercada por gradis, permitindo a permeabilidade visual, além de garantir a relação interno e externo.

Através das análises de acervos fotográficos e desenhos originais do arquiteto Juvenal M. Júnior, percebe-se uma vegetação rasteira no terreno e pouco arbórea no seu entorno.

Referindo-se à solução adotada em planta baixa, observou-se que, o galpão principal foi modulado em 6 vãos de 3,45 metros no sentido transversal, e em 8 vãos de 4,80 metros, longitudinalmente.

O galpão possui cinco acessos, sendo esses: dois acessos principais, um lateral e mais dois secundários pela parte posterior da edificação. O espaço interno possui planta livre com um programa de necessidades que contempla atividades sociais, como salas de oficina, depósitos, laboratórios e outras áreas sem predefinição de uso.

A área administrativa era dividida em escritório e diretoria localizados próximos à área de serviço que equivalia a aproximadamente um módulo da fábrica com espaços para banheiros, lavabos, chuveiros, vestiários, lavanderia, arquivo e café.



PLANTA BAIXA TÉRREO



LEGENDA

- | | | | |
|---------------|--------------|---------------|-----------------|
| 1. Escritório | 4. Lavabo | 7. Café | 10. Oficina |
| 2. Diretoria | 5. Chuveiro | 8. Arquivo | 11. Depósito |
| 3. BWC | 6. Vestiário | 9. Lavandeira | 12. Laboratório |

4 DIMENSÃO TECTÔNICA

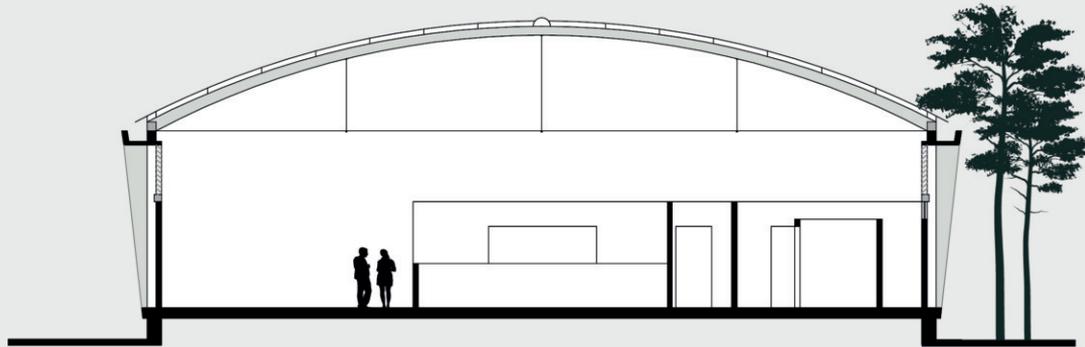
Quanto à estrutura da fábrica da BESA, utilizou-se o sistema de concreto armado aparente em seus pilares por toda a extensão do galpão, seguindo a modulação do projeto original.

Em relação às peles da edificação, entre os módulos estruturais, o galpão foi vedado por paredes de tijolo cerâmico, com aproximadamente, três metros de altura, possuindo uma continuidade vertical, ventilação e iluminação natural com a adoção de cobogós de concreto, além de ser cercado por portões de ferro.

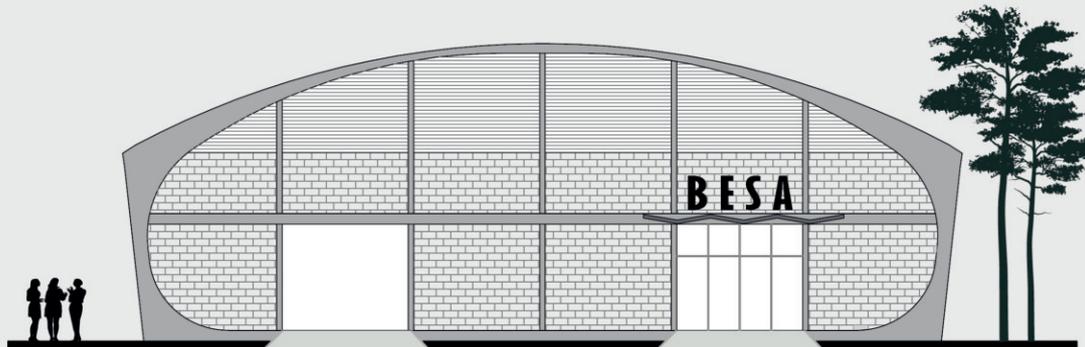
O projeto adotou princípios da modernidade arquitetônica, tais como o uso da modulação e setorização do espaço interno. A solução adotada para a cobertura foi em forma de meia lua, com estrutura de concreto armado, trazendo identidade à edificação por sua grandeza visual.

Em seus revestimentos, utilizou-se tijolos de cerâmica aparentes e pintados na cor branca nas fachadas, além do pórtico de entrada em concreto, marcando a monumentalidade e indicando seu acesso principal à edificação.

A partir dos cortes do projeto, percebe-se a preocupação do arquiteto em detalhar a estrutura do galpão, utilizando-se de técnicas construtivas funcionais, principalmente, quanto à cobertura, vedações e calhas, retendo as águas pluviais e servindo como proteção provinda da iluminação natural direta.



CORTE AA
0 1 3 5m



FACHADA PRINCIPAL
0 1 3 5m

5 DIMENSÃO FORMAL

Quanto à dimensão formal, é perceptível o uso da linguagem arquitetônica moderna, devido às características adotadas em seu sistema construtivo, no programa de necessidades e na distribuição da planta baixa livre.

O bloco principal de análise, consiste em um volume geométrico de cobertura em formato elíptico, podendo ainda se contrastar, em termos de monumentalidade, com as demais edificações situadas em seu entorno, embora possuindo peculiaridades similares.

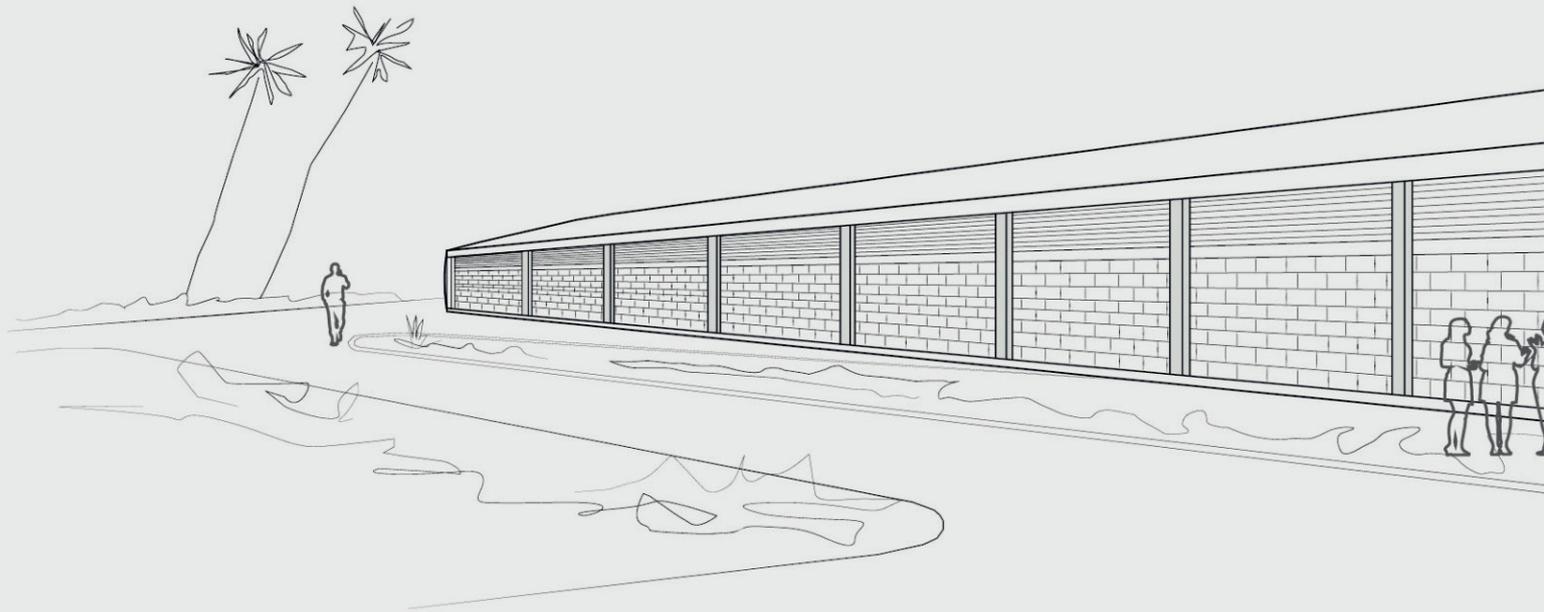
6 DIMENSÃO FUNCIONAL

No que se refere ao uso da fábrica ela foi construída para a confecção de sandálias da marca “Dupé”, bem como, outros derivados da marca. A sua funcionalidade original continuou até a incorporação da fábrica ao conjunto industrial pertencente à Alpargatas, no final do século XX.

Ao ser incorporada ao grupo SPALP, a BESA continuou produzindo calçados de borracha como em sua concepção projetual. Entretanto, levando em consideração a diferença de tamanho das duas empresas, sendo a Alpargatas a maior delas, os blocos pertencentes à fábrica sofreram algumas mudanças em relação as suas funções específicas.

O bloco principal atualmente foi incorporado à parte de produção da Alpargatas. Tendo, portanto, mudado de função em relação ao seu projeto original que previa uma parte administrativa, além de uma área de produção. Já que originalmente, a fábrica só contava com o galpão principal, tendo sofrido uma ampliação na década de 1970.







CONCLUSÃO | DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

Quanto à conservação da obra, infelizmente, só poderá ser realizada por observação das fachadas, pois não foi possível ter acesso à fábrica. O que impossibilitou a comparação do estado de conservação atual, com o que foi proposto no projeto.

Foi percebido que o galpão original teve algumas modificações e que estas ocorrem principalmente nas peles de suas fachadas. Na fachada principal, foi retirado o nome BESA, que consta no projeto, bem como, os brises horizontais que cobriam toda a parte superior dela.

Os revestimentos em tijolos cerâmicos e a estrutura, que eram aparentes, foram pintados e pode-se ver um pouco de crosta negra nas proximidades da cobertura, que indicam a necessidade de uma manutenção dela.

Uma patologia que se faz presente através de elementos parasitários são as instalações hidrossanitárias aparentes que foram inseridas nas fachadas laterais, bem como, a escada metálica inserida na fachada principal.

Enquanto a maior parte das modificações percebidas no bloco analisado, se demonstram reversíveis, existe uma que causa grande impacto na obra e que não possui tal característica: trata-se de um galpão que foi inserido sem nenhum tipo de afastamento do galpão original e que prejudicou a volumetria da obra, perdendo atributos de seu projeto original.

Em síntese, o galpão aparenta estar razoavelmente conservado, tendo algumas alterações que se enquadram como nos princípios de intervenção no patrimônio edificado propostos por Brandi (2004), como a re-trabalhabilidade e a distinguibilidade. Infelizmente, a inserção de um galpão sem afastamentos, por mais que diferenciado do original, fere diretamente o princípio da re-trabalhabilidade, que afirma que uma intervenção deve ser: flexível, silenciosa e respeitosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA ANÁLISE

AFONSO, A. *A preservação do patrimônio arquitetônico de Campina Grande no século XXI*. Semana de História Política da UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

AFONSO, A. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 3, p. 54-70, dez. 2019.

ALVEZ, L. *A Industrialização incentivada do Nordeste e o caso de Campina Grande – PB*. UEPB, 2012. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2082#preview-link0>. Acesso em: 28 fev. 2017

CABRAL, R. 1959. *Das ideias a ação, a Sudene de Celso Furtado – oportunidade histórica e resistência conservadora*. UFPE, 2011.

Carta de Nizhny Tagil Sobre o Patrimônio Industrial. The International Committee for the Conservatio of the Industrial Heritage (TICCIH). Nizhny Tagil, 2003 [consulta: 20.05.2016]. <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>

GOMES, C. A.; FALCÃO, J. O. M.; FALCÃO, C. M.; MELO, J. E. C. *Encarte BESA*. Campina Grande: BESA, 1972.

Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2011/02/especial-besa-borracha-esponjosa-sa.html#.X5H1clhKiW8>. Acesso em: junho 2020.

GONÇALVES, C.S. *Restauração arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo, 1937 – 1985*. São Paulo: Annablume, 2007.

MASCARENHAS, L.; LOURENÇONETO, S.; OLIVEIRA, F. de. *Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/superintendencia-do-desenvolvimento-do-nordeste-sudene>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

OLIVEIRA, L. L.. *A criação da SUDENE*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Sudene>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

RODRIGUES, R; FERREIRA, Y. *Borracha Esponjosa S.A. Indústria e Comércio (BESA): Resgate das fontes documentais do patrimônio industrial da BESA em Campina Grande*. Belo Horizonte: IV Seminário Internacional da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa: A Língua que Habitamos, 2017.

ATECEL | Assoc. Técnico Científica Ernesto Luiz
CAIC | Centro de Atenção Integral à Criança
CCLR | Centro Cultural Lourdes Ramalho
CINEP | Companhia de Desenvolvimento da
Paraíba
CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico
CNI | Confederação Nacional da Indústria
CNMR | Campanha Nacional dos Museus
Regionais
COMDECA | Companhia de Pró Desenvolvimento
de Campina Grande
CREA | Conselho Regional de Engenharia e
Agronomia
DPU | Departamento de Planejamento e
Urbanismo
EBAP | Escola de Belas Artes de Pernambuco
ENAB | Escola Nacional de Belas Artes
ETCUR | Escritório Técnico da Cidade
Universitária do Recife
ETSAB | Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de
Barcelona
FIEP | Federação das Indústrias da Paraíba
FUNDACT | Fundação para o Desenvolvimento
da Ciência e da Técnica
ICOMOS | International Council of Monuments

and Sites
INCUNA | Asociación Arqueología Industrial,
Patrimonio Cultural y Natural
IPHAEP | Instituto do Patrimônio Histórico e
Artístico do Estado da Paraíba
IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e
Artístico Nacional
MAAC | Museu de Arte Assis Chateaubriand
PDLI | Plano de Desenvolvimento Local Integrado
PIBIC | Programa Institucional de Bolsas de
Iniciação Científica
PIVIC | Programa Institucional Voluntário de
Iniciação Científica
PMCG | Prefeitura Municipal de Campina Grande
SECULT | Secretaria de Cultura
SEPLAN | Secretatia de Planejamento
SENAI | Serviço Nacional de Aprendizagem
Industrial
SESI | Serviço Social da Indústria
SUDENE | Superintendência de Desenvolvimento
do Nordeste
TICCIH | The International Committee for the
Conservation of the Industrial Heritage
TCC | Trabalho de Conclusão de Curso
TMSC | Teatro Municipal Severino Cabral

CAPÍTULO 02 - DOCUMENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA CAMPINENSE; A TRAJETÓRIA DO GRUPO DE PESQUISA ARQUITETURA E LUGAR, 2015/2020.



PÁG. 50 | Figura 05_ Logomarca do grupal. Fonte: Criação Thiago Thamay, 2017.



PÁG. 56 | Figura 06_ Mapa de localização da cidade de Campinas Grande. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 60 | Figura 07_ Capa do TCC/ Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e urbanismo da aluna Camilla Meneses. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 62 | Figura 08_ Capa do TCC/ Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e urbanismo da aluna Marjorie Garcia. Fonte: Marjorie Garcia, 2017.



PÁG. 64 | Figura 09_ Capa do relatório final de pesquisa PIVIC 2019. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 68 | Figura 10_ Capa do relatório final de pesquisa PIVIC 2018. Fonte: Julia Leite, 2018.



PÁG. 69 | Figura 11_ Montagem de imagens da maquete do TCC/ Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e urbanismo da aluna Júlia Leite. Fonte: Julia Leite, 2020.



PÁG. 71 | Figura 12_ Maquete do livro final com TCC/ Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e urbanismo do aluno Diego Diniz. Fonte: Diego Diniz, 2020.

CAPÍTULO 03 - DADOS BIOGRÁFICOS DE GERALDINO DUDA.



PÁG. 72 | Figura 13_ Capa do relatório final de pesquisa PIBIC 2020. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 74 | Figura 14_ Visita de campo em pesquisa sobre o CAIC José Joffily em Campina Grande. Fonte: Agente da defesa civil municipal, 2019.

A handwritten signature in black ink, which appears to read 'Geraldino Duda'.

PÁG. 82 | Figura 15_ Assinatura de Geraldino Duda. Fonte: Acervo particular de Geraldino Duda, 2017.



PÁG. 85 | Figura 16_ Foto de Geraldino Duda realizada durante entrevista do GRUPAL. Fonte: Diego Diniz, 2019.



PÁG. 87 | Figura 17_ Mapa de localização de obras de Geraldino Duda em Campina Grande. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Camilla Meneses, 2019.



PÁG. 90 | Figura 18_ Geraldino Duda desenhando um croqui do Teatro Municipal Severino Cabral em entrevista realizada pelo GRUPAL. Fonte: Diego Diniz, 2019.

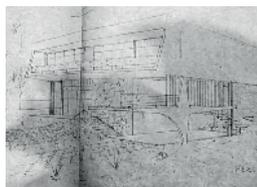
CAPÍTULO 04 - RESIDÊNCIA HELION PAIVA; ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1960-1962.



PÁG. 92 | Figura 19_ Perspectiva da Residência Helion Paiva. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 94 | Figura 20_ Detalhes da Residência Helion Paiva. Relação entre a edificação e o exterior. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 97 | Figura 21_ Croqui da Perspectiva da Residência Helion Paiva presente nas pranchas de projeto. Fonte: Arquivo público da PMCG, 2015.



PÁG. 99 | Figura 22_ Perspectiva da Residência Helion Paiva registrada em foto antiga. Fonte: Acervo particular de Geraldino Duda, 2016.



PÁG. 101 | Figura 23_ Redesenho do projeto original da Residência Helion Paiva. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho por Camilla Meneses, 2019.



PÁG. 103 | Figura 24_ Detalhe tectônico da escada da Residência Helion Paiva. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 104 | Figura 25_ Revestimento em azulejo localizado no jardim da Residência Helion Paiva. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 105 | Figura 26_ Detalhe da composição em azulejo presente na Residência Helion Paiva. Fonte: Camilla Meneses, 2017.

CAPÍTULO 05 - ANÁLISE ARQUI(TECTÔNICA)
DO TEATRO MUNICIPAL DE SEVERINO CABRAL,
1962/1988.



PÁG. 107 | Figura 27_ Fachada nordeste e perspectiva da Residência Helion Paiva. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho por Camilla Meneses, 2019.



PÁG. 108 | Figura 28_ Detalhe das esquadrias em alumínio e revestimento pético da Residência Helion Paiva. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 109 | Figura 29_ Detalhe construtivo da escada engastada de acesso ao pavimento íntimo. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 109 | Figura 30_ Plano de esquadria, relação interno/externo da Res. Helino Paiva. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



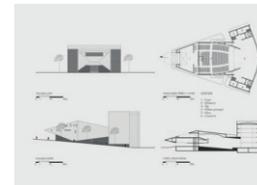
PÁG. 112 | Figura 31_ Reconstrução virtual do Teatro Municipal Severino Cabral. Fonte: Diego Diniz, 2020.



PÁG. 114 | Figura 32_ Perspectiva do TMSC presente nas pranchas de projeto do TMSC. Fonte: Acervo particular de Geraldino Duda; editado por Diego Diniz, 2020.



PÁG. 117 | Figura 33_ Construção do TMSC. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Acesso em: Jun. 2020.



PÁG. 119 | Figura 34_ Redesenho do projeto do TMSC. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho por Diego Diniz, 2019.



PÁG. 121 | Figura 35_ Detalhe de esquadria do vidro do TMSC. Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 124 | Figura 36_ Detalhe da marquise de entrada do TMSC. Com ênfase na patologia de crosta negra e sujidade. Fonte: Diego Diniz, 2019.



PÁG. 125 | Figura 37_ Patologias presentes em esquadria do TMSC em decorrência da ausência de elementos de proteção. Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 125 | Figura 38_ Descolamento de placas em fachada lateral do TMSC. Fonte: Yane Alita, 2019.



PÁG. 125 | Figura 39_ Presença de pixação sobre placas de fachada. Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 125 | Figura 40_ Identificação de problemas de rejunte nas placas de fachada do TMSC. Fonte: Diego Diniz, 2018.

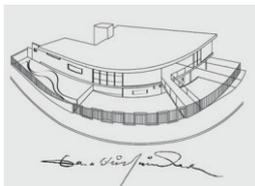


PÁG. 126 | Figura 41_ Croqui do TMSC desenhado por Geraldino Duda durante entrevista realizada pelo GRUPAL. Fonte: Diego Diniz, 2019.

CAPÍTULO 06 - RESIDÊNCIA HELENO SABINO;
ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS,
1962/1963.



PÁG. 128 | Figura 42_ Detalhe va-
randa de acesso social da Residência
Heleno Sabino. Fonte: Camilla
Meneses, 2017.



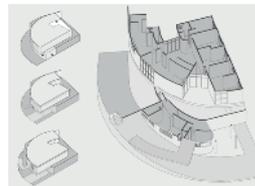
PÁG. 130 | Figura 43_ Perspectiva
da Residência Heleno Sabino. Fonte:
Acervo particular de Geraldino
Duda; editado por Camilla Meneses,
2017.



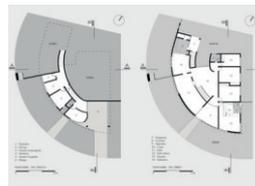
PÁG. 133 | Figura 44_ Imagem an-
tiga da Residência Heleno Sabino.
Fonte: Acervo pessoal de Geraldino
Duda, 2016.



PÁG. 134-135 | Figura 45_
Perspectiva da Residência Heleno
Sabino. Fonte: Google Maps Street
View, editado pelos autores.



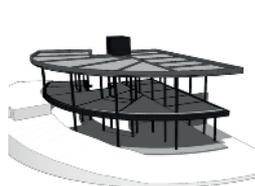
PÁG. 137 | Figura 46_ Esquema es-
pacial da Residência Heleno Sabino.
Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 138 | Figura 47_ Planta bai-
xa do projeto da Residência Heleno
Sabino. Fonte: Arquivo público da
PMCG; redesenho por Diego Diniz
e Julia Leite, 2018.



PÁG. 139 | Figura 48_ Cortes
do projeto da Residência Heleno
Sabino. Fonte: Arquivo público da
PMCG; redesenho por Diego Diniz
e Julia Leite, 2018.



PÁG. 141 | Figura 49_ Esquema
tectônico de composição estrutural
da residência Heleno Sabino. Fonte:
Diego Diniz e Julia Leite, 2018.



PÁG. 142 | Figura 50_ Vista da rampa de acesso ao pavimento térreo. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 143 | Figura 51_ Detalhe de suporte estrutural da rampa de acesso ao pavimento térreo. Fonte: Camilla Meneses, 2017.



PÁG. 145 | Figura 52_ Fachadas da Residência Heleno Sabino. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho por Diego Diniz e Julia Leite, 2018.



PÁG. 146-147 | Figura 53_ Reconstrução virtual da Residência Heleno Sabino. Fonte: Diego Diniz e Julia Leite, 2018; editado por Ivanilson Pereira, 2020.

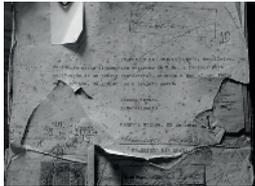


PÁG. 149 | Figura 54_ Detalhe do estado de conservação de esquadria da Residência Heleno Sabino. Fonte: Diego Diniz, 2018.

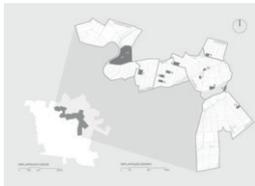
CAPÍTULO 07 - DADOS BIOGRÁFICOS DE TERTULIANO DIONÍSIO.



PÁG. 152 | Figura 55_ Assinatura editada do arquiteto. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 157 | Figura 56_ Documento de licitação para a construção da residência Duarte projetada por Tertuliano Dionísio. Fonte: Arquivo público da PMCG; por Vitória Catarine, 2019.



PÁG. 159 | Figura 57_ Mapa de localização de obras de Tertuliano Dionísio em Campina Grande. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2019.

CAPÍTULO 08 - RESIDÊNCIA JOSÉ BARBOSA MAIA; ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS. 1962/1964.



PÁG. 164 | Figura 58_ Perspectiva da fachada principal da Residência José Barbosa Maia. Fonte: Nathalia Maia, 2020.



PÁG. 166 | Figura 59_ Muro de arrimo em pedras com acesso lateral da Residência José Barbosa Maia. Fonte: Nathalia Maia, 2020.



PÁG. 169 | Figura 60_ Desenho da primeira proposta desenvolvida por Tertuliano para a Residência José Barbosa Maia. Fonte: Acervo pessoal da família Maia; fotografia de Nathalia Maia, 2020.



PÁG. 170 | Figura 61_ Perspectiva da Residência José Barbosa Maia na década de 1970. Fonte: Acervo pessoal da família Maia; material cedido por Nathalia Maia, 2020.



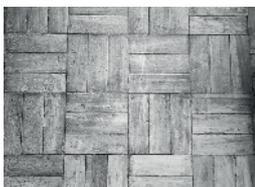
PÁG. 171 | Figura 62_ Vista da fachada lateral da residência, dezembro de 1975. Fonte: Acervo pessoal da família Maia; material cedido por Nathalia Maia, 2020.



PÁG. 173 | Figura 63_ Planta baixa e corte. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenhos por Allyson Barbosa, 2017; edição por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 174 | Figura 64_ Vista para a Rua Agamenon Magalhães, 191, Lauritzen a partir da esquadria da sala de jantar da residência. Fonte: Nathalia Maia, 2020.



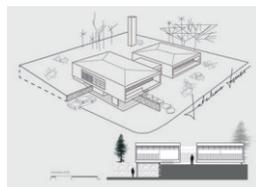
PÁG. 175 | Figura 65_ Detalhe do piso em madeira nos ambientes sociais da Residência José Barbosa Maia. Fonte: Nathalia Maia, 2020.



PÁG. 175 | Figura 66_ Detalhe do revestimento cerâmico do lavabo da Residência José Barbosa Maia. Fonte: Nathalia Maia, 2020.



PÁG. 175 | Figura 67_ Detalhe do revestimento cerâmico instalado posteriormente na parte interna da varanda da fachada principal da Residência José Barbosa Maia. Fonte: Nathalia Maia, 2020.

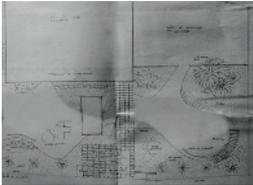


PÁG. 177 | Figura 68_ Perspectiva e fachada leste da Residência José Barbosa Maia. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenhos por Allyson Barbosa, 2017; edição por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 178 | Figura 69_ Vista da escadaria do acesso principal da fachada leste da Residência José Barbosa Maia. Fonte: Nathalia Maia, 2020.

CAPÍTULO 09 - ALIANÇA CLUBE 31: ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS, 1964/1967.



PÁG. 182 | Figura 70_ Prancha original do projeto de agencimento externo para o Aliança Clube 31. Fonte: Arquivo público da PMCG; por Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 185 | Figura 71_ Vista aérea do Antigo Aliança Clube 31 nas margens do Açude Velho na cidade de Campina Grande. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande; editado por Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 187 | Figura 72_ Planta baixa e corte longitudinal do Aliança Clube 31. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenhos por Ivanilson Pereira, Lucas Jales e Matheus Simões, 2019.



PÁG. 189 | Figura 73_ Perspectiva, fachada Leste e pórtico de entrada do Aliança Clube 31. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenhos por Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 192 | Figura 74_ Prancha original de perspectiva do Aliança Clube 31. Fonte: Arquivo público da PMCG; por Ivanilson Pereira, 2019.

CAPÍTULO 10 - BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG;
ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS,
1977/1979.



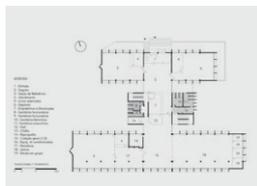
PÁG. 194 | Figura 75_ Detalhe da marquise inclinada no acesso principal do edifício. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 196 | Figura 76_ Fosso com escada de acesso ao primeiro pavimento da Biblioteca Central da UFCG. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 199 | Figura 77_ Fachada principal da Biblioteca Central da UFCG. Fonte: Foto cedida ao Sistemoteca UFCG pela servidora Socorro Batista, 2019.



PÁG. 200-201 | Figura 78_ Planta baixa térreo e primeiro pavimento. Fonte: Arquivo da Prefeitura Universitária da UFCG; redesenhos por Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 203 | Figura 79_ Fachadas e detalhe do módulo tectônico de brises e esquadrias. Fonte: Arquivo da Prefeitura Universitária da UFCG; redesenhos por Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 205 | Figura 80_ Reconstrução virtual do projeto original da Biblioteca Central da UFCG. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.

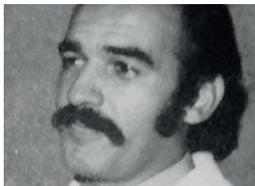


PÁG. 206-207 | Figura 81_ Fachada com planos modulares de brises em concreto e esquadrias de alumínio e vidro. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.

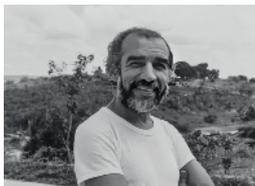


PÁG. 208 | Figura 82_ Fachada lateral da Biblioteca Central da UFCG. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.

CAPÍTULO 11 - DADOS BIOGRÁFICOS DE RENATO AZEVEDO.



PÁG. 212 | Figura 83_ Fotografia de Renato Azevedo entre as décadas de 70 a 90. Fonte: Acervo da família cedido a Ingrid Oliveira, 2020.



PÁG. 214 | Figura 84_ Fotografia de Renato Azevedo entre as décadas de 70 a 90. Fonte: Acervo da família cedido a Ingrid Oliveira, 2020.



PÁG. 217 | Figura 85_ Fotografia de Renato Azevedo entre as décadas de 70 a 90. Fonte: Acervo da família cedido a Ingrid Oliveira, 2020.



PÁG. 219 | Figura 86_ Mapa de localização de obras de Renato Azevedo em Campina Grande. Fonte: SEPLAN CG, 2020; editado por Ivanilson Pereira, 2020.

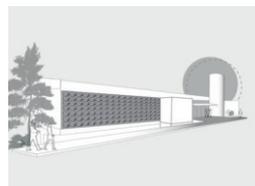
CAPÍTULO 12 - CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO; ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS, 1979/1982.



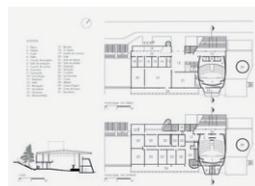
PÁG. 224 | Figura 87_ Detalhe fachada do CCLR. Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 226 | Figura 88_ Pátio interno do CCLR. Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 229 | Figura 89_ Desenho em perspectiva da fachada principal. Fonte: Ingrid Oliveira, 2020.



PÁG. 231 | Figura 90_ Planta baixa do pavimento térreo, pavimento inferior e corte transversal. Fonte: SEPLAN CG; redesenho por Ingrid Oliveira, 2020.



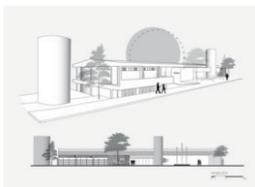
PÁG. 232 | Figura 91_ Vista do corredor interno (fachada principal).
Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 233 | Figura 92_ Vista da escadaria interna. Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 234-235 | Figura 93_ Detalhe cobogós fachada principal. Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 237 | Figura 94_ Desenho em perspectiva e fachada oeste do CCLR. Fonte: SEPLAN CG; redesenho por Ingrid Oliveira, 2020.



PÁG. 238 | Figura 95_ Escadaria externa acesso teatro Rosil Cavalcanti.
Fonte: Diego Diniz, 2018.

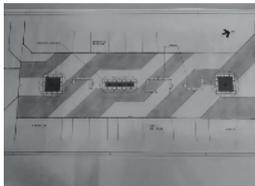
CAPÍTULO 13 - A ATUAÇÃO DE RENATO AZEVEDO
NA COMDECA NA DÉCADA DE 70.



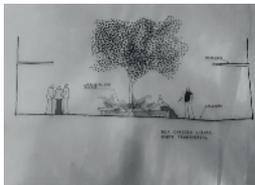
PÁG. 242 | Figura 96_ Carimbo da prancha projetual da Urbanização do Coqueiro de Zé Rodrigues e redesenho da logo da Comdeca. Fonte: SEPLAN CG; por Ingrid Oliveira, 2017.



PÁG. 245 | Figura 97_ Prancha projetual da urbanização da zona sul de Campina Grande. Fonte: SEPLAN CG; por Ingrid Oliveira, 2018.



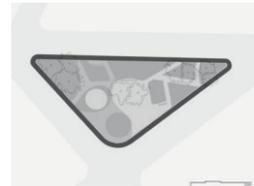
PÁG. 247 | Figura 98_ Prancha projetual da urbanização de trecho da rua Cardoso Vieira. Fonte: SEPLAN CG; por Ingrid Oliveira, 2018.



PÁG. 248 | Figura 99_ Esquema da vista da urbanização de trecho da rua Cardoso Vieira. Fonte: Ingrid Oliveira, 2018.



PÁG. 251 | Figura 100_ Planta baixa do Parque Evaldo Cruz. Fonte: SEPLAN CG; redesenho por Vitória Catarine, 2020.



PÁG. 253 | Figura 101_ Planta baixa de praça no centro de Campina Grande. Fonte: SEPLAN CG; redesenho por Vitória Catarine, 2020.

CAPÍTULO 14 - MUSEU DE ARTE ASSIS CHATEAU-BRIAND/ MAAC; ANÁLISE CRÍTICA DA CONSERVAÇÃO. 1974/1976.



PÁG. 256 | Figura 102_ Detalhes tectônicos da volumetria do edifício da SECULT. Fonte: Alcilia Afonso, 2016.



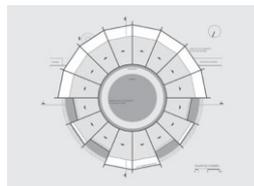
PÁG. 258 | Figura 103_ Pátio interno da SECULT. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.



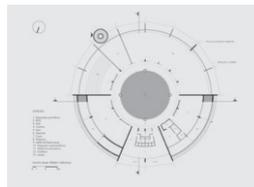
PÁG. 260 | Figura 104_ Perspectiva feita à mão do projeto da SECULT presente no material do projeto arquitetônico. Fonte: Arquivo da SEPLAN CG.



PÁG. 262 | Figura 105_ Detalhe da escada helicoidal de acesso ao pavimento inferior. Fonte: Diego Diniz, 2017.



PÁG. 266 | Figura 106_ Redesenho da planta de cobertura. Fonte: SEPLAN CG; redesenho de Maria Luisa Nicácio Lima, 2016; editado por Vitória Catarine Soares, 2020.



PÁG. 267 | Figura 107_ Redesenho da planta do pavimento térreo. Fonte: SEPLAN CG; redesenho de Maria Luisa Nicácio Lima, 2016; editado por Vitória Catarine Soares, 2020.



PÁG. 269 | Figura 108_ Reconstrução virtual da edificação. Fonte: Redesenho de Emanuel Cardins, 2017; editado por Vitória Catarine Soares, 2020.



PÁG. 270 | Figura 109_ Redesenho dos cortes esquemáticos. Fonte: SEPLAN CG; redesenho de Carla Vanessa Gomes Silva, 2016; editado por Vitória Catarine Soares, 2020.

CAPÍTULO 15 - AUGUSTO REYNALDO: RESIDÊNCIA VIEIRA E SILVA. 1957/1958.



PÁG. 271 | Figura 110_ Redesenho das fachadas oeste e sul. Fonte: SEPLAN CG; redesenho e edição por Vitória Catarine, 2020.



PÁG. 273 | Figura 111_ Vista das calhas e patologias da cobertura. Fonte: Diego Diniz, 2018.

augusto



PÁG. 278 | Figura 112_ Assinatura editada do arquiteto. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.

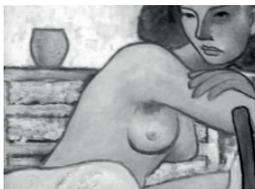
PÁG. 280 | Figura 113_ Auto retrato do arquiteto. Fonte: Modulando, 1947.



PÁG. 281 | Figura 114_ Abstração. Quadro de Augusto Reynaldo. Fonte: Fotografia de Mariana Alves (TCC/UFPE); acervo da família, 2008.



PÁG. 281 | Figura 115_ Cassino Beira-Mar. Quadro de Augusto Reynaldo. Fonte: Fotografia de Mariana Alves (TCC/UFPE); acervo da família, 2008.



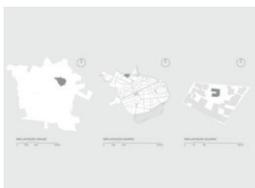
PÁG. 281 | Figura 116_ Moça e cachorro. Quadro de Augusto Reynaldo. Fonte: Fotografia de Mariana Alves (TCC/UFPE); acervo da família, 2008.



PÁG. 285 | Figura 117_ Augusto Reynaldo. Fonte: Fotografia de Mariana Alves (TCC/UFPE); acervo da família, 2008.



PÁG. 290 | Figura 118_ Trecho da fachada principal da Casa Vieira e Silva. Fonte: Alcilia Afonso, 2015.



PÁG. 292 | Figura 119_ Mapa de localização da edificação. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 297 | Figura 120_ Vista do jardim frontal. Fonte: Acervo GRUPAL, 2016.



PÁG. 298 | Figura 121_ Plantas baixas do pavimento térreo e superior. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho de Camilla Meneses, 2016; editado por Vitória Catarine, 2020.



PÁG. 299 | Figura 122_ Corte e fachada principal. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho e edição por Vitória Catarine, 2020.



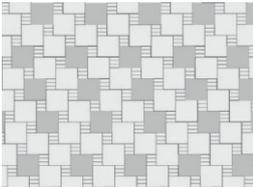
PÁG. 301 | Figura 123_ Vista do terraço no pavimento térreo. Fonte: Acervo GRUPAL, 2016.



PÁG. 302 | Figura 124_ PAINEL DO PAVIMENTO TÉRREO. Fonte: Acervo GRUPAL, 2016.



PÁG. 303 | Figura 125_ Detalhe DO PAINEL NO PAVIMENTO TÉRREO. Fonte: Acervo GRUPAL, 2016.



PÁG. 304-305 | Figura 126_ Redesenho DA TRAMA ORDENADORA DO PAINEL. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.



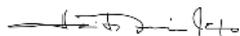
PÁG. 307 | Figura 127_ Reconstrução tridimensional DA CASA VIEIRA E SILVA. Fonte: Diego Diniz, 2017; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 308 | Figura 128_ Demolição DA RESIDÊNCIA VIEIRA E SILVA. Fonte: Roberta Meira, 2017.

CAPÍTULO 16 - HEITOR MAIA NETO: ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA, 1959/1962.

PÁG. 314 | Figura 129_ Assinatura editada do arquiteto. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.



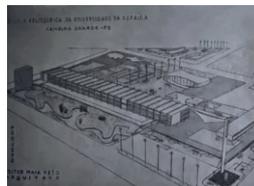
PÁG. 318 | Figura 130_ Heitor Maia Neto, quando jovem. Fonte: Acervo da família, 2005.



PÁG. 322 | Figura 131_ Reconstrução tridimensional do bloco da antiga Escola Politécnica da Paraíba. Fonte: Wilson Silva, 2020; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 324 | Figura 132_ Mapa de localização da edificação. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 327 | Figura 133_ Perspectiva do projeto arquitetônico original que se tratava de grande complexo. Fonte: Projeto Ciência e Tecnologia em Campina Grande – CCHLA/UFPG (projeto memória/ 2006).



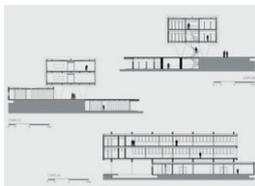
PÁG. 328 | Figura 134_ Imagem do bloco construído na época de inauguração, com vista da fachada principal. Fonte: <https://www.facebook.com/Projeto-Mem%C3%B3ria-da-Ci%C3%AAncia-e-Tecnologia-UFPG-1982037872029069/>



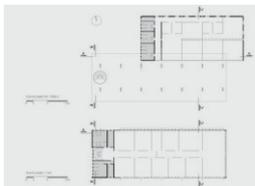
PÁG. 329 | Figura 135_ Imagem do bloco construído na época de inauguração. Fonte: <https://www.facebook.com/Projeto-Mem%C3%B3ria-da-Ci%C3%AAncia-e-Tecnologia-UFPG-1982037872029069/>



PÁG. 331 | Figura 136_ Detalhe da escada helicoidal. Fonte: Alcilia Afonso, 2016.



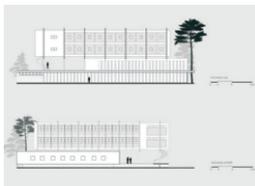
PÁG. 332 | Figura 137_ Cortes transversais e longitudinal. Fonte: Prefeitura Universitária da UFCG; redesenho por Wilson Silva, 2020; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



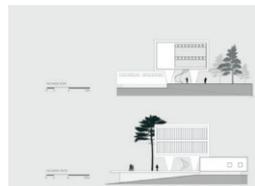
PÁG. 332 | Figura 138_ Planta baixa térreo e 1º pavimento. Fonte: Prefeitura Universitária da UFCG; redesenho por Wilson Silva, 2020; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 335 | Figura 139_ Reconstrução tridimensional do Bloco da antiga Escola Politécnica da Paraíba. Fonte: Wilson Silva, 2020; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 336 | Figura 140_ Fachadas sul e norte. Fonte: Prefeitura Universitária da UFCG; redesenho por Wilson Silva, 2020; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 337 | Figura 141_ Fachadas leste e oeste. Fonte: Prefeitura Universitária da UFCG; redesenho por Wilson Silva, 2020; editado por Ivanilson Pereira, 2020.

CAPÍTULO 17 - HUGO MARQUES: RESIDÊNCIA
JOÃO FELINTO DE ARAÚJO, 1965.

PÁG. 340 | Figura 142_ Assinatura editada do arquiteto. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.

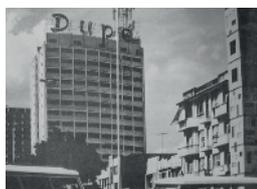
Hugo Marques



PÁG. 345 | Figura 143_ Vista da rua Marquês do Herval, com destaque para o edifício Lucas (frente) e edifício Rique (fundo), década de 60. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Acesso em: 07 de out. 2020.



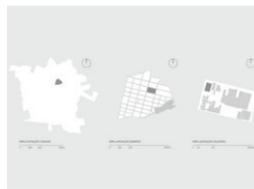
PÁG. 346 | Figura 144_ Hotel Ouro Branco (visto da Praça Clementino Procopio), década de 60. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Acesso em: 07 de out. 2020.



PÁG. 348 | Figura 145_ edifício Lucas, início da década de 70, com destaque para a propaganda das sandálias Dupé no topo do edifício. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Acesso em: 07 de out. 2020.



PÁG. 350 | Figura 146_ Detalhes tectônicos da Casa João Felinto. Fonte: Matheus Luna, 2018.



PÁG. 352 | Figura 147_ Mapa de localização da edificação. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 357 | Figura 148_ Detalhes construtivos. Fonte: Matheus Luna, 2018.



PÁG. 358 | Figura 149_ Redesenhos de cortes. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho por Marjorie Garcia, 2018; editado por Roberta Cordeiro, 2018.



PÁG. 359 | Figura 150_ Redesenhos de plantas baixas. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho por Marjorie Garcia, 2018; editado por Roberta Cordeiro, 2018.



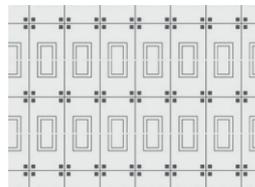
PÁG. 361 | Figura 151_ Detalhe do pátio interior. Fonte: Rafaela Santos, 2018.



PÁG. 363 | Figura 152_ Detalhe da escada de acesso. Fonte: Rafaela Santos, 2018.



PÁG. 364 | Figura 153_ Vista do painel interno com esquadrias em fita. Fonte: Diego Diniz, 2018.



PÁG. 365 | Figura 154_ Redesenho da trama ordenadora do painel da Casa Vieira e Silva. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 367 | Figura 155_ Redesenhos de cortes e de plantas baixas. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenho por Marjorie Garcia, 2018; editado por Roberta Cordeiro, 2018.

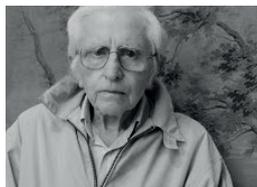


PÁG. 369 | Figura 156_ Imagem das patologias da obra. Fonte: Diego Diniz, 2018.

CAPÍTULO 18 - RAUL DE LAGOS CIRNE: ESTÁDIO ERNANI SÁTIRO – "O AMIGÃO", 1974/1975.



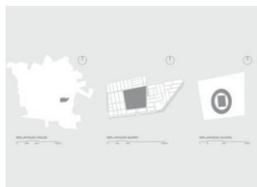
PÁG. 372 | Figura 157_ O arquiteto em sua prancheta em sua casa em Belo Horizonte. Fonte: Alcilia Afonso, 2013.



PÁG. 377 | Figura 158_ O arquiteto Raul Cirne. Fonte: Alcilia Afonso, 2013.



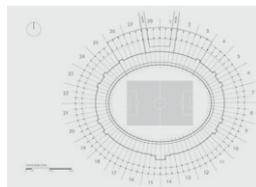
PÁG. 378 | Figura 159_ Vista do acesso principal do Estádio O Amigão. Fonte: Alcilia Afonso, 2018.



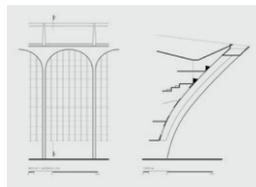
PÁG. 380 | Figura 160_ Mapa de localização da obra. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 383 | Figura 161_ Detalhe da estrutura. Fonte: Alcilia Afonso, 2018.



PÁG. 385 | Figura 162_ Redesenho da planta da estrutura. Fonte: C. Sobreira, 2017; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 387 | Figura 163_ Redesenho de detalhes estruturais. Fonte: C. Sobreira, 2017; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 388-389 | Figura 164_ Vista panorâmica do Estádio. Fonte: Alcilia Afonso, 2018.

CAPÍTULO 19 - GLAUCO CAMPELLO: ESTAÇÃO RODOVIÁRIA ARGEMIRO DE FIGUEIREDO, 1979/1985.



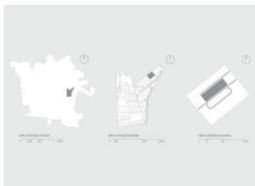
PÁG. 392 | Figura 165_ Assinatura editada do arquiteto. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 395 | Figura 166_ O arquiteto em palestra para aula inaugural do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa - Unipê. Fonte: Portal Unipê, 2018.



PÁG. 400 | Figura 167_ Imagem do espaço interior da Estação Rodoviária de Campina Grande. Fonte: Sabrynna Sales, 2019.



PÁG. 402 | Figura 168_ Mapa de localização da obra. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 405 | Figura 169_ Imagem da Estação Rodoviária recém inaugurada. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 1985.



PÁG. 407 | Figura 170_ Redesenho da planta baixa, corte e fachada. Fonte: Modelo digital elaborado por Diego Aristófares para a pesquisa de tese de pós-graduação de Germana Costa Rocha, 2012; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 409 | Figura 171_ Detalhe da estrutura espacial da cobertura em treliça espacial. Fonte: Julia Leite, 2019.



PÁG. 410 | Figura 172_ Detalhe dos boxes comerciais do pavimento superior. Fonte: Alcilia Afonso, 2017.

CAPÍTULO 20- CYDNO RIBEIRO DA SILVEIRA; EDIFÍ-
CIO ALBANO FRANCO – SEDE DA FIEP: 1978/1983.



PÁG. 413 | Figura 173_ Vista da plataforma de embarque/desembarque dos ônibus. Fonte: Alcilia Afonso, 2017.



PÁG. 414-415 | Figura 174_ Reconstrução virtual da estação. Fonte: Modelo digital elaborado por Diego Aristófaes para a pesquisa de tese de pós-graduação de Germana Costa Rocha, 2012; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 418 | Figura 175_ Detalhe do espaço de embarque. Fonte: Alcilia Afonso, 2017.

PÁG. 420 | Figura 176_ Assinatura editada do arquiteto. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.

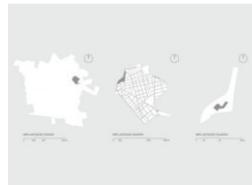
Cydylo Ribeiro



PÁG. 423 | Figura 177_ O arquiteto em reunião com Oscar Niemeyer. Fonte: Site do CSA Arquitetura, c2018.



PÁG. 430 | Figura 178_ Sede da FIEP PB. Fonte: Alcilia Afonso, 2017.



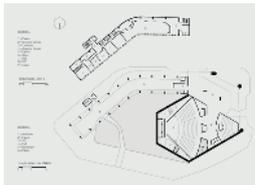
PÁG. 432 | Figura 179_ Mapa de localização da obra. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



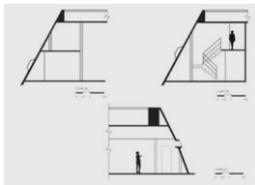
PÁG. 434 | Figura 180_ Detalhe da volumetria do bloco do auditório. Fonte: Alcilia Afonso, 2017.



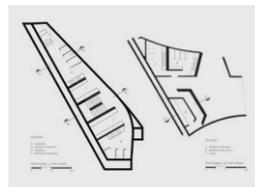
PÁG. 437 | Figura 181_ Imagem da época de construção da estrutura da edificação da FIEP PB. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 1978.



PÁG. 439 | Figura 182_ Redesenho da planta baixa do pavimento térreo da FIEP PB. Fonte: Arquivo da FIEP; redesenho por Adriana Sarmiento, 2020.



PÁG. 440 | Figura 183_ Redesenho de detalhes em cortes da FIEP PB. Fonte: Arquivo da FIEP; redesenho por Adriana Sarmiento, 2020.



PÁG. 441 | Figura 184_ Redesenho de detalhes em planta baixa da FIEP PB. Fonte: Arquivo da FIEP; redesenho por Adriana Sarmiento, 2020.



PÁG. 443 | Figura 185_ Maquete física. Fonte: Site do CSA Arquitetura, c2018.



PÁG. 445 | Figura 186_ Imagem do espaço dos pilotis, destacando-se a linguagem brutalista da estrutura à mostra. Fonte: Alcilia Afonso, 2017.



PÁG. 446 | Figura 187_ Painel de Athos Bulcão existente no sexto pavimento. Fonte: Acervo GRUPAL, 2018.

CAPÍTULO 21 - O CONTEXTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX. 1960/1980.



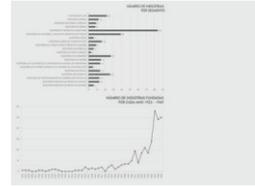
PÁG. 447 | Figura 188_ Design da trama do painel Athos Bulcão existente no sexto pavimento. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 449 | Figura 189_ Reconstrução tridimensional da FIEP PB. Fonte: Adriana Sarmiento, 2020.



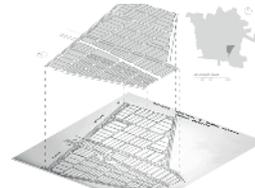
PÁG. 455 | Figura 190_ Mapa Campina Grande de 1961 e gráfico relacionando indústrias existentes aos bairros. Fonte: Revista Brasileira de Geografia, 1963, p.3 / Cadastro FIEP 1969 / Dados sintetizados por Julia Leite e Dayse Santos, 2020.



PÁG. 457 | Figura 191_ Gráficos "Números de Indústrias por Segmentos" e "Número de Indústrias Fundadas por ano". Fonte: Cadastro FIEP 1969 / Dados sintetizados por Julia Leite e Dayse Santos, 2020.



PÁG. 459 | Figura 192_ Vista aérea das ruas Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva e Marquês do Erval, em Campina Grande de 1963. Fonte: Revista Brasileira de Geografia, 1963, p.10.



PÁG. 463 | Figura 193_ Plano SUDENE para implantação do Distrito Industrial em 1967. Fonte: Publicação "Distritos industriais no Nordeste" 1967, p.6 / Redesenho Catarine Soares e Julia Leite, 2020.

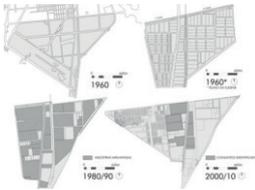
CAPÍTULO 22 - AS INDÚSTRIAS DA MODERNIDADE VINCULADAS À CONSTRUÇÃO CIVIL: 1968/1971.



PÁG. 466 | Figura 194_ Legenda: Imagem Aérea Distrito Industrial de Campina Grande na década de 1970. Fonte: Revista do FISCO, agosto de 1979, edição nº72, p.5.



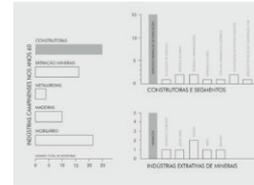
PÁG. 469 | Figura 195_ Recortes da Revista do FISCO acerca da crise no distrito industrial. Fonte: FISCO, novembro e dezembro de 1976, edição nº45, p.4; setembro e outubro de 1976, edição nº44, p.15; agosto de 1979, edição nº72, p.4.



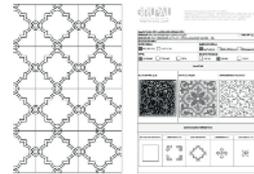
PÁG. 471 | Figura 196_ Redesenhos mapas Distrito Industrial de Campina Grande 1960 - 2010. Fonte: Revista Brasileira de Geografia, 1963, p. 3 / Publicação "Distritos industriais no Nordeste" de 1967, AFONSO, 2019, p.6 / PORTO, 2007, p.94 / SEPLAN, 2010 / Redesenhos e Edições por Ingrid Oliveira, Catarine Soares e Julia Leite, 2020.



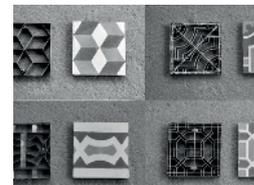
PÁG. 482 | Figura 197_ Capa do Cadastro das Indústrias da Paraíba. 1969. Fonte: FIEP PB, 1969.



PÁG. 484 | Figura 198_ Gráfico das indústrias da modernidade nos anos 60 em Campina Grande. Fonte: Cadastro das Indústrias da Paraíba / FIEP PB, 1969; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 487 | Figura 199_ Desenho da trama de mosaico com ficha de análise elaborada pelo Grupal. UFCG. Fonte: Thiago Thamay, 2020.

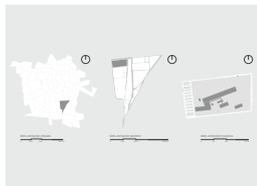


PÁG. 488 | Figura 200_ Montagem de fôrmas e ladrilhos hidráulicos produzidos pela Fábrica Metro. Fonte: Thiago Thamay, 2020.

CAPÍTULO 23 - ESTUDOS TECTÔNICOS DA FÁBRICA DA WALLIG NORDESTE S/A. 1965/ 1967.



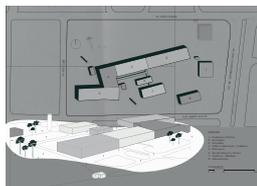
PÁG. 494 | Figura 201_ Fachada Norte Galpão de Montagem Fábrica Wallig Nordeste S/A. Fonte: Julia Leite, 2018.



PÁG. 496 | Figura 202_ Localização Cidade, Bairro e Quadra Fábrica Wallig Nordeste S/A. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Julia Leite, 2020.



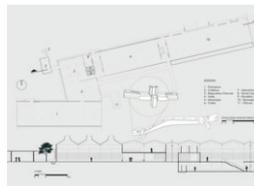
PÁG. 499 | Figura 203_ Registros Históricos Fábrica Wallig Nordeste S/A. Fonte: Jornal O Globo/ Cine Jornal / Propaganda fogões Wallig de 1970 / Revista do FISCO; Fotomontagem por Julia Leite, 2020.



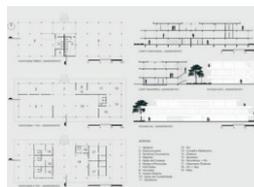
PÁG. 501 | Figura 204_ Zoneamento Fábrica Wallig Nordeste S/A. Fonte: Arquivo Municipal de Campina Grande, editado e redesenhado por Julia Leite, 2020.



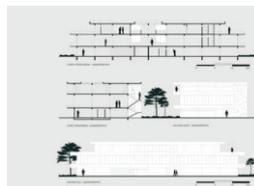
PÁG. 502 | Figura 205_ Perspectiva Galpão Principal Fábrica Wallig Nordeste S/A. Fonte: Reconstrução tridimensional por Julia Leite, 2020



PÁG. 503 | Figura 206_ Planta Baixa, Corte e Detalhes do Galpão Principal Fábrica Wallig Nordeste S/A. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenhado por Julia Leite, 2020.

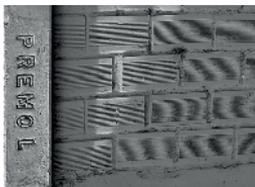


PÁG. 504 | Figura 207_ Planta Baixa Pavimentos Galpão Administrativo Fábrica Wallig Nordeste S/A. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenhado por Julia Leite, 2020.

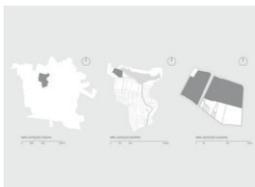


PÁG. 505 | Figura 208_ Cortes e Fachadas Galpão Administrativo Fábrica Wallig Nordeste S/A. Fonte: Arquivo público da PMCG; redesenhado por Julia Leite, 2020.

CAPÍTULO 24 - PREMOL: ANÁLISE DA DIMENSÃO HISTÓRICA. 1964.



PÁG. 524 | Figura 216_ Detalhe de pilar pré-moldado em concreto produzido pela Premol, com marcação da fábrica. Fonte: Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 527 | Figura 217_ Mapa de localização da antiga sede da Premol. Fonte: SEPLAN CG, 2010; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 528 | Figura 218_ Vista de localização da sede da Premol com indicação dos edifícios que integravam o conjunto fabril. Fonte: Google Earth, 2005; editado por Ivanilson Pereira, 2020.



PÁG. 530 | Figura 219_ Sr. Maurício de Almeida em entrevista cedida aos autores. Fonte: Alcília Afonso, 2019.



PÁG. 533 | Figura 220_ Informativo sobre a produção de postes elétricos como segmento de desenvolvimento e difusão da empresa. Fonte: Revista do FISCO, outubro de 1972.



PÁG. 537 | Figura 221_ Esquemas das tipologias de estruturas produzidas pela Premol para o segmento da construção civil. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 539 | Figura 222_ Sistema PL invertido presente em cocheiras no Parque de Exposição de Animais Carlos Pessoa Filho. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 541 | Figura 223_ Sistema de viga única presente em galpão de leilões no Parque de Exposição de Animais Carlos Pessoa Filho. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.

CAPÍTULO 25 - BESA: ANÁLISE DAS DIMENSÕES ARQUITETÔNICAS, 1965.



PÁG. 543 | Figura 224_ Sistema de pilar central utilizado para abrigo de animais no Parque de Exposição de Animais Carlos Pessoa Filho. Fonte: Alcília Afonso, 2019.



PÁG. 545 | Figura 225_ Ruínas da antiga sede da Premol em Bodocongó. Fonte: Ivanilson Pereira, 2019.



PÁG. 548 | Figura 226_ Perspectiva da Fachada Principal do Antigo Galpão da BESA. Fonte: Ítala Bezerra, 2020.



PÁG. 550 | Figura 227_ Vista Panorâmica da Antiga Fábrica da BESA em 1972. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, Paraíba, 2011.



PÁG. 555 | Figura 228_ Redesenho da Planta Baixa Térreo do Galpão da BESA. Fonte: Coletado no arquivo público da PMCG por Sabrynna Sales, 2017; redesenho por Vitória Catarine Soares, 2020.



PÁG. 557 | Figura 229_ Redesenho do Corte Transversal e da Fachada Principa. Fonte: Coletado no arquivo público da PMCG por Sabrynna Sales, 2017; redesenho por Vitória Catarine Soares, 2020.



PÁG. 559 | Figura 230_ Acessos Laterais para o interior da Fábrica da BESA. FONTE: Ítala Bezerra, 2020.



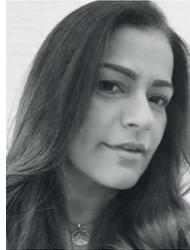
PÁG. 560-561 | Figura 231_ Perspectiva da do Antigo Galpão da BESA. Fonte: Coletado no arquivo público da PMCG por Sabryna Sales, 2017; redesenho por Vitória Catarine Soares, 2020.

SOBRE OS AUTORES



CAMILLA MENESES

Arquiteta e Urbanista
(UFCG)
Mestre em Tecnologia
da Arquitetura
(FAU/USP)



ALCÍLIA AFONSO (ORG)

Doutora em Projetos Arquitetônicos pela ETSAB/ UPC na Espanha (2006), convalidado no Brasil pela UFRGS, Mestre em História pela UFPE (2000), sendo especialista em Arte e Cultura Barroca pela UFOP/ MG (1986), em Conservação Urbana pelo CECI/ MDU/ UFPE (1998), e graduada em Arquitetura pela UFPE (1983). Atualmente é professora adjunta ao curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFCG, e coordenadora do GRUPAL.



DIEGO DINIZ

Arquiteto e Urbanista
(UFCG)
Mestrando
(PPGAU/UFPB)
Pesquisador
(GRUPAL)



INGRID OLIVEIRA

Arquiteta e Urbanista
(UFCG)
Mestranda
(PPGH/UFCG)
Pesquisadora
(GRUPAL)



IVANILSON PEREIRA

Arquiteto e Urbanista
(UFCG)
Mestrando
(FAU/USP)
Pesquisador
(GRUPAL)



JULIA LEITE

Arquiteta e Urbanista
(UFCG)
Pesquisadora
(GRUPAL)



ROBERTA
RODRIGUES

Arquiteta e Urbanista
(UFCG)
Pesquisadora
(GRUPAL)



VITÓRIA CATARINE

Graduanda em
Arquitetura e
Urbanismo
(UFCG)
Pesquisadora
(GRUPAL)



@grupal.ufcg



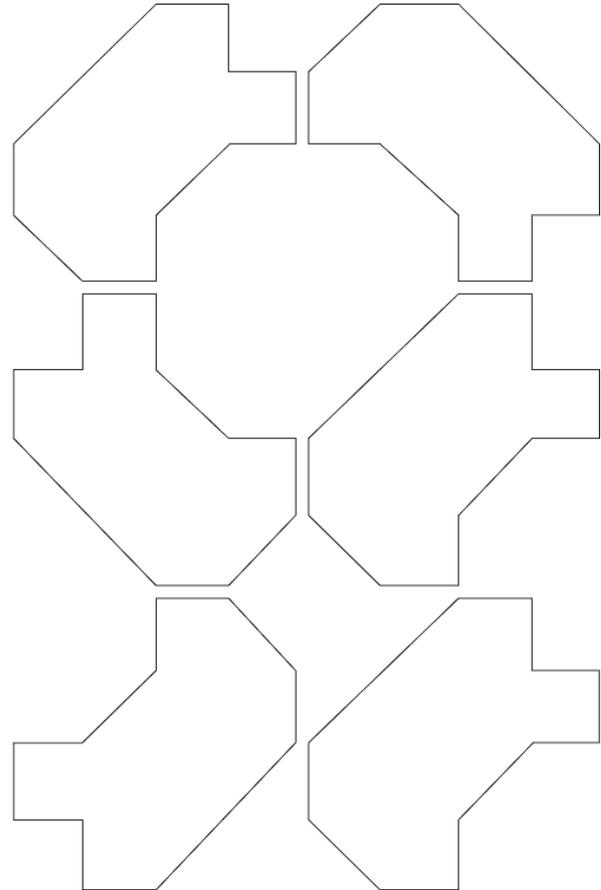
Grupo de Pesquisas
ARQUITETURA E LUGAR. CG



grupodepesquisaarquitetu-
raelugar.blogspot.com



Arquitetura e Lugar GRUPAL



O trabalho que aqui apresenta-se, possui como objetivo, produzir uma documentação sobre a arquitetura produzida na cidade de Campina Grande, durante o recorte da modernidade, abrangando o período dos anos 50 a 80 do século XX.



9 786586 302639